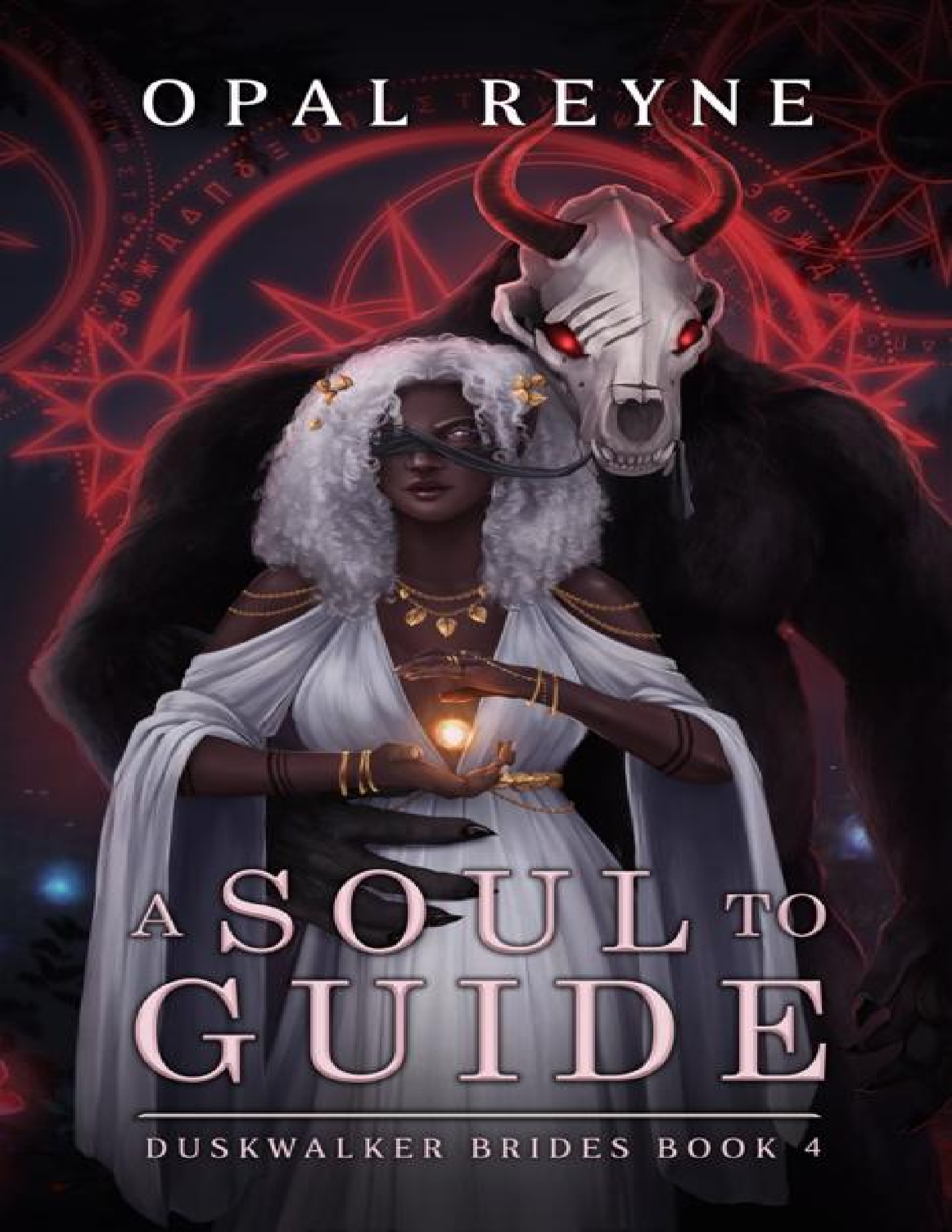




OPAL REYNE

A SOUL TO
GUIDE

DUSKWALKER BRIDES BOOK 4

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DUST WALKER BRIDES

ORDEM DE LEITURA



SINOPSE

Tudo o que Raewyn sempre quis foi ir para casa.

Depois de criar acidentalmente um portal para outro reino, Raewyn se vê presa em um mundo que ela está lutando para navegar. Desesperada para encontrar aqueles com magia que possam ajudá-la, ela embarca em uma perigosa jornada para outra cidade.

Infelizmente, em suas viagens, ela descobre que existem monstros maiores e mais assustadores do que os Demônios que ela conhece - e um deles não a deixa escapar.

Tudo o que Merikh sempre quis foi escapar.

Por cento e oitenta anos, Merikh tem procurado uma saída da Terra. Ele não se importa com quem ele tem que comer, matar ou mutilar para conseguir o que quer. Então, quando sua presa acaba sendo uma elfa perdida, ele percebe que esta é sua oportunidade.

Ela é mais bonita do que qualquer criatura que ele já viu, e tão perfeita que é impossível resistir a sua atração sobrenatural.

Mas Merikh destrói tudo o que toca. Ele será capaz de superar anos de ódio e raiva para se aproximar dela ou a perderá no processo?

*Para todos os amantes de monstros que amam um bom Grumpy vs.
Sunshine*

Este livro é para você.

Nós gostamos deles malvados, gostamos deles entusiasmados e gostamos de confundir o mal-humorado. É ainda melhor quando podemos esvoaçar ao redor deles como uma linda fada, deslumbrando-os com nosso charme.

PROLOGO

Se alguém tivesse olhos que pudessem ver, provavelmente notaria a bagunça neste laboratório espaçoso e de teto alto. Como as paredes e o teto eram feitos de galhos de árvores brancas, enquanto a obsidiana negra brilhava no chão, notariam o minério de ouro que preenchia os vãos entre os galhos e ajudava a sustentar o vidro do teto.

Eles veriam que todas as paredes desta sala octogonal, quase circular, tinham uma prancheta ou um banco de mármore preto e dourado contra ela.

Eles tentavam descobrir com quais ingredientes os armários, peitoris e bancos estavam cobertos, já que havia béqueres de vidro, tubos e potes de metal de uma extremidade à outra da sala. Alguns continham poeira moída, outros itens inteiros, como raízes de plantas, flores e folhas. Havia alguns que continham líquidos de cores diferentes.

Uma pessoa pode até ficar boquiaberta com a adorável luz branca redonda que parecia uma estrela explodindo pendurada bem no centro desse telhado triangular e se maravilhar com a forma como ela era alimentada por magia. Ou olhar com admiração para as pequenas esferas vermelhas, azuis, verdes e prateadas que pendiam do teto e mudavam de local para imitar seus pontos astronômicos atuais no céu.

Ela sabia, sem dúvida, que eles estariam coçando a cabeça com as equações matemáticas escritas em todas as superfícies disponíveis.

Para Raewyn, que não podia ver, ela conhecia o estado de seu precioso laboratório pelo que podia cheirar, pelo que podia sentir e pelo que podia ouvir - como os papéis flutuando frouxamente em suas pilhas cortadas pelo vento empurrando suavemente.

— Cykran, você poderia fechar a janela para mim? — ela murmurou enquanto franzia a testa para o papel em sua mão direita, muito distraída para levantar a voz.

Ela passou os dedos sobre as protuberâncias gravadas no papel para ler o que estava lá.

Cykran não disse nada, mas sua orelha pontuda estremeceu com seus passos leves indo em direção à única janela aberta em seu espaçoso laboratório. Apesar de sua quietude geral, Raewyn podia ouvir onde ele estava por suas respirações profundas e, ultimamente, ela até o notou pela mudança geral de suas roupas.

A janela fez um ruído de clique abafado, e o menor sorriso se espalhou em seus lábios.

Alguns ficavam nervosos com um *Demônio* trabalhando como seu assistente, considerando quantos de sua espécie massacraram o povo élfico. Raewyn, por outro lado, não conseguia pensar em ninguém mais tolerável.

Desde o dia em que ela acidentalmente se cegou com magia, as atitudes das pessoas em relação a ela mudaram. Alguns temiam que ela se machucasse em seu laboratório, enquanto outros estavam preocupados que ela machucasse outras pessoas explodindo esta parte do palácio do conselho - não seria a primeira vez, e isso foi antes de ela perder a visão.

Claro, havia muitos mais que sabiam que Raewyn não interromperia seus experimentos, não importa onde ela estivesse,

então era mais seguro para ela trabalhar onde estava isolada e podia ser monitorada.

Muitos se apresentaram, querendo ser seus assistentes, mas nenhum foi tão paciente quanto Cykran. Nenhum estava tão quieto, mesmo na maneira como respiravam. Ninguém ficou tão agradecido quanto ele.

Além do mais, ninguém sabia distinguir o que ela realmente precisava do que eles achavam que ela precisava.

Outros atrapalhavam sendo muito prestativos, mas ele raramente a espremia e ficava encostado em um dos armários, já que quase não havia espaço livre na parede. Ele também só falava quando necessário – exceto quando queria ser um safadinho sarcástico, mas isso fazia parte de seu charme.

Da direita, ela tateou e pegou um frasco com um cheiro distinto de pimenta, depois um que era almiscarado.

– Crista amarela e Sálvia, – ele comentou, o que a fez largar o perfumado almiscarado e pegar o recipiente à esquerda. – Crista amarela e ringage.

Depois de aproximar os dois, ela tocou o papel com protuberâncias de *elbraille* para poder ler suas anotações.

Letras compostas de triângulos e linhas diziam a ela o que estava escrito, tanto em élfico quanto matematicamente, e ela estava grata por esse ofício de escrita estar disponível. Com apenas uma pequena quantidade de tinta mágica, o elbraille formaria padrões elevados no pergaminho.

Também permitia que todos, independentemente de serem deficientes visuais ou não, pudessem ler o que estava escrito.

O resto de seu experimento ela poderia fazer sem a ajuda de Cykran, já que ela tinha todas as ferramentas necessárias com elbraille gravadas nas alças para informá-la de suas quantidades de medição. Cada colher tinha um mecanismo de raspagem, então ela não precisava tocar no que quer que fosse - como cogumelos manchados de verde e rosa, que podem ser bastante venenosos.

Depois de derramar uma pequena quantidade de crista amarela em um recipiente de vidro já cheio de outros ingredientes, a maioria deles líquidos, Raewyn fez uma pausa enquanto ia dar uma gorjeta em um grama de sálvia.

Este feitiço exigia as quantidades perfeitas de cada ingrediente. Uma proporção incorreta poderia levar a resultados diferentes: alguns engraçados, a maioria não.

Da última vez, quando ela estava tentando descobrir o feitiço por meio de suas equações, ela acidentalmente transformou sua pele marrom-escura em um roxo brilhante. As pessoas, brincando, a chamavam de ábobora madura por uma semana!

Quando ela parou por muito tempo, Cykran riu.

— Eu me pergunto se você vai se transformar em uma abóbora desta vez, em vez de apenas se colorir como uma.

Raewyn fez beicinho.

— Isso é maldade, Cykran. — Ela deu um passo para trás e gesticulou para o recipiente de vidro. — Com licença, assistente, mas preciso de ajuda.

Sua risada sombria era quente, mas sibilante de suas presas Demoníacas.

— Pela sagrada Donzela Dourada, não. Faça isso, conselheira. Não acho que seja realmente capaz de tais descobertas científicas

maravilhosas; isso é melhor deixar para o nosso bem mais valioso, a grande Raewyn Daefaren.

Raewyn revirou os olhos com suas palavras zombeteiras.

— Então não me provoque. Já que você está na sala comigo, provavelmente ficará roxo também.

Suas presas se fechando com preocupação e sua roupa se agitando com o movimento a fez rir.

Ela quase podia imaginá-lo com um beicinho irritado e os braços cruzados. Ela se lembrava de como ele era, já que eles eram amigos muito antes de ela perder a visão.

Ela não sabia se o cabelo dele ainda era comprido e preso em um rabo de cavalo alto, mas ele tinha o mesmo cabelo branco e pele marrom-acinzentada, semelhante aos Elfos Elysios, apesar de ter nascido um Demônio. Ele era um pouco mais alto do que a altura elísia média de 1,80m, mas era igualmente magro, com tônus muscular definido.

Como ele não era um verdadeiro Elfo Elísio, Cykran não tinha os símbolos mágicos impressos em sua pele, o que indicava o tipo de magia que eles exerciam melhor. Ele também tinha olhos vermelhos, enquanto os deles eram predominantemente uma variação de marrom ou verde. Ele odiava seus olhos vermelhos, garras, presas e chifres, considerando que deixavam óbvio o que ele era.

Ela nunca se importou com eles.

A maioria dos elysios não. Contanto que os Demônios obtivessem totalmente Elysianiedade e inteligência e não fossem monstros irracionais e sedentos de sangue, eles eram aceitos.

Que, infelizmente, eram poucos e distantes entre si.

Delysianos era a raça de demônios que se tornaram tão parecidos com os elfos que eram basicamente os mesmos. Era o nome dado a eles quando entravam pelos portões e recebiam permissão para permanecer na cidade.

Do lado de fora do palácio do conselho, além da paisagem litorânea da cidade de Lezekos – o único lugar onde os elysios podiam viver agora – havia uma infestação de demônios. Este belo mundo, outrora livre para todos, agora era propriedade do flagelo do Demônio: uma onda interminável de presas.

O pobre Cykran ainda lutava contra o fato de ter se tornado assim por comer uma grande quantidade de sua espécie. Muitos Elysianos eram cautelosos com ele em geral, pois temiam que ele os atacasse, mas enquanto ele consumisse algum tipo de carne todos os dias, ele era tão inofensivo quanto um tukdeer.

Exceto por seu sarcasmo, aparentemente.

– Eu pensei que você se importasse comigo, Cykran, – ela lamentou falsamente.

– Sou grato por você, conselheira, pois sua família é a razão pela qual nós, Delysianos, podemos viver aqui, protegidos dos Demônios. – Então, seu tom tornou-se sarcástico quando ele disse: – Mas não, você pode se transformar em um vegetal e vou garantir que ninguém a coma.

Raewyn gemeu de desânimo.

A razão pela qual ela estava tentando fazer esse tipo de abóbora crescer era para ajudar a alimentar a cidade. A alimentação era gratuita, embora monitorada, pois jamais fariam alguém trabalhar para suprir as necessidades da vida. Qualquer coisa que uma pessoa necessitasse para viver, seja comida, água, uma casa ou

mesmo produtos sanitários, estava disponível gratuitamente para todos.

Os elysios pagavam apenas pelo que não era essencial. Uma pequena casa com muito pouco era fornecida de graça, mas se eles desejassem uma casa maior, com móveis além de cama, mesa e cadeiras, teriam que trabalhar para isso. A arte era considerada um luxo.

A maioria apenas desejava apoiar a cidade de qualquer maneira que pudesse.

No entanto, a comida estava ficando mais escassa à medida que seus números, felizmente, começavam a crescer. Mais de dois terços de seu povo foram massacrados quando os Demônios chegaram e, como não eram violentos, não tinham como revidar.

Eles nunca comiam carne, então frutas, legumes, nozes e legumes eram essenciais. Era estranho para eles terem gado, mas se os delysianos não tivessem carne para comer, eles não poderiam permanecer na cidade.

Além de sua comida diminuir lentamente, eles também estavam ficando sem espaço. Atualmente, milhares estavam trabalhando para expandir os muros da cidade *antes* que a superpopulação se tornasse um problema.

As pessoas já haviam - depois de aprender a nova prática de luta - limpando as florestas circundantes de Demônios. A barreira mágica que protegia a cidade foi recentemente expandida e a construção das novas áreas estava em andamento.

Agora, ela estava trabalhando para garantir que seu povo estivesse sempre alimentado.

— Tem certeza de que precisa correr esse risco, Rae? — Cykran perguntou, seu tom baixo e firme cheio de preocupação.

Apesar de não poder ver, ela virou o rosto para ele.

— Sim. Aprendemos a fazer outros vegetais e frutas, mas são fáceis de cultivar. Esse tipo de abóbora é rico em muitos nutrientes e é mais saciante. Será melhor para ambos os povos se pudermos crescer mais rápido, pois também ajudará a alimentar os delysianos.

Com apenas um pouco de auto-encorajamento, ela derramou o ringage. Finalmente, o último ingrediente foi jogado dentro – uma única semente de abóbora.

Ela pairou as mãos sobre o recipiente e respirou fundo, deixando sua magia fluir livremente por seu corpo. Linhas frias envolviam seus antebraços em hexágonos e padrões geométricos, brilhando enquanto ela usava sua magia.

Era a única coisa que ela podia ver, como se sua cegueira fosse puramente física. Ela nunca foi capaz de ver tentáculos de magia antes de seu acidente, e era uma visão reconfortante agora que ela vivia na escuridão. A dela brilhava em um cinza neutro que carecia de qualquer coloração elementar. Era extremamente rara, mas poderosa.

Uma vez que ela derramou magia suficiente na mistura, houve resistência, como se ela estivesse pressionando contra uma grande bola. Ela empurrou em espírito, uma fonte reabastecível que veio de dentro, e o brilho cinza de sua magia girou com um verde brilhante para significar que o feitiço mudou para um elemento mais terreno.

Algo ganhou vida no meio com uma onda de pressão, e ela parou. Os segundos passaram enquanto Raewyn esperava.

— Funcionou? — ela perguntou a Cykran, antes de acariciar seus braços. Ela teria tocado para verificar novamente, mas não queria ser prejudicada por algo desconhecido que poderia ser potencialmente perigoso. — Ou eu estou roxo?

— Nada está acontecendo.

— Falhou, — ela suspirou. Ela teria esbofeteado a mesa de frustração, mas sua orelha esquerda estremeceu com passos que se aproximavam do corredor. — Nunca consigo ter um momento de paz?

— Alguém está se aproximando? Vou abrir a porta.

Os pés descalços de Cykran bateram contra o chão de pedra enquanto ele se dirigia para a porta. Seus pés rangeram quando ele desviou de dois de seus bancos transbordando de papelada ou ingredientes - todos os quais ela sabia de memória.

A sala era parcialmente feita de uma árvore gigantesca que ficava perto do centro da cidade; abrigava muitos dentro de seu tronco e galhos brancos e branqueados pelo sol. Dentro da formação *artificial*, eles colocaram mármore esculpido e minério derretido, como ouro, platina e bronze, em suas fundações.

O palácio do conselho ficava bem no topo do tronco, que é onde ela estava atualmente - nas margens dele.

— Às vezes me surpreende como sua audição se tornou boa, — disse Cykran enquanto se movia.

— Seus outros sentidos às vezes podem melhorar quando você perde um. — Mas não sempre. — Nosso chefe de segurança afirma que só conseguiu o cargo de conselheiro porque sempre foi um melhor ouvinte, já que não fala como todo mundo.

Mericato machucou a garganta quando criança, mas foi a infecção que afetou sua fala. Agora, ele usava a linguagem de sinais para se comunicar, mais por conforto do que por necessidade. Ele estava frequentemente com dor.

Ela teve muita sorte de seu olfato, audição e tato terem melhorado nos últimos anos. Antes disso... ela era tão desajeitada quanto eles. Ela tropeçou no ar muitas vezes.

Assim que Cykran chegou à porta, batidas suaves ressoaram na madeira grossa.

O estalido do mecanismo de trava sendo aberto foi seguido pelo rangido da porta, que trouxe uma onda de aromas frescos e terrosos de dentro dos corredores do palácio. O pólen da abeto era purificador e edificante, mas ela sempre tentou mantê-lo fora de seu laboratório, para não contaminar seus experimentos.

Ela só estava com a janela aberta desde que dois dos três sóis brilharam em seu lado do palácio, tornando a temperatura interna quase insuportável.

— Raewyn, você está atrasada para a reunião e os outros membros do conselho ficam impacientes — afirmou Aurea, assistente do conselho geral. — Se você não vier imediatamente, você sabe como Ulair será.

Ela provavelmente estava balançando a cabeça, já que Ulair era o mais irritante e temperamental de todos os membros do conselho.

Raewyn também teve a sensação de que Aurea tinha as mãos nos quadris largos e estreitava os olhos verdes profundos. Eles estavam delicadamente colocados em sua tez escura e acastanhada. O cabelo de Aurea sempre foi raspado de um lado, com o resto penteado para a direita, nos anos em que Raewyn a conheceu. Ela

era baixinha para uma elísia, provavelmente um metro e oitenta e dois, o que sempre fez o metro e oitenta e sete de Raewyn parecer ainda mais alto do que o normal.

Ambas compartilhavam o cabelo branco Elysiano, mas o cabelo curto de Aurea era liso, enquanto o de Raewyn era longo e encaracolado, solto e cheio ao redor de sua cabeça. Ainda assim, elas compartilhavam figuras élficas esguias semelhantes.

Os elysios vinham em todas as formas e tamanhos, com diferentes características, como narizes e lábios carnudos, alegres ou finos. Até mesmo seus olhos tinham formas diferentes – embora fossem geralmente castanhos ou verdes. Sua pele morena variava do claro ao escuro, com o mesmo tom cinza de sua herança elísia.

Embora ela não se olhasse no espelho há mais de seis anos, ela se lembrava da maioria de suas próprias características, bem como das pessoas que ela encontrava regularmente antes de perder a visão. Porém, com o passar do tempo, os detalhes foram se desvanecendo – o que a deixou apavorada, pois não queria perdê-los.

— Ah sim... esqueci da reunião. — Seu esquecimento se devia à sua natureza obsessiva e viciada em trabalho, e provavelmente era um de seus maiores defeitos. — Você se importa de me guiar para que eu seja mais rápida? Tenho certeza de que se eu fizer Ulair esperar muito mais, ele terá um ataque de nervos e terá indigestão novamente.

Assim que ela deu um passo à frente para pegar sua bengala, o som agudo de vidro quebrando ao lado dela a fez ofegar. Raewyn saltou para trás quando uma onda de aromas apimentados e doces explodiu contra seus sentidos.

Um brilho mágico rosa brilhante cresceu em tamanho, mas era tão pequeno antes que ela não percebeu. Foi um erro terrível da parte dela, provavelmente causado pela interrupção de Aurea.

— Raewyn, cuidado! — Cykran gritou quando algo semelhante a uma videira agarrou seu braço.

Pelo barulho do vidro e pela mistura de cheiros, Raewyn suspeitou que mais vinhas estavam crescendo do frasco que ela tentou fazer uma abóbora crescer. Outros recipientes foram derrubados quando as videiras os agarraram ou sacudiram com suas gavinhas, a cacofonia de sons e cheiros quase a dominando.

Oh não! ela pensou, percebendo que ingredientes aleatórios estavam se misturando com seu feitiço ainda ativo. Raewyn lutou para libertar seu braço, apenas para estremecer quando as videiras apertaram em reação.

Os passos apressados de Cykran a fizeram bater o pé em sua direção. Uma barreira, feita de videiras semelhantes a raízes da árvore starfir, formou-se entre eles. Ela não sabia o que estava prestes a acontecer, mas não colocaria ninguém em perigo por causa dela.

Se a levassem para as instalações médicas a tempo, ela ficaria bem, desde que não fosse fatal.

— Rae, deixe-me passar. Por favor! — As garras de Cykran rasgaram as vinhas de madeira enquanto ele tentava abrir caminho.

Por experiência, ela sabia que a barreira que ela formou seria hexagonal, então ela foi capaz de ouvir sua voz claramente através dos espaços nas vinhas.

— Apenas fique aí, — ela implorou, jogando sua mão livre sobre as videiras que a enredavam na esperança de que ela pudesse

cortá-las ou reunir magia suficiente para incinerá-las.

— Vou chamar os guardas — disse Aurea com um grito de pânico antes de sair correndo.

A voz de Cykran estava tensa e angustiada.

— Eu deveria proteger você. Não posso fazer isso se você não me deixar passar.

Um tornado de vento começou a se formar, seu feitiço de crescimento se transformando em algo completamente diferente. Foi a sensação de sucção no ar e a magia amarela de uma costura se abrindo que a alertou para o que era.

O pavor frio do medo escorria por sua espinha.

Ela soltou a videira para se agarrar ao banco mais próximo, rezando para a Donzela Dourada que ela tivesse forças para se segurar. Seus pés levantaram do chão e sua saia longa e ondulada enrolou em torno de seus tornozelos.

É um portal do caos. Raewyn fechou os olhos com força enquanto segurava com todas as suas forças, apesar de sentir sua mão escorregar da borda de mármore. *É uma fenda desconhecida.*

Desde que abriu, significava que o mundo do outro lado não havia bloqueado a entrada dos Elysios. Era um lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas... e perigos desconhecidos. E se ela fosse para o reino natal dos Demônios... ou para algum lugar pior? E se ela não pudesse voltar para casa?

Seu pulso acelerou, batendo descontroladamente em seus ouvidos pelo medo que percorria suas veias.

— Cykran, — ela soluçou, enquanto era puxada para trás tanto que perdeu o controle na beirada do banco.

Ela se esforçou para pegar outra coisa, sem saber o que poderia prendê-la a Nyl'theria, seu reino, quando envolveu a mão em um poste frio. Lágrimas de medo escaparam de seus olhos cerrados e foram sugadas em vez de cair em seu rosto.

— Cykran. — Sua voz falhou quando ela implorou: — *Por favor, salve-me.*

De repente, ela desejou não tê-lo impedido de alcançá-la, mas não queria que ele se machucasse. Isso não iria prejudicá-los, apenas removê-los deste reino.

Ela não podia abaixar a barreira sem usar pelo menos uma das mãos. Uma estava emaranhada em trepadeiras tentando puxá-la para mais perto, como se estivessem vivas, enquanto a outra estava segurando sua preciosa vida.

— Estou indo, Rae! Apenas espere.

O estalo das videiras, enquanto Cykran lutava para romper, era silencioso em comparação com o rugido feroz do portal a seus pés.

Com um estalo, o que quer que ela estivesse segurando quebrou sob a força do poderoso vórtice. Raewyn ainda segurava o poste de metal quando foi sugada.

O rugido bestial de Cykran foi a última coisa que ela ouviu, seu grito de resposta devorado pela magia antes que ela desaparecesse.

Eu só queria alimentar meu povo!

CAPÍTULO 1

Raewyn apertou o fino capuz da capa que ela usava sobre a cabeça com a mão direita para se certificar de que não cairia para trás. Com a esquerda, ela deslizou as costas dos dedos pela lateral de um prédio para se guiar pela cidade.

Apesar do fato de que aparentemente era verão aqui, o calor era bastante frio para um Elfo Elísio. Nyl'theria era mais quente do que isso, mesmo no inverno, e provavelmente era mais brilhante também.

Meu cabelo não está aparecendo, está?

Ela checkou novamente, preocupada que o turbante que ela usava sob o capuz tivesse se soltado. Ela o usava para esconder a coloração branca de seu cabelo.

O som de uma conversa, em um idioma com o qual ela estava se familiarizando, mas nunca havia falado corretamente antes, era alto enquanto ela passava por pessoa após pessoa.

Raewyn falava muito pouco. Seu sotaque era estranho para eles, e eles comentavam sobre isso sempre que ela falava.

Seu pai havia lhe ensinado muitas línguas terráqueas e élficas, mas ela não as falava desde a adolescência.

De todos os reinos para os quais eu poderia me teletransportar com seres sencientes, por que tinha que ser a Terra? Ela suspirou com descontentamento. *Por que não pude me teletransportar para perto de uma cidade com Anzúli?*

Por que tinha que ser *este* reino? Claro, era melhor do que os poucos reinos com gás venenoso para o ar, mas todos os dias ela se preocupava em ser descoberta.

Os elysios garantiram que os demônios que viajavam pelos muitos portais permanentes para a Terra não pudessem retornar a Nyl'theria. Ela esperava sinceramente que os humanos não soubessem disso.

Ela não sabia o quanto a Terra havia mudado, mas quando seu povo veio aqui pela última vez, os humanos eram bastante medrosos e violentos em relação a qualquer coisa diferente deles.

E Raewyn era *muito* diferente.

Ela estudou muitos livros de biologia humana antes de perder a visão. Ela tinha lido que os humanos vinham em formas, tamanhos, tons de pele e etnias variados.

Uma coisa que ela sabia é que eles não tinham as orelhas compridas e pontudas que ela tinha, nem as mulheres geralmente eram tão altas e esguias quanto ela. Adicione o fato de que ela tinha cabelos brancos muito chamativos e, para essas pessoas, ela era uma raridade. Ela já tinha feito um monte de perguntas quando ela chegou.

Depois de caminhar em direção ao único som de vida que ela podia ouvir na floresta, o guarda que a encontrou mal a entendeu.

No entanto, no momento em que ele falou, seu coração quase explodiu de medo quando ela percebeu que ele era humano.

Ela não foi capaz de explicar como se encontrou fora da cidade, nem foi capaz de explicar de onde veio seu vestido especial – um que tinha ouro maleável gravado na seda branca. Ela se esforçou para responder o *que* joias douradas sobre sua testa eram, mas eles deram a ela a palavra *diadema*. Ela também não conseguia explicar onde alguém como ela conseguiu as muitas pulseiras que ficavam em seus tornozelos e pulsos.

Eles questionaram a cor de seu cabelo, sua altura, seu físico esguio. Suas orelhas estavam escondidas sob seus cachos, o que era uma sorte, pois havia caído de sua amarração original, metade para cima e para baixo.

Raewyn fingiu que estava com amnésia e não tinha ideia de por que ela parecia daquele jeito, ou como ela veio parar na floresta. Eles finalmente pararam de questioná-la.

Ela pediu uma capa para que pudesse esconder sua identidade quando a deixassem ir, que felizmente lhe deram. Ela rasgou a parte inferior para poder colocar uma tira de pano sobre os olhos para escondê-los e, mais importante, as sobrancelhas brancas.

Além da corrente de ouro em volta da cintura, um feitiço anticoncepcional especial do qual ela não gostava de se separar, não importa o motivo, ela não possuía mais nenhuma das joias com as quais veio para cá.

Ela encontrou um comerciante depois que a liberaram do interrogatório e vendeu a maior parte de suas joias para poder fazer transações dentro da cidade. Isso foi depois que ela descobriu que os humanos eram tão cruéis que não alimentavam quem estava com fome.

Raewyn recusou-se a passar fome ou a não dormir em uma cama adequada porque não abrigaria ninguém sem dinheiro. Ridículo!

Eles também não estavam além de tentar enganar alguém. Infelizmente para o querido e desavisado comerciante para quem ela vendeu suas joias, ela sabia como era o ouro, a prata e o cobre, e que eles tinham um cheiro único. Eles também tinham seu próprio tom distinto quando batidos contra uma superfície dura.

Ela conseguiu a maior parte do que valeu a pena, e metade disso foi uma bolsa muito pesada amarrada à cintura. O resto estava escondido sob um feitiço de glamour na pousada em que ela estava hospedada.

As mangas compridas do vestido que coçava que ela usava ajudavam a esconder uma faixa geométrica profunda que brilhava ao redor de seu antebraço esquerdo – a única indicação de que ela estava usando magia no momento. Era fácil de fazer em um objeto inanimado, mas encantar uma pessoa exigia um feitiço muito mais avançado – o que ela não poderia fazer sem uma pedra de mana.

Não posso deixar ninguém saber que posso usar magia. Ela só precisava permanecer escondida até chegar em casa.

Isso significava que ela precisava deixar esta cidade e encontrar alguns Anzúli. Quando ela perguntou se havia alguém que pudesse usar magia, ela descobriu que eles eram chamados de Sacerdotes e Sacerdotisas aqui.

Não havia nenhum nesta cidade, ou em qualquer uma das próximas. Ela não teria enfrentado o mundo exterior para ir até eles, mesmo que estivessem *por* perto. Não sozinha, pelo menos.

Ela vinha perguntando no último mês terrestre sobre os viajantes que deixavam esta cidade, Clawhaven. Os poucos que tiveram coragem de sair se recusavam a levar uma pessoa com deficiência visual ou uma mulher em geral.

Covardes! Ela não ia deixá-los acabar com sua luta.

Ela continuou todos os dias, determinada a encontrar alguém que viajasse com ela. Claro, ela faria o melhor que pudesse com o que tinha. Ela cresceu bastante mimada, talvez um pouco mimada,

mas aprendeu a ser resiliente, não importa as batalhas que enfrentasse.

Não ajudou ela não poder compartilhar com eles que ela tinha uma audição sobre-humana, ou um olfato sobre-humano, ou que ela provavelmente poderia levantá-los e jogá-los alguns metros. Essas não eram qualidades normais para um ser humano, e seu corpo esguio dava a todos a impressão de que ela estava desnutrida – o que não era o caso.

Ela era apenas... alta, o que significava que todos os seus membros eram mais longos, e a gordura saudável que ela tinha estava espalhada uniformemente.

Eles a chamavam de magra, e ela queria bater no nariz deles!

A maioria era legal com ela, provavelmente por pena. Ela não gostava disso, já que raramente recebia pena de alguém em Nyl'theria. Ela era apenas Raewyn, uma pessoa que não podia ver.

Seu povo não tinha pena dela, ou menosprezava ela, ou qualquer outra pessoa que tivesse uma deficiência. Eles apenas se certificavam de que estavam confortáveis, felizes e tiveram toda a assistência de que precisavam sem reclamar. Se algo não estivesse disponível, eles encontrariam uma maneira de torná-lo disponível.

Os humanos eram diferentes. Ela já tinha visto que eles eram criaturas mesquinhas e críticas, e sua moral era tão forte quanto as leis que os reprimiam.

Sinto saudades de casa, pensou enquanto tentava navegar pela cidade e voltar aos mercados pelos caminhos que percorria todos os dias. Eles eram fáceis de localizar pelo cheiro de comida recém-cozida e conversas. Querida Donzela Dourada, sinto falta do meu laboratório.

Ela sentia falta de ser enterrada sob a papelada e experimentos, e ser forçada a ouvir o sarcasmo de Cykran. Ela sentia falta da liberdade de se vestir com vestidos esvoaçantes que exibiam um pequeno ombro ou coxa, em vez desse vestido pesado de inverno em camadas.

Ela suspirou enquanto levantava o rosto para o sol que a banhava, desejando que esse aparente calor de verão fosse mais quente. O tempo parecia passar mais rápido aqui, e era desorientador. A noite chegava frequentemente em comparação com Nyl'theria.

Pelo que ela aprendeu, Clawhaven era relativamente pequeno. A madeira áspera e desgastada formava uma barreira ao redor da cidade. Habitações e mercados estavam todos misturados, a maioria das pessoas vendendo seus produtos fora dos lugares onde viviam.

Os que estavam em melhor situação viviam no meio da cidade. A pousada em que ela se hospedou ficava em uma das quatro saídas, por isso era tão barata.

Quando as pontas de seus dedos roçaram um entalhe de madeira lisa, ela atravessou a rua para poder virar à direita em um caminho. A área era estreita, mas a maioria das ruas, exceto as quatro veias principais para cada portão, não eram largas.

O caminho sob seus sapatos tornou-se terra batida. Mais uma curva à direita, após a qual ela podia sentir o cheiro de uma flor em particular, e os mercados deveriam estar bem à sua frente. Ela esperava deixar a cidade antes que eles murchassem devido às mudanças sazonais, já que não eram um marco confiável.

A brisa mais suave empurrou o vento atrás dela, mas ela ainda podia sentir o cheiro da *lavanda* - como lhe disseram que era

chamada. Alguém havia colocado um pote no peitoril da janela.

Assim que a conversa ficou alta, Raewyn se virou e correu direto para uma parede sólida.

— Uca! — ela gritou, tropeçando de bunda enquanto segurava o capuz para que não caísse.

— Olhe por onde você está indo, — uma voz áspera exigia, fazendo com que suas orelhas tremessem sob o capuz.

Suas sobrancelhas se juntaram. *Eu não o ouvi chegando.*

Raewyn sempre podia ouvir as pessoas se aproximando. Seja o som de seus pés batendo no chão, a sutil mudança de sujeira sob seus sapatos, sua própria respiração... Raewyn sempre podia ouvir quem estava por perto.

Essa pessoa estava em silêncio.

Ela virou a cabeça com um beicinho, as bochechas inchadas de aborrecimento, antes de acenar com a mão para frente e para trás centímetros na frente de seu rosto. *Como oiii, não posso ver aqui.* Seus olhos estavam literalmente cobertos com um pano!

Raewyn esperou por um pedido de desculpas, um gesto para ajudá-la a se levantar. *Algo.*

O cheiro de canela e laranja, o que ela aprendeu eram comidas populares aqui, infiltrou seus sentidos. Exceto que era diferente, e o cheiro combinado fez seu peito esquentar.

Ele cheira a draflium. Draflium era uma flor rara e muito procurada que brilhava em vermelho brilhante à noite com um centro de pólen roxo.

— Você deve ter cuidado com o seu pé — disse ele, antes da mudança de material, provavelmente uma capa, roçou sobre o

ombro dela quando ele deu um passo ao redor dela. — Andar pelas ruas estreitas é perigoso sozinha, mesmo durante o dia.

Olhando para frente, Raewyn ficou boquiaberta. *Que rude!*

Ela se levantou com um bufo, avançando para cumprimentar os mercados. Ela jogou as mãos para cima, exasperada com os humanos e seu comportamento.

Um Elysiano nunca trataria outro assim. Seus passos eram duros, desejando desabafar sua frustração. *Você derruba alguém, o mínimo que você pode fazer é oferecer ajuda. A culpa foi dele tanto quanto minha.*

— Você deveria prestar atenção por onde *está* indo, — ela quase rosnou para si mesma.

Ela tocou a parede, certificando-se de que o prédio de tijolos era familiar, caso ela se visse desviada por sua confusão.

— Tem que haver uma pessoa nesta cidade horrível que estaria disposta a viajar comigo.

Durante a maior parte da preciosa noite, ela se sentou na taverna da pousada. Ela perguntou a duas pessoas que estavam deixando a cidade em breve para ir à praia pescar, na esperança de trazer vida fresca do oceano para a cidade comer.

Ela recebeu a mesma resposta. Ambos se recusaram a permitir que ela os acompanhasse. Ela implorou e se ofereceu para pagá-los, mas aparentemente, ela era uma responsabilidade muito grande.

O homem tinha acabado de recusar, mas a mulher disse que não achava que poderia lidar com a culpa se acidentalmente perdesse Raewyn ou fosse incapaz de protegê-la em sua jornada.

Agora que ela estava no mercado, a busca de Raewyn para o dia começou.

Era quase inútil; ela era apenas uma ouvinte indesejada nas conversas particulares das pessoas. Ela aprendeu muito sobre as pessoas que viviam aqui, mas era irrelevante para o que ela precisava.

Com apenas o som de suas vozes, seus tons, as palavras que eles falaram, a maioria parecia cansada e exausta. Embora o dia trouxesse sol e humores geralmente mais brilhantes, havia um peso sobre cada pessoa que vivia aqui.

Era culpa dos Elysios que eles estavam sofrendo. Os humanos teriam avançado muito nos últimos trezentos e quarenta anos se seu povo não tivesse trazido os Demônios sobre eles por acidente?

Não era difícil se sentir culpada por isso, apesar de não ser culpa *dela* pessoalmente. Ainda assim, ela sempre carregava o coração na manga e, como conselheira, carregava o peso dos problemas e falhas de seu povo.

Não há nada que eu possa fazer por eles.

Uma coisa que frequentemente chamava sua atenção era o aroma indutor de calor das flores de draflum. Periodicamente ao longo do dia, enquanto ela se aventurava pelos mercados, o estranho de antes estava por perto.

Ela tentou ignorá-lo enquanto caminhava lentamente por trás das baías para que pudesse ficar fora do caminho movimentado. Ela não queria ser espancada ou atrapalhar ninguém, e era mais fácil se guiar pelas paredes, já que não tinha a bengala.

No entanto, seus ouvidos se contraíram, aquela voz profunda perto. Foi a resposta do lojista que realmente chamou sua atenção, no entanto.

— Vai embora tão cedo, não é? — a mulher disse com uma voz preguiçosa e indiferente. — Você não está aqui há muito tempo.

— Sim. Eu ultrapassei minhas boas-vindas, — ele respondeu claramente e com grande reflexão, como se estivesse olhando o que ela tinha disponível.

Ele está saindo? Raewyn mordiscou o interior de sua bochecha antes de fazer seu caminho, sutilmente e esperançosamente sem perceber, apenas um pouco mais perto.

A mulher riu e mudou de tom.

— Tenho batata, abóbora, beterraba, qualquer coisa que dê para aguentar, pelo menos para chegar às cidades mais próximas. Se você está procurando os melhores produtos para suas viagens, não há uma loja em Clawhaven tão fresca quanto a minha.

— Eu duvido muito disso, — ele respondeu com um escárnio.
— Os agricultores têm os melhores produtos e eu não vim aqui para comer. Eu queria saber se você tinha endro.

A mulher soltou um bufo, sem dúvida franzindo a testa com seu tom rude da mesma forma que Raewyn.

— Eu peguei toda a minha comida fresca do meu jardim esta manhã! Os fazendeiros adicionam coisas estranhas à sua produção para fazê-la crescer mais e mais rápido, mas ela não tem as vitaminas naturais de que nossa boa gente precisa.

Raewyn tinha ouvido falar desse tipo de produção em massa de alimentos. O conselho de Elysia considerou fazer isso sozinho, mas decidiu que uma barriga saudável comendo um pouco menos era muito melhor do que uma barriga cheia sem nutrientes. É por isso que ela tem trabalhado tão duro para crescer magicamente as abóboras.

— Você tem endro ou não?

Puxa, ele parecia tão rude e arrogante!

— Não. Eu não tenho endro, — ela rosnou. — Vá perguntar a Peter. Ele está três portas abaixo.

Em segundos, Raewyn perdeu seu cheiro quando se moveu pela multidão de pessoas sem responder. Ela virou a cabeça para um lado, depois para o outro, sem saber em que direção ele havia ido.

Ela fez uma aposta, e valeu a pena quando o cheiro dele ficou mais forte.

— Você está procurando endro? — Peter perguntou, sua voz mais alta quanto mais perto ela chegava. — Não me resta muito. É uma erva favorita para a maioria, pois tem um gosto bom.

— Eu não me importo - o que quer que você tenha deixado.

— Hmm, — ele cantarolou pensativo. A próxima vez que ele falou, a voz de Peter era tímida. — Vai te custar muito então.

O suspiro que o estranho soltou deu a Raewyn a impressão de que ele estava revirando os olhos com as travessuras do lojista.

— Apenas me dê a porra da erva. Não me importa quanto custa.

Peter riu, assim que suas orelhas pressionaram contra sua cabeça. Xingar era uma prática incomum para seu povo e tendia a mostrar falta de respeito. Ela estava aprendendo que era bastante comum para os humanos.

Isso a deixou estranhamente desconfortável, como se ela quisesse se contorcer.

A porta da frente se abriu com um rangido quando Peter entrou em sua casa para colher o endro. Raewyn se virou e fingiu

verificar a bolsa que ela tinha amarrado em seu torso apenas no caso de o estranho olhar em volta enquanto esperava.

Ele está saindo da cidade. Apesar de sua aversão a ele, já que ele parecia ser um rabugento, ela queria desesperadamente perguntar se poderia acompanhá-lo.

Acho que ele é alto. Ele parecia muito grande quando me derrubou, então isso significa que ele é forte? Ela ergueu a mão e tocou os lábios cheios e carnudos. *Talvez se eu brincar com sua masculinidade, chamá-lo de covarde se ele não me levar, posso manipulá-lo para viajar comigo.*

Raewyn estava disposta a socar abaixo da cintura se conseguisse o que ela queria. Uma vez que ele a levasse para uma cidade diferente, ela poderia espanar as mãos dele. Inferno, se ele estivesse disposto a levá-la para uma cidade com Anzúli, ela lhe daria um tapinha na bunda e diria que ele fez um excelente trabalho.

Mas como faço para abordá-lo? Ela mordeu o lábio inferior enquanto pensava. *Eu não posso simplesmente ir até ele e dizer 'Olá! Isso pode parecer estranho, mas eu estive perseguindo você e ouvi, porque eu estava escutando, que você está indo embora! Não seria incrível se você me levasse com você?*

Ela torceu o nariz. Sim, isso *não* iria ajudá-la em nada.

— Aí está, — Peter exclamou, assim que sua porta se fechou. — Um saquinho de endro. Serão cinco pratas.

— Eu acho que você deveria me examinar mais uma vez e reconsiderar o quão profundamente você deseja me enganar, — o estranho soltou.

— T-três pratas? — Peter disse, seu tom perdendo a confiança.

— Quantos guardas você acha que serão necessários para me conter se eu quebrar seu crânio? — Desta vez, ele riu, mas havia

verdadeira alegria em sua voz, como se a ideia de esmagar o crânio lhe trouxesse imensa alegria.

— Certo! Uma prata.

— Isso é melhor. — Moedas chacoalharam enquanto ele vasculhava sua bolsa. — Da próxima vez que você quiser enganar alguém, leve em consideração que tanto endro vale apenas quatro moedas de cobre.

— É sempre melhor negociar, — Peter riu fracamente. — A maioria das pessoas não é tão grande e assustadora quanto você.

— Sim, mas pessoas como eu provavelmente irão estrangulá-lo por ser um aborrecimento geral.

Peter engoliu em seco, e Raewyn só sabia que o estranho havia se movido pelo sutil tilintar de sua bolsa de moedas se movendo quando ela se assentou e a diminuição de seu cheiro. Ele estava se movendo, e ela foi rápida em segui-lo.

Ela o perdeu algumas vezes, mas sempre conseguia captar seu cheiro ou sua voz na multidão de pedestres. Em minutos, ela o encontraria em outro lugar, conversando casualmente com os lojistas, perguntando sobre seus produtos.

— Vou embora em dois dias — respondeu a alguém enquanto trocava moedas por anzóis, iscas e arame. — Estou estocando agora, pois desejo sair de manhã cedo.

— Ah, sim — o homem riu. — É sempre melhor sair uma hora depois do nascer do sol. Os Demônios geralmente já se espalharam, e isso lhe dá um dia inteiro para sair da cidade com segurança.

Como sempre fazia, o estranho suspirou.

— Por que você está me explicando algo como se eu não soubesse? Por que você acha que eu gostaria de sair mais cedo?

— Oh, desculpe, — ele respondeu nervosamente. — Estava apenas fazendo uma conversa geral. Não quis ofendê-lo.

— Você não me ofendeu. Só não quero que falem comigo como se eu fosse um idiota.

Ok, então o estranho tinha razão. Nada deixava Raewyn mais animada do que ouvir algo que ela já sabia. Ela não podia culpá-lo por isso.

No final do dia, ela estava exausta de segui-lo, de se esconder em esquinas ou barracas. Ela tentou descobrir uma maneira adequada de abordá-lo sem ter que entrar na rua cheia de gente, mas a oportunidade nunca apareceu.

Então... ele se foi.

CAPÍTULO 2

Depois de seguir o estranho, Raewyn não levou em consideração que ele a levaria por um caminho estranho. Ela se perdeu.

Ela percebeu que a noite estava caindo quando o mundo ficou mais silencioso, como se todos estivessem com medo de ficar no escuro.

Esta rua do mercado era geralmente movimentada durante todo o dia. Os passos dispersos e as conversas diminuía a cada minuto, e a queda na temperatura informava que o sol, *singular*, estava desaparecendo novamente.

A noite estava chegando, e Raewyn já havia descoberto que passar por ela trazia perigo - e não apenas por causa dos Demônios.

Raewyn teve que pedir informações várias vezes para encontrar o caminho de volta para a pousada. Ela conhecia seu quarto passo a passo, tendo mapeado, e agora o conhecia por pura memória. Era pequeno e modesto, mas estava bom para ela. Ela não precisava de nada luxuoso.

Felizmente, a estalagem era a mais conhecida perto do portão oeste e era fácil de encontrar. Ela estava voltando por um caminho com o qual não estava particularmente familiarizada, mas aparentemente, ela o encontraria à direita se continuasse. Uma vez que ela estivesse em sua vizinhança direta, ela deveria ser capaz de localizá-lo pelo cheiro de álcool que permeava o ar da taverna ocupando sua metade inferior.

Ela passou as costas da mão em todas as superfícies para encontrar o caminho, certificando-se de não esbarrar em nada

descuidadamente. Ela tropeçou algumas vezes, mas agora estava tão acostumada com isso que rapidamente se endireitou.

A outrora desajeitada Raewyn agora era uma das pessoas mais resistentes, ainda mais quando ela não era forçada a usar sapatos para se encaixar com pessoas estranhas que gostavam de cobri-los.

Ok. Então, o estranho disse que sairia de manhã cedo em dois dias do portão sul. Se ela não pudesse encontrá-lo novamente, ela apenas esperaria no portão, empacotada e pronta para ir. Ela já tinha a impressão de que se o encontrasse ali de mãos vazias, ele a deixaria para trás.

Ela pesou as probabilidades, já formulando desculpas para qualquer rejeição que ele pudesse lhe dar para que ela pudesse estar preparada. Ela *iria* com ele, mesmo que tivesse que envolver seu tornozelo com a mão e arrastá-lo atrás dele.

Nenhuma pessoa boa a deixaria para vagar sozinha pela floresta se ela o seguisse casualmente para fora do portão. Ela não se importava se ele a odiasse o tempo todo.

Ela encostou o ombro na parede da rua um tanto silenciosa em que se encontrava, desejando que as coisas fossem mais fáceis. Então, ela se virou para que pudesse colocar as costas contra ela, desejando apenas um pequeno fragmento de esperança.

A cidade estava começando a parecer uma prisão. Para Raewyn, que era um espírito livre por natureza, estava se tornando insuportável.

Estou preocupada que quanto mais tempo eu ficar aqui, mais provável será que eu seja um alvo. Quanto tempo levaria até que Raewyn tivesse que espancar alguém para se proteger, onde seria descoberto que ela não era 'normal' para eles?

Apesar disso, ela não era o tipo de pessoa que chorava. Ela estava acostumada com apostas altas e muita pressão; era apenas a falta de familiaridade que a afetava.

Ela não sabia quanto tempo ainda faltava antes de chegar à estalagem, mas o cheiro de comida queimada e feno flutuava sob seu nariz. Ela o cobriu quando ficou mais forte.

Ou a comida aqui é péssima, ou as pessoas simplesmente não sabem cozinhar.

— Bem bem bem, o que temos aqui? — Uma mulher riu baixinho a poucos metros dela.

Ela parou quando três, talvez quatro pessoas entraram no caminho à sua frente.

Não era muito estreito, então se ela pedisse educadamente, certamente não haveria problema em sua passagem – isso se eles não a parassem para zombar de seu sotaque. Raewyn estava constantemente ouvindo e aprendendo, ganhando experiência antes de começar a se comunicar totalmente com os humanos.

— Por favor, desculpe-me, — Raewyn cumprimentou gentilmente enquanto abraçava a parede com o ombro.

Alguém se colocou na frente dela.

— Nós estivemos observando você. Não é, Jackson? — uma mulher disse com um tom arrogante. Ela cheirava mal, como comida queimada e feno mofado.

— Você sempre volta a esta pousada a esta hora do dia, — Jackson respondeu com uma presunção em sua voz.

Suas costas enrijeceram, percebendo que ela tinha sido encurralada de propósito. Ela quase podia imaginar suas expressões

vorazes enquanto se encostavam em casas ou cercas à vista de todos, Raewyn nem sabia.

Este caminho não era estreito, o que lhe dava muita liberdade para correr. No entanto, ela nunca pensaria em fazer isso, já que não queria cair de cara no chão ou bater em alguma coisa.

Uma pequena brisa agitou sua capa e vestido, empurrando-os para frente enquanto ela considerava suas opções.

Eu sei lutar corpo a corpo, mas e se eles tiverem armas? Ela nunca teve que lutar antes sem ser observada por um instrutor, nem nunca empunhou uma arma – ou lutou contra uma.

– Deixem-me passar, – Raewyn afirmou com firmeza, antes de acrescentar, – por favor.

Ela tentou contornar a mulher, que obviamente era muito mais baixa do que ela quando sua voz veio de baixo, mas o som e o cheiro de uma pessoa diferente bloquearam seu caminho.

– Como uma senhora cega se encontra em um alojamento tão bom? – um homem perguntou, sua voz profunda, mas não reconfortante.

As orelhas de Raewyn contraíram-se nervosamente sob o capuz enquanto ela recuava um passo.

– Parece um pouco suspeito para mim – disse um homem mais jovem do outro lado do caminho, como se quisesse bloquear a saída também.

Raewyn notou os pés de alguém se arrastando enquanto eles manobravam atrás dela. Ela estava completamente bloqueada.

Ela quase riu. Eles provavelmente pensaram que a tinham encurralada e indefesa. Talvez se ela fosse uma mulher humana, ela poderia ter sido. Infelizmente para eles, ela treinou seus reflexos,

participou de combate corpo a corpo para aprimorar suas habilidades.

Antes do acidente, ela nunca teve muito interesse em aprender a lutar, e nunca precisou. Ela só se inscreveu nos cursos para aprender a manejar seus sentidos e descobriu que tinha um talento especial para lutar.

Não querendo se gabar, mas ela era boa em tudo que colocava seu coração e – mais importante – seu *cérebro*.

Ela não era a mais forte, ou a mais rápida, e definitivamente não era a mais corajosa, mas contra os humanos? Uma criança Elysiana poderia vencê-los com os olhos fechados e ambas as mãos amarradas nas costas. Ela estudou sua composição fisiológica – eles eram uma das espécies mais lentas de criaturas sencientes.

– Comprei minha estada, como qualquer outra pessoa, – ela respondeu enquanto endireitava os ombros e empinava o nariz. – Mas eu estou supondo que vocês não se importam particularmente como eu obtive meu ouro. Suas perguntas são mais para despertar medo em mim como uma pessoa fraca e indefesa.

A mulher à sua esquerda riu.

– Ouça como ela fala! *Como uma veeble, welplezz purrrson*. Onde diabos os guardas te pegaram? Isso era para ser assustador?

A orelha esquerda de Raewyn estremeceu de aborrecimento enquanto ambas esquentavam de vergonha. Ela pensou que tinha falado muito bem dessa vez, mas pelo amor dos Deuses, ela estava tentando falar uma língua que aprendeu quando era jovem!

Ela também não tinha prestado atenção ao pai. Ela gostava de equações matemáticas, não de idiomas fora do reino. Ela nunca pensou que precisaria aprendê-los.

— Cala a boca, Lori, — disse o cara atrás dela. — Eu já me sinto mal por roubá-la. Não me faça sentir pior criticando a maneira como ela fala.

— O sol está se pondo, senhora, — disse um dos homens atrás enquanto eles se aproximavam.

— Apenas nos dê o dinheiro e ninguém precisa se machucar — alertou Jackson. Era ele quem estava perto de Lori.

— Na verdade, não queremos machucar você, — o segundo homem atrás dela suspirou — o mesmo que pediu a Lori para não provocar Raewyn sobre o jeito que ela falou. Ele parecia mais gentil do que o resto. — Já me sinto mal com isso, mas se não pagar meus impostos, vou perder minha autorização de mercado.

Raewyn cerrou as mãos com força. — E quanto a mim?

— Vamos deixar você com o suficiente para comer por alguns dias — Lori respondeu, seguido pelo som distinto de metal deslizando para fora de uma caixa. Deve ser algum tipo de adaga ou faca.

— Preciso pagar a pousada pela minha estadia. — Seu nariz se enrugou de raiva e preocupação. — Se eu não fizer isso, não terei outro lugar para dormir.

— Alguém vai te ajudar — disse o mais gentil. — Alguém vai alimentá-la ou dar-lhe um lar.

— Realmente? — Raewyn zombou. — Porque, até onde eu sei, já existem pessoas sem casa dentro da cidade. Como vocês podem justificar suas próprias ações quando da próxima vez que me virem, posso estar morando na rua?

— Você entendeu isso, Greg? — Lori riu. — Porque eu só tenho algumas palavras.

Greg, o mais gentil, suspirou.

— Eu não sei por que você está sendo uma cadela quando é óbvio o que ela disse. Abra seus ouvidos, Lori.

— Ah, cai fora. — Lori se aproximou. — Não importa a escolha que você faça, você *sairá* mais leve. Então, escolha se será doloroso ou não.

Raewyn abriu as mãos e ergueu o queixo. — Vou gritar.

— Bom para você, — Jackson zombou. — Ninguém virá salvar você. Imagino que todos já estejam nos observando de suas janelas, mas... onde estão eles?

— Os guardas? — Raewyn respondeu, sua voz diminuindo.

— Eles não vão se importar, — Jackson riu. — Não se nós os pagarmos.

— Ah, dane-se isso! Apenas agarre-a! — Lori gritou, e todos os quatro correram para ela.

Por trás, seus dois cotovelos foram agarrados.

— Saia de cima de mim! — ela gritou, levantando os pés e chutando-os para frente. A sola de suas botas fez contato com o estômago de alguém, e se se inclinou para frente o suficiente para que, quando ela chutasse novamente, acertasse o rosto.

Muita coisa estava acontecendo. Os sons de xingamentos, bolsas de moedas leves chacoalhando, roupas e pés se arrastando eram as únicas razões pelas quais ela sentia onde eles estavam. Seus cheiros se uniram como uma massa de mãos violentas e agarradas, e Raewyn soltou um grito grunhido.

Alguém agarrou sua bolsa de moedas e tentou desfazer os nós duplos. Ela empurrou a cabeça para trás em um movimento diagonal, e a parte de trás de seu crânio bateu na lateral do rosto de

alguém. Ela pisou com o calcanhar ao mesmo tempo no pé de outro, e ambos os forçaram a gritar de dor.

Suas mãos em torno de seu bíceps afrouxaram apenas o suficiente para que ela pudesse empurrar o punho para frente e atingir a pessoa que havia agarrado sua bolsa de moedas.

Ninguém veio ajudar; ninguém veio para detê-los. Apesar de seus gritos e seus comandos latidos um para o outro, ninguém se importava o suficiente para salvar Raewyn.

— Você é tão burro, Jackson, — Lori cuspiu do lado, deixando óbvio que ela era aquela que Raewyn havia chutado antes. — Apenas corte!

— Oh sim. — O som baixo de uma lâmina sendo retirada tocou nos ouvidos de Raewyn.

Ela tinha mais dinheiro em seu quarto na pousada. Raewyn sabia que não ficaria sem um lugar seguro para comer, dormir ou tomar banho, mas esse dinheiro era tudo que ela tinha neste mundo. Ela duvidava que fosse capaz de conseguir mais.

— Por favor, — ela implorou enquanto chutava e lutava, sua contorção frenética lhe permitindo agarrar o cabelo de Jackson e puxá-lo. — Por favor parem. Por favor, deixem-me em paz. Isso não é justo.

— Uau! Ela é tão forte. É como tentar lutar contra um peixe gigante se debatendo.

Um braço ainda estava sendo segurado por alguém não identificado, enquanto Jackson lutava para libertá-la de seu aperto mortal em seu cabelo, choramingando enquanto o fazia. Lori estava empurrando entre Raewyn e Jackson, provavelmente tentando ir

para sua bolsa de moedas enquanto ela chutava descontroladamente.

— Foda-se, — Greg murmurou baixinho, sua voz a alguns passos de distância e ficando mais baixa, como se ele estivesse recuando. — Eu não posso fazer isso. Vocês estavam certos; Não tenho estômago para isso.

— É um pouco tarde para tomar essa decisão — disse uma voz profunda e familiar. O cheiro de flores de draflum invadiu seus sentidos, levado pela brisa que soprava atrás dela. Um arrepio percorreu sua espinha. — Eu sinto que isso traz um novo nível para o ditado 'roubar alguém cego'. Eu não acho que idiotas quiseram dizer isso literalmente. Deixem a mulher em paz.

— Oh, foda-se, — o homem sem nome atrás dela cuspiu antes de se virar para olhar para ele. — Puta merda. Você é o maior filho da puta que eu já vi.

— Você — Jackson soltou. — O que você quer? Não vamos compartilhar, se é isso que você está procurando.

— Eu tenho meu próprio dinheiro — ele respondeu. O som seguinte foi um baque e depois outro, como se alguém tivesse sido atingido com tanta força que atingisse o chão. Em segundos, o homem que segurava seu outro braço havia sumido. — Eu ouvi uma comoção; Eu vim investigar.

— Ei, que diabos? — Lori gritou, afastando-se de Raewyn.

Jackson se afastou e Raewyn o deixou para que ela pudesse se aproximar do estranho que ela estava seguindo o dia todo.

Ok, então talvez ele não fosse tão ruim quanto ela pensava originalmente.

— Isso não é o que... — A voz de Jackson foi cortada com um engasgo, como se sua garganta tivesse sido agarrada.

O grito de Lori foi o próximo, seguido por um gemido de Jackson ao lado dela, como se tivesse sido jogado na mulher. Seus golpes combinados reverberaram pelo chão quando eles caíram no que ela assumiu ser uma pilha.

— Eu disse para você deixá-la em paz, — o estranho disse calmamente, mas com firmeza. — Agora foda-se, todos vocês.

Apenas dois conjuntos de passos ecoaram, um atrás e outro na frente. Pela falta de comida queimada que flutuava no ar, Lori correu, enquanto alguém atrás dela se levantou para fazê-lo também.

O cheiro de couro de Greg desapareceu, enquanto os cheiros de Jackson e do assaltante não identificado permaneceram.

Até agora, Raewyn não tinha percebido que seu coração estava batendo descontroladamente em adrenalina e medo. Ela também não tinha notado que as lágrimas estavam umedecendo o pano sobre seus olhos. Suas mãos tremiam, e foi só agora que ela estava segura, e tudo estava bem, que ela entendeu o quão assustada ela estava.

No momento, ela estava tão preocupada em revidar que nada mais havia registrado. Agora, tudo o que ela queria era cair de joelhos de alívio.

Raewyn soltou uma pequena fungada.

— Pare de chorar. Eles foram embora. — Ele fez um gemido pensativo antes de acrescentar: — Pelo menos os conscientes.

Seu cheiro quente de laranja e canela de repente se tornou reconfortante, como o grande abraço que ela precisava desde que chegou a este reino estúpido. Suas lágrimas se acumularam mais pesadas em vez de desaparecer.

— O-obrigada por me salvar.

— Eu disse para parar de chorar e parar de ter medo. — Ele deu um grunhido antes de empurrá-la para o lado – embora gentilmente. — Você só vai trazer Demônios, se eles ainda não estiverem vindo para esta cidade.

— Eu sei, sinto muito, mas não consigo parar.

Puxa, ela queria parar! Ela odiava o quão nojenta sua roupa estava ficando em seu rosto.

— Bem, a pousada em que você fica fica logo ali na esquina, então você não está longe de estar segura. É melhor sairmos, antes que os guardas apareçam e comecem a fazer perguntas. Como ainda estamos de pé, eles vão pensar que fomos nós os culpados.

Limpando o nariz enquanto franzia a testa, ela perguntou: — C-como você sabia que eu estava hospedada na pousada?

— Venho frequentemente a esta parte da cidade. Eu vi você por aí.

— Oh. — Suas orelhas estremeceram com o movimento da terra, como se ele tivesse começado a se afastar, e Raewyn saltou para frente. — Espere! Por favor, não me deixe sozinha aqui.

Ela conseguiu agarrar seu pulso grande, ambas as mãos finas e ágeis mal envolvendo o membro grosso.

Ele fez uma pausa e se virou, e Raewyn sabia, apenas sabia, que ele estava olhando para ela.

— Posso levá-la de volta para a pousada, se preferir.

— Sim, por favor, — ela respondeu, segurando o braço dele com mais força. A roupa grossa e áspera que o cobria enrugou em suas palmas. — Eu também queria te perguntar uma coisa.

— Certo. O que é? — ele perguntou enquanto começava a andar.

— Ouvi dizer que você estava saindo hoje.

Com um estranho senso de humor em sua voz, ele disse: — Você ouve agora?

Sabendo que estava se afastando daquelas pessoas e se aproximando da segurança de seu quarto, seu tremor diminuiu. Ela podia até sentir o cheiro da comida e do álcool da taverna, e o dono não era nada além de atencioso e protetor com seus clientes.

Ela ainda segurava o braço do estranho apertando os dedos em torno de sua camisa, recusando-se a soltar seu salvador, mas suas mãos aliviaram sua força apavorada.

Ele me salvou daquelas pessoas. Talvez ele viaje comigo. Ele parecia ser muito mais legal do que parecia a princípio. Por que ele ajudaria uma estranha quando não ganharia nada com isso?

Seu aperto se fortaleceu e Raewyn abriu a boca para falar. *Ok, aqui vai...*

CAPÍTULO 3

De pé no portão sul, Raewyn ajustou as alças da bolsa antes de mexer no capuz, verificando se ela tinha tudo no lugar. Recém-banhada, com muita comida e água, ela estava pronta para deixar esta cidade.

Ela estava esperando lá desde o amanhecer, certificando-se de que o estranho não fosse embora sem ela.

Quando ela perguntou se ele estaria disposto a levá-la em suas viagens, ele concordou sem discutir. Ela soltou um suspiro de alívio, especialmente porque ele não pediu compensação.

Ele só fez duas perguntas.

A primeira era se ela havia menstruado recentemente. Ela mentiu e disse que sim - os ciclos das mulheres elísias eram diferentes dos humanos devido à diferença de horário. Se ela tivesse dito não, ele não teria entendido que ela estava apenas no meio do ciclo e não sangraria por um bom tempo.

Ela imaginou que ele estava preocupado que ela trouxesse demônios sobre eles. Tinha sido uma discussão incômoda de se ter com um completo estranho, um homem humano, mas ela entendia a necessidade disso.

Em segundo lugar, ele perguntou se ela era uma pessoa medrosa, pois o cheiro de medo que ela poderia produzir durante as noites na floresta poderia trazer perigo.

Embora ela não fosse insensível ao medo, ela o informou que deveria ficar bem. Provavelmente uma mentira, considerando que Raewyn nunca esteve cara a cara com um Demônio sedento de sangue antes, mas eles cruzariam essa ponte se chegassem a isso.

Quando apenas uma fração de calor atingiu o lado de seu rosto, ela sabia que o sol estava começando a nascer e se inquietou ainda mais.

Trouxe comida e água suficientes? Ele disse que não dividiria a sua com ela a menos que encontrasse comida no caminho. *E o meu cobertor de dormir? Eu deveria ter comprado um segundo?* Ela o comprara recentemente, pois achava o verão da Terra um pouco frio à noite.

Ela também trouxe produtos de limpeza – não apenas para o corpo, mas também para o segundo vestido e meias. Ela não tinha calcinha porque não gostava das disponíveis aqui.

Ela virou o rosto para baixo e zombou das botas em seus pés. Ela não apenas as odiava; ela as *desprezava* com paixão.

No entanto, os humanos fizeram comentários indelicados sobre ela não as usar nas ruas.

Os elysios não usavam sapatos, desejando sentir o solo sob seus pés, para se conectar com ele em um nível espiritual. Frequentemente, eles usavam pano ou ouro sobre seus arcos para decoração.

Esses sapatos não apenas a desconectavam deste mundo, mas de todos os mundos em geral.

Raewyn tocou seu lenço na cabeça, sentindo a textura irregular das duas tranças que ela tinha no cabelo para facilitar o manuseio durante suas viagens. Ela esperava que a privacidade estivesse prestes a se tornar escassa, então poder lavar o cabelo livremente sem que ele visse a brancura seria difícil.

— Preparada? — o estranho disse ao lado dela.

Raewyn soltou um grito.

Ela se virou para ele com alguns xingamentos, tentando se recuperar do susto.

— Há quanto tempo você está parado aí? Não ouvi você se aproximando.

— Aprendi a ficar quieto de pé. — Agora que ele estava perto, seu perfume a envolveu. — Eles estão abrindo o portão. Você obteve tudo o que precisa?

— Sim, — ela respondeu, empurrando sua bolsa para trás para que ficasse mais confortável. Entre seus seios de tamanho médio, ela agarrou a alça com força. — Você não precisa se preocupar comigo, eu prometo.

— Ótimo, porque só cuidarei de você se for preciso. Vou protegê-la, no entanto, se encontrarmos Demônios, Caminhantes do Crepúsculo ou bandidos.

As orelhas pontudas de Raewyn tremeram sob o capuz. *O que é um Caminhante do Crepúsculo?* Ela nunca tinha ouvido ou lido sobre isso em nenhum de seus textos. Eles eram uma nova criatura na Terra, uma que chegou depois que os Elfos partiram?

Ela não o questionou sobre isso, sabendo que era melhor não revelar o pouco conhecimento que tinha deste mundo. Em vez disso, ela lhe deu um sorriso fraco.

— Isto é para você. — Ele entregou a ela uma corda com bolsas perfumadas presas a ela. — Amarre na cintura. Está cheio de ervas e especiarias, e ajudará a esconder seu cheiro de todos aqueles que possam caçá-la.

— Obrigada, — ela disse enquanto pegava e envolvia em torno de seu centro. — Isso é muito astuto da sua parte.

O silêncio sangrou entre eles, e Raewyn nervosamente descansou seu peso para frente e para trás entre seus pés. Por que ela teve a impressão de que ele estava olhando para ela com um olhar avaliador?

— Você disse que achou meus passos silenciosos, e uma carroça é muito barulhenta para uma viagem segura. Você terá dificuldade em me seguir a pé? Eu não falo muito.

— Talvez um pouco... — Ela não fingiria confiança quando a alternativa seria se perder em uma floresta potencialmente cheia de Demônios.

Ele deu um bufo áspero e o material mudou como se ele cruzasse os braços sobre o peito.

— Eu não vou segurar sua mão.

Sua tez escura escondia dele qualquer vermelhidão de seu rubor de desgosto, mas ela esperava que suas mãos se fechando em punhos fossem óbvias. Se seus olhos não estivessem cobertos, ela teria olhado em sua direção.

— Eu não sou uma criança. Eu não preciso que você segure minha mão ou braço. Se você tiver uma corda, pode amarrá-la a si mesmo e eu posso segurá-la.

— Você quer me levar para passear como se eu fosse a porra de um cachorro?

Suas orelhas se abaixaram para ele xingando-a tão livremente, mas ela inflou as bochechas e cruzou os braços.

— O que mais você quer fazer? É ou eu seguro ou você segura, e imagino que segurar algo o tempo todo vai te irritar. Unir-nos permanentemente seria tolice se precisássemos nos separar por

causa do perigo, ou mesmo se fôssemos na direção errada de uma árvore um para o outro.

— Hmm... acho que é tudo verdade.

— Exatamente, então não seja tão rude quando não tiver nenhuma ideia.

— Você é rápida em usar sua língua. Estou me oferecendo para levá-la pela floresta. Você não deveria ser mais cautelosa com a maneira como fala comigo?

A mão direita de Raewyn fechou em um punho ao redor da alça de sua bolsa.

— Bem? É a ideia da corda ou você tem algo melhor?

Sem responder, vasculhou um saco cheio de metal, como ferramentas e moedas, assim como... sinos? Sim, definitivamente havia o toque de sininhos.

Em instantes, ele grunhiu e disse: — Aqui.

Ela timidamente estendeu a mão e encontrou um longo pedaço de corda em sua mão estendida. Quando ela a puxou, houve resistência, como se ele já a tivesse amarrado na cintura.

De repente, ela foi arremessada para frente quando ele caminhou sem dizer nada! Raewyn quase tropeçou em seus próprios pés de surpresa, mas habilmente se endireitou e correu alguns passos para acompanhá-lo.

O zumbido das rodas e o barulho das correntes começaram, seguidos por um rangido alto. O portão estava se abrindo e Raewyn respirou fundo para se acalmar.

— Você tem um nome? — ele perguntou enquanto esperavam.

— Seria indelicado se eu apenas chamasse você de mulher ao longo do caminho.

– Raewyn, mas meus amigos me chamam de Rae. Você?

– Me chame de Merc, já que eu particularmente não gosto quando as pessoas me chamam de grande filho da puta como você ouviu outro dia.

Raewyn riu. Não que ela tenha achado engraçado o que ele disse – ela estava tão nervosa por deixar a segurança desta cidade, mas também animada por finalmente fugir dela. Se ela encontrasse alguns Anzúli, eles poderiam ajudá-la a chegar em casa.

Quando a corda passou de frouxa para esticada, ela deu um passo à frente atrás dele. Ele resmungou quando ela pisou na parte de trás de seu sapato, e ela corou quando olhou para baixo.

Ela passou alguns momentos sentindo o comprimento da corda, então segurou-a mais para baixo com a mão direita e agarrou a ponta com a esquerda. Ela esticou a corda o suficiente para que ela pudesse sentir em que direção ele pisava, mas ainda assim permaneceria à distância para que ela não pisasse acidentalmente em seu calcanhar novamente. Sim, ela estava sempre atrás dele, mas não se importava muito com isso.

Quanto menos ele olhasse para ela, menos ele prestaria atenção em suas feições. Isso também significava que ela basicamente poderia andar no caminho exato dele e, ao fazer isso, ela nunca se depararia com nada parecido se estivesse ao lado dele.

Depois de alguns minutos de caminhada, ele em completo e absoluto silêncio enquanto ela tentava de tudo para que eles pudessem caminhar juntos com facilidade, ela levantou a cabeça. Ela ouviu a quietude que caiu ao seu redor.

Faz um mês que não ouço o verdadeiro silêncio. Todos os dias, todas as noites, todos os minutos de ambos, Raewyn ouvia as pessoas.

Ela sorriu levemente, absorvendo os aromas ricos e terrosos de árvores e arbustos frescos, até mesmo da própria grama. Ela observou os pássaros cantando ao longe e os insetos que cantavam. Era pacífico, calmo e sereno.

As altas florestas em Nyl'theria eram o lugar perfeito para os Demônios se esconderem e viajarem durante o dia, dando bastante cobertura dos três sóis. Por centenas de anos, seu povo não conseguiu viajar por elas. Eles estavam presos, aprisionados pela própria barreira mágica que os protegia.

Quando ela sentiu o cheiro da seiva de uma árvore se aproximando, ela largou a ponta da corda e estendeu a mão apenas para... tocá-la. Sentir sua casca. Conhecer a árvore em um nível íntimo.

Sua alegria ficou mais brilhante.

— Por que diabos você está sorrindo? — Merc perguntou em um tom curto. — As árvores podem ser esparsas, mas os Demônios ainda podem viajar durante o dia.

Toda a alegria fugiu dela em um movimento rápido. Ela agarrou a corda novamente enquanto virava a cabeça para o lado para dispensá-lo.

— Obrigada por me permitir vir com você — disse ela para tirar o poder de sua grosseria. — Você não me disse para qual cidade você está indo, ou por quê. Você se importa se eu perguntar?

— Não há razão, estou apenas viajando. — Então, como se fosse incapaz de ser gentil, acrescentou: — Sabe... você fala estranho. De onde você é?

Raewyn engoliu o caroço que se formou em sua garganta.

— Meus pais não são daqui. Eu peguei o sotaque deles, eu acho. — Pelo menos toda *essa* afirmação era completamente verdadeira.

— De onde eles vieram então? Já estive por todo o país e nunca ouvi ninguém falar como você.

— De onde você é? — Raewyn perguntou, desesperada para fugir da conversa.

— Norte daqui. Os guardas disseram que encontraram você vagando sozinha pela floresta. Como alguém como você navegou na floresta sem ser guiada como você está agora?

— Eu não sei, — ela respondeu. — Não consigo me lembrar. Acho que machuquei a cabeça e me separei daqueles com quem estava viajando.

Raewyn mordiscou o lábio inferior. *Ele perguntou sobre mim? Por que?* Ela não estava confortável sabendo disso. Então, novamente... ela o seguiu pelo mercado como uma perseguidora. Seria terrivelmente hipócrita da parte dela julgá-lo.

Ela era uma estranha para ele, e ele pode ter querido ter certeza de que ela estava segura para viajar com ela.

— Eles disseram que você estava sofrendo de amnésia, mas às vezes as pessoas começam a recuperar suas memórias com o tempo. Você não se lembra de nada? Então como você sabe que seus pais não são daqui?

— Eu estava fazendo um palpite — disse Raewyn, cerrando os molares em frustração. — Eu pensei que você disse que não fala muito.

Ele soltou um grunhido e mais uma vez ficou quieto.

Ela não sabia por que soltou uma risadinha que tentou tanto reprimir. Ele costumava ser maldoso e curto com aqueles com quem falava quando ela o seguia nos mercados, e não parecia que ele apreciava as pessoas agindo assim de volta para ele.

O que significava que ela só queria fazer mais para irritá-lo. Sem o conhecimento da maioria, Raewyn era uma instigadora quando queria ser. Não cruel, e apenas para aqueles que ela achava que mereciam.

— O que é tão engraçado? — ele perguntou.

Ela pensou que tinha habilmente escondido sua risadinha.

— Eu não queria te ofender.

Ela realmente não tinha, mas estava feliz por ter interrompido seu interrogatório.

— Será impossível para você me ofender, Raewyn. Já ouvi coisas piores do que uma mulher pequena como você poderia me dizer.

Pequena? Eu não sou pequena! Ela era alta, mesmo para uma mulher elísia. Ela ficou ofendida, o que não fazia muito sentido, mas pensou que também poderia ser porque ele era humano. Ela não queria que ele a considerasse inferior quando tinha certeza de que seria mais rápida e mais forte do que ele, mesmo com seu corpo magro e alto.

— Eu disse a você que meus amigos me chamam de Rae, — ela ofereceu com um sorriso para acalmar a situação.

— Eu não sou seu amigo. No final desta viagem, você verá isso. Seu lábio inferior se projetou em um beicinho forçado.

— Alguém já disse que você é ranzinza?

— Já fui chamado de muitas coisas, mas vou acrescentar isso à lista. — O sorriso dela cresceu com a resposta dele. — Vou adicioná-lo ao fundo onde eu menos me importo.

— Você sabe o que então, Merc? — ela perguntou em um tom brincalhão, mas indefinido.

— Eu particularmente não me importo em saber o que você vai dizer, — ele disse, assim que as folhas farfalharam.

Seu sorriso ficou tão largo que enrugou as dobras externas de seus olhos e revelou seus dentes regulares.

— No final desta viagem, vou ouvir você me chamar de Rae.

Ela o faria vê-la como sua amiga. Não porque ela precisasse da validação dele fazendo isso, mas porque ela pensou que seria divertido.

Pessoas complicadas sempre eram as melhores para se abrir. Ele seria um quebra-cabeça divertido de resolver, e Raewyn adorava qualquer coisa que fosse intrigante e difícil.

Foi por isso que ela se tornou uma cientista para começar.

Ela só esperava que nada de ruim acontecesse com ele até o final desta jornada.

CAPÍTULO 4

Na primeira noite de suas viagens, Raewyn descobriu que o solo era duro, frio e sujo. Ela odiou cada momento, especialmente desde que teve que *fingir* que estava dormindo o tempo todo.

Sempre que ela tentava se sentar, ele dizia para ela se deitar e, em suas palavras, 'vai dormir'.

Talvez ele estivesse zangado com ela porque ela implorou para descansar, mesmo quando ele queria marchar pela noite como uma força imparável.

Acrescentou que ela não precisava se preocupar e que ele acordaria e a protegeria se um inimigo viesse.

Ela apreciou que ele parecia estar dizendo isso para acalmá-la, como se esse fosse o problema de sua insônia, mas ela não precisava de calma – ela estava apenas desesperadamente entediada.

Mesmo que tivesse os mesmos hábitos de sono de um humano, duvidava que fosse capaz de dormir. Acender uma fogueira seria uma decisão imprudente, e é por isso que ela nunca pediu uma, então ela estremeceu a noite inteira.

Estava ventando muito, e o único cobertor que ela trouxe não chegava nem perto.

Merc nunca ofereceu o seu próprio, nem sua capa, ou para ela deitar atrás dele para se aquecer. Então, novamente, por que ele iria? Era verão; ela tinha certeza de que isso era quente para ele.

A maioria das noites eram passadas assim, enquanto seus dias eram em sua maioria cheios de silêncio.

Quando passaram por um lago de água doce, ele ofereceu privacidade enquanto ela se banhava. Ela queria, mais do que

qualquer coisa no mundo. Ele não parecia ser um pervertido ou atraído por ela em geral, mas o cabelo branco em sua cabeça não era o único lugar que ela tinha em seu corpo.

Mesmo quando ele a levou para longe do lago, ela tinha o nariz voltado para seu aroma fresco e convidativo. A grama e as plantas ao redor tinham um cheiro mais vivo, e seu coração disparou com a ideia de cair de barriga nela se isso significasse que ela também poderia ser purificada.

Pelo menos deu-lhe água fresca para beber. Merc ferveu para ela, para que ficasse a salvo de bactérias. Ele resmungou o tempo todo, já que ela exigia que ele fizesse isso.

Eles também tiveram uma discussão sobre isso.

— Vou deixar você aqui. Não me teste, — ele ameaçou quando ela bateu o pé e cruzou os braços sobre o peito, recusando-se a sair até que ele acendesse o fogo e fervesse a água.

— Podemos ir embora, mas você não pode reclamar quando tem que me carregar quando estou desidratada ou porque estou com febre, tudo porque você não gastaria alguns minutos garantindo minha segurança. — Então ela bateu em seus lábios e jorrou, — O que foi que você me prometeu? Você me manteria segura? Não sabia que você era um homem que quebrava suas promessas.

Ela tentou, realmente tentou, não parecer presunçosa quando ele cedeu. Sempre que ela o irritava, ele ameaçava deixá-la para trás, mas nunca cumpria sua palavra. Ela tinha a sensação de que ele não iria, então ela o cutucou e cutucou tanto quanto pôde.

Dois dias se passaram desde que eles deixaram Clawhaven.

Ela realmente tentou manter o ânimo alto, mesmo quando tropeçou na raiz de uma árvore ou bateu em um galho sob o qual ele

se abaixou. Mas havia uma coisa que a desgastava... esses sapatos idiotas!

Seus pés não foram feitos para usá-los, e eles beliscavam. Ela tinha feridas que não teria formado se estivesse descalça. Ela quase começou a chorar quando havia uma pedra em seu sapato da qual ela não conseguia se livrar até perceber que estava dentro de sua meia. Ela nem sabia como foi parar ali.

Ah, e quando a meia dela ficou molhada de alguma forma? Foi absolutamente nojento.

Raewyn nunca ficou tão agradecida quando a terceira noite se aproximou, e Merc conseguiu encontrar uma cabana abandonada para eles ficarem. A porta já estava aberta e ele gentilmente limpou as teias de aranha e seus criadores.

Seus passos geralmente eram silenciosos, mas nem mesmo ele conseguia esconder como os degraus da varanda rangiam sob seu peso. Então, quando ele voltou para fora enquanto ela estava segurando a grade quebrada da varanda, ela o ouviu se aproximar.

Ela também sentiu o cheiro dele, já que ele estava coberto de fuligem, como se tivesse limpadado uma lareira ou chaminé.

— Dentro é seguro — afirmou ele, enquanto batia as mãos como se as estivesse limpando. — Há evidências de um ninho de demônios, mas parece que está abandonado.

Raewyn inclinou a cabeça.

— Demônios vão construir um ninho dentro de casas antigas?

— Claro. É sombra perfeita do sol. Na metade do tempo, os demônios matam as pessoas e ocupam seu lugar dentro de suas casas. É mais fácil para eles, pois não precisam voltar para o Véu ou para as montanhas para se esconder.

Um arrepio percorreu sua espinha, um que até estremeceu seus ombros. Pelo que ela aprendeu sobre o Véu através de seus textos, era semelhante às florestas de Nyl'theria – apenas com vegetação diferente.

Ela não queria estar perto dele.

– Vá para dentro – ele exigiu. – Eu vi por uma das janelas que havia um poço. Vou ver se a *princesa* pode beber mais água. Talvez ela até tome um banho para não feder.

Seus lábios se separaram em mortificação e, honestamente, apenas em choque por ele dizer algo assim.

– Eu não cheiro tão mal! – ela gritou quando ele desceu os degraus. Então, a maioria de seus sons foi silenciada quando ele tocou na terra.

Ele havia desaparecido completamente quando o leve tilintar dos sinos cessou em uma curva.

– Eu não... cheiro?

Ela estava esfregando as bolsas amarradas em torno de sua cintura contra seu corpo, então ela não cheirava tão mal. Ela deu uma espiada na axila e achou que cheirava muito bem.

Ela estendeu as mãos para a frente para poder guiar seu caminho até a porta e então entrou. Ela tocou todas as paredes para se familiarizar com o layout, contando seus passos enquanto o fazia.

Havia pouquíssimos móveis, como se tivessem sido saqueados ao longo do tempo. Havia, porém, uma cadeira singular e uma mesa baixa.

Havia dois quartos, um vazio e outro com pedaços de madeira quebrados e um colchão amassado. Ela ficou fria quando entendeu que este era o 'ninho' de que ele falava e saiu do quarto horrorizada.

Uma vez que ela mapeou as paredes da casa em sua totalidade, ela fez a matemática de dimensão em sua cabeça de quantos passos cada parede estava uma da outra. Ela passou por tudo isso em sua mente e, uma vez que o fez, sua confiança no espaço aumentou.

Merc entrou pouco depois e colocou um balde no chão. Ele também acendeu a lareira e a ferveu.

Como ele estava agachado na frente dela, ela acidentalmente esbarrou em seu lado ao se agachar ao lado dele, seguindo os sons e cheiros para saber onde estava a lareira. O fogo crepitava ao ganhar vida, e o calor que emanava dele era absolutamente agradável, assim como a doçura da lenha queimando.

– Posso mesmo tomar um banho?

– Não, não tem banheira, mas tenho certeza que você quer se limpar. Vou sair para que você possa ter um pouco de privacidade para se limpar.

Ela se inclinou mais perto e rudemente cheirou o ar ao lado dele. Ao longo do tempo que passaram juntos, ela passou a gostar do cheiro dele, como o de uma flor de draflium, e já sentia falta dele.

– Você precisa de um agora também. Você cheira a cinzas.

– Vou me lavar lá fora perto do poço. Não sou tão exigente quanto à qualidade da minha água, desde que seja límpida.

Junto com o cheiro dele, ela também achou a voz dele legal – mesmo quando estava sendo usada para grosseria ou xingamento. Ela nunca o havia tocado de verdade, então não tinha como avaliar como ele era. Tudo o que ela sabia era que ele era muito alto e muito forte. Desde as vezes que ela acidentalmente esbarrou nele, ele parecia denso com músculos grandes e grossos.

Se ele não fosse humano, ela poderia ter tentado conhecê-lo em um nível menos amigável e mais íntimo. Sua personalidade, embora abrasiva, não era verdadeiramente desagradável para ela. Raewyn sempre foi suave, mas resiliente. Ela podia lidar com qualquer um, e a maioria das pessoas tendia a gostar dela por causa disso.

Seus pais eram reclusos, preferindo se dedicar ao trabalho, razão pela qual nunca se inscreveram para ingressar no conselho. Ela, por outro lado, havia sido convidada quando a maioria deveria enviar formulários.

Por baixo da insensibilidade de Merc havia, na verdade, uma pessoa que se importava em um nível mais profundo. Ele não teria conseguido água para ela, limpado as teias de aranha ou oferecido privacidade a ela se não o fizesse. Claro, ele a deixava passar um pouco de frio à noite, mas isso era culpa dela, já que ela nunca expressou seu descontentamento.

Bolhas começaram a estourar no topo da água que esquentava dentro do fogo. Merc removeu o pote e o colocou no chão, o baque surdo informando a ela que ele colocou um pano embaixo dele, então ele não queimou o chão.

— Eu realmente cheiro tão mal? — ela perguntou brincando, com os lábios franzidos, mas curvados para cima.

— Não, mas as mulheres cuidam melhor da higiene do que os homens. — Suas roupas farfalharam quando ele se levantou. — Coma enquanto esfria. Vou sair, lavar e verificar a área ao redor para ter certeza de que é seguro.

Quando a porta se fechou, Raewyn se sentou e finalmente tirou a bolsa de seu torso. Ela cavou através dela, e seus ombros se viraram para dentro com a quantidade de comida que ela tinha

deixado. Ela estava racionando, mas Merc disse que a cidade mais próxima ainda ficava a alguns dias de caminhada. Ele nunca disse a ela quantos mais, estranhamente vago sobre isso, mas ela estava começando a se preocupar com quanto ainda tinha.

Ela comeu o resto do que era macio e provavelmente começaria a estragar.

Assim que terminou, ela finalmente tirou as botas e massageou os pés através das meias. Eles doíam terrivelmente, e ela ficou aliviada por ter se libertado das prisões dos pés.

A panela de duas alças estava quente ao toque, mas ela enrolou o que quer que estivesse embaixo dela nas alças e a ergueu do chão. Ao sentir a sala principal antes, duas das janelas não tinham cortinas ou persianas.

No entanto, o quarto que antes não era um ninho de demônios tinha apenas uma janela e sua cortina estava totalmente intacta.

Mesmo que ela confiasse que Merc não iria espioná-la como um canalha pressionando o rosto pela janela, ela não queria que ele acidentalmente a visse do lado de fora.

Sabendo que sua chance de privacidade poderia ser limitada, Raewyn começou a se despir. Pela primeira vez em três dias, ela tirou o manto, a venda e o lenço na cabeça.

Ela abriu uma jarra de óleo, derramou algumas gotas na palma da mão e esfregou as mãos até espalhar uniformemente. Ela então passou por suas duas tranças, tomando cuidado especial com o cabelo para garantir que ele continuasse protegido durante as viagens.

Uma vez feito, ela enxugou o corpo. Ela também esfregou os olhos, notando que a pele sensível em seu rosto estava irritada com

pequenas protuberâncias da venda.

O óleo que ela usou no cabelo também era bom para a pele, então ela passou uma pequena quantidade no rosto. Ela também tomava cuidado extra com os pés, tentando aliviar as bolhas e as dores gerais que sentia só de andar sobre eles. Até os joelhos chamaram atenção pela rigidez.

O tempo todo, ela ouviu com atenção para se certificar de que Merc não tinha voltado ou chamado por ela. O chão era velho e rangente, e isso lhe deu conforto em sua capacidade de senti-lo.

Quando ela estava limpa da cabeça aos pés, ela ficou sentada no chão por um longo tempo com os joelhos no peito.

Eu odeio isso, pensou enquanto apoiava o queixo nos joelhos. Eu odeio ter que me esconder. É terrível para a minha pele e está tornando esta jornada muito mais desagradável do que precisa ser.

Se pudesse, passaria a noite trancada neste quarto só para ficar livre de suas roupas e se sentir mais como ela mesma. Mas, quando sua orelha se contraiu com um ruído aleatório do lado de fora, ela suspirou e pegou suas roupas sujas.

Com o resto da água, ela as esfregou com a barra de sabão de tecido que ela tinha. Ela as deixou na água de molho enquanto tirava roupas limpas da bolsa e se vestia antes de enrolar o cabelo mais uma vez.

Ela vestiu a capa e um par de meias, mas se recusou a calçar os sapatos por enquanto.

Ela abriu a porta e, enquanto segurava o pote de roupas lavadas, enfiou a cabeça para fora. — Merc?

Ela não obteve resposta.

Ela saiu para torcer as roupas do excesso de água e as trouxe de volta para dentro para secá-las em frente ao fogo. Ela se sentou na frente dele também.

Assim como ela estava se perguntando onde Merc estava, o carrilhão de sinos se moveu pela casa. A cada esquina, aqueles sinos diminuía em número até o último, e então o silêncio era completo, além de sua respiração e das chamas baixas.

Passos rangeram na varanda e uma rajada de vento soprou seu cheiro fresco e limpo de fuligem para dentro da casa.

— Você esteve fora por um tempo — afirmou ela.

Como sempre, Merc grunhiu em vez de responder. A porta se fechou e ela seguiu o som de seus movimentos, mapeando onde ele estava na casa. O fogo rachou quando algo grande foi colocado dentro dele, provavelmente mais combustível.

Então ele se sentou contra a parede ao lado da lareira. Apesar do tamanho da casa, ele escolheu sentar-se relativamente perto dela.

— Por que você está usando sua capa? — Ela se encolheu quando a ponta de um dedo roçou sua bochecha, como se ele estivesse empurrando o capuz para trás. — Estamos dentro; você não precisa disso.

Ela a enfiou de volta na cabeça corretamente.

— Eu apenas prefiro usá-la, — ela respondeu, antes de abrir um sorriso para ele.

Suas costas se moveram contra a parede como se ele tivesse se inclinado para o lado para ver melhor o rosto dela.

— O que você está escondendo aí embaixo? Não esperava vê-la vestida da cabeça aos pés de novo.

— Não estou escondendo nada. — A mentira não foi muito convincente, especialmente porque ela disse isso na defensiva.

Ele suspirou com verdadeiro aborrecimento, como se sua paciência estivesse se esgotando.

— Você está até usando um novo pedaço de material sobre o rosto. Tenho certeza que é desconfortável usar tudo isso. É verão, pelo amor dos Deuses. A maioria das pessoas assa no calor mesmo usando muito pouco.

— Fico com frio com muita facilidade — ela admitiu. — Mesmo agora, acho um pouco frio aqui.

— Percebi que você treme muito, mas isso ainda não explica por que você está vestido para o inverno. Ninguém acha que é tão frio durante o verão.

— E-eu ouvi você se movendo pela casa antes com sinos. Por que?

Merc deu um zumbido.

— Você ouviu isso, não é? Você tem uma audição muito boa.

Era por isso que ela achava seus constantes passos silenciosos tão alarmantes o tempo todo. Então, novamente, muitos Elysianos eram quietos em seus pés, e Cykran era o pior por se esgueirar até ela.

— O que você estava fazendo? — ela pressionou, sabendo que Merc poderia ser evasivo com suas próprias respostas tanto quanto ela.

— Eu estava colocando feitiços para proteger a casa. Esta noite, nenhum de nós será comido por demônios, não importa quanto som, medo ou sangue façamos.

As costas de Raewyn enrijeceram.

— Você não me trouxe aqui para me matar, trouxe?

A risada que veio de Merc foi doentiamente sombria, o momento ameaçador. Ela não sabia se ele estava sendo assustador com suas palavras de propósito para zombar dela, mas ela realmente não gostou.

— Se eu quisesse você morta, teria feito isso no primeiro dia.

Raewyn riu, esperando quebrar a tensão mesmo quando seu estômago de repente se contorceu com a incerteza. Ela estava feliz por seus olhos estarem cobertos, já que isso escondia o quanto suas sobrancelhas se ergueram de preocupação.

— Então, de volta ao tópico principal. — Seu capuz foi movido novamente. — O que você está escondendo aí embaixo?

Com um silvo irritado, Raewyn empurrou o capuz para trás e se virou para ele. Ela mostrou a ele o rosto e o lenço na cabeça, mas habilmente se certificou de não descobrir as orelhas.

— Nada, viu? — Ela o empurrou de volta com a mesma rapidez. — Eu só estou com frio, então me deixe em paz. Não é como se você tivesse compartilhado algo sobre você além do seu nome e que você veio do norte.

— Não passo de um viajante. Eu visito cidades, consigo o que preciso e depois vou para o próximo lugar.

— Você não tem uma casa, então?

— Sim, mas como eu disse, é o norte. Para alguém que perdeu a memória, você não teria ideia de onde está, mesmo que eu lhe contasse. Você ao menos sabe onde fica Rivenspire?

Raewyn resmungou: — Bem... não.

— Exatamente, então qual é o sentido de compartilhar qualquer coisa sobre mim?

— Não sei. — Ela esfregou o braço, tentando se acalmar.

— Quão mal sua memória foi afetada?

Ela deu de ombros, tentando fingir a perda de memória que ele esperava.

— Eu me lembro de algumas coisas. Conheço meus pais, minha família, minha casa, mas não posso dizer onde eles estão. Não posso nem dizer onde *estamos*.

— Você sempre esteve sem visão?

— Não, — Raewyn respondeu com sinceridade. — Por que você está me perguntando tudo isso?

— Só estou curioso sobre você, só isso. Não é como se eu estivesse pedindo para você levantar seu vestido, então por que você está agindo tão arisca?

As bochechas de Raewyn esquentaram de vergonha. *Poxa! Ele é tão direto e grosseiro. Por que ele tem que dizer coisas assim?*

— Eu não levantaria meu vestido para você, mesmo que você implorasse.

— Por que não? Eu sou um sujeito bonito. — Ela esperava que ele estivesse apenas sendo brincalhão, ao invés de um canalha.

— Eu realmente não estou com vontade de ser interrogada, Merc.

— Interrogada? A maioria das pessoas chamaria isso de 'conhecer uns aos outros'. É perfeitamente normal que alguém pergunte sobre seu parceiro de viagem. As pessoas geralmente não conversam sobre comida?

Raewyn abriu a boca, mas fechou-a quando não teve resposta. Ela inclinou a cabeça para frente enquanto mordida a língua. *Acho que ele não está errado. A maioria das pessoas faria isso.*

— Sua evasão constante de perguntas, a maneira como você esconde seu rosto e corpo constantemente... você tem que entender, eu acho você bastante suspeita.

Ela abraçou seu tronco. Ela não queria ter que se esconder dele, mas não podia confiar que um humano não reagiria mal ao que ela era. A história que o povo dela tinha com o dele não era gentil com os Elysios.

Claro, os Demônios eram piores, mas os humanos prenderam seu povo na esperança de que eles pudessem realizar seus desejos, como se fossem gênios todo-poderosos. Isso, ou eles apenas os matariam ou os prenderiam porque eram diferentes, exibindo as 'aberrações' de orelhas pontudas que eles tinham em gaiolas para outros humanos.

E se Merc a atacasse quando chegassem à próxima cidade? Raewyn não queria sentir esse tipo de traição.

— Eu te mostrei meu rosto, — ela respondeu baixinho. — O que mais você quer de mim?

A voz de Merc tornou-se profunda e firme quando ele afirmou: — Eu quero saber *quem* você é.

Raewyn deu um tapinha no chão até tocar em suas roupas, descobrindo que elas ainda não estavam secas.

— Eu vou dormir, então, por favor, não toque nas minhas roupas, — ela disse enquanto pegava sua bolsa. — Talvez eu consiga dormir direito pela primeira vez desde que saímos de Clawhaven.

Raewyn foi para a parede mais distante de Merc. Então ela se enrolou em uma bola, puxando o cobertor sobre o corpo até cobrir a cabeça. Ela cruzou os tornozelos, esperando ficar o menor possível.

Por favor, que isso acabe logo.

CAPÍTULO 5

Raewyn só adormeceu por uma hora, talvez duas, quando laranja e canela saturaram seus sentidos. No entanto, foi seu capuz sendo empurrado para trás que a fez se sentar rapidamente e afastar o braço de Merc.

— O que você está fazendo? — ela estalou, empurrando-se contra a parede enquanto apoiava os joelhos protetoramente contra o peito.

— Acorde, o sol está nascendo.

Ela puxou o capuz com mais firmeza sobre a cabeça.

— Por que você estava tocando minha capa?

— Eu não estava, — ele argumentou com um acesso de raiva.

— Eu estava prestes a dar um tapinha na sua bochecha para acordá-la.

A mentira era óbvia, e a confiança que ela sentiu na presença de Merc nos últimos dois dias estava começando a morrer.

— Q-quanto tempo vai demorar até chegarmos à próxima cidade? — ela perguntou, permanecendo sentada no chão enquanto ele se afastava dela.

— Alguns dias.

— Você está dizendo isso desde que saímos de Clawhaven.

— São alguns dias — ele soltou. — Mas eu viajo mais rápido sozinho, e sua necessidade de dormir a noite toda está me atrasando. Então, Raewyn, estou dizendo alguns dias porque não tenho ideia de quanto tempo isso vai levar.

Seus ombros se curvaram enquanto ela apertava as pernas contra o peito. Pela primeira vez em sua jornada juntos, seu coração

acelerou.

Merc suspirou.

— Desculpe, eu só estou sendo impaciente. Eu quero que isso acabe tanto quanto você. Não estou acostumado a ficar tanto tempo com a mesma pessoa. É por isso que viajo muito, e geralmente sozinho.

O sorriso que Raewyn deu foi fraco. — Está tudo bem, eu acho. Todos nós temos nossos dias.

— Aqui, — Merc disse, e o baque de algo caindo perto de seus pés a assustou. — Vamos indo.

Enquanto calçava as botas, ouvia atentamente os movimentos dele pela casa. *O que ele quer de mim?* Ela estava começando a sentir que ele não tinha permitido que ela viajasse com ele apenas para ser legal.

Então um pensamento cruzou sua mente. *E se ele estiver apenas sendo legal e eu estiver preocupada sem motivo?*

Merc nunca a machucou, nunca tentou tocá-la ou roubá-la. Ele não lhe deu nenhuma razão para não confiar nele, além de questioná-la e querer ver seu rosto corretamente.

Raewyn esfregou seu pescoço conscientemente.

É bastante suspeito da minha parte manter meu capuz o tempo todo. Talvez eu possa enfiar minhas orelhas no meu cabelo para poder abaixá-las?

Ela estava escolhendo confiar em Merc, mas, ao mesmo tempo, ele também confiava nela. O sigilo dela pode estar preocupando-o.

Seus lábios puxaram para um lado enquanto suas orelhas caíam. *Se fosse o contrário...*

— Se apresse. Você pode parecer em conflito em nossas viagens.

Raewyn tentou amarrar suas botas mais rápido.

— Eu realmente estou nos atrasando, não estou?

Uma vez que ela estava totalmente pronta para suas viagens, eles finalmente começaram a jornada. Ele a conduziu para fora, e ela segurou firmemente a corda e seguiu seus passos.

A floresta estava silenciosa, exceto pelo estranho chilrear dos pássaros, mas o vento estava leve e mais quente do que no dia anterior.

— Você está certa, — Merc finalmente suspirou.

— As pessoas costumam dizer isso sobre mim, — ela respondeu em um tom brincalhão, esperando apagar qualquer dúvida que ambos tivessem um sobre o outro. — Você terá que ser mais específico.

— Eu realmente não compartilhei muito sobre mim.

— Torna difícil confiar em alguém que você mal conhece.

Somos tão ruins quanto o outro.

Raewyn então ficou quieta, esperando que sua paciência em não cutucá-lo ainda mais o levasse a finalmente revelar algo.

Valeu a pena.

— Então, como eu disse, eu venho do norte. Rivenspire fica longe daqui, mas é bem grande. Moro a cerca de dois dias de caminhada — pelo menos, são dois dias de caminhada para mim. Cresci com minha mãe e meu pai, que, felizmente, morreram de velhice. Não tenho certeza de onde estão meus irmãos, mas tenho certeza de que estão por aí, ou mortos — quem sabe hoje em dia.

— Quantos anos eles tem? — ela perguntou.

— Agora? Um seria... trinta? Os outros trinta e quatro ou algo assim.

O sorriso que se espalhou em seus lábios era real.

— E você, então?

— Vinte e nove. Você?

— Ah. — Raewyn quase riu quando percebeu que em anos humanos, ela teria quase quatrocentos e noventa. — Tenho trinta e dois.

— Tem irmãos?

O sorriso de Raewyn morreu quando uma lança fria e dolorosa apunhalou seu coração.

— Tenho um meio-irmão mais velho, mas não sei como ele está. Não o vejo desde que era muito jovem.

— Também não vejo minha família desde que era jovem. Saí de casa depois que meus pais morreram. Acho que comecei a viajar como uma forma de luto, principalmente porque meus irmãos saíram para fazer suas próprias coisas. Eu queria descobrir meu lugar no mundo e não parei de viajar desde então.

Segurando a corda-guia conectada a ele, ela ergueu a mão mais próxima da ponta e esfregou o queixo pensativa. O que mais ela poderia perguntar a ele?

A pergunta que veio à mente a fez sorrir como uma desviante.

— Já teve amantes?

Seus passos vacilaram e tropeçaram. — Que porra é essa?

Ela sorriu. — Isso é um não?

— Claro que tive.

Sua expressão suavizou. — Como eram eles?

— Todos eles foram bons o suficiente.

— Mas eu estou supondo que o viajante em você não poderia ficar com eles?

— Você pode dizer isso. Eu quebrei muitos corações em minhas viagens.

O dia deles continuou com um vai e vem geral, e Raewyn girou tantas verdades quanto pôde em suas mentiras e evasivas. Ela se sentiu terrivelmente mentindo para Merc, mas a confiança necessária entre eles para ela revelar o que ela era, de onde ela veio, era um risco muito grande.

Ele, no entanto, estava sendo estranhamente tagarela. Ela aprendeu muito sobre ele, e tudo o que ela fez acrescentou à sua personalidade. Ela se viu amolecendo em relação a ele, e a estranha noite anterior foi lavada.

Também a ajudou a esquecer sua jornada pela floresta enquanto ouvia cada palavra que ele dizia. Aparentemente, sua cidade tinha sido um local de cultivo que alimentava as aldeias mineiras próximas, que em troca forneciam minério para a cidade de ferraria e carpintaria. Toda a área trabalhava como uma unidade e negociava regularmente umas com as outras - e ajudavam-se mutuamente quando necessário.

Ele aparentemente foi um dos poucos corajosos o suficiente para ir para a floresta cortar lenha e disse que ainda usava a camisa de lenhador para combinar com ela - era bastante áspera em sua pele sempre que suas mãos a roçavam. Ela imaginou que era por isso que ele estava confiante fora dos muros protetores das cidades e aldeias.

Quando a temperatura começou a cair, Merc informou que eles precisavam ficar mais quietos agora, já que a noite estava caindo. Ele estava sempre alerta durante isso.

— Eu sempre quis perguntar, — Raewyn sussurrou, apesar de seu aviso. — Você carrega armas? Você sabe... por lutar contra

Demônios?

— Que tipo de pergunta é essa? — ele retrucou em um tom baixo. — Claro que eu tenho. Só um idiota andaria pela floresta sem uma arma.

Raewyn mordeu a língua. *Ele acabou de me chamar de idiota? Ela não tinha nenhuma arma! Acho que ele é minha arma, no entanto. Vá em frente, escudo de carne.*

— Estou surpresa por não termos encontrado nenhum Demônio em nossas viagens, — ela disse, virando a cabeça para poder ouvir ao redor deles.

— Você realmente não sabe de nada, não é? — Merc suspirou, sua voz rouca desaprovando. — Estamos nas terras do sul. Há um muro fronteiroço feito de troncos que separa completamente esta parte do continente do resto. Isso mantém a maioria dos Demônios fora, ou, pelo menos, aqueles que não são bons em escalar.

— Ah... isso significa que as pessoas não conseguem passar por isso?

— Existem portões, como nas cidades. Agora cale a boca.

Ignorando-o, ela perguntou: — As pessoas monitoram os portões?

— Não. Você tem que abri-los você mesmo.

— Isso soa como um terrivelmente difícil...

Merc de repente se virou e agarrou seu rosto inteiro para acalmá-la. Seus olhos se fecharam sob a venda, e ela bateu em seu antebraço, mal conseguindo respirar. A boca dela estava coberta pela grande palma da mão dele, e a pele entre o polegar e o indicador bloqueava parcialmente o nariz dela.

Ele estava bem na frente dela, a apenas alguns centímetros de distância, e ela podia sentir seu hálito quente em sua testa.

– *Shhh*, – ele exigiu, chegando ainda mais perto. – Algo está vindo.

As orelhas de Raewyn recuaram, uma contração natural que deixou sua audição mais alerta. Ótimo. Suas palavras evocaram as mesmas criaturas sobre as quais ela estava perguntando?

Somente quando ela acalmou seu pulso batendo rapidamente de pensar que Merc estava tentando machucá-la, ela finalmente notou o baque de patas. Algo estava correndo na direção deles de quatro, e era mais rápido do que qualquer coisa que ela já tinha ouvido.

Raewyn balançou a cabeça na palma da mão para rejeitar a ideia de um monstro vindo em sua direção, embora apenas, já que seu aperto era forte.

– Fique quieta e mantenha-se calma. Não cheire a medo.

Ele a trouxe para mais perto de seu corpo e, pela primeira vez, ela entendeu como ele realmente se sentia.

Ele era muito maior do que ela pensava que seria. Seu corpo era denso de músculos, grosso e largo com eles. Ele tinha um intestino ligeiramente protuberante, como se tivesse uma camada de gordura sob um pacote de oito músculos do abdômen.

Como se estivesse tentando escondê-la, ele passou um braço grande e forte em volta da cintura dela. Seu manto caiu ao redor dela para protegê-la ainda mais.

Forçando-os juntos empurrou a mão dele para baixo, cobrindo apenas a boca dela, mas também permitiu que ela sentisse os troncos que ele chamava de pernas.

As pálpebras dela vibraram com o cheiro de draflium. Apesar do perigo que ela podia ouvir claramente nas proximidades, seu corpo ficou quente com a excitação. O calor do corpo dele, misturado com o frescor daquele perfume, fez com que uma estranha onda de desejo se apertasse em suas entranhas.

Raewyn fechou os olhos com força. *É um placebo. Não é real.*

A flor de draflium, ao brilhar à noite, era um poderoso afrodisíaco quando ingerida. Não fazia nada quando tocada ou cheirada, mas ela brincou com seus efeitos uma ou duas vezes para se divertir.

Coloque sua cabeça no lugar, Rae, ela exigiu. Ela foi forçada a sugar seu cheiro novamente, e seus mamilos se apertaram. Ela apertou as coxas juntas quando o líquido começou a se acumular em sua entrada. *Ele cheira bem, no entanto.*

Ela quase quis babar.

— Foda-se, — Merc soltou. — É tarde demais. Ele captou seu cheiro.

Sua névoa preguiçosa e desejosa foi cortada quando ele a pegou e a empurrou para a curva de um tronco de árvore. Ele a soltou, e o ar fresco e não indutor de excitação limpou seus pulmões.

— Fique aí e nem pense em se mover.

— Espere...

Um rugido feroz a interrompeu desta vez, e ela se encolheu na árvore. Estava perto agora, nem mesmo alguns metros. Bestial e assustador, parecia enorme.

Um material longo e pesado caiu sobre Raewyn, fazendo-a estremecer.

— Coloque isso sobre você. Vai desorientá-lo enquanto luto contra ele.

Quando ela empurrou o tecido para o rosto, sentindo sua textura grossa e desgastada com as pontas dos dedos, ela percebeu que era a capa dele. Seu peito vibrou com facilidade. Ele se preocupava com a segurança dela e não planejava usá-la como uma distração para se salvar.

Era algo que a preocupava.

— Você vai ficar bem? — ela perguntou baixinho, envolvendo a capa dele em volta dela.

— Se algo rosnando estiver vindo atrás de você, faça o que for preciso para se proteger. Não pense, apenas faça.

Suas sobrancelhas se franziram ainda mais, mas quando ela abriu a boca para responder, os passos que se aproximavam pararam. A criatura havia saltado. Um rugido passou direto por ela e terminou exatamente onde Merc estava parado.

Um baque profundo a fez choramingar, mas ela cobriu a boca com as duas mãos para ficar quieta. Seu coração apertou com tanta força que ela pensou que os tendões que o mantinham no lugar iriam se romper.

Além de um grito singular, Merc estava quieto, enquanto seu atacante era uma mistura de presas estalando, chocalhando ossos e rosnando. Fosse o que fosse, um Demônio ou o Caminhante do Crepúsculo que ele mencionou, parecia maior do que ele.

A criatura tinha um cheiro estranho, mas era sufocante, como se estivesse evoluindo para algo agradável. Ficou doce.

Essa doçura foi abafada quando o sangue acobreado penetrou no ar.

Uma inspiração aguda sibilou, e os olhos de Raewyn se enrugaram em arcos. *Merc está ferido*. Ela queria ir até ele, para ajudar, mas sabia que só iria atrapalhar.

— Dê-a para mim, — uma voz distorcida e estrondosa exigia.

— *Foda-se*, — Merc cuspiu.

O grito de Raewyn foi alto para seus próprios ouvidos quando sua panturrilha foi agarrada e ela foi jogada de costas. Enquanto ela era arrastada pelo chão, a ação desalojou sua venda e ela viu um brilho intenso de duas esferas vermelhas brilhando na escuridão agora que não estava mais bloqueando sua visão. Ela estava muito assustada para se demorar no motivo de tê-las visto.

O pavor rastejou por sua espinha como um dedo horivelmente frio tentando rasgar seu caminho até o osso. Ela chutou os pés, batendo contra um rosto duro, enquanto paus e pedras arranhavam suas costas.

O monstro soltou um grito de dor, não por causa de suas ações, e ela foi libertada.

Em suas mãos e joelhos, Raewyn tremia, seus braços trêmulos, enquanto ela rastejava de volta para a árvore onde a capa de Merc estava no chão. Ela a jogou sobre si mesma e se encolheu nas raízes enquanto ajustava a venda.

Raewyn estava pronto.

O que quer que Merc estivesse lutando, não era um Demônio normal. Ele era um humano. Ele seria muito lento, muito fraco, para lutar contra algo assim.

Mesmo um elfo perderia essa luta.

Ela estava pronta, reunindo magia em suas mãos para poder se proteger quando precisasse.

Tudo o que ele tem a fazer é enfraquecê-lo. Se ele o enfraquecesse, e ela se certificasse de que eles não estivessem conectados em uma união de membros, ela poderia ajudar a matá-lo.

Ela explicaria de onde vinha a magia mais tarde. Vou apenas alegar que sou uma Anzúli.

Assim como um rugido estrondoso e ensurdecedor sacudiu a própria fundação de seu núcleo, outro grito soou. Foi interrompido pelo estalo de ossos minúsculos; um pescoço foi torcido.

Um silêncio sinistro desceu sobre a área.

Raewyn prendeu a respiração, como se isso fosse o suficiente para esconder sua presença. Alguém havia morrido, e a mistura de sangue e cheiros tornava muito difícil distinguir quem.

Não... na verdade não era silêncio.

Houve o menor estrondo, e ela não tinha certeza se era um rosnado silencioso ou não. Era muito difícil ouvir sobre seu próprio pânico, seu batimento cardíaco e o crepitar da magia que irradiava logo abaixo de sua pele, vibrando contra todos os seus ossos. Só ela podia ouvi-lo.

Ela corajosamente se levantou lentamente. Ela queria liberdade para correr caso precisasse.

Sua saliva entalou em sua garganta quando a grama e as folhas estalaram sob os passos que se aproximavam dela. Quem ou o que quer que fosse, estava coberto de muitos cheiros, especialmente sangue picante e estranho, e suas respirações eram profundas e estrondosas.

— Fique para trás, — ela alertou.

— Acalme seu medo. Você não está ajudando. — A voz de Merc estava tensa, mais profunda que o normal. — Você pode trazer

mais.

Lágrimas de alívio brotaram em seus olhos.

— Merc! — ela gritou enquanto saltava para frente e envolveu os braços ao redor da base de sua cabeça. — Pela sagrada Donzela Dourada, pensei que você estivesse morto.

Enquanto ela estava agarrada a ele, Merc recuou. Ela podia sentir que ele levantou as mãos como se quisesse evitar tocá-la.

— Deixe ir, — ele exigiu, sua voz áspera bem perto de seu ouvido. — Não gosto de ser tocado.

Bem, é melhor ele se acostumar com isso! Porque, agora, ela estava tão feliz que ele estava bem, ela pensou que nunca iria querer deixá-lo ir.

— Obrigada, — ela sussurrou, enterrando a cabeça no pescoço dele, ignorando a textura que roçou sua testa. Ela pensou que poderia ser o cabelo dele. — Muito obrigada por me proteger. Não sei o que teria feito sem você.

Raewyn foi beijar sua bochecha, para mostrar fisicamente o quão agradecida ela estava. Em vez disso, ela deu uma cabeçada em algo longo e forte. Como *super* duro. A mão dela pressionou contra o rosto dele para se afastar enquanto ela cuidava do osso da testa que ardia.

— Ai, o que é... — Raewyn fez uma pausa quando percebeu que o que estava segurando não parecia carne, mas sim osso.

Suas mãos acariciaram uma vez, apenas para descobrir que não era plana, mas parecia mais um... focinho ossudo?

Isso não é um rosto humano. Na verdade, não era nem um rosto, parecia mais o crânio de um animal. A separação das presas a fez perceber que era real e não uma estranha alucinação.

Com um grito agudo, Raewyn se afastou e caiu contra o chão. Ela fugiu para trás em seu traseiro para ficar longe dele.

— O que... — Seu coração estava quase na garganta quando ela gritou: — O que você é?!

A risada baixa e silenciosa que ecoou dele era sombria e quase *cruel*.

— Agora, por que você teve que fazer isso?

Um pressentimento de terror tomou conta dela desde a ponta de sua testa até enviar um arrepio por sua espinha. As orelhas de Raewyn se achataram para trás em seu medo sufocante.

— O-onde está Merc? O que você fez com ele?

O Demônio, ou criatura... o que quer que fosse. Deve ter levado sua voz de alguma forma. Era isso. Tinha *que* ser isso. Os demônios podiam obter magia enganosa consumindo aqueles que tinham afinidade com ela - como os elfos elysios.

— O Demônio está morto, Raewyn. — Seu queixo caiu ao ouvir seu nome sendo dito, sua boca seca. — Você tem viajado comigo o tempo todo.

Uma coisa se tornou assustadoramente óbvia quando ele deu um passo à frente, e ela ouviu o distinto raspar de garras cavando no solo. A razão pela qual ela nunca foi capaz de ouvir seus passos... a razão pela qual ele foi difícil de rastrear... foi porque ele nunca usava sapatos.

Ela estava viajando com um monstro.

Raewyn se levantou e, com as mãos em concha no peito, ela se afastou dele.

— Não se atreva a correr, — ele alertou.

Claro, Raewyn correu.

Risadas maníacas explodiram dele e continuaram a distância, não importa o quão longe ela conseguisse chegar. Com galhos e folhas cortando sua roupa e rosto, ela fez seu coração disparar. Sua respiração gaguejou, aquecendo seus lábios enquanto o ar os congelava.

Nada poderia abalá-la do medo que a esmurrava.

Tudo o que ela conseguia pensar era *que ele mentiu para mim*.

CAPÍTULO 6

Merikh soltou uma risada sombria e cheia de humor enquanto observava Raewyn fugir correndo, sabendo que ela o faria.

Com as mãos para a frente, ela quicou árvore após árvore, e ele apenas riu. Não importa o quão longe ou rápido ela corresse, ele inevitavelmente alcançaria sua *presa*.

No entanto, sua risada também era um produto de frustração porque, por três malditos dias, ele estava levando essa mulher em uma caçada boba pela maldita floresta!

A cidade mais próxima de Clawhaven era apenas uma caminhada de dois dias, e ele estava guiando esta mulher em círculos, esperando que ela apenas lhe dissesse o que diabos ela *era*.

Porque Merikh sabia... ele sabia que esta mulher não era humana, e ele sabia disso em Clawhaven. Ela cheirava madura com forte magia; ele notou isso até pelo pano de focinho que usava para diluir os aromas.

Então, o que diabos ela era?

Por uma semana, ele vinha seguindo essa mulher por aquelas ruas cheias de escória, imaginando a melhor forma de abordá-la para que pudesse levá-la a segui-lo até a floresta. Ser direto e pedir parecia muito suspeito - especialmente quando seu pedido constante, quase patético, por um viajante foi rejeitado tantas vezes. E ela já havia revelado que era cautelosa com as pessoas, pois raramente interagia com alguém, exceto quando necessário.

Então, ele observou, esperou e planejou.

Ser o 'cavaleiro de armadura brilhante' era a melhor abordagem que ele poderia pensar. Ele era um bastardo insociável

na melhor das hipóteses, então precisava de um disfarce protetor para mascarar sua verdadeira natureza e intenções.

Ele se sentiu péssimo por ter pago aqueles quatro humanos para assediar esta mulher? Nem. Um. Pouco. Não quando todos os seus problemas terminariam em breve, ao lado de sua vida.

A única razão pela qual ele não estava correndo atrás dela era porque ele estava empurrando para trás aquelas miseráveis e exigentes mãos que imploravam para ele perseguir sua presa fugitiva e rasgá-la em pedaços.

Ele iria, eventualmente, mas Merikh queria saber *o que* ele estava comendo primeiro... e onde ele poderia encontrar mais.

Depois de uma respiração profunda e pacificadora, que lhe deu confiança de que havia suprimido o pior de sua fome por carne doce e deliciosa, ele pegou sua capa. Ele a pendurou nos ombros e caminhou calmamente atrás dela.

Corra, coelhinha. Corra.

A batida do coração dela era ensurdecadora à distância, uma pequena palpitação assustada, e era uma bela batida enquanto ele a seguia. Seu perfume era doce, dividido em três tipos diferentes.

Um de medo inegável, tão delicioso que o fazia salivar apesar do pano do focinho.

Um de seu cheiro, que irritantemente às vezes fazia sua costura estremecer. Convallaria majalis, ou lírio do vale, foi o mais próximo que ele conseguiu de um nome. Isso estava envolvendo sua mente como uma pequena dor horrível nos últimos três dias. Era tão agradável quanto tóxica.

Então, finalmente, seu perfume mágico que se entrelaçava com seu odor corporal de lírio: sálvia esclareía - tão terroso, tão vibrante e

tão rico em poder.

Era aquele cheiro de sálvia que ele mais estava interessado. Ele não só queria isso, mas precisava disso, se ele quisesse sair desse reino infernal.

Um pequeno grunhido saiu do fundo de sua garganta, um som que ele estava escondendo como grunhidos.

Cada dia que Raewyn agia timidamente, andando na ponta dos pés ao redor dele para não compartilhar um pinga de informação sobre o que ela era, era um dia que ele perdia tentando descobrir como sair deste reino.

Ele esperava que ela abaixasse o capuz, mas era como se a maldita coisa estivesse presa em sua cabeça. Sempre que ele tentava se aproximar dela enquanto ela dormia, ela acordava de repente e ele fingia que estava fazendo outra coisa.

O desejo de arrancá-lo dela era quase inegável, mas ele precisava que ela lhe desse informações *de bom grado*. Uma mulher confusa e assustada não lhe serviria de nada.

Parecia que era tarde demais para isso.

Ele esperava que o Demônio a fizesse confiar mais nele. Em vez disso, significava que agora ela sabia que ele não era humano.

Oh! E aquela maldita história inventada que ele deu a ela hoje... Aquela sobre ter uma família humana, vindo de uma cidade agrícola – a coisa toda tinha sido uma merda para fazê-la falar. O que, de fato, tinha, mas tudo o que ela compartilhou foi totalmente inútil.

Sua abordagem amigável e tagarela falhou, mas ele percebeu que poderia ter sido a chave para ela finalmente escorregar e dizer a ele algo de valor. Ela parecia bastante sincera quando ele fingiu estar engasgado com seus 'pais'.

Ele esperava jogar com isso no futuro.

Em vez disso, agora ele estava sendo forçado a adotar uma nova abordagem.

Ela falaria, querendo ou não, e ele prometeria que tudo ficaria bem, quando, na verdade, não estaria. Ela tinha muita magia, algo que ele procurava sempre que visitava cidades humanas - com eles sem saber sobre o monstro andando entre eles.

Raewyn seria apenas mais uma pessoa adicionada à lista de rostos que ele não conseguia se lembrar de ter comido.

Merikh continuou a segui-la, seus orbes naturalmente vermelhos brilhando de fome, quando ele a viu entre as lacunas nas árvores.

Seu novo futuro poderia estar ao seu alcance - tudo o que ele precisava fazer era agarrar a chave em potencial tentando escapar.

Merikh se lançou para frente e a derrubou no chão, descuidando de ambos os corpos. Ele passou o braço ao redor de seu torso magro e o ergueu enquanto se ajoelhava sobre ela.

Seus pequenos empurrões eram fofos, mantendo a força, mas não o suficiente para separá-los.

— Solte-me! — ela gritou com os dentes cerrados.

— Vamos ver o que você está escondendo, — ele rosnou enquanto agarrava sua capa e bandagens de cabelo. Ele até tinha suas garras enroladas sob a tira de pano que cobria os olhos dela, e puxou os três para trás para finalmente revelá-la.

A agressão de Merikh rapidamente se esvaiu dele.

Cabelos longos e brancos caíam livremente como duas grandes tranças nas costas. Até os cílios e as sobrancelhas altas e arqueadas eram brancos e contrastavam com sua tez.

Sua pele era lisa, escura, castanho-acinzentada, mas tinha um estranho tom de cinza, em vez de rosa ou verde-oliva. Manchas escuras pontilhavam seu nariz de botão e maçãs do rosto salientes como sardas, com uma marca de beleza ainda mais escura sob o olho direito.

Suas bochechas e mandíbula eram arredondadas, em vez de afiadas, e a faziam parecer doce. Seus lábios cheios e carnudos estavam torcidos enquanto ela lutava contra seu aperto, mas eles foram ignorados.

Seus olhos chamaram sua atenção.

Com um anel quase preto envolvendo um marrom acastanhado, foram suas pupilas *brilhantes* que o impressionaram. Em vez de serem negras, suas pupilas brilhavam como estrelas brancas que se bifurcavam em suas íris, e ele percebeu que ela era realmente cega por causa delas.

Putá merda. Ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto, e ele tinha visto quase tudo em sua longa vida.

Demorou mais do que deveria para ele notar suas orelhas longas e pontudas, ou os estranhos símbolos pretos que seguiam a linha do cabelo.

Por um longo momento, ele ficou parado olhando para seu rosto ridiculamente hipnotizante. Ele nunca tinha visto alguém tão bonita.

Quando ele notou a combinação de seus cabelos e orelhas, a familiaridade deles ocorreu a ele.

— Puta merda, — ele murmurou. — Você é uma maldita elfa.

Suas pálpebras, com cílios longos, cheios e brancos, se arregalaram em choque.

— Solte-me!

Seu cheiro de sálvia se intensificou – depois de ter sido suave desde que eles deixaram Clawhaven – e os estranhos símbolos em seu couro cabeludo brilharam em cinza. Então, eles pulsaram com verde.

Merikh grunhiu quando vinhas feitas de capim alto, giradas como cordas, envolveram seus membros, incluindo sua garganta. Ele foi puxado para trás como se não fosse nada além de uma boneca de pano.

Ele não estava preparado para isso; ele perdeu o controle sobre ela e bateu contra uma árvore. Um grito rasgou dele quando sua espinha estalou quando ele se enrolou no tronco um tanto fino.

Ela virou-se sobre as mãos e os joelhos, prestes a ficar de pé, mas Merikh rugiu e saltou para ela. Antes que ela pudesse fugir, ele agarrou seu tornozelo e puxou.

Raewyn soltou um grito de dor quando ela não gozou totalmente com ele, e ele olhou para cima para ver que ela tinha enrolado mais cipós em seu antebraço para se manter longe. Então ela o chutou sob a mandíbula, empurrando suas presas juntas antes que sua cabeça fosse para trás.

O chute foi forte, muito mais poderoso do que um humano, e quase o fez cair de costas. Felizmente, ele permaneceu de joelhos, mas ela conseguiu escapar de seu aperto.

Com seu cheiro cheio de medo, a única coisa que a salvava de Merikh entrar em frenesi era o pano especial descansando sobre o buraco do nariz de seu focinho ossudo de urso. Ele podia sentir o cheiro através dele, mas estava fortemente diluído.

Ele ia perder o controle, ela se contorcendo e lutando excitando uma parte sombria dentro dele que ele abraçou por muito tempo. Sua fome, seu desejo de aumentar sua humanidade.

O problema era... agora que ele sabia o que ela era, ele não estava mais interessado em comê-la. Ok, talvez um pouco, e muito mais tarde, mas ele tinha planos para ela primeiro. Ele aceitaria sua ajuda, quer ela quisesse ajudá-lo ou não.

Com um grunhido, Merikh se lançou sobre ela novamente.

Ela o ouviu chegando, e um escudo se formou acima dela como uma cesta de grama grossa. Seus elos pareciam hexágonos, e seu rosnado se aprofundou enquanto ele tentava cavar para chegar até ela. No entanto, quando ele rasgou uma conexão, outra rapidamente se formou em seu lugar. Ele jogou talos de grama de seus punhos para poder cavar novamente.

Ele cavou e cavou, indo cada vez mais rápido até que ele era mais rápido do que seu feitiço irritante. Assim que conseguiu segurar com as duas mãos o buraco que havia feito, ele rasgou o escudo dela em dois.

— Por favor, — ela choramingou, mas ele apenas se abaixou e agarrou sua garganta e ombros com sua mão grande.

Ele a trouxe para mais perto, seu coração acelerado de emoção — não apenas por causa dessa batalha difícil, mas pelo potencial que estava diante dele. Ele estava vibrando de alegria.

— Como você chegou aqui? — ele perguntou, sua voz rouca de excitação. — Como você chegou à Terra? Onde está o portal?

— Me deixe em paz!

Vinhas tentaram envolvê-lo novamente, mas desta vez ele ouviu o farfalhar e rolou para o lado para se esquivar. Ele a levou

com ele, sem se importar se a machucaria no processo.

— Podemos voltar lá? — Ele a sacudiu quando ela não respondeu. — É por isso que você estava desesperada para deixar Clawhaven? Para voltar a um portal?

Seus olhos estavam bem fechados, assim como seus punhos. Ela estava com tanto medo dele que estava visivelmente tremendo, e pequenas gotas se acumularam em seus longos cílios.

Em voz baixa e trêmula, ela gritou: — Você vai me matar?

Foi como um soco no estômago que o deixou sóbrio.

Ele olhou para cima e ao redor em seu ambiente. Ele a estava assustando, assustando-a como o inferno, e só porque ele estava usando uma barreira de cheiro para se esconder do medo e dos cheiros de sangue não significava que estava realmente escondido.

Preciso acalmá-la ou ela trará uma horda de Demônios sobre nós.

Desajeitado, como nunca havia confortado outra pessoa antes – um predador acalmando uma presa seria estranho – ele acariciou a cabeça dela. Honestamente... foi o melhor que ele conseguiu pensar.

No entanto, ele continuou fazendo isso, acariciando o cabelo dessa elfa trêmula, enquanto dizia: — Eu lhe disse ontem, se eu quisesse você morta, você estaria morta.

Isso não fez absolutamente *nada* para aliviá-la. Suas garras raspando sobre ela provavelmente não o estavam ajudando.

Já era tarde demais.

Em instantes, o cheiro fétido de podridão flutuava no vento, assim como as batidas rápidas de um Demônio veloz se aproximando.

Merikh foi pegá-la em seus braços e correr com ela, seu precioso e valioso prêmio, mas um ruído de asas vindo de cima o fez

olhar para cima. Ele desprezava os Demônios alados por esta mesma razão: eles eram difíceis de rastrear, pois podiam deslizar quase silenciosamente, e seus cheiros nunca o alcançavam a tempo.

Ele desceu no momento em que ele virou sua visão para cima, e ele se jogou sobre Raewyn para protegê-la.

O chilrear de morcego misturado com o grito mutilado que ele deu ao mergulhar.

— Um Mavka! Serei recompensado se levar sua caveira para o Véu!

Os Demônios sempre diziam isso hoje em dia, embora não o fizessem há dois anos. *Você será apenas mais um adicionado ao número de Demônios que matei.*

O humor que apertava seu peito estava cheio de malícia. Ele ficou tenso, e a base das longas e afiadas penas que geralmente ficavam planas sobre suas costas, panturrilhas e antebraços endureceram. Suas penas se ergueram, criando uma densa camada de espinhos mortais que rasgaram sua camisa de flanela vermelha, as pernas da calça preta e a capa marrom-escura.

O grito do Demônio parecido com um morcego era ensurdecedor quando ele esfaqueou seus pés com garras nas penas.

Em seu medo e confusão, incapaz de ver o que estava acontecendo, Raewyn bateu em seus ombros. Ele duvidava que ela fosse capaz de sentir qualquer coisa acontecendo ao redor deles com seu corpo e capa protegendo-a. Ele seria uma barreira de som e cheiro.

Seu medo também poderia não estar permitindo que ela registrasse o que realmente estava acontecendo ao seu redor.

Os chifres de touro apontando para cima no topo de sua cabeça foram suficientes para afastar o Demônio de agarrar seu crânio. No momento, de cima, Merikh era intocável.

Ainda assim, se ele não acalmasse a mulher que tremia embaixo dele, que estava tentando rastejar para fora dele, mais Demônios viriam.

Ele ergueu o antebraço em preparação para empalar aquele que vinha de quatro pelo lado. Ainda estava para romper a linha das árvores.

— Raewyn, eu preciso que você...

O estrangulamento agonizante que veio de Merikh foi profundo, cortando suas palavras, quando ela o chutou na porra da costura. Seu corpo inteiro ficou rígido. Seus orbes vermelhos brilhantes ficaram brancos de dor, e a bola sólida de seus orbes oscilou, como se ele estivesse prestes a chorar lágrimas etéreas.

O corpo ágil da elfa enganava quanto à força que ela poderia exercer. Sua virilha irradiava agonia, a ponto de sua cauda escondida se enrolar em sua perna em aversão.

Então, assim que o segundo Demônio invadiu a área e saltou para eles, empalando-se com os espinhos na parte de trás de seu antebraço, ela fez isso de novo. Merikh gritou quando seu braço dobrou e seus joelhos tentaram virar para dentro para que ele pudesse proteger sua virilha.

Inútil, já que ela estava entre suas pernas.

O grito do Demônio a fez pular de susto e ofegar.

— O que é que foi isso?

Merikh gritou novamente quando o Demônio acima mergulhou e o cortou bem na bunda. Ele não tinha penas para

protegê-lo lá. Normalmente, ele tinha o rabo livre para golpear defensivamente.

O Demônio atualmente preso ao seu antebraço se debatia, pois havia se empalado no estômago. Isso deixou seu membro pesado, e os gritos constantes e agonizantes enquanto tentava desesperadamente se libertar eram irritantes. Ele puxou o braço para trás para desalojá-lo com um grunhido.

Com um gemido, o Demônio recuou com um rastro de sangue roxo pingando. Ele não foi embora, mas sua dor e medo o deixaram com medo de se aproximar novamente – pelo menos enquanto ele estava protegendo o que ele queria se alimentar.

– Não se atreva a me chutar no pau de novo – grunhiu Merikh, o branco de seus orbes queimando em vermelho. – Atualmente, eu sou a única coisa que está entre você e os Demônios que você está tolamente trazendo sobre nós com seu medo.

– Demônios? – ela guinchou, antes de estupidamente tentar enfiar a cabeça entre os braços dele para poder... ouvi-los ou cheirá-los, talvez?

Ele a colocou de volta segurando o topo de sua cabeça, assim como o mergulhou. Deve ter pensado melhor quando percebeu que ia acertar seus espinhos, e voou para cima para avaliar a melhor forma de atacar.

O espaço entre as costas e os espinhos da panturrilha era pequeno e, se não acertasse com precisão, acertaria um rosto cheio de espinhos. Batê-lo lá da última vez foi uma sorte, mas ele imaginou que o Demônio entendia o quanto seria arriscado tentar de novo.

— Controle seu medo. Mudei meu olfato, mas acabará me afetando, e então os Demônios terão que lutar comigo pelo seu cadáver.

Merikh estremeceu quando seu cheiro se aprofundou. Foda-se, ele disse a coisa errada.

— Você não vai me comer de qualquer maneira? — Ela cobriu o rosto. — *Olee Giiildeed Maydin!* — ela engasgou em outro idioma que ele não entendia. — É por isso que você disse que eu descobriria que você não era meu amigo!

— Eu não vou comer você! — Ele berrou.

Ok, ele poderia comê-la, mas agora, ele precisava dela apenas para se acalmar! Atualmente, ele a estava protegendo com seu próprio corpo, mas eles estavam presos aos Demônios, a menos que ele resolvesse o problema com suas próprias garras.

— Eu preciso que você confie em mim. — Então, ele perguntou baixinho, até mesmo suplicante: — Você está fazendo isso há dias, lembra?

Ela balançou a cabeça enquanto seus estranhos olhos se enrugavam com a dor da traição.

— Você mentiu para mim.

Eu poderia estrangulá-la. Ele mesmo poderia extinguir o cheiro se a deixasse inconsciente, salvando-os de mais problemas. Ela estava obviamente em completo estado de pânico, e ele estava começando a duvidar se conseguiria acalmá-la.

Mas ele não se mexeu, nem tentou.

Isso resolveria o problema atual, mas só criaria problemas mais tarde. Ele iria precisar de sua confiança, mesmo que fosse quebrada,

porque ele não iria mais deixar esta elfa fora de seu alcance até que ele terminasse com ela.

Ela estava presa a ele - por enquanto.

Merikh respirou fundo enquanto enfrentava a rajada de vento agitando seus espinhos, usando seu frescor para ajudar a clarear sua mente.

Eu poderia usar o sangue dela para fazer um escudo.

Isso traria um monte de problemas.

Isso saturaria o ar com sangue momentaneamente até que ele a curasse, tornando seu cheiro de medo ainda mais delicioso para todos eles. Ele teria que machucá-la, e isso a faria confiar ainda menos nele.

A outra questão era que ele ficaria preso dentro do escudo com ela, já que ele só poderia projetar um escudo em torno de si mesmo.

A solução era clara, e ele virou o rosto para baixo enquanto pairava sobre ela.

— Só podemos ter essa conversa mais tarde se você sobreviver a isso. Agora, se eu me mover, você será atacada. Eu sou tudo o que protege você, tudo o que a mantém segura.

Ele *jurou* que a ouviu choramingar.

Ótimo, então a proteção dele não era boa o suficiente para a Elfa?

— Se você quiser sair dessa, vou precisar da sua ajuda.

O Demônio alado finalmente tomou sua decisão e desceu atrás de Merikh. Com garras afiadas, agarrou um de seus pés e começou a decolar.

Com um grunhido terrivelmente irritado, ele puxou a perna para trás, acidentalmente forçando-a para mais perto. Quando ele

soltou porque ele o trouxe muito perto de seus espinhos traseiros, ele chutou a coisa no estômago e ela voou para trás em uma árvore.

O outro Demônio pegou a abertura e tentou abrir caminho entre seu corpo e o chão, então ele deu uma joelhada nas costas. Ele então arrastou o joelho para trás e para o lado para que não ficasse mais embaixo dele, golpeando-o com suas garras para que ele recuasse.

Ela gritou quando deve tê-la tocado, e trouxe as pernas para mais perto entre seus corpos em uma bola.

Isso assustou algum sentido nela.

– O que você quer que eu faça?

– Crie aquele escudo ao seu redor novamente, aquele feito de grama.

Com um aceno de cabeça trêmulo, ela pressionou a testa contra o peito dele e o cheiro doce de sua sálvia mágica saturou o ar. Ele percebeu que o motivo pelo qual o perfume mágico dela era tão leve nos últimos dias era porque ele se fortalecia quando ela o usava.

Ela deve ter usado ativamente um ou dois feitiços na cidade.

Se ela não tivesse, ele pode nunca ter notado isso para começar.

A grama começou a crescer em volta de suas pernas e ele as sacudiu. Em vez disso, cresceu abaixo deles, como se ela entendesse que ele queria que ela protegesse apenas a si mesma e não a ambos.

Merikh ergueu seu corpo para dar espaço a ela enquanto a mantinha protegida. Quando o escudo dela se formou, ele se deitou sobre ele para poder mover os braços e as pernas para uma posição melhor.

Uma vez que ele estava essencialmente agachado sobre ela em suas mãos e pés, o Demônio alado acima não teve chance. Sem aviso,

Merikh saltou no ar com um chute poderoso de suas pernas grossas.

No momento em que ele se foi, o Demônio no chão correu para frente, como ele imaginou que aconteceria. Era lento, e seu escudo de grama era suficiente para mantê-lo sob controle.

Agarrando o Demônio voador pelos dois tornozelos, Merikh balançou os braços enquanto caía de volta ao solo sólido e jogou o Demônio na terra. O *estalo satisfatório* de vários ossos fez seu peito se encher de humor, e só se aprofundou quando o alado respirou fundo antes de gritar.

Ainda segurando seus tornozelos, ele deslizou contra o chão antes de lançá-lo contra a lateral de uma árvore. Ossos ocos estalaram quando uma de suas asas dobrou sobre si mesma.

Já que estava para baixo no momento, ele checou Raewyn quando notou o menor cheiro de sangue dela. Seu escudo era maior, e o Demônio estava subindo em cima dele enquanto enfiava o braço pelas aberturas hexagonais. Era menor do que Merikh, então foi capaz de encaixar um membro fino no escudo enquanto golpeava.

Merikh torceu a cabeça surpreso quando soltou um grito logo após um osso quebrar. Ele puxou o braço para trás e ele notou que seu cotovelo estava quebrado, como se ela o tivesse chutado contra o interior de seu escudo por tentar agarrá-la.

O movimento à sua frente chamou sua atenção, e ele se virou mais uma vez para encontrar o Demônio alado acordando de seu cochilo temporário.

— Sinto muito, — ele ofegou enquanto tentava rastejar fracamente para longe, uma asa raspando contra a terra, grama e restos de folhas. — Desculpe. Não a quero mais.

Merikh inclinou a cabeça. *Está implorando por sua vida?* Que patético, especialmente porque ele tinha certeza de que muitos humanos imploraram para viver enquanto ele os comia.

Não cresceu para ser tão grande, com pele pálida crescendo sobre suas feições, para não ter.

Seus movimentos permaneceram lânguidos, como se não tivesse forças para fugir mais rápido. Merikh se aproximou. Nenhum remorso o preencheu quando ele o agarrou pela cabeça e quebrou seu pescoço. Ele terminou o trabalho pulverizando todo o crânio com as duas mãos em uma explosão de matéria cerebral - apenas para ter certeza de que estava realmente morto.

Quando ele se aproximou do Demônio menor, ele sibilou para ele como uma criatura selvagem enquanto ficava de quatro em cima do escudo de Raewyn. Ele estava entrando com o outro braço, apenas implorando para ser chutado novamente.

Como tinha feito com o alado, ele o agarrou pelos tornozelos e o jogou contra o chão.

— Você chama a si mesmo de Demônio? — ele rosnou. — Você não passa de um incômodo.

Ele quebrou seu crânio levando o joelho até o peito e pisando nele com toda a força que tinha em suas pernas fortes. Cérebro e sangue respingaram com um estalo sob seu pé. Ele nem teve chance de fazer barulho, mas seu corpo se debateu por um segundo.

Merikh olhou para si mesmo, vendo que sua roupa estava arruinada por causa de suas penas e do sangue de demônio que o cobria.

Viu? ele pensou enquanto olhava para os dois Demônios mortos. *Tudo o que ela tinha que fazer era ajudar, e agora eu terminei.*

Demorou, o que, menos de dois minutos quando ele tentou acalmá-la por cerca de cinco ou dez?

O cheiro de seu medo ainda estava presente no ar. Ele bufou, o material cobrindo seu focinho ondulando antes de cobrir o buraco do nariz novamente.

— Você deveria controlar seu medo antes que mais Demônios venham. Posso protegê-la a noite toda, mas isso só a deixaria exaurida.

Merikh se aproximou de seu escudo e ficou sobre ela, observando-a através das aberturas de suas videiras de grama. Ele pisou de propósito em um feixe de gravetos para se certificar de que ela sabia que ele estava na frente dela, e sua orelha esquerda estremeceu com o som.

No escuro da noite, suas brilhantes pupilas estelares emitiam uma pequena quantidade de luz. Elas se moveram para onde ela o ouviu pisar, e ele inclinou a cabeça ossuda com curiosidade. Ele imaginou que a audição dela era sensível por causa das viagens, então ele se perguntou o quão impecáveis eram seus outros sentidos.

Seus lábios se apertaram e viraram para dentro, e a expressão que ela usava era de grande luta. Suas grossas sobrancelhas brancas se contraíram enquanto se juntavam lentamente.

Ela não confiava nele, não queria ir com ele. Então, novamente, quem iria querer ir com ele de bom grado?

— Sou eu ou a floresta, Elfa, — ele afirmou com firmeza. — Tome sua decisão, ou eu farei isso por você.

Seu tremor piorou. — E se eu disser não?

Seu tom era frio e insensível ao dizer: — Acho melhor você dizer a si mesma que estou lhe dando uma escolha.

Quando os músculos de sua mandíbula contraíram, como se ela tivesse cerrado os dentes, ele soube que ela havia tomado sua decisão.

Seu escudo de grama se desintegrou, parecendo perder a vida quando se abriu acima dela. Ela levantou a mão para agarrar a borda desbotada para que pudesse ficar de pé.

Merikh disparou para frente e agarrou seu pulso, puxando-a de seu escudo. Seu suspiro foi interrompido por seu guincho quando ele a ergueu até que seu estômago estivesse sobre seu ombro e sua parte superior do corpo pendesse em suas costas.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa sobre o assunto, ele fugiu. Ela engasgou e gemeu enquanto saltava, o vento sendo constantemente tirado dela pela velocidade com que ele corria.

— Me. Me... — Ela lutou para falar. — Ponha no chão!

Ela chutou e deu joelhadas em seu peito enquanto socava suas costas. Ela teve muita sorte de suas penas estarem bem alinhadas em seu corpo; caso contrário, ela teria se esfaqueado.

— A área se tornará um campo de alimentação para os demônios próximos. A morte de seus irmãos, juntamente com seu medo e cheiro de sangue, trará mais. — Ele segurou as pernas dela com firmeza para acalmá-la quicando para não machucá-la. — Se ficarmos muito perto, seremos pegos em sua caça. Se nos afastarmos o suficiente, poderemos evitar outra luta.

Merikh não perdeu tempo enquanto desviava de árvores, arbustos e troncos caídos, ocasionalmente pulando sobre o que podia. O vento assobiava em seus ouvidos sensíveis, assim como o leve bater de seus passos.

Ela ficou em silêncio por alguns momentos, como se tivesse aceitado a resposta dele. Então ela sussurrou: — Por favor... vá devagar.

Com um grunhido irritado, recusando-se a diminuir a velocidade, Merikh puxou-a de seu ombro e embalou seu corpo alto e ágil em seus braços volumosos. Ela cruzou os braços sobre o estômago com um silvo, e ele olhou para baixo momentaneamente para notar o corte seco em sua bochecha.

Bem... isso não serviria. Seu rosto era supremo demais para ser desfigurado.

Ele poderia ter escolhido apenas curar o rosto dela, mas Merikh levou toda e qualquer ferida que ela pudesse ter. Ele a curou, sendo o sacrifício que ele deveria suportá-los. Seu tornozelo estava um pouco dolorido, mas pelo menos ela não tinha ferimentos graves.

Mais uma vez, ela engasgou, desta vez com uma agradável surpresa. Ela até tocou em sua bochecha intacta.

— Você pode usar magia também?

Ele grunhiu em resposta enquanto ouvia os arredores.

Quando ele ouviu um bater de asas, ele parou, colocou-a de pé e a empurrou entre seu corpo e uma árvore. Ele se certificou de que sua capa a cobria completamente enquanto colocava a palma da mão sobre sua boca e virava a cabeça para cima para observar através da abertura na copa das árvores.

O luar frio projetava halos entre as seções das folhas, riscando feixes de luz branca por toda a mortalha de escuridão.

Um pequeno Demônio alado voou acima, circulando. Quando avistou Merikh, sibilou para ele e voou na direção dos Demônios

mortos. Ele continuou procurando, ocasionalmente voltando para encontrar Raewyn.

Ele podia sentir o coração dela batendo profundamente contra seu torso, como seus pulmões se apressavam em busca de ar, pesados e rápidos. Ela ainda exalava um cheiro delicioso de medo, mas pelo menos havia diminuído durante a pequena corrida.

Ele lentamente retirou a mão, permitindo que ela respirasse confortavelmente enquanto esperava para ter certeza de que o Demônio havia realmente ido embora.

— Eu pensei que você disse que eles não vêm aqui por causa da fronteira, — ela sussurrou tão baixinho que ele duvidou que sua voz ultrapassasse a barreira de seu corpo.

— Não. Eu disse que aqueles que não podem escalar não podem passar pelo muro.

O Demônio se empoleirou nas proximidades, explorando a área, já que o cheiro de Raewyn aqui era fresco. O chilrear sutil dos grilos silenciou, como se eles também estivessem preocupados com isso.

— No entanto, isso traz para as terras do sul Demônios mais perigosos, como aqueles que podem voar ou são fortes o suficiente para escalar.

Quando voou, ela não gritou quando ele passou os braços ao redor dela para poder embalar seu peso leve. Mais uma vez, ele correu.

Merikh não permitiria que mais ninguém tivesse sua presa, e qualquer coisa que tentasse... morreria. Raewyn, atualmente, era a criatura mais sortuda deste planeta. Ela tinha, o que ele sabia ser

verdade, o protetor mais feroz e implacável - a menos que ele se voltasse contra ela.

Até que ele decidisse o que faria com ela, ela estava segura.

Contanto que ela não tente me matar... Se ela desencadeasse a raiva dele, que ele frequentemente soltava livremente, ela estaria morta em segundos.

Quando Merikh chegou à velha e vazia casa de campo, ele colocou os pés dela na varanda. A essa altura, seu medo havia se dissipado quase completamente.

— Vá para dentro e fique lá — ele exigiu.

— Como? — ela rosnou, jogando as mãos para os lados. — Eu nem sei onde estamos.

Ótimo. Ela estava sendo mal-humorada de repente. Era engraçado que ela pensasse que tinha alguma maneira de se defender contra ele. Ela pode ter magia, pode ser capaz de lutar contra ele, mas havia uma garantia na vida de Merikh.

Ele. *Sempre*. Ganhava.

— Você está de pé na mesma varanda em que estava esta manhã, — ele a informou enquanto vasculhava uma das duas mochilas amarradas em sua cintura. — Eu sei que você conhece o caminho, *passo a passo*.

Com o canto de sua visão, ele notou que seus lábios se abriram enquanto seu queixo caiu em descrença.

— Você... — Com as mãos fechadas em punhos apertados, ela bateu a bota. — Você estava me levando em círculos!

Ela deve ter percebido que eles levaram apenas cerca de vinte minutos para chegar aqui quando eles caminharam o dia todo e a

maior parte da noite. Ele era rápido, mas a menos que estivesse de quatro, não era *tão* rápido.

— Na verdade não são círculos, — ele admitiu enquanto tirava quatro amuletos de sua bolsa. — Mais como linhas sinuosas. Apenas entre. — Ele acenou com a mão para enxotá-la antes de perceber que ela não podia ver a ação. — Antes que um Demônio fuja com você.

Ele não percebeu a reação dela além de bater o pé novamente. Ele estava muito ocupado caminhando pela lateral da casa, colocando os amuletos que havia feito no dia anterior.

Em cada canto da casa, ele colocou um enfeite feito de endro, frutas vermelhas, um pequeno osso de animal e um sino, tudo amarrado por uma fita branca. Eles criariam uma barreira mágica sobre a casa, protegendo-a completamente de qualquer tipo de presa.

Ele uma vez ensinou a outra pessoa como fazer isso para que ela pudesse mostrar a outro de sua espécie como fazer, mas ele refletia muito pouco sobre esse fato sempre que os usava.

CAPÍTULO 7

Uma vez que Raewyn ficou sóbria de sua apreensão e confusão, a fúria se instalou.

Ok, talvez ela não estivesse lidando com a navegação em um novo reino que ela nem conseguia ver muito bem, um reino que tinha pouca ou quase nenhuma defesa contra um inimigo horrível. Então, ainda por cima, tinha algo ainda mais monstruoso! Algo com o qual ela não estava familiarizada... e com quem estava viajando.

Apesar do fato de que ele a protegeu, ela não era tola o suficiente para acreditar que era pela bondade de seu coração – se é que ele tinha um.

Raewyn estava agora à mercê de algo que ela não tinha ideia de como lutar. Quais eram seus pontos fortes e fracos? Ele poderia morrer?

Ela nem sabia como ele era! Embora ele mal tivesse feito um movimento quando a prendeu contra o chão, apenas pairando sobre ela, um dos Demônios literalmente gritou em agonia. Ele não tinha nem movido um músculo.

A ideia de correr passou por sua cabeça, mas ela revirou os olhos. Onde? Para onde ela poderia correr para estar segura? Ele a pegaria ou um Demônio faria.

Ela não poderia fugir dele – isso já tinha ficado óbvio. Ela duvidava que conseguiria se pudesse *ver* para onde estava indo. Onde isso a deixava?

Ou sou eu ou a floresta, ele disse, o que significava que sabia exatamente a situação em que ela se encontrava.

Quando ela se virou para entrar, Raewyn estremeceu com repulsa antes de esfregar a bochecha em cansaço. Assim que sua mão esquerda tocou a madeira desgastada da porta, a suavidade de sua bochecha a lembrou de como ele a curou.

Se ele pretendia ser cruel ou machucá-la, ele não teria cuidado de sua ferida... não é? *Ou estou apenas buscando esperança de que tudo ficará bem?*

Ela bateu a porta atrás de si e abraçou a barriga, desejando poder fazer uma barricada na entrada. Seu estômago estava amarrado em nós de incerteza e preocupação, sem saber onde ela estava com seu companheiro assustador e desconhecido. Ele matou dois Demônios com pouco esforço, em questão de respirações, então com que rapidez ele poderia se livrar de Raewyn?

Ele sabia que eu era uma elfa só de olhar para mim. Ela mordiscou a parte interna do lábio inferior. *O que ele quer de mim?*

O rangido do peso caindo nas ripas de madeira fez com que suas orelhas pressionassem para trás e abaixassem. Raewyn recuou antes mesmo que a porta se abrisse, e seu cheiro se misturou com o ar fresco vindo de fora.

Ela odiava achar reconfortante o cheiro de laranja e canela dele.

Quando a porta se fechou, o silêncio era tão distinto que era quase ensurdecador. Tudo o que ela podia ouvir era seu próprio batimento cardíaco sobressaltado de suas respirações. Seus pensamentos ficaram quietos, dando-lhe um alívio para que ela pudesse tomar uma decisão rapidamente, dependendo de seu próximo movimento.

Raewyn estremeceu, sua adrenalina gasta agora deixando-a mais fria do que nunca.

Ela se encolheu quando ele deu um passo à frente, mas além do chão, ela não ouviu nada dele; nem sua respiração, nem o material do que quer que ele vestisse mudando.

Ele estava terrivelmente quieto. Um verdadeiro predador.

O estalido de dois tipos diferentes de pedras ecoou no silêncio, mas foi o doce cheiro de fogo que a fez se acalmar. Ele estava acendendo a lareira. Considerando que ele foi capaz de rastreá-la e lutar contra aqueles Demônios, ela não achava que ele precisava da luz.

Ele está aquecendo a casa para mim? Independentemente disso, ela se recusou a se aproximar, apesar do desejo. Mesmo quando o fogo estava a todo vapor, parecendo aliviar o sossego e dar vida à casa, ela permanecia parada.

— É... Merc é mesmo o seu nome verdadeiro? — Ela não sabia por que essa foi a primeira pergunta que saiu de seus lábios trêmulos, mas ela queria saber o quão profundamente ele mentiu.

— Não — ele respondeu.

A resposta dele imediatamente fez seu pulso disparar, e suas mãos tremeram enquanto ela as enxugava na saia de seu vestido.

— E aquela história que você me contou? O de seus pais, a cidade da fazenda, seus irmãos? Rivenspire existe mesmo?

— Absolutamente, mas foi destruído há cerca de cinquenta anos. Agora não passa de ruínas.

A saliva em sua boca engrossou.

As lágrimas que se acumularam em seus olhos eram de traição. Ela odiava a dor que a atravessava, fazendo-a sentir como se um caroço tivesse se formado bem atrás de seu esterno. Ela não tinha

muita confiança nele para começar, mas mesmo a menor quantia sendo cortada era dolorosa.

Raewyn odiava ser enganada, especialmente porque ela não tinha nada para avaliar uma pessoa além de suas palavras.

— Sua família? — ela perguntou com os lábios trêmulos. — Irmãos?

— Eu tenho muitos irmãos, nenhum dos quais eu me importo, — ele respondeu com indiferença, sem ter ideia do quanto cada palavra a cortava ainda mais. — Meus pais? Em algum lugar neste mundo, e eu também não dou a mínima para eles.

O pior de chorar quando não queria era ter que enxugar a bochecha e o queixo porque faziam cócegas em sua pele. Ela não queria chorar, não queria demonstrar nenhum tipo de fraqueza, mas era incapaz de conter as lágrimas, por mais que tentasse.

— Você mentiu para mim — ela chorou com raiva.

— Eu minto para todo mundo. Não leve para o lado pessoal. — Puxa, ele parecia tão cruel! — E você tem muita força para dizer isso, quando está andando por aí sob uma capa e máscara para esconder que você é realmente uma elfa.

Ela não tinha um osso violento em seu corpo, mas desejava sinceramente ir direto até ele e socá-lo no rosto. Ela estava excepcionalmente feliz por ter chutado suas bolas, ou pau, ou o que quer que fosse! Não apenas uma vez, mas duas vezes.

— O que você é?! — ela gritou, sua respiração crepitando com ansiedade. O calor em seu rosto inchado e manchado de lágrimas se esvaiu quando ele se aproximou, seus passos ecoando com batidas. — Fi-fique para trás!

— Ou o que? — ele riu profundamente. — Você vai me bater com essas suas mãozinhas?

Ela rapidamente se ajoelhou para que suas mãos pudessem tocar a madeira e deixar a magia fluir por suas palmas. Marrom, magia brilhante se acendeu, e uma barreira se formou entre eles — uma barreira muito, *muito* sem sentido.

Com o que só poderia ser um golpe singular no antebraço, sua barreira foi quebrada. Como o componente que ela usou não estava vivo e preso ao solo, o que o tornava quebradiço, ele abriu caminho com facilidade.

Raewyn caiu de bunda e mãos, e ela fugiu para trás até que suas costas encontrassem a parede. Ela curvou as mãos contra o peito, como se quisesse protegê-lo.

Ela o percebeu agachado sobre ela pela nitidez de seu cheiro e pelo calor que irradiava dele. Ela pensou em chutá-lo entre as pernas agachadas, mas desistiu. Ela não queria sua retaliação.

— Eu sou um Caminhante do Crepúsculo. — Quando ela balançou a cabeça, ele fez um gemido pensativo. — Um Mavka, então?

Raewyn balançou a cabeça novamente.

— Eu nunca ouvi falar disso antes. Nós não sabíamos que qualquer outra coisa além de Demônios estava aqui.

— Certo. É melhor se eu te mostrar então.

Raewyn se encolheu quando ele lentamente enrolou seus dedos *em garra* ao redor dos pulsos dela, praticamente engolindo-os em suas palmas. Ela puxou inutilmente os braços. Ela lutou, com medo do que ele estava prestes a fazer com ela, contorcendo-se para se livrar.

As pontas de seus dedos tocaram o osso, e Raewyn fez uma pausa.

Ele está me fazendo tocar seu rosto?

A textura que saudou suas palmas era suave, fria, e não demorou muito para reunir coragem para explorar. Ela precisava saber como ele era, saber o que estava pairando sobre ela como uma enorme bola de ameaça.

Seu focinho ossudo não era particularmente longo, mas também não era curto.

— Uma caveira? — ela perguntou, antes que seus dedos parassem em um corte distinto no topo do focinho.

— Um crânio de urso, para ser exato.

Ela tentou se lembrar se já tinha lido sobre uma criatura como ele enquanto passava o polegar sobre o corte.

— Cuidado ao brincar com qualquer cicatriz no rosto. É sensível.

Ela moveu-se para cima e cuidadosamente tocou nas órbitas dos olhos, percebendo que elas estavam... vazias? Havia marcas de garras na direita.

— Como você vê?

— Minha visão é feita de dois orbes que flutuam dentro das órbitas dos meus olhos. Eles são predominantemente vermelhos, mas mudam de cor dependendo do meu humor.

É por isso que eu vi faíscas vermelhas antes? Ela não via nada agora, mas quando ele estava lutando contra o primeiro Demônio e sua venda foi desalojada, ela notou duas luzes vermelhas brilhantes no escuro de sua visão.

— Como você foi capaz de andar por Clawhaven com um rosto assim? — Ou melhor... falta dele.

— Eu uso um amuleto que cria um glamour humano. — Ele empurrou as mãos dela mais alto para que ela pudesse sentir em sua testa. Os elos da corrente de metal estavam frios na ponta dos dedos, assim como o cristal que ficava no meio e batia contra o crânio dele quando ela o tocava. — Ele tem um irmão gêmeo, que protege o usuário dos demônios que o tocam.

— Então é por isso que pensei que você fosse humano.

Ela pensou que era sua falta de visão, mas não teria importância alguma. Todos pensavam que ele era humano. Foi um alívio saber que ela não tinha sido a tola neste cenário.

Quando ela espalmou mais alto, ela franziu a testa para as duas grandes protuberâncias que sentiu saindo de seu crânio. Se ela se lembrava corretamente, ela achava que os ursos da Terra não tinham chifres.

Cervaursa Nyl'therianos eram criaturas semelhantes a ursos, mas tinham chifres de veado. Se algum deles ainda estivesse vivo, é claro.

Ela notou que seus chifres eram um tanto largos, apontados para cima e para frente, com uma leve curva no topo.

— Chifres de touro, — ele a informou. — Eu sou feito de muitas criaturas, embora estas sejam duas de três das minhas mais distintas.

Quando suas mãos voltaram para baixo, o medo foi substituído por admiração. A cientista dentro dela desejava conhecer cada parte dele, saber como uma criatura poderia viver sem pele em seu rosto.

Ele era uma anomalia, uma que a fazia desejar descobrir mais sobre ele. Oh, como ela adoraria dissecá-lo e descobrir como ele se comportava!

Seus dedos hesitaram quando ela tocou as presas afiadas. Qualquer movimento que ele tivesse dado antes, a menor contração muscular ou oscilação da respiração, parou completamente. Sua firmeza deu a ela a impressão de que ele estava parado por causa dela, e não por aversão ao seu toque.

Quando ela os tocou mais, chegando à ponta do focinho, ela entendeu que ele tinha uma mordida que poderia matar. Não havia material cobrindo sua mandíbula, mas havia um pano amarrado em torno de suas presas superiores, cobrindo o buraco do nariz.

— Ajuda a minimizar o cheiro de medo e sangue.

Foi por isso que achei tão difícil ouvi-lo respirar. Sua respiração era abafada pelo material.

— Como você veio a ser? — ela perguntou ofegante quando começou a tocar sua garganta, e o pelo mais macio que ela já sentiu fez cócegas na ponta dos dedos.

— Eu nasci, obviamente.

— Por? — Assim que ela tocou a pele ao redor de seus ombros e peito, ele agarrou suas mãos para detê-la.

— Vocês elfos realmente não têm ideia do que Weldir tem feito?

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Weldir? — Ela zombou. — Esse semideus não tem poder para criar criaturas.

Sua risada era fria e vazia.

— Claro, ele tem. Dê a ele uma companheira, algo que ele possa tocar ligando-o a si mesmo, e ele será capaz de criar vida.

Os olhos de Raewyn se arregalaram quando seus lábios se separaram.

— Mas ele não tem forma física! Ele nasceu meio-criado.

— Portanto, ele tem metade da capacidade, desde que esteja em seu próprio reino — acrescentou. — Aquele que sua espécie deu a ele o poder de controlar.

— Bem... não nós, — Raewyn resmungou, retraindo suas mãos completamente para colocá-las em seu peito. — Obrigada por me permitir tocar em você.

Ela não tinha certeza se ele entendia o significado do que tinha feito, permitindo que ela visse à sua própria maneira, mas acalmou um pouco de seu medo. Ela não gostava do desconhecido, e ela estava preocupada o tempo todo que ele era um Demônio.

Ele definitivamente poderia ser muito pior, e ainda havia muito que ela não sabia, mas pelo menos ela podia imaginar o rosto na frente dela agora.

Um crânio de urso branco com duas cicatrizes, uma no focinho e outra na cavidade ocular direita. Ele provavelmente tinha chifres de touro marrom escuro ou preto. Ela sabia que ele tinha presas, garras e pelo, e ele também disse que tinha olhos vermelhos? Ela imaginou que eles flutuavam em suas órbitas vazias, mas ela não foi capaz de senti-los.

— Não gosto de ser tocado porque não gosto que os outros descubram o que sou.

— Mais alguma coisa que eu deva saber? — ela perguntou nervosamente. — Você tem asas ou rabo? Veneno?

— Sem asas ou veneno, mas tenho um rabo de touro que mantenho escondido. — Então, depois de pensar um pouco, acrescentou: — Cuidado com minhas costas, antebraços e panturrilhas. Eu tenho penas de equidna que posso estender como proteção e elas são excepcionalmente afiadas. Quando estou calmo, elas se deitam contra mim, mas se você pisar nelas enquanto estou irritado, provavelmente se empalará.

Raewyn engoliu em seco.

— B-bom saber.

Pelo que ela sabia de seu corpo, ele era mais alto que ela alguns centímetros, mas não tanto. Como ela tinha 1,80m, ela pensou que ele poderia ter cerca de 1,90, talvez 2,00? Ele era volumoso pelo que ela encontrou algumas vezes, forte e gordinho - ele tinha um intestino carnudo que não era fino, mas como se tivesse gordura em volta de seus músculos.

Ele era enorme, então, para ela como uma elysiana. Sua espécie geralmente era alta e magra por causa de seu alto metabolismo e físico élfico. Ele era alto e quase três vezes a largura dela.

Ela coçou a lateral do pescoço desajeitadamente.

— Mesmo com seu glamour, os humanos ainda estavam com um pouco de medo de você.

— O glamour não afeta minha altura ou estrutura. Isso só me faz parecer humano.

Talvez se eu não estivesse usando minha venda quando a magia estava ativa, eu poderia ter visto o brilho do feitiço e percebido que algo estava errado.

Ela a usara para proteger sua identidade, mas agora se arrependia um pouco. Ela não o teria seguido na floresta.

Ela não via nada atualmente, já que ele havia removido sua venda, então isso deve significar que só estava ativo enquanto os humanos estavam por perto.

Raewyn pensou que ele se afastaria dela agora, mas ele permaneceu agachado sobre ela. Ela estava encurralada.

Sua orelha direita achatou quando ele beliscou a ponta da esquerda.

— Eu sabia que você estava escondendo algo debaixo dessa capa. Só não esperava que fossem seus cabelos e orelhas. Eu, a princípio, pensei que você estava procurando encontrar os Sacerdotes e Sacerdotisas porque você era um deles, apenas alguém especial.

— Eu nunca te disse que estava procurando por eles. — Seus lábios franziram em compreensão antes que ela estreitasse as sobrancelhas em sua direção. — Você estava me seguindo em Clawhaven.

— Diz a pessoa que me seguiu pelo mercado, — ele rosnou de volta. — Você sabe quantas vezes eu perdi você porque você não conseguia acompanhar?

— Não é como se eu pudesse ver para onde você estava fugindo! — ela gritou, cheia de desgosto. — Havia tantas pessoas que seguir seu cheiro e sua voz estúpida foi realmente difícil.

— Por que você está procurando por pessoas dos templos mágicos?

Raewyn cruzou os braços e virou a cabeça para o lado.

— Sem razão.

Toda a falsa simpatia desapareceu quando ele soltou um rosnado aterrorizante. A mão dele disparou para a frente para

segurar seu rosto com firmeza e forçar sua cabeça para frente. Suas garras cravaram em sua carne, e foram a única razão pela qual ela não lutou contra ele.

— Atualmente, sua vida está em minhas mãos. Posso ser seu guia voluntário neste mundo ou posso torná-la minha prisioneira. Você me dará as respostas que procuro. O *como* depende inteiramente de você.

— Mas... — Raewyn preocupou seu lábio inferior enquanto seu coração murchava em seu peito. — Você já planejou me levar para outra cidade?

— Claro. Só dependia do que você era.

Por que ela sentiu que isso era uma mentira?

— Então, Raewyn... Por que você estava procurando por essas pessoas? Elas são a chave para ajudá-la a voltar ao reino élfico? Eu sei que eles não são humanos. Seus cheiros são diferentes, e há muito tempo percebi que sua pele brilha com símbolos mágicos – assim como seus olhos – quando são despidos de suas vestes.

Ela demorou muito para responder, sem saber se deveria compartilhar a verdade. Ele estava certo: a vida dela estava em suas mãos, e ela *precisava* de alguém para ajudá-la a navegar neste mundo desconhecido.

Ele não a estava machucando. Embora houvesse pequenas ameaças em suas palavras, ele realmente não havia dito nada assustador... ainda.

Na realidade, ela se importava muito pouco com o que ele era. Delysianos eram Demônios aceitos pelos Elysianos. Eles mataram e comeram sua espécie, mas se transformaram em uma espécie confiável.

Poderia ele, um Caminhante do Crepúsculo ou Mavka ou o que quer que fosse, ser confiável também? Ele obviamente não era um monstro irracional e sanguinário. Eles não estariam tendo essa conversa de outra forma.

Ele sabe o que eu sou. Ele sabe que eu não sou daqui. Ela não tinha que se esconder dele sobre o que ela era, suas necessidades. *Ele sabe que estou tentando voltar para casa.*

Raewyn soltou um suspiro derrotado.

— Sim, estou procurando os Anzúli... urm, os Sacerdotes e Sacerdotisas deste mundo? — Quando ele soltou o rosto dela, provavelmente satisfeito por ela estar respondendo, ela esfregou o braço. — O portal que me trouxe aqui foi um que criei por acidente.

— Cadê? Se você me contar sobre o local, posso levá-la de volta para lá.

Raewyn riu, mas foi tão vazio e triste que doeu até a alma dela.

— Foi-se. Portais assim, acidentais, não têm fonte de energia duradoura. Uma vez que fui sugada, duvido que tenha durado mais de um minuto.

Suas mãos se apertaram com força. *Se eu tivesse conseguido aguentar um pouco mais, não teria sido sugada.* Ela teria permanecido em Nyl'theria, não teria sofrido um único segundo na Terra.

— Esses... Anzole de que você falou.

— Anzúli, — ela corrigiu, e um rosnado profundo, mas silencioso, retumbou dele. — O que? Se você vai dizer o nome deles, você deve dizer corretamente!

— Esses Anzoli de quem você falou, — ele repetiu. Pelo menos sua pronúncia estava um pouco mais próxima desta vez. — Eles podem ajudá-la a fazer um novo portal para o reino dos Elfos?

— Talvez? — Ela deu de ombros com uma mão. — Não sabemos se eles têm enviado mais de sua espécie para este reino. Nesse caso, eles podem ter uma maneira de redirecionar seu portal ou fazer um novo temporariamente para eu atravessar.

A menor mudança dele e um pequeno *tap tap* deu a ela a impressão de que ele levantou a mão e estava batendo uma garra na dureza de seu rosto em pensamento.

— A magia deles tem enfraquecido ao longo dos anos, — ele admitiu com um pensamento agudo.

— Eu tenho que tentar, — ela respondeu tristemente. — Elysianos, uh, meu tipo de elfo, são proibidos de praticar a magia do portal. — Claro, ela a estudou, mas era insanamente complexo. Era uma especialidade, que exigia no mínimo dez anos de experiência — coisa que ela não tinha. — Eu não posso fazer um novo portal sozinha, já que não sei como. Como eu disse, o que fiz foi um acidente.

— Então eles são seu único caminho possível para casa?

O estremecimento que atravessou seu corpo foi profundo. — Não, mas a alternativa é muito perigosa.

— Você não está errada sobre isso. O portal de Jabez é tão guardado que nem mesmo eu consigo acessá-lo.

Raewyn inclinou a cabeça em surpresa. — Você conhece Jabez?

— Claro, eu fodidamente conheço — ele rosnou com um grunhido. — Aquele meio-elfo é uma ameaça, e sua espécie garantiu que ele tivesse um playground divertido para brincar.

Suas orelhas se achataram novamente.

— Lamentamos o que quer que ele tenha feito. — A sinceridade de suas palavras soou verdadeira, e todos os dias, seu

povo suportou o peso do horror que eles conscientemente deixaram para os humanos lidarem. — Esperávamos encontrar uma maneira de consertar nossos dois reinos, mas todos os anos nos deparamos com falhas. Não importa o que tentemos, ou quanta pesquisa façamos, não podemos...

Ele a interrompeu com um grunhido.

— Poupe seu fôlego. Eu não me importo com a guerra entre os Elfos e os Demônios. Não me importa quem está errado ou não, quem é bom ou mau. Tudo o que me importa é uma coisa.

— Qual é?

— Você.

Seus lábios se abriram em surpresa. — Eu?

— Sim, — ele respondeu, seu tom um pouco perverso. — Porque você vai me tirar dessa rocha triste e terrível que eles chamam de Terra.

— Você quer ir para Nyl'theria? — ela guinchou.

— É assim que o seu reino é chamado? Não me importa se é Nyl'theria ou não, apenas qualquer lugar que não seja aqui.

Raewyn coçou o lado da cabeça em aborrecimento, antes de empurrar a trança por cima do ombro.

Ela não sabia como se sentir sobre isso. Levá-lo para seu reino poderia causar problemas. Só porque ela era um membro do conselho não significava que ela poderia permitir que qualquer pessoa entrasse em seu reino. Eles já tiveram problemas com monstros rastejando por toda parte; eles estavam essencialmente presos em uma cidade bonita.

Levá-lo, uma entidade desconhecida, para sua casa já invadida pode levar a uma devastação ainda maior.

Como conselheira, ela precisava fazer sacrifícios para proteger seu povo. Suas necessidades eram secundárias em relação ao geral.

Mas não quero ficar presa aqui. A turbulência interna que ela enfrentou torceu seu intestino. E eu sou uma dos cientistas-chefe.

Claro, havia outros que poderiam assumir seu trabalho, mas eles estariam anos – provavelmente dez anos Nyl'theria – atrás de seu progresso. Havia coisas que só ela sabia, equações diferenciais que só ela havia inventado. Sem ela, os Elysianos retrocederiam em seu progresso para consertar seu mundo, assim como a Terra.

Eles precisam de mim.

Isso era verdade ou ela estava apenas inventando desculpas?

Então, novamente, ela poderia apenas fingir que iria permitir que ele viesse para Nyl'theria, e então lançar uma barreira para que ele não pudesse. Ela tinha certeza de que os Anzúli ajudariam a garantir que ele não passasse pelo portal.

— Então, a ideia é que você me ajude a voltar para casa, desde que venha comigo? — Ela desejou que sua voz não tremesse com incerteza.

Para ser justa, ela não era a maior mentirosa. Ela usava o coração na manga. Todas as suas emoções, suas verdades e mentiras, eram facilmente vistas e lidas.

— Não pareça tão preocupada, — ele disse enquanto deslizava uma garra sob o queixo dela para se certificar de que ela o encarava, provavelmente para adicionar poder às suas próximas palavras. — Se seu povo é como os humanos, também não tenho interesse em ficar lá. Você – e eles – só tem que me temer se não me der o que eu quero. Caso contrário, todos nos daremos muito bem.

Os lábios de Raewyn se apertaram antes que ela estreitasse os olhos em um brilho.

— E o que você quer? Poder? Para assumir o controle de um clã de pessoas que já estão sofrendo?

— Poder? Por que eu iria querer algo tão ridículo quanto isso? Não tenho interesse em governar ou governar um bando de elfos que conheço pouco. O que eu quero é liberdade. — Ela o sentiu chegar mais perto, sua respiração ondulando através do material que cobria o buraco do nariz. — E, Raewyn, eu vou matar e mutilar tudo e qualquer coisa até que eu tenha.

— Você espera que eu confie em você depois de dizer isso? — ela estalou.

— Eu já posso ver as engrenagens girando nessa sua cabeça. É um aviso, só isso. Só deve ser assustador se você pretende me trair. Caso contrário, é vazio e sem sentido, e você e seu povo não têm nada a temer.

Ela abriu a boca para refutá-lo, mas imediatamente a fechou. *Então, não vamos nos machucar enquanto não o traírmos?* O fato de que ele não tinha interesse em assumir o controle de seu povo, ou prejudicá-los, era excepcionalmente aliviante.

Esperançosamente, ele não estava mentindo.

— O que você quis dizer com liberdade? — ela não pôde deixar de perguntar.

Seu cheiro suavizou quando ele se inclinou para trás e então se levantou.

— Vá dormir. Estaremos deixando esta casa no momento em que o sol nascer completamente. — Ele finalmente se afastou para

lhe dar algum espaço, e ela respirou fundo. — Vou levá-lo a algum Anzoli.

— Vou ser sincera com você — disse ela, esfregando os olhos de cansaço emocional e físico. — Eu só estava fingindo dormir. O ciclo planetário da Terra é diferente do meu.

— Eu sei, e é por isso que não rasguei sua capa antes. Você também tem sono muito leve e sua audição é melhor que a de um humano. Não melhor que a minha, mas você tem sido muito difícil nos últimos dias. — A lareira estalou como se ele a tivesse perturbado, provavelmente para que suas chamas queimassem melhor. — Ainda assim, é melhor você tentar. Se você puder viajar durante a noite, nós o faremos. Você fingir que está dormindo tem colocado você em perigo o tempo todo, já que permanecer em um local é apenas implorar para que os Demônios nos encontrem.

Raewyn suspirou, odiando ter se colocado em perigo.

— Certo. Vou tentar dormir. — Ele a acordou na noite anterior tentando remover seu capuz, e ela estava cansada depois dos eventos que se desenrolaram esta noite. — Qual é o seu nome, então? Se não é Merc.

— Merikh, — ele grunhiu.

Seu corpo inteiro perdeu o calor enquanto seu sangue esfriava.
Seu nome significa morte e matança.

Com o que ela acabou de concordar?

CAPÍTULO 8

Merikh manteve um ritmo relativamente lento em comparação com o modo como costumava viajar, mas era pelo menos mais rápido do que ele e a elfa haviam viajado nos últimos dias.

Agora que havia descoberto o que ela era, não precisava levar em consideração as capacidades de um humano. Ela era facilmente capaz de acompanhar o ritmo dele, embora ele ainda diminuísse a velocidade para que ela não tropeçasse com muita frequência, e sua resistência era forte.

Ela nunca esbarrou nele, e ele imaginou que ela medisse o quão perto ela estava dele pelo comprimento da corda em volta de sua cintura. Mal estava esticada, mas no momento em que houve folga, ela diminuiu a velocidade junto com ele.

Ela é inteligente.

Apesar de sua incapacidade de ver, com a corda-guia e ela essencialmente pisando no caminho exato dele, ela era tão capaz de fazer uma jornada longa e traiçoeira quanto qualquer outra pessoa. Gostava de gente que tirava a vida e tudo que ela lhes dava pelas rédeas, fosse bom ou ruim.

Aqueles que estavam com dor, ele entendia.

Merikh viveu a dor, respirou-a, sangrou-a. Houve momentos em que ele não fez nada além de ficar deitado na floresta em uma bola com suas penas estendidas para proteção. Houve noites que ele passou choramingando em agonia, onde ele era totalmente incapaz de se mover.

Ele tinha mais razões do que qualquer outra pessoa vivendo neste mundo vil para se deitar na terra de barriga para cima e

permitir que a pena rastejasse sobre ele.

Mas ele não o fez, nem a pequena elfa, o que despertou um sentimento de orgulho dentro dele.

Ela também parece ser resistente.

Especialmente quando algumas gotas quentes respingaram contra a frieza de seu crânio, e ele se virou para ver que ela havia levantado o rosto para a copa das folhas com um pequeno sorriso. Depois da noite passada, descobrindo todas as suas mentiras, o que ele era, e que ela era essencialmente sua prisioneira, o fato de ela ter sorrido era prova de sua resiliência.

Com os olhos fechados, ela permitiu que as primeiras gotas de chuva limpassem seu rosto. Seu capuz estava levantado, protegendo o cabelo dos restos de folhas, e ela o puxou ainda mais para cima quando trouxe o rosto para frente.

A chuva era inconsistente. Em um momento, garoa, e no próximo, o sol os aqueceu com calor suficiente para secar suas roupas.

Merikh estava vestindo uma nova camisa de flanela vermelha e calças pretas, os outros abandonados na casa junto com sua capa rasgada. Ele não precisava substituir suas roupas com frequência, mas também não precisava lutar regularmente com demônios.

Ele era conhecido, e ela era a única razão pela qual ele foi atacado. Normalmente, eles o deixavam quando o viam na floresta. Embora eles tivessem começado a atacá-lo nos últimos anos devido às ordens do Rei Demônio, a maioria ainda estava com medo de fazê-lo.

Raewyn estava usando o mesmo vestido cinza simples que ela usou no dia anterior, mas o forçou a sair de casa para que ela

pudesse tomar banho. Ele levou esse tempo para recuperar seus encantos e separá-los.

Ele guardou o osso, os sinos e a fita, enquanto jogava o endro e as frutas vermelhas no chão, pois já estavam começando a murchar. Ele também encheu seu saco de água novamente através do poço, não exigindo um para si mesmo.

Ele não comia nem bebia água, por isso disse a ela que nunca dividiria com ela. Ele não tinha nada para compartilhar e não se sobrecarregaria com itens inúteis apenas para fingir.

Não quando ele estava originalmente planejando fazer dela sua refeição.

No entanto, sua presença estava oferecendo a ele algo muito mais valioso do que a magia que ela possuía – que era o que ele queria o tempo todo.

Depois de anos procurando um caminho, finalmente o encontrei?

Ela poderia ser a única resposta para seu problema, e ele agarraria aquela tábua de salvação pela garganta se precisasse. Depois de cento e oitenta anos procurando por ele, alguém poderia culpá-lo?

Ele olhou para trás mais uma vez, curioso sobre a mulher. Seu rosto estava virado para o lado, como se ela estivesse ouvindo a criatura que ele podia ouvir cavando nos arbustos próximos.

Sua visão encontrou sua garganta, o pulso minúsculo de sua jugular.

Ok, talvez nada de agarrar pela garganta, já que parecia bastante delicada, mas ele não a deixaria ir. Não até que ele conseguisse o que queria.

Sua visão então encontrou seu rosto redondo, desobstruído pelo material, e sua beleza era tão hipnotizante quanto no primeiro momento em que a vira.

Suas sardas eram pequenas manchas escuras pontilhando sobre um nariz bonito e maçãs do rosto salientes, enquanto o breve sol riscando sua tez já rica dava a ela um brilho de bronze. Seus cílios brancos o lembravam das asas macias e felpudas de uma mariposa incolor, e emolduravam aquelas íris marrons e pupilas em forma de estrela com um contraste supremo.

Quando sua visão caiu para seus lábios cheios - que tinham uma cor de merlot na costura interna - e queixo teimoso, Merikh rosnou levemente para si mesmo e trouxe seu crânio para frente para parar de olhar. Ele estava um pouco aliviado por não poder vê-la atrás dele e por suas outras feições bonitas estarem escondidas por sua capa.

Independentemente de sua aparência de anjo, Merikh tinha pouco interesse nela. Ele não tinha aspirações de conseguir uma noiva. Ela era um meio para um fim, isso era tudo.

O humor que torcia suas entranhas era algo com o qual ele estava familiarizado, cheio de realidades sombrias. *Só um tolo pensaria que alguém iria querer estar eternamente ligado a um de nós.*

Ele podia pensar em um certo Mavka de orbe azul que havia tentado inutilmente.

Ele ergueu um galho para abrir caminho para seus chifres, assim quando pensou: *Eu me pergunto quando Orpheus vai perceber que é inútil e desistir. Não deve demorar muito.* A mente de Orpheus, pelo que Merikh havia observado, estava se contorcendo cada vez mais na desesperança. *Ele acabará se tornando como eu.*

Talvez então Merikh tivesse alguém que o entendesse.

Ele estava prestes a soltar distraidamente o galho frondoso, mas em vez disso o segurou para se certificar de que não machucaria a elfa atrás dele. Uma vez que sua cabeça estava para frente, ele o soltou, e ela passou direto onde seu rosto estaria um segundo atrás.

— Obrigada, — ela cantarolou, sua voz tão adorável quanto seu rosto.

Ele grunhiu em resposta e continuou certificando-se de que seu caminho seria equilibrado, pelo bem dela.

Assim que uma nova garoa caiu, ela perguntou: — Onde você mora, se não em uma cidade humana?

— Nenhum lugar, — ele respondeu abruptamente.

— Você não tem casa?

— Sim, eu tenho uma casa. — Ele olhou ao redor da floresta familiar que ele caminhou muitas vezes em sua longa vida. — Só não *vivo* nela há quase cem anos.

— Cem anos? — Sua voz era pensativa, e ele suspeitou que suas sobrancelhas brancas estavam franzidas. — Quanto tempo você vive, então?

— Infinitamente para sempre. Pelo que sei, tenho pelo menos trezentos anos, se não mais. Quanto tempo mais eu vivo depende exclusivamente do mundo e se ele deseja me quebrar.

— Então, você pode morrer. Como, se você supostamente pode viver para sempre?

Seu tom era indiferente quando ele perguntou: — Por que você deseja saber?

Não seria a primeira vez que algo desejava obter o conhecimento de como matar sua espécie.

— Apenas curiosa sobre o que você é, para ser honesta. Nós, elfos elysios, podemos viver cerca de mil e quinhentos anos terrestres, às vezes mais, às vezes menos. Eu acho que seria como... cem, para um humano? — Ela deu um guincho, como se seu pé tivesse quase saído debaixo dela por causa de como o chão estava escorregadio. — Mas podemos morrer tão facilmente quanto um ser humano.

Merikh fez as contas de cabeça, mas não estava muito confiante em seu palpite. *Um ano equivale a cerca de quinze dos nossos?* Ele confirmaria isso mais tarde, mas havia uma possibilidade real de que ela fosse mais velha que ele.

— Mavka, ou Caminhantes do Crepúsculo, como os humanos nos chamam, só podem ser destruídos quebrando nossos crânios. Muitos tentaram, e muitos perderam suas vidas para minhas garras, então eu não tentaria fazer isso sozinho.

Raewyn bufou uma risada vazia.

— Oh sim, apenas matar meu guia da Terra. Quão estúpida você acha que eu sou?

— Quando as criaturas se sentem encurraladas, elas tendem a fazer coisas idiotas. Não tem nada a ver com inteligência e tudo a ver com medo.

— Ok, então se você *tem* uma casa, onde fica?

Ele inclinou a cabeça em pensamento. Suas perguntas não eram indesejadas. Ele não se importava com o que ela soubesse, nem sua tagarelice era irritante. Merikh estava tão acostumado ao silêncio, ou outros pensando que ele era humano, que ele simplesmente não estava acostumado com isso.

Ajudou que ele achasse a voz dela, e até mesmo seu pequeno sotaque élfico, agradável. Era quase musical, à sua maneira. Era tão gentil e feminino que ele pensou que ela poderia embalar qualquer criatura em um estupor calmo se tentasse.

— Minha caverna está situada na área sul das paredes do Véu. Você conhece o Véu?

Quando ele espiou por cima do ombro, viu a cabeça dela balançar para cima e para baixo enquanto ela assentia. Então, seus lábios se separaram enquanto ela engasgava, bem quando sua perna esquerda escorregou para o lado em um pedaço de lama. Ela se endireitou puxando a corda.

Já que ele tinha visto toda a cena, ele poderia tê-la pego, mas também não quis. Ele encolheu os ombros.

— Você parece saber muito sobre a Terra. Elfos são criaturas conhecidas pelos humanos, embora acreditem ser um mito. Estou assumindo que sua espécie vem aqui com frequência?

— Nós estudamos este mundo antes de enviarmos os Demônios para cá. — Raewyn esfregou seu pescoço no que ele pensou que poderia ser constrangimento. — Sinceramente, só escolhemos a Terra porque Jabez já havia criado um portal aqui. Achamos melhor infectar apenas um mundo, em vez de muitos.

— Eu não estaria vivo se a sua espécie não existisse.

O sorriso que ela usava era brilhante. Merikh rosnou suavemente para ela por isso e se virou para frente.

Sua declaração não foi de agradecimento, mas sim de ressentimento. Se não fosse por eles terem enviado mais Demônios para cá, a magia de Weldir não teria se espalhado tanto na Terra. Ele não teria procurado uma companheira para capacitá-lo.

O sol voltou para aquecer o mundo e secá-los, e Merikh olhou através das copas das árvores esparsas para ver que a chuva fina acabaria voltando. Nuvens cinzentas ainda circulavam, lançando uma sombra ameaçadora e perigosa sobre eles.

Outro grito veio dela e, desta vez, ela realmente caiu nas costas dele. Segurando-se segurando dois feixes de suas longas penas, ela teve sorte que sua camisa grossa protegeu suas mãos.

— Eca! Eu não posso mais fazer isso! — ela deixou escapar.

A tensão da corda diminuiu e ele se virou para ver que ela não o seguia mais.

— Não posso evitar que o chão esteja molhado. Estou nos levando pelo caminho mais seguro.

— Não tem nada a ver com você ou comigo! — ela rosnou, enquanto se curvava e desamarrava as botas. — São essas estúpidas prisões de pés! Como alguém pode andar nessas coisas? Você não consegue sentir o chão, não consegue se firmar nele.

Merikh olhou para seus próprios pés descalços com dedos parecidos com patas. Ele nunca usava sapatos, pois eles nunca serviam. Ele se importava muito pouco se os humanos levantassem uma sobrancelha que muitas vezes ele parecia descalço, considerando que o glamour apenas o fazia parecer humano, mas não o vestia.

Ela tirou os dois sapatos e depois as meias.

— Já que você sabe que sou uma elysiana, não há mais sentido em usá-las.

Assim, ela as jogou na floresta como se fossem as coisas mais sujas do mundo.

Ela bateu um dos pés como uma demonstração.

— Aí, muito melhor. Eu não deveria mais perder o equilíbrio.

Com um suspiro e um aceno de cabeça, Merikh correu atrás de suas botas. Uma vez que ele pegou as duas, ele amarrou os cadarços juntos e pendurou-as sobre um de seus ombros.

— Você precisará usá-las quando estivermos na cidade. Você já parecerá esquisita com o capuz na cabeça e duvido que consiga lidar com as pessoas pisando em seus pés.

Ele podia lidar com o estranho estalo da bota, mas se perguntou se os pés dela poderiam suportar tamanha dor. Eles eram delicados para seu tamanho, mas grandes simplesmente porque ela era desumanamente alta.

Então, Merikh inclinou a cabeça e se ajoelhou. Amarelo mudou em sua visão, assumindo seu vermelho habitual.

Ele ergueu o pé dela para inspecionar as marcas de flechas em sua carne com profunda curiosidade. *Por que ela tem essas marcas? Elas são como tatuagens.* Três pontos seguidos percorriam o arco do pé em direção aos dedos dos pés e, após uma inspeção mais aprofundada, ele notou mais em volta dos tornozelos.

Merikh levantou um pouco a saia para ver até onde elas iam, notando anéis ao redor de suas panturrilhas. Ele estava prestes a ir mais alto, mas ela o atingiu na testa com a base do punho e se afastou dele.

Merikh grunhiu.

— Por que diabos você me bateu?

— Você estava levantando meu vestido!

A curiosidade levou a melhor sobre ele, e ele agiu sem pensar. Quando ela foi bater em seu crânio novamente, ele agarrou seu pulso e empurrou para cima a manga do vestido.

— Eu notei os anéis pretos em seus dedos, mas não sabia que havia mais. Você está toda coberta de tatuagens como essas?

Sua mão tinha marcas de flechas semelhantes que circundavam seu pulso. No entanto, seu braço estava livre de qualquer marca até logo abaixo do cotovelo, onde ela tinha um intrincado nó em volta.

Ela afastou o braço da palma grande dele e colocou a mão sobre a marca em seu cotovelo.

— Sim eu sou. Todos os elysios são. — Seu tom era defensivo, e suas bochechas inchadas e lábios apertados lhe diziam que ela não gostava de ser inspecionada. — Eles são símbolos mágicos e crescem com o tempo. Não são tatuagens.

Com uma exalação irritada, Merikh se levantou.

— Você não pode me fazer um milhão de perguntas e depois me repreender por mim.

— Claro, eu posso — ela fez beicinho. — Minhas perguntas não envolvem me despir você.

Se Merikh tivesse olhos, ele os teria revirado. Em vez disso, ele virou a cabeça.

— Vamos continuar. Estamos perdendo tempo.

Ele se virou e esperou que ela agarrasse a corda novamente. Ela ficou amuada por um bom tempo, e ele aceitou o silêncio com facilidade.

Ela comia enquanto caminhavam, sem perder o ritmo.

— Merikh, — ela disse, fazendo com que seus espinhos estremecessem e o pelo curto esvoaçasse levemente quando uma emoção o percorreu.

Foi a primeira vez que ela disse seu nome *verdadeiro* para ele em sua voz melódica e celestial. Sua reação foi tão chocante para ele

que seus orbes ficaram rosa avermelhados de vergonha.

Quando outros diziam seu nome, era impetuoso. Parecia o que era: um presságio e aviso de morte. De seus lábios, ela de alguma forma torceu para soar... convidativo, rico.

— O que? — ele ralou.

— Quanto tempo vai demorar até chegarmos lá? Não se atreva a dizer 'alguns dias' como você tem feito.

Ele considerou seu novo ritmo, já que ela era muito mais rápida e estável sem as botas.

— Nesse ritmo, provavelmente chegaremos ao único templo Anzoli nas terras do sul em dois ou três dias. — Então, com um tom curto, ele perguntou: — Isso é um *problema* para você?

— Vou ser sincera... estou quase sem comida.

— Então você deveria ter racionado.

— Faz cinco dias. Racionei, mas só trouxe o que pude carregar.

Merikh levou a mão à parte inferior do focinho.

Não vai adiantar nada para nenhum de nós se ela passar fome. Ele não estava interessado em torturá-la desnecessariamente por uma necessidade. Além disso, ela provavelmente começaria a choramingar ou diminuir a velocidade se não tivesse sustento suficiente.

— Vou encontrar comida ao longo do caminho.

CAPÍTULO 9

Até os joelhos na água da lagoa levemente em movimento, Merikh tinha suas garras tensas e prontas. Suas longas calças pretas estavam enroladas até onde suas coxas permitiam, a barra molhada. Sua camisa, no entanto, não conseguiu a mesma façanha, e atualmente estava caída na borda.

O pelo curto ao redor de suas coxas grossas era a única coisa que se movia, e balançava suavemente com o movimento natural do rio. Ele estava tão imóvel que até mesmo seu longo e fino rabo de touro, enrolado dentro de suas calças, estava imóvel.

Nessa posição, pronto para atacar, ele esperou.

Ele esperou tanto que Raewyn finalmente suspirou de tédio no leito do rio. Ela estava sentada de bunda, os braços em volta dos joelhos dobrados.

A água aqui era fresca, pois ainda não havia sido poluída pela água do mar que corria rio acima. Este também era um bom lugar para encher seu saco de água.

Todas essas necessidades eram cansativas para uma criatura que nunca precisou considerá-las, mas ele não estava aborrecido por ela tê-las.

— A pesca costuma demorar tanto?

A pesca costuma demorar tanto? ele zombou mentalmente, recusando-se a responder para não assustar um peixe desavisado.

Não era ela que ficava encharcada só para pegar o jantar de outra pessoa. Não, em vez disso *ele* estava fazendo isso, e ela estava sendo muito ingrata.

Então, ela enfiou os dedos dos pés na água e chutou!

— Esta água é sanitária? Nesse caso, adoraria tomar um banho assim que você terminar de nadar por aí.

Quando ele estava prestes a acalmá-la, sua visão se prendeu ao movimento. Parecia que seu pequeno chute havia assustado um pequeno cardume de peixes em seu caminho.

Ele mergulhou as duas mãos na água e sua gaiola de garras atingiu dois peixes, prendendo-os entre as palmas das mãos e o fundo lamacento do rio. O resto deixou bolhas para trás enquanto se espalhavam. Ele puxou ambos para fora da água e inspecionou seus corpos consideráveis.

Agora que sua tarefa estava cumprida, ele foi na direção dela, e a água espirrou em suas pernas enquanto ele se aproximava.

— Bom trabalho. — Ela bateu palmas, como se ele tivesse completado uma façanha incrível.

— Por que você está batendo palmas? — ele perguntou, sua cabeça inclinada em confusão. — Com uma linha de pesca, tenho certeza que você poderia ter feito isso.

— Realmente? — O sorriso dela era uma estranheza para a conversa deles, e só fez com que seus orbes se transformassem em amarelos de curiosidade. — Eu nunca segurei ou vi um peixe antes. Posso tocá-lo?

Ele realmente não entendia a empolgação dela, mas não se importava em entregá-lo a ela. Isso liberaria uma de suas mãos para que ele pudesse começar a prepará-las.

— Não perca, — ele afirmou, enquanto colocava um dos peixes em suas mãos estendidas.

Ela soltou um guincho quando o peixe agitado balançou em seu aperto, mas ela o segurou com força enquanto lutava contra sua

força, seu corpo inteiro tremendo junto com ele.

— Por que está se movendo?!

— Porque ainda está vivo, — ele respondeu enquanto inclinava a cabeça para o outro lado, sem saber como ela não sabia disso.

Eles não pescavam em seu reino? *Só pensei que ela não tivesse segurado um peixe vivo.*

À sua maneira, ele estava um pouco animado para descobrir o quão diferente isso... Nyl'theria era da Terra. Era como....

— Bruto! Coloque-o de volta na água.

Merikh praticamente mergulhou para pegá-lo quando parecia que ela estava prestes a jogá-lo no rio. Ele só teve tempo de se segurar com o cotovelo, caso contrário, teria ido parar no rio.

Com uma careta, ela tocou a camada de lodo natural do peixe que cobria suas mãos antes de manobrar para lavá-los no rio.

Enquanto Merikh se endireitava, segurando os dois peixes agitados, Raewyn sentou-se ao lado do fogo com o queixo erguido.

— Isso foi nojento. — Seus lábios puxaram para trás em um estremecimento. — Não acredito que você vai comer isso.

— Eu? — ele exclamou enquanto sua cabeça se projetava para trás. — Eu não vou comer isso. Eu os peguei para você.

Ela se arrastou sobre as mãos e os joelhos para fugir da fumaça quando ela começou a soprar em seu rosto. Ela fez uma pausa uma vez que estava limpa, e então se sentou de joelhos de frente para ele com as sobrancelhas franzidas em preocupação.

— Oh, eu não sabia que você estava fazendo isso por mim. — Então ela ergueu o dedo indicador e coçou timidamente a bochecha.
— Não posso comê-los.

O vento mudou de direção e soprou a fumaça de volta em seu rosto. Ela tossiu suavemente. Ela poderia continuar se movendo o quanto quisesse, mas sem dúvida isso aconteceria novamente.

Uma risada pequena e cruel o teria deixado, mas não o fez, não quando a compreensão o atingiu.

— Que diabos você está falando? — Um pequeno grunhido borbulhou de sua garganta enquanto seus orbes brilhavam em vermelho brilhante. — Você disse que precisava de comida, e eu encontrei comida para você.

Suas sobrancelhas e bochechas se enrugaram em um estremecimento.

— Você deveria ter me contado antes que tivesse pescado o peixe para mim.

— Para quem mais eu pegaria? — Ele não podia acreditar. Ele literalmente se molhou e pegou isso para ela, e ela não queria? — Você vai comer isso ou vai passar fome. Não há mais nada comestível ao longo do caminho.

— Elysios não comem carne!

— Bem, você come hoje — ele rosnou, agarrando seu tornozelo quando ela começou a rastejar para longe. — Seja qual for a reserva que seu povo tenha sobre comida, neste reino, você come o que encontra ou morre de fome. Não há meio-termo, nenhuma escolha.

Quão rico era o povo élfico para sobreviver sem carne como uma força vital adicional? Os humanos não podiam poupar para não comê-lo. Ao viajar, às vezes não havia alternativa. Eles caçavam porque *tinham* que caçar.

— Então não escolho nada quando a alternativa é a doença. Posso sobreviver alguns dias sem comida, mas minha constituição

fisiológica é incapaz de consumir carne. Isso traz uma doença, uma maldição, se você quiser.

— Então por que viemos aqui?

Com um grunhido profundo, Merikh jogou o peixe na água, duvidoso que sobreviveria depois de ficar exposto ao ar por tanto tempo. Ela se encolheu de surpresa com o rosnado dele e o respingo, antes de seus joelhos baterem para o lado conscientemente.

Merikh sentou-se de cócoras e espalmou o crânio em frustração.

Eu pensei que ela seria como cuidar de um ser humano. Merikh nunca havia cuidado de um humano antes. Ele só havia observado e lido sobre eles para que pudesse se passar por um sem suspeitas.

Ele era sua morte e destruição. Se ele pegasse um como se fosse um animal de estimação, seria como engordar um porco para o abate.

Isso ficou muito mais difícil do que precisava ser.

— Você deveria ter me dito primeiro que comida eu deveria estar procurando, em vez de supor que eu tinha alguma ideia, — ele rosnou, assim que se levantou. — Como diabos eu vou saber o que você pode ou não comer?

— Bem, você também não pensou em me perguntar. — Ela mordeu o lábio inferior antes de limpar as mãos no vestido. — Você não vai comê-los então?

Ela parecia cautelosa com ele. Então, novamente, ela sempre parecia dividida entre ser cautelosa ou calorosa. Sua 'simpatia' provavelmente não passava de uma fachada para aplacar o monstro com quem ela estava viajando.

O que significava que ele odiava quando ela lhe mostrava um pouco de calor. Ele preferia que ela o encarasse como todo mundo que sabia o que ele era.

— Não, pois isso seria totalmente inútil. Nenhuma quantidade de comida satisfaz a fome de um Caminhante do Crepúsculo. Estou *sempre* com fome, sempre à beira da fome, sem fim à vista. *Essa* é a minha maldição.

— Bem, isso soa terrível — ela murmurou com um beicinho forçado, e ele apostou que ela achava que ela era bonita, mas isso só o irritou ainda mais.

Ele olhou para a água, dourada e brilhante devido à luz do sol. Ele pensou em jogá-la no rio.

— Conte-me sobre isso — ele zombou.

Colocando as mãos na água, ele juntou uma grande quantidade para poder jogá-la no fogo que havia feito sem motivo algum.

— Levaremos mais um dia para chegar ao templo, mas há uma pequena cidade agrícola onde paramos. Vou pegar comida para você comer.

Ele não hesitaria em torturá-la se ela realmente pretendia desistir de sua parte no acordo, mas ele não tinha interesse em deixá-la passar fome. Ele não queria tornar insuportável o resto de sua – esperançosamente – curta jornada.

Ele apostou que ela reclamaria, gemeria e reclamaria com ele. Isso era normal... certo? Ele tinha certeza de que os humanos haviam inventado uma palavra específica para isso, *fome* ou algo assim. Passar fome só iria torturar a si mesmo.

— Qualquer outro requisito que eu deva saber?

— Não. — Então, ela teve a ousadia de bater seus lindos e esvoaçantes cílios para ele antes de mergulhar o dedão do pé na água e girá-lo. — Então... sobre aquele banho.

— Não, — ele rosnou enquanto recolhia todo o fogo e ferramentas de pesca que tinha preparado para sua refeição intocada para que pudesse colocar tudo de volta em uma de suas mochilas. Ele também vestiu a camisa. — Por desperdiçar meu tempo, você pode sofrer.

Honestamente, ele estava se sentindo mais irritado do que o normal, e ela realmente havia desperdiçado seu tempo.

— Eu prometo que serão apenas cinco minutos.

Merikh cruzou os braços quando se levantou, preparado e pronto para partir.

— Mais cinco minutos perdidos.

Sem um pinga de aviso, ela se levantou e colocou as mãos nos quadris.

— Você sabe o que? Não preciso pedir sua permissão.

Quando ela começou a desfazer os laços na frente de seu vestido, Merikh soltou um grunhido profundo.

— Eu disse não! O crepúsculo está começando a colorir o céu e deixamos nossos cheiros aqui por muito tempo. É assim que você se põe em perigo.

Raewyn ergueu o queixo teimosamente.

— Eu acho que você não é tão forte quanto diz ser, — ela cantou, enquanto abaixava o vestido sobre os ombros.

Com seu rosnado cada vez mais feroz, Merikh se virou antes que pudesse ver mais de seu corpo, surpreso por ela estar disposta a

se despir na frente dele apenas para um banho. A maioria das mulheres não tinha vergonha de sua nudez?

— Você tem cinco minutos, — ele disparou enquanto passava pelas árvores e arbustos. — Ou eu vou deixar você aqui.

A risada que saiu dela foi leve e arejada, cheia de travessuras.

— Não, você não vai.

Ele olhou para trás para ver que ela literalmente mostrou a língua para ele como ele tinha visto as crianças fazerem umas com as outras.

Merikh não gostou que a verdade de suas palavras fosse tão óbvia; ele não tinha esperança de convencê-la do contrário. Ela era mais incômoda do que ele havia previsto inicialmente.

Eu deveria ter comido ela...

CAPÍTULO 10

Mesmo depois de mais um dia de viagem, Raewyn manteve os lábios quase fechados. Merikh ainda estava irritado e limitou suas respostas a ela como grunhidos curtos.

Ela não estava interessada em irritá-lo ainda mais.

Ela se sentia mal por ele ter passado por todo aquele problema por ela, e provavelmente parecia que ela era ingrata. Ela não era. Ela apreciou sua tentativa de alimentá-la.

Raewyn não estava tão desiludido a ponto de acreditar que eles eram amigos. Na realidade, ela era sua prisioneira e estava permitindo isso porque precisava de sua ajuda.

Eu não deveria ter presumido que ele entenderia que não posso comer carne. Ela estava tão acostumada com esse fato comum entre seu

povo que tinha esquecido.

Havia muita coisa acontecendo. Ela estava em um lugar estranho, com uma... *coisa estranha*, tendo que fazer uma jornada estranha só para poder pular para outro mundo. Havia tantas variáveis, e ela se sentia perdida em uma floresta cheia de dentes afiados.

Dizer que ela estava sobrecarregada era um eufemismo.

Raewyn também estava cansada, fisicamente exausta por andar constantemente, e ela estava com fome o tempo todo. Seu estômago frequentemente estremecia de vazio, logo para começar a gorgolejar alto. Ela estava racionando sua comida quando percebeu dias atrás que as coisas estavam demorando mais do que ela havia estimado. Desde então, ela comeu o mínimo que pôde, enchendo-se de água em vez de comida.

Ela não estava em sua capacidade ideal de pensamento. Alguém estaria no lugar dela?

Não ajudava que ela não entendesse completamente o que ele era. Ok, então ele tinha uma caveira no lugar do rosto. O que mais? O que mais havia de diferente em Merikh, além da estranheza de seu exterior?

Como Raewyn havia feito durante toda a sua vida, quando era apresentada a um assunto de interesse sobre o qual ela sabia pouco, ela cutucava e cutucava seu assunto até que quebrasse. Se ela tivesse papel e a tinta mágica que criou seu elbraille, ela teria começado a escrever uma tese.

Em vez disso, ela estava categorizando mentalmente tudo o que aprendeu sobre ele e classificando-o como pesquisa. Ela queria

poder catalogar o que ele era para poder informar seus colegas conselheiros sobre o que estava acontecendo na Terra.

Ela compartilharia o estado horrível dos humanos e como eles estavam sendo forçados a viver por causa de suas ações. Ela compartilharia que os Demônios haviam invadido completamente este mundo, e que a espécie de Merikh parecia ser mais dominante do que eles. Ela precisava contar a eles o máximo que pudesse sobre Weldir e o que ele estava fazendo, talvez até falar com um profeta que tinha a rara habilidade de falar com seus deuses – atualmente, de milhares de pessoas elysias, havia apenas três.

Um profeta para cada divindade que restava, uma história horrível para outra hora.

Ela queria explicar tudo o que pudesse sobre Caminhantes do Crepúsculo, e Merikh em particular, especialmente porque ela ainda estava insegura dele.

Sua personalidade era grosseira, e Raewyn estava constantemente testando seus limites para ver se ela conseguia entendê-lo.

Ela ficou surpresa com a honestidade dele quando fez perguntas sobre o que ele era e como matá-lo. Ela esperava que ele mantivesse qualquer coisa relacionada a si mesmo em segredo, preocupada que ela tentasse matá-lo na primeira chance que tivesse.

Significava que ele era um idiota por ter contado a ela, ou ele era tão incrível em força quanto ele disse que era.

Ainda assim, mesmo que ele fosse um pouco... mau, ele se esforçou para tentar alimentá-la. Em vez de 'siga como prisioneira, ou então', ele permitiu que ela tivesse alguns minutos para tomar

banho rapidamente para que ela se sentisse mais limpa, mais saudável, melhor.

Era óbvio que ele era rancoroso. Não para ela, mas para algo completamente diferente, e ela queria saber o que era. Por que ele guardava o ódio com tanto carinho que era impetuoso e insensível com suas palavras e comportamento?

Ela estava percebendo que o Merc que ela conhecia era completamente falsificado, e que Merikh era alguém completamente diferente.

Pelo que ela tocou por fora, ele era um monstro. Raewyn queria saber se ele era um monstro completo. Ele era algo profano e mau em seu âmago, ou talvez houvesse uma bondade além de seus objetivos egocêntricos?

Ela só descobriria essas coisas se fosse aberta sobre seu povo, sobre seu mundo, sobre si mesma. Ela precisava ser aquela com poucos segredos se tivesse alguma esperança de entendê-lo no pouco tempo que estaria com ele.

Agora, ela podia sentir que só precisava ficar quieta depois de todo o incidente da pesca.

Ele parece estar com mais pressa para deixar este reino do que eu. Era difícil imaginar como ela estava com saudades de casa, a ponto de seu coração e estômago parecerem querer trocar de lugar.

Não, era ele quem não queria se desviar do caminho deles a menos que fosse necessário. No entanto, ele estava indo para esta cidade agrícola por causa dela.

Ele era um enigma.

Raewyn e seu povo descobriram há muito tempo que o exterior de alguém significava muito pouco, e eram suas ações que deveriam

ser julgadas. Um Demônio só era um monstro se causasse devastação em sua cidade.

Os Delysianos eram a prova disso – pessoas que já foram monstros, mas não eram mais.

Claro, seu povo poderia julgá-los por suas transgressões passadas, mas então não haveria chance de cura e paz.

Poderia Merikh e sua espécie ser o mesmo? Eles não poderiam ser monstros, mas pessoas que poderiam viver pacificamente entre eles se tentassem?

Ela estava tão incerta, especialmente porque ele era quente e frio em cada ação que fazia, uma criatura complexa que ela tinha pouco tempo para separar.

Ela precisava saber, não apenas por sua própria curiosidade, mas também para saber se ele era um perigo para seu povo ou não. Era óbvio que ele forçaria seu caminho em seu reino ao lado dela, então é melhor ela ter um plano se as coisas dessem errado.

Pela primeira vez em horas, Merikh finalmente falou.

– Estamos quase lá. A cidade está à vista.

Mesmo sendo completamente avessa à ideia, Raewyn suspirou e perguntou: – Isso significa que devo calçar esses sapatos horríveis?

Ele ainda estava carregando-os para ela.

– Sim, acho que seria sensato.

Merikh parou, então ela também parou quando sua corda-guia afrouxou. Ele gentilmente pressionou seus sapatos contra seu estômago. Raewyn foi desfazer os laços que os amarravam, mas ele já tinha feito isso por consideração a ela.

Ela os calçou sem meias, esperando não ter que usá-los por muito tempo. Ele explicou que a cidade era pequena e eles não ficariam lá por muito tempo. Pegar a comida dela e sair era o plano.

Uma vez que seus sapatos estavam amarrados e ela prendeu um pequeno pano sobre os olhos, ele os conduziu pelo caminho. Ela também colocou o capuz sobre o cabelo e as orelhas para escondê-los.

— Isso é estranho. — Ele cantarolou, diminuindo a velocidade quando eles devem ter chegado perto. — Os portões estão fechados. Os humanos costumam mantê-los abertos durante o dia para os viajantes.

— Tem certeza que seu glamour está funcionando?

Ela imaginou que eles fechariam os portões se vissem algo como um Demônio ou o crânio ossudo de Caminhante do Crepúsculo se aproximando.

— Sim. Nunca falhou.

Suas orelhas dispararam para trás com as fortes batidas quando ele bateu com o fundo de seu grande punho contra o portão de madeira.

Barulhos e sinos, como alguém vestindo uma armadura de metal, ecoaram lá de cima.

— Salve, viajantes — gritou um soldado.

— Por que o portão está fechado? — Merikh gritou de volta, mas era sujo, quase como um rugido.

— Não estamos permitindo que viajantes entrem em nosso terreno no momento. Retornem.

O estrondo mais silencioso vibrou de Merikh.

— O que você quer dizer com não está permitindo a entrada de viajantes? Buscamos refúgio dentro da cidade temporariamente para reabastecer nossas rações para que possamos continuar nossas viagens. Nenhuma cidade jamais recusou pessoas cansadas.

— Bem, nós sim. Saíam, ou recebi ordens para atirar.

Suas orelhas estremeceram sob o capuz ao som de uma batida e depois um rangido, e ela deu um passo para trás de Merikh. O soldado estava mirando neles com um arco e flecha.

— Você vai nos deixar entrar na cidade! — Merikh gritou enquanto batia o punho contra o portão. — Esta mulher está cansada. Ela precisa de descanso, ela precisa de água e comida. Você é tão insensível a ponto de mandá-la embora?

Ele a agarrou por trás e a puxou para frente, para que ela ficasse na frente dele. Então, ele segurou por baixo de sua mandíbula para empurrar seu rosto para cima em direção ao guarda. As pontas de sua venda balançavam contra sua bochecha.

Seus lábios se estreitaram com aborrecimento por ser usada dessa maneira manipuladora, mas ela aceitaria se isso significasse que ela poderia se reabastecer.

Um pequeno pedaço de silêncio impregnava o ar. O guarda estava reconsiderando, e seus ombros aliviaram a tensão.

— Sinto muito — gritou o guarda. — Mas não posso desconsiderar ordens, não importa o motivo. Nosso povo recebeu a notícia de um assassino que atualmente atravessa as aldeias do sul.

— Você está insinuando que somos assassinos? — Merikh perguntou com uma peculiaridade de humor. — Olhe para nós; parecemos capazes de tais coisas?

— Como sei que esta mulher é realmente cega? Isso pode ser nada mais do que um estratagema para garantir sua admissão.

— Como você sabe que não é um Demônio?

— Porque um Demônio não deixaria um cadáver. Essa pessoa – ou pode haver mais de uma – tem deixado cadáveres sem cabeça e sem coração por aí, e um aviso foi dado a todas as cidades próximas.

Raewyn engasgou e pulou para trás quando um baque soou do outro lado de Merikh. O guarda havia disparado um tiro de advertência! *Eles realmente atiraram em nós!*

— Saia, ou eu vou atirar em você em seguida, — o guarda disse enquanto colocava outra flecha.

— Tudo bem — disse Merikh antes de recuar.

Ele os levou para longe da cidade, e Raewyn não conseguiu parar a queda desanimada de seus ombros, nem sua expressão. *Mas eu estou com fome. Como os humanos podem rejeitar tão facilmente os necessitados?*

— Teremos que esperar aqui, — ele disse enquanto parava e se virava rapidamente para ela. — Você também pode sentar e descansar enquanto pode.

Raewyn inclinou a cabeça. — Por que?

— Você acha que eu vou deixar isso me parar? O sol vai se pôr em breve. Vou escalar a parede assim que a noite cair.

— Você pode fazer isso?

Ela tinha ouvido falar que a maioria das aldeias tinha paredes de pelo menos cinco, senão seis, metros de altura. Isso parecia impossível de escalar.

— Nada que os humanos façam pode ou irá parar os Caminhantes do Crepúsculo, — Merikh afirmou, sua voz vindo de

baixo, como se ele estivesse sentado no chão. — Eles têm sorte de *geralmente* não querermos nada com eles.

Raewyn estendeu a mão para encontrar uma árvore para se apoiar enquanto ela mais uma vez tirava as botas.

Acho que estamos esperando, então. Espero que nenhum demônio nos encontre.



Merikh assustou a elfa quando ele pousou ao lado de sua barreira gramada. Seu cheiro de medo permeou o ar da noite, mas se acalmou quando ela deve ter percebido quem era.

Ele preferia não tê-la assustado, mas só podia escalar a muralha da cidade, não derrubá-la. Ele pulou do topo e pousou ao lado dela depois de saquear suas plantações.

— Algum Demônio? — ele perguntou enquanto olhava ao redor e ouvia com atenção. Seu olfato era muito diluído para ser útil com inimigos de longa distância.

Ele normalmente não usava seu pano para mascarar o cheiro, mas era obrigado a fazê-lo por causa dela. Se ela cheirasse a medo ou sangue, havia uma chance de que ele pudesse se virar contra ela.

Sua barreira gramada desapareceu quando ela se desenrolou de seu amontoado protetor.

— Não.

Ele vasculhou o saco de comida que havia recolhido para se certificar de que ainda estava tudo lá antes de entregá-lo a ela. Suas

mãos se tocaram com a troca. Sua carne era quente, sua pele tão macia como seda contra a abrasividade de suas palmas calejadas.

— Sorte — afirmou. — As cidades são uma atração. Eu não tinha certeza de deixá-la aqui sozinha, mas esperava que você fosse capaz de se proteger.

— Você não demorou muito, — ela respondeu enquanto ela mesma vasculhava o saco. — Oh uau, há tanto aqui. Obrigada por isso. Você saiu tão rápido que não me deu tempo de lhe dar dinheiro para pagar por eles.

— Pagar por eles? — Merikh mordeu em descrença. — Todas as lojas estão fechadas, Raewyn.

Ela piscou seus olhos fascinantes antes que eles se arregalassem, e seu lábio inferior caiu.

— Você roubou tudo? Você não pode fazer isso!

— Então eles deveriam ter nos deixado entrar quando eu pedi. Eu estava pensando em encontrar aquele guarda e esmagar seu crânio enquanto ele dormia.

Ele quase quis rir - calorosamente, em vez de sua risada sombria e cruel de sempre - quando o rosto dela se contorceu com uma preocupação culpada. O canto de seus olhos estava enrugado enquanto ela os curvava em aversão, suas sobrancelhas brancas formavam pequenos movimentos de contrariedade.

— Não é legal roubar.

Merikh rolou a cabeça nos ombros antes de suspirar.

— Eu colhi tudo o que sei que é comestível sem cozinhá-lo primeiro. Isso deve ser suficiente até chegarmos ao templo.

Ela franziu os lábios, como se desejasse continuar repreendendo-o por seu roubo. Então, ela virou o rosto para cima e

olhou em sua direção.

— Eu ouvi você ameaçar pessoas em Clawhaven. Você costuma bater no crânio das pessoas?

— Uma ou duas vezes, mas geralmente merecem.

— Isso é mesmo verdade? — ela lamentou, sua cabeça caindo para trás como se ela estivesse rezando para algum deus acima.

— Claro. — Absolutamente não era.

Ele tinha certeza de que havia esmagado a cabeça de um punhado de pessoas simplesmente porque o irritaram. *Ele* achava que eles mereciam, mas muitos momentos depois, ele refletia sobre isso e mudava de ideia. Ele não se arrependia, porém, pois não podia voltar atrás no que havia feito, e muitas vezes gostava de relembrar caprichosamente suas ações.

Às vezes, ele tirava grande prazer de fazê-lo.

Ele definitivamente gostaria de refletir sobre sua curta visita a esta cidade. Ele destruiu metade de suas colheitas em retaliação por não permitir a entrada deles quando ele tão *educadamente* pediu por isso.

Ele teria deixado o fogo queimando, mas tinha uma elfa que precisava proteger. A luz e a fumaça das chamas só atrairiam os Demônios próximos para ela.

Como ela havia tirado uma pequena soneca enquanto eles esperavam a noite cair e agora tinham comida, ele esperava que eles não precisassem parar novamente por um bom tempo.

Um passo mais perto da liberdade, pensou enquanto lhe entregava a corda-guia.

CAPÍTULO 11

Raewyn estremeceu quando outra pedra afiada espetou a sola de um de seus pés doloridos. Por quase três dias seguidos, eles caminharam. Foram três dias de garoa aleatória com muito sol. Três dias sem parar, sem diminuir o ritmo, mesmo à noite.

Ela estava cansada disso. Ela estava superada.

Nunca andei tanto em toda a minha vida.

As solas dos pés estavam doloridas por pisar em pedras irregulares, gravetos pontiagudos e terra dura. Ela imaginou que eles estavam, sem dúvida, nojentos de toda a lama que ela pisou.

Ela só teria um alívio quando o ambiente se tornasse uma grama macia, e isso só tornava as varetas aleatórias mais surpreendentes e de alguma forma mais dolorosas.

Em algum lugar ao longo de sua jornada, Merikh ganhou um pouco de ânimo. Talvez por estar indo em direção ao templo, ele estava inclinado a não ser desagradável de forma alguma.

Ainda assim, havia uma parede inquebrável ao seu redor.

Ela conseguiu saber de cinco irmãos adultos que ele tinha, todos com crânios, chifres e características corporais diferentes. Ela descobrira que eles se tornavam parcialmente o que comiam, exceto que os Demônios não lhes davam novas características. Um bebê Mavka não era essencialmente nada; eles pareciam bebês gorduchos com boca irregular e buracos no nariz, sem nenhuma outra característica distinta em sua carne cinza-escura, quase vazia.

Ela descobriu que sua mãe era uma humana que se tornou um Espírito depois de dar a Weldir sua alma. Ela foi presenteada com o uso do poder por Weldir e agia como seu eu físico neste reino.

Não havia dúvida em sua mente que a Donzela Dourada ficaria bastante chateada com esse fato - já que ela apenas permitiu a ele o poder de controlar seu próprio reino. Ele não deveria interferir com a Terra. Ele deveria ser apenas um coletor de almas para aqueles que foram condenados pelos Demônios que os comeram.

Ao adquirir uma companheira, ele violou tecnicamente o acordo que fez com a Donzela Dourada, aquele que fez para escapar de seu reino de prisão.

Ele não deveria experimentar alegria, vida ou mesmo amor. Sem um corpo verdadeiro para possuir, todos pensaram que ele seria incapaz.

Oh, como eles estavam errados.

Merikh também lhe contara muito sobre os humanos e a maneira como viviam. Ele explicou as diferenças entre as terras norte, sul, leste e oeste do Veu.

A fronteira das terras do sul tornava esta área do continente mais segura de Demônios menores, o que significava que mais humanos viviam ali. No entanto, os Demônios descobriram isso, e muitas vezes eram os maiores e mais desagradáveis que caçavam nesta área.

No entanto, em todas as suas descobertas, ela soube muito pouco sobre ele.

Este Caminhante do Crepúsculo não compartilhou detalhes sobre o que estava procurando. Ele estava viajando pelo mundo no momento em que ganhou a habilidade de deixar sua casa permanentemente. Ele aparentemente voltava a cada dez anos para estabelecer uma barreira protetora, recusando-se a permitir que

qualquer criatura levasse a única coisa que lhe pertencia, mas ele sempre partia novamente quando o fazia.

Acho que toda criatura se sente confortada sabendo que tem um lugar para onde voltar, ela refletiu.

Sempre que ela perguntava a Merikh o que ele realmente tinha feito ao longo dos anos, por que ele tinha um glamour para entrar nas cidades humanas ou o que o compelia a continuar em movimento, sua resposta era sempre vaga.

Frequentemente, ele apenas grunhia, informando-a de que a ouvira, mas não respondia. Isso, ou ele apenas diria a ela que seria melhor não saber.

Ela não poderia dizer se ele era bom ou mau, a menos que revelasse algo sobre si mesmo, algo que não fosse de interesse próprio, como cuidar dela apenas porque isso lhe daria o que queria.

Atualmente, ela estava inclinada para... o mal.

Ele destruiu colheitas quando não precisava, apenas para ser rancoroso. Ele ameaçou os pobres crânios de várias pessoas com uma surra completa. Ele tinha... comido humanos, já havia admitido isso, e ainda assim, não soava como se ele tivesse um pinga de remorso.

Ela descobriu que ele ganhou inteligência e humanidade comendo humanos. Justamente. Como. Demônios.

Devo dizer a ele a verdade sobre o motivo disso? Ela estava pensando nisso, pensando que uma pessoa deveria se conhecer quando era importante, mas ela teve a impressão de que ele não gostava de falar sobre sua família.

Nem seus irmãos, nem sua mãe, e sempre havia um grunhido em seu tom sempre que ele explicava algo relacionado a seu pai.

Agora que ela não estava mais com a venda perto dele, ela até viu faíscas vermelhas exatamente onde ela achava que o rosto dele estava, como um brilho de raiva antes de desaparecer. Era a magia que permitia que os orbes mudassem de cor, e ela era capaz de ver as faíscas da mudança – e às vezes um rastro de cor, se parecia que uma emoção o dominava com força.

Muitas vezes eram vermelhos, mesmo quando ela não falava há muito tempo. Até mesmo seus pensamentos eram odiosos.

Eu não confio nele. Como ela poderia?

Ela queria, queria desesperadamente, mas não podia.

Raewyn sempre ouviu que ela era muito confiante, especialmente quando ela empregou Cykran como seu assistente, mas ela nunca foi uma idiota. Ela não confiava tolamente naqueles sobre os quais ela não tinha certeza.

Ela sempre pesou os prós e os contras.

Merikh era um mentiroso.

E daí se o aroma de laranja e canela dele era deliciosamente delicioso? E daí se a voz profunda e rouca dele era agradável e fazia seus ouvidos zumbirem de felicidade? E daí se a mão grande dele era tão quente e áspera que fazia sua pele formigar apenas pelo contato escasso?

Então, por que ela queria se aproximar dele para poder cheirá-lo melhor, ou ouvi-lo melhor, ou esperar que ele lhe desse algo de novo para que ela pudesse ser abençoada com o calor e o toque de sua mão?

Como posso gostar de alguma coisa nele? Não fazia sentido.

Ela ficou confusa nas poucas vezes que ele a tocou ou a agarrou. Seu toque só tinha sido gentil quando ele a salvou daqueles

Demônios muitas noites atrás.

Seu ritmo também era algo que ela podia acompanhar. Embora ela estivesse cansada – três dias de caminhada sem parar era cansativo para qualquer criatura, exceto ele, aparentemente – não era por causa do ritmo. O caminho geralmente era bastante plano, com pouco ou nada para Raewyn tropeçar.

Um captor cruel geralmente arrastaria seu cativo por qualquer caminho traiçoeiro, na velocidade que escolhesse.

De certa forma, este era apenas um passeio agradável por um mundo desconhecido. Não era uma marcha.

Se ele é tão forte, gostaria que me carregasse. Ela não teria se importado. Ela havia pensado em diminuir o ritmo para reclamar constantemente, só para ver se conseguia convencê-lo a fazê-lo.

Raewyn murmurou pensativamente. *Se ele me carregasse, porém, ele me carregaria bem me embalando, ou ele me jogaria sobre o ombro como um saco de comida novamente?*

Havia tantas perguntas e nenhuma resposta no horizonte.

— Já estamos lá? — Raewyn choramingou, puxando a corda para que ela pudesse se inclinar para trás enquanto caminhava, seu rosto apontando para o céu para que ela pudesse descansar o pescoço. — Meus pés doem.

— Estaremos lá em breve — ele respondeu claramente.

Ele vinha dizendo isso há horas.

Raewyn soltou um suspiro, não tendo mais certeza se ele estava realmente levando-a ao templo ou apenas planejando levá-la até a morte.

Com o pescoço esticado para trás, ela tentou sentir a luz do sol espreitando através de qualquer folhagem acima deles.

— Merikh... — ela afirmou lentamente para chamar sua atenção.

As orelhas dela se contraíram quando ele soltou um estranho e rouco — O quê?

— Qual é a cor do céu aqui?

O silêncio que irradiava entre eles apenas destacava o barulho de seus passos pela floresta — a maneira como os gravetos estalavam sob seu peso, ou quando ele empurrava um galho para trás para se certificar de que não voltaria para bater nela.

Era um detalhe tão pequeno, ele segurando aquele galho, mas era uma das muitas pequenas coisas que a faziam se perguntar se ele era uma boa pessoa lá no fundo. Ela também duvidava.

— O céu é de um azul pálido em um dia ensolarado, enquanto à noite é de um azul marinho tão escuro que parece preto. Às vezes há nuvens brancas, mas elas são de um cinza escuro quando chove. O céu é mais bonito quando amanhece ou anoitece, e raramente é o mesmo. O céu começa a ficar roxo e o horizonte começa a ficar laranja por causa do nosso sol amarelo. Às vezes, porém, é um vermelho tão profundo que parece que a borda do mundo está pegando fogo.

Os cantos de suas pálpebras se enrugaram com uma pequena quantidade de alegria. Ela não esperava que ele fosse tão detalhado, e isso fez com que seu coração se enchesse de ternura enquanto ela tentava imaginar o céu deste mundo.

— E as árvores? — ela perguntou, preocupada que ele se cansasse de responder suas perguntas.

— Depende da época do ano. Atualmente acima de você, as folhas são de um verde profundo e os troncos são marrons. No

entanto, muitas dessas árvores no outono ficarão vermelhas ou amarelas e suas folhas cairão no chão.

Seu sorriso cresceu, e ela pensou que poderia ter sido o primeiro real que ela compartilhou em sua presença desde que soube que ele era um monstro.

— E a grama?

— É verde. Assim como os arbustos pelos quais passamos. A maior parte da Terra é marrom com folhas verdes. São as flores que trazem cor e variam em tamanho, cor e tipo. Imagino que a neve seja branca para o seu reino, já que nada mais é do que água congelada.

Raewyn deu de ombros.

— Podemos criar gelo com um feitiço, mas nunca vi neve cair antes. Está muito quente em Nyl'theria, mas sabemos de alguns reinos gelados.

Trazendo a cabeça para a frente, ela deixou sua imaginação correr solta enquanto ela imaginava o mundo. Ela imaginou que as árvores eram mais baixas aqui, então com as cores que ele deu a ela, ela criou sua própria versão da Terra.

Ela quase podia vê-la, como uma pintura escura.

— Obrigada — ela sussurrou suavemente.

Ela não recebeu resposta dele.

Então, depois do que poderia ser apenas uma hora, ele disse algo que quase a fez chorar de alívio.

— A cidade está logo à nossa frente, então você precisa calçar as botas.

— Oh, graças à santa donzela, — ela suspirou antes de puxar a corda. — Podemos parar aqui um momento, então? Vou precisar enrolar meu cabelo e cobrir meu rosto também.

Em sua visão escura, um brilho amarelo apareceu.

— Por que você precisa cobrir o cabelo? Apenas mantenha seu capuz.

Raewyn balançou a cabeça. — E se for derrubado?

Merikh deu um grunhido, que ela imaginou ser sua maneira de dizer tudo bem. Ela vestiu tudo o que precisava, mas sua consciência dele formigava.

— O que significa se seus orbes ou o que quer que seja ficar amarelo?

Mais uma vez, faíscas gêmeas amarelas brilharam em sua visão antes que uma desaparecesse, como se ele a tivesse coberto com a mão. Então os dois se foram, e ela se perguntou se eles permaneceram naquela cor ou se voltaram para o vermelho de sempre.

— Você pode vê-los? Como?

— Mais ou menos — ela respondeu com um encolher de ombros. — É apenas por um momento, mas posso ver a magia quando está sendo usada.

Ele nunca respondeu o que a cor significava, mas ela pensou que poderia ser curiosidade ou confusão.

A entrada na cidade era difícil, pois os portões também estavam fechados, mas o guarda foi muito mais tolerante em deixá-los entrar. Eles receberam um aviso: se alguma morte acontecesse enquanto estivessem dentro dos muros da cidade, eles não teriam permissão para sair e seriam presos como culpados.

— Você sabe ler e escrever? — Raewyn perguntou surpresa quando ele foi obrigado a preencher seus dados em um livro. Ela esperava que não parecesse rude.

— Você ficaria surpresa com o que eu posso fazer, — ele afirmou em um tom sombrio.

Depois que Merikh escreveu seus nomes, o guarda escreveu uma descrição física completa deles. Ele não a forçou a tirar nada — já que ela empurrou o capuz para trás para mostrar o rosto — aparentemente mais interessada no grande 'humano' ao lado dela.

Raewyn desejou que ela também tivesse um glamour. Ela adoraria poder andar por aí com o cabelo e as orelhas de fora sem se importar com o mundo.

Ela se sentiu *insegura* ao entrar na cidade com o capuz tão colocado sobre a cabeça que provavelmente estava cobrindo a maior parte de seu rosto. Ela não sabia se isso a tornava menos visível ou mais.

É mais movimentado aqui do que Clawhaven e aquela cidade agrícola, Raewyn pensou enquanto ficava perto de Merikh. Ela não segurava mais o comprimento da corda, optando por enrolar a mão em volta da corda que circundava a cintura dele.

Ela avaliou seu andar confiante através dos humanos para se certificar de que não pisaria em seu calcanhar, andando um pouco atrás e ao lado dele. Ela não sabia se ele se importava, mas ele não a impediu.

Mantendo a cabeça baixa, ela tentou permanecer o mais pequena possível. Ela não era tímida, apenas nervosa com os humanos em geral.

Assim que entraram na cidade, tudo o que ela pôde ouvir foram as vozes de centenas de pessoas reunidas. Eles estavam conversando alegremente, o que era uma atmosfera diferente de Clawhaven.

— Que cheiro é esse? — Raewyn perguntou, levantando o nariz ligeiramente.

Havia o cheiro genérico de comida cozinhando, assim como pastéis doces. Claro, havia o cheiro geral de tantos corpos que vinham com seus próprios odores – alguns agradáveis, outros não. Havia flores e ervas espalhadas pelo ar.

Havia também algo mais, algo estranho e incomum, um almíscar fabricado.

— É incenso, — ele respondeu enquanto navegava pela densa multidão.

Pelo que ela podia dizer, sempre que acidentalmente esbarrava em Merikh, suas costas estavam retas, seu andar determinado. Nem uma única pessoa esbarrou neles, como se a multidão estivesse se separando para ele.

— Os acólitos do templo criaram o incenso para esconder o cheiro dos humanos — continuou ele. — Isso reduz o risco de Demônios virem aqui. Eles também colocaram amuletos ao longo das paredes de tijolos que se estendem por toda a vila. É eficaz contra os Demônios, mas não tanto contra os Caminhantes do Crepúsculo.

Ela quase o silenciou por falar sobre sua espécie, mas concluiu que ele absolutamente não se importava. Caso contrário, ele não teria falado tão abertamente sobre isso.

A música emanava de tudo ao seu redor, embora nada disso estivesse em sincronia. Alguém estava torturando um pobre violão, enquanto uma mulher cantava a plenos pulmões em algum tipo de estabelecimento.

Muitos tentaram oferecer-lhes comida ou mercadorias com alegria em suas vozes.

A cidade estava viva, cheia de esperança e alegria. Ela nunca esperou que tal lugar existisse na Terra.

Uma pontada torceu em seu estômago. *Parece um lar.*

A cidade litorânea de onde ela veio estava cheia de risadas, como se os Demônios além de sua barreira mágica não existissem. As pessoas dançavam e cantavam na rua sem se importar com o mundo, felizes por estarem vivas e protegidas.

Esta cidade cheirava e soava tão parecida, um farol de esperança para os humanos, assim como sua própria cidade.

Assim que a saudade de casa se dissipou, o alívio a invadiu como uma onda suave. Ela até sorriu para essas pessoas, oprimida por sua felicidade, apesar de tudo que obviamente enfrentaram.

Se eles pudessem ser assim, viver assim, então havia uma chance de os Elysianos repararem seus erros e consertarem as coisas novamente. Eles poderiam ajudar os humanos a se curarem uma vez que os livrassem dos perigos que espreitavam na escuridão além das paredes.

Tudo começou a se acalmar à medida que avançavam no caminho do qual nunca se desviaram. O barulho ecoou à distância enquanto Merikh os levava para longe das áreas principais.

— Estamos prestes a passar pelo primeiro portão do templo, então cuidado por onde pisa, — ele a advertiu.

Ele diminuiu a velocidade para permitir que Raewyn pisasse na ponta de uma escada, para que ela não tropeçasse. Então eles subiram a escada de pedra, e a pedra batia sob suas botas.

Subiram e subiram, depois subiram mais um pouco, como se a subida fosse interminável.

— Santa donzela, — ela engasgou. — Quantas escadas existem?

— Há sempre uma grande escada que leva a cada um dos templos principais. Sendo este o único templo nas terras do sul, é o mais alto. O edifício está situado no topo de uma colina com vista para o resto da cidade de Ashpine.

Raewyn assentiu, sorrindo em agradecimento por explicar isso a ela.

O terreno se nivelou mais uma vez e, depois de alguns passos, eles pararam.

— Existem dois portões. O primeiro está sempre aberto, a menos que haja uma invasão. O segundo está sempre fechado. Os Anzúli de que você fala não permitem que estranhos entrem em seus templos.

Ele finalmente pronunciou o nome corretamente, provavelmente porque ela disse isso várias vezes nos últimos dias.

O estrondo de seu punho no portão foi tão alto que ela tinha certeza de que todos dentro de um raio de milha teriam ouvido. Houve um pequeno *shink*, como se alguém destrancasse uma fechadura, antes de um guincho baixinho.

Ficou claro que o portão não havia sido aberto, mas sim um pequeno olho mágico.

— Sim, olá, — um homem cumprimentou friamente, sua voz rouca, como se ele estivesse meio adormecido. — Como podemos ajudar...

Parando, ele limpou a garganta, como se de repente tivesse ficado seca.

— Permita-nos entrar, — Merikh exigiu, seu tom forte e recusando a negação.

Raewyn não gostou do silêncio que se seguiu. O homem arrastou os pés do outro lado do portão, como se não tivesse certeza de como responder. Ele limpou a garganta novamente.

— Sinto muito, *senhor*, mas não permitimos estranhos em nossos templos. Se você precisar de ajuda, ficaremos mais do que felizes...

Merikh empurrou a mão de Raewyn para longe da corda enrolada em sua cintura, e um *estrondo ressonante* explodiu, como se ele tivesse batido todo o antebraço contra o portão. Suas garras arranharam a madeira.

— Eu sei que você pode *ver* o que eu sou, — Merikh rosnou. — Tenho uma mulher aqui que precisa falar com seu povo, e você nos permitirá entrar.

As orelhas de Raewyn se achataram contra os lados de sua cabeça. *O glamour não funciona com eles. Apenas enganava os humanos.*

Ela tentou empurrar Merikh para fora do caminho, que não se mexeu um centímetro para ela, então ela se entalou entre ele e o olho mágico do portão.

Ela não se importava se o irritava, ou se se machucava no processo de empurrá-lo. Ele estava estragando tudo!

Nesse ritmo, eles nunca teriam permissão para entrar.



Merikh rosnou quando a elfa se colocou na frente dele.

Ele havia resolvido isso, então não viu razão para ela intervir.

— Por favor, — Raewyn implorou, enquanto procurava o buraco com as pontas dos dedos. Quando o encontrou, puxou o capuz para trás e baixou a venda, revelando os olhos, as sobancelhas e as orelhas pontudas. — Sou uma elysiana e busco sua ajuda para voltar para casa.

Ele esperava que o homem, que tinha uma máscara de argila branca cobrindo o rosto com uma faixa vermelha descendo bem no centro, a rejeitasse imediatamente. Em vez disso, ele engasgou e cambaleou para trás, como se não pudesse acreditar no que estava vendo.

Então ele saltou para frente e enfiou o braço pelo pequeno buraco quadrado para cobrir o lado do rosto dela. Isso era perigoso, pois Merikh poderia facilmente quebrar o braço ao meio com a moldura da janela.

Ele considerou isso.

— Pelos deuses... como você chegou aqui? — ele perguntou admirado.

Merikh não sabia por que, mas a maneira como Raewyn se inclinou em seu toque com confiança irritou seus nervos. Ela se inclinou para frente enquanto enrolava os dedos ao redor do fundo do olho mágico para ficar mais perto do homem.

— Eu acidentalmente abri um portal do caos para a Terra. Estou presa aqui há mais de um mês e meio e quero *desesperadamente* voltar para casa. Por favor, deixe-nos entrar.

A máscara de argila do homem se virou para olhar o focinho ossudo de Merikh através da malha dos orifícios dos olhos, vendo-o

pelo que ele era, antes de direcionar a máscara de volta para Raewyn.

— Você sempre será bem-vinda em nossos templos — afirmou o homem calorosamente. Então sua voz ficou fria quando ele disse:

— Mas *ele* deve permanecer do lado de fora.

A risada que Merikh soltou estava cheia de malícia.

— Ela não sai do meu lado. Ou nós dois podemos entrar, ou nenhum de nós entrará.

Raewyn virou-se para ele com a boca aberta, como se para refutá-lo, mas então ela sabiamente a fechou. Ele já havia deixado claro que não aceitaria que ela fugisse dele, o deixasse para trás ou o traísse.

Ela mordeu o lábio inferior, franzindo as sobrancelhas profundamente. Então sua cabeça se inclinou em derrota antes de se virar para o homem.

— Por favor. Ele é meu guia neste mundo, — ela implorou. — Ele me ajudou a chegar aqui.

Merikh apostou sob aquela máscara de argila branca e os orifícios dos olhos cobertos de malha branca, o homem estava olhando para ele. Ele desejou poder mostrar suas presas para parecer mais sinistro, mas elas estavam sempre visíveis devido à falta de carne em seu rosto.

— Você sabe o que ele é, certo? Um monstro.

Com raiva girando em seu peito, Merikh rosnou. Ele fodidamente *desprezava* ser chamado assim.

— Eu prefiro o termo Caminhante do Crepúsculo, seu estúpido pedaço de isca Demoníaca.

Nem mesmo o toque mais leve da palma da mão de Raewyn sobre seu esterno conseguiu acalmar sua raiva. Ele inclinou a cabeça para ela por isso, no entanto.

— Sim, eu sei o que ele é, — ela afirmou, sua voz calma e doce conseguindo aliviar a tensão. — Eu juro pela Donzela Dourada que ele não vai machucar ninguém. Eu prometo isso a você.

Ela não deveria estar fazendo promessas que não pode cumprir, ele pensou enquanto se inclinava para trás e cruzava os braços sobre o peito volumoso.

— Aqui, veja — ele retrucou. — Serei tão inofensivo quanto um gatinho recém-nascido.

O homem olhou para o templo de pedra antes de suspirar.

— Ok, vou permitir que você entre.

Ele fechou a pequena porta, trancou-a e então trabalhou para abrir o portão.

— Você não tinha que ser tão rude com ele, — Raewyn rosnou, a ponte de seu nariz adoravelmente franzida.

— Eu não fui rude, — Merikh retrucou, claramente ofendido. Ele cruzou um dos braços sobre o peito e apontou para o portão que se abria com o outro. — Ele começou.

Se ele se lembrava do início da interação corretamente, ele pediu para entrar e o sacerdote o rejeitou. O homem julgou seu rosto ossudo imediatamente ao vê-lo e decidiu que Merikh não era justo o suficiente para entrar em seu templo *coxo*.

Um templo que ele poderia ter escalado com facilidade e dizimado todos dentro dele. No entanto, ele nunca escolheu fazê-lo - embora tenha considerado isso muitas vezes.

Viu? Ele era perfeitamente virtuoso.

Inocente, não, mas eles não conheciam a profundidade de seus crimes contra a humanidade.

— Por que você não me disse que eles podiam ver através do seu glamour?

Com as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo, ele pensou que Raewyn parecia estar a um passo de bater o pé infantilmente.

Ele deu de ombros, sua voz indiferente.

— Devo ter esquecido.

Não tinha. Ele apenas sabia que sempre haveria uma batalha para ele conseguir entrar. Ele não esperava obter permissão, mesmo com a ajuda dela.

O sacerdote reconheceu o que ela era imediatamente. Seu povo deve ter um bom relacionamento uns com os outros.

Ela revirou os olhos em forma de estrela com um gemido irritado na direção de Merikh. Humor encheu seu peito; ele estava ficando apaixonado por irritar propositalmente a pequena elfa. Ela sempre respondia com um beicinho adorável ou uma sobrancelha franzida.

Merikh nunca teve ninguém agindo dessa maneira com ele. Ele sempre recebeu ódio, medo ou lágrimas por suas ações, e os acessos de raiva dela eram tão desprovidos dessas coisas que ele achava difícil não gostar deles.

Ela nunca o amaldiçoou, ou falou friamente com ele. Ela nunca tentou machucá-lo ou fugir dele novamente.

Na verdade, ele notou antes que ela quase se encolheu contra ele de forma protetora. Ninguém jamais procurou sua proteção em uma multidão cheia de pessoas - geralmente, as pessoas buscavam proteção dele.

Ele estava curioso para saber se ela iria imediatamente denunciá-lo pelo que ele era para os humanos, a fim de escapar dele. Os Anzúli estavam por perto, então ele pensou que ela poderia tentar ir até eles sozinha se ele fosse invadido por soldados e guardas.

Ela não usou essa tática, nem tentou uma alternativa. Em vez disso, ela sabiamente garantiu que ele pudesse entrar no templo com ela. Parecia que ela havia aceitado a sombra fria e agourenta de sua presença pairando em suas costas.

— Precisamos trabalhar em suas habilidades pessoais, — Raewyn resmungou enquanto ela se aninhou nele para que pudesse agarrar a corda guia em volta de sua cintura.

Merikh grunhiu, discordando completamente dela. Suas habilidades pessoais eram ótimas. Um pouco impetuosas, mas sempre conseguia o que queria, e era só isso que importava.

A porta do portão acabou de se abrir e o Sacerdote os conduziu pelo portão de ferro preto.

Havia um caminho pequeno, plano e de paralelepípedos cinza que levava a dez degraus. Duas estátuas de aparência inumana apareceram, como parte coelho e parte cervo d'água no fundo.

Havia um punhado de árvores que se estendiam por todo o templo, o campo gramado exuberante, como se fosse mantido com o solo mais fértil e nutrientes.

No topo da escada havia um templo monumental feito de tijolo cinza e ferro preto. Acima das portas duplas de ferro preto, um vitral de um mundo totalmente diferente da Terra havia sido cortado e modelado. À luz do sol, ela brilhava, e ele tinha certeza de que manchava suas cores no chão do lado de dentro.

O telhado do templo era pontiagudo no meio, mas havia duas torres de cada lado exibindo bandeiras brancas com símbolos rúnicos roxos pintados nelas.

As bandeiras combinavam com a pesada túnica branca que o sacerdote usava. Havia runas roxas pintadas ao longo de cada costura, como se o próprio manto fosse um tecido de proteção.

Quando chegaram à porta, o Sacerdote virou-se para eles e parou por muito mais tempo do que Merikh achava confortável. Era óbvio que ele estava olhando entre ele e Raewyn, mas sua máscara de argila não dava nenhuma visão.

— Se você quiser, — ele afirmou, virando sua máscara de argila para Raewyn, — ele pode ficar conosco, mas eu ficaria feliz em guiá-la através do templo.

Enquanto Merikh pudesse permanecer ao seu lado para que não pudessem conspirar contra ele, ele não a impediria de tomar sua decisão. Ele esperou que ela se afastasse dele para seguir a orientação de outro - um estranho, alguém mais humano e menos... parecido com ele.

Merikh não era tolo o suficiente para não aceitar a realidade de que Raewyn só estava sendo familiarizado com ele por necessidade. Ele tinha sido sua única opção na semana passada, então quando dado o que a *maioria* consideraria uma escolha melhor, por que ela não aceitaria a oferta?

Ele esperava que ela fosse tímida e se esquivasse dele como se ele e seus sentimentos não importassem. Em suas mentes, por que um 'monstro' deveria se importar?

Ela estava hesitante, sua resposta demorou a vir, mas ela agarrou a corda que estava segurando com mais força.

— Não, estou bem como estou.

Merikh virou a cabeça com isso, seus orbes mudando para amarelo brilhante em surpresa. Ela o escolheu, e um estranho tipo de orgulho inchou seu peito.

Pode ter significado pouco para ela, mas ela deu a ele apenas uma pequena lasca de algo que ele nunca tinha recebido antes: aceitação que não foi por meio de seu próprio engano.

— Tem certeza? — o sacerdote pressionou. — Tenho certeza que você ficaria mais confortável com...

— Ela disse que está tudo bem comigo, — Merikh interrompeu com um grunhido, sufocando o desejo de enrolar o braço em volta dos ombros de Raewyn e possessivamente manter a linda elfa colada ao seu lado. — Apresse-se e abra a porta.

O Sacerdote virou-se rapidamente e abriu as portas de ferro preto.

Incenso almiscarado queimava no fundo de sua garganta, mas era agradável apesar de sua supersaturação quando passou por ele.

Embora o exterior do templo fosse feito de pedra desolada, o interior parecia mais quente e convidativo, devido aos entalhes de madeira gravados em folhas de madeira. Em cada superfície da parede do fundo havia velas de cores variadas, bem como um grande anel delas bem no centro do santuário.

Tapeçarias de pano preto pendiam do teto, uma linguagem que ele não entendia pintada nelas em roxo.

Ele pensou que tudo seria claro, com mais branco e roxo, mas o interior do templo parecia mais escuro. O preto parecia ser a preferência deles, como se eles o honrassem e se deleitassem com sua escuridão.

Era o oposto de como eles se vestiam.

Após sua entrada, um pequeno coro no canto direito traseiro parou abruptamente, assim como a caminhada de uma pessoa que ergueu os olhos do texto que estava lendo para olhar em sua direção.

Nenhum deles usava as máscaras presas às faixas por um laço, e Merikh notou as mesmas pessoas que vira muitas vezes.

Suas cores de pele eram semelhantes às dos humanos, seus cabelos também, mas seus três olhos brilhantes revelavam que eram de uma espécie completamente diferente. Dois de seus olhos ficavam onde os de um humano estariam, mas eles tinham um adicional no meio, logo acima da sobrancelha.

Todos os três olhos se moviam em uníssono e geralmente brilhavam em rosa, azul ou dourado, com uma pupila em forma de fenda para baixo.

Merikh sabia por experiência que, se você removesse tudo, menos as máscaras, eles pareceriam humanos. Se você abrisse um, o sangue deles era vermelho, o coração e os pulmões eram os mesmos.

Eram seus rostos que eram diferentes, assim como seus cheiros.

Todos engasgaram ao ver a forma imponente de Merikh. Um até correu por uma porta lateral para escapar do santuário. Se não fosse pelo incenso e pela cobertura do nariz, ele tinha certeza de que todos exalariam um delicioso medo.

Em seu periférico, ele observou Raewyn estender as mãos livres para desembrulhar as coberturas de seu cabelo, permitindo a liberdade de suas duas grossas tranças brancas.

A tagarelice ecoou. Se ele podia ouvir a curiosidade deles sobre o Caminhante do Crepúsculo e a Elfa, ele não duvidava que ela também pudesse.

O Sacerdote os conduziu até o centro das velas no chão, onde Merikh examinou o círculo rúnico, não apenas pintado, mas esculpido no chão. Uma aversão a entrar o preencheu, já que tal simbologia mágica poderia ser usada para prejudicá-lo ou prendê-lo, mas ele entrou mesmo assim.

O comportamento anterior do homem deu a ele a impressão de que eles não machucariam Raewyn, considerando sua admiração e desejo de ajudá-la. Se eles atacassem Merikh, saberiam que ela poderia estar em perigo potencial.

Ele esperava que eles permanecessem sábios.

Por via das dúvidas, porém, ele advertiu: — Tente qualquer coisa engraçada e você fará a elfa se arrepender de ter vindo aqui.

As costas do homem enrijeceram, assim como as de Raewyn.

Uma Sacerdotisa com pele escura e fulva e cabelo preto liso entrou correndo no santuário, seu manto, preto em vez de branco, esvoaçando atrás dela. Ela derrapou até parar, seus olhos de um rosa brilhante antes de se estabelecerem em seu brilho fraco normal.

A pessoa que havia saído antes estava atrás dela, e ela esbarrou nela com tanta força que os dois quase caíram para frente. Seus pés rangiam enquanto eles tropeçavam e se endireitavam, ambos os peitos arfando com respirações ofegantes.

A Sacerdotisa vestida de preto tinha um tipo diferente de máscara amarrada na faixa do cinto. Foi pintada completamente de vermelho, com um triângulo dourado onde ele pensou que seu terceiro olho estaria se ela o usasse.

Havia algo sobre ela, porém, quando ela rapidamente acalmou sua respiração enquanto os examinava. Ela endireitou o roupão, ergueu o queixo e caminhou graciosamente para frente.

Ela é diferente, Merikh concluiu após examiná-la. Seus ombros estavam jogados para trás, como se para transmitir uma sensação de superioridade. *Ela deve ser algum tipo de líder*.

O Sacerdote que os conduziu para dentro virou-se para a Sacerdotisa que se aproximava. Como havia removido a máscara ao entrar, ele fechou os três olhos, cruzou o braço direito sobre o estômago e colocou o lado do indicador e o dedo médio da mão esquerda sobre o terceiro olho.

— Sagrada superintendente, — ele cumprimentou, seu tom leve e cheio de respeito. — Posso entender por que você deve ter ficado alarmada, mas tenho certeza de que pode reconhecer por que permiti a entrada deles.

Seus lábios estavam franzidos na direção de Merikh, e ele cruzou os braços em resposta. Ele acenou com o focinho na direção de Raewyn.

Seu olhar não desapareceu, seus olhos permaneceram em seu crânio ossudo, mesmo quando ela moveu o rosto para a elfa. Então ela sorriu brilhantemente para Raewyn, provavelmente sabendo por suas pupilas estelares que ela não seria capaz de vê-la, mas o fez de qualquer maneira.

— Olá, meu nome é Maia Sheltier. Eu sou a sagrada superintendente do templo da Cidade Ashpine. — Sua voz era profunda, sem feminilidade, mas irradiava bondade e respeito. — Posso perguntar seus nomes?

— Eu sou Raewyn Daefaren, e este é Merikh, — Raewyn respondeu, apresentando seu próprio sorriso.

— É um prazer conhecê-lo, — disse Maia, sem tirar os olhos de Raewyn. — Nunca na minha vida pensei que teria a honra de

conhecer uma Elfa Elysio. Nós, Anzúli, não cumprimentamos sua espécie há séculos. O que você está fazendo na Terra? A grande mudança finalmente chegou?

Havia esperança na voz da mulher. Até iluminou os rostos daqueles que fingiam não estar escutando a conversa que ecoava.

O sorriso de Raewyn desapareceu em um piscar de olhos e sua cabeça abaixou, como se estivesse com vergonha.

— Não. Sinto muito, mas não sou um emissário do meu povo, — Raewyn respondeu em voz baixa. — Na verdade, sou um dos dezoito membros do conselho do *synedrus*, especificamente uma dos três chefes das divisões científicas.

Merikh ergueu a cabeça para trás surpreso, sem saber que Raewyn era uma pessoa de poder ou uma cientista. Sua personalidade já parecia muito brincalhona e leve para esse tipo de profissão.

Então, novamente, o que ele saberia? Suas suposições eram baseadas em estereótipos, considerando que ele nunca havia conhecido um cientista de qualquer tipo antes – exceto talvez ele mesmo. Ele adivinhou que o que fazia era trabalho teórico e estudos, já que sempre soube que precisaria de um maldito portal para sair deste mundo.

Qualquer líder humano que ele conhecesse geralmente era alguém frio e insensível, carregando o fardo de seu povo.

— Enquanto eu estava trabalhando em meu laboratório, — Raewyn continuou, — eu acidentalmente construí um portal do caos e fui transportada para cá, para a Terra.

As expressões esperançosas de Maia e do Sacerdote caíram, mas Maia era quem parecia realmente preocupada. Ela até ficou um

pouco pálida, o que apenas destacou o brilho de seus brilhantes olhos rosa.

— Eu realmente sinto muito, mas se você veio aqui procurando um caminho para casa, não há nada que possamos fazer por você.

Merikh podia ouvir a maneira como o coração de Raewyn gaguejou antes de bombear descontroladamente. Ela deu um passo à frente, franzindo a testa em confusão, e ele pensou até mesmo em medo. O incenso avassalador no templo tornou quase impossível para ele cheirar qualquer coisa com clareza, sem dúvida, mesmo que ele removesse o pano do focinho.

— O que você quer dizer com não há nada que você possa fazer? — Raewyn perguntou, um tremor em sua voz. — Se você me levar ao seu portal, você deve ser capaz de redirecioná-lo para Nyl'theria. Tenho certeza de que posso ajudá-la.

Maia acenou com a cabeça para o Sacerdote enquanto acenava com a mão esquerda, e o homem fez uma reverência antes de sair. Ele foi dispensado e, uma vez que ele se foi, ela abandonou qualquer superioridade que tinha.

Seus ombros caíram e seu queixo caiu apenas o suficiente para não estar mais saliente.

— Muita coisa aconteceu nos trezentos e quarenta e três anos desde que seu povo esteve aqui pela última vez. Nosso portal se foi, e nós, os Anzúli que restam, ficamos presos aqui cento e noventa e três anos atrás.

— Como? — Raewyn perguntou.

Merikh, que estava optando por não se inserir em uma conversa que tinha pouco a ver com ele, inclinou a cabeça ao notar a falha que notou em sua voz.

— Nosso templo principal foi atacado no que acreditamos ser um ataque direcionado pelos Demônios e Jabez, o Rei Demônio. — Maia virou a cabeça, olhando para o nada enquanto seus olhos se curvavam com óbvia tristeza.

Os ombros de Raewyn viraram para dentro, como alguém que foi pego em flagrante em um crime ou mentira, o que era estranho, já que ela geralmente era tão direta e aberta com suas expressões.

— Quando os Demônios começaram a entrar no portal, aqueles em Anzúla escolheram fechá-lo permanentemente para proteger nosso mundo de ser infestado. Desde então, não tivemos contato com nosso povo, nenhuma ajuda ou assistência e, a cada geração, ficamos mais fracos. Começamos a nos reproduzir com os humanos para evitar misturar a mesma genética. Em outra geração, perderemos completamente nossa capacidade de realizar magia. Alguns já estão nascendo sem nosso terceiro olho ou brilho e, atualmente, pouco mais podemos fazer do que criar medicamentos avançados e proteção básica para os humanos. Nossa missão aqui está falhando e, em breve, os humanos ficarão sem ninguém para protegê-los.

— M-mas vocês ainda podem produzir magia, certo? — Raewyn implorou enquanto levantava o rosto, os olhos curvados com um apelo. — Talvez eu possa ajudá-la a abrir um novo portal, e nós duas podemos entrar em contato com nossos mundos. Podemos trazer mais Anzúli aqui para ajudar.

Maia suspirou enquanto balançava a cabeça, seu cabelo preto dançando enquanto balançava.

— Apenas alguns poucos de nós podem criar os elementos. Aqueles que podem se tornar um sagrado superintendente, mas

nosso poder é limitado. Isso exigiria que todos os sagrados superintendentes deste continente se unissem, e então precisaríamos esperar que você fosse capaz de desenhar as runas de navegação corretas para nos levar aos nossos reinos. Você conhece os pontos geográficos específicos de Anzúla ou Nyl'theria que seriam os mais seguros?

Raewyn agarrou a saia de seu vestido cinza com ambas as mãos, o material amassando com a força com que ela o segurou. — Bem não. A magia do portal é proibida para os Elysianos. Todos os nossos textos sobre isso foram selados.

— Anzúla é animada tanto com gelo quanto com lava. Se você abrisse um portal para um de nossos muitos vulcões, estaria nos submetendo à morte. Quanto a Nyl'theria... você seria capaz de abrir com precisão um portal para algum lugar seguro?

— Tenho certeza que poderíamos descobrir uma maneira, — Raewyn argumentou, mas Merikh já podia ler nas entrelinhas.

Toda a antecipação, a excitação, a maldita *esperança* que havia crescido dentro dele enquanto ele viajava firmemente para este templo estava se transformando em um nó de desespero.

— Talvez eu possa ajudar, — Merikh ofereceu. — Eu sou capaz de produzir magia e posso ajudar a Elfa. Tenho certeza de que há uma maneira de todos trabalharmos juntos.

Ele daria e faria qualquer coisa para alcançar seu objetivo coletivo. Inferno, ele daria cada gota de sangue se necessário — nada era um pedido muito grande.

Maia, pela primeira vez desde que os cumprimentou, olhou para Merikh. Seu olhar era afiado e odioso, seus olhos brilhando com o menor indício de lágrimas.

— E como você obteve sua *magia*, Caminhante do Crepúsculo?
— ela quase rosnou com os dentes cerrados.

Seus orbes brilharam em um vermelho mais profundo, e o rosnado que ecoou dele era malicioso e profano quando ecoou nas paredes de seu templo.

O olhar de Maia desapareceu no momento em que seus olhos caíram sobre Raewyn, optando por ignorar sua própria existência. Ela nunca lhe deu tempo para expressar sua resposta insensível.

— Não importa. Já tentamos de tudo e sabemos que não há nada que possamos fazer. Eu quero ajudá-la, mas a menos que você queira que nós a curemos ou lhe dêmos feitiços, não há muito mais que possamos fazer.

Merikh ergueu o crânio para o teto, tentando ao máximo conter o rugido vingativo que crescia no fundo de sua garganta. Se não fosse por Raewyn, ele já poderia ter destruído este templo por sua total inutilidade. Eles não mereciam ser um farol de esperança para os humanos.

Quando algo o perturbava, tinha teve um profundo desejo de erradicá-lo deste mundo, destruir e mutilar o que quer que tenha gerado sua ira para que ele pudesse se sentar em sua destruição com orgulho.

Ele não o fez, porque por alguma razão estúpida, ele não queria perturbar a elfa.

Ele também não tinha desejo de agarrá-la ou mordê-la como fazia com cada Anzúli que atualmente estava neste santuário, embora ela tivesse permitido que ele acreditasse que havia uma chance de ele ser livre. Ela era o ponto central de por que ele se sentia tão desolado. Ela era a razão pela qual mãos invisíveis de

raiva estavam massageando seu cérebro, e ainda assim ele não tinha um pingão de raiva dela.

Ambos estariam fodidamente presos aqui na Terra. Raewyn não era a chave que ele estava procurando; ela estava tão perdida quanto ele.

— O-ok. Vou descobrir outro jeito então, — Raewyn concedeu.
— Obrigada.

— Você está fodidamente agradecendo a ela? — Merikh latiu enquanto abaixava a cabeça para olhar para ela em descrença. — Ela não fez absolutamente nada para ajudá-la, então por que diabos você está agradecendo a ela?

Raewyn se virou para ele e deu o sorriso mais falso que ele já tinha visto. Seus lábios tremiam como se quisessem se desenrolar.

— Porque é isso que você faz quando alguém o informa educadamente sobre a situação. — Ela se virou para Maia e baixou a cabeça. — Acho melhor irmos embora.

— Deixar? — Merikh pouco. — Bem desse jeito? Nenhum de vocês vai pensar em uma possível alternativa? Estamos aqui há dez minutos - deve haver outro jeito.

— Já avisei que já tentamos — Maia respondeu friamente. — Não há alternativa.

Raewyn estendeu a mão e deu um tapinha em seu lado até encontrar a corda. Ela a puxou.

— Por favor, Merikh, — ela sussurrou com a voz trêmula enquanto dava as costas para Maia. — Eu desejo ir embora.

— Raewyn, — Maia implorou enquanto alcançava seu ombro.
— Você é bem-vinda para ficar aqui. Sei que você sobreviverá a

todos nós, mas podemos tentar tornar sua vida confortável aqui na Terra.

— D-desculpe, mas preciso descobrir se há outro jeito.

A mão da mulher apertou.

— Por favor. Peço que fique. Nós realmente precisamos de sua ajuda para proteger os humanos. As outras facções de Anzúli apreciariam sua orientação tanto quanto nós. Estamos falhando e morrendo aqui.

Suas tranças brancas caíam sobre os ombros enquanto os ombros se voltavam para dentro.

— Por favor, solte-me.

Quando a mulher não o fez, Merikh agarrou seu pulso e apertou enquanto ele rosnava. Ela estremeceu, então olhou para seus orbes escurecendo sua tonalidade vermelha.

— Seu companheiro é um monstro, e parte da razão pela qual o número de Anzúli está diminuindo rapidamente. Temo que, se você for com ele, descobrirá o quão *perverso* pode ser o tipo dele.

Sacerdotes e sacerdotisas também avançaram antes de recuar quando ele ergueu o crânio na direção deles e abriu as presas.

— Chegue mais perto e...

— Merikh, pare, — Raewyn exigiu baixinho, e ainda assim era severo e inabalável. Ele virou a cabeça na direção dela. — Por favor. Apenas me leve daqui.

Com um grunhido, ele empurrou a mão de Maia, e ela quase caiu para trás.

As únicas razões pelas quais ele os conduziu até a saída foi porque ele podia ver que ela estava tremendo e sua tez escura parecia pálida, como se ela estivesse cansada ou doente.

Certo. Dane-se. Nós vamos embora. Merikh abriu a pesada porta de ferro preto. *O que devo fazer agora?*

Ele procurou por centenas de anos uma maneira de deixar a Terra e nunca encontrou uma única resposta. Se ele não conseguia encontrar uma, como ela iria?

E o que ele deveria fazer com a elfa que ele tinha agora?

Aquela que ele estranhamente se sentiu compelido a... manter. Ela ainda poderia ajudá-lo a encontrar uma maneira. Seria melhor do que andar tolamente pelo continente que ele já havia circulado várias vezes.

Ele tinha certeza que era por isso que ele não iria deixá-la escapar dele, ou porque ele não iria matá-la ainda.

CAPÍTULO 12

Quando a porta de metal do templo se fechou atrás deles com uma batida definitiva, Raewyn puxou a corda novamente para que ela pudesse parar Merikh. Ele estava andando um pouco mais rápido do que o normal, provavelmente devido à agitação, mas não foi por isso que ela os parou.

Havia alguém seguindo silenciosamente atrás deles. Ela se perguntou se era para ter certeza de que eles realmente partiram - ou melhor, que Merikh o fez.

— e-estamos indo para um lugar onde eu possa descansar? — ela perguntou em voz baixa, tentando se controlar enquanto seus olhos e nariz formigavam. — Caso contrário, vou precisar colocar meus elásticos de cabelo.

— Vou nos levar para uma pousada, — ele respondeu em um tom seco e conciso. — Vou pensar em outra coisa enquanto estiver lá.

Com um aceno de cabeça, ela colocou o capuz sobre o cabelo e tirou a venda da bolsa, já que seu rosto poderia ser visto.

Ainda assim, ela apenas a agarrou, segurou-a em sua mão enquanto cada passo descendo os degraus do templo explodia dentro dela. *Estrondo. Estrondo. Bum.* Cada um ressoou diretamente em seu coração, segurando-o com tanta força que ela temeu que os tendões que o mantinham no lugar se rompessem sob a pressão.

No entanto, foi quando as portas do portão externo do templo se fecharam atrás deles que Raewyn sufocou um soluço, e as lágrimas que ela não conseguiu conter por mais um segundo encheram seus olhos. Cada degrau que desciam as escadas parecia

durar para sempre. Cada passo que eles davam para longe do que deveria ser seu único caminho para casa a fazia se sentir vazia.

Raewyn soltou Merikh quando lágrimas pesadas começaram a cair. Ela parou de andar, incapaz de dar mais um passo, e cobriu os olhos.

Ela conseguiu lutar contra sua tristeza, perda e decepção ao enfrentar a estranha Anzúli. Agora que ela estava sozinha com Merikh, ela não podia mais segurar tudo.

Ela não se importava se isso a fazia parecer fraca ou patética. A dor de Raewyn era muito dolorosa para ignorar.

— Como devo voltar para Nyl'theria agora? — ela chorou, sabendo que parecia uma criança com saudades de casa chorando por seus pais. — Eles eram minha única esperança. Eles eram os únicos que poderiam ter me ajudado.

Quando suas pernas fraquejaram, ela se agachou para poder abraçar os joelhos enquanto pressionava o rosto contra eles. Raewyn se encolheu o máximo possível, desejando poder reprimir sua dor e ser a alegre de sempre.

Ela não podia, não com a forma como seu coração doía como se estivesse prestes a explodir.

Ela não sabia como Merikh estava reagindo ao seu colapso. Ele ficaria irritado? Será que ele entenderia o quanto ela estava sofrendo? Ele tinha alguma simpatia por ela, ou seus próprios pensamentos eram para si mesmo e para o fracasso que isso trouxe?

Ele pararia de ajudá-la agora que ela não poderia ajudá-lo, deixando-a sozinha neste mundo assustador e desconhecido? Ele estava apenas olhando para ela, vazio de qualquer tipo de emoção?

— Viemos até aqui para nada. — Seus ombros se ergueram enquanto ela chorava, balançando a cabeça em negação, querendo desesperadamente rejeitar a verdade – apesar de saber que era inútil. — Eu não quero ficar presa na Terra!

Raewyn começou a gritar entre seus soluços. Suas lágrimas mancharam seu rosto e a saia de seu vestido que ela amassou em seus punhos. Seus olhos ardiam e seu nariz estava entupido. Foi confuso e nojento.

Mesmo depois de muitos minutos, ele não disse nada. Não *fez* nada.

A maioria das pessoas teria tentado puxar aquele que estava sofrendo para um abraço, talvez até dar um tapinha em suas costas, dizer algo, qualquer coisa, mas o silêncio foi tudo o que a cumprimentou, como se ele nem estivesse ali.

Ela ficou preocupada que ele a tivesse abandonado sem ao menos dizer uma palavra. Ele tinha acabado de deixar uma mulher chorando na escada para chorar sozinha, desgostosa com seu comportamento indisciplinado?

— M-Merikh? — ela perguntou entre soluços.

Ele grunhiu em resposta, e ela odiou quanto alívio isso trouxe. Então, ele puxou o ombro dela para trás, e seu traseiro caiu na escada atrás dela. Ele se sentou no degrau ao lado dela e a obrigou a se sentar também.

Raewyn enxugou o rosto com a manga do vestido, tentando inutilmente remover as lágrimas que não paravam. Ela ergueu a cabeça corretamente enquanto abraçava sua barriga.

— Sinto muito, — ela soluçou, seus lábios tremendo, refletindo os tremores que assolavam seu corpo inteiro. — Eu prometo que

estou tentando não chorar, mas as lágrimas simplesmente não param. P-podemos sair em um momento.

Uma pequena rajada de vento cortou seu vestido, frio, como se o sol estivesse se pondo. Isso a lembrou de como o lar era quente e como era totalmente diferente daqui. Mesmo o ar não parecia tão fresco ou convidativo.

— Enquanto a maioria das aldeias tem estacas de madeira que compõem suas paredes protetoras, — Merikh começou, sua voz calma e estóica, — A cidade de Ashpine é feita de pedra e alisada com argila para que não possa ser escalada facilmente.

— P-perdão? — Raewyn perguntou, enxugando a bochecha.

— Você pode ver que a argila é cinza claro, mas ao longo dos anos, a chuva e a sujeira fizeram o topo das paredes parecer sujo com pingos de sujeira. Eles expandiram a cidade duas vezes, mas você ainda pode ver onde ficavam as antigas muralhas pelo anel de vãos entre as casas.

Raewyn não tinha ideia do que estava acontecendo. Ele estava falando sobre as paredes estúpidas desta cidade como se falasse do clima.

— Os degraus em que estamos sentados — continuou ele, — são feitos principalmente de paralelepípedos cinza, mas bem no fundo, o caminho se torna de terra. O caminho é reto e, se você o seguir, encontrará a entrada principal da cidade, onde há a porta levadiça de ferro preto por onde passamos quando chegamos. É a única entrada para a cidade, e o templo fica do outro lado, o mais longe possível dela. Há um rio que corre como um corte transversal no caminho principal, mas nada pode nadar por ele para invadir a

cidade por causa das comportas. Existem várias pontes que permitem que as pessoas atravessassem o rio.

As lágrimas de Raewyn não diminuíram. Na verdade, elas aumentaram de intensidade quando ela sentiu que ele estava ignorando sua dor. Talvez fosse infantil, mas Raewyn só queria que alguém a levasse para um abraço e a fizesse sentir que não estava sozinha ou tinha algum motivo para estar com medo.

— Por que você está me contando isso? — ela engasgou, seu rosto se contorcendo.

— Eu não sei, — ele resmungou. — Você me perguntou antes como eram o céu e as árvores. — Quando ela franziu as sobrancelhas, ele acrescentou: — Nunca fui consolado, nem nunca consolei ninguém. Eu irei parar.

Oh, ela pensou quando uma pontada de remorso atravessou seu estômago. Suas lágrimas borbulharam mais, mas por um motivo totalmente diferente. *Eu sou uma pessoa terrível.*

Ela cobriu o rosto de vergonha enquanto virava os joelhos para dentro para ficar menor, percebendo que estava pensando o pior dele. Que, porque ele era um monstro e um pouco mau, ele não podia ter um pinga de compaixão por ela. Ela também pensava assim dentro do santuário do templo.

No entanto, aqui estava ele, sentado ao lado dela e tentando apoiá-la à sua maneira – obviamente desconfortável e sem saber o *que* fazer.

Ele não a estava abandonando, zombando dela, exigindo que ela parasse de chorar e se levantasse para que pudessem seguir em frente. Ele não estava tentando arrastá-la. Ele estava deixando Raewyn liberar a represa de suas emoções, e ele até tentou acalmá-la.

É por isso que ele odeia as pessoas? Porque eles o tratam como nada além de um monstro sem coração? Ela não podia acreditar que ela estava fazendo isso também.

Sua personalidade abrasiva não ajudou em seu caso, mas ela se perguntou se isso vinha de centenas de anos de julgamento. Ela tinha certeza de que teria começado a se ressentir do mundo se ele a tratasse mal.

Balançando a cabeça nas mãos, Raewyn estremeceu.

— P-por favor, não pare.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, como se estivesse avaliando a reação dela. Raewyn curvou a cabeça ao pensar que havia pisoteado sua bondade, agindo tão horrorizada e rude ao perguntar o que ele estava fazendo.

Ela realmente temia ter arruinado o momento, mas sua voz profunda e estrondosa em cascata sobre ela fez seu peito se encher de calor. Isso aliviou um pouco da dor que ela sentia.

— O horizonte parece estar em chamas enquanto o roxo mancha as nuvens. O pôr-do-sol faz tudo parecer laranja ou amarelo, mas a maioria das casas é de madeira ruiva, marrom ou amarela. Algumas são de palha, no entanto.

Merikh continuou, explicando que as casas eram todas feitas de materiais diferentes. Algumas foram construídas em pedra cinza, outras em tijolo vermelho e muitas foram feitas de madeira. As pessoas pintaram suas casas em vários tons de azul, vermelho e amarelo.

Apesar de todas as cores neutras, ele disse a ela que havia longas bandeiras penduradas nas paredes, e ela quase podia imaginá-las tremulando com o vento suave que dançava em suas

roupas. Havia também faixas penduradas em mastros que se alinhavam na rua principal.

A maneira como ele explicou tudo deu a ela a impressão de que a cidade era mais colorida do que outros lugares da Terra.

Algumas pessoas estavam começando a acender suas chaminés, e algumas estavam apenas entrando para se esconder da noite que se aproximava. No entanto, esses habitantes da cidade estavam aparentemente mais confiantes em sair mais tarde do que outros, devido aos encantos e proteções dados a eles pelos Anzúli.

Quanto mais Merikh falava, sua voz surpreendentemente gentil, mais sua dor diminuía... até que suas lágrimas finalmente secaram. Ela ainda sentia dor. Nada poderia removê-la, mas pelo menos havia se acalmado a um estado em que ela poderia guardá-la.

Enquanto ele explicava a forma circular da cidade, a floresta além dela e a extensa paisagem mais distante, os olhos de Raewyn começaram a se fechar, a exaustão ameaçando puxá-la para baixo.

Ela se atreveu a inclinar-se para o lado e descansar contra o braço grosso e forte dele. Ela estava tensa, pronta para atacar se ele desse qualquer indicação de que não aprovava.

Então, por um momento, ela jurou ela *viu* a cidade.

Ela viu o ofuscante brilho laranja, vermelho e roxo do pôr do sol. Ela viu a bolha da cidade, marrom e cinza, mas estava clareando a cada segundo.

No entanto, quando ela se encolheu e se afastou um pouco, ela foi empurrada de volta para a escuridão.

O que é que foi isso? Ela piscou rapidamente e, em seguida, inclinou-se cautelosamente para o lado dele mais uma vez para ver se aconteceria novamente. Isso não aconteceu.

Talvez sua mente tivesse realmente pintado o que ele estava explicando.

Quando ele não a afastou, Raewyn relaxou e deixou seu calor derreter nela. Seu cheiro próximo a acalmou ainda mais, e ela absorveu o contato físico tanto quanto pôde. Ela até descansou a cabeça no ombro dele antes de soltar um suspiro trêmulo - o último que soltou de seu estupor de choro.

Merikh ficou quieto e ela se perguntou se ele sentia que ela precisava de um momento de paz para organizar seus pensamentos. Ele não a tocou. Em vez disso, era como se ele tivesse se transformado em pedra.

Acabou cedo demais.

— Devemos ir — afirmou. — Precisamos encontrar uma pousada antes que todos os estabelecimentos fechem e tranquem as portas.

Com um suspiro derrotado, Raewyn endireitou-se, verificando suas roupas e capuz para se certificar de que nada estava aparecendo. Ela deu um tapinha na escada até encontrar sua venda para esconder os olhos e as sobrancelhas e amarrou-a em volta do rosto.

Assim que ela se preparou para se levantar, Merikh disse: — Estou com a mão estendida. A escolha é sua se aceita ou não.

Raewyn fez uma pausa, seus lábios se abrindo em surpresa. Ela cuidadosamente estendeu a mão e, em vez de fazê-la procurar a mão dele, ele agarrou a dela para ajudá-la e gentilmente a puxou para ficar de pé.

A palma dele era enorme, engolindo quase completamente a mão de ossos finos dela, mas a aspereza e o calor eram

reconfortantes. Suas garras apunhalaram levemente seu antebraço, mas ela não se importou.

Seus joelhos vacilaram um pouco, instáveis por ficar sentada por tanto tempo e por se sentir fraca em geral. Três dias de caminhada sem parar e, em seguida, explodir em lágrimas poderia fazer isso com uma pessoa.

Merikh continuou a segurar a mão dela até que ela estivesse firme, então ele a soltou para que ela pudesse encontrar a corda guia em volta da cintura dele.

Uma vez que eles estavam na parte inferior da escada, Raewyn se encolheu na parte de trás do lado de Merikh quando ela pôde ouvir que ainda havia muitos humanos por perto. Ela agarrou a ponta do capuz para se certificar de que não cairia para trás de alguma forma.

Mesmo que ela quisesse agradecê-lo pelo que ele tinha acabado de fazer, a mandíbula de Raewyn permaneceu colada. Ela não queria chamar a atenção para isso, caso isso o deixasse constrangido ou se ele entendesse da maneira errada - como se ela estivesse zombando dele porque 'parecia' fora do personagem dele.

Ela estava mais agradecida do que ele jamais poderia saber ou perceber. Sua opinião sobre ele havia mudado significativamente.

Uma pessoa sem coração não teria tentado confortar outra.

Talvez ele se importe mais do que demonstra. Um sorriso triste curvou seus lábios; ela ainda era incapaz de mostrar qualquer alegria verdadeira. *Eu me pergunto o que mais sobre ele eu não tenho prestado atenção.* Ou ignorando, melhor dizendo.

Quantas vezes Merikh havia mostrado sua bondade e consideração que não eram apenas para seu próprio ganho, e ela se

enganou?

Ele poderia estar escondendo porque o fazia se sentir vulnerável?

Quando ela pensou sobre essa pergunta, ela balançou a cabeça. Não, ele não parecia esse tipo de pessoa.

Talvez...

As reflexões de Raewyn foram interrompidas quando alguém a empurrou com tanta força que ela teria caído se não fosse por ela bater no lado de Merikh. Uma exclamação saiu dela.

— Cuidado — um homem falou arrastado, sua voz revelando o quão embriagado ele estava antes que a supersaturação de álcool tomasse conta de seus sentidos. — Sua boba — ele soluçou antes de acertar o braço dela com as costas da mão e fazê-la estremecer, — *vadia*.

O tapa pode ter sido um acidente porque ele se virou de repente, mas Raewyn não estava preparada para isso. Ela também estava tão exausta que as lágrimas brotaram facilmente em seus olhos com a grosseria dele, quando normalmente ela teria ignorado o homem ou feito um comentário sarcástico em troca.

Um rosnado baixo e estrondoso foi o único aviso que qualquer um deles recebeu.

O homem bêbado gorgolejou com graves ruídos de asfixia. Raewyn o ouviu lutando enquanto batia na mão de Merikh que estava obviamente em volta de sua garganta, seus pés chutando a terra como se ele tivesse sido levantado até a ponta dos pés.

— *Peça desculpas*, — Merikh rosnou, seu tom tão diferente, tão desumano, um arrepio percorreu sua espinha.

— Puta merda — o homem ofegou, lutando por arfadas. — E-eu sinto muito.

— Não para mim, para ela!

Ele tilintou como se tivesse sido abalado. Sua voz estava em sua direção desta vez quando ele disse: — Sinto muito... senhorita.

— Você sabe o que? Talvez eu não ache que isso seja bom o suficiente — disse Merikh. — E eu estou com vontade de *matar*.

— Por favor pare! Deixe ele ir. — Raewyn disparou para frente e agarrou o bíceps de Merikh para puxar seu braço, apenas no caso de aquelas penas perigosas que ele a advertiu serem estendidas. Claro, não se moveu um centímetro. — Estou bem. Eu só quero ir para uma pousada e descansar.

As pessoas provavelmente estavam olhando para eles!

Sussurros voavam ao redor deles e, embora ninguém interviesse, seria terrível se um soldado ou guarda se envolvesse. Ela não queria passar a noite em uma cela ou ser expulsa da cidade, quando ela queria muito uma boa noite de sono que não fosse na floresta.

Ela não tinha dormido em uma cama por uma semana, e sua bunda mimada iria ficar de joelhos e implorar por uma agora.

Com um último puxão dela, o homem caiu contra o chão quando caiu.

— Você tem sorte que ela pediu tão gentilmente.

As bochechas de Raewyn queimaram de vergonha, percebendo que ele retaliou tão duramente porque ela estava prestes a chorar, depois que ele ajudou a acalmar suas lágrimas anteriores. Ela guinchou quando a grande palma de Merikh deslizou sobre seu ombro esguio, e ele a empurrou para o canto de seu lado.

Suas bochechas queimaram ainda mais quando ele espalmou em seus bíceps, nunca realmente a deixando ir. Era quase como um

homem que colocava o braço em volta dos ombros de um amante, mas Merikh estava apenas garantindo que ninguém mais esbarrasse nela.

Ela não conseguia parar de acelerar o pulso.

Ela nunca teve alguém sufocando outro em seu nome. Com o braço dele em volta dela, ela se sentia vulnerável. Isso estava enviando seu coração em uma vibração estranha e em pânico.

Ela não o impediu, não quando uma parte dela, um pequeno pedaço secreto bem lá no fundo, um lugar dentro de Raewyn que não era todo uma boa virtude, deleitava-se com isso.

O abraço era protetor, dominante e quase parecia... possessivo. Ela nunca tinha experimentado isso nos braços de outro.

Mordiscando o lábio inferior, ela sussurrou: — Você não precisava fazer isso.

— Eu não estou de bom humor, — ele trovejou, sua voz gotejando com hostilidade. Estava tão sombria que a envolvia, enviando um formigamento por seu corpo. — Eu não gosto de humanos, e os bêbados tendem a ser ainda mais irritantes.

Mesmo que ele estivesse se sentindo odioso e violento, ele não voltou essas emoções para ela, mesmo quando ela poderia muito bem ser a fonte delas. Atualmente, ela estava dentro da bolha que estava a salvo de sua ira.

Que pensamento excitante, que deixou Raewyn curiosa.

— Se você não gosta dos humanos, então por que você tem um glamour e viaja entre eles?

— Não é porque eu quero, se é isso que você está pensando.

— Então por que? — ela pressionou.

Merikh os virou, e a textura do chão mudou para pedra e tijolo, como se estivessem em uma estrada.

— Não posso aprender nada se ficar sentado no escuro, girando os polegares como um idiota.

A trava de uma maçaneta chacoalhou ao girar antes do rangido de uma porta soar. Uma mistura de aromas emanava do prédio em que eles estavam entrando, todos agradáveis: madeira, fogo, comida e produtos de limpeza.

— Quero alugar um quarto para passar a noite, — Merikh exigiu quando o tilintar de uma bolsa de moedas atingiu a mesa.

— Oh uau, você é um grande filho da puta. — A mulher atrás do balcão riu sem jeito. — Posso lhe dar um quarto, mas nenhuma de nossas camas vai caber em você, muito menos em vocês dois.

— Isso é bom. Se você tiver um quarto com duas camas de casal, vou juntá-las. Se não, vou dormir no chão. Não importa como eu durmo, desde que não passemos a noite lá fora.

— Você faz um excelente ponto. — O atendente riu novamente, desta vez um pouco mais amigável. — Se você estiver disposto a esperar alguns momentos, vou pedir a um dos meus funcionários que arrume o quarto para você, para que você não precise fazer isso. Embora você não pareça ter qualquer problema em fazer isso sozinho.

Um pouco nervosa por estar sozinha em um quarto com ele, especialmente porque ela provavelmente desmaiaria no momento em que deitasse a cabeça, Raewyn se contorceu. Ela esperava dormir profundamente, o que significava que ela estaria vulnerável. No entanto... depois de hoje, sua confiança em Merikh havia crescido, e ela não achava que ele faria nada com ela.

Ele grunhiu em resposta. Então ele balançou ligeiramente, como se acenasse com a cabeça, e a mulher colocou um pedaço de papel na frente deles.

— Preencha isso enquanto eu faço os arranjos.

Seus passos bateram no chão de madeira quando a atendente saiu enquanto Merikh preenchia seus detalhes.

Em minutos, o pagamento foi feito e eles foram levados por um pequeno corredor. Merikh era grande demais para eles caberem lado a lado. Com a mão nas costas dela para empurrá-la para frente, a respiração dele passou por cima do ombro dela como se ele estivesse inclinado para frente para liberar sua altura.

Ela estendeu a mão para sentir o quão alto era o teto, e seus dedos roçaram facilmente. Uma carranca marcou suas feições até que ela se lembrou de que, embora sua voz viesse nem mesmo alguns centímetros acima da dela, Merikh tinha chifres de touro no topo de sua cabeça ossuda.

Já que eles estavam em uma cidade humana, era fácil esquecer que ele era um Caminhante do Crepúsculo.

Quando a atendente abriu a porta e desejou-lhes boa noite, a grande mão reconfortante em torno de sua cintura caiu. Raewyn entrou no quarto com as mãos estendidas para que pudesse entrar no espaço desconhecido.

— É bem pequeno, — ele comentou enquanto fechava a porta.

— Você não terá que se preocupar comigo dormindo ao seu lado, pois tenho certeza que você não quer isso. Os quartos com camas de casal tendem a ter mais espaço para me movimentar, e eu queria que eles abrissem espaço para eu dormir no chão.

Raewyn apenas assentiu.

A ideia dele dormindo no chão não parecia confortável, e ela tinha certeza que ele estava tão exausto quanto ela. No entanto, ela não sabia como se sentiria se ele dormisse ao seu lado, a ponto de nem mesmo oferecer – apesar de querer em parte por gentileza.

Foram formalidades passadas? *E se eu acidentalmente me virasse e tentasse abraçá-lo enquanto dormia?* Que embaraçoso!

– Tem uma banheira que posso encher com minha magia, – ele afirmou da porta.

– Eu posso enchê-la eu mesma, – ela rejeitou enquanto procurava a cama. Ele disse que o quarto era pequeno, mas mesmo depois de alguns passos cautelosos, Raewyn não havia tocado em um único móvel. – Não é difícil fazer magia com água e calor.

– Você tem comida ou devo... Um pouco para a esquerda, Raewyn.

Com a menção de seu nome em sua voz rouca e bonita, o cérebro de Raewyn torceu, e ela deu um passo à direita. Seu pé bateu em algo na altura da coxa, e a próxima coisa que ela percebeu foi que ela estava caindo para frente.

Ela tentou se endireitar, mas o que quer que ela tenha tropeçado era vazio. Seu pequeno grito foi acompanhado por um aperto no coração, então um braço carnudo envolveu sua cintura, pegando-a antes que ela pudesse cair de cara.

– Eu disse para para a esquerda – ele bufou.

Raewyn procurou com as mãos e encontrou a borda da banheira. Ela mordeu o lábio inferior, sem saber por que teve uma reação tão estranha quando ele disse seu nome.

– Obrigada, – ela ofereceu quando ele a soltou e recuou. – Gostaria muito de tomar um banho antes de dormir. Eu me sinto

imunda. — Raewyn se inquietou ligeiramente. — Tudo bem? Posso demorar um pouco, já que quero tirar minhas tranças e lavar meu cabelo direito.

Ele não disse nada por um longo tempo. Ela notou que Merikh às vezes demorava a responder, como se estivesse pesando seus pensamentos.

— Faça o que você quiser. Resolvi comprar algumas coisas antes que todas as barracas fechem. Também vou ver se esta pousada oferece comida quente.

Raewyn lançou um sorriso apreciativo para ele.

— Eu adoraria um banho, uma refeição quente e um bom sono. Obrigada, Merikh.

Com um grunhido, ele saiu.

O peito de Raewyn parecia mais leve quando ela voltou para a banheira, empurrando o capuz para trás. Ela soltou a capa empoeirada do pescoço.

Sua exaustão poderia esperar até que ela estivesse limpa para puxá-la para baixo.

CAPÍTULO 13

Forçado a se inclinar para frente por causa de sua altura maciça e chifres imponentes, Merikh ficou ao lado das duas camas de casal juntas e olhou para a bela elfa enquanto ela dormia.

Ela não tinha terminado de tomar banho quando ele voltou. Ele abriu a porta enquanto ela estava na banheira e passando as cerdas de um pente por uma longa mecha de cabelo branco. Era enrugado, mas reto devido ao peso da água que o saturava.

Suas costas estavam voltadas para ele, e ela engasgou enquanto cobria o peito.

Merikh imediatamente fechou a porta em sua reação assustada. Ele não esperava que ela ainda estivesse tomando banho, considerando que ele estava fora até depois do pôr do sol.

Ele a informou que colocaria a comida que pediu no chão, logo atrás da porta, e que voltaria mais tarde. Ele escolheu sentar no corredor e esperar quando ela terminasse.

Quando não houve mais sons por um longo tempo, ele entrou no quarto novamente para descobrir que ela havia subido para debaixo das cobertas e já estava dormindo.

A banheira ainda estava cheia de água. Mesmo que ele usasse sua cobertura de focinho, ele podia sentir o cheiro do ar mais doce do que antes de seus produtos de limpeza.

Pela primeira vez desde que a conheceu, Merikh mudou para sua forma mais monstruosa, de quatro patas, para poder dormir. Contra o chão, ele se enrolou como uma bola no lado oposto da cama, para que ela não o pisasse acidentalmente. Deitar assim tendia a fazer seus espinhos se destacarem de seu corpo.

Acabou que ele nunca precisou se preocupar, já que ele se elevou sobre sua forma ainda adormecida muito mais tarde.

Já se passaram dezenove horas, ele pensou, por algum motivo compelido a esfregar o lado de seu dedo indicador e arranhar sua bochecha redonda.

Seus lábios entreabertos não se contraíram ao toque dele, nem seus olhos fechados ou sobrancelhas brancas. Ele permitiu que a suavidade de seus cílios longos e grossos fizessem cócegas em seus dedos antes de se mover mais alto.

Com ela deitada parcialmente de lado e de costas, o corpo torcido, ele foi capaz de pressionar as costas da mão contra a testa dela. Sua temperatura não aumentou, nem ela estava suando.

Ela não parece estar febril ou doente.

Ela estava dormindo há muito tempo e não parecia que acordaria logo.

Merikh bateu com a garra no gorro azul-marinho em volta de seu cabelo, notando o material sedoso, curioso para saber por que ela usava tal aparato na cabeça. Os elysios costumavam usá-los para dormir?

Ele devia admitir, ele nunca se interessou em ver ninguém dormir, mas... ele não se afastou de Raewyn.

Suas orelhas pontudas chamaram sua atenção, como sempre acontecia.

Ele passou a parte de trás de sua junta sobre a borda de uma. Uma estranha emoção borbulhando em seu peito quase o fez rir quando a longa orelha dela balançou descontroladamente sob o leve toque.

Ela é sensível aqui? Ele fez isso de novo, e deu um estalo.

Raewyn soltou um gemido suave, antes de enterrar o rosto no travesseiro, como se isso fosse o suficiente para escapar dele. Ela teve sorte de ele não querer perturbá-la.

O cobertor em que ela estava enrolada estava abaixado, revelando a redondeza de seu ombro. Sua roupa de dormir havia escorregado.

Ele passou a ponta de sua garra pelo arco de seu pescoço, ao longo de seu ombro. Raewyn estremeceu.

Merikh rosnou para ela, para sua reação a uma simples garra, para seu próprio desejo persistente de continuar tocando-a para que ela soltasse outro gemido rouco.

Ela é bonita demais. Ele agarrou o cobertor e o trouxe até o rosto dela, cobrindo-a mais de sua visão.

Ele verificou se ela não estava doente, e foi por isso que ele a abordou em primeiro lugar. Então, por que ele estava admirando seu rosto e ombro? Mesmo agora, ele considerou tocar seu rosto mais.

Merikh era um Caminhante do Crepúsculo, uma *aberração sem rosto*. Por que ele achava que tinha o direito de tocar uma mulher com o rosto esculpido por um anjo?

Suas feições redondas, sardas escuras, lábios carnudos e pele morena impecável... Ele não achava que um único humano pudesse se comparar.

E os olhos dela... Ele imaginou sua cor hipnotizante de marrom rico com uma estrela branca incandescente no meio. Como alguma coisa poderia não ficar estupefata olhando para eles?

Ele se afastou do lado da cama, seus orbes um tom de vermelho mais brilhante do que o normal quando ele se sentou

contra a parede.

Como ele adquiriu algumas coisas ontem que nunca havia comprado antes, ele estava tentando descobrir como fazer a ferramenta que queria.

Ele não gostou de como aquele tolo bêbado a encontrou, nem gostou que ela fosse tão hesitante em ambientes desconhecidos. O fato de ela quase ter enlouquecido dentro da banheira o deixou alarmado.

Embora a ferramenta que ele estava fabricando significasse que ela exigiria menos de sua ajuda, algo com o qual ele estava estranhamente satisfeito, ele tinha certeza de que tornaria a vida mais fácil para ela. Ele só esperava que ela não o levasse para o lado errado.

Se ela desejasse se agarrar a ele, então ele seria mais do que receptivo, talvez até um pouco... orgulhoso. Ainda assim, ele queria dar a ela a opção, especialmente porque raramente tinha tido uma escolha em sua vida.

Havia muitas coisas que ele teria escolhido não fazer, mas sempre foi forçado a fazer, de uma forma ou de outra.

Merikh examinou o item que já havia separado para entender como foi construído para que ele pudesse recriá-lo. Ele tentou fazer isso o mais silenciosamente possível enquanto ela dormia. Ele pegou uma vara quebrada de madeira e a virou para um lado e para o outro.

Talvez fosse parte de sua natureza destruir as coisas para entendê-las.

Agora que ele entendia um pouco como era feito, ele começou a criar sua própria versão – uma que fosse mais adequada para seu

possível usuário.

Após cerca de duas horas, Raewyn finalmente se mexeu.

Desde que ele reiniciou sua tarefa várias vezes, ele não terminou quando ela se levantou para se sentar na cama. Seu vestido de dormir branco caiu sobre o ombro. Merikh rapidamente olhou para baixo e para longe quando não conseguiu parar de olhar para seus olhos estrelados - quase como se tivesse perdido eles nas horas em que estavam fechados.

Tolo, sua mente cuspiu, mas sua visão continuou se desviando de sua tarefa para ela contra sua vontade.

Ela nunca ajeitou o vestido sobre o ombro, mesmo depois de esfregar os olhos e piscá-los preguiçosamente. Ela parecia um coelho preguiçoso espreitando da grama, dócil e inocente.

Sentada, mas apoiada no braço com o ombro exposto, ela não percebeu que um predador estava tentado a lamber o focinho em sua direção.

Descansar e depois observá-la dormir havia distorcido algo em sua mente.

Assim como no dia anterior.

Vê-la chorar e depois ser capaz de acalmá-la ele mesmo... foi uma experiência nova para ele. Ele nunca tinha sido o consolo de alguém, nem nunca alguém escolheu encostar-se nele tão abertamente como ela. Agarrar-se ao *seu* lado.

Não importava nada, porém, e era por isso que ele desejava rejeitá-lo e transformar qualquer afeição que ele estupidamente permitisse crescer em relação a elfa em auto-aversão e vazio.

Ela acabaria por mostrar a ele que qualquer gentileza que ela voltasse para ele era de um lugar de medo ou cautela. De isolamento

e desespero, ao invés de conforto.

— Merikh? — ela perguntou, sua voz tão áspera e carregada de sono que o pelo e as penas dele começaram a se arrepiar de tão agradável.

— Aqui, — ele respondeu, embora tenha saído mais como um grunhido.

Seu sorriso sonolento era pequeno, mas voltado para ele. Isso deixou Merikh completamente desconfortável, já que ele achava que nunca havia recebido um sorriso de alguém que sabia o que ele era.

— Eu me sinto muito melhor, — ela suspirou satisfeita.

Raewyn estendeu a mão e tirou o gorro que ele percebeu que estava mantendo seu cabelo domado para não bagunçar durante o sono, e derramou seu cabelo branco, solto e não mais trançado. Havia um brilho que devia vir do produto que ele podia sentir no cabelo dela. Ela obviamente aplicou uma boa quantidade antes de ir para a cama.

Embora ele soubesse que era mais comprido, já que as tranças desciam até a metade das costas, os cachos recém-soltos faziam seu cabelo parecer mais curto. Eles quicaram em torno de seus ombros, roçando nas costas e nas laterais antes de estabilizar a queda.

Ele ergueu a cabeça para trás surpreso, sem saber o que estava esperando. Ele achava o cabelo dela bonito antes – as tranças combinavam com ela – mas ele gostava mais deste, onde seus cachos eram livres e soltos. Seu cabelo parecia macio e brilhante, inocente e brincalhão ao mesmo tempo.

— Você dormiu quase um dia inteiro, — Merikh comentou casualmente, sem insinuar nada que pudesse estar sentindo.

Ele olhou para baixo, *precisando* olhar para baixo – não apenas para poder observar o que estava fazendo em sua tarefa, mas... para fazer seu olhar se afastar dela.

– Oh – ela respondeu timidamente. – Esqueci de mencionar que durmo mais que um humano? Eu também estava muito cansada, pois não dormia direito desde que começamos a viajar juntos.

– Está bem.

– Tem certeza?

Ele olhou para cima para ver que os ombros dela haviam se levantado, como se ela estivesse nervosa.

– Eu disse que está tudo bem, – ele soltou antes de acalmar seu tom. – Eu também dormi, e tenho estado ocupado.

Ela *finalmente* arrumou seu maldito vestido de dormir. Então ela se abaixou ao lado da cama e puxou a bolsa para o colo para poder vasculhar. Ela pegou uma maçã da bolsa e comeu enquanto colocava dois elásticos de cabelo no cobertor entre as pernas.

Para alguém que tinha acabado de acordar, ela estava com os olhos mais brilhantes do que ele esperava. Merikh costumava se levantar rapidamente, mas isso acontecia porque ele tinha um objetivo, uma missão em mente. Cada segundo perdido era um segundo a mais que ele teria que esperar pelo que queria.

Depois de terminar a maçã, ela começou a trançar o cabelo como antes, em preparação para a viagem.

– Então... – ela começou lentamente. – O que nós vamos fazer agora?

– Nenhuma pista – ele respondeu abruptamente, tentando ao máximo não apertar demais um parafuso que estava apertando com

raiva. Ele estava se perguntando o que diabos eles iriam fazer agora o dia inteiro, e ele não pensou em absolutamente nada. — Há anos venho procurando uma saída da Terra. Não me peça respostas porque eu não as tenho.

Seus ombros caíram enquanto seus lábios se voltavam para dentro em desapontamento.

— Procurei em todos os cantos deste continente, venho pesquisando há anos e não há nada — continuou ele. — Não há nenhum texto que eu possa encontrar que me ensine como fazer portais sozinho. Não há bolsos escondidos que me levem a outro lugar. Não há outras criaturas além dos Anzúli, Caminhantes do Crepúsculo ou Demônios neste planeta que possam criá-los, ou mesmo usar magia.

— *Deve* haver alguma coisa, — ela implorou, e toda a sonolência dócil de antes foi destruída pela realidade que ele compartilhava. — Há sempre uma solução.

Ele ficaria chateado consigo mesmo por arruinar seu contentamento minutos depois de acordar, mas ela começou essa conversa. Pela maneira como ela chorou nos degraus do templo no dia anterior, ela deve saber que ele não tinha respostas; caso contrário, ele as teria dado.

— Existe apenas uma maldita opção, mas a menos que você possa nos tornar intangíveis de alguma forma, ou nos teletransportar para um lugar onde você nunca esteve, é inútil até mesmo considerar isso.

Seus lábios se apertaram novamente.

— Você está falando sobre o portal de Jabez.

— Precisamente. O portal daquele bastardo tem sido como uma provocação por anos. Há uma saída, mas é tão profundo dentro de seu castelo que é impossível chegar até lá. — Merikh então soltou uma risada amarga. — E acredite em mim, eu sei que é impossível. Eu tentei.

As orelhas de Raewyn se contraíram ao lado de seu rosto enquanto ela pensava profundamente, seu olhar cego movendo-se de um lado para o outro.

— E... e se isso pudesse ser possível? — Raewyn perguntou suavemente, seu rosto apontado para o lado.

— Eu estaria disposto a tentar qualquer coisa neste momento.

Depois de terminar a primeira trança, ela fez uma pausa. Ela ergueu a mão e roçou os lábios, obviamente avaliando suas opções.

Então ela estendeu a mão e cobriu um olho.

— Você nunca me perguntou como perdi a visão, — ela comentou baixinho. — Por que? A maioria das pessoas sim.

— Minha curiosidade mórbida não me valida fazendo uma pergunta tão pessoal quando ela faz pouco para ser útil. Não faz diferença para mim se você pode ou não ver, ou por que não pode, — ele respondeu claramente. — Se você quisesse que eu soubesse, você teria me contado.

Ele não tinha certeza, mas jurou *que* os lábios dela se contraíram como se quisessem se curvar em um pequeno sorriso. Não durou muito, sua expressão se tornou solene.

— Eu realmente não me importo de falar sobre isso, — ela disse enquanto começava sua segunda trança. — Mas sim, eu realmente não gosto quando as pessoas me perguntam sobre isso porque geralmente vem de um lugar de curiosidade em vez de preocupação.

Merikh grunhiu com um aceno de cabeça, já tendo percebido isso. Os humanos tendiam a ter problemas em enfiar seus narizinhos rudes onde não deveriam.

— Eu, hmm... como você sou ontem, eu sou na verdade uma dos cientistas chefes dos dezoito conselheiros synedrus. Meu trabalho varia da clonagem genética através do crescimento mágico ao estudo de criaturas mágicas e como seu DNA interage entre si, especialmente com nosso genoma Elysiano. Às vezes, também atendo nossos farmacologistas. Resumindo, sou bióloga, geneticista e, devido ao modo como nossa mágica funciona e ao tipo de DNA em que me concentro, também sou herbologista. Todos os nossos cientistas são obrigados a aprender herbologia antes de entrarem no campo desejado. Atualmente estou trabalhando em uma tese que me permitirá cultivar um vegetal difícil com uma grande variedade de vitaminas. Seria um recurso inestimável poder crescer por meio da magia, em vez de esperar os sete meses necessários para frutificar. Se eu puder fazer isso, posso trabalhar de trás para frente com outras plantas comestíveis que foram difíceis de clonar. Requer uma compreensão em nível molecular da planta.

Merikh inclinou a cabeça.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? O que você quer fazer? Cultivar uma batata no meio do castelo de Jabez?

Seus lábios vibraram quando ela soltou um 'pfft' e depois uma risadinha.

— Não! De jeito nenhum. Acho que sinto que é importante explicar isso a você primeiro. — Então, sua risada se foi e ela esfregou os bíceps conscientemente. — Eu fui uma conselheira synedrus por cerca de sete anos Nyl'therianos. Seis anos atrás, que

são cerca de noventa anos terrestres, estávamos discutindo uma maneira de destruir os Demônios em grandes quantidades, ou pelo menos fornecer proteção que nos permitisse retomar nosso lar e levá-los de volta para o deles.

Mesmo que ele estivesse, esperançosamente, perto da conclusão de sua tarefa, Merikh fez uma pausa e abaixou-a em seu colo para encará-la.

— É difícil chamar isso de arma quando poderia ser nada mais do que um feitiço protetor, mas quando nosso astrônomo fez um comentário improvisado sobre desejar poder aproveitar o poder de nossos três sóis, já que os Demônios queimam quando expostos a eles, todos riram, exceto ele e eu. Nós compartilhamos um olhar, percebendo que poderíamos realmente replicar os sóis com nossa magia.

Ele inclinou a cabeça bruscamente.

— Isso seria possível? Não é como se você pudesse simplesmente flutuar no céu e pegar uma gota dele.

— Não, mas se combinarmos os elementos certos, podemos clonar seu impacto. Fui colocada como a principal cientista, pois isso exigiria a maior parte de minhas habilidades, conhecimento e experiência. — Sua risada era vazia. — Eu quase fiz isso também. Quase fiz algo assim, mas foi demais. A magia era desconhecida, seus efeitos desconhecidos, a matemática desconhecida. Era instável e, em vez de ser uma fonte de energia controlada dentro de uma pedra de mana, ela se quebrou. Perdi a visão e sofri um grave envenenamento por radiação que quase me matou. Tive sorte de ainda termos algumas pedras de cura restantes. Essa foi a única razão pela qual fui salva.

— Você usa pedras para magia? — Merikh perguntou enquanto coçava a nuca, sem realmente entender.

— Nossa terra é muito fértil tanto em minério quanto em magia, e há uma pedra que conseguia absorver essa magia. Nós as chamamos de pedras de mana e, se as ajustarmos, podemos direcionar seu uso para várias coisas, como condutos de energia, cura e crescimento. Eles são a única razão pela qual fomos capazes de sobreviver ao ataque do Demônio; caso contrário, todos nós teríamos sido comidos. Lançar o tipo de barreira que temos para proteger nosso povo requer poder constante. Usamos pedras de conduíte para ajudar a manter sua longevidade e força, e as pessoas doam voluntariamente sua própria magia para mantê-la funcionando.

— Vocês, povo élfico, parecem complexos, — ele disse enquanto balançava a cabeça e trabalhava para envolver a ponta da haste de metal oca em sua mão para fazer um aperto confortável. — Até mesmo suas vidas e cidade parecem complicadas.

— Pode ser. Nosso pessoal trabalha junto para garantir que não apenas sobrevivamos, mas também prosperemos — ela admitiu.

— O que aconteceu com essa 'pedra do sol' que você estava tentando fazer?

— Todo o projeto foi cancelado, pois era um risco muito grande. Não fui a única que sucumbiu ao envenenamento por radiação, embora seja a única que perdeu a visão, já que estava nas proximidades diretas de sua explosão. — Raewyn então abaixou a cabeça. — Quase matei nossa árvore central. Sem ela, nossa cidade morrerá; precisamos dela para sobreviver. Demorou quase um ano

para reparar o dano que causei, embora nenhuma culpa tenha sido colocada em mim, pois eu estava apenas fazendo meu trabalho.

Merikh colocou sua tarefa concluída no chão, cruzou os braços e recostou-se na parede. Não precisava ser um gênio para entender o que ela queria dizer.

— Você acha que pode recriá-la.

Ela encolheu os ombros. — Não sei. Talvez?

— Aqui, Raewyn? — Merikh zombou. — Você está na Terra. Não temos pedras de mana ou itens assim.

Raewyn ergueu o queixo com um biquinho teimoso, as orelhas puxadas para trás.

— Mas você tem. Estou olhando para uma agora.

Ele olhou em volta, se perguntando do que diabos ela estava falando. Eram apenas eles e este quarto, e nada parecia fora do lugar ou incomum.

Seu sorriso torcido era quase provocador, até mesmo zombeteiro. Ela bateu na testa e Merikh estendeu a mão para tocar a sua. Uma joia fria estalou sob sua garra.

— Meu glamour?

— Eu não vi no começo por causa da minha venda, e parece que só está ativo quando os humanos estão por perto, mas sim. Eu disse a você antes que posso ver a magia quando está sendo usada e reconheceria esse brilho em qualquer lugar.

Brincando com ele enquanto a olhava, Merikh pensou profundamente.

— O que aconteceria se eu desse a você e não funcionasse?

— Eu o mudaria, então ou não será mais útil para seu propósito atual, ou eu o destruiria. É difícil limpar uma pedra de

mana, mas é algo que já fiz. No entanto, a última pedra do sol que fiz quebrou, pois é um componente altamente volátil.

Merikh continuou a tocá-lo enquanto uma frieza tomava conta de seu peito. Este diadema era precioso para ele. Era a única coisa que ele possuía e que daria a vida para proteger. Era a única coisa que fazia sua existência valer a pena.

Sem ele, ele teria que voltar a se esconder nas sombras.

Ele desistiria se isso significasse que ele poderia deixar a Terra?

Alguns sacrifícios muitas vezes valem a pena, mas se isso resultasse em fracasso... ele não estaria voltando para o primeiro passo, mas para uma vida para a qual ele se recusava a voltar.

— Qual é a probabilidade de você ter sucesso?

— Eu não posso te dar esses cálculos. O tempo de carregamento e a radiação eram o problema, e mesmo expor a pedra aos nossos três sóis por um único segundo a tornava muito poderosa, mas posso *sentir* que o sol é mais fraco aqui. Com os ingredientes certos, que posso testar antes de fazer qualquer alteração na pedra de mana, saberei se há uma chance.

— Por que eu deveria dar a você meu diadema quando você não pode ter certeza? — ele perguntou, inquieto por correr esse tipo de risco.

Raewyn soltou um suspiro pesado.

— Estou oferecendo minha vida aqui. Se isso falhar, você não apenas perderá seu glamour, mas a radiação pode me matar.

— Eu poderei suportar qualquer doença ou lesão que a afete. Isso não terá nenhum custo para você, apenas para mim.

Suas pequenas sobancelhas franziram.

— Mas então você vai morrer de envenenamento.

— Eu não posso morrer, lembra? — Merikh disse enquanto rolava a cabeça, sabendo que ela ouviria seu tom exasperado. — Depois de vinte e quatro horas, vou me curar, desde que meu crânio esteja intacto.

Raewyn baixou as mãos e agarrou o cobertor que cobria suas pernas. Seus olhos se curvaram quando os cantos externos se enrugaram, sua testa formando linhas profundas.

— *Por favor*, Merikh, — ela implorou no mesmo tom suplicante que ele só tinha ouvido de humanos prestes a morrer por suas garras. Preenchia-se com o saber do fim, da dor e do nada definitivo por vir. — Eu sei que estou pedindo muito. Sei que você não tem motivos para ajudar quando não posso ter certeza, mas não acho que posso sobreviver se pelo menos não tentar. Sei que estou sendo egoísta porque quero ir para casa, mas, por favor, estou implorando.

O silêncio dele pesou sobre ela. Suas mãos agarraram a cama com mais e mais força até que as costas de seus dedos ficaram tensas.

Foi seu próximo 'por favor', com lágrimas enchendo seus olhos transfixantes, que finalmente o levou a tomar sua decisão. Não deveria ter importado. Sua dor não deveria ter importado para ele, nem suas lágrimas ou a maneira como seus lábios tremiam, mas naquele momento, ele não podia negá-la.

Alguma emoção penetrante abriu caminho em seu peito, e ele finalmente disse, — tudo bem — A maneira como o rosto dela brilhou depois disso o fez virar a cabeça para o lado com desdém. — Mas você conduzirá seus experimentos onde eu achar melhor. Se funcionar, você *usará* qualquer poder que tenha sobre seu povo para

me permitir passar por esse portal. Você entende? Não ficarei para trás na Terra sem saída e sem glamour.

Merikh se levantou, coçando o pescoço em agitação. Ele estava irritado. Ele precisava dar um passeio antes de direcionar aquela raiva para ela.

— Sim! Sim! Ok!

Raewyn cavou seu caminho para fora da cama e correu em direção a ele. Ela habilmente evitou a banheira, e ele recuou surpreso quando ela se jogou contra ele.

Para ser justo, ele tinha que pegá-la, mas era como se ela soubesse que ele o faria. Quando ela caiu contra ele, sua raiva fugiu dele.

— Obrigada, — ela exclamou. — Muito obrigada.

Ele era muito mais largo do que ela, então seus braços mal alcançavam as costas dele. Ela enterrou o rosto no peito dele, e ele ficou tão surpreso que apenas ergueu os braços no ar, sem saber o que deveria fazer.

Não ajudou que se ele abaixasse os braços, suas penas voltariam e a cortariam.

— Eu estava com tanto medo que não havia outra maneira, mas se eu pudesse criar uma pedra do sol, nenhum Demônio seria capaz de chegar perto de nós quando tentássemos entrar no castelo de Jabez. Se você souber onde está, podemos simplesmente entrar e passar pelo portal.

Um pensamento cruzou sua mente.

— Isso não vai me afetar?

Raewyn encolheu os ombros, inclinando-se para trás enquanto ainda segurava seus lados para que ela pudesse falar corretamente.

Ele finalmente foi capaz de abaixar os braços.

— Já estou ciente de que usar tal magia é destrutivo para seu usuário. Nós dois podemos ficar um pouco doentes depois, mas meu povo pode nos curar. Você pode andar no sol, então espero que você não seja afetado por seu poder da mesma forma que os Demônios.

Seu rosto requintado, cheio de alegria brilhando em sua direção, por causa dele, estava com a garganta entupida. Ela estava tão perto que ele podia sentir seu calor e seios pressionando contra ele, e seu pano de barreira fez pouco para esconder seu cheiro indutor de baba.

Seus orbes ameaçaram ficar brancos quando seu pênis se mexeu, e sua costura se contraiu. Merikh rapidamente recuou para quebrar o contato e ela o soltou facilmente.

Sua mente procurou uma maneira de não receber sua gratidão, para remover o olhar que ela tinha. Sua visão encontrou o que ele havia feito, caído no chão.

Merikh a pegou e a empurrou para ela, quase a socando em seu pânico, mas felizmente conseguindo suavizar o impacto. Raewyn se atrapalhou e segurou a bengala com as duas mãos.

— Isto é para você, — ele declarou, desejando que sua voz não estivesse tensa.

Como sempre fazia com ele, ela franziu a testa.

— O que é? — ela perguntou quando começou a sentir o comprimento dela.

— Já vi humanos com deficiência visual usarem isso. Uma bengala-guia, acho que é assim que se chama. — Ele coçou o pescoço, antes de olhar para suas garras, o que percebeu que tinha feito muito mais do que o normal ultimamente. — Tentei encontrar

uma que se adequasse à sua altura, mas todas as que encontrei eram muito curtas.

Seus lábios se separaram quando seus olhos se arregalaram. Ela acariciou a ponta da bengala que tinha um anel de pedra que ele conseguiu prender com parafusos. Ele girou livremente quando ela a girou.

— Você... você fez isso para mim?

— Sim, — ele disse enquanto olhava para a parede — qualquer lugar que não fosse ela. Ele não tinha certeza por que seu pulso ainda estava acelerado, se era desejo, ou apenas porque ele se sentia como se estivesse fora de seu alcance. — Acho que vai ser mais fácil para os humanos evitarem esbarrar em você, e você não vai cair na banheira de novo.

Ela ficou quieta por tanto tempo, seu soluço agudo e sem lágrimas era ensurdecador. Assustado com o som, confuso com ele, ele se virou para descobrir que ela estava segurando a parte da bengala com as duas mãos e pressionando-a contra a testa.

— Merikh — ela sussurrou suavemente. — Obrigada. Eu costumava ter uma em casa, mas não conseguia pegá-la para trazê-la comigo. Não ter uma tem sido difícil. — Seu aperto na bengala aumentou. — Você não tem ideia do que isso significa para mim.

Porra, eu fiz pior!

Isso era demais para uma criatura que nunca havia feito nada de bom em toda a sua vida, que não estava acostumada a receber uma gratidão tão sincera. Ele queria sair dessa situação, desconfortável com ela em sua totalidade.

— Apresse-se e prepare-se. Quero deixar esta cidade o mais rápido possível.

Seu sorriso era estranho quando ela dirigiu sua expressão para ele, aparentemente dividida entre a tristeza e a felicidade.

Merikh dirigiu-se à única saída disponível.

– Vou conseguir tudo o que precisamos enquanto espero por você.

– O-onde estamos indo?

– O véu.

Seus olhos deslumbrantes se arregalaram em choque e medo.

– O que? Por que?

– Porque eu tenho tudo que você precisa na minha caverna.

Pela primeira vez em anos, Merikh estava voltando para *casa*.

CAPÍTULO 14

Raewyn segurou frouxamente a corda guia em volta da cintura de Merikh enquanto os levava para a saída da movimentada cidade. Embora a bengala que ele lhe dera fosse um pouco comprida demais, ela preferia do que fosse curta demais.

O anel de pedra solto que ele conectou ao final girou quando ela passou de um lado para o outro e permitiu que ela visse, à sua maneira, o que estava à sua frente. Ela não estava mais encolhida ao lado dele para não esbarrar em ninguém, sentindo-se mais à vontade no meio da multidão.

Sua bengala funcionava como uma ajuda visual para os outros, assim como para si mesma. Se alguém não a visse, foi culpa deles por não prestar atenção e ser complacente no meio da multidão.

Ela apenas segurou Merikh para ser guiada na direção que eles precisavam ir.

Segurando o cabo de couro, o coração de Raewyn parecia mais leve.

Ela sempre foi boa em se ajustar às circunstâncias e aproveitar ao máximo o que tinha. Ainda assim, foi um alívio ter essa ferramenta.

Ele até pensou em adicionar um laço de segurança. Atualmente, seu pulso estava enfiado nele, então se ela a deixasse cair, não a perderia no chão.

Era tão bom de segurar ou chique quanto o que ela tinha em casa? Não. Nem mesmo caiu em um pedaço menor para que ela pudesse guardá-lo se quisesse. Ainda assim, era perfeito para o uso

pretendido, e o fato de ele ter sido atencioso o suficiente para fazer isso para ela aqueceu seu coração.

Merikh estava carregando muitas malas para ela. Ao sair mais cedo, conseguiu uma grande quantidade de comida, algumas roupas novas e até alguns produtos de limpeza.

Com a ponta da bengala, ela sentiu o chão mudar. O barulho da cidade foi ficando cada vez mais distante até que eles foram enterrados na floresta.

Estava mais quente hoje, ainda fresco para ela, mas ela sabia que o sol devia estar forte. Uma leve brisa agitou sua capa enquanto caminhavam.

Sem aviso, Merikh parou abruptamente.

— Estamos longe o suficiente agora. Passe-me sua bengala — exigiu ele.

— Por que? — ela perguntou, franzindo as sobrancelhas profundamente enquanto apertava mais. Ele tinha acabado de dar a ela, e agora ele queria de volta?

— Você não vai precisar.

Ela deu a ele, embora seu peito torceu ao fazê-lo. No entanto, essa sensação passou em segundos, e ela quase deu um gritinho quando ele a pegou no colo.

Ele segurou Raewyn ao seu lado, sua grande mão abrangendo toda a coxa dela. Ela estava sentada, sua bunda pressionada firmemente em seu antebraço com seu bíceps apoiando suas costas, as pernas abertas ao seu lado.

— O que você está fazendo? — ela perguntou enquanto se pressionava contra seu peito e ombro para se afastar dele.

— Vai ser uma caminhada de quase duas semanas no meu ritmo habitual. Com você, você vai fazer isso por mais tempo. Eu estarei carregando você a maior parte do caminho.

Seu capuz voou para trás e ela não teve tempo de pegá-lo quando ele começou a jornada. O vento cortando sua roupa deu a ela a impressão de que eles estavam indo muito rápido, embora ela pudesse dizer que ele estava apenas andando.

Suas tranças batiam em suas costas a cada passo e, após alguns minutos de incerteza, Raewyn relaxou. Quem era ela para abrir mão de uma carona?

Ela estendeu a mão enquanto endireitava a perna e desamarrou a bota. Antes que ela pudesse jogá-la, ele disse: — Precisamos ficar com isso. Faremos uma parada na última cidade para podermos dormir antes que eu nos leve além do muro da fronteira. Vou precisar descansar, e você também.

— Ughhh — ela gemeu, tirando a bota e enfiando-a sob a axila enquanto desfazia a outra. Ela amarrou os cadarços e ele roubou suas botas antes que ela pudesse fazer mais alguma coisa.

— Finalmente, posso remover isso — afirmou.

Ela estava prestes a perguntar o que, mas sua respiração ficou mais limpa. Ela estendeu a mão e tocou seu focinho, sentindo nenhum pano cobrindo o buraco do nariz. Seu dedo indicador se curvou para dentro e ela ficou surpresa e um pouco enojada ao descobrir que estava molhado.

Então ela percebeu o que tinha feito e puxou a mão para trás. Depois da primeira noite em que descobriu que ele não era humano, ela nunca mais tocou seu rosto ossudo. Ela estava começando a ficar um pouco confortável demais com ele.

Ela fechou os olhos quando o aroma de laranja e canela dele soprou sobre sua mandíbula e pescoço. Ele estava cheirando ela!

Raewyn apertou suas coxas quando seu estômago se apertou em reação a isso. A respiração dele era delicada, e o cheiro de flor de draflum dele aquecia os sentidos dela. Muitas vezes ela tinha essa reação a isso, uma pitada de desejo, mas parecia ter piorado desde a curta estada na cidade.

Ele se afastou dela para ver onde estava indo, mas ela notou que seu aperto em sua coxa era mais forte, como se ele estivesse tenso. Até mesmo suas garras perfuravam o tecido de seu vestido.

Acho que ele nunca me cheirou direito antes. Raewyn mordiscou o lábio inferior. Ele gostou? Suas bochechas esquentaram quando ela registrou o que acabara de pensar. Oh, santa donzela, de onde veio esse pensamento?!

Por que importava se ele gostava do cheiro dela? Ou se ele gostasse de segurar sua coxa e tê-la pressionada contra ele?

Raewyn não era uma santa, mas ela mal o conhecia! Bem... ela meio que conhecia, e depois de suas ações na cidade de Ashpine, sua opinião sobre ele mudou substancialmente.

Mas tanto? Onde ela estava meio que esperando que ele a cheirasse novamente para fazer cócegas deliciosas nela? Raewyn apertou suas coxas quando ela apertou um pouco mais baixo e *travesso* que seu estômago.

— Então, — Raewyn começou, em uma tentativa de fugir de seus próprios pensamentos. A palavra saiu um pouco mais quente do que ela queria, e ela rapidamente limpou a garganta. — Eu queria perguntar, o que a superintendente Anzúli quis dizer quando ela questionou você sobre como você obteve sua magia?

Merikh grunhiu.

— Eu esperava que você não tivesse percebido isso.

Um sorriso tímido se espalhou em seus lábios, seus olhos enrugados com algo que ela tinha certeza que parecia travesso.

— Tem algo a esconder, não é?

— Não tenho vergonha nem culpa por nenhuma das minhas ações, mas sim, vou esconder coisas de você para sua própria segurança. — Seu tom casual e fora do roteiro não negou nem confirmou sua declaração. — No entanto, você deve considerar as perguntas que faz. Você pode não gostar das respostas que recebe, caso eu esteja disposto a dá-las.

Os olhos de Raewyn se estreitaram em um brilho que continha pouca animosidade, mas talvez um pouco de julgamento.

— Você... você comeu o Anzúli?

Sua risada era *sombria*, respondendo a ela antes que ele dissesse qualquer coisa.

— Como eu disse, tenho procurado uma saída da Terra. Eu precisava obter mais magia, e eles eram a única maneira de fazer isso.

— Você teria me comido se eu não fosse uma elfa? — Raewyn brincou.

— Não. Eu sabia que você poderia ser útil, pois pude sentir que sua magia era forte.

Ela estava prestes a provocá-lo, uma observação brincalhona na ponta da língua, mas ela lentamente apertou os lábios fechados. Em vez disso, ela olhou para frente, com os olhos arregalados quando a compreensão a atingiu.

Ele está mentindo? Ele tinha a intenção de me comer quando começamos a viajar juntos? Ela tentou se lembrar daquela época, quase duas semanas atrás.

Suas próprias palavras ecoaram em sua consciência.

– *Eu não sou seu amigo. No final desta viagem, você verá isso.*

Ele fez, não foi? Ele não teria dito isso se não tivesse más intenções.

Suas orelhas se abaixaram quando ela sentiu o corpo dele se movendo contra o dela enquanto ele caminhava.

Mas ele não o fez. Ele não fez isso. Ele não me machucou, nem foi cruel. Ele raramente era mau com ela. Sim, ela o testemunhou sendo insensível com os humanos, mas ele raramente, ou nunca, voltou essa hostilidade para Raewyn.

Mesmo que essa fosse sua intenção originalmente, mesmo que ainda fosse possível, ela decidiu que apenas... confiaria nele. Era melhor do que a alternativa – ter medo.

– Você tem um olhar em seu rosto. Eu não confio nele.

– Você comeu muita gente? – Ela mordeu a língua quando percebeu que tinha acabado de tornar a conversa mais sombria. Ela deveria ter perguntado outra coisa, mas simplesmente escapou.

– Você realmente quer a resposta para essa pergunta? – Seu tom era horrorizado, mas também hesitante.

– Claro – ela respondeu em voz baixa.

– Certo. – Seu aperto era forte novamente, mas por uma razão totalmente diferente. – Eu comi cerca de cento e dez humanos, talvez um pouco mais.

Raewyn engasgou.

– São tantos! Por que?

Desta vez, quando ele riu cruelmente, foi ecoado, como se ele tivesse aberto suas mandíbulas para deixar toda a malevolência disso ressoar.

— Porque eu precisava de humanidade, e essa era a única maneira de obtê-la. Além disso, não gosto particularmente dos humanos, nem de ninguém. A perda deles foi o meu ganho. Caso contrário, não estaríamos tendo essa conversa de forma coerente.

Raewyn virou a cabeça, sem saber como se sentia ao saber disso. Pelo menos com os Demônios, eles eram irracionais quando comiam pessoas até que se formassem completamente e crescessem pele. Só então eles poderiam suprimir seu desejo incontável de banquetear-se com carne.

Isso geralmente acontecia depois de pouco mais de uma dúzia, talvez mais com os humanos, já que eram menores.

O que ele estava falando era matar só porque *podia*, porque queria.

— Lembra daquela cidade agrícola? — ele perguntou. — Como eles não nos permitiriam entrar devido ao recente assassino nas terras do sul?

Raewyn não gostou de onde isso estava indo.

— Sim?

— Ele está segurando você.

Seu rosto perdeu o calor.

— Mas por que? Eles-eles disseram que ele... você... andava por aí removendo a cabeça e o coração das pessoas! Como você pôde fazer uma coisa dessas? Você é basicamente um assassino!

Se ele não estava comendo a pessoa inteira, não era por fome ou desejo insaciável de consumi-la. Ele estava pensando

racionalmente. Era imoral. Errado. Isso era... pura *maldade*.

Quando ele não respondeu, claramente sem intenção, Raewyn o empurrou.

— Diga-me por que ou me coloque no chão.

Um brilho rosa avermelhado brilhou em sua visão. Então, em voz baixa, quase tímida, resmungou: — Engordei.

Raewyn fez uma pausa, não acreditando no que acabara de ouvir.

— O que?

O brilho ficou mais forte antes de desaparecer.

— Quando eu estava totalmente formado, eu era oco. Eu não tinha músculos, nem gordura, e todos os meus ossos ficavam fora da minha pele, como se eu fosse tão magro que mal houvesse espaço para eles. À medida que ganhei massa consumindo carne, fiquei maior, mais cheio, até que todos os meus ossos afundaram sob minha carne. Depois que atingi um certo tamanho, meus músculos continuaram a crescer, mas também meu teor de gordura.

Seu queixo caiu. Ela não podia acreditar no que estava ouvindo! Era como se ele estivesse *inseguro* sobre isso.

Ele era muito mais largo que ela, maior, mais forte. Mesmo agora, ela podia dizer que seu joelho estava cavando em uma barriga musculosa, mas grossa. Suas pernas estavam abertas apenas para acomodar seu lado.

— Então, eu me perguntei se havia uma maneira de alcançar a humanidade sem ter que ganhar mais músculos ou gordura. Aprendi que comer suas cabeças e corações, embora mais devagar, era igualmente eficaz.

Ok, então o que ele fez ainda estava errado, mas por que uma insegurança tão simples suavizava sua opinião sobre isso? Isso o fazia parecer... normal.

Ela teve seu quinhão de se sentir muito magra e incapaz de ganhar peso. Ela imaginou que era o mesmo para ele, apenas no extremo oposto do espectro.

Ela sempre foi autocrítica sobre sua própria altura, peso e até tamanho do pé, mas ela nunca fez o mesmo julgamento sobre outra pessoa. Quem se importava com o tamanho ou peso corporal de uma pessoa? Ela nunca se importou, já que tudo o que importava era o coração delas.

No entanto, desde que ela perdeu a visão, as texturas, sons e cheiros de uma pessoa eram como ela decidia se o exterior era atraente para ela.

Ela meio que gostava deles macios, embora poucos elfos elysios fossem gordos devido à sua genética e consumo de alimentos.

Seu nariz havia se fortalecido, então eles precisavam cheirar bem para ela. O aroma de flor de draflíio de laranja e canela de Merikh era inebriante de uma forma que ela havia percebido há muito tempo que achava desconfortável - apenas porque às vezes fazia suas pálpebras piscarem de felicidade e sua boceta vibrar.

Sua audição era aguçada, e sua voz áspera era mais sombria, estrondosa, mais brutal do que qualquer outra que ela já tinha ouvido. Às vezes, fazia com que os pelos de seu corpo se arrepiassem quando ela era atingida por ondas de arrepios.

Outra reação que frequentemente fazia suas bochechas queimarem.

Suas mãos eram quentes e relaxantes, especialmente porque ele nunca tinha sido violento com elas – desde a noite em que ela descobriu o que ele era. Elas eram grandes, mesmo comparadas a ela, como patas grandes e carnudas que agarravam sua coxa quase completamente enquanto ele a segurava contra seu lado.

Pressionada contra ele agora, ele não era macio, ao invés disso, denso com músculos, e ainda assim ele parecia... pastoso. Se ela não tomasse cuidado, poderia confundir aquela força assustadora como protetora.

Ainda assim, mesmo que ela gostasse de todas essas qualidades externas, mesmo que às vezes elas provocassem um calor confuso entre suas pernas, ele próprio era alarmante.

Cruel, mas gentil. Mau, mas bom? Que tipo de assassino andava por aí guiando uma mulher perdida como ela?

– Eu sinto que isso é um desperdício de vida, – Raewyn finalmente disse, tentando empurrar seus pensamentos para o lado.

– Não simpatize com os humanos, – ele praticamente rosnou.
– Eles não merecem sua piedade justa.

Ele disse isso com tanta severidade, como se realmente *acreditasse* nisso.

Claro, as interações de Raewyn com eles nem sempre foram agradáveis, mas houve muitos em Clawhaven que a apoiaram quando ela precisou. Era seu próprio medo de ser descoberta que não permitia que ela deixasse ninguém se aproximar.

Ela virou a cabeça para longe dele enquanto mordiscava a carne interna de sua bochecha. Não era um beicinho, mas seu coração estava doendo.

— Se você odeia tanto os humanos, — ela começou, — então por que continuar perto deles? Por que não ir até os Demônios?

O escárnio que ele soltou foi tão afiado que os ombros dela se viraram para dentro conscientemente.

— Você acha que os Demônios são melhores? Eles são os mesmos. Se você não é um Demônio, você é comida, e se você não pode ser comida, você é o inimigo.

Raewyn abaixou a cabeça, desejando não ter perguntado. Isso a fez parecer ingênua, mas ela realmente pensou que eles teriam dado as boas-vindas a alguém como ele.

— Existe uma guerra neste mundo, e eu cansei de estar no meio dela.

— Você diz isso — ela rosnou levemente, estreitando os olhos em um brilho. — No entanto, você sai por aí matando humanos só porque *pode*. Você tem um glamour que lhe permite viver entre eles, mas suas ações são insensíveis quando não precisam ser.

— Veja. A elfa decidiu se encarregar de falar sobre algo que ela sabe pouco, — ele retrucou. Ele parou de andar, e ela sentiu que ele estava olhando para ela, seus orbes brilhando em um vermelho mais brilhante. — Você acha que só porque eu posso desfilar como um humano é como viver? Minha identidade é dividida em duas, uma onde sou aceito não pelo que sou, mas pelo que pensam que sou. Então, há o lado de mim que eles temem no momento em que olham para mim.

— Você já tentou remover seu glamour e falar com eles para fazê-los mudar de ideia?

Foi isso que os delysianos fizeram.

— Claro, eu fodidamente fiz! — ele rugiu, fazendo com que as orelhas dela achatassem. — Você tem alguma ideia de como é tentar chegar a um acordo com as pessoas, apenas para elas se virarem contra você em segundos? Que, quando elas pensam que o mataram, apenas porque foi você ou eles e você escolheu ser você, eles *riem* e *comemoram* sua morte? Apenas para sobreviver porque você não pode morrer e se lembrar da risada deles?

Seu grunhido foi tão próximo que sua respiração roçou sua mandíbula. Ela não pôde deixar de erguer o queixo para escapar da intensidade desse momento, dele.

— Tentei. Cem anos atrás, eu tentei, e essa foi a realidade que enfrentei. Minha aparente 'morte' era algo a ser comemorado, não lamentado. Quando eu falava, ninguém se importava em ouvir. Eu andei sem meu glamour, cuidando da minha vida, e fui atacado por caçadores de demônios. Eu me joguei no rio apenas para acalmar minha própria raiva antes de massacrar todos eles, e tenho usado meu glamour desde então, porque não há *outra* alternativa para mim.

Ele fingiu sua própria morte, e eles comemoraram? O peito de Raewyn se apertou de dor e compreensão.

— Merikh, me desculpe.

— Salve-a — ele retrucou enquanto caminhava novamente. — Tenho todo o direito de odiar todas as criaturas que respiram neste mundo, especialmente quando todas desejam ver minha própria respiração cessar.

Lágrimas brotaram em seus olhos e ela as escondeu virando o rosto para baixo. *Ele parecia... solitário.*

Ela não podia imaginar como seria andar entre aqueles que a rodeavam e saber que se eles descobrissem o que ela era, eles seriam odiosos.

Sua aceitação foi construída sobre uma mentira. Ele entendia isso, o que tornava tudo ainda mais triste.

— Este mundo queria ver um monstro, então eu dei a ele um monstro — acrescentou ele, sua voz rouca e dolorosamente triste. — Se eu tiver sorte, talvez eu seja melhor no próximo.

Ele deve ter acrescentado essa última parte para ela, como se ele só estivesse fazendo tudo isso por causa da maneira como a Terra o tratava, e se ele se deparasse com um mundo diferente que fosse mais receptivo, ele não faria essas coisas.

É isso que ele quis dizer com liberdade? Liberdade para ser ele mesmo, sem ser julgado pela aparência, pelo que era? *Ele disse que viveu por mais de trezentos anos.* Esse tipo de rejeição por tanto tempo teria pesado no coração e na mente de qualquer pessoa.

— Não há ninguém que se importe com você? — ela perguntou, seu tom esperançoso, mas cheio de tristeza porque temia a resposta.

— Ninguém.

— E sua mãe, ou Weldir?

Eles tinham que cuidar dele, aceitá-lo... certo?

— Se eu morresse, ninguém se sentaria em meu túmulo, — ele respondeu, sua voz desprovida de emoção. — Não que eu teria um.

Seu coração se partiu um pouco por ele.

Esta foi a primeira vez que ela realmente soube algo profundo sobre Merikh, e ela desejou que não tivesse. Algumas coisas eram muito sombrias e dolorosas para serem descobertas.

A morte dele... ela não podia perdoá-lo completamente, mas agora podia entendê-lo. Ela viu isso como desespero; todos, não importando sua espécie, faziam coisas insanas quando estavam com medo e desolados.

— Você pode pelo menos me prometer não fazer isso enquanto eu estiver com você? — ela implorou.

— Tudo bem — ele afirmou imediatamente. — Não tenho motivo para isso, já que estava fazendo isso apenas como uma forma de obter inteligência, para descobrir uma saída deste reino. Se eu tiver você me ajudando, não vejo razão para isso.

Seu sorriso foi o resultado do pânico se transformando em alívio.

— Realmente? — Era tão fácil para ele fazer esse tipo de promessa? — Você também poderia parar de xingar? Isso meio que me deixa desconfortável.

Ela se contorcia quase todas as vezes.

— Foda-se, não.

Ughh! Ela gemeu e jogou a cabeça para trás. Ela sabia que estava pedindo muito com isso.

— Você deveria tentar. Todos os elfos são tão rígidos? Como se tivessem um pau enfiado na bunda?

O rosto de Raewyn corou tão profundamente que até as pontas de suas orelhas estavam quentes.

— Você não pode simplesmente dizer isso! A conversa do meu traseiro *não é* o que deveríamos ter, especialmente não sobre algo acontecendo.

— São apenas palavras, — ele suspirou, como se ela estivesse sendo ridícula. — Elas só têm significado se você lhes der

significado.

Raewyn ergueu o queixo. — Eu lhes dou significado.

— Puritana.

Suas bochechas esquentaram novamente.

— Bem, você é mau e rude! Eu não sou uma puritana, muito obrigada. Já fiz sexo muitas vezes. Só não acho que você precise ser vulgar.

— Uma vez não conta, e fui *feito* para ser vulgar.

— Foi mais de uma vez!

Se ao menos ele soubesse a verdade. Então, ele estaria comendo suas palavras com suas presas afiadas e engasgando com elas. Ela, de forma alguma, era tímida ou recatada, nem tinha tido muitos parceiros sexuais. A única razão pela qual ela estava estranha perto dele em relação à sua nudez foi mais por surpresa do que por nervosismo.

Ela teve um punhado de amantes. Claro, ela podia literalmente contá-los em uma mão, mas eles eram companheiros de longa data. Ela ganhou muita experiência com eles.

— Você sabe o que? — ele disse com um toque de humor. — Vou fazer você xingar pelo menos uma vez até o final de nossa jornada. Eu acho que você poderia fazer com um bom ataque de corrupção.

— Eu acho que você poderia fazer uma limpeza, — ela resmungou.

— Você está oferecendo? — ele perguntou, provavelmente apenas para irritá-la.

Raewyn se contorceu em seu aperto, sem saber por que seu corpo decidiu pulsar com a ideia de 'limpá-lo' ela mesma, com água

e sabão e as mãos. Pelo que ela sentiu brevemente, seu pelo seria macio e seus músculos moles – duas texturas maravilhosas.

– Eu não quero mais falar com você, – ela resmungou enquanto virava o rosto.

– Oh não, o que devo fazer? Ela não quer mais falar comigo. Estou tão dilacerado por dentro.

Ela quase podia imaginá-lo revirando os olhos, se tivesse algum. Ela sentiu os ombros dele se mexerem, como se ele tivesse virado a cabeça.

Raewyn mordeu os lábios para impedi-los de se curvar com humor. Ela tinha uma queda por sarcasmo – e é por isso que ela gostava tanto da companhia de Cykran.

– Em vez disso, eu poderia falar com você – ela alertou.

– Isso exigiria que eu tivesse orelhas carnudas, o que não tenho. – Ok, ele tinha um bom ponto. – No entanto, estou curioso sobre o seu mundo. Então, se você quiser falar sobre isso, meus ouvidos estão abertos. Talvez essa seja uma discussão de viagem melhor para você?

– *Agora* você quer conversar comigo? – ela perguntou, apenas querendo atizar a ira dele.

– As coisas mudaram. Não fazia sentido nos conhecermos quando planejávamos nos separar depois do templo. Há muito que desejo saber, e há coisas que você *deve* saber sobre mim. Assim como eu disse antes, escolha suas perguntas com sabedoria, pois você pode não gostar do que descobrir. – Então, com um tom que continha um aviso profundo e agourento, ele acrescentou: – E eu não perdoo, Raewyn. Suas reações e palavras não são algo que você possa retirar.

Ela levou a sério seu aviso, já tendo descoberto essa verdade hoje.



Merikh olhou para a elfa adormecida, aninhada em seus braços. Seu rosto estava esmagado contra seu peito, seu corpo flácido enquanto saltava, suas pernas balançando. Merikh ignorou o fato de que uma de suas mãos agarrou sua camisa.

Ele nunca teve uma queda por... bem, nada antes. Raewyn, no entanto, era engraçado de uma forma fofa.

Ela é borbulhante. Ele não esperava isso dela.

Ele também nunca teve ninguém assim com ele. Frequentemente, ele ficava perplexo porque ele não tinha certeza de como reagir.

O mundo dela parece lindo.

Ela havia explicado como era quando ela ainda tinha a visão, e ele quase podia imaginar isso em sua mente.

Aparentemente, sua folhagem era uma mistura entre azul escuro, roxo brilhante e rosa médio. Alguns troncos de árvores eram pretos, seus centros de um marrom pegajoso, mas havia muitos que eram brancos, como se o sol tivesse desbotado.

Aquelas folhas azuis, roxas e rosas, assim como muitas de suas flores, brilhariam à noite, devido à absorção da radiação dos sóis. Eles o usaram, em vez de poluir o ar com toxinas.

A grama era azul e o céu mudava de verde para roxo, dependendo de qual sol estava mais próximo.

O mundo parecia vivo, apenas por seu ambiente.

Mesmo que ele tivesse que passar o resto de sua vida sozinho naquele mundo, pelo menos seria bonito - ao invés da escuridão a que Merikh estava acostumado aqui.

Ela também contou a ele, em detalhes, sobre a cidade em que morava. A maioria dos telhados era pintada de branco para protegê-los dos três sóis que os castigavam. No entanto, muitos também tinham cúpulas de vidro ou pintavam suas paredes externas em várias cores.

Ouro, prata e bronze eram comuns em toda a cidade. Eram recursos não usados para comércio, mas sim para moradia, já que seu mundo estava supersaturado disso.

A árvore central era a sombra principal, e eles usaram magia para cultivá-la para que pudessem viver dentro dela antes de construir a cidade ao seu redor. Fora da barreira protetora e oleosa da cidade havia um vale com montanhas em três lados e um rio que o atravessava, enquanto o outro lado era uma praia.

Finalmente, ela o informou que eles começaram a permitir que os demônios vivessem entre eles, uma vez que eles evoluíram completamente além de seus instintos básicos. Aqueles que tinham a pele totalmente formada, eram de pensamento e queriam nada mais do que a destruição para parar, viviam com eles como iguais.

Quando ela disse isso a ele, Merikh, em sua opinião, tolamente permitiu que a esperança aumentasse dentro dele. Ele uma vez prometeu a si mesmo que não sentiria verdadeira esperança, para

ficar animado com isso, mas era difícil não deixá-la nascer dentro dele depois do que ela lhe disse.

Eles poderiam me aceitar?

Seu coração gaguejava quando ele lembrava que eles aceitavam Demônios que formavam um rosto. Seria fácil se misturar dessa forma, mas Merikh sempre se destacaria na multidão.

Ele era alto, seu rosto ossudo, e até ele sabia que sua aparência era assustadora para a maioria.

A esperança girou como um tornado, misturando-se com sua saudade e baixas expectativas.

Mesmo que ele fosse um pária dentro de sua cidade por muito tempo, seria melhor do que nunca ser capaz de mostrar sua verdadeira face. Alguém eventualmente faria amizade com ele... certo?

Ele precisaria mudar sua personalidade para que isso acontecesse, e ele não esperava isso tão cedo.

Então novamente... Merikh olhou para Raewyn mais uma vez. *Ela não parece incomodada comigo.*

Ele *jurou* que ela riu algumas vezes para ele, e ela definitivamente sorriu mais do que ele estava acostumado... Ou ela estava apenas fingindo amizade com ele?

Porra, eu não sei, ele pensou com um grunhido.

Tudo o que sabia era que estava ficando irritantemente apaixonado por sua beleza. Coisas bonitas como ela não deveriam existir, muito menos dormir tão confiante, pacificamente e docemente contra seu peito.

Era difícil ficar azeda com alguém que exibia certo tipo de inocência, apesar de ser bastante malcriada quando queria. Ela fez

muito beicinho, soprando as bochechas em aborrecimento, seus olhos se estreitando, o que apenas destacou seus longos cílios.

Ela também gostava de erguer o queixo, mas ele notou que suas orelhas frequentemente mexiam de desconforto.

Era difícil imaginar que ela fosse uma cientista de qualquer coisa quando ela frequentemente soava ingênua, mas ele pensou que poderia ser porque ela foi jogada em um mundo que ela não entendia muito bem, com uma pessoa que ela não entendia.

Ainda assim, ele gostava dela, não que fosse dizer isso a ela.

Ela tinha sido gentil com ele, aberta com ele.

Exceto por suas tendências assassinas, ela parecia mais indulgente do que ele jamais poderia ser. Ele não achava que nada do que tinha feito deveria ser perdoado. Não que ele se arrependesse de uma única ação – ele não tinha remorso pelas vidas que havia tirado, e ficaria feliz em tomar mais, contanto que conseguisse o que queria.

Merikh abaixou a cabeça para poder cheirar sua bochecha e imediatamente estremeceu.

O fato de ela cheirar a lírio do vale, uma flor tão maravilhosa, mas também tão tóxica, era um caos para ele. Ele nunca deveria ter tirado o pano para diluir o cheiro, mas precisava ser capaz de sentir melhor o ambiente para protegê-la.

Apesar de sua altura, ela era pequena, delicada, e ele a protegeria com cada pedaço dele – penas e tudo.

Sim, ela era sua saída deste reino. No entanto, uma parte crescente dele só queria mantê-la segura, protegê-la, ser seu escudo. Estranho, considerando que ele só tinha sido isso para si mesmo.

Ela era uma faísca brilhante em um mundo sombrio; ele não se importaria de ser o motivo pelo qual ela continuava brilhando.

Merikh ergueu a cabeça quando ela deu um pequeno gemido, e ele percebeu que estava apenas absorvendo avidamente seu perfume inebriante. Ele fez cócegas em sua orelha e pescoço com sua respiração.

Envergonhado por seu comportamento incomum, seus orbes ficaram rosa avermelhados. Fazia muito tempo que não via essa cor, e era só por causa dela. Ele voltou seu foco para a floresta ensolarada ao redor deles.

Raewyn dormiu em seus braços por cerca de onze horas. Ele não se importava em segurá-la, contente em fazê-lo, quando uma semana atrás, isso o teria irritado completamente.

Devemos chegar à última cidade antes da fronteira sul em cerca de dois dias. Eles já estavam viajando há quatro dias e ainda tinham muitos, muitos mais pela frente.

A última cidade seria o último lugar onde ela poderia descansar confortavelmente, obter mais comida e obter o que precisasse antes de uma longa jornada.

Estamos fazendo um tempo terrível.

Ele teria preferido andar sobre as mãos e os pés, pois era mais rápido. Ele poderia ter percorrido a distância em um dia se realmente quisesse. Suas penas tornavam isso impossível, já que ela não podia sentar nas costas dele. Ele *absolutamente* se recusava a usar uma sela como um maldito cavalo.

Tonto? Mais como vertiginoso foda-se.

Ele a imaginou rindo de sua velocidade, porém, e de repente, a ideia não parecia tão repugnante para ele.

CAPÍTULO 15

Quando uma segunda gota de líquido espirrou em sua bochecha, os olhos fechados de Raewyn se franziram. Não totalmente pronta para acordar, ela se enrolou no peito de Merikh.

Ela mal havia dormido por uma hora, e eles já haviam viajado por três dias desde a última cidade. Estar cansada era um eufemismo, mas ela tentou ficar acordada o máximo que pôde.

As dores nos músculos eram de segurar seu corpo e mal poder se mover. Ele ocasionalmente a deixava andar ao lado dele, mas eventualmente a puxava de volta para o seu lado.

Ela estava ciente de que eles estavam em um território mais perigoso, onde haveria todos os tipos de Demônios, em vez daqueles que podiam voar ou escalar o muro fronteiriço das terras do sul. Eles já haviam lutado contra alguns. Bem, ele realmente, enquanto ela apenas se protegeu.

Todas essas viagens eram irritantes e tediosas. Apesar de desconfiar que ele a estava levando para o Véu, Raewyn havia superado isso. Eles já estavam viajando há nove dias! Em algum momento, uma pessoa iria quebrar.

Com um gemido insatisfeito, Raewyn se encolheu enquanto esfregava o rosto contra o peito de Merikh quando uma terceira gota espirrou em seu pescoço.

— Mais cinco horas, — ela implorou.

— Não consigo parar a chuva, Raewyn.

Ela abriu os olhos e olhou em sua direção.

— Certamente você pode.

O *xá* de um dilúvio de gotas de água atingindo repentinamente o dossel de folhas acima foi o único aviso que ela recebeu antes que chovesse de verdade. A princípio, ela lutou, contorcendo-se para um lado e depois para o outro, como se isso a impedisse de se molhar.

Inútil, realmente, com a forma como ele apoiou suas costas e joelhos por trás.

Em instantes, como se eles rompessem a linha das árvores da floresta e entrassem em um campo, Raewyn foi atingida por quedas rápidas e pesadas. Suas roupas ficaram encharcadas o tempo todo. Cada gota era gelada para ela, e ela imediatamente estremeceu.

— Merikh, você pode me colocar no chão? Estou me molhando.

— Devemos continuar. — Era o que ele sempre dizia!

— Por favor? — Ela tentou dar a ele seu melhor beicinho de pena, e ele soltou um suspiro.

Ele mergulhou os braços e cuidadosamente colocou os pés dela no chão. Raewyn colocou o capuz da capa, agarrou a corda guia em volta da cintura e liderou o caminho.

Cada minuto tornava Raewyn mais fria e úmida. Sua capa não estava fazendo nada para mantê-la seca e, em pouco tempo, seus dentes batiam. Sentia os pés descalços como se os tivesse mergulhado em água gelada.

Um estalo de trovão explodiu, antes de dar lugar a estrondos raivosos. O vento aumentou, rugindo enquanto cortava sua poderosa força através dela.

Esta foi a primeira vez que choveu adequadamente desde que começaram a viajar juntos. Muitas vezes chuviscava, principalmente ao longo do dia, mas estava mais quente naquela época. Pela

temperatura girando ao seu redor, ela sentiu que estava no meio da noite.

— Eca! — Raewyn choramingou. — Já está tão frio, e m-minha capa não está me mantendo seca.

Sua capa se arrastou sobre seus ombros quando ele agarrou a ponta e a ergueu para inspecioná-la.

— Que porra de capa de viagem é essa? — ele zombou. — Por que você não me disse que era de algodão? Eu teria adquirido uma melhor para você. Não é à toa que você está ficando encharcada. Você deveria ter escolhido algo resistente à água.

— C-como eu deveria saber disso? Acabei de comprar o que estava disponível em Clawhaven.

Ela desejou que seus olhos não estivessem tão pesados de sono. Quando suas mãos começaram a doer e seus pés ficaram instáveis devido ao entorpecimento do frio, ela abraçou a barriga.

— Existe algum lugar para pararmos? Nyl'theria é mais quente do que isso, mesmo no inverno.

— Você está realmente com tanto frio? — Raewyn assentiu. Antes que ela pudesse abrir a boca para se desculpar, a chuva parou de repente. — Venha aqui, eu vou te proteger.

Raewyn se aconchegou ao seu lado, já que ele havia levantado o braço para trazê-la sob sua própria capa. Estava igualmente frio, mas não parecia úmido por dentro.

Foi o calor dele quando passou o braço ao redor dela para mantê-la perto que afugentou o pior de seus calafrios. Sua palma estava segurando seu quadril, seu braço inteiro descansando sobre suas costas, e Raewyn agarrou sua camisa para absorver o calor que saía de seu torso.

— Entramos em um caminho de montanha, — ele afirmou com um tom sombrio. — Este é o território dos Demônios. Eu esperava passar por ela rapidamente, mas sei de uma caverna rasa próxima. Tomara que esteja vazia, já que é noite.

— Tem certeza que eles não vão nos encontrar?

— É difícil para os Demônios cheirarem através da chuva. Eu teria nos protegido sem ela, mas a chuva realmente torna mais seguro para nós.

Raewyn mordeu o lábio e assentiu.

Quando um uivo próximo ecoou à distância, um que não soava remotamente como qualquer tipo de animal, ela teve o desejo de abrir Merikh e se esconder dentro dele. Os minúsculos pelos de seu corpo se arrepiaram quando o medo subiu por sua espinha. Ela teve que usar toda a força de vontade para não ter medo.

Merikh estava aqui, e ele a manteria segura. Surpreendentemente, isso foi o suficiente para ela.

Ele era grande, assustador e já havia matado vários Demônios enquanto a protegia. Agora que ela estava mentalmente preparada para tal situação, não parecia tão assustadora.

Assim que o vento aumentou de velocidade, a chuva caindo constantemente contra sua capa, Merikh os virou. O vento frio soprava atrás deles e agitava suas capas para a frente enquanto os levava para um espaço seco.

O chão era uma rocha lisa sob as solas de seus pés. Apesar do frio, estava seco.

Ela podia apenas ouvir sua respiração ecoando contra as paredes da caverna, informando que era pequena, mas tinha muito espaço para se mover.

— Faça uma barreira na entrada — exigiu Merikh.

Raewyn saiu de sua capa e deu um tapinha na entrada com as mãos. Ela balançou a cabeça.

— É tudo pedra. A menos que haja um componente vivo, não posso fazer nada crescer.

Houve uma pequena pausa, que apenas destacou o quão profundamente ele pensou.

— Então vou precisar do seu braço.

Havia algo em seu tom que fez Raewyn segurar seu antebraço e juntar os dois braços em seu peito. — Por que?

— Eu posso fazer um escudo, mas algo deve ser sacrificado.

— Você quer cortar meu braço inteiro?!

— O que? — ele disse com uma inflexão preocupada em sua voz, como se o que ela perguntou fosse absurdo. — Não. Inferno sangrento... Raewyn, por que esse seria seu primeiro pensamento? Só preciso de um pouco do seu sangue, pois o meu não funciona. Devo fazer o escudo para outra pessoa.

— Oh, — ela murmurou, suas orelhas achatando enquanto ela se mexia de vergonha. — Desculpe. Só estou um pouco exausta.

Ela estava com frio, cansada e em uma caverna escura que provavelmente abrigava muitos Demônios que poderiam voltar a qualquer momento. Ele nunca disse se havia um ninho, mas ela tinha a estranha sensação de que poderia haver.

Dando um passo em direção a ele, Raewyn apresentou seu braço.

— O cheiro de sangue não vai te incomodar?

Ele agarrou seu pulso e virou seu braço para cima.

— Eu vou segurar minha respiração e então tirar suas feridas para parar o sangramento. Contanto que você lave, tudo ficará bem.

Sem aviso, provavelmente para salvá-la de se preocupar com a dor que se aproximava, uma garra apunhalou seu antebraço e puxou para baixo. Raewyn sufocou seu estremecimento quando seu braço queimou de dor.

Ele virou o braço dela para trás para deixá-lo sangrar em sua palma. Uma vez que ele coletou o suficiente, ele curou sua pele, e era como se ela não tivesse acabado de ser aberta. Não havia sequer uma cicatriz estragando-a.

Raewyn notou uma forma de luz vermelha brilhante antes de se tornar uma cúpula vermelha transparente que ela podia ver. Nunca desaparecia, a magia semipermanente por enquanto, e era maior do que ela pensava que seria.

Havia uma estrela atravessando toda a cúpula, com duas linhas que a contornavam com mais estrelas. Não ajudou em nada para impedir a entrada da chuva, mas quando Raewyn a tocou, ela não conseguiu passar.

Não era uma proteção, mas um escudo que impedia qualquer um de entrar ou sair. Provavelmente não era forte, provavelmente temporário. Dependendo de quanto tempo eles estivessem aqui, ela apostava que precisaria dar mais de seu sangue para reformá-la.

Raewyn lavou o braço com a água que passava pelo escudo e entrava na caverna. Ele veio ao lado dela para lavar as mãos de seu cheiro de sangue.

Então, Raewyn se virou para escapar do vento uivante e da chuva, tremendo enquanto esfregava os braços para se aquecer. Embora ela não estivesse mais molhada, isso não era muito melhor.

— Você pode fazer uma fogueira? — ele perguntou, e ela mais uma vez balançou a cabeça.

— Estou com muito frio para lançar qualquer tipo de chama ou magia de calor. Vem de dentro.

Ele soltou um suspiro longo e exasperado.

— Você seria totalmente inútil em uma nevasca.

Raewyn ergueu o queixo para ele. — Bem, você pode? Ou você vai exigir algo mais de mim, como meu cabelo ou coração desta vez?

— Não, não posso 'conjurar' fogo, mas posso usar ferramentas para fazê-lo. Você tem sorte de haver um ninho aqui. A madeira está seca e velha, perfeita para queimar.

Oh, graças a Deus! Ela estava congelando os seios!

Enquanto ele acendia o fogo, Raewyn sentou-se em frente a ele.

Não estava tão quente quanto ela queria, o ar frio soprava de fora. Ela não podia chegar muito perto das chamas, ou começaria a sentir como se estivesse queimando, mas se sentasse a uma distância segura, mal poderia senti-las.

Era uma sensação miserável, mas ela não queria reclamar quando era óbvio que ele estava tentando ser complacente.

Raewyn mordiscou o lábio inferior. *Não consigo me aquecer por causa das minhas roupas.* Ela cruzou um pé sobre o outro enquanto abraçava os joelhos.

Ela precisava se despir - ela *sabia* que precisava. No entanto, por algum motivo, ela estava nervosa em fazê-lo.

Do outro lado do fogo, Raewyn ouviu um *baque pesado*, como se tivesse espalhado um pedaço de tecido molhado. Suas orelhas se contraíram em uma segunda *falha*, e ela se perguntou se ele havia

chegado à mesma conclusão sobre se despir. Talvez ele só quisesse secar a roupa que vestia.

Quando uma onda bastante brutal de arrepios assaltou sua espinha, Raewyn reuniu coragem e se levantou.

— Você tem minhas roupas sobressalentes? — ela perguntou.

— Não. Estou colocando-as junto com as minhas para secar perto do fogo.

Raewyn apertou a mandíbula e engoliu um nó na garganta.

— Por que? Elas não deveriam estar secas?

— Estavam, até que tive que colocar minha capa sobre você. Todas as nossas roupas estão molhadas.

Sua boca ficou seca e ela desejou que seu corpo seguisse o exemplo. Em vez disso, ela foi forçada a desamarrar a capa e deixá-la cair no chão.

Suas mãos estavam desajeitadas quando ela desfez os laços na parte de trás do vestido, suas orelhas e bochechas queimando. Quando ela o colocou sobre os ombros, ela teve o desejo inegável de se virar e dar as costas a Merikh, então ela o fez.

Por que estou sendo tão tímida? ela pensou, seus lábios puxando para um lado.

Elysianos geralmente eram bastante abertos com nudez e sua sexualidade. Tanto os homens quanto as mulheres tinham a tendência de andar sem blusa. Era só por causa das crianças e de seus olhinhos grosseiros ou de suas mãos cutucando as partes íntimas das pessoas que eles as cobriam.

Roupas íntimas eram praticamente inexistentes, pois gostavam de deixar o corpo respirar naturalmente. Ela não estava usando nenhuma agora apenas por esse motivo, especialmente porque ela

nunca teve a intenção de deixar ninguém saber que ela não estava usando nenhuma.

Raewyn nunca foi tímida em sua vida, a menos que ela estivesse se despindo para um parceiro que ela estava interessada. Sua timidez repentina não fazia sentido para ela.

Foi quando seu vestido estava em torno de seus quadris que ela soltou um suspiro silencioso.

Espere... Estou atraída por Merikh?

Que outra explicação havia? Ela gostava do jeito que ele cheirava, sua voz áspera e rouca, seu corpo grosso e musculoso. O que era o rosto dele tinha pouco significado para ela.

Suas mãos eram ásperas, mas agradáveis, sua personalidade era atenciosa quando queria ser, mas mesquinha quando podia escolher.

Raewyn meio que gostava que ele pudesse ser um idiota. Às vezes, as coisas eram um pouco assustadoras, como suas tendências assassinas, mas ela tentava ignorá-las. Sempre que ele era rude, ela tinha o desejo de provocá-lo ainda mais, até que ele rosnasse ou soltasse aquele bufo baixo e estranho.

As pessoas a trataram como se ela fosse preciosa desde o momento em que se tornou conselheira. Merikh, por outro lado, a tratava como se não desse a mínima para o que ele fez ou disse para ofendê-la, ou a qualquer um, nesse caso.

Ele também era... doce à sua maneira. Ela nunca precisou pedir ajuda, como quando ele se ofereceu para protegê-la da chuva. Ele apenas fez isso sem pensar ou esperar.

Raewyn deixou o vestido cair enquanto mordida o lábio inferior até que ele inchasse.

É estranho eu me sentir assim por ele? Claro, eles não se conheciam há muito tempo, e havia problemas óbvios para resolver, mas ela não podia negar.

Houve momentos fugazes de desejo em sua presença que ela reprimiu involuntariamente - especialmente quando ela sentiu o cheiro de seu perfume delicioso.

Ela desejou poder ignorá-lo agora que percebeu o que estava sentindo. Ela cobriu o peito quando pegou o vestido do chão, em vez de apenas se apresentar normalmente.

Mas Raewyn não era o tipo de pessoa que ignorava algo só porque era desconfortável descobrir.

Não significava que ela iria expressar isso ou fazer qualquer coisa sobre isso. Ela não tinha ideia do que Merikh sentia. Ele era odioso para com todos indiscriminadamente. Quais eram as chances de ele sentir algum tipo de desejo por ela?

Havia verdades que ela estava escondendo, coisas que ela sabia que ele não saberia.

Depois de colocar seu vestido perto do fogo, Raewyn sentou no chão, tentando ignorar o vento cortando sua pele nua enquanto ela pensava.

Eu nunca neguei meus próprios desejos por outro antes, no entanto. Ela era despreocupada a esse respeito.

Ela não era de forma alguma fácil ou não seletiva. Na verdade, ela era insanamente exigente, o que tornava seu desejo por Merikh um pouco confuso, mas era por isso que ela nunca deixara de perseguir sua atração por alguém.

Ele é um monstro, Raewyn, ela tentou dizer a si mesma. Eh, não é grande coisa, sinceramente. *Um grande monstro que disse que tinha um*

pau.

Como ele se parecia? Qual seria a sensação? Sua saliva engrossou quando ela pensou que poderia ser grande como ele.

Pare com isso! Nesse ritmo, ela começaria a se excitar, e ela simplesmente *sabia* que o grandalhão perceberia isso e a perseguiria por causa disso. Pelo menos, ela esperava que ele a pegasse por causa disso, só para que ela pudesse ronronar para ele até que ele cedesse.

É isso!

— Vou voltar a dormir, — ela murmurou. Seu cansaço estava permitindo pensamentos pervertidos.

— Faça o que quiser, — ele rosnou, obviamente irritado por estar preso aqui.

Era engraçado, porém, e ela não sabia por quê, mas sabia onde ele estava antes mesmo de falar. Normalmente, ela lutava para senti-lo quando ele estava longe dela.

Dando-lhe as costas enquanto ela se enroscava em seu corpo, ela deu a si mesma um mantra silencioso. *Sinta o frio*. Isso deveria matar o calor úmido e confuso entre suas coxas.

Ela se concentrou no ar frio roçando sobre ela, e um arrepio selvagem a fez choramingar. *Não! Não sinta o frio. Pense em pensamentos calorosos*. O calor de seu reino, o sol queimando sua pele, a mão quente de Merikh envolvendo seu lado.

Bem. Isso não estava ajudando.

Assim que ela estava começando a se acalmar de seus pensamentos estranhos e desejosos, embora não o suficiente para dormir, Merikh soltou um suspiro irritado.

— Venha aqui — ele exigiu.

— P-perdão? — ela sussurrou com os dentes batendo, virando-se para que seu rosto estivesse em sua direção.

— Você não vai dormir assim.

Ela balançou a cabeça. — N-não, estou bem assim.

Seu coração quase gaguejou em seu peito. *Ele realmente me ofereceu para ir deitar com ele?* Com o quão distorcidos seus pensamentos estavam, ela não sabia se poderia lidar com isso agora.

Ela estava calma agora; ela tinha superado isso. Tudo bem se ela gostasse de seu exterior espesso e denso, de sua voz e cheiro. Tudo bem se ela sentisse desejo por essas qualidades, mas ela não queria agir de acordo com elas.

Pelo menos, ela não pensava assim.

Merikh era um Caminhante do Crepúsculo e ela era uma Elfa. Eles vieram de dois mundos diferentes e seus corações nunca se alinhariam. Ela não sabia se queria tocar alguém quando seu interior era principalmente cruel e odioso.

Agora, deitar ao lado dele poderia levá-la a fazer algo que não deveria, algo travesso e tolo.

— Eu não vou oferecer novamente, — ele afirmou, muito severamente. — Ou permita que meu corpo aqueça você ou congele.

Raewyn puxou os lábios para dentro da boca e mordeu com força. Ela balançou a cabeça novamente. Embora ela quisesse calor mais do que tudo, ela simplesmente não conseguia.

Suas pálpebras finalmente caíram, mas os arrepios que a assolaram nunca permitiram que ela desmaiasse. Seu rosnado suave ecoou antes que seus pés batessem no chão.

Ela engasgou quando ele a pegou.

— E-espere! O-o que você está fazendo?!

— Você está sendo uma dor, você sabe disso?

Ela cobriu seu corpo enquanto ele a levava para o outro lado da caverna e a deitava. Ela endureceu quando ele entrou atrás dela para bloquear o vento.

— Quando a chuva parar, quero ir embora. Será melhor se você não estiver cansada, e ver você tremer durante toda a tempestade será deprimente.

O calor que a pressionava por trás a fez derreter. Estava tocando sua espinha, e ela não tinha percebido o quanto os ossos de suas vértebras estavam doendo de seus calafrios até este momento.

A rigidez em seus mamilos permaneceu tensa por uma razão completamente diferente enquanto arrepios cascadeavam sobre sua carne, como uma onda que vinha do centro de suas costas. Suas pálpebras estremeceram, e ela se encontrou inclinando-se para ele cada vez mais. Ela até se mexeu contra ele quando ele levantou os joelhos atrás dela até que seu traseiro estava pressionado em sua virilha.

Ela nem se afastou quando algo... se contraiu contra seu traseiro. Ela estava muito ocupada tentando enfiar os dedos gelados entre as panturrilhas quentes dele. A tímida e apreensiva Raewyn se transformou em um parasita em busca de calor.

Ele não passou o braço ao redor dela, mas seu peito ainda parecia congelado. Ela deu um tapinha na perna dele e encontrou a mão dele, então puxou-a sobre ela.

— Cuidado com minhas penas, — ele rosnou, tentando puxar sua mão para trás.

Ela se recusou a deixar ir.

— Você é *tão quente*, — ela gemeu, contorcendo-se contra ele. — Eu gostaria de poder usar você como um cobertor.

Seu pelo curto era tão macio contra suas costas, pernas e lado. Até fez cócegas em sua bochecha, já que ele empurrou seu bíceps carnudo por baixo para apoiar sua cabeça no chão duro.

A tensão em seu próprio corpo se dissipou ao mesmo tempo que a dela. Ele sibilou enquanto ela tentava se aproximar, continuando a se contorcer, como se quisesse se enterrar embaixo dele — o que ela fez. Puxa, se não fosse loucura, ela o teria aberto e rastejado para dentro apenas para ficar completamente protegida.

— Pare com isso — ele rosnou grosseiramente. — Fique parada.

— Desculpe, eu só estou tentando ficar confortável, — ela lamentou, mas ela parou de se mover, especialmente quando algo se moveu contra a fenda de seu traseiro.

Ela pressionou as coxas juntas quando suas paredes internas se apertaram em reação a isso desta vez. Seu perfume a rodeou, penetrou em sua mente, e ela ofegou para tomar mais oxigênio, apenas para se afogar ainda mais nele. Isso só fez seus mamilos apertarem ainda mais e, junto com o latejar, seu clitóris latejava.

Apertando os olhos fechados, ela implorou a si mesma para não ficar com tesão e excitada. Ele estava apenas fazendo isso para aquecê-la; ela não deveria ter uma reação corporal estranha a isso.

No entanto, o coração dele batia contra o ombro dela, e soava tão grande, tão forte, que martelava dentro dela. Ela não podia deixar de se concentrar nisso, na maneira como ela se encaixava no recanto dele, como seu corpo maciço e largo a envolvia como um casulo de conforto.

Ela não conseguia nem sentir mais o vento.

Por favor, não me cheire. Ela enfiou a mão entre as coxas e as apertou com mais força, esperando impedir que qualquer cheiro escapasse.

Ela ficou angustiada quando a palma áspera dele envolveu o ombro em que ela estava deitada. Suas garras a arranharam e, pela primeira vez, fizeram cócegas nela. Ela quase estremeceu em reação.

Desde que ela não permitiu que ele puxasse o braço, ele estava cedendo para segurá-la. O membro grosso estava aninhado entre seus seios, e ela tentou ignorar esse fato, ou que algo longo e fino envolveu uma de suas panturrilhas. Sua cauda, talvez?

Deveria tê-la assustado, mas a ponta emplumada roçou sua pele delicadamente.

Nem uma vez ele tentou tocá-la, acariciá-la ou fazer qualquer coisa pervertida. Por que isso a deixou aliviada e desapontada ao mesmo tempo?

Com a saliva entupindo a garganta, ela sussurrou: — Obrigada por isso.

— Apenas vá dormir.

Uma resposta tão fria, e ela desejou que a tivesse esfriado, mas não o fez. Raewyn estava quase vibrando de desejo. Fazia muito tempo que ela não sentia qualquer tipo de alívio, pois preferia fazê-lo com um parceiro do que sozinha. A falta estava distorcendo sua mente.

— Vou ficar acordado, então não se preocupe com minhas penas.

Oh, certo. Suas penas... Suas penas mortais que ela de repente desejou poder tocar e explorar. Ela também queria explorá-lo e como

ele realmente era diferente dela.

Seu peito expandindo e contraindo a empurrava e puxava com suas respirações, como ondas para embalá-la. Às vezes, o pelo dele fazia cócegas nas costas dela quando deslizava contra ela.

Cansada e excitada, Raewyn fechou permanentemente os olhos. *Dormir. Apenas vá dormir.*

CAPÍTULO 16

No momento em que ela mexeu seu traseiro contra sua costura para ficar confortável, Merikh lamentou sua decisão de aquecê-la.

Ele simplesmente não tinha sido capaz de suportar a visão miserável dela tremendo violentamente enquanto ela estava deitada no chão frio e duro.

Ele deveria saber melhor do que ajudar.

Especialmente desde que o som que Merikh produziu quando ela baixou o vestido e revelou seu corpo nu não era exatamente um ronronar, mas um rosnado suave que borbulhava no peito. Não estava cheio de raiva, mas de um calor ao qual ele não estava acostumado.

Ele tentou desviar o olhar, jogando a cabeça para o lado, mas seu crânio se arrastava para a frente, como se fosse compelido a olhar. Ele sabia que sua bunda era macia, mas firme das vezes que ele 'acidentalmente' a segurou enquanto a carregava, mas ele não sabia que seria tão redonda ou rechonchuda.

Seu vestido e corpo magro enganavam.

Lambendo seu focinho com interesse, ele usou toda a força de vontade para impedir que seus orbes mudassem para roxo. Ele não gostou que ela pudesse ver a magia em sua visão, e ela tinha uma coisa sobre questionar o que as cores significavam.

Ele preferia mastigar o próprio pé a dizer a ela que era uma reação ao seu desejo.

Ele quase perdeu a batalha com seus orbes quando ela se virou, seu braço fazendo muito pouco para esconder seus seios. A parte de baixo estava aparecendo, e eles eram tão macios e redondos quanto

seu traseiro. Ela cobriu seu monte púbico com a mão, mas ele ainda podia ver que os cachos que o cobriam combinavam com a cor de seu cabelo.

Seu corpo era alto, pequeno, esbelto, e ainda assim suas qualidades femininas eram muito mais sedutoras do que ele pensava que seriam. Suas marcas mágicas no corpo moreno, tecidas em linhas, formas com nós e principalmente hexágonos, eram exóticas e sedutoras.

É como se um anjo a esculpisse, de cada fio de cabelo em sua cabeça, até seus lindos pés. Então, novamente, ele duvidava que um anjo lhe desse curvas tão pecaminosas e sensuais.

Ele também pensou que um demônio se divertiria mais torturando-o com algo que ele não poderia ter. Ele atualmente se sentia torturado com ela em seus braços.

Por apenas uma fração de segundo, ele jurou sentir um cheiro fraco - diluído pela chuva limpando-o - amadurecido com algo que *imediatamente* fez seu pênis estremecer e sua costura estremecer. Doce, mas picante e absolutamente delicioso.

Ele não gostou que o cheiro dela estivesse amadurecendo em desejo, mas assumiu que não tinha nada a ver com ele. Ela estava se aquecendo e, às vezes, o corpo fazia coisas estranhas sem querer, como se excitar.

Ele teve que admitir, ela parecia como gelo quando ela pressionou pela primeira vez contra ele.

Teria sido mais fácil ignorar seus próprios pensamentos pulsantes com uma presa frígida e assustada. Em vez disso, ela corajosamente se envolveu nele.

Como sua garganta pode estar tão seca e ainda assim sua boca estar à beira de babar?

Quando ela finalmente se acalmou e começou a roncar, ele não pretendia dormir também. Suas penas estavam muito próximas para o conforto, e se ele a machucasse por acidente, ela estaria morta antes mesmo de abrir os olhos.

Talvez fosse porque uma vez que ela se aqueceu, ela ficou toda flexível e relaxada em seus braços, o que a deixou confortável de segurar. Poderia até ser o cheiro bonito dela lentamente atordoando sua mente enquanto ele bebia a cada inalação. Foram suas respirações e batimentos cardíacos que o embalaram com seu ritmo?

Ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha dormido tão profundamente.

Estava escuro dentro da caverna. O fogo havia sumido, não deixando luz ou calor. No entanto, ele não dormiu muito e seu despertar não foi tranquilo.

Ele estava ofegante, à beira de engasgar. Seu perfume era doce, picante e tão saturado de excitação que era quase avassalador.

Isso até deixou sua visão turva, como se ele fosse afetado por algum tipo de veneno comendo sua mente de dentro para fora. Seus pensamentos acordados estavam confusos, como se ele estivesse tentando nadar na lama espessa, ou areia movediça, que estava fazendo tudo ao seu alcance para sufocá-lo.

Levou muito mais tempo do que deveria para perceber que havia movimento. Foi sutil, mas foi o miado dela que chamou a atenção dele. Algo úmido e maleável roçou a lateral de seu polegar.

Seu corpo estava pesado enquanto avaliava sua posição. Era semelhante a como ele adormeceu, exceto por um detalhe – seus

braços se moveram. Em algum momento durante o sono, a mão dele se moveu entre as coxas dela para agarrar uma por dentro. A outra embaixo dela estava agora segurando o braço que ela não estava descansando.

Ela estava *balançando* contra o lado de sua mão, ambas segurando seu pulso.

Sua respiração era ofegante, mas ainda soava profunda, como se ela estivesse dormindo. Ela balançou sutilmente em sua mão novamente, e ele sentiu seu polegar pressionando entre suas dobras, seu clitóris esfregando contra ele.

Ele moveu sua mão para lá, ou ela? Suas coxas estavam prendendo-o e, quando ele tentou removê-la com cuidado, elas o prenderam com força.

Os fios de seu cheiro roubaram sua atenção, e ele perdeu o foco para cheirar seu pescoço logo abaixo da orelha, pressionando seu focinho contra ela. *Merda. Ela tem um cheiro incrível assim.* Seu pelo e penas se agitaram, ficando de pé enquanto ele estremecia.

Tóxico. Viciante. O suficiente para afogar todos os pensamentos que não a envolviam. Ele poderia ficar ali e sentir o cheiro dela para sempre.

Quando sua respiração trêmula roçou sobre ela, Raewyn tremeu e apertou contra sua mão novamente. Um gemido agudo saiu de seus lábios entreabertos, lábios que pareciam maleáveis e saborosos.

As penas dele já estavam agitadas, e só se erguiam mais com os pequenos ruídos sensuais dela. Com a forma como ele a estava segurando, um movimento errado de qualquer um deles, e eles arrancariam sua pele amanteigada.

A tentação estava diante dele, e Merikh estava pensando em deixá-la vencer, tocá-la até que ela lhe desse uma deliciosa canção de gritos, até que sua mancha cobrisse completamente sua mão, até que ela se contorcesse contra ele.

Seu pênis latejava atrás de sua costura, completamente envolto em seus tentáculos que lutavam para segurá-lo. Se não fosse por sua bunda pressionando diretamente contra sua ereção inchada, sua costura já teria se separado. Se ela estivesse acordada, sem dúvida sentiria sua dureza empurrando através de sua pele e dentro dela.

No entanto, por mais que estivesse tentado, Merikh não tocaria em alguém que não soubesse. Ele preferia que aqueles com quem estava brincando soubessem que era ele, um Caminhante do Crepúsculo, provocando.

Mais uma vez, ele gentilmente tentou tirar a mão de entre as coxas dela, certificando-se de que seu braço estava torcido de uma forma que não faria com que seus espinhos a machucassem. Suas coxas apertaram, e sua mão em seu pulso empurrou para baixo para mantê-lo lá.

O movimento fez com que ele se esfregasse contra ela, e ela resistiu em sua mão em troca.

Suas garras apunhalaram levemente sua carne.

— Raewyn, — ele murmurou, seus pulmões prestes a entrar em colapso.

Foda-se, ele precisava ficar longe dela antes que fosse tarde demais. A tempestade ainda era estrondosa e intensa, crescendo e piscando a luz dentro da caverna. Ele tinha certeza de que se jogar nisso acalmaria sua insanidade.

— Mmm, — ela respondeu. Era quase como um gemido em vez de uma resposta de alerta.

Ele se inclinou ligeiramente sobre ela.

— Eu preciso que você solte a minha mão.

Suas pálpebras tremularam, mostrando que estavam um tanto abertas. Elas se fecharam novamente, assim que ela mordeu profundamente o lábio inferior. Ela balançou a cabeça levemente, apertou as coxas e então apertou a mão dele novamente.

— Só mais um pouco, — ela sussurrou com uma voz áspera carregada de prazer, seu peito tremendo enquanto ela estremecia uma respiração. — Por favor. Sua mão é muito boa.

Suas orelhas fofas e pontudas não apenas se achataram, mas também se inclinaram ligeiramente para trás. Ele notou como o corpo dela estava quente em seus braços, como ela estava nervosa.

Ele percebeu que ela estava acordada por um tempo e que a colocação de sua mão não era indesejada.

O grunhido que saiu de sua garganta não era de raiva, mas de profunda luxúria, e ele moveu a mão que segurava o braço dela para segurar sua garganta. Ele ergueu seu queixo, arqueando seu pescoço em uma posição aberta e submissa.

— Sua ninfa travessa, — ele rosnou, torcendo a cabeça enquanto lambia desde o centro de sua garganta até abaixo de sua orelha. — Há quanto tempo você está fodendo minha mão?

Seu gemido estrangulado começou quieto. Ele deliberadamente se esfregou contra seu clitóris inchado, úmido e carente, e isso se transformou em um pequeno grito.

Se ela queria seu toque, então Merikh estava disposto a tirar vantagem disso. Com o quanto sua mente embaçava seu cheiro,

como seus sons saíam doces e como ela parecia sedutora, toda reprimida e carente, nada poderia tê-lo torcido mais para ceder imediatamente.

Ele acordou duro, seu pênis doendo, pesadas bombas de sangue correndo para ele. A profunda pulsação tirou toda a sanidade de por que isso poderia não ser uma boa ideia. Naquele momento, ele não se importava.

Malditos sejam seus espinhos; ele seria cuidadoso. Havia uma criatura requintada em seus braços que queria prazer.

Seu grunhido satisfeito não cessou. Cresceu quando ele percebeu que seu antebraço estava entre os seios expostos dela, ambos se moldando ao redor de seu braço para acomodá-la. Seus mamilos marrom-escuros pareciam insuportavelmente duros, tensos e implorando por atenção.

Ele embainhou suas garras e então torceu a mão entre suas coxas com força até que ele estava segurando a fenda de sua boceta. A outra abaixou até que ele conseguiu agarrar um de seus seios, e ela se curvou em sua mão como se estivesse esperando que eles fossem acariciados.

Merikh pressionou a palma da mão contra seu clitóris, e ele não deu nenhum aviso quando enfiou o nó do dedo médio profundamente na poça de seu buraco. Sua boceta apertou enquanto seus lábios se separaram em um suspiro agudo. Ela soltou um longo gemido quando se apertou contra a mão dele, mexendo-o dentro dela.

Ele o moveu para frente e para trás, encharcando o dedo em sua excitação. Ela estava tão molhada que deslizava para dentro e

para fora com facilidade, sua entrada vazando tanto que tudo parecia escorregadio.

Considerando que ela não estava confortável em torno de seu dedo grosso, quando ele apertou contra seu clitóris novamente, ele rapidamente adicionou um segundo dedo. Agora ela estava apertada, e ele estava satisfeito por ela sentir aquele alongamento pela forma como ela se arqueava para ele, seus olhos se abrindo.

— Merikh, — ela gemeu, agarrando as costas de sua mão para tentar fazê-lo pressionar ainda mais fundo.

Suas penas levantaram ao ouvir seu nome ser chamado tão sedutoramente de seus lindos lábios. Ele gemeu em troca quando empurrou sua virilha contra sua bunda, forte o suficiente para acidentalmente abrir sua costura à força. A cabeça coberta de tentáculos saiu. Assim que se soltou, Merikh não teve a menor chance de segurá-lo.

Ele tentou cerrá-lo de volta, mas ela moveu sua bunda contra ele propositadamente. Cada fricção tinha seu controle escorregando, até que estava pressionando em suas costas. Ele estremeceu com a tensão de seus tentáculos lutando para segurá-lo nos últimos centímetros.

— Está molhado? — ela perguntou, mas não houve hesitação dela enquanto ela brincava com a base entre suas bochechas firmes e carnudas.

Não, em vez disso, seu perfume se aprofundou a ponto de sua língua que deslizava sobre sua orelha sensível estar úmida de baba. Ele estava ofegante contra ela, e estalava a cada vez.

Merikh não respondeu, não quando sua pergunta foi imediatamente esquecida quando ele perfurou seu canal

repetidamente com seus dedos. Ele os moveu em uma onda, certificando-se de esfregar as pontas contra o cume quente e inchado na frente de sua vagina.

Ele não podia mexer muito os braços, caso contrário poderia machucá-la, mas isso não o impediu de prender o mamilo duro entre os dedos indicador e médio. Ele o rolou de um lado para o outro enquanto apertava seu monte, pesando seu seio e deixando a memória queimar em sua palma. Ele propositalmente fez cócegas na parte de baixo com as pontas dos dedos.

O braço sobre o qual ela estava deitada disparou para agarrar as costas da mão dele brincando com seu seio, a outra seguramente presa ao seu lado. Ambas cravaram as unhas nas costas de suas mãos.

Seu queixo se ergueu, expondo seu pescoço enquanto suas feições se franziam, seu corpo curvado. Suas coxas se contraíram antes de esfregar lado a lado, exigindo mais fricção que ele não podia arriscar dar a ela. Raewyn se contorceu enquanto soltava um grito, sua boceta apertando esporadicamente em torno de seus dedos.

No momento em que sentiu as paredes internas dela incharem, como se ela estivesse prestes a gozar, Merikh rapidamente deslizou os dedos dela. Ele usou as costas deles para guiar seu caminho através dos lábios de suas dobras para que pudesse acariciar seu clitóris.

— Não. Não pare. — Ela resistiu em sua mão enquanto tentava empurrá-la mais profundamente entre suas coxas, desesperada para fazê-lo penetrá-la novamente. — Eu estava tão perto.

Sua risada silenciosa provavelmente soou diabólica, mas ele só queria ver o que ela faria quando fosse roubada de seu orgasmo.

Ele não esperava que ela tentasse enfiar os dedos de volta dentro dela, para ela esfregar tão abertamente e desenfreadamente em sua mão. Quando ela abaixou o rosto para se aninhar contra o braço dele cruzado sobre o peito, ela imediatamente jogou a cabeça para trás quando a ponta de uma pena estendida apunhalou seu queixo - ele foi rápido em curá-la para minimizar seu cheiro de sangue.

— Você pode ser uma coisa carente, não é? — ele quase ronronou, apesar de não ser capaz de fazer o som real.

Ele apertou seu clitóris inchado entre os dedos, e quando ele apertou, ela soltou um suspiro. Ele rolou de um lado para o outro, assim como tinha feito com o mamilo dela, que agora estava sendo apenas apalpado.

Suas respirações eram tão rasas, afiadas e rápidas que ela parecia tão sufocada quanto ele. Seus olhos castanhos e estrelados rolaram ligeiramente antes que ela estremecesse um pouco.

Então, fracamente, ela sussurrou: — *Por favor*, Merikh. Por favor, não me provoque.

A maneira como o sotaque élfico dela brincava com o nome dele sempre enviava um arrepio pelo corpo dele. Ele apertou seu pênis contra ela enquanto pulsava, espalhando uma gota de pré-sêmen dentro de seus tentáculos. Eles doíam, lutando para mantê-lo, e se sentiam esticados, mas ele não cedeu o controle que tinha sobre eles.

Merikh desenrolou os dedos e atravessou a densa piscina de excitação que transbordava de sua entrada. Raewyn abriu suas coxas

para que ela pudesse tentar mantê-lo lá. Tentando atingir seu orgasmo mais rápido, ela resistiu descontroladamente enquanto ele se movia para frente e para trás.

Ele esperava que ela estivesse preocupada que ele a negasse novamente, percebendo que seu prazer estava atualmente à sua mercê. Ela não saberia que sua doce súplica havia tocado seu lado misericordioso.

Ela é tão quente por dentro, tão confortável, tão macia. Ele enfiou os dedos profundamente e então mexeu. Ela seria incrível no meu pau. Como ela gostava desse movimento, ele o fazia repetidamente. Deuses, eu quero meu pau nela. Abrir suas coxas e observá-la pular enquanto eu a fodo com força.

Sua boceta apertou seus dedos enquanto suas costas se arqueavam em um arco apertado. Ele teve que segurá-la em linha reta para que ela não se enrolasse em suas penas, assim quando ela soltou o grito mais alto e erótico que ele já teve o prazer de ouvir.

Merikh soltou seu seio, esticou o braço e depois o arrancou debaixo dela. Ele saiu de trás dela, fazendo-a rolar de costas, então ele empurrou uma de suas coxas para o lado.

Ele moveu seus dedos dentro e fora dela com mais força, mais rápido, prolongando seu orgasmo até que seu choro se transformou em um grito. As pernas de Raewyn chutaram, mas a força dela não era nada comparada com a dele enquanto ele a segurava no lugar.

Cabelo trançado girando como uma auréola ao redor de sua cabeça, seus lábios separados e inchados por mordê-los, seu corpo tendo espasmos e contrações... era uma bela visão de se ver. Ele olhou para baixo, fascinado pela visão de seus próprios dedos grossos cinza-escuros batendo dentro dela.

Ela realmente parecia perdida em seu prazer.

Seus olhos castanhos e brilhantes rolaram antes de fecharem, e ele não pôde deixar de ficar desapontado com o desaparecimento deles.

Quando ela se acalmou, seu orgasmo desaparecendo, Merikh soltou um suspiro de alívio quando relaxou seus tentáculos e seu pênis disparou para frente os últimos centímetros que pôde. Tudo estava saturado de lubrificante de suas constantes ondas e pulsações.

Algumas gotas de seu lubrificante misturado com pré-sêmen pingaram no chão de pedra. Ele tirou os dedos dela e gemeu ao ver o sedutor tufo de pelo branco sobre seu monte púbico.

Sua entrada era rosa, seu clitóris muitos tons mais escuros, e tudo estava inchado por ele brincar com ela. Sua visão não parava de saltar entre ela, seus seios redondos e empinados, o plano de seu estômago. Nem mesmo suas mãos delicadas ou as curvas suaves de seus ombros escaparam de sua atenção.

De joelhos, Merikh agarrou as costas dela e puxou-a para mais perto, forçando suas coxas a se espalharem ao redor de seus quadris largos. Seu cabelo se tornou um rio em vez de uma poça contra o chão quando ele a ergueu.

Vibrando de excitação e antecipação, Merikh enfiou a cabeça de seu pênis nos lábios de sua vagina. Apenas esse contato o fez estremecer, suas respirações tão quentes que estavam embaçadas, apesar do calor no ar.

Raewyn bufou e empurrou a mão contra sua boceta para se proteger. Havia preocupação, incerteza e desconfiança em sua expressão.

— Não, eu não quero fazer sexo.

A raiva que borbulhava em seu peito não tinha nada a ver com a negação. Sua rejeição doeu, mas a dor pesada em seu pênis e os sacos de sementes embutidos eram muito prevalentes. Entre seu orgasmo, excitação, seus sucos e seu próprio lubrificante, Merikh estava sufocando com esses aromas, com sua própria necessidade.

Ele estava longe demais para se importar naquele momento com as emoções negativas que ela havia despertado.

— Eu não ia te foder, — ele mentiu. Ele estava absolutamente prestes a enfiar seu pênis em sua boceta apertada até que ele a esticasse, sabendo que ela o sentiria lá por *dias*. — Mas eu fiz você gozar, então agora você pode me emprestar suas coxas.

Merikh agarrou suas panturrilhas, endireitou as pernas e as empurrou juntas até criarem um aperto ao redor de seu pênis. Seus tentáculos envolvendo suas coxas por trás a fizeram recuar e saltar para frente para escapar, o que só fez seu eixo deslizar para trás.

Ela deu um gemido quando sua ação esfregou seu clitóris profundamente dentro do sulco na parte inferior de seu pênis. Ela mordeu o lábio inferior quando parou de tentar fugir e, em vez disso, explorou-o com suas coxas e boceta.

Agora que ela sabia que ele não iria transar com ela, quase não havia hesitação. Quando ele a empurrou de volta para baixo, ela até trouxe as mãos para frente para que pudesse sentir os poucos centímetros de seu eixo grosso projetando-se entre suas coxas. Então ela tocou atrás de sua bunda para explorar seus tentáculos.

Suas sobrancelhas franzidas em pensamento, e ele quase podia ler sua expressão.

Ela é uma coisa curiosa, ele gemeu mentalmente, depois que ela terminou de explorar seus tentáculos e se moveu para esfregar a

cabeça de seu pênis novamente.

Seus toques eram como pequenas vibrações provocantes. Ele inchou quando uma bolha de pré-sêmen saiu e em uma de suas palmas.

Raewyn recuou. Então ela soltou um suspiro agudo e levantou os quadris para cumprimentá-lo quando ele deve ter chicoteado seu clitóris da maneira certa. Seu pênis abriu seus lábios, e o nó torcido perto da base esfregou firmemente sobre a entrada de sua boceta.

Em sua visão roxa, observando-a, ele desejou poder mostrar a ela como ela era naquele momento.

Embora fossem cegos, seus olhos estavam cheios de calor, interesse, desejo. A maneira como seus seios saltavam quando ele começou a estocar sem pensar era fofa, tão preciosa quanto eles giravam. A visão de seu pênis roxo escuro aparecendo e desaparecendo entre suas coxas agora cobertas de lubrificante enquanto seus tentáculos a agarravam...

Sua cabeça se inclinou para trás por um momento enquanto ele se deleitava no paraíso disso.

Seus gemidos eram suaves, os sons de tapas de seus quadris batendo contra ela eram lascivos. Mesmo suas próprias respirações e gemidos ecoando nas paredes lhe davam prazer.

As quatro saliências grossas e largas de cada lado de seu pênis logo abaixo da cabeça, parecendo uma trança que o envolvia, eram provocadas por sua pele flexível. Mas o que o fez ofegar até o teto antes de olhar para baixo foi que o sensível anel nodoso perto da base de seu pênis estava sendo massageado.

Ele duvidava que fosse capaz de caber dentro de sua boceta para ela tomar aquele anel retorcido, o que fez com que seus golpes

profundos entre suas coxas fossem ainda melhores.

Seus espinhos tremiam enquanto subiam e desciam, seu pelo eriçado enquanto seu longo rabo de touro batia contra o chão, enrolado em tensão. Ele descansou uma mão no chão para se inclinar sobre ela enquanto seu braço abraçava suas pernas retas contra seu torso. Seus pés continuaram fazendo cócegas atrás do canto de sua mandíbula.

Eu me pergunto como é dentro dela.

De seus dedos investigando antes, ele sabia que ela era macia, maleável, quente, molhada. Ela abraçaria perfeitamente seu pênis, ou ele seria muito grande e a esticaria demais, fazendo-a se sentir muito apertada?

Apenas a ideia dela apertando-o até o centro de seu pênis fez com que outra gota de pré-sêmen brotasse. *Eu quero tanto foder agora.*

Duro, rápido, áspero, sem um pingo de suavidade, fazendo-a pular e muito perdida por suas estocadas para fazer qualquer coisa além de gemer. Merikh estremeceu, seus pensamentos lascivos fazendo sua carne apertar sobre seus músculos. Ele até agarrou seus ossos.

Olhando para ela, elevando-se sobre ela como uma sombra iminente, Merikh começou a empurrar mais rápido, seu próprio orgasmo não muito longe de superá-lo.



Raewyn cobriu a boca para esconder os ruídos vindos de seus lábios. Ela não podia acreditar como eles soavam pervertidos! Ou que ela estava gostando tanto disso.

Ela pensou em chamar o que quer que fosse o pênis dele de , já que havia se dividido em cinco partes, pelo que ela podia dizer: quatro tentáculos e essa coisa gigante no meio que estava atualmente incendiando seu pobre clitóris latejante.

Tudo era escorregadio e viscoso e, de alguma forma, fazia tudo parecer *incrível*. Nada era abrasivo ou seco, o que geralmente fazia tudo parecer uma lixa contra sua carne sensível. Em vez disso, estava deliciosamente úmido.

Os deslizamentos eram fáceis, seu pênis quente entre suas coxas, pressionando contra ela. Ele estava empurrando com força, perfurando seu clitóris, mas o sulco profundo sob seu pênis fazia com que parecesse que ela estava sendo acariciada por todos os lados.

Então havia esses cumes, e toda vez que ele enviava seu clitóris através do vale deles, Raewyn pensava que ela estava prestes a entrar em combustão. Ela não conseguia parar de se esfregar nele, suas paredes internas se contraindo e apertando descontroladamente a cada vez.

Santa donzela, nunca senti nada assim. Era melhor do que uma língua, dedos ou até mesmo um pênis normal.

Raewyn apertou suas coxas ao redor da haste dura e inchada entre elas, recusando-se a deixá-la escapar.

Ela mal notou que havia espalhado um líquido questionável em seus lábios, queixo e bochechas. Ela estava muito ocupada

ofegante, tentando não sufocar em suas próprias respirações excitadas.

Seus mamilos estavam mais apertados do que nunca. A única razão pela qual ela não estava brincando com eles era porque ela não queria que ele soubesse o quanto ela estava gostando disso, não depois que ela o rejeitou e agora desejava poder engolir suas próprias palavras em arrependimento.

Não foi culpa dela!

Para ser justa, o que estava balançando sutilmente contra suas costas era assustadoramente grande. O que estava escorregando por toda a parte inferior de suas costas parecia a espessura de sua coxa. Ela duvidava que fosse caber dentro dela, não importa o quanto eles tentassem.

Ela não sabia que o redemoinho ao redor se quebraria em quatro tentáculos com interior macio que agora agarrava suas pernas. Ela não sabia que estava apenas protegendo seu pênis, e que era muito mais fácil de controlar.

Ainda era grande, mas não tão assustador quanto antes.

Ela também estava nervosa por ser *tão* íntima de Merikh. Este... acariciar estava bem. Bem, ela *achou* que estava tudo bem em sua mente, mas sexo completo com alguém que ela mal conhecia, em quem ela confiava um pouco e que tinha algumas tendências questionáveis era preocupante.

Ela estava pensando nisso.

Seu pênis era tão bom apenas esfregando os lábios de suas dobras, e ela se perguntou se ela simplesmente derreteria em uma poça de gosma feliz se ele comesse a empurrar aquela textura dentro dela.

Seus pensamentos estavam divididos. Ela estava muito ocupada tentando moer em seu pênis até que seus movimentos combinados a enviassem para outro orgasmo para realmente pensar em qualquer outra coisa.

Não ajudava que seus gemidos fossem ásperos e tão masculinos que faziam seus ouvidos formigar.

Cada terminação nervosa estava faiscando.

Seu cheiro era igualmente entorpecente. Quando ela lambeu os lábios, ela trouxe um pequeno gosto de sua mancha e uma sugestão de algo mais em sua boca, e todo o seu corpo palpitou de uma só vez. Sua respiração engatou e sua boceta apertou com força.

Quando ela estava prestes a gozar, algo estranho aconteceu que roubou toda a sua atenção: uma imagem começou a se formar.

Raewyn cobriu os olhos. *Eu posso ver?*

Uma tontura nadou por sua cabeça, sua mente não ajustada para ter qualquer tipo de visão física em anos.

Suas estocadas e seu prazer foram a razão pela qual sua mente nebulosa levou mais tempo para registrar o que ela estava realmente vendo. Ela cobriu os olhos enquanto os fechava, mas a imagem não desapareceu.

Havia um anel roxo flamejante dançando nas bordas de sua visão. Isso deu ao exterior da imagem um brilho roxo, enquanto o meio estava hiperfocado, claro demais para ser normal.

Raewyn estava olhando para si mesma. Ela não podia mudar para onde estava olhando, não importava o quanto tentasse.

— O que está acontecendo? — ela sussurrou através das respirações.

— Que merda de pergunta é essa? — ele rosnou. Não soava verdadeiramente negativa, mas sim áspera e quebrada.

Seus quadris se moviam mais rápido, batendo com mais força contra seu traseiro, e seu lubrificante escorria por suas coxas até se acumular em seu monte púbico e escorrer por suas bochechas.

Por que ela podia se ver saltando para cima e para baixo com os movimentos dele, seus seios girando com eles? Por que ela podia ver suas tranças tentando se emaranhar, ou que a mão cinza-escura dele estava bem ao lado delas?

Ela mal acreditou que era real até que tirou as mãos do rosto e viu a ação ela mesma.

Então mudou, e a respiração de Raewyn falhou quando ela agora estava olhando para suas pernas. Ela realmente viu o que estava empurrando entre suas coxas.

Seu pênis era roxo, assim como os tentáculos que ela podia ver apenas as pontas. As saliências perto da cabeça quase pareciam duplicatas da borda de seu pênis, mas eram mais escuras, quase pretas.

Raewyn não pôde se conter. Ela ergueu as mãos até a ponta do focinho dele, vendo o branco do osso em sua visão.

Ele-ele está compartilhando sua visão comigo, ela pensou, quando viu seus dedos roçando seu focinho ossudo.

Tudo ficou mais apertado, como se ele a puxasse para mais perto por causa do toque aberto em seu rosto. Suas presas se separaram contra as palmas das mãos dela, e seu hálito quente agradavelmente envolveu sua pele. Seu pênis ficou mais grosso quando ele soltou o menor grunhido, antes de voltar ao normal, e ele soltou um bufo profundo.

Seus movimentos diminuíram, mas se tornaram mais fortes.

As pálpebras de Raewyn piscaram com a nova profundidade. Seu corpo arqueado, suas mãos caindo para fechar em punhos contra seu peito, e seus lábios se separaram.

Qualquer embaraço que ela sofreu ao se ver gozar, ouvindo seu grito assustador ecoar contra as paredes, foi devorado pelo prazer que a atingiu. Sua boceta inchou com líquido e apertou em nada.

Cada espasmo vazio tinha seu desejo de ser preenchido.

Oh meus Deuses! Suas costas torceram quando era muito intenso, e os quadris de Raewyn levantaram para escapar, apenas para serem empurrados para baixo por seu braço enquanto ele empurrava.

Ela não podia fugir, não dele, não de seu próprio orgasmo que continuou e continuou.

— Você está gozando comigo fodendo suas coxas? — Qualquer humor que pudesse haver em sua pergunta provocativa foi abafado pelo intenso tremor em sua voz. — *Foda-se...* você está.

Observando seus seios balançarem de cima, seu estômago cedeu quando ela parou de respirar corretamente e suas coxas se contraíram enquanto tentavam se abrir. Ver sua cabeça se esticar para um lado e depois para o outro enquanto seu corpo se curvava incontrolavelmente era demais.

Eu sinto que vou explodir!

Ela cobriu os olhos com as mãos fechadas, desejando que a imagem pervertida cessasse. Isso não aconteceu.

Quando seu orgasmo suavizou, ela ficou supersensível. Pequenos gritos quebrados saíram dela enquanto ela se contorcia cada vez que ele empurrava, seu corpo pesado e relaxado enquanto

ele usava suas coxas para se masturbar. Suas mãos caíram ao lado de sua cabeça, e ela não podia fazer nada além de ficar ali.

Os tremores secundários a agrediram, cada um fazendo com que todos os seus músculos tremessem.

— Você não tem ideia de como estou tentado a gozar em você agora, — ele murmurou.

Estaria quente? Quanto ele poderia produzir? Raewyn se contorceu, curiosa para descobrir. O ar estava um pouco frio; ela não se importaria se a cobrisse agora.

Talvez fosse apenas sua satisfação depravada dando-lhe pensamentos tolos.

A decepção que tomou conta dela quando ele abriu suas coxas e se afastou foi passageira, apenas porque ela ainda era forçada a assistir. Merikh segurou uma de suas coxas para baixo para mantê-las separadas enquanto ele agarrava seu pênis.

As costas de sua mão eram cinza escuro, suas garras estendidas brilhando em preto enquanto ele agarrava seu pênis roxo e o acariciava. Raewyn mordeu o lábio para ele se masturbando sobre ela, por causa dela.

Seu rosnado palpitava com êxtase logo antes do primeiro respingo de um líquido volumoso e branco atingir o chão logo abaixo dela.

Ainda capaz de ver através de sua visão, ela poderia dizer que estava oscilando entre olhar para sua boceta que ele havia exposto para sua própria visão e seu orgasmo contra o chão cinza da caverna. Então, ele enfiou o polegar em sua boceta, como se estivesse imaginando que estava gastando dentro dela. Ela estava encharcada

em ambos os fluidos, e a visão era difícil de suportar, mas ela não se cobriu.

Ela não queria roubá-lo do poder de seu orgasmo.

Seu rosnado eventualmente se transformou em um gemido, e o som dele era maravilhoso.

Ele parou de acariciar seu pênis uma vez que criou uma poça branca contra o chão, mais do que ela poderia ter imaginado. Estava quase ameaçando tocar seu traseiro.

Ele se recostou para bufar freneticamente, virando a cabeça para o teto para que pudesse recuperar o fôlego, e deslizou o polegar de sua boceta, afastando-se. No momento em que ele parou de tocá-la, a escuridão engoliu sua visão e ela não viu nada mais uma vez.

Ela não sabia por que começar a surtar primeiro: o fato de que ela foi capaz de ver através dos olhos dele, o fato de que eles acabaram de fazer isso juntos, ou o fato de que ela começou tudo.

Em algum momento, fosse ela ou ele, um deles enfiou a mão entre as coxas dela. Ela acordou balançando nele, e ela estava tão malditamente excitada que não parou mesmo quando acordou, muito antes de ele parecer ter acordado.

As bochechas de Raewyn ficaram tão quentes que ela pensou que seu cabelo poderia pegar fogo.

Não era seu momento mais honroso, esfregando-se contra a mão dele quando ele estava dormindo, mas ela estava insuportavelmente excitada quando acordou. Tipo... 'ela pode morrer se não vier logo' meio que ligado.

Ela o culpava por tudo – não que ele pudesse ter ajudado.

Ele literalmente cheira a uma flor afrodisíaca Nyl'theriana, ela pensou, desejando entrar em combustão para se esconder do

constrangimento. *É tudo culpa dele.*

Na verdade não, e ela sabia disso. Seria preciso mais do que um efeito placebo para fazer isso com ela, o que significava que ela gostava dele um pouco. Ok, talvez muito, mas era difícil separar seus sentimentos. Havia muito a considerar, muitas coisas que ela não entendia sobre ele.

Mas... Raewyn mordiscou o lábio inferior, avaliando o quão totalmente satisfeita ela estava. Puxa, seu corpo estava vibrando com isso. *Eu não me arrependo disso.*

Ela imaginou que não se importaria se acontecesse de novo. Não é como se tivesse que significar alguma coisa... certo? Apenas duas pessoas saindo – não importava quem ou o que eram.

Ela nunca teve esse tipo de relacionamento antes, no entanto.

Sexo era um assunto engraçado para ela. Ela geralmente gostava de ter algum tipo de relacionamento íntimo com alguém antes de permitir que a tocassem.

Era bom saber que ela não era a única que sentia desejo. Pelo menos, ela esperava que não fosse a única, que ele não a tivesse usado só porque podia.

Raewyn mordeu o lábio inferior, franzindo as sobrancelhas com força, quando algo doloroso apertou dentro de seu peito. Ela não queria que isso fosse tão vazio.

— Nós não deveríamos ter feito isso, — ele latiu baixinho, como se a névoa de seus próprios pensamentos tivesse se dissipado de repente agora que ele tinha gasto.

Ela o ouviu se afastar.

O coração de Raewyn murchou quando ela habilmente rolou para o lado para evitar colocar as pernas em sua impressionante

quantidade de esperma. Ela se apoiou no cotovelo e no quadril enquanto se sentava.

Ela abriu a boca para dizer algo, qualquer coisa, mas muitas reações passando por seus lábios a deixaram em silêncio. Ela queria ficar com raiva que ele dissesse friamente que depois de usar suas coxas, ela queria expressar sua mágoa, queria convencê-lo do contrário. Ela queria provocá-lo de brincadeira por isso, ser sensual e travessa. Ela queria exigir que ele voltasse aqui e a abraçasse.

Raewyn fechou os lábios com a raspagem de gravetos contra o chão. Não muito tempo depois, ele reacendeu o fogo que havia se apagado.

Foi ele voltando, erguendo-a cerca de trinta centímetros para o lado para garantir que ela evitasse a confusão, e envolvendo-a com sua capa seca e levemente aquecida pelo fogo que inflou seu coração novamente.

— Volte a dormir, — ele exigiu. Ela notou a riqueza de sua voz carregada de prazer. — Você acordou muito cedo, pelo que posso dizer. Partiremos assim que a chuva parar.

— Merikh, — ela começou, querendo entender.

Foi por causa da cara que fiz antes? Ela não queria que ele tivesse uma ideia errada. Ela estava apenas um pouco perdida e confusa.

Ele passou de gostoso para absolutamente estranho em um piscar de olhos.

— Não — ele rosnou. — É o que é, e você não pode voltar atrás.

Então ele se moveu. Ela não conseguia entender por que ela poderia dizer que ele tinha ido para a entrada da caverna, onde ela ainda podia ver o brilho de seu escudo vermelho protegendo-os.

Ele acha que sou eu quem se arrepende?

Fosse o que fosse, havia algo mais profundo acontecendo em sua cabeça do que ela poderia imaginar. Ela não o conhecia bem o suficiente, mas agora estava determinada a conhecê-lo.

Ela abriu a boca, mas ele a cortou antes mesmo de começar.

– *Eu disse não.* – Seu tom era desligado, animalesco e reverberante.

Suas bochechas incharam de aborrecimento e raiva, e Raewyn se deitou e se enrolou em sua capa para se esconder dele. *Certo.*

No entanto, uma vez que ela relaxou, ela astutamente a levou ao nariz para se deliciar com o cheiro dele. Parecia um abraço fino dele, e a capa era grande e grossa o suficiente para mantê-la aquecida, com o fogo ajudando a afastar o pior do frio.

Segurando sua capa, Raewyn pensou com determinação, *é hora de fazer as perguntas difíceis.*

Ela não pôde evitar o sorriso travesso que surgiu em seus lábios, sabendo que ele iria odiá-las. Era hora de cutucar e cutucar seu assunto até que ela decifrasse o código.

CAPÍTULO 17

Raewyn se sentiu como um cadáver enrolado em um tapete enquanto Merikh a embalava em seus braços, sua capa envolvendo-a.

A tempestade levou horas para acalmar, e só diminuiu.

Quando passou muito tempo, ele disse a ela para se enrolar em sua capa e então apenas a carregou através da garoa constante. Para ser justa, os vários embrulhos a mantinham seca e aquecida, especialmente com ele a segurando. Ela também estava vestida em camadas.

Ele disse que não se importava de se molhar, desde que ela estivesse confortável e eles pudessem se mover. Sempre que o grande capuz deslizava para trás de sua cabeça, ele beliscava a ponta com suas presas e o puxava de volta sobre seu rosto para mantê-lo protegido.

Eles mal se falaram nas poucas horas desde que partiram. Ele apenas informou a ela que eles estavam pelo menos três dias longe do Véu.

Em um minuto, ele a estaria segurando frouxamente, e no próximo, ele acidentalmente espremeria a vida dela. Quando ela guinchava, ele grunhia e afrouxava seu aperto.

Ele estava pensando em seu interlúdio sexual na caverna na noite anterior? Ela esperava que sim. Ela esperava que isso o estivesse deixando louco porque ele não seria o único sofrendo em seu silêncio constrangedor.

Agora que ela tinha dormido corretamente, devido a múltiplos orgasmos satisfatórios, sua mente estava agitada.

Ele se arrepende? Ele gostou? Ele quer fazer de novo? Ele parecia saber o que fazer... Isso significa que ele fez algo assim com outra pessoa?

Poxa! Ela tinha tantas perguntas, e suas bochechas esquentaram com a próxima que explodiu seus pensamentos. *Ele me acha bonita?*

Seu coração gaguejou em esperança nervosa.

Raewyn não era a elysiana mais impressionante. Ela realmente achava que tinha um rosto de bebê infantilmente redondo com um queixo e maçãs do rosto muito fortes. Seu nariz era como um botão que sua mãe gostava de morder com carinho.

Embora seu corpo fosse magro, seus seios e nádegas eram maiores, então pareciam desproporcionais ao resto dela. Ela frequentemente escondia a bunda sob vestidos longos e esvoaçantes que exibiam suas coxas bem torneadas.

Seus pés eram muito grandes, suas orelhas não eram longas o suficiente, pois chegavam apenas ao topo de sua cabeça. Ela era muito grande e muito pequena em todos os lugares!

Ela também não gostava de suas sardas. Ela queria parecer majestosa e elegante, e achava que elas a faziam parecer muito 'fofa' para o que ela queria. As pessoas tendiam a pensar que elas a faziam parecer estúpida, o que provavelmente não era ajudado por sua atitude direta e alegre.

Todos chamavam Raewyn de 'fofa' quando ela preferia ser sedutora ou sexy, o tipo de mulher que provocava ereções ferozes em vez de um tapinha na cabeça.

O estranho para Raewyn era que quando outras mulheres tinham essas mesmas características dela, ela as amava. Bumbum macio, sardas sensuais, seios empinados que balançavam levemente

quando andavam. No passado, quando ela ainda tinha sua visão, toda vez que ela via os cachos de outra mulher balançando com seus passos, seu coração disparava, porque os seus próprios faziam o mesmo.

Ela apreciava as orelhas menores e mais delicadas tanto quanto as maiores.

Sua autoconsciência havia crescido dez vezes, já que ela não podia realmente *verificar* sua aparência aqui.

Em casa, ela conseguiu se maquiar lenta e cuidadosamente de memória. Ela conhecia suas roupas por suas texturas, então ela poderia combiná-las.

Tudo isso foi arrancado da Terra. Raewyn foi forçada a usar o que tinha, ela não tinha maquiagem para se adequar ao seu gosto, e a última vez que ela se lavou foi da chuva que a deixou com os dedos dos pés congelados.

Ela não imaginava que estava em seu estado mais sedutor.

Devo ter feito algo certo, já que ele ficou duro. Seus lábios então franziram. Ele não me beijou, no entanto. Espere... ele poderia até beijar? Não posso beijar um focinho ossudo. Awww, eu gosto de beijar.

Ela adivinhou que poderia apenas beijá-lo e ele poderia experimentá-lo.

Ele já foi beijado? Ela estava de volta a seus pensamentos originais sobre se ele tinha feito algo parecido com o que eles fizeram com outro.

Honestamente, ela queria tanto saber que estava abrindo um buraco em sua cabeça. Ela estava fadada a ter uma dor de cabeça em breve se não deixasse alguns de seus pensamentos livres.

— Você já fez sexo antes? — Raewyn deixou escapar, imediatamente desejando poder engolir suas palavras, então mentalmente minimizou o arrependimento no momento seguinte. Foi perguntado, e ela poderia muito bem entrar na conversa com confiança agora.

Havia uma razão para eles chamarem Raewyn de direta.

— Quem diabos começa uma conversa assim? — Merikh praticamente gritou de indignação, quase tropeçando nos próprios pés.

Lentamente, quase timidamente, ela cantou: — Isso é um não?

Ok, então por que o fato de ele ser virgem a fazia querer se abanar? *Acho que nunca tirei a virgindade de um homem antes. Parece divertido.* Deveria ser fácil abalar o mundo de um homem quando ele não tinha ninguém com quem compará-lo.

— Claro que sim, — ele rosnou, sua voz com um tom envergonhado. Ela até viu faíscas rosa-avermelhadas brilharem. — De que outra forma eu saberia o que fazer?

Bem, cocô. Aí vai essa ideia. Ela estava mesmo considerando isso para começar?

Então, um pensamento sombrio a atingiu, um que poderia fazê-la odiá-lo sem chance de consertá-lo.

— Com uma humana? — ela guinchou.

— Não. Eu prefiro não foder algo que não tem ideia do que está fodendo, — ele afirmou com um acesso de raiva. — Seria impossível para mim esconder que minha anatomia é diferente, como você já descobriu.

Isso resolveu a pior de suas preocupações, mas ela ainda tinha outras.

— Uma Demônio, então?

— Por que estamos tendo essa conversa desconfortável? Eu disse que não queria falar sobre isso.

Raewyn lutou para cruzar os braços sob a capa, já que era um ajuste apertado.

— Eu já te disse que fiz sexo, e não apenas uma vez, como você tão rudemente insinuou. Estou apenas curiosa, depois do que aconteceu.

Com suas presas, Merikh prendeu a ponta de seu capuz e o jogou para trás o suficiente para revelar seu rosto. Ela não poderia estender a mão para consertá-lo, mesmo que tentasse.

— Certo. Se você é tão intrometida para saber sobre isso... Sim, com uma Demônio. — Quando ela não disse nada, pensando no que ela queria perguntar a seguir, ele disse: — Você não parece incomodada com isso.

As sobrancelhas de Raewyn franziram.

— Não, eu não estou. Como eu já te disse, existem Delysianos, Demônios, que vivem entre nós. Desde que tenha sido consensual, tanto faz.

Seu rosnado era muito mais ameaçador do que Raewyn apreciou.

— Você está insinuando que não foi?

— Oh não! — ela rapidamente interveio, tentando acenar com as mãos e falhando. — Isso não é o que eu quis dizer. Eu não quis dizer que você faria algo tão horrível. É que... Demônios nem sempre são agradáveis, e houve alguns casos em que eles... você sabe. De qualquer forma! Eu pensei que você disse que não tinha ninguém que cuidasse de você, mas e essa Demônio, então?

— Ela está morta, — ele respondeu rápida e friamente.

— Oh. — Ela não sabia dizer se ele estava incomodado com esse fato ou não. — Desculpe. Ela estava próxima de seu coração, então?

Merikh deu de ombros ao pisar em algo - talvez uma árvore caída. Ele pulou para baixo, muito mais longe do que eles subiram, como se tivesse caído de uma borda. Ele não fez nenhum som ao aterrissar e apenas continuou se movendo.

— Não particularmente. Ela estava curiosa sobre Caminhantes do Crepúsculo, talvez um pouco curiosa demais. Ela gostava de colecionar esqueletos. Na metade do tempo, pensei que ela tentaria me matar para pegar o meu, mas ela nunca o fez.

— Tudo bem, — Raewyn disse com um sorriso fraco, horrorizado com a ideia de ser íntimo de alguém assim. — C-como ela morreu, se posso perguntar? Demônios são difíceis de matar se forem tão inteligentes.

Ela não gostou do silêncio sinistro que caiu sobre eles.

— Merikh?

Um lampejo de laranja brilhou em sua visão antes que o vermelho habitual assumisse.

— Os outros Demônios a mataram ao saber o que estávamos fazendo, — ele respondeu com uma voz monótona.

— Oh. — Raewyn não conseguiu evitar o tom de tristeza em sua voz, suas orelhas caídas.

— É por isso que não gosto deles. Mesmo para eles, sou motivo de repulsa, apesar de sua própria desprezibilidade. — Ela saltou em seus braços quando ele a jogou. — Por que diabos você parece triste?

Isso foi há mais de cento e oitenta anos. Acabou, e não adianta sentir nada por isso. Eu consegui a vingança dela.

Ele odeia humanos. Ele odeia Demônios. Ele nem parece gostar de sua própria espécie.

— Você odeia Elysianos por deixar os Demônios aqui?

— Não posso odiar o que nunca conheci, — ele respondeu facilmente. — Então, novamente, talvez eu devesse, considerando uma elfa particularmente irritante.

Raewyn franziu os lábios quando eles tentaram se curvar com humor, mas seus pensamentos obscuros venceram. *Eu preciso saber. Eu tenho que saber.*

— Jabez foi uma das razões pelas quais ela morreu? — O que sua espécie realmente colocou neste mundo?

— Pensei que fosse, mas não. Descobri que ele não teve participação na morte dela.

Ela virou o rosto para baixo para escondê-lo.

— Como você se sente sobre ele?

— Jabez? — Amarelo brilhou no canto de sua visão antes de desaparecer. — Meu relacionamento com Jabez é complicado.

Ela não esperava aquela resposta. Honestamente, ela pensou que seria uma vanglória de ódio, que ele começaria a derramar a terribilidade dos crimes de Jabez.

— Como assim? — ela cavou, tentando parecer indiferente. Ela até ergueu o queixo, estranhamente defensiva, apesar da curiosidade que corria desenfreada.

— Não é nada.

Que resposta terrível!

Raewyn choramingou enquanto jogava a cabeça para trás. Só então ela revirou os olhos para que ele pudesse vê-los.

— Você não pode dizer que é complicado e não me contar.

Quando ela levantou a cabeça e olhou para ele, ele bufou.

— Ele já foi meu amigo...

— O que? — ela gritou. — Você era amigo dele?

Merikh parou de andar e suspirou profundamente. — Você é muito frustrante, sabia? Por que todas essas perguntas agora? Um pouco de massagem de pau e, de repente, você está mais tagarela do que nunca.

O queixo de Raewyn caiu. *Ele não disse apenas isso!*

— Você-você não pode simplesmente dizer que era amigo de Jabez e me deixar esperando! — ela disse para desviar toda a coisa de esfregar o pau, já que ele usou para desviar sua própria pergunta!

— Claro que eu posso. Com o que você vai me ameaçar?

Raewyn conseguiu tirar a mão da capa para poder apresentar a palma.

— Eu vou... eu vou bater no seu nariz!

— Isso vai doer mais em você do que em mim.

— Ah, qual é, Merikh!

Ele soltou outro suspiro, este mais irritado do que antes. Ele começou a andar novamente e disse: — Foi há muito tempo. Isso não importa mais.

Ele deve ter olhado para baixo e notado seu olhar penetrante.

— Você não vai deixar isso passar até que eu diga, vai?

Ela balançou a cabeça, e o 'ugh' que o deixou foi de profunda frustração.

— Certo. Foi há cerca de duzentos e cinquenta anos. Eu já estava vivo há algum tempo e já havia ganhado um pouco de humanidade, mas não muito. A maioria dos Demônios naquela época não eram inteligentes e apenas começaram a formar sua aldeia estúpida. Ele estava curioso sobre mim, sobre o que eu era, de onde vim de repente. Eu sei que ele me observou. Ele descobriu que quanto mais humanos eu comia, mais inteligente eu me tornava, então ele continuou me forçando a comer sacrifícios.

— E você acabou de... comê-los? — Ela tentou esconder o espanto em sua voz, ela realmente tentou.

— Bem, sim. Eles cheiravam a medo, e se isso não fizesse minha mente entrar em uma fome incontrollável, ele os sangraria. Depois de um tempo, ele começou a falar comigo e, quando comecei a responder adequadamente, ele ficou fascinado. Havia apenas dois Caminhantes do Crepúsculo vivos naquele momento, e não acho que ele tenha tropeçado com o outro ainda. Orpheus era fresco, incapaz de entender qualquer coisa além do que um animal entenderia.

Orpheus? Esse é o nome de um de seus irmãos? Ela presumiu que todos eram parentes se compartilhassem o mesmo parentesco de Weldir.

— O interesse dele era superficial no começo, mas quanto mais inteligente eu ficava, mais ele me mantinha ao seu lado. Eu tinha encontrado um companheiro e não me importava o que ele era. Acho que ele gostou do fato de eu não ser como os Demônios. Ele se sentia à vontade para falar comigo sobre suas frustrações, seu passado, seus planos, porque eu não era irracional e sanguinário como os Demônios da época.

Eles falaram um com o outro, ficaram amigos?

A voz de Merikh então se aprofundou em algo sombrio quando ele acrescentou: — Eu planejei ajudá-lo em sua guerra com vocês, elfos.

Raewyn engoliu em seco. Os Demônios eram assustadores o suficiente, mas em suas viagens, especialmente logo antes de vir para as montanhas, ele matou seis Demônios no total. Cada batalha foi curta. Ela perguntou se ele estava ferido e, na maioria das vezes, ele respondeu que não.

Merikh era forte, rápido, *perigoso*.

Se ele tivesse se juntado ao exército de Jabez e ajudado a invadir o mundo dela, ele teria aniquilado muitos de sua espécie antes que eles o derrubassem, se eles pudessem.

— O que aconteceu?

— Uma mulher — ele respondeu. — Muitos anos depois de nos conhecermos, ele ficou obcecado por uma mulher que outro da minha espécie mantinha. Orpheus, o Mavka que acabei de mencionar, encontrou uma humana para viver com ele. Quanto mais ele a mantinha, mais intrigado Jabez ficava com ela. Ele a queria, ao invés dos Demônios pelos quais ele estava cercado, e ela não tinha medo de nada. Então, quando a oportunidade se apresentou, ele se ofereceu para levá-la, e ela foi com ele de bom grado.

— Ela foi de bom grado? — Raewyn perguntou em descrença.

— Katerina odiava Orpheus. Portanto, ela odiava Mavka. Ela só queria uma fuga, uma que não pudesse machucá-la.

— Oh.

Eu ainda não entendo, no entanto. Quem iria com Jabez?

— Ela rapidamente criou uma barreira entre nós — continuou Merikh. — Acho que, à sua maneira, ele a amava. Ele a mimava o máximo que podia porque ela era uma puta gigantesca. Ela sabia que poderia usar sua 'infelicidade' contra ele. Se eu não estava em minha caverna ou caçando humanos na superfície, eu estava em seu castelo, observando-os interagir. Ela brigou muito comigo, me chamou de bicho, monstruosidade. Ela sempre mentiu para Jabez que eu estava tentando comê-la, roubá-la dele, estuprá-la, apesar de eu não querer nada com ela.

— O que? Realmente? Quem inventaria tais mentiras? Ela não podia imaginar nada mais horrível.

— Katerina, por algum motivo — Merikh respondeu com um suspiro. — Depois de um tempo, ele ficou paranóico e distante, mas não sabia em quem acreditar, já que a conhecia há pouco tempo e me conhecia há anos. Eu disse a você que me torno o que como, que ganho humanidade. Meus desejos ainda não haviam despertado, e Jabez sabia disso.

A risada mais estranha saiu de Merikh. Era tão quente e leve, e tão diferente de seu eu habitual. Ela mal acreditou que tinha ouvido.

— Ele me explicou o que era um pau, e eu não fazia ideia do que ele estava falando, pois achava que não tinha. É bastante engraçado quando você olha para trás. Ele tentou me mostrar o que era sexo através de uma demonstração, e eu pensei que ele estava apenas brutalizando a Demônio na época, mesmo que ela estivesse gostando.

Os lábios de Raewyn se curvaram em um humor estranho. Ela não podia imaginar ser ensinada o que era sexo por alguém literalmente mostrando a ela.

Apesar dessa conversa triste, ele estava refletindo sobre seu tempo com Jabez com bastante carinho. Ela nunca tinha ouvido Merikh fazer um som quente antes disso.

A única vez que ele riu foi no começo, quando ela descobriu que ele não era humano. O som que veio dele foi puro mal - como um louco gargalhando antes de ir para uma matança.

— Foi só quando ele descobriu minha relação com Weldir que ele se voltou contra mim. Ele pensou que eu era um espião que estava alertando meu pai sobre suas ações, mantendo-o preso na Terra. Minha mãe se aproximou de mim um dia para me dizer que o que eu estava fazendo era errado, que Jabez não era meu amigo e era mau. Ela explicou como Weldir era a razão pela qual os Demônios não podiam voltar pelo portal, já que nenhum de nós sabia disso.

Os braços de Merikh se apertaram ao redor dela, e Raewyn estremeceu.

— Quando contei a Jabez o que descobri, ele ficou furioso comigo e quase lutamos até a morte. Katerina distorceu seus pensamentos, então ele pensou que eu o estava usando. Desde então, eu o tenho evitado, assim como ele tem me evitado - até a morte de minha companheira Demônio. Eu invadi seu castelo, pensando que ele tinha ordenado aos Demônios para matá-la para se vingar de mim. Ele não tinha ideia e apenas riu de mim, Katerina sentada em seu maldito colo enquanto ele se sentava em seu trono.

— E você acreditou nele?

Uma pequena rajada de vento passou por eles, destacando o silêncio enquanto ele pensava.

— Eu conheço Jabez. Ele teria se vangloriado se tivesse feito isso.

— Mesmo que ela pareça muito desagradável, pelo menos Jabez tem alguém?

Seu corpo tremendo informou a ela que ele balançou a cabeça.

— Não. Katerina morreu há cerca de um ano e meio, assim como a mulher que a matou. Embora tenham me deixado em paz, devido a sentimentos remanescentes de nosso passado, Jabez e Katerina roubaram uma das mais novas companheiras de Orpheus para que pudessem matá-lo. Em vez disso, a mulher matou Katerina e Jabez atirou uma adaga nas costas da mulher como vingança.

— Então, as duas morreram?

— Até onde sei. Por outro lado, não volto ao Véu há dois anos e só soube disso recentemente por meio de um Demônio bastante tagarela. Duvido que um humano consiga sobreviver a uma adaga nas costas, e Orpheus não conhece magia de cura como eu.

— Isso é muito triste. Orpheus realmente merecia isso?

— Katerina acreditava que sim, mas ela era uma mentirosa crônica e muitas vezes distorcia a verdade para ser manipuladora. É difícil ficar do lado dela quando ela frequentemente fala mentiras sobre mim para fazer Jabez se voltar contra mim. Orpheus provavelmente estragou tudo, seu nível de humanidade era muito baixo na época, mas não, não acho que suas ações teriam sido feitas com intenção maliciosa.

O coração de Raewyn partiu de tantas maneiras diferentes para *todos* eles. Merikh perdendo alguém de quem ele gostava. Orpheus perdendo alguém. Jabez perdendo Katerina. Havia tanta morte e tristeza.

— O problema é — continuou Merikh. — Desde a morte de Katerina, Jabez ficou desequilibrado. Eu pensei em voltar para o

lado dele para ver se poderia reacender nossa amizade, mas ele realmente queimou esse vínculo comigo.

O peito de Raewyn apertou, não gostando de seu tom, de suas palavras, e de que elas tinham uma implicação terrível.

— Como assim?

— Ele ordenou que seus asseclas atacassem todos os Mavka, inclusive eu. É por isso que eu fiquei longe. Ele agora quer erradicar toda a minha espécie em ódio e vingança, e eu junto com ela. Eu o odeio pelo que ele está fazendo com meus irmãos, como ele me tratou e nada que eu faça irá detê-lo. Cada vez que um Demônio me ataca de propósito, mais meu ressentimento cresce. Vocês elfos são os culpados por seu estado mental. Você sabe disso, certo? Você o manteve em uma jaula por anos.

— Não era uma gaiola, — Raewyn murmurou defensivamente.

— Era uma cela de prisão, uma que tivemos que fazer rapidamente. A culpa foi dele por ter enlouquecido em nossa cidade. Ele tentou comer todo mundo.

— Não foi isso que ele disse — rebateu Merikh. — Aparentemente, vocês fizeram experimentos com ele quando ele era um menino porque ele era meio elfo e meio demônio.

— Não fizemos nada disso! — Raewyn gritou, seu rosto esquentando de indignação. — Sim, nós o examinamos, mas não fizemos experiências com ele. Isso não seria moralmente correto.

— Quantos anos você tem? Você sequer nasceu quando tudo isso estava acontecendo? As pessoas costumam distorcer a verdade da história para parecer que seus erros não foram tão terríveis.

Sua frequência cardíaca disparou em apreensão, seu próprio segredo borbulhando para a superfície, momentos antes de ser

revelado. Ela queria dizer-lhe a verdade. Ela começou essa conversa para avaliar como ele reagiria.

Ela não tinha certeza.

Merikh não iria matá-la ou machucá-la, já que ele precisava dela para sair deste mundo, mas ela também não queria que ele a odiasse. Ela estava começando a gostar dele. Foi difícil cortá-la antes que ela realmente terminasse de florescer.

— E-eu posso ser mais nova que ele, mas apenas seis anos. Eu tinha cinco anos quando ele se voltou contra todo mundo.

Raewyn fechou os olhos, desejando que as memórias do dia em que Jabez estava trancado em sua cela desaparecessem. Ela esteve lá, testemunhou sua carnificina pessoalmente, viu o sangue que não apenas cobria as paredes, mas também suas mãos, pés e *boca*. Ela odiava poder se lembrar de sua risada repugnante enquanto caminhava pelos corredores, procurando por sua próxima vítima.

O momento em que seus olhos vermelhos se conectaram com os dela no longo corredor branco e dourado ainda assombrava seus sonhos.

— Você tinha cinco anos? — Merikh zombou, pronto para ficar do lado de Jabez quando ele não sabia de nada. — Você não teria ideia do que estava acontecendo com ele desde quando ele nasceu até quando ele tinha o que... onze anos? Você realmente acha que os cientistas da época não teriam cutucado o que ele era, já que ele era um mestiço? Ele me contou como seu povo era avançado.

Raewyn balançou a cabeça, sentindo seu capuz deslizar para trás até cair completamente. Eram tão poucos os pingos que a chuva praticamente parara.

— Eu sei que não. Meus pais foram os que o examinaram, e eles estavam apenas tentando se certificar de que ele estava bem, já que ele havia mordido algumas pessoas no passado e todos estavam preocupados. Eles eram os principais cientistas da época, e é por isso que segui seus passos. Eles não teriam feito nada para prejudicá-lo.

— Seus pais? Isso não muda nada. Os pais mentem para os filhos o tempo todo, e tenho certeza de que encobriram o que estavam fazendo, já que você parece não saber. Os humanos aqui querem abrir todas as aberrações que podem encontrar. Duvido que vocês, elfos, fossem muito diferentes.

Que a sagrada Donzela Dourada a salve, ele estava realmente empurrando seus calcanhares. Ela ficou surpresa com o quão profundamente ele estava do lado de Jabez depois de tudo que ele disse sobre ele, como ele se voltou contra ele.

— Merikh, o que quer que Jabez tenha dito a você... não era a verdade.

— Como você pode saber isso com absoluta certeza? O que...

— Porque ele é meu irmão! — ela gritou, antes de imediatamente cobrir a boca, com os olhos arregalados.

Merikh parou, e ela só sabia que ele virou a cabeça para ela quando a centelha amarela em sua visão se inclinou para o lado.

Com as mãos tremendo sobre a boca, ela finalmente as abaixou enquanto virava a cabeça para um lado e para o outro. Tinha escapado, mas era um segredo que apenas seus pais e os conselheiros synedrus conheciam.

Ela quase podia sentir seu olhar esfaqueando através dela.

— Ele... Jabez é meu irmão. Bem, meio-irmão na verdade, — ela disse suavemente. — Eu estava lá na maioria dos tratamentos dele, é

assim que eu sei. Eu brincava com o cabelo dele, escovava enquanto nossa mãe tirava sangue para verificar o bem-estar dele. Ele-ele estava muito doente quando criança, e tanto nossa mãe quanto meu pai não conseguiam entender por quê.

— Ele me disse que seu parto não foi consensual, que foi devido a circunstâncias terríveis. Sua mãe foi atacada?

Esfregando o braço, Raewyn abaixou a cabeça.

— Não. A verdade é... sua criação foi um experimento. Eles descobriram que os Demônios são criaturas meio formadas. Eles têm todos os seus órgãos, mas sua pele é feita de energia – é por isso que eles se parecem com o céu noturno. Eles tecnicamente não têm carne, e é por isso que ela brilha como um vazio, um buraco negro, como o nada. No entanto, eles são *tecnicamente* Elfos, apenas uma subespécie diferente - uma que deve comer outras criaturas humanóides para terminar de se formar. Minha mãe queria ver se combinar naturalmente o DNA deles poderia ser uma maneira de ajudar os Demônios, para ajudá-los em seu crescimento. Os conselheiros da época rejeitaram o projeto, então ela trabalhou nas costas deles. Ela se inseminou com esperma de demônio para ver o que aconteceria, já que não queria arriscar ninguém além de si mesma apenas para provar sua teoria.

— Sua mãe fez algo parecido? Ela parece louca.

Raewyn riu, mas borbulhou com estranheza.

— As pessoas costumam chamá-la de louca. Você não seria o primeiro. — Ela mordeu os dois lábios até que seus dentes quase os cortaram. — Minha mãe disse que Jabez nasceu uma criança saudável, com toda a sua carne, mas com qualidades demoníacas como chifres, garras, presas e olhos vermelhos. A-e antes que você

diga qualquer coisa, o pai Demônio já estava morto por tentar atacar nosso povo.

O silêncio de Merikh era insuportável, pesando muito sobre ela. Suas orelhas se abaixaram enquanto ela tentava se tornar menor em seus braços puxando os joelhos para cima.

— Meu pai se ligou à minha mãe anos depois e eu nasci relativamente rápido. Nós éramos amados igualmente. Se eu ganhasse um brinquedo novo, Jabez também ganharia. Se eu quisesse uma guloseima do mercado, Jabez também conseguiria. Eles seguravam nossas mãos quando caminhávamos pelas ruas, orgulhosos de nós dois. Eles não se importavam que ele fosse meio Demônio, apenas que ele era filho de minha mãe e que parecia perfeitamente normal. Para mim, ele era apenas meu irmão mais velho e me protegeu, fez tudo o que um bom irmão mais velho deve fazer.

— Então o que mudou? Algo deve ter acontecido para fazê-lo acreditar no que acredita.

Ela suspirou.

— Eu tinha quatro anos quando ele teve problemas por morder outra criança. Ele começou a ficar doente e muitas vezes foi ligado a diferentes linhas médicas para torná-lo saudável novamente, mas durou pouco tempo.

Raewyn se aconchegou, desejando que essa história não existisse. Mas aconteceu, e agora que ela começou a falar sobre isso, ela não conseguia parar de divagar. Cada palavra fazia a bola fria em seu estômago crescer.

— Quando ele ficava doente de novo, ele mordia as pessoas, e ninguém entendia por quê. Ele não parecia entender o porquê; ele

não pôde evitar. Lembro dele chorando muito. Ele continuou dizendo que não conseguia se lembrar por que tinha feito isso. Ele apenas dizia que suas presas doíam e seu estômago doía, e então, de repente, ele estava machucando as pessoas. Outras crianças ficaram com medo dele, e eles o provocavam, o intimidavam, e ele se metia em muitas brigas que terminavam com a criança sendo mordida.

— Ele era um Demônio, quer seus pais o ignorassem ou não — afirmou Merikh.

— Sabemos disso agora. Foi só depois da segunda vez que introduzimos os delysianos em nossa cidade que meus pais entenderam o que haviam feito de errado. Ele estava comendo nossa dieta quando precisava de carne como eles precisam.

A zombaria de Merikh cortou Raewyn bruscamente.

— Deixe-me adivinhar, ele entrou em um ataque de fome?

Ela franziu os lábios e balançou a cabeça.

— Sim, mas também não. Depois que as pessoas descobriram que ele era um mordedor, ficaram com medo, começaram a se ressentir de sua existência. Não importa o quanto meus pais tentassem protegê-lo disso, eles não conseguiam esconder. Mais e mais, seus olhares pesavam sobre ele, e eu o observei se transformar do feliz irmão mais velho que eu conhecia em alguém odioso. Ele parou de querer brincar comigo e se manteve trancado em nosso escritório. Um dia na escola, ele simplesmente... explodiu. Ele atacou de propósito os outros alunos e matou todos aqueles que o intimidaram. Quando os professores tentaram impedi-lo, ele os atacou também, até matar um. Ele comeu muitos deles, e eles apenas pensaram que ele estava agindo como um demônio porque queria se tornar o que eles o acusavam.

Raewyn sempre se lembraria daquele dia.

Os gritos apavorados de outras crianças que fugiram enquanto ela quase foi pisoteada pelo susto. Como Raewyn, de cinco anos, correu para a fonte quando soube que era Jabez. Como ela parou quando o viu coberto de sangue no final do corredor, e seu pequeno coração caiu no estômago.

Como ela correu até ele, colocou os braços em volta do pescoço dele e implorou para que ele parasse de machucar todo mundo.

Jabez colocou os braços ao redor de sua barriga para abraçá-la, espalhando sangue por toda a roupa enquanto acariciava seu cabelo com a bochecha. Ele implorou a Raewyn que o perdoasse, disse que sentia muito por assustá-la, que não suportava como os outros o tratavam.

Que seu estômago doía e ele não aguentava mais.

Raewyn o acalmou, até que um professor a arrancou de seus braços protetoramente. Ele ficou furioso. Jabez saltou sobre o professor, cortou sua garganta com as garras e arrastou Raewyn para fora da escola pela mão.

Ele escondeu os dois no escuro.

Apesar de sua violência, nenhuma vez ele colocou uma garra nela. Em vez disso, naquele dia, ele acariciou o cabelo dela, arrulhou-a e até cantou. Ela chorou confusa com as ações dele e preocupada com a quantidade de problemas que ele teria por causa delas.

Ele a protegeu de si mesmo, e Raewyn, na época, não tinha ideia de como protegê-lo de problemas.

— Depois disso, apesar de lutar por ele, nossos pais foram obrigados a entregá-lo aos conselheiros. Eles o prenderam, com

medo de que ele continuasse violento, mas não queriam expulsá-lo no mundo para ser atacado por demônios.

Raewyn não percebeu que ela começou a chorar até que ela precisou fungar porque seu nariz estava entupido.

— Tivemos permissão para visitá-lo e meus pais tentaram de tudo para encontrar uma maneira de ajudá-lo, mas... depois de ficar trancado naquela cela por muito tempo, ele os rejeitou. Ele não permitiria que tirassem sangue, não permitiria que tentassem nada. Ele rosnava e passava pelas grades de qualquer um que chegasse muito perto de sua cela... até mesmo de mim. Ele me chamou de mimada e sortuda. Disse que odiava minha existência porque éramos diferentes, e não adiantava mais fingir. Ele disse que eu estava apenas fingindo me importar porque estava interessada na 'aberração'. Sinceramente, eu só queria ver meu irmão porque sentia falta dele. Meus pais e eu continuamos a visitá-lo, mas nunca era agradável porque ele não nos queria lá. Ele disse que preferia ficar sozinho.

— Ele disse que escapou com a ajuda de outros Demônios — afirmou Merikh. — Que eles estavam todos enjaulados.

— Alguns Demônios pediram refúgio, tendo comido o suficiente da minha espécie que não conseguiram chegar à cidade e ficaram presos em outras partes do reino. Eles agiam como nós, falavam como nós, estavam realmente com medo de estar na selva, já que outros Demônios os atacariam porque isso ajudava em seu próprio crescimento. Então, permitimos que eles se integrassem ao nosso povo. Todos estavam cautelosos, mas realmente esperávamos que um dia pudessemos viver todos juntos em paz. No entanto, assim como Jabez, um deles se voltou contra meu povo depois de

meses comendo como nós, e todos foram presos. Achamos que seria melhor se eles não estivessem soltos no mundo, sendo perigosos. Foi só quando descobrimos que eles precisavam comer carne, o que era uma ideia absolutamente repugnante para nós, que entendemos *por que* eles não foram capazes de assimilar nosso povo de antemão. Não sabemos como Jabez e aqueles demônios escaparam, mas eles causaram estragos na cidade antes de simplesmente jogá-los para fora da barreira. Ele conseguiu roubar uma pedra de mana e abriu um portal estável fora de nossa cidade. Desde então... bem, ele está aqui e temos medo do que sabemos que ele pode fazer.

— Nosso plano atual é fazer uma pedra do sol com o uso do meu feitiço de glamour. O que você vai fazer quando ele perceber que é você tentando abrir caminho até o portal dele?

Raewyn virou o rosto.

— Não tenho interesse em vê-lo ferido – sei por que ele ficou assim. É nossa culpa não termos feito o suficiente por ele. — Suas lágrimas secas borbulharam à superfície novamente. — E-eu sei que ele é bom, lá no fundo. Quando um dos Demônios que ele soltou tentou me machucar, ele me salvou antes de rosnar para mim e matar alguém diante dos meus olhos. Mas eu quero ir para casa, isso é tudo que me importa. Não há mais nada que eu possa fazer para ajudá-lo.

— Desde que você entenda isso.

Ela estava tremendo agora.

— Se... se o enfrentarmos, por favor, não o machuque.

— Não farei promessas que não posso cumprir. Seremos nós contra ele, e se ele escolheu não proteger você, então você deve encarar a realidade de que a morte é sua ou dele.

— Mas ele era seu amigo! V-você não poderia falar com ele, fazê-lo ver uma razão para nos deixar passar?

Merikh soltou um rosnado profundo.

— Ele *era* meu amigo. Ele não é mais, e se ele realmente se tornou um louco por sangue, não há nada que eu possa fazer. Você deve aceitar isso, porque não quero que fracássemos porque você tentou inutilmente alcançá-lo. Meu amigo está morto para mim, assim como seu meio-irmão está morto para você. Aceite ou será morta.

Raewyn cobriu o rosto enquanto soluçava.

— Meus Deuses, como você pode dizer algo tão sem coração?

Ela sempre teve esperança de que Jabez pudesse ser salvo. Ela não queria aceitar que ele estava perdido, não quando ela podia se lembrar dele segurando-a depois de seu massacre quando eles eram crianças, como ele a envolveu em seus braços e a acalmou até que ela parasse de chorar.

Jabez sempre foi estranho em relação ao sangue porque fazia seu estômago 'doer', mas ele seria o primeiro a cobrir seus arranhões e contusões. Em seguida, ele a carregava em seus braços para seus pais, correndo freneticamente como se estivesse preocupado que sua perna ou mão pudesse cair de repente.

Ele brincara de esconde-esconde com ela. Ele usava suas melhores roupas e suas coroas bobas quando ela queria fazer uma festa do chá. Ele segurava sua mão quando ela estava com medo à noite porque ela tinha pesadelos com os Demônios fora dos muros, sabendo que ela não se referia a ele.

Jabez mimava Raewyn ainda mais do que seus pais. Mesmo quando ela o chutou na canela ou puxou seu longo cabelo, ele nunca

a machucou. Ele nunca a empurrou ou disse uma palavra maldosa para ela até que ele foi preso por quase seis anos.

Seu irmão estava lá, em algum lugar.

— Estou sendo insensível ou estou sendo *honesto*, Raewyn?

Ela odiava o quanto isso doía porque ele provavelmente estava certo. Ela não queria acreditar que Jabez poderia estar perdido para sempre, mas a última vez que o vira ainda lhe dava pesadelos. A maneira como ele rugiu para ela, e seu olhar odioso de olhos vermelhos mesmo depois de salvá-la; estava gravado em sua memória.

Fazia pouco mais de vinte e dois anos nyl'therianos desde que Jabez criou seu portal, que era trezentos e quarenta anos terrestres. Ela não podia imaginar o quanto a diferença de dilatação do tempo poderia estar pesando sobre ele. O tempo parecia estar passando muito rápido aqui? Ele estava sofrendo enquanto observava todos os dias passarem?

Ela não queria que Jabez morresse só porque queria desesperadamente ir para casa.

CAPÍTULO 18

Ela é irmã de Jabez, hein? Merikh pensou, sua visão amarela enquanto ele virava a cabeça para ela pela enésima vez. *Ele nunca mencionou que tinha uma irmã.*

Na verdade, ele não havia mencionado que tinha uma família que, supostamente, cuidava dele.

Merikh imaginou que era porque Jabez estava envergonhado, ou seu tempo em sua 'jaula' ou 'prisão' distorceu suas memórias. Talvez ele os odiasse tanto porque sentiu como se eles tivessem virado as costas para ele, e ele se recusou a aceitá-los como sua família.

Seja qual for o caso, quais eram as chances de *sua* irmã ter encontrado o caminho para a Terra?

O que Merikh *sabia* era que Jabez era conhecido por voltar ao reino élfico. Merikh não tinha ideia do que ele realmente fez lá, seja para olhar para a cidade com ressentimento ou descobrir uma maneira de entrar nela, mas ele caçou elfos para comer para aumentar seu poder mágico.

Demônios de sangue puro não podiam atravessar. Merikh nunca se aventurou por isso porque Jabez se recusou a permitir que ele o fizesse. Talvez ele estivesse preocupado que seu 'amigo' o deixasse permanentemente.

Talvez ele temesse que Merikh ganhasse muita magia comendo um elfo e se tornando mais forte do que ele. Jabez não gostava que ninguém fosse mais poderoso do que ele.

Ele ficou preso por tanto tempo que quer sentir que está no controle. Inferno, nenhum deles estava realmente no controle de suas vidas,

ambos um tanto presos aqui, nunca seguindo em frente.

As lágrimas de Raewyn finalmente diminuíram. A chuva havia parado, mas ela ainda não havia pedido para ser retirada do berço em que ele a segurava.

Seu rosto estava inchado, o nariz mais brilhante do que o normal. Era uma prova de quanto ela realmente se importava com Jabez, mesmo depois de tudo o que ela havia explicado. À sua maneira, isso o deixou com inveja; ele gostaria de ter alguém que derramasse lágrimas por ele.

A questão era que Merikh se identificava com o ódio de Jabez.

Se Merikh estivesse na posição de Jabez, ele teria feito a mesma coisa. Ele teria se enfurecido com a cidade assim que fosse libertado de sua prisão e destruído todos que pudesse. Ele provavelmente também teria salvado seus irmãos e, ao mesmo tempo, virado as costas e o coração para eles.

Ele teria tentado esquecer a existência deles, a existência de seus pais.

Ele tecnicamente já tinha feito isso.

Merikh não queria absolutamente nada com seus pais nem com seus irmãos. Se a situação chegasse a esse ponto, se fossem eles ou ele, Merikh sempre escolheria a si mesmo.

Ele estava vivo há mais tempo.

Ele sofreu por mais tempo.

Muito de seu próprio sofrimento havia se tornado conhecimento deles. *Ele* tinha sido a criança experimental. Foi com ele que seus pais tropeçaram ao aprender a ser mãe e pai - enquanto falhavam terrivelmente por muitos motivos.

Muito de sua dor poderia ser atribuída a eles.

Nenhum número de desculpas poderia apagar o que ele passou. Nada que Lindiwe, a Coruja Bruxa, ou Weldir, o espírito do vazio, fizessem poderia fazer Merikh perdoá-los.

Ele tinha certeza de que era o mesmo para Jabez.

Portanto, mesmo que ela e seus pais tivessem feito tudo com as melhores intenções, quer sua versão da história fosse ou não mais próxima da verdade do que Jabez havia contado a ele, Merikh só poderia ficar do lado de Jabez - enquanto, ao mesmo tempo, queria estalar seu pescoço e arrancar sua cabeça de seus ombros.

Talvez isso mudasse se Jabez parasse de tentar matá-lo.

Isso era duvidoso.

O que o estava incomodando agora, porém, era que as ações de Jabez haviam feito essa mulher chorar. Ele também não gostou de ter desempenhado um papel nas lágrimas dela, e Merikh resmungou para si mesmo.

Ele não costumava se repreender, mas no momento estava fazendo isso enquanto desviava o olhar de seu rosto manchado de lágrimas.

Na verdade, o adorável estado de suas bochechas inflamadas estava fazendo com que seu coração desse um estranho aperto no peito. Em um minuto, sua visão estava piscando em amarelo de alegria porque ela parecia muito fofa, e no próximo, era um rosa avermelhado devido à vergonha.

Ele não conseguia se lembrar da última vez que se sentiu envergonhado.

— Por que você não me conta mais sobre o seu reino? — ele ofereceu, esperando distraí-la.

Raewyn empurrou a capa por baixo para esfregar sua bochecha, e então afastou sua cabeça dele.

— Não. Não quero falar com você agora.

Merikh a balançou levemente em seu berço, tentando incitá-la a ser brincalhona como costumava ser. — Vamos. Por que você não me explica como Jabez conseguiu roubar um cristal do portal? Estou curioso para saber sobre isso.

Seus braços dobrados sob a capa, e ela ergueu o queixo ainda mais alto.

— Eu não quero falar com um grande idiota.

Suas presas se separaram em descrença, antes de fechá-las com um ruído cortante.

— O que você tem, cinco? Pare de agir como uma criança malcriada.

— Faça-me, — ela respondeu descaradamente.

Essas duas palavras juntas, com sua atitude desobediente, fizeram o calor mais estranho disparar em seu estômago. Até mesmo seu pênis formigou e seus tentáculos se contorceram em reação.

A cabeça de Merikh disparou de surpresa para si mesmo, mas o calor continuou a se espalhar lentamente por todo o corpo. Ele se inclinou para frente com um pequeno grunhido, sem saber se era raiva por sua desobediência ou desejo.

— Eu poderia, você sabe — ele retumbou.

Ela teve a audácia de revirar os olhos.

— Oh sim. Como?

Suas presas se separaram, antes que ele as fechasse com outro clipe e um grunhido desta vez. Ele não sabia a resposta para aquela pergunta.

Ele poderia ameaçá-la, mas Raewyn teria que saber que era vazia, já que ela era um bem valioso para ele agora. Ele poderia machucá-la, mas isso só faria com que ela confiasse menos nele, e eles já estavam em condições estranhas.

O que os humanos fazem com seus filhotes quando estão com problemas? Sim, isso mesmo.

— Bem, se você continuar a agir assim, eu poderia espancá-la por ser problemática.

Ele não entendeu por que ela de repente mordeu os lábios, contraindo-se como se eles quisessem se curvar de bom humor.

Ela finalmente os soltou e disse: — Você realmente acabou de me ameaçar com uma boa diversão, Merikh?

Ele jogou a cabeça para trás em indignação.

— Como diabos isso seria um bom momento, Raewyn?

De seu conhecimento, as crianças odiavam ser espancadas! Elas chorariam e gritariam, prometendo nunca mais serem travessas, apenas para serem uma merda dez minutos depois.

A maneira como ela explodiu em gargalhadas às custas dele não foi apreciada.

— Santa donzela, você realmente não entende o significado por trás do que você disse, não é? — Raewyn ofegou, tentando controlar a respiração antes de soltar mais gargalhadas. Ela até chutou as pernas e segurou o estômago como se doesse. — Espanque-me, Merikh. Atreva-se!

Existe algum tipo de piada que estou perdendo aqui?

O fato de seus orbes ficarem rosa avermelhados de vergonha era tão humilhante quanto a risada dela.

Ele praticamente a deixou cair de pé, fazendo-a suspirar de surpresa, antes de arrancar a capa dela.

— Você vai parar de rir, ou então eu vou fazer você andar na chuva quando ela voltar.

O céu noturno ainda estava cinza com nuvens, e a tempestade poderia desaparecer ou retornar.

— Oh não, o que devo fazer? — ela gritou falsamente enquanto jogava a parte de trás do pulso na testa e se virava dramaticamente.

— Se você fizer isso, terei que parar de nos mover novamente porque não poderei andar por causa do frio. O que você deve fazer então? Me bater?

Ela está zombando de mim!

O rosnado de Merikh foi feroz, um aviso para ela parar imediatamente. Ele mostrou suas presas e garras, assim como suas penas levantaram para ficar em toda a sua altura em agressão, rasgando sua roupa. Seus orbes brilhavam com uma perigosa cor vermelha, envolvendo-a em sua potencial violência.

Em vez de ficar assustada, ela se virou para ele com os punhos cerrados ao lado do corpo e se inclinou ligeiramente para a frente. Com o nariz empinado, os dentes cerrados de raiva, ela disse: — *Grr*.

Merikh fez uma pausa, inclinando a cabeça a ponto de quase virar de cabeça para baixo quando seus orbes brilharam em amarelo brilhante. Sua raiva se esvaiu dele como uma rápida rajada de ar, e suas penas caíram.

— Você acabou de... — Ele virou a cabeça para o outro lado. — Você acabou de *rosnar* para mim?

Ele se endireitou e cobriu a ponta do focinho quando um barulho estranho escapou dele.

Um sorriso contorceu seus lábios.

— Talvez?

Aquele barulho estranho finalmente terminou de crescer, e Merikh soltou uma risada calorosa, uma de adoração pelo que ela havia acabado de tentar fazer.

— Você acabou de rir? Tipo... uma risada de *verdade*? — ela perguntou, sua doce voz ficando mais aguda em surpresa, como se ela não pudesse acreditar que ele era capaz de uma emoção tão positiva e pura.

Até mesmo seus cílios brancos vibraram em descrença.

Merikh se aproximou. Ele se elevou sobre Raewyn, seu focinho a centímetros do nariz dela, enquanto permitia que um rosnado alto, deliberado e ameaçador borbulhasse de sua garganta e peito.

Seu nariz se enrugou enquanto ela cerrava os dentes. Desta vez, ela balançou a cabeça para ele enquanto dizia: — Grrrrr.

Ela parece a porra de um cachorrinho! Foi hilariante e cativante. Ele não sabia se ria dela ou acariciava seu rosto malditamente bonito e amassado.

Merikh rosnou novamente. Ela fez seu rosnado em troca, e suas mãos subiram para cobrir toda a cabeça dela. Ele ergueu o rosto dela, sem saber por que era compelido a trazê-la para mais perto, mas algo terno estava brincando com as cordas de seu coração.

Ele rosnou novamente.

Quando ela rosnou de volta, um de seus desejos conflitantes venceu, e não foi sua risada. Merikh esfregou o lado de seu focinho e maçã do rosto contra sua bochecha e mandíbula para acariciá-la.

Seu rosnado se transformou em estrondos antes de todos ficarem em silêncio, exceto por alguns grilos que decidiram sair do

esconderijo.

Ele não tinha percebido que sua visão havia escurecido devido a uma emoção delicada fechando-a até que ele abriu sua visão e seu vermelho usual piscou. Quando ele registrou o que estava fazendo, Merikh grunhiu e se afastou dela.

— Desculpe — ele murmurou, coçando a lateral do pescoço. — Não sei por que fiz isso.

Suas pálpebras se abriram. Ela parecia confusa e desajeitada, e ele não tinha certeza se isso era uma coisa ruim ou não.

— E-está tudo bem — disse ela, oferecendo-lhe um sorriso reconfortante e quebrado.

Este dia foi cheio de altos e baixos, e Merikh não tinha certeza de como lidar com eles.

O interlúdio sexual deles na noite anterior não havia realmente deixado seus pensamentos, e ele ainda não tinha certeza de como deveria se sentir sobre isso. Ele estava bem ciente de que se permitiu ser pego no momento, seu cheiro, seu toque e o fato de que ela estava usando a mão *dele* para dar prazer a si mesma.

Ele aproveitou cada maldito segundo, especialmente porque seus ruídos eram fofos, seu corpo sensual e seu rosto lindo, cheio de um olhar erótico e ardente. Era difícil acreditar que ela tinha sido a única a instigá-lo.

Ele se recusou a falar com ela sobre isso.

Ele não queria saber como ela se sentia, não quando isso poderia fazê-lo refletir negativamente sobre aquela memória. Se ela se arrependesse, arruinaria tudo para ele, então ele preferia não falar sobre isso.

Então, falando sobre seu passado, aprendendo sobre sua conexão com Jabez, e agora esta explosão embaraçosa dele?

Merikh coçou o pescoço, meio que desejando poder desaparecer naquele momento enquanto seus orbes continuavam a aprofundar sua tonalidade rosa-avermelhada.

O que há de errado comigo? Eu nunca agi dessa forma com outro.

Ele não permitia que ninguém o irritasse, permanecendo bastante distante de todos que encontrava. Seja um humano ou Demônio, Merikh não permitia que ninguém torcesse seu estômago assim.

Então, por que ela, de todas as pessoas?



Pela sagrada Donzela Dourada... Não acredito que ele acabou de fazer isso comigo, Raewyn pensou, enquanto basicamente ele empurrava a bengala dela para ela.

— Eu acho que você deveria andar sozinha por um tempo — afirmou Merikh com uma voz tensa antes de dar a outra mão a ponta da corda guia.

Raewyn agarrou ambos os itens em suas mãos, suas bochechas esquentando. Assim que ela posicionou os dois para poder andar, a corda puxou e ele abriu o caminho, enquanto ela estava alguns passos atrás.

Batendo a ponta redonda de sua bengala contra o chão para se certificar de que não tropeçaria em nenhuma raiz ou entulho do chão da floresta, ela não pôde deixar de abaixar a cabeça.

Não de vergonha ou embaraço, mas na esperança de esconder a estranha expressão em seu rosto. *Ele não quer me carregar porque se sente estranho? Talvez ele esteja se sentindo muito confortável comigo porque continuamos nos tocando?*

Claro, seus pensamentos correram desenfreados. Ele praticamente acariciou a pele de seu rosto!

Era Merikh. Ele não parecia ser o tipo de cara que se esfregava em outro afetuosamente, e ainda assim ele tinha feito isso com ela. Tudo porque ela rosnou de brincadeira para ele?

Seu coração quase saiu do peito, confuso, mas totalmente encantado. Seu rosto ossudo era duro, e ele o pressionou profundamente enquanto o esfregava contra sua bochecha, mas isso a lembrou de um dos animais de estimação que eles tinham em Nyl'theria implorando por carinho.

Se ela não tivesse ficado tão assustada com isso, ela poderia ter reagido.

Ele ficou todo tímido e desajeitado.

Ela quase ficou impressionada com ele quando faíscas rosa-avermelhadas surgiram em sua visão. Ela achou doce, mas não queria deixá-lo desconfortável. Ela meio que esperava que ele fizesse isso de novo no futuro, mas intencionalmente.

As entranhas de Merikh eram tão duras e irregulares quanto as externas.

Ter testemunhado apenas um pingo de ternura parecia impossível. Ela não ficou surpresa que ele imediatamente desviou e

os fez começar a andar, como se ignorasse o que acabara de acontecer.

O que, é claro, a deixou mentalmente amuada.

Por que ele é o único a levantar uma parede? Ele era o Caminhante do Crepúsculo, não ela, então por que ele foi tão rápido em colocar uma barreira entre eles?

Não deveria ser ela quem odiava tais ações dele?

Em vez disso, ela não conseguia parar de acelerar o pulso toda vez que sentia um formigamento na bochecha, como se o fantasma do toque frio dele a estivesse congelando. Isso só a fez lembrar o que estava deslizando entre suas coxas menos de um dia atrás.

De repente, toda a sua boceta ficou quente na memória.

Ele levantou uma parede depois disso também, talvez mais de uma.

Raewyn fechou os olhos com força. *Eu me sinto meio patética*, ela pensou consigo mesma com uma risada sem humor. *Ele me mostra alguns momentos de bondade e, de repente, sou como uma criatura no cio?*

Ela sabia que não era verdade, já que não estava tentando escalá-lo agora.

Merikh geralmente era tão rude, baixo e mesquinho que, quando não era, sempre a pegava de surpresa. Ela puxou esse fio estranho em sua cabeça que talvez ele só fosse assim com ela, mas ela duvidava que isso fosse verdade.

Tinha que haver alguém, em algum lugar, com quem ele fosse afetuoso livremente.

Ela desejou que a ideia não lhe desse um nó no estômago com um leve ciúme. Raewyn, apesar de ser uma cientista-chefe, nunca foi especial para ninguém além de seus pais. Mesmo assim, seus pais

eram obcecados em ajudar Jabez, tanto que, às vezes, Raewyn era deixada de lado até que ele viesse para a Terra.

Ela não disse isso a Merikh porque não queria que ele pensasse que ela tinha inveja de seu meio-irmão. Era apenas um fato que, quando criança, ela não era a pessoa interessante, ou aquela que precisava de ajuda, ou amor e carinho extra.

Ela não se importou na época, já que conseguiu reunir todo o afeto que queria de Jabez. Ela o irritava, e ele a deixava livremente. Ela violaria seu espaço e ele a acomodaria da melhor maneira possível. Mesmo que ele odiasse quando ela trançava seu cabelo e colocava flores nele e em volta de seus chifres, ele os usava com orgulho até que todos caíssem.

Ela tinha muitos amigos, mas eles saíam para fazer coisas divertidas enquanto ela estudava. Ela adorava a escola, e quando Jabez foi trancado, ela se jogou até o pescoço como uma forma de lidar com isso.

A solidão não era um problema em seu radar.

Alguém tinha que se importar que eles estivessem sozinhos para serem incomodados por tal coisa. Ainda assim, isso não significava que, em alguns momentos de sua vida, o espaço ao lado dela não parecesse um pouco vazio.

Isso foi, até que ela perdeu a visão. Então as pessoas se tornaram esmagadoras.

É por isso que ela adorava Cykran. Ele não era como os outros elysios. Ele não a irritava, não a incomodava, e se não fosse por sua respiração, ela mal notaria sua existência.

Acho que me sinto assim em relação a Merikh.

Viajar com alguém por tanto tempo já a teria incomodado, mas ela não se incomodava nem um pouco com ele. Ela não tinha filtro com ele, era tão extravagante quanto queria ser, e ele apenas resmungava. Ele nunca a parava, não parecia se importar, e isso só a deixava... pior – o que a fazia querer rir de si mesma.

Rir, até que ela percebeu que nunca, nem uma vez, foi despertada por Cykran.

Eu realmente espero que ele tente me espancar. O grande idiota não tinha absolutamente nenhuma ideia do que acabara de oferecer.

Raewyn só tinha sido espancada uma vez em sua vida por um parceiro sexual, e eles agiram tão desajeitadamente que minou toda a diversão do momento. Um leve toque, então ele checou para ter certeza que ela estava bem, preocupado que ele a machucaria quando esse era o ponto.

Ela quase bocejou e adormeceu.

Raewyn não queria ser tratada como se fosse feita de vidro, mas a maioria de seus parceiros o fez. Todos pareciam pensar que ela era algum tipo de santa inocente.

Ela não tinha necessariamente feito muitas coisas excêntricas, embora tivesse feito algumas. Ela queria experimentar coisas novas e ver se eram coisas que ela gostava, experimentar sua sexualidade. Era difícil fazer isso com um parceiro que ela temia que se sentisse pressionado a tentar em seu benefício. O que era uma surra e uma mordida entre amigos?

Revirando os olhos, ela suspirou. *Aparentemente, isso é pedir demais.*

Ela não se importava com um pouco de dor; embora ela não quisesse estragar sua pele quase perfeita, mas havia muito o que

fazer entre isso.

Um pouco agradecida pelo vento estar soprando na direção deles ao invés de por trás, o que provavelmente impedia que o cheiro dela flutuasse em direção a ele, Raewyn se aproximou um pouco mais.

Eu me pergunto como seria se ele parasse de erguer paredes e simplesmente deixasse as coisas acontecerem. Raewyn ficaria entediada porque não era mais emocionante, ou sua personalidade autoritária a faria querer mais?

Ela queria isso?

Em um minuto, sentiu um corte de pavor em seu peito ao pensar em ter intimidade com ele novamente, e no seguinte, antecipação. Outra, magoada quando ele podia ser tão 'honesto', e depois agradecida por não querer mimar os sentimentos dela. Ele era mau em um momento e mais atencioso do que a maioria das pessoas no seguinte.

Ela queria que ele fosse mais gentil, mais afetuoso, talvez até mais sensual? Ou continuar sendo um grande bruto?

Ele era diferente dela, dos humanos, dos Demônios, de qualquer coisa que ela já conheceu. Mesmo apenas o grande espaço que ele ocupava parecia diferente. Insuportável, e de alguma forma quente.

Talvez eu não devesse pensar em coisas que talvez não queira.

Com um farfalhar de folhas, ela sabia que ele moveu um galho baixo. Suas orelhas se contraíram e ela se abaixou para impedir que atingisse seu rosto quando ele o soltasse. Ele voou acima de sua cabeça, algumas folhas caindo em seu cabelo.

Sua risada sombria a aqueceu, como se ele soubesse o tempo todo que ela iria evitá-lo. Ele estava testando seus reflexos ou apenas tentando distraí-la?

Ela respondeu com um sorriso conivente.

Faça isso de novo e observe o que acontece. Sua cabeça e coração estavam em todo lugar, e ela estava feliz em lutar sujo contra um valentão.

Se ele estivesse levantando paredes, ela faria de seu objetivo escalá-las até que ele estivesse realmente em desvantagem.

Atualmente, ela nem estava tentando. *É melhor ele tomar cuidado.*

CAPÍTULO 19

Não demorou muito para Raewyn ser carregada pela floresta mais uma vez por Merikh prendendo-a ao seu lado ou embalando-a. Quanto mais perto eles chegavam do Véu, mais rápido ele os atacava.

Considerando os ocupantes da floresta, aproximar-se e depois entrar na segurança de seu suposto protegido não parecia uma péssima ideia. Ela era um alvo fácil aqui.

Eles foram atacados uma vez ao se aproximarem, mas Merikh eliminou o Demônio rapidamente e eles seguiram em frente. Ela sentiu culpa por sua morte, já que provavelmente era seu cheiro que estava perseguindo.

Saber que eles poderiam realmente se tornar uma pessoa, que eles poderiam mudar e ser bons, significava que parecia quase... errado.

Explicar isso para Merikh provou ser inútil e, em pouco tempo, eles estavam no limite do Véu.

Quando eles chegaram, ele a colocou perto do desfiladeiro e arrumou suas mochilas em preparação para descer. Depois de colocar as mochilas no chão para verificar se tudo estava seguro, ele tirou a capa, já informando que só atrapalharia.

Raewyn, por outro lado, cobriu o nariz com a manga.

— Santa donzela, isso cheira mal, — ela comentou com uma sugestão nasalada em sua voz. — Não cheira assim em Nyl'theria.

— É a magia de Weldir, — afirmou Merikh, enquanto os itens batiam juntos. — Existem dois tipos de névoa que se movem através do Véu: uma branca recorrente e uma preta.

— E a preta é Weldir? — Raewyn fez uma careta. — Por favor, me diga que não cheira assim lá embaixo. Acho que não aguentaria mais de uma hora.

Cheirava a podridão animal e decomposição, ao mesmo tempo enjoativamente doce e azedo. Quase tinha um cheiro frutado, que só exalava de um cadáver por causa de bactérias.

— Não. É Weldir purificando as almas que ele capturou, aquelas que os Demônios estão transportando para o Véu toda vez que comem um humano. Eles não sabem que a estão carregando, mas distorcem e infectam a alma, que ele precisa purificar antes de levá-las a Tenebris para mantê-las seguras. A névoa negra é tanto seu alcance quanto a manifestação física dessas toxinas. O cheiro faz parte desse processo, sobe e desvanece. Na verdade, é uma coisa boa.

Raewyn inclinou a cabeça em sua direção.

— Como você sabe tudo isso? Nem eu sabia.

— Há muita coisa que eu sei que a maioria não sabe, — ele respondeu claramente. — Quando você mergulha em todos os lados das pessoas, fica a par de merdas que gostaria de não ter descoberto.

— Eu não poderia discordar mais. Mesmo que não seja bom ou pareça difícil de descobrir, quanto mais conhecimento você tiver, melhor.

Seu rosnado foi baixo, mas não menos ameaçador.

— Isso é porque você nunca aprendeu algo que gostaria de esquecer.

Raewyn abriu a boca para discordar e então a fechou. *Acho que é verdade.* Ela nunca havia se deparado com algo tão terrível que pesava muito em sua consciência.

Claro, havia seu irmão, mas ela não iria esquecer Jabez, não importa o que o mundo jogasse sobre ela. Mesmo que ele estivesse ausente, ele estava sempre em seus pensamentos. Muito do que seus experimentos científicos tratavam era levá-lo para casa - de preferência para não ser enterrado.

Ela até assumiu parte do trabalho de sua mãe sobre como unir genomas de seu povo com Demônios, esperando que uma injeção pudesse dar a eles uma forma física adequada. Todos os testes foram inconclusivos até agora.

Deixando a conversa de lado, ela voltou para o desfiladeiro logo além de seus pés. Ela notou uma bola vermelha brilhante em sua visão, como se houvesse um feitiço sendo usado ou lançado nas proximidades na direção da água corrente.

Deve haver uma cachoeira por perto.

— Sabemos do Véu, — ela murmurou enquanto uma brisa suave soprava ao seu redor, ameaçando fazê-la engasgar. — Mas eu realmente não sei como é.

— Não passa de um desfiladeiro com milhares de árvores. Não é especial.

Um suspiro passou por seus lábios.

— Eu gostaria de poder ver isso.

O silêncio que sangrou entre eles era pesado. Dizer coisas assim muitas vezes pesava na pessoa ao lado dela, mas ela não queria esconder como se sentia para protegê-la.

Ela queria saber como era o Véu. Ela queria saber onde seu irmão estava morando, se era claro ou sombrio.

Então, no verdadeiro estilo Merikh, sua grande mão quente acariciou o topo de sua cabeça.

— Se eu pudesse te emprestar minha visão, eu o faria.

Seu tapinha e depois o golpe lento não foram condescendentes. Em vez disso, foi como a tentativa desajeitada de alguém que não tinha ideia de como confortar o outro, mas que pelo menos estava tentando, como alguém dizendo 'pronto, pronto' enquanto surtava internamente.

Ele não teria ideia de como ela achou reconfortante sua tentativa, o quanto ela apreciou isso e que a suavizou em relação a ele.

Ela considerou dizer a ele que ele podia de sua perspectiva, como ele tinha feito na caverna, mas decidiu contra isso.

Eu vi algo quando estávamos sentados nos degraus da Cidade de Ashpine. Por apenas um segundo, quando ela se encostou nele pela primeira vez, ela viu a cidade em um borrão de cores.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios. *Acho que ele queria compartilhar sua visão comigo também.* Era como dar uma olhada secreta em seus pensamentos.

Raewyn virou a cabeça para agradecer sem entusiasmo, apenas para pular para o lado com um suspiro quando o vermelho cintilou em sua visão.

Foi a sensação mais estranha, como se algo frio perfurasse seus olhos. Uma luz vermelha brilhou, como se estivesse bem no centro, antes de explodir em uma onda circular até que as chamas dançassem do lado de fora de sua visão.

As chamas vermelhas estavam constantemente em sua periferia, e ela levou um momento para perceber que havia uma imagem no meio. Foi hiper claro de uma forma que não era natural.

Piscando rapidamente, ela cobriu o rosto, e a imagem de rochas, vegetação e um céu azul desapareceu. Quando ela afastou as mãos, ele voltou.

Não era como antes, quando Merikh havia compartilhado sua visão.

Era seu próprio ponto de vista. Ela poderia mudá-lo e mover-se para onde o focalizasse, mas era desorientador. Fazia anos desde que ela realmente viu algo físico, e isso foi uma sobrecarga para seus sentidos.

O anel vermelho nunca desapareceu, mas também nunca afetou sua visão. Isso fez a borda externa de sua visão brilhar, mas o meio estava totalmente claro – mais claro do que ela jamais foi capaz de ver antes.

O que ela viu a deixou sem fôlego.

Quando ela imaginou o céu, ela não imaginou um tom tão claro de azul. As nuvens brancas e fofas eram como aquelas em casa, mas o sol singular além era amarelo. Os três sóis em casa eram verde, azul e vermelho, que muitas vezes sombreavam o mundo em tons diferentes, dependendo de qual estava mais próximo em sua rotação anual.

Os verdes exuberantes também tinham tons variados. A grama era mais clara do que ela esperava, mas algumas das árvores eram mais escuras. A casca deles era realmente marrom, quando ela pensou que teria uma vermelhidão, como a seiva em seu reino.

E finalmente... o desfiladeiro era muito maior do que ela jamais poderia esperar. Era como se um gigante do tamanho de um planeta tivesse esfaqueado o chão com uma faca e o cortado.

Raewyn soltou um suspiro agudo e se afastou da borda que Merikh a deixou estar perigosamente perto. A queda parecia longa e fatal.

Seu olhar disparou para uma cachoeira que jorrava no desfiladeiro não muito longe. Ela conseguiu ouvi-la, mas não apreciou o quão perto ela realmente estava.

Um movimento chamou a atenção quando um braço se estendeu, coberto por uma camisa de flanela vermelha.

— Que porra é essa? — Merikh cuspiu, cobrindo seu próprio rosto com garras negras afiadas. — Por que não consigo ver?

Seus lábios se abriram quando ela, pela primeira vez, viu verdadeiramente seu companheiro de viagem.

Seus pés estavam descalços, a carne deles de um cinza escuro com pequenas garras negras nos dedos dos pés. Suas calças eram pretas, largas, ajustadas a ele por um cinto marrom. Sua camisa tinha sido alterada nas laterais para caber em seu corpo maciço, dois triângulos de tecido creme tornando-a maior, como se ele os tivesse costurado em si mesmo.

Pelos curtos e pretos brilhantes saíam de suas calças e punhos de camisa.

O que fez com que o calor se esvaísse de sua expressão foi quando ele tirou as mãos com garras cinza-escuras da cabeça e ela viu seu rosto.

Era um crânio de urso branco puro coberto com o que ela só podia imaginar ser a versão dele de cicatriz. Os chifres castanho-escuros e encaracolados no topo de sua cabeça quase pareciam diabólicos, como se ele tivesse vindo das profundezas da

condenação. Suas órbitas estavam vazias, porém, quando ele disse a ela que tinha orbes brilhantes lá.

Ela cobriu os olhos mais uma vez.

Proferindo baixinho, ela sussurrou: — Você me deu sua visão?

Ela não podia acreditar nisso. Ela podia literalmente ver!

Fazia mais de seis anos nyl'therianos desde que ela conseguiu ver o céu, o chão, suas próprias mãos! Ela quase havia esquecido como eram suas mãos! Ela olhou para as costas deles, seus olhos se arregalando.

Santa mãe... Ela aproximou as pontas dos dedos para inspecioná-los. *Eu realmente preciso limpar minhas unhas.*

Era a coisa mais estranha para se concentrar, mas imediatamente a fez sorrir.

— O que você quer dizer com eu te dei minha visão? — Merikh rosnou, antes de estender a mão cegamente em sua direção. — Devolva.

Os pés de Raewyn se moveram por vontade própria enquanto ela recuava para escapar de seu alcance. Ela não tinha a intenção, ela realmente não tinha, mas ela não queria que ele voltasse... ainda?

Quando ele deu um passo à frente uma segunda vez, seu coração se encheu de culpa enquanto ela propositadamente recuou novamente. Ela ofegou enquanto a ansiedade tomava conta de seu esterno.

A forma como a cabeça ossuda de Merikh se contorceu não era natural. Inclinou-se até ficar quase de cabeça para baixo.

Seu rosnado seguinte enviou um pico de medo através dela, mas ela rapidamente o esmagou. Ele sabia, seja porque errou duas

vezes ou porque ouviu a rocha se movendo sob seus pés, que ela estava recuando.

— Devolva, Raewyn, — ele exigiu, afastando-se ainda mais das mochilas que estava checando.

Sua cabeça voltou para uma posição ereta, assim como sua coluna, enquanto ele se elevava sobre ela. Ele praticamente bloqueou o lindo sol, lançando uma sombra sinistra sobre ela.

Ele era tão... enorme. Ele era mais largo do que ela imaginava, e seu crânio imponente tinha a capacidade de pairar sobre ela com a diferença de altura.

Houve momentos em que alguém reconheceu que estava tomando a decisão errada, fazendo a coisa errada. Isso não os impediu de fazê-lo; eles estavam apenas cientes disso.

Este foi um daqueles momentos para Raewyn.

Apesar de quão profundamente sua culpa e vergonha reviraram seu estômago, ela ainda balançou a cabeça. Raewyn deixou cair a bengala.

— Não, — ela sussurrou.

Raewyn não queria devolver.

Quando ele abriu suas presas mortais, seu rosnado diminuindo em profundidade enquanto ecoava, ela disparou para a floresta.

Como se ela fosse lhe devolver a visão! Ela podia ver! Ela procurou por uma cura o tempo todo, e ela estava flutuando bem em seu rosto pelo último mês e meio.

Seu rugido fez seus ombros virarem para dentro. Ela arriscou olhar por cima do ombro enquanto desviava de árvore após árvore para vê-lo batendo em várias enquanto perseguia. Ela estava acostumada a navegar em ambientes sem visão; Merikh não era.

Isso não o tornou mais lento, já que ele apenas se recuperou e continuou em movimento. Ele até pisou em um arbusto que a teria feito tropeçar.

Raewyn guinchou quando pensou que ele estava se aproximando dela.

Se eu posso ver, não preciso mais dele. Posso encontrar todos os ingredientes de que preciso sozinho. Se ele tem uma pedra de mana, deve haver mais. Ela balançou os braços enquanto corria e sua alma voou. Eu posso andar pelas cidades humanas facilmente agora!

Ela não precisava mais da orientação ou ajuda de Merikh.

Ela não estava mais presa, confinada à sua situação, porque havia mudado drasticamente.

Se ela jogasse bem as cartas, poderia cansá-lo hoje e arrancar a joia azul que ela tinha visto no topo de sua testa. *Posso estar em casa dentro de um mês, tenho certeza disso!*

Ela poderia fazer a pedra do sol, atravessar o Véu com ela como proteção e então invadir o castelo de Jabez – uma vez que ela o encontrasse. Ela poderia até conseguir falar com o irmão, talvez até fazê-lo mudar de ideia, levá-lo para casa.

Ela poderia parar a guerra que ele obviamente estava tentando incitar.

As possibilidades eram infinitas.

Embora ela pudesse ouvir os rosnados de Merikh, nem uma vez eles a assustaram. Em vez disso, ela se moveu rapidamente pela floresta, como se sempre tivesse vivido nela. Ela respirou, sentiu através de seus pés, as pontas dos dedos, como rodopiava com o vento e soprava no âmago de seu ser.

Ela estendeu a mão para agarrar um galho baixo e o usou para se balançar sobre um tronco de árvore caído. O impacto em seus pés descalços quando ela pousou a fez cair de joelhos, mas ela sorriu ao ver a leve lança que irradiava de seus tornozelos.

Não me lembro da última vez que me movi assim.

O vento cortava sua roupa, sua velocidade era tão rápida que levantava as pontas de seu cabelo trançado enquanto batia na parte de trás de seus ombros. Estava frio, mas estimulante, e seus movimentos a aqueceram durante isso.

Havia pequenas flores amarelas e brancas espalhadas pelo chão aqui e ali. Ela se lembrava de sentir o cheiro delas quando passaram por aqui.

Ela olhou para cima, observando como o dossel de folhas brilhava com a luz do sol entrando pelas frestas. A casca era áspera, e tocá-la momentaneamente para se apoiar ou empurrar uma árvore a lembrou do quanto ela gostava de brincar.

Quanto mais rápido ela andava - sem ter que ser cautelosa - ela ria, pois ela podia examinar cada perigo conforme se aproximava.

Provavelmente não era a coisa mais sábia a fazer com o Caminhante do Crepúsculo ainda perseguindo-a constantemente, mas ela não podia negar o quanto estava se *divertindo*.

Nem uma vez ocorreu a Raewyn que ela deveria estar fugindo dele porque seu primeiro olhar para ele foi assustador, ou que ela deveria estar fugindo porque ele era um monstro.

Ela deveria estar fugindo do que ele era, não porque quisesse egoisticamente manter o que ele acidentalmente lhe dera.

Pela primeira vez em anos, Raewyn foi capaz de levar seu corpo ao limite. Quanto mais ela corria, desacostumada a isso, mais

seus pulmões se contraíam dolorosamente, suas coxas doíam com o esforço. Ela se deleitou com a dor.

Ela saltou para se agarrar a um galho baixo diferente e depois subiu em cima dele. Ela se agachou sobre ele, esperando que Merikh passasse por baixo dela. Ela precisava de alguns segundos para recuperar o fôlego, para aliviar o rápido ofegar de seus pulmões e o batimento acelerado de seu coração.

Seus olhos quase saltaram das órbitas quando ele derrapou até parar entre as árvores, cercado por um brilho vermelho dançante. Ela esperava que ele fugisse para a floresta, permitindo que ela recuasse e, eventualmente, o perdesse.

Ele estava seguindo o cheiro dela, e quando parou, ele também parou. Ele pode até ter ouvido seus bufos rápidos.

Ele parar não foi o que fez seus olhos se arregalarem.

Foi o fato de que toda a sua roupa havia sumido e ele estava correndo de quatro. Projetando-se através do pelo preto em suas costas havia centenas de penas cinzas com pontas escuras e afiadas. Elas pareciam mortais, erguidas em óbvia agressão, e tinham uma aparência tão desagradável quanto as que se projetavam na parte de trás de seus antebraços e panturrilhas.

Sua cauda cinza se enrolou antes de balançar para o lado, como se o tufo de pelo preto na ponta fosse pesado.

Os ruídos que vinham dele eram animais; um predador raivoso e enfurecido farejando e latindo como um urso.

— *Eu sei que você está aí,* — ele rosnou.

Raewyn estremeceu, nunca tendo ouvido sua voz cair tão baixo e dividida entre os tons – como se ele estivesse tão perto, mas

também longe. Havia quase um eco nela, o que a tornava ainda mais enervante.

Não é de admirar que os humanos tivessem medo de sua espécie se eles fossem capazes de correr assim, soar assim, *caçar* assim.

Então, por que ela não estava com medo?

Não, ela era o oposto de medo.

Animada, entusiasmada, focada. Ela era a presa caçando a besta.

Seu crânio ossudo e branco virou para um lado enquanto ele resfolegava, farejando a área. Ele virou para o outro lado, então assustadoramente levantou em sua direção.

— *Encontrei você.*

Raewyn gritou e saltou para outra árvore quando atirou para o galho em que ela estava descansando. *Ele alcançou em um salto!* Suas garras estavam a milímetros de cortá-la, se ela não tivesse pulado. Ele nem pegou o galho; ele apenas o cortou ao meio com um *estalo distinto*. Tinha sido grosso e forte o suficiente para suportar seu peso!

Ela continuou a pular de árvore em árvore enquanto Merikh a seguia no chão.

— *Mesmo sem a minha visão, eu sou mais rápido que você,* — ele rosnou, assim que ele escalou a lateral de uma árvore que ela estava escalando para escapar.

Ela era mais leve e esperava evitá-lo subindo. O peso dele a dobrou, e ela se deixou cair no galho baixo de outra árvore quando teve que se pendurar no tronco curvado.

Raewyn não respondeu. O que ela poderia dizer nessa situação?

A trituração da casca sendo pulverizada sob suas garras contraiu seus ouvidos, e ela começou a ter uma reação estranha a isso. Elas soavam afiadas, como se tivessem a habilidade de rasgar qualquer coisa em pedaços. No entanto, quanto mais perto ele chegava, mais seus mamilos endureciam a cada rachadura, cada fatia.

Ou sua reação de fuga ou luta estava agindo, ou ela estava excitada por ser perseguida. Quanto mais excitada ela ficava, especialmente quando era *forçada* a pular no chão porque a árvore mais próxima estava muito longe até mesmo para um Elysio, mais calor acumulava em seu estômago.

Sua respiração estava ficando ofegante, e um rubor se espalhando por todo o seu corpo a aqueceu contra o frio de sua velocidade, cortando o vento.

Raewyn se abaixou assim que Merikh estava atrás dela, e suas garras cravaram em um tronco de árvore acima dela. Ela deu uma cambalhota para o lado, ficou de pé e não olhou para trás enquanto corria ao redor da árvore para voltar por onde eles vieram.

Eu não deveria ter esperado que ele fugisse. Ela percebeu isso agora. Nesse ritmo, ela se cansaria antes dele.

Ela também estava perdendo o entusiasmo por ser perseguida. De repente, ela queria ser pega, sua mente presa no pensamento aleatório dele agarrando-a pelo tornozelo e arrastando-a para baixo dele.

Prendendo-a, seu cheiro de laranja e canela lavando-a enquanto ele soltava aqueles rosnados e grunhidos emocionantes.

Raewyn lambeu os lábios antes de limpá-los com as costas do pulso. Seus lábios estavam ressecados, mas sua boca estava úmida.

Ele a comeria? Ele arrancaria suas roupas e a levaria contra o chão com força e rapidez em fúria? O desconhecido era bizarro, tanto assustador quanto assustadoramente excitante.

Merikh soltou um rugido não muito atrás dela, e sua vagina se apertou com tanta força que ela tropeçou. Seu suspiro foi tão agudo que ela quase perdeu o que ela pensou que poderia ser um gemido vindo dele.

Ele pode sentir que estou ficando excitada? Porque a Donzela Dourada a ajude, estava vazando dela, cobrindo a parte interna de suas coxas. De alguma forma, isso tornava a corrida mais rápida, agora que suas coxas estavam lubrificadas.

Alguma coisa está errada comigo. Como ela poderia deixar de fugir para roubar a visão dele e querer que ele a pegasse? *Como posso desejá-lo depois de descobrir como ele é?*

Ela teve um pressentimento do que detectou nas raras ocasiões em que tocou ou esbarrou nele, mas não podia se comparar com a estranheza sobrenatural do que realmente estava lá.

Por que seus seios de repente doíam e pareciam pesados por causa dele? Por que seu estômago apertou, causando espasmos em seu núcleo, por causa de Merikh no modo besta?

Qualquer pessoa *sã* estaria surtando agora, e ela estava tendo a reação oposta.

Tudo voltou àquela noite na caverna. Quer ela quisesse ou não, ela se sentia atraída pela personalidade bruta e corpo duro de Merikh. Ela não teria se espremido contra a mão dele enquanto dormia em seu abraço se não estivesse.

– *Pare,* – ele exigiu, mas estava trêmulo, como se ele tivesse dito isso com um tremor profundo sacudindo todo o seu corpo. Até

mesmo seus xingamentos eram mais altos e ofegantes do que antes.

Ok, ele definitivamente podia sentir o cheiro de como ela estava excitada.

Isso significa que posso parar sem ser espancada até a morte?

Não importa o quanto ela corresse, ela não iria fugir. Ele era surpreendentemente ágil, mesmo sem a visão, e obviamente estava acostumado a correr pela floresta. Mesmo que ele esbarrasse em algo, ele apenas avançava. Ele era uma pedra rolante, aniquilando tudo em seu caminho.

Mesmo que a ideia de ser agarrada pelo tornozelo quase a fizesse morder o lábio, ela não queria que ele a machucasse acidentalmente. Ele já havia dito a ela que o cheiro de sangue poderia deixá-lo louco.

Se ele a agarrasse ou mesmo a abordasse, ela poderia ser acidentalmente cortada.

Então, Raewyn fez a coisa mais segura que ela poderia pensar.

Depois de correr um pouco mais, bem quando ele estava a apenas alguns metros atrás dela, ela pegou um tronco grosso. Raewyn se virou, bateu as costas contra ela e esperou por ele.

— Merikh, — ela chamou, bufando descontroladamente. — Eu parei de correr.

Ela apertou as coxas com a imagem dele correndo de quatro em sua direção. Ele era quase um borrão preto com uma caveira branca flutuante. Em *segundos*, ele estava diretamente na frente dela, suas garras perfurando a árvore, fazendo com que a casca se desprendesse sob as pontas delas.

O calor que irradiava dele era intenso, acenando através de seu corpo cada vez que seu peito se expandia e descomprimia. Era ainda

mais quente vindo de suas presas separadas, e a doçura do perfume em sua respiração roçou sobre ela.

A ponta de seu focinho ossudo estava a centímetros de seu nariz quando ela olhou para ele. Ele estava visivelmente tremendo. De raiva, ou talvez de desejo, ela não sabia dizer. Ela abaixou os olhos para a virilha dele, mas além de um inchaço perceptível vindo de dentro dele, seu pênis não estava exposto.

Se ela não o tivesse sentido esfregar contra ela, tocado, se tivesse escorregado entre suas coxas, ela não teria pensado que ele tinha um.

Um grunhido constante saía do fundo da garganta dele, e as orelhas dela formigavam.

A visão roubada voltou para o rosto ossudo dele.

Agora que ele estava bem na frente dela, ela esperava que seus sentidos voltassem e que ela ficasse com medo, cautelosa ou pelo menos adiada. Em vez disso, ela estava caindo mais fundo em qualquer feitiço que ele tivesse lançado sobre ela.

Se não fosse por suas garras cortando cada vez mais fundo, ou suas penas permanecendo afiadas e levantadas sobre seu corpo, ela teria pensado que ele estava se acalmando.

Merikh parecia no limite de suas forças, tentando controlar suas emoções, mas falhando.

Tudo dependia do que ela decidisse fazer a seguir.

Raewyn timidamente estendeu a mão para colocar as mãos na ponte de seu focinho. Havia um corte ali que parecia um ferimento de espada, e ele tinha quatro marcas de garras cortando a órbita do olho direito.

Era o rosto de alguém que havia sido ferido por dois tipos diferentes de pessoas.

— Então é assim que você se parece, — ela sussurrou em respirações suaves, mas rápidas.

O que ela examinou foi magnífico.

Fosse seu toque ou suas palavras, uma delas o colocou em ação. Dentro de um piscar de olhos, Merikh envolveu sua enorme mão com garras ao redor de sua garganta e a ergueu até a ponta dos pés.

— *Nunca mais fuja de mim de novo*, — ele rosnou, uma língua roxa saindo para deslizar por suas presas afiadas. Então, ele realmente apertou sua garganta, e seu corpo inteiro pulsava enquanto sua língua caía para frente para ofegar eroticamente. — *Porque da próxima vez, eu posso simplesmente matar você. Agora devolva minha visão.*

A visão de Raewyn cintilou. Conforme escureceu, duas esferas vermelhas começaram a se formar onde estavam suas órbitas vazias. Pouco antes de sua visão desaparecer completamente, ela observou o vórtice de fogo de seus orbes se transformar em roxo brilhante.

Mais uma vez, Raewyn se deparou com a mesma escuridão de sempre.

Ela não teve tempo de digerir essa perda quando suas mãos caíram para descansar contra seu peito firme. Não quando Merikh se inclinou para a frente e deslizou a língua de baixo do queixo dela, ao longo de toda a mandíbula, até a orelha. Um gemido agudo ficou preso em sua garganta.

— *Por que diabos você tem que cheirar tão bem?* — ele gemeu, o que entrou em conflito com o rosnado que continuou a sair dele.

Mesmo sua voz monstruosa suavizou, mas não desapareceu totalmente. – *Você cheira muito molhada aqui.*

O suspiro que saiu de Raewyn foi abafado pelo gemido que se seguiu quando ele enfiou os dedos entre a pressão apertada de suas coxas. Suas mãos desceram para agarrar as dele, o que apenas esticou seu pescoço ainda mais em seu estrangulamento enquanto ela se enterrava nele.

– *O que há com essa expressão?* – ele perguntou com um estremecimento. – *Quem diabos fica excitado por um Caminhante do Crepúsculo perseguindo?*

Raewyn estremeceu. *Eu, aparentemente,* ela pensou, desejando que não fosse verdade. Era impossível negá-lo.

Ela podia sentir isso na forma como sua boceta molhada espasmou com sua língua, suas orelhas se contraíram com sua voz profunda bem ao lado de sua cabeça, na forma como seus mamilos e clitóris martelavam ao mesmo tempo.

Ela podia até sentir isso na forma como as minúsculas veias em seus pulsos tremulavam mais rápido e com mais força do que o normal.

Seu dedo indicador se ergueu do aperto em sua garganta, e ele deslizou a ponta do dedo e a garra entre os lábios entreabertos. A língua dela roçou a ponta dura enquanto a ponta do focinho dele subia pela lateral do rosto dela, acariciando-o, antes que ele recuasse um pouco.

Então, sua voz suavizou alguns decibéis quando ele disse: – *Não deveríamos estar fazendo isso* – Merikh retraiu a mão, mesmo quando ela se agarrou ao pulso dele e tentou puxá-lo para trás. – *Cala a boca, Raewyn.*

— Faça-me — ela murmurou. Então ela mordeu o dedo dele para impedir que escapasse, lambendo a ponta e a garra.

Seu rosnado foi o único aviso que ela recebeu.

As pálpebras de Raewyn, preguiçosas de desejo, se abriram quando ele enrolou o dedo dentro de sua boca, abriu seus dentes e algo preencheu a lacuna. Era macio, longo, flexível e tinha um sabor tão doce que sua mente se dissolveu instantaneamente.

As presas de Merikh arranharam ambas as bochechas enquanto sua língua girava dentro da caverna de sua boca. Seu miado foi abafado enquanto ela tentava rodopiar a dela em troca.

Ele tirou a mão de sua garganta, e antes que Raewyn percebesse, ele levantou sua saia e suas pernas junto com ela. Com as coxas abertas, ele empurrou seu grande corpo entre elas e a *jogou* contra a árvore. O vento saiu dela como um suspiro, e ele empurrou mais de sua língua mais fundo.

Suas mãos deslizaram para cima até que ele estava agarrando o ápice de suas coxas, onde encontravam a suavidade de seu traseiro. Suas garras cravaram em sua carne, e ele rosnou, esfregando sua virilha diretamente contra os lábios abertos de sua boceta.

As pernas dela se contraíram enquanto ele se movia novamente, e algo úmido e duro saiu dele.

Raewyn sentiu o redemoinho de seus tentáculos liberar, e seu pênis disparou para frente, rápido e duro, contra seu clitóris involuntário, roçando todo o seu comprimento contra ele. Ela tentou jogar a cabeça para trás para choramingar, mas a boca de Merikh a seguiu.

— *Fique.* — Ela não podia acreditar que ele tinha falado com a língua em sua boca! — *Sua saliva tem um gosto delicioso.*

Ele continuou empurrando contra ela, fazendo suas pálpebras estremecerem e suas pernas tremerem. Sua boceta formigava, dolorida e carente. Seus tentáculos envolviam suas coxas, mas se esticavam sempre que ele se afastava.

O sulco sob seu pênis acariciava seu clitóris por todos os lados, e as três saliências a faziam querer gritar já.

– *Por que você continua fazendo isso comigo?* – ele praticamente gemeu antes de sua mão direita subir para massagear seu traseiro. A palma de sua mão era tão quente e calejada que ela se mexeu de prazer.

Ele estava fazendo parecer que era culpa dela! Ela poderia dizer a mesma coisa. Era ele quem ficava excitando-a quando ela realmente não deveria.

Em vez de lutar contra isso, ela passou os braços em volta do pescoço dele, mas foi forçada a retrai-los quando seus espinhos dificultaram. Havia alguns curtos logo abaixo de seu crânio.

Em vez disso, ela os envolveu na parte de trás de sua cabeça. Seu peito duro massageava seus seios, finalmente dando-lhes um pouco de atenção, enquanto seu estômago grosso cedeu ao dela.

Ela não pretendia aproximar as presas dele, mas elas pressionaram com mais firmeza contra ela, ameaçando cortar a pele.

Merikh deve ter tomado isso como um convite porque em um minuto, ele estava girando sua língua dentro de cada fenda de sua boca, e no próximo, ela estava engolindo.

Tão profundo. Sua língua é tão profunda. Ela arqueou, levantando os joelhos em surpresa, justo quando ele soltou o mais maravilhoso gemido.

Eu vou gozar... Sua boceta apertou e ficou apertada enquanto ele empurrava mais rápido. *Santa donzela. Ai estou chegando!*

Qualquer barulho que saísse dela era tão obsceno que até Raewyn ficou surpresa com isso. Ela não sabia o que fez depois disso, se ela o arranhou, mordeu sua língua, chutou suas pernas. Tudo o que ela podia perceber era seu próprio orgasmo vazando dela em um quente e molhado squelch, enquanto tanto seu pênis quanto sua língua se moviam para frente e para trás sem ceder.

Somente quando ela relaxou, Merikh retraiu a língua. Ela ofegou pesadamente quando ele a tirou dela e a passou pelo canto da boca, pela mandíbula e depois pelo pescoço.

— *Isto não é suficiente,* — ele murmurou enquanto movia seu pênis mais forte contra ela. — *Eu preciso de mais.*

— Sim, — Raewyn sussurrou, não muito certa com o que ela estava concordando.

No momento em que ela abria ainda mais as coxas e se movia contra ele, esperando que ele tentasse afundar aquele grande e grosso pênis dentro dela, Merikh soltou as pernas. Ela tropeçou, mal conseguindo ficar de pé depois do orgasmo.

Seu descontentamento durou pouco quando ele a virou. Ele levantou o vestido dela com a mão direita e puxou-o para o lado, prendendo-o com a palma da mão contra o tronco da árvore. O outro braço dele mergulhou por baixo da saia dela, empurrou para cima e agarrou seu seio com um aperto áspero.

Ele usou o braço apertando-a contra seu torso para levantá-la na ponta dos pés. Ela ajudou arqueando as costas para inclinar os quadris e dar a ele um melhor acesso, descansando os braços contra a casca áspera da árvore.

Todas as suas inibições se desintegraram. Nem uma vez ela pensou sobre o fato de que eles estavam do lado de fora, fazendo isso na floresta, não muito longe da beira do penhasco do Véu. Ela se perguntou o que teria feito se um Demônio aparecesse, mas agora, ela não achava que nada poderia detê-los.

O pênis de Merikh deslizou entre suas bochechas, o lubrificante manchando tudo sobre eles, e o ar roçando sobre ele teve um arrepio maravilhoso fazendo cócegas em sua espinha.

Então empurrou entre suas coxas. A cabeça pegou ao longo da fenda de sua boceta, e ela mordeu os lábios em desapontamento. *Achei que ele ia colocar dentro de mim!*

– *Mantenha as pernas juntas* – ele exigiu. – *Agradável e apertado para mim.*

Ela deu um pequeno aceno e apertou as coxas no momento em que os tentáculos dele envolveram seus quadris por trás.

No entanto, no momento em que ele começou a se mover, Raewyn notou a diferença nele deslizando o topo de seu eixo contra ela ao invés de por baixo. Seus joelhos dobraram, Merikh forçado a segurá-la enquanto seus cumes acariciavam seu clitóris uma e outra vez.

Eles eram esponjosos, então não doíam, mas, em vez disso, sacudiam a protuberância sensível. Ela se contorceu; ela não podia evitar. Raewyn abaixou a mão esquerda para que pudesse cravar as unhas em seu estômago, querendo proteger sua boceta quando era muito intenso.

Seus lábios se separaram enquanto ela soltava grito após grito. Suas orelhas se inclinaram para trás e seu nariz formigou quando

uma névoa selvagem caiu sobre ela. Ela até começou a moer na direção oposta a dele, tornando-o mais rápido.

Ela se encostou completamente na árvore enquanto se curvava.

— *Eu disse para manter as pernas apertadas!* — ele rosnou, aprofundando em agudos, logo antes de sua cauda fina se enrolar em torno de suas pernas para que ele pudesse forçá-las a se juntarem.

Seus quadris ganharam velocidade, batendo contra os dela com mais força no que parecia ser raiva por sua desobediência. A mão dele envolveu seu seio, muito grande e lutando para brincar com ela, apertando-o com força.

Seu pênis é tão bom. Um pau não deveria ser tão bom apenas esfregando contra meu clitóris. Ela continuou tentando balançar enquanto curvava as costas cada vez mais. *Como seria dentro de mim?*

Quanto mais ela inclinava os quadris, mais a cabeça cravava contra sua entrada sempre que ele se afastava, apenas para empurrar para frente.

Dentro, ela pensou. Ela desejou que sua voz funcionasse, mas ela não podia fazer nada além de ofegar. *Por favor, entre.* Se ela pudesse apenas alinhá-los, talvez ela pudesse fazer a cabeça cutucar mais fundo contra sua entrada, onde ela poderia jogar seus quadris para trás e montá-lo. *Eu preciso disso dentro de mim.*

Ela não se importava se doeria, se a esticasse demais, a arruinasse. Seu núcleo parecia vazio; precisava de algo, qualquer coisa.

— *Sua boceta está tão molhada que meu lubrificante parece mais escorregadio do que o normal.*

Ele agarrou o cabelo dela com a mão que segurava a ponta do vestido e o empurrou para o lado. Os fios repuxaram em seu couro cabeludo com uma dor deliciosa.

Então ele deslizou suas presas sobre a nuca dela enquanto abria suas mandíbulas e murmurava pecaminosamente, – *Deixe-me dar algo para chupar.*

Os dois primeiros tentáculos preêenseis atualmente enrolados em seu traseiro deslizaram entre suas bochechas. Suas pequenas pontas fizeram cócegas em sua entrada antes que ambos empurrassem dentro dela ao mesmo tempo.

– *Você estava bem com meus dedos, então que tal estes?*

Raewyn engasgou, todo o seu corpo se contorcendo. Seus joelhos dobraram para dentro, sua mão arranhando seu estômago subiu e voltou enquanto ela tentava agarrar o pelo curto em seu peito, arranhando-o.

Os membros eram afilados, as pontas finas, as bases grossas o suficiente para esticá-la. Eles se contorceram dentro dela, repetidamente pressionando contra a frente de seu canal como se estivessem procurando desesperadamente por algo para agarrar. O que eles continuaram segurando, continuaram agredindo, continuaram girando e girando contra o ponto G dela.

Segundos depois de tê-los dentro dela, Raewyn soltou um grito assombroso. Ela ordenhou-os, seu canal tremendo quando ela gozou. Do clitóris às paredes internas, ela estava em êxtase absoluto.

Por sua voz áspera ecoando através de seu orgasmo, ela registrou que ele disse algo. Raewyn estremeceu, embora ela não pudesse entender, muito ocupada experimentando cada terminação nervosa em seu corpo faiscando para a vida de uma só vez.

Algo sobre ela cheirar bem, talvez até querendo prová-la?

Não pare. Raewyn se contorceu, torceu e virou. A certa altura, ela sabia que seus pés haviam saído do chão, pois seus joelhos se ergueram momentaneamente. Ele apenas a segurou, sua mancha escorrendo por suas pernas, fazendo cócegas até os lados de seus tornozelos.

Algo em seu pênis estava abrindo as coxas dela, uma bola em forma de anel que engrossou, mas sua cauda as mantinha juntas. Parecia muito grande para passar corretamente, mas ela mal o registrou.

Então, quando ela pensou que iria se desintegrar, seu orgasmo contínuo começando a secar como se ela não tivesse mais nada para dar, Merikh empurrou para frente e fez uma pausa.

Seus tentáculos empurraram para baixo enquanto os que estavam ao redor de suas pernas se agarravam a ela. Então, todo o seu pênis inchou, começando a pulsar e latejar. A cauda e as mãos de Merikh a apertaram enquanto ele a sacudia com seus tremores intensos.

Seus ouvidos captaram o respingo pesado que atingiu a árvore na frente deles, bem como o rugido que ele soltou em direção ao dossel sobre eles. Raewyn sentiu cada vez que lançou um jato pesado de semente, ouviu o respingo líquido que se seguiu.

Ele deu pequenas estocadas distraídas, suaves e superficiais.

Ele está vindo. Havia um pênis vindo entre suas coxas, e a ideia disto torceu sua mente e fez seus mamilos doerem.

Seu cheiro, seu rugido, seu calor, tudo isso fez sua respiração engatar, e seu gemido final fez seus olhos se fecharem de contentamento.

Eu não me importo se está errado. Foi fantástico.

CAPÍTULO 20

Quando o último terremoto ondulou pela carne de Merikh, fazendo suas penas tremerem, seus pensamentos e corpo se dividiram em dois fragmentos de conflito interno em guerra.

Ele estava satisfeito, pois havia se esvaziado contra a árvore que os sustentava. Ele praticamente regou em sua semente, sua liberação pesada e confusa.

No entanto, seu pênis ainda estava insuportavelmente duro e seus tentáculos ainda o agarravam. Ele queria virar esta mulher, levantá-la, então empurrar seu corpo para baixo em cima de seu eixo dolorido. Ele queria transar com ela até que nenhum deles pudesse se mover.

O cheiro de sua excitação, seus orgasmos, sua pele e cabelo – tudo era quase inebriante.

No momento em que ele sentiu o cheiro enquanto a perseguia, sua mente se dividiu entre caçar sua presa para devorá-la e caçar sua presa para montá-la.

Enquanto ele estava em seu estado de raiva, *nada* o trouxe de volta à realidade. Normalmente, ele era uma besta irracional, faminta e incontrolável - Merikh sempre deixava aquelas mãos invisíveis que apertavam e massageavam seu cérebro vencerem. De bom grado, ele se entregou ao pior do que era.

O cheiro dela era a única coisa que realmente a salvou hoje e, atualmente, estava envenenando-o.

Ela fedia a isso, a seu próprio sexo. Era vertiginoso.

Ele não entendia. *Todos os elfos produzem esse tipo de perfume intenso?* Ele tinha estado bem perto das centenas de humanos que

podia cheirar fornicando através das paredes de suas casas. Embora agradável à sua maneira, nunca o incomodou antes.

Ele nunca tinha estado frenético por isso, desesperado para cheirá-lo, prová-lo, senti-lo, tê-lo cobrindo seu pelo até que mascarasse seu maldito cheiro.

Por que diabos ela estava ficando toda quente e excitada? Sendo perseguida? Dormir em uma caverna? Ele se perguntou se isso tinha algo a ver com ele, ou se os elfos geralmente eram criaturas tão pervertidas e excitadas.

Seja qual for o caso, isso estava acabando com seus nervos.

Ele gostava de estar no controle de seus desejos, ou apenas de si mesmo, até que decidiu deixar seus instintos agressivos assumirem o controle. Isso? Isso ele não estava acostumado, não sabia como navegar e não sabia se gostava particularmente disso.

Merikh não tinha interesse em obter uma noiva. Ele preferia não desejar coisas que não poderia ter, porque se fosse honesto consigo mesmo, que idiota concordaria em se relacionar com ele? Deixando de lado o fato de ser odioso e rancoroso, ele era um Caminhante do Crepúsculo, pelo amor dos Deuses.

Ele era um monstro – considerado feio, nojento e desprezível por todas as criaturas sencientes, humanos e demônios.

Ele não começaria a alimentar essas fantasias quando apenas um tolo pensaria que isso era possível, especialmente com uma mulher tão *encantadora*. Ele tinha certeza que no momento em que eles estivessem em seu reino, ela pararia de ficar excitada em sua presença quando ela tivesse sua própria espécie para fornicar.

Depois de conhecer dois deles - ela e Jabez - ele teve a impressão de que eram todos lindos filhos da puta. Por que ela o

escolheria quando havia opções melhores?

Ele não queria ser uma ferramenta masturbatória para uma elfa egoísta que não tinha ideia de como suas ações poderiam ser prejudiciais para aqueles que perderam a esperança. Ele desistiu da ideia de amizade, luxúria, amor ou qualquer coisa agradável.

Bufando profundamente, Merikh puxou seu pênis para trás para liberá-lo da adorável pressão de suas coxas, esperando que amolecesse agora que não estava mais preso. Seus tentáculos saíram dela, e ela deu um gemido que o fez rosnar de frustração quando seu pênis estremeceu de excitação.

Preciso me acalmar. Ele tirou a mão de debaixo do vestido dela e colocou-a contra a árvore. A outra soltou seu vestido para que ele não pudesse mais ver sua bunda macia e redonda.

Raewyn não se virou, preferindo descansar toda a parte superior do corpo contra o tronco da árvore. Seu contentamento só o enfureceu mais.

Pelo menos ele não a matou ou a feriu. Ele precisava dela para escapar deste mundo vil, então algo realmente positivo veio disso.

Ele ainda não podia acreditar que eles tinham feito isso com Demônios possivelmente por perto.

No entanto, a salvação estava no horizonte. Talvez se ele parasse de tocá-la, parasse de estar perto dela, a excitação irritante dela e a dele cessariam. Eles estavam muito familiares, constantemente na presença um do outro.

Assim que estivessem em sua casa, ele poderia finalmente ter algum espaço, alguma aparência de normalidade.

Ela fugiu de mim.

Isso foi algo que fez seu pênis amolecer e fez com que seus orbes mudassem para azul – uma cor que ele estava acostumado a ver.

Era de se esperar, na verdade, mas apenas o tornava incapaz de confiar nela de verdade. Eles fizeram um acordo; ele a ajudaria a chegar em casa e planejava cumprir essa promessa. Merikh não costumava fazer barganhas com os outros porque tinha uma estranha compulsão de se submeter a eles.

Talvez, à sua maneira, até mesmo os contratos verbais fossem algo que os Caminhantes do Crepúsculo estavam obrigados a obedecer. A magia deles foi totalmente construída sobre sacrifícios e barganhas.

No entanto, quando teve a escolha, Raewyn optou por se foder na floresta. Não só isso, ela escolheu fazer isso com a visão dele! Ela tentou roubá-lo.

Mesmo que ele entendesse o porquê, isso não negava o fato de que o tornaria vulnerável em um mundo onde ele não tinha a quem recorrer. Ele não podia recorrer a ninguém em busca de ajuda, de orientação – ao passo que ela podia pelo menos recorrer a um humano.

Ele não tinha ninguém, mesmo com seu glamour.

Merikh provavelmente teria se encontrado morto dentro de uma semana, com a maneira como os demônios o caçariam. Eles enfrentaram oito em suas viagens desde o momento em que partiram juntos.

Mesmo que Raewyn parecesse inocente, com sua aparência de anjo e personalidade suave, ela mostrou a ele hoje que poderia ser

como qualquer outra criatura desprezível neste mundo: cruel, egoísta e indigna de confiança.

Ainda em sua forma monstruosa, ele envolveu sua garganta com a mão e a virou o suficiente para poder ver sua expressão.

— *Há quanto tempo você sabe que posso lhe dar minha visão?*

Ela só começou a viajar com ele no começo porque pensou que ele era humano, mas e quando ele revelou o que era? Ela sempre soube e esperou o momento perfeito para roubá-la dele? Tinha sido essa a intenção dela o tempo todo, a razão pela qual ela estava sendo tão obediente com ele?

— Apenas hoje, — ela respondeu com uma voz pequena e rouca, quebrada de tanto gritar.

Não deveria fazer sua pele ficar tensa com uma emoção que ele a trouxe para este estado desleixado.

Seus orbes queimaram carmesim.

— *Não minta.*

Ela deu um gemido e estremeceu, e ele inclinou a cabeça em confusão com a reação dela.

— Eu não estou — ela sussurrou. — M-mas eu sabia que você poderia compartilhar sua visão comigo da caverna.

— *O que você quer dizer?*

Ela lambeu os lábios nervosamente.

— Você... uh, quando estávamos íntimos na caverna, eu era capaz de ver tudo de sua perspectiva. V-você não me deu sua visão como hoje, apenas compartilhou a sua.

O olhar de Merikh deslizou para o lado enquanto ele pensava.

Eu queria emprestar a ela minha visão hoje. Quando ele disse isso a ela mais cedo, ele realmente quis dizer isso. *O que eu queria da última*

vez?

Isso o atingiu.

Porra. Ela parecia tão erótica embaixo de mim que eu queria que ela visse como ela parecia perversa com meu pau deslizando sobre ela.

Então, ele poderia fazer os dois? Isso era pelo menos interessante de saber. Ele geralmente descobria as capacidades de sua magia por meio de acidentes, desejando profundamente algo.

– Merikh...

– *O que?* – ele rosnou, suas penas se levantando de repente. Ele não gostou da maneira como ela disse seu nome, toda suave e gentil.

– Eu realmente sinto muito – ela se desculpou em voz baixa.

– Não sei o que deu em mim.

E assim, os cheiros deliciosamente perversos no ar que ele estava secretamente cheirando tornaram-se desagradáveis, assim como a umidade de seus orgasmos grudando na pele ao redor de sua virilha.

Ele a soltou, resistindo ao impulso de jogá-la contra a árvore que a sustentava. Ele desviou o olhar quando o rosa avermelhado da vergonha surgiu em seus orbes. Ele não tinha tantas mudanças de cor em anos!

Pelo menos seus tentáculos giraram protetoramente e puxaram seu pênis de volta para dentro de sua costura.

– *Está bem. Eu também não parei.*

Raewyn finalmente se virou, e em seu periférico, suas sobrancelhas se juntaram firmemente em um pensamento profundo ou confusão – talvez até ambos. Então, seus lábios se separaram e ela se mexeu um pouco, como se estivesse se sentindo tímida.

— Oh, — ela disse antes de torcer as mãos. — Não, não isso. Isso foi bom. Eu queria isso. Quero dizer, sinto muito por ter fugido.

Merikh grunhiu, sem saber como responder. *O carinho foi bom?* O que ele pretendia fazer com isso? Ela estava apenas adicionando uma camada mais profunda de confusão a toda a situação.

A cabeça de Raewyn abaixou.

— Fazer algo assim... Não é algo que eu normalmente faria. É só... — Ela coçou a lateral do pescoço antes de pisar no chão. — Passei os últimos seis anos tentando reverter a magia que tirou minha visão, e quando pude ver... algo simplesmente tomou conta de mim e eu quis ficar com isso. Eu realmente sinto muito. Deve ter sido muito perturbador para você.

Deve ter sido? Foi *perturbador*, e ele ainda estava com raiva por causa disso. Ele não sabia se podia confiar nas palavras que acabavam de sair de seus lindos lábios – aquelas em que ele tinha acabado de mergulhar sua língua.

Ele estava em conflito com elas e coçou o próprio pescoço. Ela foi a segunda pessoa que se desculpou com ele, mas pode ser a primeira que ele poderia perdoar. Ele não queria, porém, já que não era uma criatura muito misericordiosa.

— *Que seja. Está bem.*

— Por favor, eu realmente quero dizer isso — disse ela enquanto saltava para a frente para agarrar o braço dele.

— *Não me toque!* — Ele rugiu enquanto saltava para longe dela, fazendo-a tropeçar em seus pés.

Seus olhos ficaram cheios de lágrimas, e ele não gostou do jeito que isso fez seu maldito peito se sentir. Agora, suas emoções

estavam por todo o lugar. Ele tomou uma respiração profunda e calmante.

– *Atualmente minhas penas estão estendidas. Não tente me agarrar quando estou agitado.* – Então, só para garantir que ela entendesse, ele acrescentou: – *Isso também inclui sexualmente.*

Raewyn quase agarrou seu braço, e com o jeito que ela estava vindo para ele, ela teria empalado ambas as mãos. Embora ele pudesse curar esse tipo de ferimento, ele particularmente não queria andar por aí com as mãos sangrando – isso se ele não a comesse por causa de seu cheiro de sangue.

Quando o rosto dela se ergueu em sua direção, ele desviou o olhar mais uma vez quando ela pareceu aliviada.

– *Dê-me um momento e voltarei à minha forma normal. Então poderei carregá-la para dentro do Véu antes que um Demônio apareça.*

O sol ainda estava forte, mas eles estavam apenas pedindo problemas para permanecer em um ponto por muito mais tempo. Ele precisaria descobrir onde deixou suas mochilas.

– Então, você me perdoa? – ela perguntou, um sorriso suplicante levantando seu rosto - um que tornava difícil negar.

Ele não tinha certeza se a havia perdoado ou não, mas pelo menos descobriu que esse tipo de magia era algo que ele podia fazer. Ele não cometeria o mesmo erro duas vezes, e ela teria que saber disso.

– *Claro,* – ele resmungou com incerteza, assim que sua roupa se infiltrou em seu pelo e cobriu seu corpo mais uma vez. A mudança também acalmou seus espinhos e fez sua mente se sentir mais composta. Sua voz voltou ao normal quando ele disse: – Por que não?



Raewyn tentou não gritar quando Merikh saltou de uma rocha para outra - ela realmente gritou. Era só que toda vez que seu estômago caía, ela pensava que seu coração ia desistir.

Ele a embalava em seus braços fortes e, embora ela estivesse segura dentro deles, isso não impedia sua mente de pensar no pior. Um movimento errado, uma queda subestimada, e eles iriam despencar. Ele poderia até escorregar e jogá-la por acidente.

— Controle seu medo, — ele exigiu quando pousou em outra pedra. — Mesmo uma pequena quantidade atrairá Demônios.

— Estou tentando! — ela choramingou. — Tem certeza de que não há outro jeito?

Merikh saltou e falou ao mesmo tempo. — Nenhum que seria tão rápido. O próximo ponto de caminhada é uma caminhada de três horas da minha casa, então você estaria viajando nos arredores da floresta do Véu por muito tempo.

Ser devorada por Demônios ou cair no chão - essas eram suas opções? *Pelo menos provavelmente morrerei se atingir o chão.* A ideia de ser comida viva era horrível.

— V-você pode ir mais devagar? — Ele mal estava dando a ela um momento para se ajustar ao próximo pouso antes de correr para fora da borda!

— Estamos quase lá. Pare de se preocupar.

Então, assim, eles estavam no fundo.

Merikh nunca entrou na floresta. Ele os levou ao redor da fronteira em direção ao brilho vermelho que ela podia ver de cima. Quanto mais perto eles chegavam, mais ela podia entender o que era, ouvir o barulho da água.

Diante deles estava uma cúpula mágica de meio quilômetro de altura com uma estrela de várias pontas. Havia dois anéis, um um anel de borda e o outro um pouco mais para dentro, com símbolos semelhantes a estrelas envolvendo-o. Havia outros círculos menores dentro dos anéis de borda.

Tudo brilhava vermelho.

A cúpula não parecia totalmente formada, já que estava pressionada contra o penhasco, mas ela apostou que atravessava toda a rocha para impedir que os demônios abrissem caminho.

— Sua magia é da mesma cor que seus orbes? — Raewyn perguntou, já concluindo que a cor base de sua orbe era vermelha.

— Sim. É o mesmo para todos os Caminhantes do Crepúsculo, — ele respondeu claramente antes de caminhar direto pela borda da cúpula. — O fato de que você pode vê-lo significa que você não sairá acidentalmente dele.

Raewyn esperava sentir um toque de frieza ou pelo menos algo que significasse que ela havia passado por sua barreira, mas nada aconteceu.

Como se ela fosse uma brasa que ele estava segurando por muito tempo, Merikh a colocou de pé. Ele recuou o suficiente para que o calor constantemente irradiando dele se dissipasse.

O cabo de sua bengala bateu suavemente contra o lado de seu pulso, e ela a agarrou.

O ar aqui era frio e fresco, como se estivesse cheio de condensação. Até a grama sob seus pés era macia e úmida, e ela enterrou os dedos nela para explorar o tapete macio da vida.

— Cuidado por onde você anda. Tenho certeza de que você pode ouvir a cachoeira, mas há um grande lago no fundo dela que ocupa dois terços da área.

A melodia suave da cachoeira não era dura ou arrogante. Foi o suficiente para criar um ruído de fundo agradável, como uma chuva moderadamente forte. As pálpebras de Raewyn baixaram enquanto ela ouvia, satisfeita.

— À sua esquerda há duas árvores com algumas pedras embaixo delas para você se sentar, se quiser. À direita está a entrada da minha caverna.

Seu coração inchou. *Sua casa parece bonita.*

— Você pode me mostrar? — ela perguntou suavemente, querendo saber se o que ela estava imaginando era certo.

— Não — ele rejeitou categoricamente.

As bochechas de Raewyn inflaram enquanto ela fazia beicinho.

— Oh vamos lá. Por favor, poderia me mostrar?

Sua risada era sombria e, junto com suas palavras, doía.

— Não. Eu não confio em você.

Talvez o que ela estava pedindo fosse demais depois que ela tentou fugir com isso, mas ela realmente queria ver! Ele era a única pessoa, não apenas neste mundo, mas em tantos outros, que poderia realmente dar a ela um breve momento de visão. O mínimo que ele podia fazer era compartilhar com ela por apenas um segundo.

— Eu disse que sentia muito. — Ela se virou para ele com as mãos nos quadris, um pouco desajeitada com a que segurava a

bengala.

— Eu te perdoei, mas isso não significa que eu confio em você. São duas coisas diferentes.

Com um gemido interno, ela agarrou a camisa dele e puxou o que ela pensou ser a frente dela. Ela o sacudiu.

— Apenas faça isso, suas grandes calças rabugentas! Você nem precisa me dar. Você pode me mostrar através de sua perspectiva, mantendo-a para si mesmo.

Ela estava acostumada com ele dando-lhe rosnados leves, então ela 'grrred' ele de volta desta vez. Ele soltou uma risada calorosa, e ela parou de sacudi-lo quando suas orelhas ficaram quentes. Ele realmente parecia gostar quando ela fazia isso.

— Bem aqui.

Ele colocou sua mão enorme no topo da cabeça dela, e Raewyn sorriu enquanto ela esperava. Ela manteve o rosto apontando para ele, e depois de alguns momentos dele pensando – provavelmente tentando descobrir o feitiço – a primeira coisa que ela viu foi sua própria expressão.

Raewyn parecia uma bagunça. Havia gravetos e folhas em seu cabelo, assim como uma mancha de sujeira em sua bochecha. *Santa donzela. Preciso de um banho, imediatamente. Não acredito que ele me tocou assim!*

Então, sua visão se afastou dela e abrangeu toda a área.

O Véu parecia assustador, apesar das copas das árvores brilharem com o sol brilhando sobre elas. Era muito mais denso que a floresta acima, e a névoa branca fazia com que parecesse assombrado e sombrio.

Ela não podia fazer nada para mudar o ponto focal enquanto ele olhava para os três pedregulhos sobre os quais havia falado antes. Eles estavam entre duas árvores relativamente próximas e não muito longe da beira do lago.

A água era de um azul cristalino, limpa e nada barrenta, pelo que ela podia dizer. Já queria dar um mergulho e esfregar o corpo da cabeça aos pés. A água que chovia nele era espumosa perto do fundo e espalhava uma névoa sobre a superfície da água, parecendo soprar no Véu para torná-lo mais proeminente entre as árvores.

Então, finalmente, a entrada de tamanho decente de sua casa apareceu. Uma cortina de serapilheira creme estava presa a ela por presilhas e ganchos para evitar que os detritos das folhas fossem soprados para dentro. Embora ela não pudesse entender o que era, havia um amuleto pendurado bem no centro do arco redondo e rochoso. Era roxo, azul e vermelho, flutuando ao vento como fitas.

A parede do penhasco aqui não era reta; tinha seu próprio padrão côncavo antes de se projetar para a direita, perto da entrada de sua caverna. Ela não conseguia ver onde terminava a guarda por causa da parede que ali se tornava convexa, principalmente com o pequeno grupo de quatro ou cinco árvores.

Eles passaram por aquelas árvores quando entraram.

Ali, a visão de Merikh girou a uma velocidade vertiginosa, fazendo-a tropeçar, enquanto ele virava a cabeça para ela. Ela nem tinha percebido que ele estava olhando por cima de suas costas com facilidade, como um pássaro faria, até que ele fez isso.

Ele retirou a mão e a imagem de seu rosto tonto e esverdeado desapareceu.

— Pronto. Agora, vamos entrar.

Usando sua bengala para bater no chão, Raewyn o seguiu sem nenhum contato físico. Ela não sabia por que, mas na última semana, sempre que eles não estavam se tocando, ela sabia onde ele estava.

Pelo menos, não por qualquer meio normal; ela ainda não conseguia ouvir seus passos ou respirações. Coçava em seu cérebro – ser capaz de senti-lo assim a incomodava.

Não me interprete mal, eu aprecio a mudança. Ela só queria descobrir o porquê.

Antes que ela pudesse perguntar, ele colocou a mão em cima de sua cabeça novamente.

Sua casa apareceu em sua visão, e Raewyn piscou rapidamente em surpresa. Todo o processo era desorientador, e quanto mais ele fazia, menos ela gostava.

— Não há muito, — ele comentou enquanto seu olhar vagava.

Ela não pôde deixar de pensar que ele estava apenas sendo modesto. Havia muito mais aqui do que ela esperava.

Esculpida como um oval, a caverna era longa e profunda, ambas as extremidades tinham uma curva em vez de dar cantos ao quarto.

À esquerda havia uma cadeira coberta de pele de animal que parecia surpreendentemente macia, grande demais para seu corpo magro. Bem no fundo havia uma cama que teria sido completamente circular se ele não tivesse cortado o topo pressionando contra a parede. Parecia meio macia, com couro colocado sobre ela para esconder do que era feita.

O que realmente chamou sua atenção, porém, foi tudo à direita: duas longas prateleiras cheias de livros encadernados em couro e bugigangas estranhas. Ela não diria que as bugigangas eram fofas,

considerando que duas delas eram caveiras, mas algumas eram grandes cristais.

Havia uma prateleira mais fina que continha uma variedade de ingredientes. Pelo que ela reuniu, a maior parte eram ervas secas, cristais moídos e vários outros materiais terrosos.

As últimas peças de mobília eram um longo banco retangular de pedra e uma lareira de tamanho decente. Não havia muito em cima da bancada no momento, talvez uma faca, um almofariz e pilão e uma tábua de cortar feita da mesma pedra.

Havia um tapete de pele de animal embaixo da cama e ocupava a maior parte do espaço. Nada pendia do teto, nenhum candelabro para iluminar. Ela também não conseguia ver muitas velas espalhadas.

Ela imaginou que ele podia ver perfeitamente no escuro.

A visão desapareceu, e Raewyn ficou se perguntando por que ele escolheu abandonar este lugar quando obviamente o estilizou. Havia algumas peças de decoração e as estantes davam a impressão de que ele colecionava livros que o interessavam. Por que fazer tudo isso para deixar para trás?

Ela suspirou, querendo perguntar, mas sabia que receberia uma resposta sombria ou triste. Foi algo que a incomodou durante as muitas semanas em que viajou com ele.

Nenhuma vez, exceto quando ele falou sobre Jabez, Merikh disse algo positivo sobre seu passado. Ele não tinha amigos e sua família era um assunto delicado para ele. Não parecia que ele gostava de nada.

Acho que é por isso que ele quer tanto ir embora.

Raewyn não podia se imaginar fazendo isso. Ela sentiria falta das muitas pessoas que deixaria para trás. Sua família, seus amigos, alguns dos outros conselheiros e pessoas que trabalhavam na árvore central; ela poderia nomear vinte pessoas sem sequer pensar nisso.

Realmente não havia uma única pessoa em todo o mundo de quem ele sentiria falta ou sentiria falta dele? *Deve haver alguém*. Ela não queria aceitar que ele realmente não tinha ninguém.

Era um pensamento muito solitário, e isso fez seu coração doer por ele.

Subitamente cansada e pesada, ela esfregou a bochecha, antes de fazer o mesmo com o olho.

— Por mais que eu adorasse tomar banho, estou muito cansada.

Eles estavam viajando há alguns dias desde que ela dormiu na caverna. Adicionando sua corrida pela floresta e depois vindo várias vezes, ela estava sem energia.

— Coma — disse Merikh, os sacos que ele apertou em seu torso farfalhando enquanto os colocava contra a bancada de pedra. — Você pode ficar com a minha cama durante a sua estadia.

Seu coração decidiu palpitar timidamente.

— Você quer que eu durma na sua cama?

— Não se preocupe. Pretendo dormir no chão em minha forma monstruosa.

Seu peito rodou com uma onda de frio. Ela não sabia se estava desapontada porque ele não queria se deitar ao lado dela em sua própria casa, ou porque ela esperava roubar seu calor. Uma coisa que ela sabia era que a culpa irradiava dentro dela.

— Mas é a sua casa. O chão será duro e desconfortável.

— Não enquanto eu estiver nessa forma. Na verdade, acho divertido ser assim e, às vezes, escolho dormir no chão para meu próprio contentamento. É por isso que tenho um tapete estendido.

Com os lábios apertados, sem saber se ele estava mentindo ou se ela estava apenas irritada, ela usou sua bengala para caminhar até a cama dele.

Agora que sabia onde estavam todos os perigos, ela seria capaz de mapear a área com os pés ao longo dos próximos dias, não apenas dentro, mas também fora. Ela usaria o brilho vermelho mágico de sua cúpula de guarda para aprender sua colocação dentro dela.

Uma vez que ela estava ao pé da cama, ela soltou o pulso da bengala. Ela e ele caíram livremente na cama.

Havia um grande travesseiro, como dois costurados juntos em tamanho, e ela se arrastou até ele. O rosto de Raewyn foi plantado enquanto ela murmurava, — Boa noite.

— Você *sabe* que é meio-dia. — Ela deu de ombros em resposta, o ciclo solar da Terra inútil para seu ciclo de sono Elysio. — E eu disse para você comer primeiro.

Era tarde demais para isso. Assim que ela ficou na horizontal, seus olhos ficaram pesados e suas pálpebras começaram a se fechar. Ela nem se importava com toda a poeira por toda parte.

— Certo. Se não estou aqui quando você acordar, é porque fui à cidade mais próxima buscar comida para você.

Raewyn não respondeu, e ela se ouviu roncando antes de realmente adormecer.

CAPÍTULO 21

Coberto por vários sacos cheios de plantas, fertilizantes e comida, Merikh não esperava a visão que o esperava quando voltasse.

Ele não sabia o que estava esperando quando entrou na entrada de sua caverna – talvez ela sentada na cama ou mexendo em suas coisas.

Certamente não era para Raewyn estar de quatro, dando tapinhas na base da cama. Sua bunda redonda estava apontando para o céu e voltada para ele, e ele pode ter olhado para ela um pouco mais do que deveria.

Ele segurou aquela bunda na mão, tocou, amassou, e era muito mais macia do que ele pensava que seria.

O chão a seus pés estava molhado. Pelos aromas misturados de produtos de limpeza, ele poderia dizer que ela escolheu se banhar no lago, ou pelo menos próximo a ele.

O banco de pedra estava coberto por uma variedade de itens. Estava limpo, como se ela tivesse cuidado em sua colocação assim que os tirou das mochilas. *Ela deve ter pegado o material de banho delas.*

A vontade de rir fez cócegas em seu peito quando a bunda dela mexeu para ele enquanto ela batia no chão, só porque ele pensou que ela ficaria mortificada se descobrisse que tinha feito isso com ele. Ele imediatamente ficou sério quando ela virou o rosto e ele viu sua expressão.

Lágrimas se acumulavam em seus olhos, seu nariz vermelho e brilhante.

— O que você está procurando? — Merikh perguntou, já que ela estava em busca de algo.

Raewyn gritou, e seu corpo inteiro pulou.

Merikh se encolheu em troca. Ele não deveria ter ficado tão chocado com a reação dela, considerando que ele havia assustado muitas pessoas porque geralmente ficava em silêncio quando se aproximava. Era mais que fosse feito em sua própria casa, onde faria sentido para ele estar lá.

— Você quase me matou de susto! — Ela enxugou a bochecha com as costas do pulso, parecendo totalmente derrotada. — Não consigo encontrar minha bengala. Tentei antes, mas fiquei frustrada e sabia que não precisava dela enquanto estava me lavando. Achei que, se voltasse para procurar, encontraria.

Não querendo levar tudo para dentro, Merikh largou as várias sacolas que carregava em seu corpo. A sujeira salpicou do fundo dos sacos de serapilheira quando ele os colocou perto da entrada.

A entrada era permanentemente aberta, com um lado da folha de fechamento enganchado no lado oposto.

Seus orbes viraram um laranja flamejante de culpa. *Eu não deveria ter tocado nisso.*

Ela estava na cama com ela. Ele pensou que ela poderia chutá-la, quebrá-la ou rolar em cima dela, o que seria desconfortável.

— Está aqui — disse ele, entrando e tirando-a de sua posição vertical contra a parede ao lado da cama. Ele entregou a ela enquanto ela se ajoelhava no chão. — Da próxima vez que você não estiver usando, gostaria de alterá-la para melhor atender você.

Ele fez isso sem medir a altura dela, e era mais longa do que precisava ser. Agora que tinha tempo e ferramentas para fazer outra versão, gostaria de melhorá-la.

Merikh então estendeu a palma da mão para a frente.

— Estou com a mão estendida. É sua escolha se você aceita.

Ela estendeu a mão, e ele direcionou sua mão para apertar a dela antes de ajudá-la a ficar de pé.

— Você mexeu na minha bengala? — ela perguntou enquanto a agarrava.

— Sim, mas não farei isso novamente sem informá-la.

Pela maneira como ela a segurava, ele agora entendia que era um item muito precioso para ela. Ele não iria mexer com isso novamente, mesmo com boas intenções.

O fato de ela não ter uma quando a conheci deve ter sido perturbador para ela. No entanto, mesmo assim, ela encontrou uma maneira de navegar por Clawhaven sem uma.

O sorriso de alívio que ela lançou para ele foi doloroso, simplesmente porque ele não gostava de fazer a coisa errada pelo motivo certo. Ele não estava acostumado a ajudar os outros e muitas vezes sentia que estava fazendo bagunça com ela.

— Obrigada — disse ela, antes de passar a mão pelo laço.

— Enquanto estive fora, consegui algumas verduras e frutas que sobreviveriam à viagem. Se você remover meu encantamento de glamour, não poderei comprar mais comida para você, pois não poderei entrar em uma cidade humana novamente.

Apenas o pensamento enviou um entorpecimento através dele. Até mesmo seus orbes tentaram piscar para branco, mas ele controlou sua inquietação o melhor que pôde.

Ele não queria dar a ela. Ele não queria abrir mão do único item que lhe dava uma sensação de normalidade.

— Achei melhor comprar plantas em vez de comprar as próprias hortaliças. Posso voltar e entrar sorrateiramente durante a noite e roubar qualquer outra coisa que você goste de comer.

Algumas plantas eram muito delicadas e não teriam sobrevivido ao serem arrancadas e depois percorrerem uma distância tão grande em suas costas.

— Você tem muita premeditação, — Raewyn elogiou.

Merikh coçou a nuca.

— É melhor você me dizer o que mais você vai precisar para seus experimentos antes de destruir meu encantamento. — Quando ela abriu a boca para provavelmente começar a recitar algum tipo de lista, ele disse: — Diga-me lá fora. Quanto mais tempo as plantas ficam expostas, menos provável é que elas cheguem ao solo.

Ela o seguiu até a entrada, onde ele verificou as plantas antes de desamarrar tudo o que carregava. Ele levou o que precisava para uma seção perto das paredes do penhasco do Véu, onde receberiam sol adequado ao longo do dia, perto o suficiente do lago e da cachoeira que ele duvidava que precisasse regá-los.

Então ela deu a ele uma lista enquanto ele cavava o chão com suas garras. Ele não tinha ideia do que ela precisava, alguns ingredientes desconhecidos neste reino.

A maior parte, porém, ele conhecia, como uma balança, almofada térmica, um frasco e vários outros itens. Ele até já tinha muito, pois vinha experimentando vários feitiços e havia roubado alguns livros dos Anzúli – alguns ilegíveis porque estavam em outro idioma.

— Você vai ter que usar o que temos aqui. Não sei o que é um *solisflores* — respondeu ele, sem rodeios.

— Tenho certeza que qualquer tipo de flor vai funcionar, para ser honesta. Eu só preciso ensinar a pedra de mana a absorver a luz solar e fotossintetizar em radiação, calor e luz. Fazer isso com um

solisflores é mais fácil porque eles são uma das flores que brilham mais. Eu acho que isso se traduziria em girassol?

— Já temos um girassol, e ele não brilha, Raewyn, — Merikh respondeu com um tom exasperado. — Nenhuma de nossas plantas brilha, e apenas alguns animais o fazem.

— Eu brilho, — afirmou Raewyn, pegando-o desprevenido. — A biofluorescência acontece em Elysianos durante certos feitiços, dependendo de quão poderosos eles são. É por isso que nosso cabelo é branco e não mais escuro como nossos ancestrais. Perdemos toda a nossa coloração e agora é tecnicamente transparente.

Ele ergueu a cabeça para ela. — O quê você está querendo?

— Quando usamos certos feitiços, apenas os símbolos relacionados a eles brilharão. Quando eu faço magia de terra com meus pés, minhas marcas de pés vão brilhar, mas se eu fizer com minhas mãos, minhas marcas de mãos vão brilhar. No entanto, se eu fizer magia espiritual, como fogo e outras coisas que vêm de dentro e não requerem uma fonte, meu cabelo brilhará junto com minhas marcas. Posso usar alguns fios do meu cabelo para ensinar qualquer tipo de flor a aproveitar a magia e depois uso a flor para ensinar a pedra. Só precisa ser uma flor grande o suficiente para envolvê-la completamente.

— Caramba, isso parece complicado — ele ralhou, balançando a cabeça. — Tem certeza que isso vai funcionar?

Seus lábios se apertaram e puxaram para o lado.

— Acho que sim, mas o que mais posso fazer? Tenho que ensinar a pedra, e se não tiver todos os ingredientes, terei que tentar outras coisas. Só precisei usar meu cabelo uma vez, porque geralmente posso usar outra planta para atingir meu objetivo.

Funcionou, no entanto. Meu cabelo não é apenas células mortas; sua falta de coloração vem de anos nos expondo à magia – minando o pigmento através da evolução. É tecnicamente um subproduto negativo do uso de magia e, em vez de nos intoxicar, nos adaptamos a usá-lo.

Merikh acenou com a mão em aborrecimento, não gostando da maneira como seu estômago se retorceu em incerteza.

– Se o seu objetivo era me tranquilizar, você não o fez.

Exatamente o oposto, na verdade. *Merda. Se ela falhar, então nós dois estamos ferrados. Eu, mais ainda.* Ele não queria voltar a viver como antes, não depois de ter obtido a humanidade que tinha atualmente.

Ele ficaria louco, ele simplesmente sabia disso.

Ele cavou no chão com mais força antes de quase quebrar um pobre tomateiro que arrancou de um saco de estopa. Ele o colocou no buraco que havia cavado.

– Por que uma flor? Qualquer planta não serviria?

Ela balançou a cabeça, seu cabelo seco balançando ao redor de sua cabeça.

– A planta deve estar viva. Você seria capaz de obter um com suas raízes intactas e depois plantá-la em um vaso? Eu preciso ser capaz de movê-la ao sol.

Ele teve que adicionar um pote à sua lista de itens para obter.

Merikh virou o crânio para o céu, observando a hora. O sol estava se pondo, mas ele pensou que conseguiria chegar à cidade mais próxima se corresse de quatro antes que fechassem os portões.

Seu estômago escolheu aquele momento para gorgolejar alto. Ela o cobriu com os dois braços, erguendo os ombros timidamente.

— Desculpe — ela riu. — Eu comi quando acordei, mas na verdade não tinha muita comida sobrando.

— Peguei bastante para você comer, e essas plantas ainda têm vegetais e frutas. Elas ainda não estão totalmente maduras, então isso lhes dará tempo para crescer. — Merikh suspirou enquanto olhava para a planta à sua frente. — Você sabe cuidar do jardim? Eu nunca fiz isso antes.

— Na verdade não, mas tenho certeza de que podemos descobrir isso juntos. — Raewyn ofereceu a ele um sorriso caloroso e ele desviou o olhar completamente. — Falando em descobrir juntos... você poderia me ajudar a cozinhar?

— Eu? Por que eu saberia cozinhar? Nunca cozinhei nada na minha vida. Se não fosse óbvio para você, tudo o que comi geralmente é tão fresco que ainda está gritando.

Raewyn revirou os olhos para ele, mas ele notou como ela estremeceu também. Talvez ele fosse um pouco gráfico, mas simplesmente não conseguia entender como ela não entenderia isso agora.

— Você pode pelo menos cortar uma batata, ou isso é muito difícil para sua bunda de Caminhante do Crepúsculo?

Merikh grunhiu. — Claro.

— Na verdade, não preciso que você cozinhe. Eu posso fazer isso sozinha. Eu tenho paladar, — ela disse, mais curta do que o normal. — Será mais fácil se você me der a comida em vez de eu descobrir onde ou o que está tudo agora. Sua casa é nova para mim e vou passar horas tentando encontrar o que preciso quando você sabe onde fica.

Ela tinha razão, e os sacos de comida que ele trouxe estavam todos misturados.

— Tudo bem — ele respondeu. — Deixe-me plantar isso e depois entrarei.

Ele esperava que Raewyn saísse do seu lado e lhe desse um pouco de paz, mas ela não o fez.

Ela começou a explicar um monte de matemática. Ele não sabia se era complicado ou não. Ele pode ser decente em leitura e escrita, mas suas habilidades matemáticas eram abaixo da média.

Havia algo sobre o cálculo da taxa de absorção da pedra de mana, explicando que cada pedra era de qualidade diferente. Então, ela teria que alimentá-la com mais magia espiritual, o que, aparentemente, daria a ele uma demonstração de sua mudança de cor de cabelo. Ela precisava dar a quantia certa, ou a coisa iria quebrar.

Depois, calculava quanta radiação, calor e luz ela absorvia do sol, e cada um precisava ser equilibrado ou falharia. Seu rosto ficou abatido quando ela explicou isso a ele, e ele imaginou que era uma das razões pelas quais sua visão era do jeito que era.

Apesar de entender apenas metade de sua matemática e procedimentos, a fé de Merikh em todo o processo estava diminuindo. Ainda nem tinham começado e ele estava preocupado.

O que ele faria se falhasse?

Ela pediria para ser levada a uma cidade humana e aprenderia a viver entre eles? A ideia de deixá-la ir tinha seus prós e contras.

Ele não iria querer deixá-la ir, caso ela descobrisse outra maneira de chegar em casa. Eles poderiam descobrir algo juntos, um novo plano - ele estava acostumado a enfrentar o fracasso. Ele ficaria

de mau humor por um tempo, mas se ele a mantivesse, o potencial era mais provável do que se ele estivesse sozinho.

Ela também tinha muita magia que ele poderia consumir, mas ele havia perdido completamente o entusiasmo de comê-la.

Ela o irritava com seus sorrisos, bondade e alegria geral. A ideia de extinguir o brilho dela para sua própria ganância provavelmente pesaria em sua consciência.

Ele não se arrependeu muito em sua vida, mas pensava que se arrependeria de machucá-la.

No entanto, ele gostaria de deixá-la em uma cidade para não se apegar a ela, especialmente se os dois acabassem presos aqui. Eles já estavam juntos há quase um mês, e seu rabo estava se contorcendo em nós.

Ele não gostava da ideia de ser o masturbador de uma mulher excitada. Ele não queria ser usado para satisfazer algum desejo estranho e fodido por um monstro, apenas para ser descartado quando ela ficasse entediada ou tivesse alguém atraente como ela para brincar. Isso é, se essa era a intenção dela.

Ele ainda não entendia por que tudo havia acontecido entre eles durante a viagem para sua casa.

Só porque ele a desejava, e ela estava excitada em sua presença, não significava que ela realmente queria ser sua parceira – em qualquer sentido da palavra.

Eu sou sua única opção para chegar em casa no momento. Da mesma forma, ela era a única chave em potencial para sua liberdade. Se isso não acontecer mais, ela vai querer sair do meu lado.

Voltando o olhar para o céu, ele esperou que seus orbes mudassem para azul em tristeza com esse pensamento.

Isso nunca aconteceu.

Merikh estava tão acostumado a ficar sozinho e rejeitado que parou de se importar. Ele estava tão acostumado com isso que nunca permitiu que uma centelha de esperança acendesse, então não poderia ser violentamente extinta como sempre foi.



Raewyn franziu os lábios enquanto cortava a cenoura que estava preparando para o jantar em aborrecimento.

Ele está me evitando, Raewyn pensou enquanto jogava a comida na frigideira, alcançando cuidadosamente a alça para saber onde colocá-la.

Fazia três dias desde que ela acordou aqui, e depois que ele a ajudou a fazer comida no primeiro dia, suas interações com Merikh tornaram-se quase inexistentes.

Ele mostrou a ela onde estava toda a comida depois de colocá-las em suas próprias sacolas. Ele deu a ela todas as ferramentas que tinha, junto com as que ele foi obter no dia seguinte, para que ela pudesse se familiarizar com elas quando começasse a trabalhar no feitiço do sol. Ele deu a ela um caderno e uma caneta estranha que ela não conhecia - tinha uma ponta de pena que ela precisava mergulhar na tinta - e ela estava grata por poder usar seu feitiço elbraille nela.

Assim que ela pôde funcionar sozinha, ele deixou de estar perto dela.

Eu sei que ele está lá.

Ele a informou que estaria dormindo na caverna e que ela cuidaria dele – ele não queria que ela acidentalmente chutasse seus espinhos. Outras vezes, ela o chamava, e ele se aproximava de Deuses sabe onde para ajudá-la.

Ele estava lá, mas não permanentemente perto dela.

Agora que eles chegaram em sua casa, a separação constante a estava afetando. Ela queria alguém para conversar e percebeu hoje que meio que... sentia falta de conversar com ele.

Claro, ele não era a pessoa mais sociável, mas era um bom ouvinte e ocasionalmente fazia perguntas. Não era unilateral, mas ela fez a maior parte da conversa. Para uma pessoa abertamente tagarela, essa era uma qualidade maravilhosa.

Raewyn também sentia falta de sua proximidade. Seu cheiro persistente era suave, já que era óbvio que ele não passou muito tempo morando aqui ao longo dos anos. Ela gostou de seu cheiro de laranja e canela e desejou que fosse mais forte, como quando ele estava ao seu lado.

Ela gostava do calor dele e de sua grande mão segurando-a enquanto a carregava. Depois, havia sua voz rouca e formigante e suas respirações profundas e calmantes que ela só podia ouvir quando estava pressionada contra ele.

Eles basicamente ficaram colados um ao outro por um mês. Agora, era como se houvesse um vazio ao lado dela.

Um vazio grande, pontiagudo e irritável que ela gostava de contornar.

Apertando seus botões, fazendo perguntas desconfortáveis, confundindo-o – Raewyn gostou de tudo isso. Ela achava suas

reações, ou aquele grunhido que ele fez, engraçado e fofo.

Ela era um coelho cutucando um grande urso que não sabia o que fazer com aquela coisinha macia que o incomodava.

E ela sabia que ele não queria machucá-la, pelo menos não mais.

Ele era muito atencioso com ela. Ele havia consertado a bengala dela e agora era ainda mais confortável do que a que ela tinha em casa – embora ela apostasse que esta era feia em comparação. Era o pensamento que contava, especialmente vindo de alguém que poderia ser cruel com ela.

Merikh teve a oportunidade de tratá-la como nada além de uma cativa, algum tipo de prisioneira, mas não o fez.

Considerando que ele tinha um pau e podia sentir desejo como qualquer outro homem, não havia realmente nada que o impedisse de tentar usá-la de maneira perversa. Se ele quisesse, poderia forçá-la a agradá-lo só porque ela estava ali, sozinha e vulnerável, sem ninguém para salvá-la.

Raewyn jogou manjerição e alho na frigideira e então mexeu tudo com as bochechas esquentando.

Ela não era contra isso, desde que seu consentimento pudesse ser dado e respeitado.

Então ela fez uma pausa. *Talvez ele não me veja assim?* Se ela lembrasse das duas vezes que eles se tocaram, Raewyn tinha instigado isso de alguma forma.

Ele disse que gosta do meu cheiro. A pontada de vergonha fez os cabelos de sua nuca se arrepiarem. Sua espécie reagia ferozmente aos feromônios, e ele foi pego por esse motivo?

Incerta da verdade, Raewyn cravou as unhas em seus cachos soltos e coçou o lado de sua cabeça. *Eu sempre poderia perguntar a ele.*

Puxa, aquela conversa seria muito embaraçosa!

– *Ei, Merikh. Você está interessado em mim sexualmente, ou eu tirei vantagem de você por acidente?* – Sim... essa *não* era uma conversa que ela queria ter.

Ela seria mais consciente no futuro. Ele era inteligente, o que tornava tudo confuso.

Ela estava acostumada a estar perto de pessoas que não sucumbiam aos impulsos mais animais como cios e rotinas, mas havia algumas espécies de elfos que o faziam.

O clã Taihee era, por exemplo, uma espécie de Elfo afetado por períodos de desejo incontrolável. Era quase como se seus corpos fossem uma mistura perfeita de humanóide e animal, e cada subclã era diferente.

Alguns representantes principais chegaram brevemente a Nyl'theria antes da chegada dos Demônios. Houve um macho adulto que tinha um rosto felino com um corpo humanóide, mas suas pernas eram digitígradas, já que ele andava sobre patas. Também havia uma fêmea com um bando gigante de penas e um bico.

Seus pais foram os únicos a estudar seu DNA para descobrir que eles eram meio-elfos, assim como os clãs Bansu que eram basicamente meio-planta.

Espero que Merikh não tenha sido pego pelos meus feromônios. Conscientemente, seus ombros se voltaram para dentro. Ela gostava de Merikh por vários motivos diferentes, e nem todos eram físicos.

Ele era seu amigo, e ela esperava que ele sentisse o mesmo. Ela achava a companhia dele fácil, já que não precisava esconder nada

de quem ela era.

Era hipócrita da parte dela, mas ela era bastante intolerante com os outros e odiava qualquer um que falasse sobre ela. Ela não gostava de competir pelos holofotes. Provavelmente veio da inteligência de Raewyn como cientista e da autoconfiança em sua posição no conselho.

Foi por isso que ela escolheu se separar da sociedade normal e se concentrar em sua carreira. Ela não poderia ofender ou aborrecer ninguém se estivesse muito ocupada trabalhando no próximo avanço. Os outros membros do conselho tinham seus próprios problemas com os quais também precisavam lutar - nenhum deles era perfeito.

Que seja. Se ele não vier até mim, então irei até ele.

Uma vez que Raewyn terminou de cozinhar uma deliciosa refeição vegetariana, se ela mesma disse, ela pegou um prato para si mesma. Com a mão segurando a parte de baixo dele, os talheres na outra mão com a bengala, ela saiu da caverna.

Assim que a ponta da cana encontrou a aspereza da grama em comparação com a suavidade da pedra, ela soube que havia chegado à entrada. Com a falta de calor, devia ser tarde da noite.

Agora, onde ele está?

Vagar pela área era uma péssima ideia, especialmente se ela não quisesse jogar a comida no chão por acidente.

— Merikh? — ela disse em voz alta.

— Por aqui — ele chamou de volta.

— Fique aí. — Raewyn se dirigiu para onde ela achava que as três pedras e duas árvores estavam próximas ao lago.

Quando ela chegou na metade do caminho, suas orelhas se contraíram com qualquer ruído que indicasse sua localização. Ela o seguiu, e ficou mais macio antes que a ponta de sua bengala atingisse a pedra sobre a qual ele estava sentado. Ela bateu em um pé, mas não no segundo, então imaginou que ele tinha um dobrado.

— Você precisa de algo? — ele perguntou com gentileza, fazendo os lábios de Raewyn se contraírem em um pequeno sorriso.

Se tivesse sido há um mês, ele provavelmente teria dito: — O que você quer? — Era difícil não pensar profundamente em pequenas diferenças como essa.

— Não, — ela afirmou enquanto levantava o queixo e simultaneamente sentava enquanto dobrava as pernas em uma posição cruzada. Ela descansou as costas da mão segurando o prato contra as panturrilhas e esfaqueou a comida. — O que você está fazendo?

— Sentado aqui, olhando para o céu. — Havia um encolher de ombros em sua voz.

— Se importa se eu perguntar por quê?

— Porque eu posso? Atualmente tenho essa praga em minha casa, ocupando todo o espaço. Onde mais posso sentar e ter um pouco de paz?

Seus lábios se abriram em um sorriso maior; ela não acreditava que ele a achava uma peste.

— Na verdade, acho que sou uma ótima companhia, muito obrigada, Sr. Urso Rabugento.

— Você sabe o que? De agora em diante, esse será meu nome. No entanto, acho que devemos torná-lo mais formal. Sir Urso

Rabugento, só para você entender a hierarquia do nosso relacionamento.

— Então eu serei a Rainha Ra Raio de Sol. Só para *você* entender a hierarquia do nosso relacionamento.

— Eu não me ajoelho para nenhum homem, sua *alteza*.

Ooh, ele estava sendo bastante condescendente.

— Felizmente, não sou homem — ela respondeu, apontando o garfo na direção dele.

— Não é o que eu quis dizer. O homem como em toda a humanidade...

— Felizmente, eu também não sou humana. — Quando ele grunhiu em resposta, o sorriso dela ficou tão brilhante que doeu. Ela deu outra mordida, empurrou a comida para a bochecha e perguntou: — Então, Sir Urso Rabugento, por que você está me evitando?

— Eu não estou. Apenas dando-lhe espaço no caso de você querer. Você é quem não me procurou.

A mandíbula de Raewyn caiu entreaberta. Bem, caramba, ele não estava errado sobre isso. Ainda assim, ela não pôde deixar de pensar que isso poderia ser uma mentira. Havia muito que ele disse que poderia ser mentira, mas ela estava optando por não pensar nessas coisas.

— Você sabe que terá que me dar eventualmente — afirmou ela, seu sorriso caindo.

Uma leve rajada de vento escolheu aquele momento para envolvê-los, agourenta e cheia do silêncio pesado em que ele estava sentado.

Calmo e solene, ele sussurrou: — Eu sei.

O fato de Merikh não ter dado a ela seu diadema com a pedra de mana mostrava que ele estava preocupado com o fracasso dela. Para ser justo, ela também estava nervosa.

Foi a primeira vez que Merikh realmente mostrou alguma vulnerabilidade, e era o sinal de alguém que poderia estar um pouco assustado. Imaginá-lo assustado não era uma tarefa fácil, mas ela entendia o peso do que ele estaria desistindo.

Seu coração se encheu de ternura.

Ele não era tão infalível quanto parecia, e isso aprofundou as muitas facetas dele. Ele não era um idiota bidimensional montando seu despeito como uma desculpa. Ele tinha medos, preocupações e sonhos - alguns ele compartilhou, e muitos ela imaginou que ele não tinha.

— Por que você não pode criar outro portal como o que a trouxe aqui?

Ele estava procurando por uma alternativa, uma maneira de desistir do único item que ela achava que ele não poderia viver sem.

— Porque aquele era um portal do caos. Eles geralmente são criados sem uma pedra de mana e por acidente, e podem te levar a qualquer lugar. O meu aconteceu para me trazer aqui.

— Você não poderia acidentalmente criar outro?

Ela jurou que viu um lampejo de branco, mas rapidamente voltou ao vermelho antes de desaparecer.

— Não. Depois de falar com os líderes de outros reinos com os quais estávamos em contato, eles nos pediram para fechar todos os nossos portais e não abri-los novamente até que tivéssemos lidado com os Demônios. Por respeito a eles e pela segurança dos outros, optamos por concordar para podermos obter sua ajuda no início. Por

exemplo, os Anzúli sacrificaram alguns de seu povo enviando-os para cá, para a Terra, enquanto outro reino nos ajudou a construir a primeira parte de nossa cidade-fortaleza. Outro nos deu recursos para ajudar a alimentar o grande fluxo de pessoas, enquanto outros ajudaram a salvar o máximo que puderam e trazê-los para a cidade antes de recuar.

— Você estava em contato com outros lugares? — Merikh perguntou, e uma centelha amarela brilhou em sua visão escura.

— Bem... sim, — Raewyn disse enquanto inclinava a cabeça. Ela ainda não havia contado a ele? — Cerca de trinta e um anos atrás para nós, que é cerca de quatrocentos e sessenta e cinco anos aqui, descobrimos como abrir portais permanentes em vez de caos. Conseguimos ensinar pedras de mana para abri-las com pontos astronômicos para fazer portais. Tem um monte de cálculos que não entendo, já que não é minha área de especialização. Só sei que o portal sempre encontrará terra, então não aparecemos no espaço. Ainda assim, nem sempre significa que o outro lado é seguro ou respirável. A maioria dos mundos não são.

— Foi assim que você encontrou a Terra? Os humanos sabem sobre sua espécie de alguma forma há milhares de anos.

— Não. A Terra foi encontrada muitos anos antes através de um portal do caos. Conseguimos recriá-lo, mas sempre foi temporário e sempre nos levava a uma parte diferente do mundo. A Terra é realmente grande, e é por isso que foi tão fácil, enquanto muitos outros reinos são pequenos. Você pode literalmente viajar por nosso reino no período de uma semana nyl'theriana com nada além de suas próprias pernas.

— E quanto aos Demônios? Isso também foi um acidente?

Feliz por ela ter comido a maior parte de sua comida, Raewyn colocou seu prato no chão quando seu estômago revirou.

— Não. Criamos um portal para o mundo deles de propósito, sem saber o que estaríamos enfrentando. Quando uma equipe de exploradores entrou, eles nunca mais voltaram e, em vez disso, uma horda de Demônios explodiu de dentro.

— Você não poderia simplesmente fechá-lo? — Havia uma acusação em seu tom, uma que lançou uma culpa justificável.

Raewyn balançou a cabeça com os ombros caídos.

— Devemos ser capazes de acessar o portal, e os números dos Demônios são densos ao redor dele. Há muitos deles, e eles construíram ninhos em torno dele. Essa parte da floresta é impenetrável agora.

— E esses outros reinos não ajudariam seu povo?

Mais uma vez, ela balançou a cabeça.

— O que você não entende é que somos uma das raças de pessoas tecnologicamente mais avançadas. O que os humanos têm aqui não é nada em comparação com o que descobrimos ou podemos fazer. Dos cinco reinos com os quais tivemos contato estável, os únicos que podem se comparar a nós são os Anzúli, mas são essencialmente humanos com capacidades mágicas. Eles não são rápidos, nem fortes, e sua magia não pode competir com a horda – Demônios são resistentes à magia, embora não impenetráveis.

Raewyn recostou-se nas mãos e virou o rosto para o céu para descansar a cabeça. Ela gostaria de ter respostas mais positivas para ele, ou que a história do povo Elysiano não acabasse do jeito que aconteceu, mas nada poderia mudar isso.

Era o que era.

— Os Bansu foram os primeiros que conseguimos alcançar e eram primitivos. Eles eram basicamente um com a flora de seu reino, então não precisavam de nenhum avanço. Tudo o que eles poderiam precisar ou desejar era fornecido por seu planeta. Os Taihee eram um pouco mais avançados. A diferença entre eles e os Bansu é que eles ficaram muito felizes quando compartilhamos nosso conhecimento com eles, enquanto os Bansu, embora felizes em compartilhar uma conexão conosco, não queriam mudar seu estilo de vida. Havia uma raça de elfos chamada Nanteth, e eles tinham um ciclo solar oposto ao nosso - mais noite do que dia, e era basicamente inverno o ano todo. Eles eram pálidos porque sua melanina era diferente da nossa, então eles podiam absorver mais de seu sol fraco, enquanto nossos três sóis são muito fortes e vivemos em um verão permanente. Não conseguíamos lidar com o mundo deles e eles não conseguiam lidar com o nosso - mesmo que tentássemos.

— Por que se preocupar em fazer tudo isso? — ele perguntou, como se o que eles estivessem fazendo fosse absurdo. — Por que se preocupar em tentar?

Raewyn bufou uma pequena risada.

— Porque queríamos ser amigos! Queríamos nos conectar com as pessoas, não importa quem fossem, de onde vinham ou como viviam. Respeitamos a cultura de todos, nunca pressionamos ninguém a fazer mudanças, mas queríamos expandir. Queríamos saber o que estava por aí, *quem* estava por aí, e nossa esperança era que pudéssemos construir um mundo maior, onde todos estivéssemos conectados pela paz.

Rápido para responder, Merikh disse secamente: — Isso é tolice. A paz dura pouco antes que as diferenças criem a guerra.

— Não para nós. Por quase uma década, portanto, cento e cinquenta anos aqui, nem uma vez tivemos problemas. Todos entendiam que éramos todos diferentes, e que entrar no reino de outra pessoa significava que aderíamos à sua cultura, a menos que eles aprovassem o contrário. Havia equilíbrio e unidade. É possível quando seu coração não está cheio de julgamento e ódio.

— Não admira que você não tenha mantido contato com os humanos aqui, então. Eles são o completo oposto dessa ideologia.

Raewyn mordeu o interior de sua bochecha, e então pegou os talos de grama como uma forma de se distrair.

— Eu gostaria que você não estivesse certo, mas você está. Quando nosso povo visitou aqui, fomos caçados por sermos diferentes. Eles viram uma criatura alta e de orelha pontuda que podia lançar magia, e os humanos queriam nos machucar, fazer experiências conosco, nos transformar em prisioneiros para que pudéssemos satisfazer seus desejos gananciosos. Tentamos, muitas vezes, estabelecer a paz, mas simplesmente não foi possível. Iríamos tentar novamente no futuro, esperando que eles mudassem.

— Os humanos conhecem centauros, sereias, golems e outras criaturas estranhas. Você os conheceu também?

A expressão dela se iluminou com a curiosidade em seu tom, o que o tornou menos áspero e mais infantil.

— Golems dos quais nunca ouvi falar, mas você está falando de centauros como pessoas meio-cavalo?

— Sim.

Ela assentiu.

— Nós encontramos uma espécie como essa, mas eles não foram tão amigáveis. Na verdade, eles eram bastante rudes e tinham um complexo de superioridade. Mantivemos o portal aberto, mas ninguém se aventurou para nenhum dos lados. As sereias eram um pouco mais amigáveis, mas não podemos respirar debaixo d'água e elas não podiam andar em terra, então apenas negociamos uns com os outros. Elas ensinaram muitos do meu povo a nadar, e um grande grupo delas se mudou para Nyl'theria porque queriam dar ao seu ecossistema uma folga da superpopulação. Viu? — Raewyn deu a ele um sorriso tímido. — Unidade que beneficiou ambas as partes. Elas vieram para o nosso mar e pudemos nos aventurar em suas pequenas terras.

— Ugh, — Merikh resmungou, e ela imaginou que ele teria revirado os olhos... se ele tivesse algum. — Você espera que eu acredite que sua espécie é tão misericordiosa e compreensiva, mas tenho certeza de que isso não pode ser completamente verdade. Deve haver um ponto em que vocês, elfos, não poderiam aceitar outro.

— Você não estava ouvindo nada? — As sobrancelhas de Raewyn se juntaram firmemente enquanto seus lábios puxavam para um lado. — Desde que as pessoas entendessem as diferenças culturais e aceitassem o vínculo de um portal aberto, ficamos felizes em ter essa conexão. Se eles estivessem decididos a nos mudar, nós o fecharíamos com a intenção de tentar novamente nos próximos anos. A ideia foi colocada em suas cabeças e esperamos que o próximo contato seja mais tranquilo. Nunca forçamos a questão. Se fossem pessoas violentas e desejassem nos controlar ou nos prejudicar, teríamos fechado imediatamente sem discussão...

— Todas as pessoas de quem você falou são semelhantes a você.

Raewyn inclinou a cabeça para o lado.

— Eu não entendo.

Sua risada singular era sombria, sem humor.

— O que você acha que seu pessoal faria se eu batesse no seu portal?

— Falar com você? — ela perguntou confusa.

— Raewyn, isso é delirante. Eles veriam uma criatura que tem uma coisa morta em seus ombros e provavelmente me perceberiam como mau, ou algum presságio de morte.

— Acho que não, — ela afirmou em um tom calmo. — Sempre demos uma chance a todos.

— Crianças não gostam de olhar para coisas mortas; elas as acham assustadoras. Os adultos não são melhores quando se trata de coisas que não entendem. Você está falando de uma experiência de lidar com pessoas que não se parecem com os Caminhantes do Crepúsculo.

Talvez ela fosse tendenciosa, porque ela realmente pensava que seu povo estava aceitando, mas seu peito inteiro girava com raiva. Ela virou o rosto para ele, então ele sabia que ela estava olhando.

— Você está errado. Permitimos que demônios que pediram santuário vivessem entre nós.

— E você os aprisionou assim que sucumbiram à fome porque os obrigou a comer do seu jeito. Eu enfrentaria o mesmo problema se sentisse cheiro de sangue ou medo, e duvido que seria perdoado, embora não possa evitar. É fácil perdoar um rosto quando é parecido com o seu.

— Porque não sabíamos disso antes, — ela rosnou, semicerrando os olhos em sua direção. — Agora temos uma parte da cidade que guarda gado para eles, porque eles não podem mudar o que precisam para comer melhor do que nós...

— Eles se parecem com você? Cheiram como você? Falam como você? Como eles são tratados? Eles estão subjugados, vivendo em sua própria seção como párias?

— Eles escolheram isso por conforto. Eles desejam viver mais próximos porque são cautelosos consigo mesmos e não desejam colocar ninguém em perigo. Eles são bem-vindos em qualquer lugar da cidade. Nem todo mundo escolhe morar lá.

— Eles escolheram isso ou foram pressionados a tomar essa decisão com base em como foram tratados ou vistos?

Eu não entendo, ela pensou, balançando a cabeça em descrença. Ele estava defendendo pessoas que não conhecia, nunca conheceu. É como se ele quisesse ver o mal em nós.

— Não, — ela respondeu com total determinação. — Só porque moram juntos não significa que não trabalhem conosco, comam conosco, brinquem ou conversem conosco. Eles compram nos mesmos mercados, colocam seus filhos nas mesmas escolas. Não há divisão nesse sentido. Não há diferença entre nós, a ponto de meu assistente ser um Demônio e eu o escolher a dedo. Nós até os chamamos de Delysianos, porque, embora sejam diferentes, são como nós e, desde que não tenham fome, nunca fizeram mal a ninguém.

— Como você pode ter tanta certeza?

O que mais ela poderia dizer? Ela comeu na mesa de Cykran com seus vizinhos. Ela brincava com seus filhos e passava um tempo

naquela parte da cidade como amiga de Cykran - enquanto ele se gabava de trabalhar no palácio da conselheira.

Assim que ela abriu a boca, Raewyn a fechou quando uma percepção impressionante a atingiu como um raio.

Isso não tem nada a ver com os Demônios. Ela esfregou a bochecha antes de fazer o mesmo na nuca. *É sobre ele.*

Merikh, à sua maneira estranha, estava tentando descobrir se ele seria aceito entre seu povo, apesar de sua aparência.

— Merikh... contanto que você realmente tente não machucar ninguém, não vejo por que você não seria aceito, — ela disse enquanto suavizou suas feições. — Não somos como os humanos. Você conseguiu andar entre eles, falar com eles sem machucá-los acidentalmente. Contanto que você pudesse fazer o mesmo esforço conosco, você não seria forçado a esconder seu rosto atrás de um feitiço.

— Você não pode dizer isso com absoluta certeza. — Quando ela franziu as sobrancelhas, ele acrescentou: — Você estava com medo de mim no momento em que me conheceu.

— Isso é diferente! — ela gritou em indignação. — Você estava cacarejando como um psicopata e agindo de forma agressiva. Você mentiu para mim, me fez pensar que você era outra pessoa.

— Se eu tivesse revelado o que eu era para você em Clawhaven, você não teria saído por aquele portão comigo. Admita.

— Bem, não — ela fez beicinho. — Mas isso é porque eu não conhecia você, ou o que você era. Agora sim, e posso falar em seu nome. — Então ela dobrou o braço, como se estivesse flexionando o bíceps. — Serei seu braço forte e você será bem-vindo em pouco

tempo. Eu sou a conselheira Synedrus Raewyn Daefaren, principal representante do povo Caminhante do Crepúsculo.

Começou quieto, como se alguém tentasse ao máximo reprimi-lo, mas foi ficando cada vez mais alto até que uma chama amarela explodiu. A risada de Merikh cresceu em profundidade, como se ele não pudesse se conter.

— Um representante de um Caminhante do Crepúsculo? Nunca na minha vida pensei que ouviria algo tão absurdo quanto isso.

— Não é absurdo, — ela resmungou, tentando não sorrir em triunfo.

Ele está rindo. Eu o fiz rir. Foi sincero e genial, fazendo seu coração palpitar em seu rastro.

— Tudo bem, Raewyn. Vou deixar você tentar, mas não fique muito desapontada se falhar.

— Eu não vou falhar, — ela afirmou com absoluta certeza. Ela não se deixaria falhar. — Então, você vai me dar seu diadema agora?

— Ainda não. Preciso pegar algumas coisas na cidade antes de você brincar com ele.

Raewyn revirou os olhos.

— Eu não preciso mudar o encantamento ainda. Posso verificar sua taxa de absorção sem fazer isso e não preciso fazer mais nada até que você tenha as flores e eu as prenda com meu cabelo.

— Vou dar a você amanhã, já que sei que você provavelmente vai dormir logo.

Ela esfregou os olhos, como se ele mencionasse isso, fazendo com que o cansaço a dominasse. Ela ficou sentada com ele por um tempo até que mais uma vez quis preencher o silêncio.

Honestamente, ela só esperava que pudesse fazê-lo falar pelo menos uma vez.

— Por que você está olhando para o céu?

— Eu não sei, — ele respondeu. — Na verdade, é muito chato, se você me perguntar.

Raewyn teve um ataque de riso.

— Então por que você está fazendo isso?

— Porque estou entediado, não é óbvio?

— Você sempre pode vir e sair comigo.

— Por que? Para que eu possa olhar para você? A maioria das pessoas acharia isso... estranho.

Seus ombros estremeceram quando ela encolheu os ombros.

— Melhor do que olhar para o céu. Pelo menos você poderia ter alguém para conversar. Acho que sou bem interessante.

— Tão modesta — afirmou ele com um sorriso de escárnio brincalhão. Quando ela levantou uma sobrancelha, ele deu-lhe um bufo profundo. — Tudo bem, eu vou entrar enquanto eu puder aguentar você.

Raewyn usou a pedra para se levantar e pegou seu prato. Com a bengala em uma das mãos e a comida mais consumida na outra, ela voltou por onde veio.

O som que ele produziu ficou com ela, então ela sabia que ele não apenas a seguiu, mas estava caminhando ao lado dela. Ela se aproximou um pouco mais, esperando sentir o calor dele, e seu cotovelo acariciou a pele.

Então ela se deu conta, e ela deixou cair o prato ao parar.

Merikh fez uma pausa e voltou. — O que está errado?

— É isso — ela disse baixinho. — Isso é o que eu posso ouvir.

Ela correu para frente e se chocou contra ele, fazendo-o tropeçar para trás de surpresa. Colocando a orelha dela bem no centro do peito dele, o som ficou mais alto.

— Você está vibrando! Você está produzindo um som que não é óbvio, então não é arrogante e fácil de sintonizar, mas a frequência é uma que posso ouvir se procurá-la.

Agora que sua orelha estava pressionada contra ele, era como um ronronar enquanto retumbava profundamente dentro dele. Se ela a tirasse, ficaria entorpecido exponencialmente.

— Você mencionou que não podia me ouvir, e eu não queria mudar meu andar para acomodá-la. Estou acostumado a ser leve para caçar.

— Eu poderia dizer que algo estava diferente. Eu simplesmente não conseguia descobrir o porquê.

Ela não sorriu de alegria, mas fechou os olhos enquanto ouvia, encontrando consolo nisso. Seu coração batia forte, e foi mais rápido quando ela o tocou pela primeira vez. Agora, caiu em um ritmo fácil e profundo. Parecia tão grande e ele era tão quente que ela adoraria rastejar para dentro dele e adormecer dentro de sua cavidade torácica como um casulo de segurança e conforto.

— Obrigada por fazer isso por mim.

Ela estava basicamente abraçando-o. Como ele não estava se afastando, ela não parou – embora ele não retribuísse.

Raewyn finalmente sorriu quando ele deu um grunhido estranho em resposta.

CAPÍTULO 22

Sentada na grande pedra situada debaixo de duas árvores ao lado do ponto do funil do lago, Raewyn passou os dedos pelos cachos.

Ela estava refletindo sobre a conversa do dia anterior.

Depois de falar com ele sobre a história de seu povo e suas planícies para conectividade entre os mundos, dizendo-lhe que ela ficaria com Merikh para ajudá-lo a viver dentro da cidade, ele ainda era engraçado em dar a ela o *diadema*.

Ele deu a ela, porém, depois que ela dormiu, e ela pensou que ele poderia ter descansado também.

Ela não precisou remover a pedra de mana da joia, o que o deixou aliviado.

A peça central tinha um design simples. A pedra estava presa no lugar por uma bobina de metal que percorria suas bordas e costas. A bobina tinha um laço no topo onde a corrente, amarrada e torcida no desenho por pequenos anéis, passava por ela.

Pelo que ela tinha visto brevemente do diadema, ele o prendeu no lugar envolvendo-o em torno das bases de seus chifres salientes para cima. A pedra era de um azul profundo, como o oceano.

Ele reclamou em um murmúrio baixo por não tê-lo removido em mais de cento e oitenta anos enquanto o entregava a ela.

Ela o colocou no banco de pedra e então começou a trabalhar sua magia de apalpador nele.

Merikh comentou como as raízes de seu cabelo ficaram grisalhas, que era a base de suas propriedades mágicas. Essa era a magia do espírito dela, embora fosse diferente para todos.

Então, seu cabelo, assim como as marcas sobre seu esterno, começaram a brilhar multicoloridas enquanto ela examinava todos os componentes da pedra, desde toda a magia elementar até a magia espiritual.

A única razão pela qual ela sabia que o diadema flutuava entre suas mãos abertas era por causa da essência mágica que brilhava em sua visão.

Isso permitiu que ela visse as propriedades da pedra de mana de perto, verificasse sua taxa de absorção e se ela tivesse alguma falha - que não tinha. Estava em perfeitas condições, embora não muito forte ou grande. Ela precisaria alimentá-la com sua própria magia por alguns dias, uma vez que neutralizasse o encantamento atual.

Um encantamento de glamour não era fácil de conseguir. Ela se perguntou a princípio quem havia dado a ele, mas apenas um nome lhe veio à mente - Weldir.

Aquele semideus estava fazendo coisas que não deveria. Ele estava mexendo com o círculo da vida criando seus próprios filhos, criando encantamentos e, aparentemente, ele descobriu uma maneira de roubar uma pedra de mana de Nyl'theria sem poder pisar nela, provavelmente usando sua companheira.

A história de Weldir era parte dela, e a maioria dos Elysianos aprendeu sobre isso enquanto crescia.

Ela se sentia desconfortável em falar com Merikh sobre ele. Ele poderia não gostar de saber o que fez sobre seu pai semidivino ou a verdade sobre suas origens.

Quanto mais ela entendia Merikh, mais ela queria contar a ele, especialmente porque era óbvio que ele não sabia a verdade.

Ela não queria enganá-lo quando eles fossem para a cidade e ele fosse questionado, e ela não queria aborrecê-lo com *quem* poderia questioná-lo.

Assim que terminou de verificar a pedra de mana, ela a devolveu a Merikh. O grande Caminhante do Crepúsculo fugiu com ela como se seu rabo estivesse pegando fogo.

Uma risada suave borbulhou por seus lábios.

A cauda dele a assustou no começo quando golpeou a parte de trás de suas coxas. Agora que estava em casa, estava tirando-a de dentro da calça, e parecia ter vontade própria.

Ele roçou a lateral de suas pernas algumas vezes, fazendo cócegas e balançando contra ela, antes de se afastar. Ela se perguntou se isso era apenas porque estava balançando quando ele se virou, ou se ele teve um pensamento. Difícil saber, já que ela não tinha um rabo próprio para compará-lo.

Ela virou o rosto para o calor do sol. Era final da tarde, inclinando-se em sua direção sob a cobertura da árvore.

Eu me pergunto se Merikh estará de volta em breve.

Ele havia saído para ir à cidade com a intenção de conseguir uma flor com o tipo de bulbo que ela precisava. Precisava envolver toda a pedra.

Então, ela poderia começar seus experimentos.

Assim que Raewyn inclinou a cabeça para baixo e para o lado de onde ela pensou que ele poderia vir, ela saltou em seu poleiro, assustada. Por um momento, ela jurou ter visto uma mulher transparente à sua frente, clara e branca como um Fantasma.

No momento em que ela se assustou, porém, a mulher fantasmagórica desapareceu. Um cheiro tomou seu lugar,

desconhecido e próximo.

— Olá? — ela chamou, suas orelhas achatando. — Tem alguém aí?

Era estranho perguntar quando ela não tinha ouvido ninguém se aproximar, nem sentiu o cheiro de outra pessoa se aproximando. Ela não tinha certeza se poderia haver alguém ali, nem mesmo a alguns metros dela.

— Olá?

Seu pulso se acalmou quando a onda de paranóia suavizou.

Pelo que ela sabia, ninguém podia entrar na barreira de Merikh, então ela não tinha certeza porque pensou ter visto alguém através de alguma essência mágica. Talvez ela estivesse imaginando o cheiro, ou não o tivesse notado antes porque estava distraída?

Tinha um cheiro floral, embora ela não conseguisse se lembrar se tinha visto flores quando Merikh usou sua visão para lhe mostrar a área.

Quando ela virou o rosto, afastando a ideia de que alguém estava ali, a essência branca voltou no canto de sua visão.

Raewyn não teve a chance de se virar e olhar. No lado oposto do riacho através da floresta do Véu, o barulho de detritos de terra e estalos de gravetos chamou sua atenção imediata.

Alguma coisa, ou melhor, várias coisas estavam vindo nessa direção.

Raewyn se levantou e se virou para eles enquanto se arrastava lentamente em direção à entrada da caverna. Ela não estava com medo; ela não tinha razão para estar. A guarda de Merikh a mantinha protegida em um dos lugares mais perigosos da Terra.

Ela só queria poder sair rapidamente, caso fossem mais Demônios. Eles gostavam de perambular pela barreira e sibilar para ela, dizer coisas cruéis e desagradáveis à distância. Ela preferia evitá-los se pudesse, especialmente porque eles sempre a deixavam arrepiada.

Mantendo os olhos no limite da barreira vermelha, ela soube o momento em que as estranhas criaturas romperam a linha das árvores.

Então duas sombras atingiram a proteção ao passar por ela. Houve um arrastar de pés, um estalando as presas enquanto o segundo ria baixinho, seguido por um baque alto.

Raewyn respirou fundo e congelou. *Eles estão lá dentro...* O que quer que fossem, soavam maciços e hostis. *Como eles entraram na barreira?*

– *Você a vê?* – um perguntou.

– *Não a vejo, mas foi por aqui* – respondeu o outro.

Eles tinham vozes semelhantes, um barítono caloroso que se expandia com uma aspereza totalmente desumana.

Ambos tinham um timbre diferente e estranho quando falavam, rosnados mas ao mesmo tempo misturados com uma voz humana. Ela só tinha ouvido Merikh falar assim.

– *Ela não parou para brincar com a gente.*

– *Talvez ela não tenha nos notado.*

Então, ao mesmo tempo, eles disseram: – *Estranho.*

Sem saber o que fazer, considerando que eles não a notaram ou talvez não se importassem, Raewyn se aproximou um centímetro da caverna.

Um deles estava falando, mas se calou assim que ela se moveu, e ela se encolheu. Eles a viram? Talvez ela não devesse ter feito nada e fingido ser uma árvore.

Dois pares de faíscas amarelas brilharam em sua visão, deixando um rastro brilhante como se tivessem inclinado suas cabeças em direções opostas. Infelizmente, eles obviamente estavam de frente para ela.

No entanto, destacou o que eles eram.

Apenas os orbes de Merikh criam tal magia. Eles eram Caminhantes do Crepúsculo, dois deles, pelo que ela podia dizer.

– *O que é isso?* – um deles disse enquanto se movia lentamente em sua direção.

O outro seguiu, praticamente no mesmo ritmo dos passos do outro. Era como se eles fossem uma unidade em movimento.

– *Há um humano aqui.*

– *O que um humano está fazendo aqui?* – Ele cheirou com bufos profundos e bufantes. – *Mas não tem cheiro humano.*

Raewyn recuou lentamente para trás, mas foi forçada a parar quando dois pares de faíscas flamejaram em vermelho antes de desaparecer. Ela não podia fugir, nem mesmo lentamente, ou ela inflamaria sua fome como Merikh a advertiu.

Ela se manteve firme, esperando que se não os agitasse, ou cheirasse a medo ou sangue, eles pudessem ser 'amigáveis' como Merikh.

– O-olá – disse ela, oferecendo-lhes um sorriso fraco.

Amarelo brilhou em sua visão.

– *Falou!* – um exclamou. – *Ele falou conosco!*

– *É ela,* – o outro riu.

Quanto mais perto eles chegavam, passando por cima do riacho e chegando ao lado dela do lago, mais difícil se tornava manter sua determinação. Ela respirou fundo para se acalmar e manteve o sorriso no lugar. 'Finja até conseguir' seria seu lema agora.

Uma coisa que ela notou quando eles se aproximaram foi que eles realmente não soavam iguais. A voz de um era rouca e áspera, enquanto a do outro era um pouco mais aguda, embora ainda profunda.

Seus lampejos de cor mudaram, um ficando roxo e o outro ficando... rosa? Ela nunca tinha visto as faíscas de Merikh ficarem daquela cor, mas o roxo a deixou cautelosa. Esperançosamente, essa era apenas a coloração natural de seu orbe, já que ela tinha uma teoria de que roxo significava desejo.

Pelo menos, isso se suas mudanças de orbe fossem as mesmas emoções para todos eles.

– *Sim, mas os humanos nunca falam conosco,* – disse o da esquerda, seus orbes brilhando em roxo e sua voz mais rouca.

– *Apenas grite e chore,* – disse o da direita, seus orbes rosados e sua voz mais alta.

Seus passos eram silenciosos, mas nada como os de Merikh. Eles estavam muito perto para conforto, mas ela permaneceu onde estava.

– *Ela está nas terras de Merikh* – disse Pink.

Roxo cheirou o ar. – *Ele esteve aqui recentemente.*

– *Por que ele está mantendo a comida viva?*

– *Talvez ela não seja comida?*

Ambos começaram a rir.

– *Não!*

– *Nunca!*

– *Humanos não podem ser amigos de Maovka.*

– C-claro que podemos, – Raewyn interrompeu. – Sou amiga de Merikh.

Eles pararam, e o silêncio só a deixou mais nervosa. Isso foi até que ambos começaram a rir novamente, desta vez ainda mais alto do que antes.

– *Impossível* – afirmou Roxo, sua voz severa, como se ele tivesse balançado a cabeça. O som de ossos chocalhando veio dele.

– *Merikh não tem amigos.*

– *Ele não gosta de ninguém, nem mesmo de sua própria espécie.*

– Ele vai ficar muito bravo se voltar e descobrir que não estou aqui, – ela disse a eles, virando a cabeça para o lado quando Rosa rastejou atrás dela.

– *Ele está sempre bravo. Isso não é novidade* – afirmou Roxo.

– *Tem certeza que ela é humana?* – Raewyn se encolheu quando seu cabelo foi agarrado e puxado para cima, como se Rosa quisesse olhar melhor. – *O cabelo dela é branco.*

– *Os humanos geralmente não têm cabelos brancos, a menos que sejam velhos.*

– *Sim, e ela tem um cheiro diferente.* – Ela tentou não soltar um grito quando Rosa puxou seu cabelo para cheirá-lo.

– *As orelhas dela são estranhas. Pontudas e erradas* – Roxo agarrou seu tornozelo e levantou o pé do chão. Ela quicou, tendo que se equilibrar em uma posição estranha. – *Seus pés são iguais, assim como suas mãos.*

— E-eu sou uma elfa! — ela gritou quando quase tropeçou. A única coisa que a salvou foi Rosa segurando seu cabelo, e isso a fez estremecer ainda mais. — Vocês estão me machucando. Por favor, soltem.

Nenhum dos dois soltou, parecendo não ouvir enquanto conversavam entre si.

— *Ela poderia ser como o Rei Demônio?*

— *Mas o Rei Demônio tem chifres e olhos vermelhos. Os dela são estranhos, como se ela tivesse estrelas nos olhos.*

— *Por que ela tem estrelas nos olhos?*

— *Não tenho certeza. Você sabe por quê?*

— *Não, mas eu gosto do cabelo dela. Cheira bem e tem uma cor bonita.*

— *Cheira bem? Ela cheira horivelmente! O cheiro dela é muito doce.*

— Por favor, deixem-me ir, — ela implorou, tentando afastar o pé quando Roxo começou a mexer o dedão do pé. Ela também estendeu a mão e agarrou o cabelo para tirar o pior da dor.

Ao mesmo tempo, ambos largaram o que estavam segurando, e ela caiu no chão por falta de apoio. O rosto de Raewyn se contorceu quando ela caiu de lado e com o cotovelo, mas ela não teve tempo de se recuperar.

Eles a cercaram, cutucando e agarrando diferentes membros enquanto a inspecionavam. Ela era como um peixe, e eles eram dois predadores circulando a água, checando suas presas antes de atacar.

Eles pareciam tão grandes quanto Merikh, já que falaram de cima dela, mas ela estava questionando a inteligência deles. Ela estava acostumada com Merikh e com a maneira como ele se

expressava claramente. Era difícil imaginar que fossem todos da mesma espécie.

– *O cheiro dele está nela,* – Rosa afirmou perto de seus pés.

– *Mas não parece que ele a reivindicou* – disse Roxo enquanto se movia para o lado esquerdo dela.

– *O que isto significa? Ela é sua noiva ou não?*

– Noiva? – Raewyn perguntou, esperando pela Donzela Dourada que Merikh aparecesse e a salvasse.

– *Você tem que gostar de alguém para torná-lo sua noiva?*

– *Mas Merikh odeia todo mundo. Ele só nos deixa descansar aqui.*

– *Nós devemos ser cuidadosos. Não queremos que ele arranque seu braço novamente e bata em você com ele.* – Roxo riu.

– *Ei! Isso não é engraçado. Isso realmente doeu.*

– *Ele me bateu com ele também.*

Estranhamente, ambos riram.

– O que é uma noiva? – Raewyn gritou, desejando que parassem de ignorá-la.

Eles pararam novamente, e amarelo brilhou em sua visão, mais escuro com curiosidade.

– *Nós não sabemos. Você nos conta.*

– *Podemos ter uma noiva, disso sabemos.*

– *Mas não sabemos o que isso significa. A mãe explicou, mas nós não entendemos.*

– *Um amigo? Alguém que estimaremos e que não é Mavka? Alguém que nos tornará completos?*

– *Mas já estamos inteiros* – afirmou Rosa, seus orbes piscando em um rosa muito mais brilhante do que antes.

– *Nós temos um ao outro.* – Os orbes de Roxo também devem ter brilhado em rosa, já que havia dois pares de faíscas iguais. – *Quanto mais poderíamos querer?*

Uau. Isso não respondeu absolutamente nada e só a deixou ainda mais confusa. Embora... ela tenha achado o que eles disseram um sobre o outro bastante doce, e um pouco de seu desconforto desapareceu.

Eles se importavam profundamente um com o outro. Era difícil não notar.

Ela deixou o assunto da noiva de lado, já que era óbvio que era inútil.

– Ok. Bem, eu sou Raewyn. Não sou humana, mas uma elfa de um mundo diferente.

– *O que é uma elfa?*

– *E o que é um Raewyn?*

Ela não pôde evitar a pequena risadinha que a deixou. Sim, esses dois definitivamente não tinham tanta humanidade quanto Merikh. Ela meio que achou fofo, agora que parecia que eles não iriam machucá-la... pelo menos por enquanto.

– Raewyn é o meu nome.

Um pequeno silêncio caiu sobre eles, faíscas amarelas em sua visão. Eles fizeram isso um contra o outro, pelo que ela podia dizer.

Uma trilha brilhante informou que ambos se viraram para ela e ao mesmo tempo perguntaram: – *O que é um nome?*

Ela explicou a eles o melhor que pôde, embora eles demorassem a digerir. Ela teve que dizer a mesma coisa várias vezes e de maneiras diferentes. Eles nem perceberam que Merikh era um

nome e pensaram que era apenas algo que ele preferia ser chamado diferente de Caminhante do Crepúsculo, ou Mavka.

Eles pensaram que era algum tipo de descritor estranho.

Quanto mais ela falava com eles, mais ela gostava deles. Eles eram um pouco patetas e gostavam de responder às perguntas um do outro e terminar suas frases. Eles estavam sincronizados um com o outro, mas obviamente desconectados do mundo.

– *Você poderia nos nomear então?* – Rosa perguntou, chegando um pouco perto demais de seu rosto.

Raewyn inclinou a cabeça antes de agarrar os pés enquanto cruzava as pernas.

– Claro, eu acho. – Ela deu de ombros. – Posso tocar seus rostos? Pode ser mais fácil para mim descobrir que nome dar a você se eu souber como você é.

– *O que você quer dizer?* – Roxo perguntou.

– *Você já está olhando para nós.*

Suas pálpebras piscaram, mas ela deu um sorriso fraco.

– Eu não consigo ver, – ela disse a eles. – É por isso que tenho estrelas nos olhos.

Uma lufada de ar na frente de seu rosto informou que alguém acenou com a mão a milímetros de seu nariz.

– *Ela não viu.*

– *Não, ela não fez.*

– *Você sabia que as criaturas podem perder a visão?*

– Não – respondeu Rosa, antes de fazer uma pergunta. – *Você não se cura em vinte e quatro horas como nós? Isso é permanente?*

Raewyn assentiu.

– Sim. Humanos e elfos não podem curar feridas como esta com magia.

– *Entendemos... Bem, se você deve tocar meu rosto para me nomear, então você pode fazê-lo,* – Roxo ofereceu.

Raewyn ergueu as mãos e esperou que ele colocasse qualquer tipo de crânio que tivesse em suas mãos.

– *Não! Eu quero ser nomeada primeiro* – exclamou Rosa logo antes de Roxo ser jogado no chão com um baque e um baque.

Assim que Rosa colocou seu crânio em suas mãos, ele desapareceu quando ele foi derrubado. – *Eu ofereci primeiro!*

O medo subiu por sua espinha, já que ela obviamente começou uma briga entre eles. Piorou quando um agarrou seu tornozelo e puxou-a para eles, enquanto o outro rosnou e agarrou seu pulso.

Oh não. O que eu fiz?

Ela esperava que eles não planejassem jogar cabo-de-guerra com seu corpo!

Raewyn soltou um grito estridente quando suas preocupações foram comprovadas, e eles puxaram em direções opostas.

– *Eu primeiro!* – um deles rosnou, assim como um rugido ensurdecedor berrou do lado.

Seus lampejos de orbe ficaram brancos, a trilha brilhante movendo-se em direção ao som. Passos pesados batiam contra o chão, assustadoramente rápidos e disparando em sua direção.

– *É Merikh.*

– *Ele voltou.*

Então, ao mesmo tempo, eles disseram: – *E ele está zangado conosco.*



Pendurado em um ombro estava um saco cheio de mais comida para Raewyn que ele não tinha sido capaz de carregar antes. O outro trazia uma sacola com roupas para ela, pois notou que ela só tinha dois vestidos e um estava imundo da viagem.

Os humanos gostavam de mudar de roupa regularmente e tinham diferentes tipos. Ele imaginou que seria o mesmo para ela, especialmente porque ela tomava banho com mais regularidade em comparação com eles. Ela não tinha nada para dormir, algo que ela choramingou.

Quando ele não conseguiu encontrar as últimas ferramentas e o tipo de flores que ela precisava, ele foi para uma aldeia diferente que não era muito longe da primeira. Felizmente, ele as encontrou.

Em sua mão direita, ele segurava um pote de tamanho decente com várias tulipas amarelas dançando nele.

Embora ele tivesse corrido de quatro para as duas aldeias, ele voltou para minimizar os danos às flores. Além de Raewyn, ele achava que nunca tinha segurado algo tão delicado antes.

Sua barreira estava instalada, então ele pensou que tudo ficaria bem. Nenhum Demônio poderia entrar, e a chance de outro Caminhante do Crepúsculo entrar em seu território era baixa – especialmente porque a maioria deles vivia no lado noroeste do Véu, enquanto ele estava no sudeste.

Ele estava errado, muito errado.

Merikh não havia levado em consideração os gêmeos, que não tinham casa e se aventuravam por toda parte dentro dela, deixando destruição em seu caminho. Eles não eram inerentemente violentos, mas sua versão brincalhona era agressiva, e sua curiosidade muitas vezes os vencia.

Assim que os viu no pátio, dentro da cúpula protetora de sua barreira, o pânico o atingiu. Ele não podia sentir o cheiro de sangue, então Raewyn não tinha sido comida, mas eles estavam bloqueando sua visão dela.

No momento em que ela gritou e ele a viu deitada no chão entre eles, seu pânico se transformou em raiva.

Merikh estava em movimento, deixando cair seus sacos e o pote no chão enquanto disparava para frente e rugia. O *ruído* da cerâmica quebrando mal foi registrado quando ele rapidamente cruzou a distância.

De todos os malditos dias, esses dois tinham que aparecer?!

Merikh e Raewyn estavam aqui há dias, e ele só saiu brevemente dois deles para buscar suprimentos. Hoje, ele esteve fora por mais tempo, e eles decidiram vir agora?

Os gêmeos frequentemente vinham para suas terras quando ele não estava aqui. Como ele raramente ocupava sua casa, mas tinha uma barreira instalada, eles encontraram um porto seguro para descansar verdadeiramente. Eles não tinham para onde ir, então vinham aqui ocasionalmente.

Quando Merikh os descobriu pela primeira vez em suas terras, ele ficou irritado com sua presença irritante e brincalhona. Com o tempo, eles o desgastaram, recusando-se a deixá-lo sozinho, apesar do quanto ele lutou com eles.

Eles foram persistentes.

Ele finalmente desistiu e disse que eles poderiam vir aqui, desde que o deixassem em paz e não tocassem em suas coisas ou entrassem em sua caverna.

Este momento foi a primeira vez que ele considerou Raewyn como 'sua', embora não em um sentido verdadeiramente profundo. Ela era mais alguém que ele deveria estar protegendo, alguém que eles não podiam tocar, porque poderiam destruí-la em segundos.

– *Corre!* – Os gêmeos gritaram em uníssono.

Era tarde demais. Eles eram muito lentos para se virar e disparar em direções opostas.

Ele agarrou o com cabeça de morcego, que geralmente tinha orbes rosa, pela base de uma de suas asas emplumadas inúteis. Merikh percebeu que ele nunca as havia usado, já que os músculos ao redor da base ainda não haviam terminado de se formar.

Então, ele agarrou a cauda de lagarto do Mavka de crânio de corvo que geralmente tinha orbes roxos. Ele não tinha asas como seu irmão fraterno.

Ao mesmo tempo, ele puxou para agarrar alguma parte de suas cabeças. O Mavka, de nariz curto e cabeça de morcego-das-frutas, tinha chifres de cabra que se enrolavam para cima e para trás sobre sua cabeça. Foi fácil pegar um. O outro tinha chifres menores que apontavam para cima, pequenos demais para serem agarrados, então ele apenas enrolou a mão em volta do bico.

Raewyn estava entre seus pés enquanto ele se colocava em uma postura protetora acima dela. Ela rastejou debaixo dele enquanto seus orbes queimavam em um vermelho carmesim, fazendo com que os outros dois ficassem brancos de medo.

Ele os colocou de pé, e nenhum deles foi capaz de manter a posição confortavelmente em suas formas monstruosas. Eles sempre foram assim, e Merikh uma vez se perguntou se eles sabiam que poderiam se tornar mais humanoides.

Talvez eles nem quisessem.

– *O que vocês estavam fazendo com ela?* – Sua raiva aprofundou sua voz para o que era quando ele estava em sua forma monstruosa.

– *Nada!* – o Mavka com caveira de morcego gritou, assim como o com caveira de corvo afirmou: – *Não fizemos nada!*

– *Então por que diabos ela gritou?* – ele rugiu, balançando a cabeça de ambos violentamente quando eles tentaram empurrá-lo.

– *Não sabemos!* – Eles gritaram em uníssono.

Merikh estava tão agitado que rasgou a roupa, as penas tremendo nas pontas. Ele soltou o rabo na caminhada para casa, e ele se enrolou e balançou para o lado.

Suas respostas não eram boas o suficiente. Ele apertou a mão ao redor do bico do crânio de corvo, apertando a mandíbula até ter certeza de que doía. Foi um aviso, uma ameaça, uma que ele havia dado antes. Ele ganiu, fazendo com que os orbes do crânio de morcego ficassem ainda mais brancos em compreensão.

– *Não queríamos fazê-la* gritou – disse o com cabeça de morcego. – *Não é mesmo?*

– *Sim. Não queríamos machucá-la. Não estávamos pensando em comê-la quando terminamos.*

– *Não, nunca. Não comemos as coisas de Merikh.*

Era como se eles compartilhassem o mesmo cérebro, e não era muito inteligente. Eles basicamente contaram a ele uma mentira óbvia, que revelou a verdade do que poderia ter acontecido.

Eles estavam pensando nisso e, se ele tivesse chegado mais tarde, poderia tê-la encontrado comida. A raiva que ele teria desencadeado teria sido tão aguda que ele duvidava que tivesse se contido.

Ele cerrou os punhos ao perceber que poderia ter perdido seu próprio caminho para escapar deste mundo por causa desses dois Mavka meio-cérebros.

Eu nunca deveria ter confiado neles! Ele nunca deveria ter permitido que eles viessem aqui e descansassem.

Ele não gostava deles mais do que o resto de sua miserável espécie: todos idiotas, cheios de tolas esperanças e sonhos que não podiam ser alcançados.

O único por quem ele tinha algum tipo de sentimento era Orpheus. Ele foi o único que viu este mundo com as mesmas lentes melancólicas e agourentas. Orpheus era o único que entendia a verdade sombria dos humanos, os Demônios, de cada coisa viva, respirando inutilmente desesperada para viver.

Ele entendia, assim como Merikh, que eles não passavam de bestas para todos eles, que eram odiados, que não havia bondade para eles.

No entanto, ele ainda o odiava, porque tinha esperança de encontrar uma noiva.

Os Caminhantes do Crepúsculo não foram feitos para encontrar a felicidade, encontrar o amor ou alguém para abraçá-los com ternura na escuridão da noite. Não havia ninguém que quisesse ser abrigado em suas garras.

Mesmo que fossem oferecidos, ninguém queria usá-los como escudo. Eles nunca foram vistos como alguém em quem se pudesse

confiar e eram tratados como nada mais do que criaturas horríveis e desprezíveis.

Orpheus e ele tinham a mesma perspectiva do mundo, mas enquanto Orpheus permitia que sua solidão se transformasse em esperança tola, Merikh a distorcia em despeito.

Para ele, para outros Caminhantes do Crepúsculo, para os Demônios e humanos. Para todos, incluindo seu maldito reflexo.

Os gêmeos estando aqui, se intrometendo em seus negócios e quase arruinando o único potencial que ele encontrou para escapar? *Isso* era um lembrete surpreendente de por que ele nunca os quis aqui em primeiro lugar.

Eles estavam com muito medo dele para transformar isso em raiva. Suas mentes estavam marcadas pelas lembranças que tinham de lutar com ele no começo, onde ele venceu, matando-os temporariamente várias vezes até que ele desistiu de se incomodar.

Sua visão se afundou em carmesim enquanto seu rosnado se tornava mais pronunciado.

Então começou a suavizar quando ele percebeu seus orbes, seus crânios, seus chifres e a maneira submissa como eles o deixavam segurá-los.

Mesmo que ele não gostasse deles, havia uma razão para ele nunca os ter matado. Havia uma razão pela qual ele nunca esmagou seus crânios quando teve ampla oportunidade de fazê-lo.

Eles eram seus irmãos.

Não foi fácil controlar sua raiva. Quando ele começou a se acalmar, ele registrou que Raewyn estava gritando com ele. Ele estava muito focado neles.

Uma vez que ele abriu seus sentidos novamente, o fio de um cheiro familiar ficou preso em seu nariz - um que instantaneamente acendeu as chamas de sua raiva.

Não para os gêmeos, mas para alguém completamente diferente. Alguém que veio aqui provavelmente foi a razão pela qual os gêmeos vieram aqui, mesmo que ele tenha pedido a ela para nunca mais estar em sua presença, sua casa, seu território novamente.

A Coruja Bruxa, ele rosnou mentalmente.

Ele virou a cabeça para procurá-la, e um fio branco mergulhou dentro do Véu.

— Merikh, eu disse para parar! — Raewyn gritou atrás dele. — Deixe-os em paz! Eles não estavam fazendo nada de errado. Eles só ficaram um pouco animados.

Ela era muito rápida em defendê-los, especialmente quando a curiosidade de um Caminhante do Crepúsculo poderia resultar em morte.

— *Por favor, não nos machuque. Não faremos isso de novo.*

Ele não sabia qual deles falava, mas ainda assim o cortou de uma forma que ele achou profundamente desconfortável.

Os gêmeos interpretaram seu novo ataque de agressão como sendo direcionado a eles, embora seu aperto estivesse diminuindo. Assim como Raewyn, que saltou para frente com a intenção de tentar detê-lo.

Infelizmente, ele jogou os gêmeos para trás, deixando-os ir, e Raewyn agarrou seu braço que ele havia acabado de deixar cair. Ela provavelmente estava indo para o lado dele para puxá-lo de volta.

Ela respirou fundo, dolorida.

O cheiro de sangue se elevou no ar.

Todos os três orbes ficaram vermelhos de fome.

Merda, foi tudo o que ele conseguiu reunir.

Prendendo a respiração no momento em que sentiu o cheiro, Merikh teve apenas *alguns segundos* para girar em um círculo. Ele a pegou em seu braço, fazendo-a ofegar quando ele atingiu seu estômago, e a jogou no lago antes que os gêmeos atacassem.

CAPÍTULO 23

Seu grito foi engolido pelas águas profundas enquanto Merikh continuava a girar.

Ele passou os braços em volta dos ombros do Mavka de caveira de corvo que mergulhou atrás de Raewyn. A outra estava arranhando a grama onde gotas de seu sangue haviam caído, lambendo-a e diminuindo o cheiro.

Isso permitiu que Merikh respirasse pela boca.

Ele jogou o com o crânio de corvo no chão e rolou por ele por alguns metros, seus membros e a grossa cauda de lagarto se debatendo.

Raewyn quebrou a superfície do lago e cuspiu água enquanto procurava a borda em pânico.

— Fique na água! — Merikh gritou, preocupado que se sua mão ainda estivesse sangrando, ela se tornaria um alvo.

Infelizmente, as penas em seu braço esquerdo estavam cobertas com o cheiro de sangue dela.

O Mavka com caveira de morcego se lançou para seu braço e o mordeu com a mão de Merikh bem fundo em sua boca. Algumas das penas quebraram dentro de sua boca, a parte superior com muito pouca carne para destruir. O Mavka ganiu quando os fragmentos quebrados devem ter perfurado sua língua.

Merikh não sofreu nenhum dano por suas penas serem quebradas. Elas eram indolores para quebrar, pois eram como folículos pilosos ocos.

Ele, no entanto, rugiu com o corte profundo de presas cortando sua carne.

Merikh cavou suas garras entre as presas do Mavka para desalojar a mandíbula de seu braço, a pressão tornando-se insuportável enquanto apertava. O Mavka com caveira de morcego começou a balançar a cabeça enquanto puxava para trás, o que só tornava a dor mais intensa. Nesse ritmo, Merikh ia perder a mão na garganta do Mavka – ele quase podia sentir isso.

Merikh fez a única coisa em que conseguiu pensar.

Com os dedos espalmados e juntos, Merikh cortou suas garras na lateral de seu pescoço como uma lâmina.

O grito uivante de Mavka com caveira de morcego fez com que os orbes do outro brilhassem em um vermelho mais brilhante de raiva por seu irmão gêmeo. Ele correu para Merikh, que ainda estava imobilizado, e rolou contra ele.

Com seu braço preso ainda sendo puxado e seu corpo sendo empurrado para o chão na direção oposta, seu ombro deslocado, e a dor estalante o levou ao limite.

O pequeno fio de controle que ele tinha em sua raiva instintiva quebrou, e sua visão escureceu para sua tonalidade vermelha.

O que aconteceu a seguir foram imagens e sentidos desbotados e nebulosos, enquanto mãos invisíveis e invasivas apertavam a carne mole de seu cérebro. Era como se ele estivesse sendo manipulado, controlado para perder o senso de raciocínio, para apenas lutar até destruir tudo em seu caminho.

Sanguinário e com raiva, *tudo* era um inimigo.

Seu corpo mudou para sua forma monstruosa para lutar melhor. Aguçou seus sentidos, sua velocidade, sua força. Estendeu suas penas e o tornou ainda maior do que já era.

Enquanto estava de lado, Merikh soltou um grito agonizante quando o osso de seu braço quebrou. Garras foram cortar suas costas, mas o Mavka com caveira de corvo saltou para trás quando foi empalado pelos espinhos de Merikh. Em vez disso, ele cortou o lado de Merikh até que Merikh o chutou na cabeça.

Ele girou e sentou em seu traseiro, agarrou o chifre de Mavka com caveira de morcego e tentou torcer sua cabeça para fazê-lo soltar. Ele só queria soltá-lo, seu braço em tanta agonia que irradiava até a coluna. Parecia que ele estava tentando puxar o corpo de Merikh de dentro para fora através de seu ombro esquerdo enquanto o Mavka puxava e mordia, lentamente subindo mais alto em seu braço com mordidas mastigadas até que ele estava perto do cotovelo de Merikh.

Torcer o pescoço e a cabeça do Mavka não adiantou nada, já que suas cabeças podiam girar quase 360 graus. Foi a única coisa que o salvou quando o Mavka de caveira de corvo puxou o próprio chifre de Merikh com suas presas e o puxou para o outro lado.

Merikh agarrou a parte de baixo do pescoço para se libertar, mas sem sucesso. Ele estava sendo partido em dois na articulação do ombro e soltou um rugido.

Ele fez a única coisa que podia.

Achatando a mão mais uma vez, ele enfiou as garras no próprio ombro e puxou. Seu grito apenas destacou quanto esforço foi necessário para arrancar o próprio braço de seu corpo em desespero, libertando-se em um jato de sangue e tendões estalando.

O Mavka com caveira de morcego tropeçou para trás, sem esperar a liberação repentina. Uma vez que ele recuperou o

equilíbrio e balançou a cabeça de um lado para o outro, a parte superior do braço de Merikh balançou no ar de sua boca.

Agora livre do incômodo de seu braço, Merikh ficou de joelhos para se manter estável e então enfiou suas garras na garganta de Mavka com caveira de corvo, perfurando sua traqueia e traqueia.

Seu estrangulamento só piorou quando Merikh golpeou e abriu completamente a frente de seu pescoço.

Isso não o derrubou; isso só o deixou fraco. O sangue escorria de seu ferimento mais rápido do que vazava do ombro de Merikh, mas o Mavka de caveira de corvo ainda era rápido em seus quatro membros quando saltou para Merikh.

Merikh se virou, desviando dele completamente. Ele girou, agarrou seu bico e o torceu enquanto ficava no topo da espinha do Mavka. Ele puxou para trás até que os pequenos ossos em seu pescoço cederam e estalaram antes de explodir na frente de sua garganta ferida.

O rugido que explodiu do Mavka com caveira de morcego era tarde demais, assim como sua corrida para salvar seu irmão gêmeo. Merikh arrancou a cabeça do corvo de seu corpo e então começou a carregá-la para trás enquanto era perseguido.

No meio de sua sede de sangue, apesar de quão pouco ele pudesse verdadeiramente formular um pensamento, ele sempre fazia uma coisa quando lutava contra esses dois.

Se ele matasse temporariamente um, ele carregaria seu crânio e o jogaria longe da luta para que o outro não pudesse destruí-lo acidentalmente.

Talvez, em um nível subconsciente que nem mesmo ele pudesse ouvir, uma voz estivesse lhe dizendo para proteger seus

irmãos - mesmo quando ele não queria nada além de destruí-los.

Ele abandonou a cabeça do crânio de corvo quando não conseguiu se sustentar por muito mais tempo em suas patas traseiras arqueadas em forma de urso. Ele caiu de volta para os três membros e então correu em direção ao crânio do morcego, que já estava indo em sua direção.

Levou apenas alguns momentos para Merikh envolver suas pernas grossas e carnudas ao redor dos braços agitados do Mavka e prendê-los ao seu lado. Ele envolveu seu único braço ao redor do rosto do crânio de morcego para mantê-lo no lugar enquanto ele se contorcia e estalava sua mandíbula com cliques afiados.

Então Merikh rasgou o pescoço ferido do Mavka com suas presas, cuspidos músculos e ossos até decapitá-lo também.

Embora suas penas fossem úteis em qualquer luta, um Mavka continuaria lutando. Mesmo que seu coração fosse perfurado, mesmo que não tivessem mais membros, eles continuariam lutando, continuariam se movendo, ficando cada vez mais letárgicos até que a luta parasse.

A única maneira de parar um era removendo a cabeça, e centenas de anos de conhecimento haviam embutido isso em seu subconsciente. Mesmo quando sua mente estava confusa, ele buscava o ponto fraco de cada criatura.

Para um Demônio, era a espinha e a garganta. O de um humano era o coração e a garganta. Os animais eram geralmente mais fracos em suas partes inferiores expostas.

Assim que a luta parou, Merikh estava com muita dor para retornar ao seu estado normal, tanto física quanto mentalmente. Ele

cheirou o chão, o sangue que não era nada atraente, procurando um lugar seguro para se deitar.

A escuridão estava tomando conta, a parede do penhasco fazendo parecer que a noite estava caindo muito antes de realmente cair.

Dois crânios Mavka totalmente intactos estavam a metros de distância um do outro sem seus orbes. Seus corpos eventualmente se desintegraram em areia negra.

Merikh mancou até a entrada de sua caverna e deitou ao lado dela contra a parede.

Ele choramingou, lambendo seu ombro na esperança de fazê-lo parar de sangrar. Quando isso aconteceu, ele descansou a cabeça contra o chão, muito agitado por lutar para dormir, em pânico demais para se deixar vulnerável.

Qualquer som o fazia rosnar em advertência, mesmo que fosse apenas uma folha esvoaçante.

Se alguma coisa se aproximasse dele... morreria.



Raewyn permaneceu na água depois que Merikh a jogou nela para esconder seus cheiros de medo e sangue. Os sons que produziam enquanto lutavam eram horríveis, e o cheiro de seu sangue era como doçura e ferro. Ela queria vomitar.

Havia coisas que ela nunca deveria ouvir, como gritos uivantes, choramingos, pele e partes do corpo rasgando.

Ela estremeceu todas as vezes e apenas enterrou o rosto contra a terra, esperando que eles terminassem.

Assim que a luta parou, apenas um permaneceu. Ela não sabia quem era, mas pensou que poderia ser Merikh. Seus ecos de choramingos e rosnados fizeram seu coração arder.

Nada disso foi culpa dela. Isso não tirava o fato de que ela era a causa disso, mesmo que ela não tivesse a intenção de se machucar.

Seus lamentos flutuaram sobre a área, e ela não tinha ideia de onde ele tinha ido, já que ela foi jogada fora de sua colocação dentro da barreira. Ela pensou que poderia estar perto da entrada de sua caverna devido à borda da cúpula desaparecendo através da rocha do penhasco, mas ela não tinha certeza.

O calor do sol diminuiu, mas a água estava quente por ter sido banhada por sua luz o dia todo. Isso não a impediu de tremer de frio devido à perda de sangue ou da dor que irradiava de sua mão.

Ela mal conseguia movê-la. Não apenas porque doía – ela também danificou algo vital nela. Os únicos dedos que podiam se mover eram o polegar e o mindinho, e tentar mover só fazia doer mais.

A água doía, mas ela a manteve submersa para minimizar o cheiro de sangue.

A água era tão profunda ali que os dedos dos pés dela mal roçavam o solo lamacento. Ela flutuou e se agarrou a uma rocha que se projetava da borda.

Ele está com dor, Raewyn pensou com simpatia enquanto seus gemidos agudos e silenciosos continuavam. *Ele deve estar muito ferido.*

Ela esperou até que eles desaparecessem antes de levantar a cabeça para o lado. *Espero que os outros dois Caminhantes do Crepúsculo estejam bem.*

As lágrimas que se acumularam em seus olhos durante a luta haviam diminuído há muito tempo, e elas recomeçaram ao pensar que Merikh poderia tê-los matado. Eles eram irmãos. Ela não podia imaginar matar sua própria família.

Ela não queria que ela fosse a causa pesando em sua consciência.

— M-Merikh? — ela gritou, imaginando por que ele ainda não tinha vindo buscá-la na água.

Ela queria sair, para ver se ele estava bem.

Seu grunhido de resposta a fez encolher momentaneamente, até que ela ergueu a cabeça sobre a borda novamente. Ela rosnou de volta como às vezes fazia, esperando que isso ajudasse a acalmá-lo.

Seu rosnado profundo e ecoante era tão assustador que ela submergiu completamente, com a cabeça e tudo. Quando alguns segundos se passaram e ele não se aproximou para atacá-la, ela subiu para respirar.

Ela não sabia quanto tempo ela ficou lá. Minutos? Horas? Ela finalmente se cansou e se segurou na borda enquanto descansava a cabeça na dobra do cotovelo e fechava os olhos.

Tudo ficou quieto e ela pensou que Merikh poderia ter adormecido, como ela estava começando.

— Desculpe. Eu não queria que isso acontecesse, — uma voz feminina sussurrou. Ela parecia tão distante, e ainda Raewyn poderia dizer que ela estava bem ali, além de sua mão.

Ela abriu as pálpebras pesadas e uma mecha branca fantasmagórica em forma humana disparou para longe. Eles tinham cabelos soltos e encaracolados e olhos penetrantes, mas gentis.

Assim que ela estava começando a adormecer novamente, um gemido ecoou pela curta distância. Ela espiou com as pálpebras abertas, mas não se mexeu.

– *Merda* – Merikh chiou antes de soltar um gemido curto. – *Tudo machuca.* – Sua voz estava grogue, como se ele estivesse cansado ou tonto. – *Merda! Raewyn!*

Ele correu até onde ela estava poucos segundos depois de gritar seu nome. Era estranho ouvi-lo se aproximando, já que geralmente andava tão leve.

– Você está bem? – ele perguntou, sua voz de volta ao seu baixo normal quando uma de suas mãos envolveu seu pulso fino.

A dor surda em sua mão desapareceu instantaneamente, e ela ficou mais forte, como se o sangue que ela havia perdido tivesse retornado. Ele a curou antes de tirá-la da água, provavelmente desconfiado de seu cheiro agora.

– Você não tinha que fazer isso, – ela advertiu baixinho, enquanto ele deslizava a mão por seu bíceps para pegá-la em um ponto mais forte em seu braço. Ela agarrou a camisa rasgada em torno de seus ombros para ajudar a suportar seu peso. – Você está ferido. Você não precisava aumentar sua dor. Parei de sangrar.

– Não se preocupe com isso. Eu não senti, já que não tenho essa mão agora.

Sentada em seu quadril contra o chão entre os joelhos agachados de Merikh, um calafrio percorreu sua espinha. O medo

tomou conta, e seus olhos se arregalaram quando ela deu um tapinha no peito dele.

— O que quer dizer com você não tem essa mão agora?

Assim que ela tocou a articulação do ombro esquerdo, suas mãos se retraíram quando ele soltou um suspiro.

— Santa donzela, Merikh, seu braço se foi!

Sua risada de resposta foi surpreendentemente cheia de humor antes de ele soltar um gemido.

— Sim. Percebi isso sozinho.

Era isso que ele achava engraçado? Raewyn começou a chorar, desejando apagar completamente este dia de sua memória.

— Sinto muito, — ela se desculpou enquanto cobria o rosto, muito cansada para se importar se ele achava suas lágrimas estranhas. — Eu deveria ter sido mais cuidadosa.

— Por que você está se desculpando? Você sabe o quão perto estive de morrer?

Ela tinha a sensação de que estava perto da morte com os três Caminhantes do Crepúsculo por perto.

— Sim, mas...

— Eu trouxe você para minha casa com a intenção de protegê-la, e quase falhei com essa promessa hoje. Eu não sabia que os gêmeos viriam aqui. Se eu precisar sair da área, vou levar você comigo, para que você não seja atacada novamente.

— N-não, está tudo bem. Eu meio que gostei deles.

— Você *gostou* deles? — Seu tom era horrorizado.

— Claro. Eles me pediram para nomeá-los e então começaram uma briga sobre quem seria nomeado primeiro. Foi bobo, mas também meio engraçado, como duas crianças brigando por um

brinquedo. — Então ela esfregou o braço enquanto dizia: — Eu simplesmente não gostei de ser o brinquedo.

Seu silêncio era desconfortável. Ela quase podia senti-lo olhando para ela de uma certa maneira.

— Merikh... Você... Eles estão... — Puxa, ela não conseguia nem fazer a pergunta.

Ela o julgaria por isso? Ela desejou que essa não fosse uma das razões pelas quais ela estava tão hesitante em perguntar.

— Não, eu não os matei. Mesmo que essa seja minha intenção, nunca consigo fazê-lo — esteja eu nesse estado de raiva ou não — Seus ombros caíram em alívio. — Eles vão crescer seus corpos de volta em um dia, como eu vou fazer com meu braço.

— Os corpos deles? — ela perguntou enquanto enxugava o rosto para remover a mancha de suas lágrimas.

— Eu os decapitei — ele respondeu sem um pinga de remorso. A ideia só a deixou tonta.

— Podemos entrar? Eu realmente quero entrar.

— Você pode. Eu, por outro lado, estou coberto de sangue e vou fazer uma bagunça.

Ela mordiscou o lábio inferior, desejando que houvesse algo que pudesse fazer por ele. Infelizmente, ela não tinha nenhuma magia de cura.

Então, seu peito doeu quando ela disse: — Perdi minha bengala. Acho que está no lago.

Deve estar perdida para sempre, mas ela realmente a queria de volta.

— Eu vou encontrar para você. Se não, eu farei uma nova para você.

Ela desejou poder oferecer a ele um sorriso agradecido, mas não conseguiu fazer um naquele momento.

— Obrigada.

Ele a ajudou a se levantar e a guiou de volta para sua casa. Suas orelhas tremeram o tempo todo, odiando que ele estivesse reprimindo seus gemidos como se tivesse vergonha deles. Ela percebeu que ele estava mancando e achou que ele poderia estar mais ferido do que deixava transparecer.

— Acho que quebrei o vaso quando o deixei cair, — ele resmungou baixinho quando chegaram à entrada.

— Isso é bom. Se estiver praticamente intacto, podemos prendê-lo novamente.

CAPÍTULO 24

Parado perto da entrada de sua caverna, Merikh observou a elfa e os dois Mavkas passando um tempo juntos. Raewyn estava sentada no chão com o Mavka com caveira de corvo atuando como apoio para as costas, enquanto o outro tinha a caveira de morcego descansando em suas pernas cruzadas.

Quando Merikh tentou expulsá-los de sua casa depois que seus corpos cresceram - e seu braço voltou - Raewyn interveio com um grito alto. Quando eles lentamente correram para longe, suas caudas abaixadas em submissão, ela conseguiu persuadi-los de volta.

A surpresa deles foi inconfundível, mas suas órbitas amarelas escuras de curiosidade brilharam de alegria.

Ela ofereceu a eles sorrisos doces e tapinhas na cabeça, e eles ficaram apaixonados por ela. Eles pediram mil desculpas e tentaram retribuir com tapinhas na cabeça dela, o que a fez explodir em uma gargalhada suave.

Desde então, eles estavam conversando. Quando ela se sentou, cada um deles encontrou uma maneira de se aconchegar nela.

Houve uma pequena briga sobre quem colocaria a cabeça em seu colo, que ela conseguiu controlar antes que outro incidente ocorresse. À distância, Merikh os ouviu fazendo perguntas sobre o que ela era, de onde ela veio, por que ela estava na Terra.

Era óbvio que eles não entendiam tudo, mas não se importavam. Eles encontraram uma criatura amigável para conversar que não era como eles, e eles estavam curiosos sobre ela.

À primeira vista, se ele não os conhecesse melhor, teria parecido que eles se conheciam desde sempre. Raewyn foi

excepcionalmente paciente com eles.

Sempre que Merikh tentava se aproximar, os gêmeos se esquivavam, abaixando-se após a derrota de ontem.

Ele foi forçado a ficar longe deles, dela.

Ele se sentia como um maldito pária.

Ele não conseguia se lembrar se suas orbes já haviam ficado verdes de ciúme, mas a emoção arranhou seu peito como uma fera raivosa. Isso o feriu mais profundamente do que o braço que ele havia arrancado de seu próprio corpo.

Forçado a ficar do outro lado do quintal, ele observou para ter certeza de que ela não se machucaria. Braços cruzados e costas encostadas na parede, ele cravou suas garras em seus braços em aborrecimento.

Sempre que ela ria, a visão dele ficava verde de inveja por eles terem conseguido deixá-la tão contente enquanto ele lutava para fazê-lo. Então seus orbes ficariam vermelhos de raiva por ele estar experimentando essas ondas negativas de emoções por causa dela... em seu próprio território, em sua própria maldita casa!

O sol estava forte hoje. Embora estivesse descendo no horizonte, banhava-os em luz como uma cena bonita e quente. Merikh estava nas sombras, como sempre.

Era apenas um lembrete de que ele sempre estivera no escuro, sozinho, enquanto outros experimentavam a alegria enquanto ele observava.

Cobrindo o lado da boca com uma mão, Raewyn sussurrou algo, fazendo com que o Caminhante do Crepúsculo de caveira de corvo olhasse para Merikh.

– *Sim, ele ainda olha* – disse ele.

O outro acrescentou: – *Ele sempre olha fixamente...*

Merikh virou a cabeça e apertou os braços sobre o peito. Ele estava sendo vigilante, o que poderia ser a diferença entre sua vida e morte.

– *Ele não gosta que estejamos aqui* – afirmou o Mavka com caveira de morcego e orbe rosa.

– *Nós descansamos. Devemos partir logo antes que sua paciência se esgote.*

Já era tempo! A única razão pela qual ele não os tinha afugentado até agora era por causa dela.

– *Venha conosco. Ele é mau.*

– *Você não precisa ficar aqui.*

Ele notou que as orelhas de Raewyn se achataram e a alegria que ela estava usando desapareceu.

– Isso não é uma coisa muito legal de se dizer.

– *Mas é verdade* – disse Mavka, de orbe roxo e crânio de corvo.

– *Venha conosco.* – O Mavka com cabeça de morcego se levantou e começou a puxar seu braço. – *Nós a protegeremos dentro do Véu.*

Isso foi o suficiente. Essa foi a linha que Merikh teve que traçar para esses tolos Caminhantes do Crepúsculo. Ele caminhou até eles.

– Não, – Raewyn disse com uma voz severa, puxando seu braço para trás. – Vou ficar aqui com Merikh. Se não fosse por ele, vocês dois teriam me machucado ontem.

Ambos os orbes ficaram de um azul profundo quando seus crânios baixaram. Pelo menos eles entenderam a verdade disso.

– *Ele vem,* – o Mavka com caveira de corvo choramingou, pulando de quatro tão repentinamente que Raewyn caiu de costas quando seu apoio desapareceu.

– *Não estávamos fazendo nada* – disse o Mavka com caveira de morcego quando estava quase chegando a eles.

– *Não, nada. Apenas falando. Certo, Rae?*

Mais uma vez, a visão de Merikh brilhou em um verde profundo.

'Rae' não era o nome especial que seus amigos a chamavam? Nem mesmo Merikh cruzou essa linha com ela, sem saber se eles eram amigos. Por que eles se encarregaram de chamá-la assim?

Foi *tão* fácil se tornarem seus amigos? Mesmo depois de terem tentado comê-la no dia anterior?

– Está na hora de vocês irem, – ele disse a eles antes de virar o focinho na direção dela. – Estou pronto para lhe dar meu diadema, então você deve começar seus experimentos agora.

Ele tinha acabado de tomar essa decisão ao vê-los todos juntos. Era uma desculpa para separá-los, então ele não precisava mais assistir a essa cena estranhamente dolorosa.

– *Mas ela ainda não nos nomeou!* – O Mavka com caveira de morcego gritou em protesto.

– *Ela nos prometeu que faria isso.*

– É difícil nomear pessoas que eu não conheço, – Raewyn riu enquanto se sentava, virando o rosto nas proximidades de Merikh. Ele estava produzindo sua vibração para ela. Então ela resmungou: – E eles não gostaram dos primeiros nomes que eu dei a eles. Eles disseram que eram muito difíceis de pronunciar porque eram élficos.

Este foi o atraso deles se irritando?

— Tudo bem — disse Merikh. — Eu vou nomear vocês, então.

— *Não*, — o Mavka com caveira de morcego choramingou enquanto se afastava para ficar ao lado de seu irmão. — *Não queremos que você nos dê um nome.*

— *Eles serão nomes ruins. Significados ruins.*

Merikh virou a cabeça. Desta vez, ele virou o focinho para o céu para esconder sua mudança de orbe que ficou vermelha. Quando ele apagou sua raiva e eles voltaram ao normal, ele abaixou a cabeça.

Ignorando suas reclamações, ele disse: — Que tal... Ingram para você. — Ele apontou seu focinho para o Mavka com crânio de corvo, antes de movê-lo para o de crânio de morcego. — E Aleron para você.

Eles inclinaram suas cabeças em direções opostas um ao outro, seus dedos mindinhos se sobrepondo.

— *O que eles querem dizer?* — o de caveira de morcego perguntou enquanto virava a cabeça para seu irmão gêmeo.

— *Provavelmente algo terrível*, — o corvo respondeu. — *Como aborrecimento ou destruição.*

— Ingram significa corvo da paz, — Merikh disse ao crânio do corvo. Então ele se virou para o outro Mavka enquanto olhava para suas costas emplumadas. — Aleron significa o alado. Voador.

— *Então devo me chamar de Aleron?* — disse o de caveira de corvo. — *E ele se chama Ingram?*

— *Sim. Isso faz muito mais sentido*, — seu irmão gêmeo respondeu. — *Desde que eu tenho um crânio de corvo.*

Raewyn riu para o lado, obviamente chegando à mesma conclusão que Merikh.

Idiotas! Os dois são idiotas!

— Você tem o crânio de corvo, — Raewyn disse ao Mavka de orbe roxo.

— O que você vê não é o que você tem, — Merikh suspirou, percebendo que eles pensavam que tinham a cabeça um do outro porque era para isso que eles estavam sempre olhando.

Eles não tiveram problemas para deduzir isso com outros Mavkas, mas aparentemente, entre eles, isso nunca foi registrado.

— *Então o que eu tenho?*

— Você tem um crânio de morcego e asas de pássaro.

— *Asas?* — Ele virou a cabeça por cima do ombro e, em seguida, sutilmente mexeu para cima e para baixo. — *É assim que essas coisas são chamadas?*

— *Eu vejo...*

— *Sim, também eu.*

— *Ah! Eu não posso acreditar que você não descobriu isso.*

— *Você também não!*

Eles se empurraram enquanto riam.

— Então, vocês estão feliz com eles? — Raewyn perguntou enquanto batia palmas uma vez para chamar a atenção deles. — Ingram e Ale-ron?

A maneira como ela os pronunciava era engraçada para Merikh, mas ele descobriu que seu sotaque élfico os tornava ainda mais agradáveis.

Ambos assentiram.

— *Sim, estamos* — afirmou Ingram.

— *Estamos satisfeitos,* — Aleron confirmou.

— Bom — Merikh estalou levemente. — Agora que o assunto está resolvido, vão embora. Temos trabalho a fazer.

— Merikh! — Raewyn gritou, o que só o fez rir quando o rosto dela estava contraído em desagrado. Era fofo, o jeito que suas sobrancelhas franziam e seus lábios franziam.

Depois de algumas idas e vindas entre ele e os gêmeos, eles finalmente partiram. Eles se empurravam de brincadeira, falando seus novos nomes, e uma emoção inidentificável rodou em seu peito.

Uma que o fazia estufar de calor.

— Isso foi legal da sua parte, — Raewyn comentou enquanto estendia a mão, como se esperasse que ele oferecesse. Ela estava certa, ele teria, e ele a pegou para ajudá-la a se levantar. — Eu gosto dos nomes que você deu a eles. Eles foram muito atenciosos.

Sua visão voltou para onde eles haviam desaparecido na floresta.

— Eu não dei a eles novos, — ele respondeu. — Esses são os nomes deles.

Ela enfiou a mão no laço da bengala — ele a encontrara para ela ontem, perto da pedra. Uma vez firme em seus pés, ela franziu a testa para ele.

— O que você quer dizer?

— Esses foram os nomes dados a eles por nossa mãe. Eles simplesmente não se lembram, como a maioria de nós não. — Quando ela mordiscou o lábio inferior carnudo com um estranho tipo de preocupação em suas feições, ele não pôde deixar de inclinar a cabeça. — O que há com a sua expressão?

— Eu simplesmente não entendo. Por que ela os nomearia tão docemente, mas daria a você um nome que significa... algo tão odioso?

— Ah, — ele deu uma risada sombria e singular. — Isso é porque eu mudei meu nome. A maioria de nós encontrará nossos próprios nomes, aqueles de que gostamos ou que recebemos quando estamos prontos. Os gêmeos podem até esquecer os que acabamos de dar a eles.

— Você sabe qual era o seu originalmente, então?

O silêncio se estendeu entre eles, sua resposta demorando a chegar, seu coração queimando a cada batida. Ele hesitou em responder.

— Era Orson, significando filhote de urso. Ela nomeou cada um de nós de acordo com nossas características, como as asas de Aleron e o crânio de Ingram. — Ele virou o crânio, envolvendo a mão em volta do focinho enquanto o esfregava. — Peço que você nunca me chame assim, pois esse nome está morto para mim.

Ele esperava que ela perguntasse por que, mas estava grato por ela não ter feito isso. Ao fazer isso, ela mostrou a ele mais respeito do que qualquer outra pessoa em toda a sua vida, uma emoção diferente rodou em seu peito. Era totalmente terna, e ele estava totalmente apavorado com isso.

Ele grunhiu e limpou a garganta.

— Então, você está pronta para começar seu experimento? Darei a você meu diadema e, com sorte, o que fizemos para montar o vaso de flores durará até que você esteja pronta.

Seus lábios torceram para o lado em pensamento, mas um sorriso travesso brincou em seus lábios. Ele gostava quando ela

parecia conivente; não combinava com suas feições inocentes.

— Posso pegar sua visão emprestada enquanto faço isso?

— Não.

— Oh vamos lá! — ela exclamou, enquanto batia um dos pés.

— Não é como se você precisasse mais do que eu.

— É minha, — ele tentou rugir de volta, mas em vez disso, saiu como uma risada quando ela deu a ele um olhar furioso.

Raewyn colocou as mãos nos quadris.

— Compartilhar é se importar. É a coisa legal de se fazer.

Merikh se inclinou sobre ela até que a ponta de seu focinho estivesse a apenas um fio de cabelo de seu nariz. Suas pálpebras se contraíram quando sua respiração lhe disse o quão perto ele estava.

Com sua voz cheia de um tipo de humor malévolo, ele disse: — Quando eu disse que era legal?

— Idiota — ela rosnou levemente, antes de usar o calcanhar do pé para chutá-lo na canela.

Então, com o nariz virado para cima, ela se afastou.

— Um pouco para a esquerda, — ele afirmou, e ela reajustou seu caminho para se alinhar melhor com a entrada de sua caverna.

— Obrigada, — ela disse, toda esnobe. — Mas ainda acho que você é grosseiro.

Seu peito retumbou com uma risada que ele não soltou. Ele não conseguia se lembrar da última vez que encontrou alguém tão engraçado, ou alguém que pudesse fazê-lo querer rir tão livremente.

— Você deve considerar minha rejeição como fé em suas capacidades, pequeno 'cientista'.

Quando ela levantou o nariz ainda mais e estava praticamente de frente para o céu, suas presas se separaram e a risada finalmente

o deixou.

Ela é fofa quando faz isso. O fato de ela não ter medo de ser tão atrevida de uma maneira autoritária e superior sempre o pegava desprevenido.

Ninguém era brincalhão como ela.

Seu humor foi interrompido quando ele notou uma figura fantasmagórica no limite de sua periferia. Quando ele virou a cabeça para lá, ela desapareceu em um instante.

Estamos sendo observados. Ele rosnou naquela direção. Ele até deu um passo à frente para mandá-la sumir – mas mudou de ideia.

A Coruja Bruxa acabaria entendendo que ele não tinha interesse em falar com ela e, esperançosamente, voaria para longe. Merikh preferia não falar com ela, ou mesmo vê-la, se pudesse evitar.



Raewyn deixou cair o sorriso quando Merikh entrou, recusando-se a deixá-lo saber que ela só o estava provocando.

Ela não achava que ele permitiria que ela usasse sua visão. Embora fosse bem-vinda, já que tornaria as coisas mais rápidas e fáceis, ela não *precisava* disso. Ela era completamente capaz sozinha, e o fato de ele sentir o mesmo era realmente... bom.

Raewyn não gostava de ninguém olhando para ela. Ela era forte – fisicamente, emocionalmente e mentalmente – e sempre odiou quando as pessoas duvidaram dela. Seja por causa de suas

capacidades científicas, sua visão, suas habilidades atléticas... ela sempre teve essa falha onde precisava provar seu valor.

Merikh não a fazia se sentir assim. Ele apenas a apoiou silenciosamente sem precisar receber gratidão.

Isso é tudo que Raewyn poderia pedir a uma pessoa.

No entanto, como era Merikh e era óbvio que ele ficava desconfortável toda vez que ela se desculpava ou agradecia, ela sempre fazia isso.

Em sua vibração suave, ela virou a cabeça para o outro lado enquanto forçava um beicinho em seus lábios.

— Gostaria que você me fizesse um favor por alguns dias — disse ele ao entrar em sua caverna.

Raewyn zombou enquanto puxava o vaso de flores para mais perto do banco de pedra.

— Por que eu deveria fazer algo por você quando você não faz nada por mim? — Ela estendeu a mão. — Diadema, por favor.

— Estou falando sério, Raewyn. — Pela severidade de seu tom, ela deixou cair o ato, assim como sua mão.

— Algo está errado?

— Eu gostaria que você não saísse quando eu durmo.

Ele dormia algumas horas todos os dias, enquanto Raewyn só precisava fazer isso uma vez a cada dois ou três dias. Era um pedido estranho e que ela não entendia.

— Se for sobre Ingram e Aleron, estarei bem se eles retornarem. É uma das razões pelas quais os conheci hoje.

Raewyn tinha um pressentimento de que ele não gostava que ela passasse tempo com eles. Ela, por outro lado, não se importava se

ele achava que eles eram perigosos. Eles eram engraçados e estranhamente doces.

Era lamentável que o relacionamento entre os três Caminhantes do Crepúsculo fosse obviamente ruim. Ela esperava poder ajudar a consertá-lo um pouco, mas parecia impossível preencher essa lacuna.

Toda vez que ele tentava se aproximar, os gêmeos se esquivavam. Merikh também não era amigável com eles. Ele era imponente, mesmo para sua própria espécie.

— Basta fazer o que eu peço, — ele retrucou, mais mal-humorado do que o normal. O tilintar de metal atingiu o banco, seguido pelo raspar de garras. — Pronto, fique com o diadema.

Ele deu um tapa, e então ficou lá. Seus ombros se voltaram para dentro. *Ele está realmente zangado por algum motivo.*

Ela cutucou demais o urso metafórico?

Mantendo a cabeça baixa, ela a empurrou de volta para ele.

— E-eu não preciso disso ainda. Eu ainda preciso pegar as tulipas que você me trouxe para absorver a magia e mudar sua estrutura fotossintética para que elas façam o que eu preciso.

— Pegue — ele rosnou. — Quanto mais rápido eu der a você, mais rápido você descobrirá tudo para que possamos partir.

Por que ele de repente quer correr? Ele estava arrastando os pés sobre isso por dias.

— O que posso fazer para ajudar? — ele acrescentou, surpreendendo-a completamente.

— Perdão? — Ela tinha a impressão de que ele pensou que ela seria capaz de fazer isso sozinha.

— Você disse que tinha um assistente, sim? — Seu tom era mais frio do que o normal, mas pelo menos sua pergunta a acalmou. Isso foi, até que ele disse: — Ou minha ajuda não é boa o suficiente?

Algo está errado com ele. Merikh poderia ser bastante rude com ela - bem, com todo mundo aparentemente. Normalmente, não era muito brutal, mas essa última pergunta tinha sido um golpe sincero para ela.

Raewyn deu um sorriso forçado e tentou ser blasé.

— Claro, sua ajuda seria muito apreciada. Você pode fazer as honras de separar seu diadema enquanto eu começo o processo de flores. Será muito mais rápido com nós dois trabalhando.

— Isso é o que eu pensei — disse ele, e o toque dele pegando o diadema de volta soou em seus ouvidos.

Raewyn começou a arrancar alguns de seus cabelos. Ela verificou cada um empurrando a magia nele enquanto segurava cada extremidade. Em seguida, ela os enrolou ao redor de cada haste de flor, precisando apenas de um fio de cabelo por planta. Uma vez que ela terminou, ela verificou se cada um estava firmemente no lugar para o próximo passo funcionar.

Merikh estava em silêncio ao lado dela; estava demorando um pouco para ele voltar a gostar dela. Ela estava com medo de ficar perto dele, caso suas penas fossem estendidas.

Vamos apenas dizer que o empalamento da mão dela e depois ser jogada no lago lhe ensinou uma dura lição sobre estar perto dele. Seus aspectos físicos eram muito mais perigosos do que ela pensava, especialmente depois de ser carregada por ele em segurança por semanas. Mas agora ela sabia o contrário, mesmo que não fosse uma lição que ela queria aprender.

— Ok, espero que isso seja o suficiente — disse ela. — Agora, para a parte difícil.

— Parte difícil?

— Na verdade, eu ia pedir sua ajuda de qualquer maneira. — Raewyn esfregou a lateral do pescoço. — Não sei quanto tempo isso vai levar — realmente depende das próprias flores, mas vou precisar enchê-las com minha própria essência espiritual.

— O que voce precisa que eu faça?

Suas bochechas esquentaram.

— Eu preciso que você cuide de mim. Não se preocupe, vou preparar um pouco de comida e descansar primeiro, mas não poderei parar a concentração de magia; caso contrário, posso ter que reiniciar.

— Então, você vai precisar de mim para quê? Observar você e certificar-me de que você está alimentada?

— Isso. — Entre outras — possivelmente embaraçosas — coisas. Ela se virou e tocou alguns dos bulbos de tulipa. — Mas você também precisará cortar qualquer coisa que não sobreviva ao processo, para que não mate ou infecte os outros. Você não pode me deixar dormir e... e mesmo que eu fique doente, preciso de você para me manter lúcida.

— Como assim, se você ficar doente? — Seu antebraço estalou quando ele bateu contra a mesa. — Você nunca disse nada sobre ficar doente.

— O que estou fazendo é mudar o estado natural desta planta para uma que possa lidar com a magia. Para fazer isso, inseri um pouco da minha própria essência e mergulhei nela. Devo me conectar com ela, e isso tem seus perigos; uma delas é que o que

quer que esteja errado com esta planta pode me infectar. Outra é que poderia exigir tanto da minha magia para a mudança que esgotaria a minha completamente. Não se preocupe! A minha vai voltar com o tempo, e não deve ser tão ruim, mas esse esgotamento pode ser bastante assustador para quem nunca viu seus efeitos.

Quando ele não disse nada, ela não pôde deixar de caminhar em sua direção.

— Merikh?

— Existe alguma maneira de você me ensinar como fazer isso, então?

Suas pálpebras piscaram, surpresa por ele estar se oferecendo para ocupar seu lugar neste papel. Ela não pôde evitar a forma como a ternura apareceu em sua expressão. *Ele se preocupa o suficiente comigo para não querer que eu sofra algum mal.*

Saber que ele estava disposto a fazer aquele sacrifício significava muito para ela. Ele não precisava oferecer, ele não precisava se importar, e ele ainda estava aqui, fazendo isso.

Ela balançou a cabeça, mesmo quando a pontada em seu peito se recusou a se dissipar.

— Sinto muito, mas isso é algo que requer alguém com anos de experiência em herbologia mágica, reestruturação celular e apenas magia em geral.

— Não sei por que você está se desculpando, — ele resmungou. — Mas tudo bem. O que você precisar de mim, farei o que puder.

O sorriso dela se iluminou.

— Obrigada, e obrigada por oferecer. Isso foi muito gentil da sua parte.

— Que diabos? — ele exclamou, seu tom de voz estupefato quando faíscas rosa-avermelhadas brilharam. Pela maneira como ela ouviu as garras dele correndo pelo pelo, ela imaginou que ele estava se coçando desajeitadamente. — Gentil? Eu só não queria cuidar de uma pessoa doente, muito menos de uma que reclama o tempo todo.

Ela bateu o pé para ele. — Eu não reclamo!

— Ela grita enquanto choraminga.

Raewyn revirou os olhos, desejando que suas bochechas não doessem de sorrir.

— Oh, apenas pegue um pouco de comida para cortar, *Sir Urso Rabugento*.

— Estou realmente começando a não gostar de você me chamando assim, — ele disse enquanto se afastava. Raewyn mostrou a língua nas costas dele. — Eu vi isso.

Ela instantaneamente sugou de volta em sua boca. Ela pensou que ele desviou o olhar.

CAPÍTULO 25

Merikh manteve a forma de Raewyn enquanto ele se sentava em sua cama com as costas contra a parede de pedra. Para alguém tão fraca, seu tremor incontrollável era poderoso.

Da cabeça aos pés, ela estava coberta de suor. Embora estivesse muito quente lá fora, seu pequeno corpo era como gelo em seus braços.

Ao longo de dois dias, ela segurou o vaso de flores de tulipa em seus braços e nunca o soltou enquanto o alimentava com sua própria essência mágica. Seu perfume habitual de lírio do vale foi saturado e dominado por seu mágico, salva esclereia.

Durante esse tempo, ela foi quase incapaz de fazer qualquer coisa sozinha. Claro, havia coisas nessa lista que ele preferia não ter feito, como ajudar a mulher a ir ao banheiro no local designado que ela escolheu dentro de seu quintal. Como ele não produzia resíduos e absorvia completamente sua comida, não tinha outras comodidades para ela.

Ele a alimentava com as mãos, dava água e, mesmo quando ela começava a ficar cansada, ele a carregava para onde ela queria ir.

Na realidade, Merikh realmente não se importava em fazer tudo isso por ela. Ela precisava de sua ajuda, e o que ela estava fazendo beneficiava a ambos.

O que ele se importava... era com as consequências.

As tulipas exigiam mais essência do que ela pensava, a ponto de ela ter que espremer o resto de seu corpo apenas para terminar a tarefa.

Ela não poderia alimentá-las muito rápido ou ela as mataria, como provado por duas das cinco tulipas que ele foi forçado a cortar. Se ela o fizesse muito devagar, teria sido ineficaz. Raewyn havia encontrado o equilíbrio seguro, mas eles levaram mais do que ela contava.

Quando as tulipas começaram a brilhar levemente depois de dois dias, a transformação completa, Raewyn finalmente se deixou cair. O que quer que ela tenha feito, foi tão tóxico para seu corpo que estava rejeitando seu estado atual. Ela vomitou espuma enquanto convulsionava, antes de ficar sem resposta.

Desde então, nas últimas noites e dias, ela estava febril.

Sua pele pegajosa tinha um tom acinzentado. Seu pulso era tão lento e suave que ele se preocupou que a qualquer momento seu coração parasse de bater. Ele constantemente tinha que colocar os dedos sobre a boca dela para se certificar de que ela ainda estava respirando, já que era tão leve.

Ele tinha visto humanos morrerem de doenças não tão terríveis quanto o estado em que ela estava. Parte dele se preocupava, Merikh não tinha ideia do que fazer.

Ele nunca cuidou de outra pessoa durante uma doença e era totalmente inútil. Quando ele tentou ajudar, mais espuma havia saído de seus lábios azulados, e seus orbes ficaram alaranjados de culpa.

A única coisa que ele podia fazer era segurá-la, já que seus calafrios diminuíram com o calor envolvendo-a.

Olhando para ela, ele gentilmente moveu uma mecha de cachos presos em seu rosto atrás da orelha com uma de suas garras. Sua orelha pontuda não se mexeu.

Você mentiu para mim, Elfa. Ela disse que não seria tão ruim, que ele não precisava se preocupar, mas ele estava em pânico desde que isso começou.

Seu olhar caiu para a mão dela, e o laranja em sua visão se aprofundou.

Ele não sabia mais o que fazer, mas piorou as coisas ao tentar ajudar. Desde que ela disse a ele que a doença poderia ocorrer devido ao esgotamento da magia, Merikh agarrou sua mão e tentou descobrir uma maneira de dar a ela a sua.

Linhas vermelhas brilhantes se formaram em suas veias e, com a tez escura de sua pele, sua mão parecia ter estrias de lava. Subia um pouco além do pulso dela, e era um lembrete terrível de que sempre que ele ajudava alguém, sempre voltava para morder o traseiro dele.

Seu corpo inteiro se contorceu na hora, e seu grito o fez parar. Seu coração parou de bater, mas eventualmente voltou a bater sozinho.

A febre de Raewyn havia se intensificado.

Ocasionalmente, seus orbes brilhavam em um vermelho mais brilhante, como agora. *Você não deveria ter se forçado.*

Merikh estava além de furioso.

Ele estava com raiva por ela ter feito algo tão tolo; parecia que poderia tê-la matado. Ele estava chateado por ela não ter explicado melhor os efeitos disso, especialmente porque sua interferência só a impediu.

Ele queria acreditar que era porque não queria perder sua única fuga deste mundo. Ele queria que sua raiva fosse por interesse próprio - puro egoísmo e nada mais.

Infelizmente, era difícil negar seus próprios sentimentos de culpa, especialmente quando sua cor laranja se recusou a diminuir permanentemente nas últimas horas, sempre voltando. Foi ainda mais difícil negá-la quando seu peito doeu em simpatia pela bela mulher, desejando poder suportar isso por ela.

Merikh tentou, mas não conseguiu transferir a doença para si mesmo. Em vez disso, ele foi forçado a testemunhar.

Ele não entendia nenhuma de suas reações, ou talvez apenas não quisesse entendê-las. Nos poucos meses que ele conheceu Raewyn, ela virou sua maldita vida de cabeça para baixo.

Ele havia experimentado emoções mais desagradáveis naquela época do que nas últimas décadas. Ele também riu mais do que ele realmente conseguia se lembrar.

Deve haver algo que eu possa fazer para ajudar, pensou ele, erguendo os olhos para a entrada escura de sua caverna.

Havia algo que ele poderia fazer, mas não queria. Mais do que qualquer outra coisa no mundo, ele não queria. Ele preferia cortar a mão, o braço, a própria cabeça, do que fazer isso. Se não fosse pelo bem-estar dela, ele nem estaria considerando isso.

Foi só quando ela parou de tremer, ficando completamente mole como se estivesse perdendo ainda mais força, ele finalmente ganhou coragem para deitá-la na cama sozinha.

Preocupado que seu cabelo encharcado de suor a sufocasse, ele o afastou de seu nariz e boca. Ele se virou.

Então, os orbes de Merikh queimaram em vermelho, não na normalidade, mas no ódio. Ele saiu e entrou na noite.

À primeira vista, parecia que não havia ninguém ali. Cheirando o ar, estava vazio de aromas incomuns.

Ele sabia melhor.

— Saia das sombras, — ele exigiu, seu olhar vagando pela linha das árvores.

A mulher que ele procurava imediatamente enfiou a cabeça por trás de um tronco de árvore, sabendo que não deveria irritá-lo jogando qualquer jogo de esconde-esconde. Sua forma etérea era transparente, branca apenas devido à sua natureza fantasmagórica atual.

Quando ele a viu, seus espinhos estremeceram de repulsa enquanto seu pelo se eriçava. Felizmente, ele não estava vestindo nada além de um par de calças; caso contrário, ele teria rasgado suas roupas.

O silêncio que pairava entre eles era tão pesado que era como se um cobertor tentasse apagá-lo. Ele não olhava para esta mulher há quase cem anos, e ele disse a ela que não queria olhar para ela nunca mais.

No entanto, lá estava ela, bem quando ele mais precisava dela.

Seu olhar sobre ele não era insensível, para aqueles que poderiam identificá-la.

Um rosnado suave saiu de seu peito sem pensar – uma reação instantânea e incontrolável. Ela virou os olhos para a barreira que ela flutuava do outro lado, antes de levá-los de volta para ele. Sua sobrancelha levantou em questão, e ele deu um breve aceno de cabeça.

No momento em que ela passou para a segurança disso, ela mudou sua forma para uma que parecia humana, embora cheirasse completamente diferente. A pele marrom se formou quando os dedos dos pés descalços tocaram a grama e cresceu em seus

membros. Seu vestido branco apareceu, assim como seu manto de penas brancas.

Merikh cruzou os braços quando ela estava quase para ele, e ele bateu uma garra contra seu bíceps.

— Eu lhe disse para nunca mais vir aqui, — ele zombou enquanto se abaixava até sua robusta altura humana. — No entanto, você não apenas me desobedeceu, mas também trouxe os gêmeos aqui com sua estupidez. Você entrou em minha barreira outro dia quando percebeu que minha convidada não podia vê-la.

— Você chamou por mim. Imagino que foi para fazer mais do que me confrontar quando você poderia ter feito isso antes. — Seus ricos cachos castanhos, mais soltos que os de Raewyn, tremulavam ao vento. — O que você busca de mim?

— Atualmente, há uma mulher em minha casa que precisa de ajuda que não posso oferecer. Você vai ajudá-la, então você vai se foder de volta para o vazio onde você pertence.

A única indicação de dor que ela deu foi o piscar de seus longos cílios. Seus olhos se moveram ao redor dele enquanto ela se inclinava para o lado.

— Ela é uma Elfa. — Seus olhos dispararam para o canto de suas pálpebras para olhar para ele. — Você só pode imaginar meu alarme quando vi você trazê-la aqui.

Merikh soltou outro grunhido, odiando que ela o observasse durante um de seus feitiços. Parecia um espelho flutuante com uma borda de poeira preta.

Seus braços se apertaram defensivamente em seu peito.

— Você *vai* ajudá-la. Você me deve isso.

Mais uma vez, suas pálpebras piscaram, os cantos de seus lábios caídos com eles. Ela assentiu enquanto passava por ele.

— Farei o que puder, mas você sabe que meu poder é limitado.

Ele cuidadosamente observou a mulher passar por ele antes de se virar e segui-la de perto. Ele manteve distância dela para que nem mesmo um único fio de pelo a roçasse.

Sua apreensão aumentou quando ela se aproximou de Raewyn, que ainda descansava na mesma posição de quando ele a deixou. Ele não tinha certeza se a falta de tremores dela significava que ela estava melhorando ou piorando, mas sua preocupação era palpável enquanto engrossava em sua garganta.

Quando a mulher colocou um único joelho na cama ao lado de Raewyn, ela parecia pequena em comparação com a elfa. No entanto, Raewyn era quem parecia frágil e delicada em comparação.

Do pé da cama, Merikh estava vigilante enquanto observava a Coruja Bruxa colocar as costas da mão na testa brilhante de Raewyn. Em seguida, ela se virou para colocar a orelha a centímetros do nariz e da boca.

— Ela disse que poderia ficar doente por esgotar sua magia. Essa é a causa atual — afirmou Merikh, esperando dar a ela o máximo de informações que estivesse disposto a oferecer para tirá-la de sua casa.

Sem dúvida, ela os observou o dia todo realizando a tarefa.

— Isso não é algo com que eu já tenha lidado, — ela disse enquanto colocava o outro joelho para se firmar.

Então, ela pairou as mãos sobre o peito de Raewyn e murmurou palavras incoerentes. Névoa negra brilhou de seus

dedos. Também encheu seus olhos, como se estivesse trabalhando em conjunto com sua visão, e eles ficaram completamente pretos.

Alguns segundos insuportáveis se passaram, e sua preocupação aumentou de que ela pudesse enganá-lo e prejudicá-la ainda mais.

Ela soltou um suspiro profundo antes de cessar qualquer magia que estivesse fazendo. O cheiro era desagradável. Era muito doce, como açúcar adicionado ao mel.

— A magia dela já começou a se reabastecer.

— Então por que ela não está melhorando? — ele rosnou enquanto avançava.

Ela deu a ele um olhar calculista com o canto do olho antes de voltar seu foco para Raewyn.

— Você se importa com ela.

O rosnado de Merikh foi tão selvagem que até *ele* achou que soava bárbaro. Seus orbes ficaram vermelhos quando seu torso se apertou com a possível verdade de suas palavras, com o quanto ele era contra ela saber qualquer coisa sobre ele.

— Ela nada mais é do que um meio para um fim, um que não verei perecer antes de estar completo.

A Coruja Bruxa agarrou o pulso de Raewyn e balançou sua mão flácida para ele. As listras de veias semelhantes a lava queimaram com o movimento.

— Esta é a ação de alguém que se importa. Você tentou injetar sua própria magia no corpo dela para acelerar o processo e, ao fazer isso, bloqueou a circulação natural dela. — Então, ela estreitou o olhar em um olhar feroz. — Você pode me odiar o quanto quiser, mas não pode mentir para mim, *Merikh*.

Foda-se, é claro que ele não podia esconder dela seus sentimentos pela Elfa. Ele preferia que ela pensasse que ele estava apenas usando Raewyn.

Seu rosnado quase ofuscou suas palavras.

— Então. Remova. Isto. Certamente, você pode pelo menos fazer isso.

Ela virou a cabeça com desdém e pegou a mão de Raewyn nas suas. Lentamente, as estrias brilhantes se retraíram e, em vez disso, cresceram em seus próprios braços. Ela sibilou no que ele pensou que poderia ser agonia, e ele admitiu alegremente que o agradou.

Assim que sua própria magia se foi, a cor de Raewyn melhorou significativamente. Ela soltou um suspiro e sua respiração voltou a um estado semi-normal. Mesmo com a pequena distância entre eles, ele notou que o batimento cardíaco dela havia se fortalecido.

Então, ela se enrolou em uma bola quando seus olhos se abriram por apenas um segundo antes de fechar.

Em segundos, ela já parecia cem vezes melhor. Merikh olhou para o braço dela, e laranja brilhou quando ele percebeu que ele era o motivo pelo qual ela não estava melhorando.

Eu não deveria ter interferido.

A Coruja Bruxa olhou para suas mãos e as abriu e fechou, estremecendo ao fazê-lo. Listras de lava haviam crescido sobre eles.

— Weldir irá curá-la se você correr de volta para ele, — Merikh afirmou friamente.

Então, ele deu um passo para trás e jogou o braço na direção da entrada de sua caverna, mostrando a ela que queria que ela fosse embora.

Ele não quis oferecer nenhum agradecimento. Ela tinha uma montanha de dívidas emocionais com ele. Uma pessoa não agradeceria a outra pelo dinheiro devolvido e considerava isso o mesmo.

Ela se levantou e o encarou.

— Preciso falar com você primeiro.

— Não há nada que eu queira dizer a você e não estou interessado em nada que você tenha a dizer. — Ele deu um passo para trás para que ela pudesse ver melhor que ele havia apontado para fora. — Agora saía.

Sua mandíbula esquerda tiquetaqueou. Ela se manteve firme, abaixou a cabeça ligeiramente e olhou para ele.

— O que você está fazendo com essa mulher? Como você encontrou uma Elfa na Terra e por que a trouxe aqui?

— O que eu faço e quem eu mantenho dentro da minha casa não é da sua conta. — Quando ele estendeu a mão para pegar o braço dela, ela se tornou incorpórea e o evitou.

Sua voz soava distante, apesar de estar tão perto dele em sua forma fantasmagórica.

— Você não pode ter uma elfa como noiva, Merikh.

Seus passos tropeçaram quando ele deslizou por ela, e ele virou a cabeça em sua direção.

— Você não tem o direito de me dizer o que posso e o que não posso fazer. Agora tire seu maldito traseiro Espiritual da porra da minha casa!

Ele não a perseguiu; ele não era um idiota. Ele não podia tocá-la, então simplesmente não havia sentido.

— Você não deveria falar com sua mãe desse jeito, — ela retrucou, flutuando em torno de sua casa como uma mosca que ele não poderia esmagar.

A risada de Merikh foi sombria.

— Você e eu sabemos que parei de pensar em você como mãe, Lindiwe.

— Ela é do mundo élfico. Você não pode ficar com ela, Merikh. Ela precisa voltar para lá.

— Isso é exatamente o que estou tentando fazer! — ele gritou, estremecendo quando Raewyn se enrolou mais e esfregou o rosto contra a cama.

— E você deve ficar aqui.

Sua raiva era como um inferno, girando cada vez mais forte até que fosse forte o suficiente para engolir tudo e cuspir destruição.

Ele deixou sua própria casa, sabendo que ela o seguiria. Qualquer que fosse a maldita conversa que eles estavam prestes a ter, que ela estava *forçando* sobre ele, ele não permitiria que isso perturbasse a mulher doente em sua cama.

Uma vez do lado de fora, ele virou à esquerda para contornar a curva do penhasco do Véu. A barreira terminava ao lado de três árvores, e ele pensou que este era um lugar apropriado para falar com ela. Não estava ao ar livre e, esperançosamente, eles estavam longe o suficiente do outro lado para não incomodar Raewyn.

Ele parou na ondulação do penhasco logo atrás dele e à esquerda. As árvores estavam atrás dele, e ele esperou que a Coruja Bruxa se agitasse à sua frente.

— Se você deseja falar, você o fará humana. Não falarei com um Espírito. — Assim que ela o fez, ele cruzou os braços. — O que

eu faço e para onde vou não é da sua conta. O fato de você ainda não ter sabido isso só me faz questionar sua inteligência.

— Você não pode ir lá, Merikh. Você deve ficar na Terra ou encontrar outro lugar para ir. Não pode estar lá.

— Por que? — ele riu, permitindo que o amarelo preenchesse seus orbes com verdadeiro humor. — Porque Weldir será punido se for descoberto que ele criou seus próprios filhos?

Suas pálpebras piscaram, dando-lhe a verdade.

— O problema, *mãe*, é que eu não dou a mínima para o que acontece com esse semideus. — Então ele ergueu a mão para poder bater com uma garra na lateral do focinho. — Na verdade, a ideia de ele ser torturado por seus próprios criadores me traz uma alegria imensa. Agora que você colocou isso na minha cabeça, espero que haja alguma forma de julgamento onde eu possa contar a eles tudo sobre o que ele tem feito aqui na Terra.

Ela fechou as mãos em punhos apertados.

— É muito mais provável que eles o destruam. Estou lhe dizendo isso para protegê-lo.

— Não, — ele disse enquanto cruzava os braços novamente. — Você está fazendo isso para protegê-lo, e a si mesma, e todo o poder que você ganhou dele. Isso não tem nada a ver com a minha vida.

— E se você for lá e descobrir que estou certa?

Merikh inclinou a cabeça para o lado.

— Acho que aceitaria de bom grado minha morte se isso resultasse na destruição de vocês dois.

— Nenhum de nós merece tanto ódio de você, — ela soltou.

— Você e eu sabemos que isso não é verdade, — ele disse com humor, feliz por vê-la toda irritada.

— O que aconteceu não foi minha culpa! — Ela gritou, jogando as mãos para frente antes de passar uma delas sobre o cabelo. Ela virou a cabeça para longe dele com *vergonha* e mágoa. — Fui jogada nisso tanto quanto você. Eu não tinha ideia do que estava fazendo naquela época, como cuidar de você. Eu estava viva pelo quê? Cinquenta anos? Eu ainda me considerava uma humana. Como eu deveria saber tudo? Eu nunca fui onisciente.

— Não importa. Eu ainda era o único que sofria. Não fui eu que pedi para nascer neste mundo, e não de uma mãe que não me quis.

— Eu nunca disse isso. — Seus olhos brilharam com lágrimas, mas ela rapidamente as conteve.

— Não? Suas ações foram suficientes.

— Eu tentei de tudo para cuidar de você da melhor maneira possível. Achei que você fosse indestrutível. Se você foi ferido por um demônio, tentei ajudá-lo ou curá-lo. Cuidei de seu crânio até que você voltasse a crescer. Eu te alimentei quando percebi que isso te ajudou a crescer. O que mais eu poderia ter feito? Você não queria estar em minha casa, preferindo vagar pela floresta sozinho.

— Pare de se defender, — Merikh retrucou. — Você só nos deu à luz para seu próprio ganho egoísta. *Ele* queria filhos e você aceitou manter sua magia. Isso não era desejo, era você seguindo obedientemente seu mestre. Bem, adivinhe? Não vou latir e morder por ele como você, não depois de tudo.

— Você sabe que foi só no começo. Não demorei muito para crescer e me importar com você.

— Ainda demorou muito. — Então os orbes de Merikh mudaram para azul, e ele desejou poder parar a maneira como seu

coração se transformou em cinzas de tristeza. — E era tarde demais. — Os lábios dela se apertaram, refletindo a própria dor dele. — Então você me deu as costas.

— Eu não queria, — ela murmurou enquanto virava a cabeça para o lado. — Eu estava apenas chateada e com medo de você. Sei que foi injusta com você, mas tentei de tudo desde então para ajudá-lo, mostrar que sinto muito. Eu cuidei de você, tentei compartilhar o máximo de informações possível com você, mesmo quando você não falava comigo. Eu até implorei a Weldir para encontrar uma maneira de lhe dar um glamour para que você pudesse viajar com os humanos quando vi que você queria se encaixar de alguma forma.

— Isso não o traz de volta. Você me culpou por isso, mas toda essa culpa recai sobre seus ombros.

O coração de Merikh batia instável, oscilando entre mágoa e raiva, lento e doloroso, rápido e ansioso. Nenhuma vez eles abordaram esse assunto, ambos o evitando por centenas de anos.

Ele sempre quis. Ele queria enfiá-lo cruelmente em seu rosto e ver seu arrependimento, machucá-la. No entanto, mesmo nas poucas vezes que eles se falaram, especialmente desde que ela o alimentou com informações e ele ouviu antes de se afastar dela, nenhuma vez ele tocou no assunto.

Ele não queria falar do passado, não quando preferia esquecer. Seus olhos se estreitaram de raiva.

— Você não pode lançar isso em mim, assim como eu não deveria ter feito com você. Como eu poderia saber que isso aconteceria?

Seus orbes brilharam em laranja antes de explodirem em vermelho carmesim.

— Porque você poderia ter perguntado a ele! — Merikh estava tão perto de alcançá-la e golpeá-la - mesmo sabendo que ela era rápida com suas habilidades de Espírito. — Você poderia ter perguntado a Weldir sobre nós, quem e o que éramos. Em vez disso, você o evitou tanto quanto possível!

— Porque a magia dele era fraca! Ele só poderia me chamar quando tivesse almas suficientes para arriscar me levar para Tenebris.

Era uma desculpa, uma que ele pensou que poderia ser verdade. No entanto, ela ainda teria tempo suficiente para perguntar a Weldir.

Merikh distraidamente arranhou o próprio peito.

— Por que tinha que ser eu? — ele rugiu, batendo um pé para frente para que ele pudesse se erguer sobre ela. — Por que eu tinha que ser o experimento? Se você tivesse se dado ao trabalho de perguntar como um de nós morre, não seria eu quem descobriria!

Seu pelo se arrepiou enquanto ele cobria o crânio, pensando em transformá-lo em pó com as próprias mãos. *Eu matei a porra do meu próprio irmão!*

Não se passou um dia em que ele não se arrependesse, desejasse poder esquecê-lo, desejando nada mais do que recuperá-lo.

Nem tinha sido de propósito.

E então ela, sua maldita mãe, ficou com medo dele. Em seu tumulto confuso, em seus rugidos cheios de agonia, em seu pânico. Ela o culpou por isso, o odiou por isso, e era tarde demais para perdoá-la quando ela finalmente aceitou que tinha sido um acidente. Ele não tinha como saber que estava prestes a matar o próprio irmão, porque como poderia?

Ele era jovem, não muito um Caminhante do Crepúsculo adulto, e nenhum deles sabia que esmagar o crânio resultaria em sua morte eterna. Eles sempre voltavam a crescer e pensavam que sempre o fariam - não importa a causa.

Foram as ações de Merikh que mostraram a todos eles.

Foi a dor dele que se tornou o conhecimento deles.

— Não é sua culpa, Merikh, — Lindiwe disse, sua voz ficando suave e maternal. — Eu já te disse isso.

— Cale a boca, — ele disse enquanto tirava as mãos do rosto. — Eu sei o que fiz, mesmo que não fosse minha intenção, e a culpa é tanto sua quanto dele por não nos informar. Você poderia ter evitado.

Ela virou a cabeça.

— Ele também não sabia, mas você tem razão. Não perguntei porque pensei que você não poderia ser morto, assim como ele. *Sinto muito*, por tudo.

— Eu não me importo se você está arrependida. Não me importa quantas vezes você tente se desculpar. Não muda, nem corrige o que aconteceu depois. Isso não muda por que fui criado em primeiro lugar, nem nega o que sofri desde que respirei pela primeira vez. Sua desculpa é tão inútil quanto a minha.

Deveria ter sido eu. Se Merikh pudesse voltar e escolher, preferia ser ele a morrer. Sua vida tinha sido nada além de miserável. Pelo menos seu irmão poderia ter vivido uma vida diferente do caminho que ele trilhou.

— Eu sei que a vida não tem sido fácil para você, — ela disse enquanto esfregava o braço. — Mas você *tem* uma chance de encontrar a felicidade.

Merikh deu uma risada triste.

— Que declaração ridícula. Mavka não estão destinados a encontrar nada de bom neste mundo.

— Isso não é verdade — disse ela, dando um passo à frente enquanto balançava a cabeça. Ela tentou alcançá-lo para confortá-lo, mas retirou a mão quando percebeu que era perigoso tocá-lo — especialmente porque ele havia levantado suas penas de propósito.

— Merikh, você encontrará alguém. Orpheus encontrou uma noiva, e ele mantém sua alma.

Seus orbes mudaram para um azul profundo. Ele deu um passo para trás, como se tivesse levado um soco no estômago — e realmente doeu.

— O que? — O azul se aprofundou. — Orpheus tem uma noiva?

Ela levantou suas sobrancelhas afiadas para ele.

— Você não sabe? — Estranhamente sem fala, ele balançou a cabeça. — Faz quase dois anos que Orpheus encontrou Reia. Até Magnar e Faunus encontraram fêmeas.

— Quem diabos são eles?

Suas sobrancelhas escuras uniram-se firmemente.

— Eu pensei que você já soubesse de tudo isso agora, — ela disse, perplexa. — Magnar é o Mavka de chifres de cervo, e Faunus é Gatinho.

Ele conhecia Gatinho, mas o Mavka de chifres de cervo sempre foi desconhecido para ele.

Merikh colocou a palma da mão sobre o lado do focinho em pensamento, o poço de azul em sua visão se aprofundando. Ele

havia saído do Véu por dois anos, mas nada como isso havia acontecido nas centenas de anos em que ele estava vivo.

Um Mavka ganhando uma noiva? Impossível - isso é o que ele pensou.

A mulher que matou Katerina... Ela deve ter sobrevivido.

Mesmo que isso fosse uma boa notícia para sua espécie, a realidade era muito clara.

— Bom para eles — disse ele lentamente, antes de sustentar o olhar dela. — Mas nenhum humano vai querer se amarrar a mim. — Quando ela abriu a boca para argumentar, ele soltou um grunhido de advertência enquanto jogava os braços para fora. — Olhe para mim! Não só sou assustador por fora, como também sou assustador por dentro! Você e eu sabemos que tenho muito ódio. Eu destruo tudo o que se aproxima de mim.

— Você pode tentar, — ela ofereceu. — Há alguém lá fora, mas não pode ser aquela elfa.

Merikh inclinou a cabeça. — Por que você está trazendo ela de novo?

— Por minha causa, você é parte humano, mesmo que não pareça. É por isso que, quando você faz de um humano sua noiva, você é compatível. — Ela esfregou a bochecha desajeitadamente. — Não sei se ela seria capaz de te dar um filho. Não é impossível, mas pensei que deveria pelo menos deixar você saber das minhas dúvidas.

Merikh caiu na gargalhada.

— É uma pena que eu não queira um, então. — Em sua expressão chocada, sua risada se aprofundou. — Você acha que eu

quero trazer outro Mavka para este mundo? Não estou interessado em ver minha própria cria sofrer.

Sua boca abrindo e fechando o lembrou de um peixe escancarado.

Ele odiava como suas próximas palavras pareciam vazias.

— E você acha que aquela mulher gostaria de ser minha? Você a viu. Por que alguém tão bonita consideraria se tornar minha noiva? Eu sou horrível, por dentro e por fora. Ela é muito gentil, muito inteligente, muito... perfeita, e ela pode ter alguém que seja como ela.

— Então uma rajada de vento atrás dela passou por ambos enquanto Merikh disse baixinho: — Eu sei que uma vez que eu for para o reino dela, ela não vai querer nada comigo. Tudo o que posso esperar é que seu povo me permita viver entre eles em paz.

Ele não entendia por que o olhar dela se tornou simpático.

Ela realmente achava que eu seria tão bobo a ponto de ter esse tipo de esperança com Raewyn? Nem uma vez isso passou por sua cabeça.

Mesmo que seu rosto não fosse o problema, Merikh sabia que seu coração era feio. Ele estava muito confuso e quebrado por dentro para pensar que algo tão maravilhoso quanto o amor era possível. Ele poderia ser capaz de amar, mas era duvidoso que alguém o amasse de volta.

Ele estava grato por ela não ter discutido com sua declaração; ele não queria que ela colocasse falsas esperanças nele. À sua maneira, seu silêncio sobre o assunto era reconfortante.

Ainda assim, frustrar suas próprias esperanças antes mesmo de considerá-las foi mais doloroso do que ele pensou que seria. Dizer isso em voz alta só o fez perceber o quão solitário seu futuro seria, mesmo se ele fosse para o mundo de Raewyn.

Sua raiva desapareceu, extinta por suas próprias verdades, e o fogo que ele tinha pela conversa morreu. Ele estava perdendo o entusiasmo para discutir quando agora estava apenas... cansado.

Ele estava cansado dela, cansado de viver assim, cansado de todo o sofrimento com o qual tinha lidado. Merikh estava exausto.

— Pense em seus irmãos, então. Se você for lá, poderá trazer a morte para todos eles.

Merikh ergueu o crânio superiormente.

— Os elfos teriam que vir aqui para fazer isso, e duvido muito que venham. Vou embora com ela, não importa o que você diga.

— Como? — ela perguntou.

— Você acha que eu diria a você, para que você possa deixar Weldir saber e depois tentar me impedir?

— Estou tentando te ajudar. E se você estiver errado? E se você causar sua própria morte, a morte de seus irmãos? Você realmente não se importa com eles?

Ele não respondeu, não quando ele realmente não sabia a resposta. Não era justo para ela empurrar isso para ele. Ele estava buscando sua própria felicidade, para não se sentir desolado ou como um pária. Sim, ele se importava que eles continuassem respirando, mas fora isso, ele não queria conhecê-los, falar com eles, nada.

Ele fingiu que eles não existiam até que eles rudemente se introduziram em sua vida.

Ele acenou com a mão com desdém.

— Eu cansei de falar com você.

Quando ela não saiu, ele golpeou com suas garras, e ela se tornou incorpórea antes que ele pudesse fazer contato com ela. O

fato de sua mão passar direto por seu corpo intangível mostrou que ele não estava fingindo um ataque.

Ela recuou, o rosto contorcido por muitas emoções para ele distinguir.

Ela voltou à sua forma física e colocou a capa de penas na cabeça. Em instantes, ela se transformou em uma coruja de tamanho humano e ele a observou voar acima das árvores em direção ao centro do Véu.

Se ela realmente se foi ou não, Merikh não iria ficar ali olhando para ela.

Ele estava aborrecido, todas as partes inumanas dele arrepiadas e irritadas. Seu coração e mente ardiam, desejando que ele nunca tivesse dado a sua mãe a chance de torcer suas entranhas em nós.

Curiosamente, ele se viu querendo procurar Raewyn. Ele queria ver como ela estava, talvez até acalmá-la enquanto ela dormia.

Ele pensou que estar perto dela poderia fazê-lo se sentir melhor. Ela era a única criatura neste maldito mundo que ele simplesmente não conseguia odiar.

Merikh se virou para passar pelas árvores e pela forma convexa do penhasco próximo a ele. Era como se o vento atrás dele o empurrasse para ir até ela para que ela pudesse confortá-lo, mesmo que ela não soubesse que estava fazendo isso.

Ao fazer a curva, seu coração quase parou no peito quando seus orbes ficaram totalmente brancos.

Lá estava Raewyn, encostada fracamente na parede. Ela estava coberta por uma camada de suor e tremia com os joelhos bambas. Ela ainda parecia muito mal.

Porra. O vento estava soprando na outra direção, então ele não sentiu o cheiro dela. Ele também pode ter estado muito focado em seu argumento para estar ciente de qualquer coisa.

No momento em que ela se encolheu, com as orelhas apertadas, ela soube que tinha sido pega. Ela *sabia* que ele ficaria furioso por ela estar ali. Seu grunhido profundo e retumbante só a fez recuar com cautela.

— Da próxima vez que você escutar, certifique-se de não ser pega estupidamente, — ele soltou.

Então ele se virou. Para onde estava indo, não tinha certeza. Em qualquer lugar longe dela e do embaraço do que ela provavelmente ouviu.

Não importava há quanto tempo ela estava parada ali; cada parte daquela conversa tinha sido incriminadora. A última coisa que ele falou... foi ela.

Se ele não queria tanto deixar a Terra, talvez nunca tivesse voltado.

CAPÍTULO 26

Ele me acha bonita... Pela enésima vez, Raewyn deu tapinhas em suas bochechas, como se estivesse tentando acordar de um sonho.

Era difícil se concentrar sempre que ela sentia que ele estava por perto, mesmo que fosse apenas por momentos fugazes. Sua mente estava muito preocupada com o que ela havia descoberto.

Merikh a deixou encostada no penhasco e desapareceu por um longo tempo.

Ela só saiu porque ele estava gritando para alguém sair, e isso a acordou de repente. Quando ela abriu os olhos cansados, uma figura fantasmagórica estava dançando em sua visão antes de partir com ele.

Mesmo fraca, ela conseguiu se arrastar para fora da cama para segui-los.

Eles não estavam quietos, então ela não precisava chegar muito perto, mas ela ouviu tudo.

Quando a conversa terminou, Raewyn queria fugir antes que ele a encontrasse. Ela teve tempo de sobra, mas mal conseguia ficar de pé. O calor que ela recuperou estava desaparecendo, e a cada segundo que ela permanecia ali, ela ficava mais fraca, até ficar incapaz de se mover.

Ela até desmaiou depois que Merikh saiu e adormeceu contra a parede - apenas para acordar na cama, quase totalmente recuperada.

Desde então, ela não conseguia parar de pensar nisso.

Ele acha que sou bonita, inteligente e gentil? Ele até pronunciou a palavra *perfeita*, e ela não tinha ideia do que isso significava, mas

querida e sagrada Donzela Dourada, ela queria se abanar. Que maneira de fazer uma mulher se sentir especial.

Não importava que ele mal tivesse trocado uma palavra com ela desde então, ou que ele tivesse sido excepcionalmente reservado. Ele não fez nenhuma menção a isso, como se esperasse que ela estivesse doente demais para se lembrar.

Difícil, porque ela lembrava.

A questão era... o que ela faria agora que sabia que ele se sentia assim?

Então, ele gosta de mim, eu estou supondo? Ela não sabia o quão profundamente, mas ela pensou que poderia ser o suficiente. *Ele nunca tentou trazê-lo à tona, no entanto.*

Sempre foi por causa de Raewyn que eles tiveram qualquer tipo de intimidade.

'Eu sou horrível, por dentro e por fora.' Seu coração afundou um pouco ao descobrir que ele pensava assim sobre si mesmo. Claro, ele era bem espinhoso por dentro e por fora, mas não era horrível. Ele poderia ser gentil à sua maneira e atencioso.

Quando ela mal estava consciente, ela podia se lembrar da sensação de alguém acariciando seu cabelo de seu rosto, esfregando suas costas suavemente. Ele tentou forçar goles de água em sua garganta.

Quando não era sua risada psicopata, louca ou mórbida e sombria, sua risada *real* era escassa, mas apenas a tornava muito mais sincera quando ela a ouvia. Era raro, e ela teve a estranha sensação de que ele não tinha feito isso muito na vida. Ela também pensou que poderia ser a fonte disso.

'Eu sei que quando eu for para o reino dela, ela não vai querer nada comigo.'

Eu nunca disse isso. Ela estava correndo para ser sua amiga por causa de como ele a tratou, ainda mais quando ela viu que ele poderia ser cruel com os humanos, mas nunca voltou isso para ela.

Gemendo, ela apoiou o rosto no banco de pedra e cobriu a nuca. *Estou com tesão.* Ela apertou as coxas juntas. *Como saber o que ele pensa de mim pode me deixar ainda mais atraída por ele?*

E ele não a chamou de fofa! Era a palavra *bonita*, e isso é tudo que Raewyn sempre quis ser. Ela teria pulado em todos os lugares se ele dissesse sexy ou quente.

No momento em que as vibrações se aproximaram, ela disparou antes que ele pudesse entrar na caverna. Fingindo que não estava tendo uma crise existencial sexual, ela acariciou os bulbos das tulipas.

Ele pegou algo da prateleira e saiu novamente, e Raewyn voltou a tentar trabalhar. Em vez disso, ela se preocupou.

O que eu faço agora? Eles poderiam continuar assim até que ela terminasse de fazer a pedra do sol, e então eles poderiam ir para o portal de Jabez. Ela estava bem mantendo as coisas como estavam.

Não havia nenhuma razão real para mudá-las.

Eu meio que quero saber o que aconteceria, no entanto.

Ela poderia cem por cento fazer sexo com ele e depois acenar como se nunca tivesse acontecido. Não *precisava* significar nada, embora geralmente ela preferisse que houvesse algum tipo de relacionamento primeiro.

O que ela queria saber era como ele agiria *depois*. Ele continuaria a ser o espinhoso Merikh ou floresceria em alguém que

seria terno? Isso era tão profundo quanto sua bondade poderia ir, ou ela estava apenas arranhando a superfície?

Ele ergueu muros ao seu redor. Mais como fazê-los dois metros fundos no chão para que não pudessem ser destruídos.

Raewyn estava no jogo.

As paredes não precisavam ser quebradas, não quando ela podia usar sua astúcia e doçura para fazê-lo abaixá-las por si mesmo. Isso, ou ela poderia simplesmente atacá-lo escalando até o topo e forçando-o a segurá-la quando ela desse o mergulho metafórico.

É isso! Eu decidi! Ela bateu as mãos contra o banco de pedra, estremecendo quando machucou as palmas. *Vou me arrepender se não descobrir como é fazer sexo com um Caminhante do Crepúsculo. Por razões científicas, eu tenho que saber.*

Ela realmente não poderia se chamar de cientista se não experimentasse... certo?

Era realmente toda desculpa que ela poderia dar a si mesma para ganhar coragem para o que ela sabia que deveria fazer. Se Merikh não ia colocar sua calcinha de menino grande e tentar tocá-la, isso significava que ela teria que abaixar sua calcinha inexistente para ele.

Era principalmente porque seu pênis era tão bom esfregando contra seu clitóris que ela só *tinha* que saber se era ainda melhor dentro dela. Ela o queria na floresta; ela até ficou excitada com ele.

Raewyn segurou seu queixo enquanto ela começava a tramar. *Ok... então como eu começo isso com ele?* Obviamente, ela ia fazer isso hoje, antes que ela deixasse seus nervos mudarem de ideia.

Ela foi para sua prateleira designada. Merikh a esvaziou para ela, então ela tinha um lugar para suas roupas - ele nem mesmo

pediu, ele gentilmente fez isso.

Passando por cada peça de roupa, ela tentou encontrar algo atraente. Elas eram todas chatas e longas. *Ugh, nenhuma dessas parece que seria legal ou sexy.*

Ela pegou seu vestido de dormir, já que era mais sedoso que os outros, e só esperava que fosse de uma cor bonita. Ela pegou uma tesoura para poder encurtá-lo, bem como fazer um decote de verdade que não chegasse quase à sua garganta.

Parece que foi feito para uma velha avó.

Agora que ela havia terminado de brutalizar sua roupa, ela precisava tomar um banho para ajudar com seu nervosismo. Além disso, seu nariz era tão bom que ela ficava constrangida se não cheirasse bem.

Raewyn amarrou o cabelo para evitar que se molhasse antes de deslizar para dentro do lago. Estava mais quente que o ar, e ela o absorveu enquanto se virava para colocar seus produtos de limpeza em terra. Havia apenas uma seção do lago onde ela se sentia confortável para tomar banho, já que era raso o suficiente para chegar à sua cintura.

Ela não sabia onde Merikh estava, nem em qualquer outra vez que ela tomou banho. Desde a primeira vez que ela fez isso em sua casa, ela secretamente esperava que ele estivesse observando.

Aposto que ele não está. Covarde.

Uma vez que ela estava limpa, ela pulou para fora da água e vestiu seu, esperançosamente, atraente vestido de dormir.

Ela pretendia cortá-lo para que ficasse no meio da coxa, e não até os tornozelos. Infelizmente, ela nunca foi uma boa costureira, e ela o fez tão curto que mal cobria seu traseiro.

Ela deveria ter ido mais longe e cortado gradualmente, em vez de apenas usar uma tesoura.

Foi seu primeiro erro da... noite? Ela não sabia que horas eram, já que o ciclo solar da Terra a confundia completamente e ela ainda não havia se ajustado.

Não importava seu erro, ela não deixaria aquilo detê-la.

Ela começou a repensar sua escolha no segundo plano da noite. Ela estava planejando se apresentar na cama em algum tipo de pose, mas Merikh já estava dentro da caverna. Ele deve tê-la ouvido chegando, já que estava vibrando por ela.

Foi nesse momento que ela soube que era a pessoa mais desajeitada que já conhecera. Ok, ela também nunca tinha ido tão longe para fazer sexo com alguém, mas estava disposta a tentar.

Ela colocou seus produtos de limpeza no chão e sua bengala também.

Sem saber o que mais fazer, ela brincou com o cabelo para ter certeza de que estava emoldurando seu rosto. Então ela procurou a entrada rochosa. Quando ela o encontrou, ela colocou o braço acima da cabeça e apoiou o cotovelo e o lado contra ele enquanto cruzava os tornozelos.

— O-olá — ela tentou responder, mas ficou obstruída em sua garganta. Sua saudação não foi tão sensual quanto ela esperava.

Ele grunhiu de volta. Alguns batimentos cardíacos instáveis depois, já que ela já havia se atrapalhado completamente e estava em pânico internamente, duas faíscas amarelas brilharam.

— Que diabos você está vestindo? — ele perguntou incrédulo.
— Acabei de comprar isso para você e não posso voltar a uma aldeia para comprar um novo.

Envergonhada, ela acidentalmente tropeçou para frente quando seu cotovelo escorregou.

Ela não tinha pensado que ele ficaria chateado por ela ter cortado a roupa que ele lhe dera. Não, era dela, e se ele não gostava do que ela fazia com ela, então era problema dele.

Com a forma como as coisas estavam indo até agora, ela pensou em abandonar todo o seu plano. Então ela cavou fundo, lembrando que ele só estava sendo rude e mal-humorado por causa do que ela havia descoberto.

Um bom orgasmo deve acalmá-lo... espero.

Tomando a maior e mais profunda respiração calmante que pôde, ela avançou. Passar a mão no canto do banco de pedra ajudou a orientá-la, e ela foi direto para ele.

Merikh recuou quando ela chegou muito perto, até que ele não tinha outro lugar para ir, mas contra a parede paralela à cama.

— Você tem me evitado.

— Não, eu não tenho — ele mentiu *descaradamente*.

Raewyn *estalou* e estendeu a mão para mexer na costura do botão de sua camisa.

— Você nem me deixou agradecer por cuidar de mim quando eu estava doente.

— Você não deveria me agradecer — ele rosnou. — Acontece que eu piorei as coisas para você.

Suas sobrancelhas se contraíram, insegura do que ele estava falando. Independentemente disso, era inútil. Ela poderia fazer suas perguntas mais tarde, das quais ela tinha muitas. Como por que sua mãe estava aqui e tudo o que eles falaram.

— Você pode se afastar para que eu possa passar? — ele perguntou, gentilmente empurrando o ombro dela para o lado.

Raewyn segurou forte. Em vez disso, ela empurrou os braços para cima para que seus antebraços descansassem nos ombros dele e deslizou o peito contra o dele.

— Então, você gosta de mim, não é?

Raewyn se preparou para o rosnado de resposta e as faíscas vermelhas que recebeu. Ele até se inclinou para frente, como se quisesse ser mais alto, mais dominador.

— O que você ouviu no outro dia, esqueça.

Ela fez um beicinho com os lábios em um sorriso sensual e até passou as pontas dos dedos no pelo logo acima do colarinho dele.

— Ajudaria se eu dissesse que também gosto de você?

Ela não gostou de poder sentir o pelo dele levantando sob seus dedos, ou o fato de ela poder ouvir a roupa se rasgar como se os espinhos dele estivessem subindo. Ele estava ficando muito agitado, e ela estava muito mais cautelosa com o exterior dele depois de ser ferida por ele.

— Que diabos está fazendo?

Ok, então bancar o sutil definitivamente não estava funcionando.

— Estou tentando te seduzir. — Ela riu, esperando esconder sua incerteza, seu constrangimento e acalmar a situação. — Achei que seria óbvio.

Provavelmente não foi com o quão terrível foi a preparação para isso.

Raewyn sufocou um suspiro quando sua mão envolveu sua garganta, e ele praticamente a ergueu na ponta dos pés. Não foi nada

doloroso, mas foi uma demonstração de domínio. Seu rosnado era ameaçador, e ele estava tão perto de seu rosto que uma de suas presas dianteiras roçou a ponta de seu nariz.

— Não estou interessado no que os humanos chamam de 'foda por pena', Raewyn. Não preciso nem quero sua simpatia.

Suas orelhas se achataram enquanto suas sobrancelhas franziram.

— Não é por isso que quero ter intimidade com você, — ela sussurrou, esperando esconder a mágoa em sua voz falando suavemente.

Ele realmente achava que ela abriria as pernas só para fazer alguém se sentir melhor consigo mesmo? Raewyn nunca foi esse tipo de pessoa.

Ela não era tão superficial.

— Então o que mais seria? — ele rosnou. — Porque você atualmente não cheira como uma mulher que está excitada, implorando por um pênis.

Ele aproximou o rosto e passou a ponta do focinho sobre a bochecha dela, bem na frente da orelha, e depois no pescoço. Ele a cheirou, e seu hálito quente sobre os lugares sensíveis, como a orelha e o pescoço, fez cócegas nas costas dela.

Ele também apertou um pouco mais o pescoço dela, e só ele fazendo isso a deixou ofegante. Ela queria que ele apertasse um pouco mais forte.

O nervosismo dela era muito forte antes, mas curiosamente, a mão quente e a respiração dele estavam ajudando. Especialmente porque o cheiro dele estava bem na ponta do nariz dela, tão perto que ela queria se inclinar para frente e prová-lo.

O que ele faria se eu apenas... o lambesse agora?

— Eu não estou fazendo isso porque tenho pena de você, Merikh, — ela sussurrou, sua voz finalmente ficando rouca como ela queria. — Estou fazendo isso porque quero você.

Ele deu a ela outro grunhido, e seus mamilos endureceram contra seu vestido fino. Assim que ela baixou as mãos para espalmá-lo no peito, ele empurrou a cabeça dela para trás enquanto levantava a dele.

— Olhe para mim, Raewyn, — ele resmungou sombriamente, e as pálpebras dela piscaram quando o mundo começou a se abrir diante de seus olhos. Em segundos, a névoa se dissipou e ela estava olhando para o rosto ossudo e os chifres dele. — Só porque você não olha para ele todos os dias não muda o fato de que é assim que eu pareço. Você pode fingir o quanto quiser que não sou um Caminhante do Crepúsculo, mas não permitirei que me arraste para suas ilusões. Então, diga de novo, enquanto olha para o meu rosto.

Como uma cobra atacando antes que sua vítima pudesse perceber, Raewyn saltou para frente e pressionou seus lábios contra suas presas afiadas. Ela também colocou as mãos nas bochechas de seu crânio de urso.

— Eu sei como você é, — ela disse suavemente enquanto se afastava de seu beijo. A visão dele desapareceu como um poço de escuridão engolindo, como se ele estivesse tão chocado que recuperou a visão. — E isso não me incomoda.

A mão dele afrouxou, e deu a ela a oportunidade de começar a dar beijinhos na ponta do focinho e nas presas dianteiras.

— Não me incomoda que você tenha uma caveira no lugar do rosto, Merikh. Ou que você tem chifres, pelo ou garras. — Então, ela

riu contra suas presas enquanto dizia: — Na verdade, eu meio que gosto.

Para Raewyn, nunca foi sobre superar seu exterior. Ela não gostava dele, *apesar* disso. Ela não o considerava feio ou monstruoso. Ele era apenas... Merikh, que pode parecer um pouco diferente para ela, mas era bonito à sua maneira.

— Eu... não entendo, — foi tudo o que ele conseguiu dizer, mas ele parou de rosnar, parou de segurar sua garganta tão agressivamente.

— Você não tem que entender isso, — ela respondeu enquanto continuava a chover beijos lentos, mas deliberados em seu rosto ossudo. Ele recuou a cabeça como se fosse escapar, mas a parede atrás dele não o deixou fugir para longe. — Eu queria você na caverna, e depois novamente na floresta. Eu estava apenas... nervosa e incerta, como alguns minutos atrás.

— Não estou interessado em ser um experimento para você, pequena elfa, — ele resmungou, jogando outra parede patética entre eles.

Ele até apertou a mão, e ela puxou para que fosse mais forte.

— Eu cheiro excitada o suficiente para você agora?

Ela sentiu isso sinceramente, ainda mais quando ela apertou as coxas, e pressionou os lábios de sua boceta umedecida. Como se mencionar isso o fizesse finalmente entender, sua respiração ficou um pouco mais superficial.

— Não vou deixar você me usar como uma ferramenta de masturbação novamente. — Então ele se inclinou para frente, afastando-se de seus beijos para proferir bem próximo a sua orelha.

— Se você começar isso, vai acabar com meu pau dentro da sua boceta madura.

Se era para ser um aviso, foi terrível. Em vez de incitar o medo, apenas a aqueceu ainda mais. O desejo se enrolou em sua barriga e se acumulou na entrada de seu núcleo, e ela mordiscou o lábio inferior.

— Esse era o ponto — disse ela com uma voz rouca.

Merikh recuou com um grunhido, e ela não tinha certeza se era por causa de suas palavras ou de sua crescente excitação.

— Certo. Prove para mim que você me quer. — Sua mão caiu lentamente, e as pontas de suas garras deslizando contra a pele nua de seu esterno exposto a fizeram tremer de prazer. Caiu completamente. — Seduza-me então.

Suas sobrancelhas se contraíram.

— P-perdão?

Ela pensou que já estava fazendo isso!

— Eu quero que você inicie. *Lidere*, em vez de me fazer assumir o controle para que você possa enfrentar qualquer incerteza sob meu controle. Faça-me querer você, apesar das minhas dúvidas.

Raewyn congelou quando a compreensão surgiu. Ela esperava que ele assumisse para tornar isso mais fácil para ela. Normalmente, os homens ajudavam a se despir para que pudessem fazer sexo e se sentir bem.

Ele estava dizendo a ela que não faria nada disso e, em vez disso, ela teria que fazer tudo.

Honestamente, se fosse qualquer outra pessoa, este poderia ter sido o momento em que ela se curvaria e diria que eles estavam sendo muito difíceis. Ela questionaria se eles a queriam.

Mas este era Merikh.

Depois do que ela descobriu, ela sabia por que ele estava fazendo isso. Era porque ele não acreditava que ela pudesse desejá-lo. Ele estava inseguro, não sabia se podia confiar nela, e talvez fosse até sua própria maneira de mostrar que estava... assustado?

Para sua sorte, Raewyn estava determinada. Ela tinha se decidido hoje, e ela queria finalmente descobrir se seu estranho pênis era tão bom dentro dela quanto esfregando contra seu clitóris.

Se seduzir o grande Caminhante do Crepúsculo fosse o que seria necessário para ela mostrar a ele que o desejava, então ela o faria com prazer.

CAPÍTULO 27

Merikh olhou para a mulher escassamente vestida diante dele e esperou para ver o que ela faria.

No momento em que ele a viu em uma camisola cortada que revelava muito de suas pernas longas e bem torneadas, sua visão quis mudar para roxo. Ela cortou o decote também, então ele ficou mais baixo, ameaçando derramar o decote que ela acidentalmente destacou enquanto seus seios se espremiavam contra o torso dele.

A maioria dos vestidos que ele escolheu eram vermelhos, porque ele queria vê-la em sua cor favorita, a cor de seus orbes. Mesmo inalterado, desde a primeira noite em que ela o usou, ele percebeu seu erro.

Esta foi a primeira vez em anos que ele ficou realmente perplexo em uma situação. Ele mal acreditava que Raewyn não estava apenas de pé diante dele com essa roupa minúscula, mas estava pressionando o peito contra o dele na esperança de seduzi-lo.

Ela nem precisava *tentar*. Metade do tempo, olhar para o rosto dela fazia seu sangue bombear e seu eixo se contorcer - e é por isso que ele tentou evitá-la o máximo possível.

Sua beleza o incomodava.

Toda essa situação o incomodava.

Sim, ele podia cheirar que ela tinha ficado excitada. No entanto, agora, isso significava muito pouco para ele.

Ela gosta de mim? O que isto quer dizer? Seu rosto, seu corpo, sua personalidade - nenhuma dessas qualidades eram 'agradáveis'. Inferno, se ele se encontrasse, ele sabia que tentaria matá-lo.

Como ele poderia acreditar que esta linda *fada* de algum mundo mágico o queria?

Ele estava parado aqui, esperando que ela o convenceria.

Porque, mesmo que suas palavras ou ações dissessem o contrário, ele queria seu toque mais do que queria sua próxima respiração. Queria ter as mãos dela sobre ele, seus beijos doces e desconhecidos, seu calor, seu gosto. Ele ansiava por sua boceta envolvendo seu pênis para que ele pudesse finalmente ceder e comê-la como ele queria desde o primeiro momento em que olhou para o rosto dela.

Mas ele não cederia a uma mulher que não o desejasse verdadeiramente. Ela rejeitou seu pênis uma vez, então se ela realmente o quisesse agora, ela poderia tirá-lo dele.

Ele estava prendendo a respiração de propósito para se salvar do cheiro dela, e ele gentilmente soltou quando ela passou as mãos pelo torso dele.

Ela não está se afastando? No fundo, ele esperava que ela o fizesse.

Ela agarrou a parte de baixo de seu queixo e puxou seu focinho para baixo.

— Venha aqui então, — ela disse, antes de roçar seus lábios macios contra suas presas.

Ele sufocou o estremecimento que o assolou. Ninguém jamais *beijou* seu crânio antes, e ele estava tentado a abrir suas presas e lambê-la em troca. Ele não o fez, só porque seu controle sobre sua necessidade era fino, fino como papel molhado, prestes a se desintegrar.

Quando ela arrastou as mãos de volta para baixo, elas seguiram a costura do botão de sua camisa, e ele se preocupou que seu coração batendo freneticamente revelasse sua excitação. Ela tinha que ser capaz de ouvir o quão perto ela estava, especialmente quando ela começou a desabotoar a camisa dele.

Sua cabeça virou e inclinou para que ele pudesse vê-la desfazer cada um, e ela continuou a pressionar os lábios contra qualquer parte de seu crânio que pudesse alcançar: o lado de uma presa mais longa, sua mandíbula, sua bochecha. Mesmo que seu pelo curto tornasse mais difícil senti-lo, ele ainda reagia ferozmente quando ela o beijava no pescoço.

Então ela patinou com as palmas das mãos para cima e começou a tirar a camisa do corpo dele. Com as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo, ele a observou estremecer ao rasgar sua roupa.

— Pare, — ele murmurou baixinho, estendendo a mão para deter as mãos dela.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Merikh rasgou a camisa de seu corpo. Suas penas ajudaram a garantir que ele A rasgasse em pedaços. Eles haviam surgido antes em sua irritação e ficaram presos nas fibras de sua roupa.

Entendendo por que ele assumiria essa parte, ela deu a ele um pequeno sorriso um tanto quebrado. Então ela colocou as mãos em seu peito descoberto, e seus músculos saltaram ao seu toque, sua cauda de touro se curvando para um lado.

Ela as deslizou cada vez mais alto, antes de envolvê-las sobre seu crânio. Ela tocou seu focinho, subindo para acariciar seus chifres, a parte de trás de seu crânio, antes de deslizar sobre seus ombros.

Ele não entendia essa exploração.

Ela não deveria estar tentando chegar ao seu pênis? Embora suas mãos fossem maravilhosas, macias e reconfortantes, ela destacava tudo de diferente nele. Isso o aqueceu tanto quanto o deixou frio.

Então, ela tentou descer pelos braços dele, e ele teve que detê-la novamente.

— Minhas penas estão voltadas para cima em meus braços. Não vá na direção oposta.

Ele não gostou de ter que avisá-la de algo quando ela estava no meio de tocá-lo. Isso arruinou tudo. Quantas vezes mais ele teria que dizer para ela parar, ou tomar cuidado, antes que ela desistisse de tentar?

Ela apenas balançou a cabeça e então moveu as mãos para os lados dele. Justamente quando ele pensou que ela estava prestes a abraçá-lo, e ele teria que impedi-la mais uma vez, ela correu para baixo.

Merikh pulou em seus braços, sua visão brilhando em um rosa avermelhado.

— Você acabou de pegar minha bunda?

Ele virou a cabeça para o lado para olhar para baixo para verificar se realmente podia sentir as mãos dela massageando seu maldito traseiro através de suas calças.

Sua risada o fez olhar para frente.

— Sim? — Ela deu um grande aperto em suas bochechas. — Mulheres podem gostar de bundas também, você sabe. A sua é muito boa, toda macia e mole, mas de alguma forma ainda firme.

Ele deveria ficar ofendido ou satisfeito com o que ela acabou de dizer?

Então ela fez algo que fez a compreensão se desdobrar. Ela agarrou perto da base de sua cauda e puxou-a para frente para que pudesse sentir todo o seu comprimento.

Ela está me mostrando que aceita tudo isso? Seu coração cedeu um pouco, e um pouco da tensão que ele estava segurando dentro de seu corpo aliviou dele, tensão que ele pode ter mantido por séculos.

Ele cedeu e parou de segurar a mudança de orbe que o incomodava. Eles mudaram para um roxo, já profundamente no desejo, e seu pênis empurrou junto com ele. Ele podia sentir seus tentáculos se movendo para girar mais apertado em torno de seu eixo, e pressionou contra a parte de trás de sua costura que ele estava fechando.

Definitivamente haveria uma protuberância perceptível lá.

Quando sua mão chegou ao tufo no final de sua cauda e soltou, ela finalmente alcançou a frente de suas calças. Ela desabotoou-as, abriu-as e, em seguida, puxou-as lentamente para baixo de suas coxas grossas para que pudessem cair no chão. Ele usou o rabo para desfazer o tecido das penas na parte de trás das panturrilhas, então ela não sabia que elas foram pegadas.

Merikh engoliu seu gemido quando ela colocou a mão contra sua virilha em busca de seu pênis. Seus dentes beliscaram seus lábios quando ela não os encontrou expostos como na maioria das criaturas, mas ela tocou a pele ali, e suas feições se suavizaram.

As pontas de seus dedos o traçaram e fizeram cócegas em seus tentáculos cobrindo seu pênis onde eles estavam inchados por

dentro. Ele não pôde conter seu gemido quando sua costura se contraiu, ameaçando abrir enquanto ela traçava de volta para baixo.

— Está aqui?

Rangendo suas presas, a baba se acumulou na cavidade de sua boca. Ela estava tocando-o tão levemente, provocando-o, e ele sentiu o domínio de sua inação, de seu próprio controle, escorregar.

Batendo a ponta de seu focinho contra a bochecha dela, ele disse calmamente, — Se você está esperando que eu seja gentil, Raewyn, então você deveria reconsiderar. Eu não sou gentil, e isso só vai acabar comigo tomando você forte e rápido.

Esta era sua última chance de voltar atrás.

Raewyn esfregou a bochecha contra o focinho dele, parecendo tomar qualquer coisa que ele fizesse como um sinal de afeto, e cavou os dedos ao redor da protuberância dentro dele.

— Como faço para tirá-lo? — ela sussurrou para ele, sua respiração soprando ao lado de suas presas.

Ele a advertiu, e ela não estava se esquivando.

Naquele momento, ele sabia que era fraco para esta linda elfa. Sua costura se abriu, e seu pênis *rapidamente* disparou para frente em sua acolhedora palma da mão aberta. Ele soltou um suspiro rouco de alívio, já que a pressão era insuportável.

Então, ele liberou seus tentáculos para ela, e o último centímetro dele empurrou para frente para que sua ereção se projetasse em todo o seu comprimento. Os tentáculos eram quase tão longos quanto seu pênis, alcançando logo abaixo da cabeça, e eles se contorciam para trás para que pudessem se agarrar à base.

Ela foi gentil com ele enquanto passava as palmas das mãos sobre a cabeça sensível, e Merikh teve que se apoiar contra a parede

enquanto pulsava com o contato. Suas garras cravaram na rocha, e ele teve que usar cada grama de sua vontade para não investir nela.

Se ele cedesse, ele a colocaria na cama atrás dela. Ele estaria se empurrando dentro dela em segundos.

Seus dedos se sobrepuseram para formar um anel quando ela empurrou as mãos para baixo, vibrando a sensação no centro dele enquanto ela percorria os cumes atrás de sua cabeça. Ela passou o lubrificante natural dele, espesso enquanto se acumulava na frente de suas mãos e eventualmente pingava dele.

Então ela examinou o anel nodoso que estava a pouco mais de três quartos do caminho para baixo, e Merikh soltou um estrondo satisfeito. Ela desceu ainda mais e encontrou as duas saliências ovais bem na base, empurrando seus tentáculos para trás para fazê-lo, e acariciou seus sacos de sêmen embutidos.

Seus pulmões quase pararam quando afundaram para dentro com o toque dela, antes de voltarem a seus estados volumosos.

— Você é muito grande — ela murmurou, esfregando as mãos de volta. — Meio que me deixa nervosa.

O vermelho brilhou em sua visão com a chance de ela recuar, apenas para ser engolido pelo roxo quando seu cheiro se aprofundou, e ela mordiscou o lábio inferior. Ela não iria.

Então ela o soltou para poder pegar a mão direita dele. Por curiosidade, ele deu a ela, e ela a arrastou até o ápice de suas coxas.

— V-você poderia embainhar suas garras para mim? — ela perguntou, sua voz pequena e trêmula. Ele não sabia se era por sua excitação ou nervosismo com o que ela planejava fazer.

O pênis de Merikh engrossou momentaneamente, e uma gota de pré-sêmen brotou. Sua virilha inteira se apertou quando um

aperto mais profundo de desejo o lançou.

— Isso é o suficiente — ele falou com um tom de um rosnado aquecido.

O que ela fez foi mais do que suficiente para provar que o desejava. Ele não achava que sua sanidade poderia sobreviver vendo-a se masturbar com a mão e se esticar para pegar seu próprio pênis.

Embainhando as garras de sua mão direita, Merikh empurrou-a para frente e deslizou a ponta de seu dedo médio contra a protuberância inchada de seu clitóris. Inclinando-se para frente, ele passou o braço ao redor de seus cachos, movendo a mão para o outro lado, então pressionou as garras ainda estendidas de sua mão esquerda na parte inferior de sua mandíbula para que pudesse levantar sua cabeça.

— Você já fez o suficiente, — ele disse enquanto lambia de uma bochecha à outra com sua língua plana, pegando seus lábios macios e maleáveis com ela. — Eu assumo daqui.

Com o vestido enrugado ao redor de seu pulso, Raewyn soltou um suspiro quebrado enquanto acariciava seu clitóris. Ela resistiu em seu dedo, a fenda de sua boceta tão molhada, sua excitação tão forte, que encharcou a ponta.

Ela agarrou seu pulso enquanto ele gentilmente brincava com ela, suas coxas se contraindo e apertando em torno de sua mão. Apenas por sua reação, ele poderia dizer que ela estava doendo por um tempo. Então, ele enfiou a mão mais fundo e a espetou com o dedo para ajudar a aliviá-la.

Raewyn gemeu e tentou se apoiar nele para se manter em pé, mas ele não deixou enquanto continuava a lambar seus lábios,

'beijando' em troca de todos os que ela havia dado a ele antes.

Ela estava tão relaxada que estava solta o suficiente para ele ser capaz de espetá-la com um segundo dedo sem muita resistência, e ele ofegou contra ela por isso.

Ela é tão quente por dentro. Ele moveu seus dedos grossos para frente e para trás, sua boceta apertada e escorregadia, como se ela estivesse chupando-os. Seu núcleo foi rápido para tremer, e Merikh a arrastou para mais perto, sua língua se tornando mais incessante, mesmo quando ele a afundou em sua boca. *Ela é tão quente, molhada e apertada.*

Ela era como uma pequena e confortável poça de inferno; uma que ele estava prestes a estar dentro. Ele esperava que ela o escaldasse.

Suas respirações se aprofundaram com a ideia, engasgando em seus pulmões quando ele a forçou a pegar um terceiro dedo.

Seu gemido abalado formigou em seus ouvidos, e seu cheiro entupiu seu cérebro. Seu pelo e penas se levantaram quando um redemoinho de necessidade começou a se formar dentro de seu peito.

Ela tentou esfregar seu pênis para ele, mas cada toque era desleixado quando ele enfiou os dedos. Ela estava muito ocupada tremendo contra ele, muito ocupada voltando-se para ela mesma, balançando em seus pés para que ela pudesse resistir em seus dedos por mais. Ele os abriu, esticando-a ainda mais em preparação para tomar seu pênis, e ela puxou a cabeça para trás.

Ele não a deixou escapar, sua língua se contorcendo dentro de sua boca, roubando cada gota de saliva para saciar seu desejo de saborear sua doce boceta.

Seus gemidos ficaram mais agudos, e ela cravou as unhas na parte de trás de seu pulso. Ele nem se importou quando a outra mão dela tocou em seu pênis. Seus movimentos tornaram-se mais chocantes, seu núcleo tendo espasmos como loucos enquanto suas costas arqueavam.

— Você não se atreva, — ele rosnou, arrancando seus dedos e língua dela. Ela gritou com a perda, mas Merikh ignorou quando ele agarrou seu vestido e o deslizou sobre sua cabeça. — Da próxima vez que você vier, será em mim.

Ele disparou as mãos para baixo e agarrou a parte de trás das coxas dela, levantando-a até que as pernas dela estivessem espalhadas ao redor de seus quadris. Ela as envolveu em torno de sua bunda e, apesar de seu aviso, apertou seu clitóris contra o sulco sob seu pênis.

Merikh subiu na cama e se virou para poder se deitar. Ela se ajoelhou sobre ele, aninhou-se sobre seu eixo e mordiscou o lábio inferior enquanto se movia egoisticamente. Ele agarrou a bunda dela e a parou.

— Eu pensei que você estaria no topo — ela sussurrou enquanto se recostava.

O olhar de Merikh caiu em seu peito. Seus seios eram redondos e de aparência firme, com mamilos rígidos que eram tons mais escuros do que sua carne macia e rica. Ele queria mordiscá-los com suas presas.

— Só vou conseguir me conter por pouco tempo — ele murmurou, lambendo o focinho.

Se ela queria *tempo* para se ajustar sem ser violentamente atrapalhada, então ela precisava estar no topo. No momento em que

começasse a estocar, não pararia até que estivesse esgotado.

Suas unhas cravaram em seu abdômen enquanto ela tentava se mover para frente para que pudesse continuar moendo. Ele não deixou, e seus olhos se enrugaram em arcos agonizantes.

— Por favor, Merikh. Eu quero vir.

Foda-se, ela não estava facilitando para ele não explodir.

Quero que ela veja como está obscena agora. Com ela cravando as unhas para se sentar em seu pênis atualmente se projetando e resistindo contra seu estômago. Seus tentáculos estavam tentando circulá-la, arrastá-la para mais perto na esperança de que ela o afundasse em êxtase.

Ele queria que ela visse como ela parecia carente de seu monstruoso pau roxo - cada saliência, a cabeça grossa, o anel nodoso na parte inferior. Como seus lábios estavam entreabertos em respirações ofegantes, molhados e inchados por ele brincar com eles. Como sua expressão parecia atordoada quando ela se sentou em cima do corpo coberto de pelo de um Caminhante do Crepúsculo.

Ele queria que ela visse com o que ela o estava atormentando, como ela parecia bonita e pecaminosa.

— Nããão, pare, — ela choramingou, levando as duas mãos ao rosto para cobri-lo.

Ele não pretendia compartilhar sua visão com ela, mas estremeceu ao saber que ela podia ver a si mesma.

— Diga-me que você quer me foder, — ele silenciosamente exigiu, enquanto baixava as mãos dela.

Ele queria olhar para seu lindo rosto coberto de sardas, para ver seus olhos de estrela, seu nariz, seus lábios, a redondeza de suas bochechas e suavidade de sua mandíbula.

Ele queria ver todas as marcas geométricas que pareciam ter sido pintadas sobre seu corpo, principalmente concentradas em torno de suas mãos e antebraços, pés e panturrilhas, seu esterno e as laterais de seu pescoço.

Até a corrente de ouro em volta da cintura dela, fazendo cócegas logo acima do umbigo, chamou sua atenção.

— Eu quero que você diga essas palavras para mim.

Seus cachos balançaram ao redor de seu rosto quando ela balançou a cabeça.

— Diga-me que você quer me foder, Raewyn, — Merikh rosnou enquanto espalmava seu pau para empurrá-lo com mais firmeza contra ela. — Diga-me que você quer meu pau dentro de sua pequena boceta apertada, e eu vou te dar o que você quer.

O que *ele* queria desesperadamente mais do que qualquer coisa agora.

Desde que ele a soltou, ela deslizou para frente e moeu sutilmente. Houve algum pânico internalizado, suas orelhas lentamente recuando.

Com seus quadris, ela empurrou seu pênis para baixo para deitar contra seu estômago e brincou com ele. Indo mais alto, ela estava se esfregando contra os quatro cumes e a borda de sua cabeça, sua respiração tornou-se superficial. Fosse coragem ou diminuição de cuidado, ela gemeu e lambeu os lábios antes de falar.

— Eu quero f-foder você — ela pronunciou suavemente. Ela colocou as mãos em seu estômago musculoso e abaixou a cabeça para se concentrar - ou para se esconder de seu próprio rosto olhando para ela. — E-eu quero seu pau dentro da minha... boceta. Por favor, não aguento mais. Eu queria isso desde a floresta.

Mesmo que ela não tivesse dito exatamente o que ele queria, ele ainda soltou um grunhido satisfeito. Merikh agarrou sua cintura para firmá-la. Raewyn teve que arrastar os joelhos em cima de seus quadris e estômago grosso enquanto ele a levantava, mas ela foi rápida em direcionar seu eixo e aninhá-lo em sua entrada.

Ele grunhiu com o aperto que o cumprimentou.

No momento em que sentiu o beijo dela, ele a empurrou para baixo através da pressão. Ele tentou ser lento, tentou não machucá-la, mas não conseguiu impedir que suas garras se flexionassem.

Ele poderia caber, ele sabia que caberia, mas isso não tornava as coisas mais fáceis. Pelo menos sua excitação reunida e seu lubrificante pingando estavam ajudando. Suas costas se curvaram e um grito rasgou de sua garganta quando a cabeça estalou dentro.

Oh foda. Raewyn estremeceu, seu núcleo esmagadoramente confortável quando ela apertou. No entanto, ela empurrou os quadris para frente e para trás para ajudar a relaxar, para relaxar mesmo quando ele estalou o primeiro cume nela.

Eu preciso de mais, ele implorou mentalmente. *Eu preciso mais fundo.*

Ele precisava disso agora, para acalmá-lo antes que ele perdesse.

No momento em que a primeira saliência entrou, ela a esticou o suficiente para aguentar as outras que se seguiram, e ela rapidamente desceu até que ele afundou dentro dela.

Merikh nem percebeu que havia fechado a visão até forçar seus orbes a se abrirem novamente para olhar e ofegar onde eles se juntavam.

Merda. Estou dentro. Na verdade, estou dentro dela! Ela o levou a maior parte do caminho, pelo menos três quartos. O nó torcido estava do lado de fora, e seus lábios estavam descansando sobre ele.

Ela estava tentando subir e se afastar, então ele a segurou. — Fique.

— Você é muito grande — ela choramingou.

Tentando tranquilizá-la de que não era 'grande demais', desde que ela o havia levado, ele desejou não ter inchado quando disse: — Estou dentro de você.

Ela estremeceu, mas ele não podia conter o quão emocionado estava por estar enterrado nesta mulher de aparência impecável. Ele tinha um anjo ao redor de seu pênis, um que parecia mais etéreo do que ele jamais poderia ter sonhado.

Apesar de seu crescente desespero, Merikh não gostou que ela parecesse desconfortável sentada nele.

— Venha aqui. — Ele envolveu um braço ao redor de sua cintura fina e a arrastou para cima em seu pênis até que a borda inferior estivesse bem em sua entrada.

Ele esperava que a falta de pressão profunda ajudasse e curvou as costas dela para poder lambe um de seus mamilos rígidos. Ela pressionou as mãos contra os ombros dele para se manter ereta, o que deu a ele a liberdade de colocar a outra mão entre eles para que pudesse provocar seu clitóris com os dedos indicador e médio.

Merikh lutou contra cada desejo de estocar, de movê-la, para que ele pudesse relaxar sua boceta. Ela estava em seu pênis, e ele não iria deixá-la escapar disso, mas ele não iria machucá-la quando ele pudesse apenas ser um *pouco* mais paciente.

Se fosse, conseguiria o que queria. Quando ela estivesse pronta, ele poderia finalmente ceder.

Era por isso que ela estava em cima dele em primeiro lugar.

Além disso, ele gostava de sua língua fazendo padrões rodopiantes em torno de seu mamilo esquerdo antes de apenas chicoteá-lo sobre o direito. Ela parecia gostar, especialmente com ele provocando seu clitóris, e ela finalmente suavizou.

Foi uma sorte ela ser alta o suficiente para ele ser capaz de fazer isso - e isso dizia algo, vindo de um Caminhante do Crepúsculo de quase dois metros.

Quando ela começou a gemer e mexer a primeira parte dele dentro dela, Merikh se afastou. Então, só para poder observar sua reação, ele empurrou seus quadris para baixo para que ela o montasse completamente novamente.

Ambos estremeceram.

Ele a ergueu até a metade antes de empurrá-la para baixo e gemer, abrindo suas presas. Inchando apenas com aquele pequeno movimento, ele parou e a segurou.

— Mova-se comigo — ele exigiu.

Ela deslizou para frente até seu pênis, em seguida, acenou com os quadris para baixo. Ele não sabia quando tinha começado a cravar as garras em seu traseiro, mas agarrou seu rosto com força.

Um de seus joelhos escorregou dele, e ela teve que puxá-lo de volta para poder continuar se movendo. Ela deu pequenos gemidos, sua cabeça caindo para trás enquanto se apoiava em seu estômago.

Cada som dela era agudo, decadente e potente o suficiente para devorá-lo. Ela cheirava maravilhosamente agora que sua excitação

havia retornado com força, e quanto mais ele a respirava, mais bêbado ele ficava.

Ele não achava que já tinha experimentado algo tão profundamente prazeroso. Ela o abraçou até o âmago, tão quente que quase queimava, e sua maciez moldando fazia cócegas em cada saliência e veia grossa dele.

Não era o suficiente. Não para Merikh, que estava tentando ao máximo se impedir de estocar. Raewyn estava usando seu pênis agora, esfregando sua determinação, mas ele queria vê-la chegar ao orgasmo.

Ele queria desesperadamente mais fundo.

— Mais rápido. — Ele precisava mais rápido se ela não pudesse levá-lo mais fundo.

Ele *poderia* mudar seu corpo para montar cada centímetro dele, mas ele não queria fazer isso. Ela engoliu a maior parte dele; ele tomaria o que pudesse sem alterá-la permanentemente.

Raewyn tentou ser mais rápida. Sua perna escorregou novamente, então ela colocou a outra para baixo de modo que ela estava empurrando para os lados da cama com os dedos dos pés. Quando isso não funcionou, ela os colocou de volta debaixo de si em cima dele e tentou usar seus braços para ajudá-la. Ela suspirou e jogou as mãos para longe quando se esfaqueou com as penas dele, e ele a curou.

— Eu não posso, — ela gritou. — Você é muito grande.

Seu corpo era muito grande em comparação com o dela.

Ela pode ser alta, mas ele era duas, senão três vezes mais largo que ela. Seus quadris eram largos, então ela lutou para se mover enquanto montava nele corretamente. Seu estômago era redondo e,

embora fosse um bom lugar para ela descansar as mãos, tornava difícil apoiar os joelhos sobre ele.

Não ajudou que ela não pudesse sentar completamente em seu pênis, já que ela não tinha engolido tudo.

Merikh a ajudou, mas cada vez que suas mãos se moviam, seus quadris queriam ir com eles. Ele rangeu as presas, tentando manter-se quieto debaixo dela.

Porra, ela cheira tão bem. É tão bom. Parece tão bom. Um pequeno grunhido retumbou em seu peito. *Eu preciso de mais.*

Seus seios balançavam enquanto ela se movia, chamando sua atenção, antes de ser roubado quando ele olhou para baixo e a observou montando nele. A tonalidade roxa nas bordas de sua visão dançou e escureceu.

— Mais rápido, Raewyn, — ele exigiu, assim que ele empurrou para cima e sentiu uma batida profunda contra seu pênis.

Seus orbes brilharam vermelhos momentaneamente assim que ela soltou um gemido.

Ele fez isso de novo, e ela estremeceu quando sua boceta teve espasmos. Seu ângulo era diferente, acertando em algum lugar maravilhoso para ela. Então, seus movimentos se tornaram rasos, curtos e *impossivelmente* mais lentos. Ele estava apenas a meio caminho dentro dela quando ela acabou de esfregar a cabeça do pênis e as saliências sobre um ponto inchado.

A espinha de Raewyn arqueou quando ela jogou a cabeça para trás, e um doce e eufórico grito saiu de seus lábios molhados. Ela o apertou enquanto sua boceta apertava e estremezia, encharcando seu pênis com ela.

A maneira como ela parecia visivelmente trêmula... seu cheiro, seu grito, o aperto que ele sentia, enquanto ela estava presa, mal se movendo em seu pênis... a paciência de Merikh acabou.

Suas penas e pelos ficaram em pé, como um ataque de agressão passou por ele e agarrou sua virilha como um conjunto de garras maliciosas.

Ele disparou para frente para que pudesse envolver seus braços ao redor dela, uma mão apoiando seus ombros enquanto a outra permanecia em sua bunda. Merikh rosnou enquanto a prendia contra seu torso e enfiava seu pênis em seu orgasmo.

Seu grito foi interrompido, sem fôlego, enquanto Merikh disparava. Suas estocadas eram rápidas, duras e implacáveis, mas mesmo quando ela parou de apertá-lo e relaxou em seus braços, ele não parou.

Permanecendo dentro do céu dela, ele os rolou, empurrou-a de volta para a cama, agarrou suas coxas por baixo e as abriu enquanto empurrava descontroladamente.

Um gemido misturado com seu rosnado permanente.

Finalmente, ele estava ganhando velocidade. Finalmente, ele estava obtendo profundidade e golpes fortes. Finalmente, ele estava obedecendo à necessidade incômoda de seus quadris de bater na pequena elfa travessa que o estava deixando louco.

Eu vou fodê-la sem sentido. Vou transar com ela até que ela não consiga pensar em mais nada além do meu pau. Até que ela não possa fazer nada além de gritar e implorar para que eu pare. Até que a única coisa que ela consegue gritar é o meu nome.

Ele olhou para a fêmea, que tinha uma auréola angelical de cabelo branco ao redor da cabeça, e ainda assim sua boceta aberta

sendo atacada por um monstro dizia que ela era uma ninfa. Seu rosto parecia ingênuo, fofo e inocente, mas seus lábios estavam entreabertos e gemendo como uma cadela no cio ao redor de seu pênis roxo.

Ela estava perfeitamente desalinhada.

Uma contradição.

Escaldando-o tanto quanto ela o estava acalmando, sua salvação tanto quanto sua morte.

A imagem dela queimou profundamente em sua mente, levando-o a uma dor frenética e retorcida.

Seu pênis inchou dentro dela enquanto ele pulsava, vazando uma gota pesada de pré-sêmen. *Quero marcá-la com meu cheiro.*



Quando Merikh a penetrou, ele recuperou sua visão compartilhada. Raewyn estava grata por isso.

Ela não achava que seria capaz de se ver através dos olhos dele, não do jeito que ela estava sob ele.

Não com o jeito que ele levantou seu traseiro completamente da cama e abriu suas pernas para que ele pudesse empurrar livremente nela. A parte superior das costas e a cabeça eram as únicas coisas ainda deitadas, e ela podia sentir os seios balançando descontroladamente.

Ela sabia como era seu rosto naquele momento, febril de desejo, corado, coberto de suor, incapaz de ter um pensamento coerente

além de seu prazer, ao mesmo tempo espantado e estupefato com a rapidez com que ele estava indo e como era bom.

Suas sobrancelhas estavam franzidas em êxtase, seus lábios se separaram para gemer. Seus olhos estavam enrugados enquanto ela tentava sobreviver a esse ataque repentino.

Seus cachos estavam presos sob a cabeça e os ombros, mas ajudavam a facilitar seus rápidos deslizamentos para frente e para trás. Ele estava principalmente segurando-a no lugar, mas ela constantemente se recuperava. Ela estava nua, completamente exposta a ele.

Honestamente, ela temia que parecesse uma bagunça babando.

Raewyn se deleitava com isso. Ele não tinha parado de rosnar, e o próprio som dele a invadiu e fez cócegas nos lugares mais sensíveis de seu corpo. Sua boceta, seu clitóris, seus mamilos, suas orelhas.

Seu cheiro de canela e laranja a estava afogando, e ela avidamente o absorveu. Seu corpo era tão quente que a relaxou até o âmago por causa de suas batidas, por dentro.

Ela adorava a maneira como seus tentáculos constantemente queriam envolver seus quadris e sua cintura. Eles eram longos e pareciam um abraço, mesmo que ele estivesse tão longe.

Ele era tão grosso e longo que ela estava lotada. Não havia um lugar dentro que ele não estivesse tocando, não estivesse acariciando, e seu pobre ponto G estava sendo maravilhosamente aniquilado.

No entanto, seu lubrificante não a fazia se sentir como se estivesse sendo ridicularizada. Tudo estava escorregadio, e a única

coisa que eles tinham que lutar era o aperto dela contra o tamanho impossível dele.

Não demorou muito para que ela soubesse que ele estava prestes a fodê-la em outro orgasmo alucinante.

Ela não conseguia conter seus gritos quando eles se tornaram mais erráticos. Os dedos dos pés enrolados, os pés arqueados, e Raewyn procurou por algo para se segurar.

A dor atravessou suas mãos quando ela tentou agarrar a única parte dele que ela podia agarrar: seus antebraços.

Qualquer dor em suas palmas desapareceu em uma onda fria de magia vermelha que brilhou em sua visão.

Raewyn engasgou, seus olhos se arregalando de angústia quando ele arrancou seu eixo dela. Um soluço partiu dela com a perda. Ela não queria machucar as mãos! Ela não queria que ele parasse por causa disso.

Não havia chance para ela fazer uma reclamação, para ela implorar por ele.

Em segundos, ela foi virada de bruços, puxada para trás de modo que sua bunda estava no ar, e ela estava devorando seu pênis novamente. Ela empurrou para cima com os braços esticados e, com a parte de baixo de seus seios empinados empurrando de seus impulsos, ela virou a cabeça para o lado.

— Assim? — ela perguntou surpresa, enquanto cada respiração era desviada dela por um golpe violento.

O estilo cachorrinho não era a posição mais 'romântica', e ela não podia acreditar que alguém a tivesse colocado nela pela primeira vez.

O grito agudo e doloroso que veio dela em seguida foi de prazer completo e absoluto. Suas garras arranharam seu couro cabeludo enquanto ele enfiava os dedos em seus cachos encaracolados, agarrando-os e puxando sua cabeça para trás até que ela mal conseguia tocar a cama com as pontas dos dedos.

— Alguém não sabe como manter a porra das mãos para si mesma, — ele rosnou diretamente em seu ouvido.

Raewyn se apertou ao redor dele, a dor deliciosa e seu rosnado áspero transformando sua mente em uma corda desgastada. Ela enfiou a língua para frente, como se isso a ajudasse a respirar através de suas patéticas respirações.

Ele estava tão espetado e perigoso agora, e ela apostou que ele parecia uma criatura ameaçadora atrás dela, todo inchado e assustador.

Ela não estava com medo, não quando estava muito ocupada torcendo para seu próximo orgasmo. Ele estava sendo tão duro, indo tão forte e rápido. O líquido jorrou e o barulho entre eles se intensificou.

— Merikh, — ela gemeu, nunca tendo sido tomada com tanta força antes.

Raewyn não tinha muitas inibições, mas qualquer uma que ela tivesse já havia sido jogada pela janela. Entrada da caverna? Ela pensou que eles tinham sido jogados tão longe que nem mesmo o Veu poderia encontrá-los.

— Não pare. Por favor, não pare.

Lambendo sua orelha e causando arrepios em todo o seu corpo, ele murmurou com uma voz áspera e crua: — Você parece gostar do meu pau.

Gostar? Raewyn estava *adorando*.

Ela *sabia* que aquelas saliências pareceriam tão divinas dentro dela quanto a provocavam do lado de fora. Com ele recuando tanto, eles a estimularam o tempo todo, com ondas texturizadas contra seus lugares mais sensíveis. Eles esfregaram suas dores e a fizeram se contorcer embaixo dele.

A base de um tentáculo havia deslizado entre a bagunça encharcada de seus lábios, encharcada em ambos os fluidos, e roçou ao longo de seu clitóris.

Sua mente lutou para aceitar que ela estava tomando algo assim. Ele estava tão duro que seu corpo foi forçado a ceder, e ainda assim ele era tão macio por fora que não parecia que ela estava sendo agredida por uma pedra.

Ele era a textura perfeita, calor, umidade para transformar Raewyn em uma dor necessitada que só queria mais, mais, até que ela estava tão crua que não podia suportar.

A única coisa que faltava era que ela o queria mais profundamente. Ela queria sentir o quão completamente ele a estava tomando pela força com que seus quadris batiam contra suas coxas. Ela queria ser engolida por seus tentáculos e saber até onde eles podiam chegar.

Ela queria saber o que aquele anel beijando nos lábios ao redor de sua entrada faria, como seria, se também estivesse dentro dela.

Não houve alívio, nenhuma chance para ela se acalmar e pensar, apenas Merikh e seu desejo de aliviar qualquer frustração reprimida que estava dentro dele. Ele sempre foi tão dominador?

— Mais forte, — ela exigiu.

Ela não se importava se isso significasse que ele a dividiria em duas, se ele a quebraria. Raewyn precisava de mais.

Ele puxou o cabelo dela até que ela foi forçada a ficar de joelhos, e o grito lamentável que veio dela apenas revelou o quanto ela gostou disso. Ela sempre gostou de morder e arranhar, mas nunca teve alguém quase ameaçando arrancar seu cabelo para saber que ela *precisava* de algo assim.

Ele puxou até que a orelha dela estivesse ao lado de seu focinho ossudo, e ela podia sentir todo o seu corpo grosso contra suas costas e bunda balançando.

— Mais forte? — ele perguntou. Ela chupou o lábio inferior em sua boca e o mordeu, adivinhando sua demanda. Talvez ela não devesse cutucar o urso enquanto ele já estava batendo nela. — Assim?

Então ele deu a ela exatamente o que ela queria, e qualquer tensão que ainda restasse em seu corpo se desfez. Ela se entregou para ele segurar, apoiar, fazer o que ele queria enquanto ela apenas pegava. Se ele soltasse o cabelo dela, ela cairia de cara na cama.

Os sons que saíam eram gemidos incoerentes, suspiros e gritos, e ela não se importava em tentar distingui-los. Raewyn se foi, e ela estava absolutamente bem com isso.

Com grunhidos profundos e ferozes que combinavam cada vez que ele batia nela, Merikh moveu a mão livre de seu quadril. Então, ele segurou o lado de sua cabeça com os lábios descansando na palma da mão.

— Desde o primeiro momento em que vi seu lindo rosto, eu quis você, — ele murmurou, antes de suas garras cravarem em sua carne como se ele quisesse cortá-la. Então ele os puxou para baixo

em seu pescoço, seu peito, pegando um mamilo ao longo do caminho com uma picada aguda. Ele cavou-os na palha de pelo em seu monte púbico. — Eu não sabia que você tinha um buraco tão guloso. Caso contrário, posso ter tentado foder antes.

Seu gemido era assustador quando ela começou a gozar, seu corpo concordando com ele em espasmos apertados.

— É tão bom quando você faz isso, — ele disse, seus quadris se sacudindo e perdendo o ritmo quando ele engrossou dentro dela. — Sua boceta está tão molhada e faminta que fica tentando ordenhar meu pau. Devo dar o que ele quer?

Raewyn choramingou em resposta, e ela caiu contra a cama quando ele a soltou.

Tratando-a como se ela fosse uma boneca a ser jogada, Merikh a virou pela coxa. Ele pegou ambas as mãos dela em uma mão carnuda e as empurrou acima de sua cabeça para que ela não pudesse se machucar novamente. Então, seu corpo arqueou em uma profunda reverência quando ele também levantou seus quadris para encontrá-lo. Sua entrada foi tão suave agora desde que ela se adaptou a ele que ele entrou rapidamente.

Ela pressionou o pé contra o lado da coxa dele para evitar que a perna saltasse, sem fazer nada para lutar contra ele.

Seus quadris não eram tão rápidos, embora ainda deliberados e ásperos.

Apenas deu a ela liberdade para se concentrar em tudo dele.

Tudo nele era diferente. Suas mãos com garras e calos pareciam diferentes, prendendo ambos os pulsos dela. O pelo dele contra a parte interna da coxa dela estava errada quando ela deveria sentir a pele nua.

A língua dele era áspera, chata e longa enquanto percorria seu pescoço esporadicamente. Deixou deliciosos filetes de saliva em seu rastro e a fez estremecer quando a respiração dele rolou sobre eles.

Nada sobre isso era normal, nem no gosto, nem no cheiro, nem no som ou na sensação. Raewyn nunca esteve tão excitada por causa disso, nunca esteve tão preocupada com seu próximo orgasmo de gaguejar.

— Merikh, — ela sussurrou grosseiramente, sem saber o que ela estava tentando dizer.

Ela queria que ele continuasse. Ele ainda era tão bom dentro dela, mas seu último orgasmo a havia esgotado. Ela não gozou tanto antes, nunca alguém a torceu quase seca, e mudar de posição para que ela ficasse de costas fez com que seus olhos ficassem preguiçosos.

Ele entendeu, sua mão parou de segurar os pulsos dela. Em vez disso, ele mergulhou seus dedos nos dela e os segurou com ternura para prendê-la. O coração dela derreteu com o gesto, especialmente quando ele soltou um suspiro latido enquanto estremecia, e então apertou com mais força.

Raewyn soltava pequenos gemidos toda vez que seu pênis crescia antes de descer. Era como uma onda, uma onda que fazia seus dedos se curvarem.

Então, aconteceu uma última vez quando ele empurrou profundamente e ficou parado. Um grito agudo veio dela, assim que ele soltou uma expiração profunda. O calor líquido começou a se espalhar dentro dela, quente e pesado.

Eu posso senti-lo chegando. Ela adorou, abrindo as coxas em boas-vindas.

– *Foda-se, Raewyn,* – ele gemeu profundamente.

Suas estocadas suavizaram enquanto ele bombeava, seus quadris estremecendo violentamente. Ela estremeceu ao redor dele toda vez que o calor explodia direto contra seu colo do útero antes que ele recuasse. Ele estava se certificando de que gozaria fundo, mas também estava ajudando a empurrar sua semente para fora.

Merikh estremeceu sobre ela, suas mãos apertadas enquanto apertavam seus dedos e coxas. Ele parecia eufórico, e até mesmo sua respiração estava entrecortada e exultante.

Há muito disso.

Bem quando ela pensou que estava prestes a transbordar, ele puxou violentamente para trás para que pudesse soltar seus tentáculos agarrados.

Ela estremeceu, descobrindo que queimava sua pele, e então esqueceu instantaneamente quando um forte jorro de calor espirrou contra seu clitóris. Seu pênis seguiu, o sulco alinhando-se contra ela e enviando-a para uma confusão de espasmos quando outro respingo de líquido disparou sobre seu esterno.

Ele colocou ambas as mãos contra a cama e balançou, vindo sobre seu corpo enquanto movia seu pênis. Uma corda de semente riscou seu mamilo direito ao mesmo tempo em que vazou de sua boceta. Ela ergueu o peito, querendo sentir um pouco mais de ambos, enquanto mais jorrava sobre ela.

Com um último gemido profundo que a fez formigar, ele terminou. Suas coxas estavam descansando em cima dele enquanto ele ofegava para ela.

Ela não tinha energia para sorrir, mas todo o seu corpo cantava de satisfação. Seus olhos estavam sonolentos com isso.

— Eu não pude resistir a encher você, — ele disse com bufadas profundas. — Mas eu tenho desejado cobri-la com minha semente desde a noite na caverna.

Raewyn se mexeu quando as múltiplas e grossas poças de líquido quente rolaram pelas curvas de seu torso.

— Por que você não fez então?

Ela teria concordado cem por cento em estar coberta de coragem quente e espessa. Ela imaginou que haveria o dobro do que já cobria pesadamente seu torso se ele não tivesse gasto metade dentro de sua boceta. Ela mexeu quando vazou mais, fazendo cócegas ao sair.

Suas pálpebras piscaram de surpresa quando suas garras se moveram suavemente sobre seus braços até que ele segurou o lado de seu rosto. Seu polegar acariciou sua bochecha.

— Porque você acabou de ficar seca depois de congelar por causa da chuva. Eu não queria tornar as coisas mais difíceis para você.

Seu coração acelerou em resposta como se tivesse sido substituído por um eclipse de mariposas difusas. Ele tinha sido doce e atencioso com ela em um tempo que ela nem havia percebido. Isso só a fez se perguntar quantas vezes ela não notou algo trivial como isso.

Apesar de quão letárgica ela estava, Raewyn ergueu as mãos timidamente e pressionou as pontas dos dedos nas laterais de sua mandíbula. Ela o havia tocado antes, mas o desejo poderia deixar as pessoas mais confortáveis com alguma coisa.

Agora que ele estava esgotado, ela se perguntava se a desconfiança dele voltaria.

Ele não fugiu de seu toque, mas também não se inclinou para ele, como ela esperava. Ainda assim, ela segurou os lados de suas bochechas duras em suas palmas, o osso mais quente e de alguma forma se sentindo vivo.

— Bem? — ela riu, já que ele ainda estava pairando sobre ela.
— Você vai se deitar comigo ou vai apenas se ajoelhar aí e dormir?

Ela estava cansada, e imaginou que ele também, já que dormia mais do que ela. Muitas vezes ele se deitava no chão quando ela ia para a cama, e ela realmente queria ser abraçada por ele agora. Ela queria aproveitar seu calor, seu perfume e até mesmo seu pelo agora que estava completamente saciada.

Sua testa franziu quando ele tirou o crânio de suas mãos felizes.

— Eu não vou me deitar com você, — ele afirmou enquanto recuava para se sentar de cócoras.

— P-perdão? — Raewyn precisava limpar os ouvidos ou ela realmente o ouviu corretamente?

— Eu não vou me deitar com você, — ele repetiu.

Seus lábios se abriram e fecharam em descrença. Ele a rejeitou, como a rejeitou seriamente. Não era um 'não posso', era um 'não vou' — como se ele não quisesse.

Isso meio que doeu.

Ele tinha acabado de fazer sexo com ela — o mínimo que podia fazer era abraçá-la para que ela não se sentisse... usada. Claro, esse foi um pensamento estranho vindo de alguém que começou, mas não segurar seu parceiro sexual nem por um momento depois foi muito doloroso.

Ela nunca foi fã de homens que seriam íntimos e então, uma vez que eles gozavam, eles colocavam as calças, faziam continência e saíam enquanto ela ainda estava nua.

Ela virou a cabeça para o lado, mas depois deixou o assunto de lado. Ela imaginou que ele tinha um motivo, não que isso mudasse como ela se sentia; ela estava apenas escolhendo não ficar com raiva por causa disso.

Isso mudou como ela se sentia sobre estar saturada em sua liberação, no entanto. Antes tinha sido excitante, mas se ela ia se deitar sozinha, não queria ser coberta por isso.

Teria sido bom se ambos estivessem deitados em sua bagunça.

- Você poderia me trazer um pouco de água do lago, então?
- ela perguntou baixinho enquanto cobria o peito e o monte púbico.
- Eu gostaria de me lavar antes de dormir.

Seria muito mais rápido se ele fizesse isso, e Raewyn não tinha certeza se ela poderia andar agora. Pelo menos, não sem oscilações e dores.

— Você... quer lavar minha semente de você? — Ela não entendeu seu tom sombrio, mas surpreso.

— Bem, sim. — Ela tentou rir disso, já que era um pedido bastante normal. — Estou toda pegajosa e nojenta agora. Eu posso ajudá-lo a se lavar também, já que você está coberto com meu gozo também.

Ela ficaria envergonhada por saturar sua virilha, mas ela estava tão exultante com a união que não conseguia controlar a emoção.

Como sua cabeça estava virada para o lado, ela não sabia se via corretamente as faíscas azuis no canto de sua periferia. No entanto,

quando ela virou o rosto para frente, ela teve certeza de que viu vermelho, vermelho *escuro*.

Por que ele está com raiva?

— Não, — ele resmungou enquanto se arrastava para trás.

Com as sobrancelhas levantadas na testa, Raewyn se sentou.

— *Com licença?*

— Pegue sua maldita água do lago, — ele rosnou.

Então ele saiu furioso da caverna – seus passos pela primeira vez fazendo um baque profundo e forte.

Seu queixo caiu tão rapidamente que ameaçou se desequilibrar e cair.

Oh meus Deuses! Ele não me deixou aqui para lavar tudo isso sozinha! Se ele não ia fazer um pingo de cuidados posteriores, o mínimo que ele poderia ter feito era pegar água para que ela pudesse fazer isso sozinha.

Raewyn foi cobrir os olhos quando as lágrimas se formaram e instantaneamente espalhou sua semente no rosto. Ela removeu as mãos com um estremecimento, suas lágrimas desaparecendo quando ela voltou a si.

Achei que ele ficaria mais doce depois do sexo.

Em vez disso, ele foi tão rude e imprudente que ela se arrependeu de ter feito isso com ele.

CAPÍTULO 28

Com um bufo irritado, Raewyn se levantou. Ela encontrou sua bengala perto da entrada da caverna, pegou seus produtos de higiene e caminhou em direção ao lago.

A ideia de se molhar em água morna não era o que ela queria, até porque preferia ficar deitada, toda relaxada. Suas coxas *doíam* a cada passo, e cada uma latejava dentro de seu centro sensível. Ela estava ciente de que estava mancando em certos passos.

Isso deve exultá-la! Ela deveria estar sorrindo com a dor e, em vez disso, sua dor interna apenas fazia com que cada pontada a irritasse.

Não muito tempo depois de entrar na água, um rosnado suave se aproximando informou-a de sua aproximação.

— O que você quer? — ela silenciosamente soltou, esperando enervá-lo. Não era tão poderoso quanto ela gostaria que fosse, já que sua garganta estava rouca de tanto gritar antes.

Ela não se preocupou em cobrir o peito como estava tentada. Embora ela não quisesse mostrar seu corpo para alguém que não merecia vê-lo agora, ela apenas lavou o braço enquanto lhe dava as costas, fingindo que não se importava.

— Gostando do seu *banho*? — Ele teve a audácia de zombar das palavras dela.

— Muito, — ela respondeu com um ar despreocupado. — Tudo completamente limpo e não mais coberto por seu esperma.

Seu rosnado gaguejou por um momento antes de retornar.

— Estou indo embora.

Isso a fez parar.

— Perdão? — ela disse enquanto se virava ligeiramente. — Onde você está indo?

— Fique longe da barreira. — Seus sons começaram a desaparecer como se ele estivesse indo embora.

— Ei! — ela gritou, alcançando a borda. — Quando você vai voltar?

Ela não recebeu resposta e, mais uma vez, as lágrimas arderam em seus olhos.

Merikh nunca tinha simplesmente se levantado e saído assim, exceto quando ela o espionava. Normalmente, ele a informava por quanto tempo ela esperava que ele ficasse fora e para onde estava indo.

Por que ele está bravo comigo? ela pensou, olhando na direção em que seu corpo fazia uma sombra quando ele passou pela enfermaria. *Eu é que deveria estar brava.*

Agora, Raewyn não estava apenas realmente chateada - ela estava lívida!

Ele teve a audácia de arrancar os miolos dela e depois se transformar em um idiota em questão de minutos. E depois de deixá-la sozinha para se limpar, ela foi forçada a tomar esse banho no lago quando preferia estar dormindo. Ele era tão... um idiota! Ele estava sendo um idiota e devia saber disso - se não sabia, então era um idiota.

O que significava que ele estava fazendo isso de propósito.

Ele nunca tinha voltado esse tipo de hostilidade para ela antes. Puxa, ela sabia que ele provavelmente chutaria um cachorrinho se isso lhe conviesse, mas atualmente, ela se sentia como o cachorrinho.

Ele nunca a fez se sentir assim no passado.

Havia muito que ela poderia perdoar, mas este tratamento não era isso. Ela não recompensaria, mas também não aceitaria com um sorriso.

Então, sempre que ele decidisse voltar, ela esperava que ele não planejasse que ela fosse um raio de sol. Era hora dela mostrar a ele sua ira.

Com esse pensamento em mente, ela saiu do lago e foi para a cama depois de trocar os lençóis. Seu sono foi agitado, como ela esperava. Ela acordou com um humor pior do que quando se deitou, as pálpebras pesadas e doloridas.

Seu desejo de voltar para casa se fortaleceu em seu desejo de ficar longe dele o mais rápido possível, e Raewyn finalmente colocou sua mente na pedra de mana.

Foi fraco. Ela não sabia há quanto tempo ele estava usando a pedra para seu glamour, mas estava quase sem magia. Para começar, também era uma pedra de baixa qualidade.

Quem quer que tenha minerado obviamente não sabia disso. Eles também provavelmente não tinham muita experiência com esses tipos de pedras e como lê-las.

Levou a maior parte do dia apenas tentando desvendar o glamour. Apesar da falta de qualidade da pedra e do esgotamento mágico, quem quer que tenha criado o próprio glamour era muito poderoso, capaz de tecer um feitiço perfeito.

Weldir, ela zombou mentalmente.

Esse tipo de magia era quase divino em sua construção e, para uma elfa humilde como ela, levava horas apenas para aprender sua arte tecida. Então, ela teve que afrouxar os fios da maneira oposta a

que ele os enrolara. Se ela não o fizesse corretamente, a tensão poderia destruir a pedra.

Um pensamento triste passou por sua mente. *Eu não seria capaz de fazer isso tão bem se ainda tivesse minha visão.*

Ela podia ver a magia, podia ver os fios do selo do glamour, e a escuridão ao redor tornava fácil identificar cada fibra minúscula. Havia centenas deles.

Muitas pessoas que perderam a visão nem sempre a perderam completamente. Muitos viam bolhas ou viam borrões que não conseguiram distinguir nada. Ela se considerava um tanto cega no espectro, já que podia ver isso.

Isso aumentou suas habilidades mágicas e tornou mais difícil e mais fácil fazer seu trabalho.

Assim que ela terminou, Raewyn colocou a pedra no banco com um suspiro de alívio. O feitiço se foi, mas agora ela estava mentalmente, fisicamente, emocionalmente e magicamente exausta. Até seus olhos doíam de olhar para os fios cinzas brilhantes pelo que só poderia ter sido uma noite e um dia inteiros.

O que a cumprimentou foi o silêncio.

Ela meio que queria alguém para reclamar sobre o que ela tinha feito. Normalmente, ela teria saído correndo para irritar o Caminhante do Crepúsculo para que desse atenção a ela, mas ele não estava lá.

Ela apoiou o cotovelo no banco, colocou o queixo na palma da mão e dedilhou a pedra para que ela rolasse para frente e para trás.

Ele teria me ouvido, no entanto.

Ele a teria deixado divagar sem parar até que ela pensasse que suas orelhas poderiam ter sangrado. Ele teria pedido esclarecimentos

sobre coisas que não entendia, ou dado suas próprias opiniões curtas, mas geralmente apenas a deixava fazer e dizer o que quisesse.

Seus lábios formaram uma linha dura. *Ei não!* ela gritou consigo mesma. *Estou com raiva dele. Não vou sentar aqui e sentir falta dele porque estou entediada.*

Ela se afastou para finalmente preparar alguma comida: um ensopado de legumes com muitos temperos e ervas para torná-lo saboroso.

Foi quando ela se enrolou em sua cadeira muito grande e estava no meio da refeição que ela ouviu um movimento.

Ela sufocou a vontade de se levantar e cumprimentá-lo. Em vez disso, ela virou as costas para a entrada, apoiando-se contra o apoio de braço com os pés pressionados um no outro.

Algo bateu contra o chão do lado de fora, e ele deixou o que deixou cair para entrar em sua casa. O calor e o frescor de seu aroma de laranja e canela se espalharam pela caverna.

— Eu voltei, — ele disse, sua vibração surpreendentemente dando conforto a ela. Suas orelhas se contraíram.

Ela confiava nisso, mesmo que não quisesse.

— Tudo bem — ela respondeu antes de levantar o queixo. — Onde você foi?

— Caçando. — O tilintar de ferramentas, como metal e madeira, tilintou e retiniu enquanto ele vasculhava as prateleiras. — A elfa medrosa seria sábia em ficar longe de mim até que eu esfole meu cervo.

Raewyn se encolheu em si mesma. Ela não gostou que houvesse uma criatura morta do lado de fora, toda a ideia

abominável para ela. Ela também não gostou do tom profundo e descontente dele.

— Pensei que você não comesse, já que nada te sustenta. Qual era o sentido de caçar?

— As criaturas são usadas para mais do que apenas sua carne. Vou alimentá-lo com os Demônios vagabundos pela barreira e, depois que terminarem, vou me livrar deles.

Que derramamento de sangue e matança desnecessários. Não é à toa que ele se nomeou algo tão malévolo como *Merikh*.

Assim que ele estava saindo, ela disse: — Eu removi o glamour.

Seu tom era tão gelado que era letal quando ele afirmou: — Então é melhor você se certificar de que seu experimento funcione. Para o nosso bem.

Então ele se foi, deixando Raewyn se sentindo pior do que antes. Ele nem parecia se importar que ela não tivesse agido como sempre com ele.

Eu possivelmente fiz algo errado?

Ela pensou que ele tinha saído para tirar qualquer coisa que ele tivesse enfiado em sua própria bunda, mas parecia ainda estar firme no lugar, o que significava que ele não estava apenas com raiva por nada.

Era isso ou essa era a personalidade dele quando conseguiu o que queria. Agora que eles eram íntimos, ele não estava mais sendo gentil com ela porque finalmente molhou o pau? Poderia um Caminhante do Crepúsculo ser tão... bruto?

Acho que não fiz nada de errado.

De qualquer maneira, se era algo que ela tinha feito, ou era apenas ele, ambos a deixavam com a sensação de que alguém havia

feito um buraco em seu peito. Ela não achava que merecia esse tratamento de indiferença.



Não era sempre que alguém conseguia ferir Merikh. Ele sofreu muito em sua vida, desde o momento em que nasceu até a próxima respiração que estava prestes a tomar.

Ele sofreu várias mortes temporárias, esteve em situações em que precisou remover seus próprios membros, matou pessoas. Ele tinha a luz sobre o quanto o mundo o odiava, o que pensava dele e como sempre o trataria.

Ele há muito tempo construiu barreiras defletivas para isso e apenas aceitou o que quer que a vida jogasse para ele a seguir.

Então, para Raewyn feri-lo em uma única declaração significava que tinha sido um corte profundo. Não era algo para o qual ele havia se preparado, especialmente depois de experimentar algo que ele também não achava possível.

Tê-la seduzindo-o, para estar dentro dela, para que ela pedisse mais, então ele realmente não precisava se conter... Tinha sido como um sonho celestial. Mesmo quando ele foi duro e teve que curá-la várias vezes, Raewyn não pediu para ele parar, diminuir a velocidade, ser gentil. Ela o tomou com força total e depois gozou o tempo todo.

Quando ele estava ajoelhado sobre ela, seu peito estava tão cheio de euforia pela primeira vez em sua vida que ele não sabia o

que fazer com as emoções batendo dentro dele.

Então, em apenas uma declaração, ela o manchou.

Ele passou de um alto êxtase para um baixo esmagador de alma.

Com um grunhido pela pontada fria de dor que irradiava atrás de seu esterno, Merikh arrancou a última pele do cadáver de cervo à sua frente. Ele estava ajoelhado no chão, o nariz tapado por uma sacola cheia de alho, manjerição e limão que enfiou no buraco do nariz.

Ele se recostou e olhou para o que havia concluído.

Por que estou fazendo isso? ele pensou com sua visão mudando para azul.

Ele estava fazendo isso por ela, mas se perguntou se havia sentido nisso. Ele imaginou que era só porque gostava de se preparar para tudo e qualquer coisa. Mesmo que ela o tivesse ferido, uma pequena parte dele esperava que fosse algo que ele precisaria no futuro.

Com a interação anterior, ele duvidou.

Ela não queria falar com ele, e isso era culpa dele.

Ele sabia que estava sendo insensível com ela, até infantil, mas não sabia como lidar com o que estava sentindo. Ele estava bravo com ela, mas também reconhecia que não deveria estar, pois não era da sua conta.

Eu não sou nada para ela.

Fazia sentido, mas foi ela quem decidiu começar sua intimidade, apenas para frustrar qualquer esperança que ele pudesse ter de mais antes mesmo de começar a se formar.

Ele agarrou a perna do cervo e arrastou-a para fora de sua barreira para jogá-la nos Demônios, então recuou para a segurança para assistir os dois comê-la juntos. Eles eram bastante pequenos e estúpidos, mas ele preferia não tê-los correndo de volta para Jabez e esclarecendo ao meio-demônio que ele tinha uma elfa aqui.

Sua *irmã*, nada menos.

Assim que os Demônios terminaram, ele fez pouco trabalho para matá-los. Ele os jogou no rio para que pudessem ser lavados até os Demônios do pântano, que se banqueteariam com eles. Deixar para trás cadáveres só traria mais Demônios, que é o que ele estava tentando evitar.

Então ele se virou e pegou a pele do cervo. *Acho que seria útil ter isso, mesmo que eu não o utilize para ela.*

Merikh começou a vibrar em seu peito quando entrou em sua casa, encontrando Raewyn ainda descansando na cadeira.

Como tinha limpado as mãos de sangue, uma vez que acendeu a lareira e colocou a pele de certo em água fervente, tirou a horrível sacola de seu focinho. A única razão pela qual ele conseguiu uma lareira em primeiro lugar foi para que ele pudesse ferver o que quisesse. Quer se trate de ingredientes mágicos ou transformando pele em couro como ele estava fazendo atualmente, era uma ferramenta inestimável.

Como ele nunca havia feito couro antes, ele obteve o livro que detalhava como fazer em uma de suas prateleiras. Quando ele se virou, encontrou Raewyn no banco de pedra, brincando com o cristal de seu diadema.

Seu comportamento anterior não foi ajudado pelo fato de que ela finalmente havia tirado o único item com o qual ele se importava

mais do que com sua própria vida.

Mais uma vez, ele era uma criatura forçada nas sombras.

O silêncio entre eles era tão pesado que era quase esmagador. Ele estava tão acostumado com Raewyn sendo alegre e tagarela que a falta de ambos pesava sobre ele.

Ele queria consertá-lo, mas no momento em que pensou em transformar seus pensamentos em som, a dor fria atrás de seu esterno se intensificou.

Merikh colocou o livro no canto mais distante da mesa e procurou o que queria.

Assim que encontrou a página de instruções, leu que deveria adicionar sal à água e rapidamente o fez. Deve estar bem, já que não durou mais do que alguns minutos.

Ao longo dos muitos anos em que ele andou por este continente, ele obteve todos os tipos de livros. A maioria deles era sobre como criar coisas, mas ele também tinha um punhado de livros de feitiços feitos por humanos. A maioria desses feitiços eram inúteis, mas havia um punhado minúsculo que funcionava surpreendentemente - como seus amuletos de endro e sino.

Ele ensinou a Coruja Bruxa a fazer os feitiços de barreira, para que ela pudesse mostrar a Orpheus como fazê-los quando suas oferendas humanas continuavam morrendo nele. Merikh teve pena dele.

Pensando nisso, sua visão ficou azul. *Não acredito que ele conseguiu encontrar uma noiva.* A única razão pela qual isso o entristeceu foi porque ele duvidava que encontraria uma para si mesmo.

Na verdade, ele estava feliz por Orpheus, Faunus e aquele quase inteligente Mavka chamado Magnar. Três de seus irmãos encontraram noivas e Merikh estava apenas procurando uma maneira de fugir.

Curiosamente, ele não ficou surpreso com Faunus.

Merikh não gostava dele, simplesmente porque ele era tão otimista e alegre que o irritava completamente. Faunus sempre foi assim, curioso e esperançoso – o que era exatamente o oposto de Merikh. Sua personalidade era calorosa, então não era surpresa que ele tivesse conseguido encontrar alguma noiva perturbada para bajulá-lo.

Espero que ela o faça subir pela parede.

– Só estou avisando que vou trabalhar um pouco mais na pedra de mana agora que descansei um pouco.

Foi só quando Raewyn finalmente falou que ele percebeu que estava parado ali, observando a água ferver, perdido em seus próprios pensamentos. *O que eu estava planejando fazer? Porra, assistir isso ferver pelas próximas vinte e quatro horas?*

Muita coisa o estava incomodando, e ele estava se sentindo apático.

– Faça o que quiser – ele respondeu baixinho, querendo se afastar da panela, mas também não tendo ideia do que mais queria fazer.

– A pedra está quase esgotada. – Quando ele não disse nada, ela acrescentou: – Tenho que injetar minha própria magia nela.

Isso o fez erguer a cabeça. Ele virou o rosto ossudo para ela.

– Não seja tola de novo, – ele exigiu, certificando-se de que seu tom era severo o suficiente para mostrar que ele não estava

brincando.

Cuidar dela enquanto ela estava doente foi angustiante. Ele não gostava de se sentir impotente, e seus constantes tremores febris o preocupavam profundamente. Ele não queria que nenhum deles passasse por isso novamente.

Ela revirou os olhos de pupila estrelada.

— Eu não vou precisar. Da última vez, tive que alimentá-lo até que a magia tivesse tomado, mas como a pedra já tem sua própria fonte, vou apenas torná-la mais forte.

Agora que ele estava olhando para ela, sua visão ameaçou mudar para roxo. As memórias da outra noite, embora manchadas, agora estavam permanentemente gravadas em sua memória.

Seus gritos sensuais enquanto ela saltava, seu perfume perverso que o fazia se sentir embriagado, sua carne arrepiada que se espalhava por seus lados. A imagem de seu pênis bombeando dentro e fora de sua boceta estofada. Tudo isso instantaneamente fez seu eixo estremecer atrás de sua costura.

Sabendo que aquele doce rosto coberto de lindas sardas escondia o quão diabólica ela poderia realmente ser, sua atração por ela havia crescido dez vezes.

Quando ela separou os lábios carnudos e macios para dizer algo, lembrou-o de que havia provado sua boca, explorado-a, conhecido cada uma de suas papilas gustativas pessoalmente.

Desejo ferozmente arranhou seu intestino, enquanto também esvaziava sua cavidade torácica. Ele percebeu que não queria estar perto dela agora enquanto ele estava tendo essa reação.

Até mesmo o cabelo bonito e encaracolado dela o estava atraindo para agarrá-lo, para que pudesse se enredar como em uma

teia de aranha.

— Ei...

Antes que ela pudesse terminar de falar, ele se moveu para o outro lado do banco e caminhou em direção à entrada. Alguma emoção estranha obstruía sua garganta, como se estivesse sendo obstruído por dentro.

Era como se ele estivesse sendo enterrado vivo e respirando terra.

— Onde você está indo agora? Eu estava tentando falar com você.

— Fora. — Qualquer lugar que não fosse perto dela e de sua beleza, seu perfume de lírio venenoso, sua voz melódica. Apenas afastado.

— Merikh, pare, — ela gritou em um ataque de frustração.

Seus pés pararam, mas ele não se virou.

— Por que? O que você quer? — Seu tom foi curto e rápido, apenas para que ele pudesse acelerar isso e sair.

Se ela precisasse de sua ajuda com alguma coisa, ele não iria simplesmente deixá-la sozinha. Ele suportaria seus próprios pensamentos sombrios se isso significasse que ele poderia ajudá-la a alcançar seu objetivo coletivo.

— Não sei se te dei a impressão de que sou um capacho, mas lamento informar que você está errado, — ela disse secamente. — Eu não gosto do jeito que você está me tratando.

Ele virou a cabeça para o lado para olhar para ela e descobriu que ela cruzou os braços sobre o peito. Ela estava batendo um pé no chão, seus olhos se estreitaram em um brilho.

Ele não podia negar que a estava tratando grosseiramente.

— Anotado — afirmou ele, confirmando que a ouviu.

Isso só a azedou ainda mais, e sua expressão se aprofundou.

— Também não gosto que você esteja me evitando.

Ele também não podia negar isso. Ao contrário de sua postura habitual, ele não o faria.

O tom e a postura agressiva dela apenas fizeram com que ele se arrepiasse, e seu pelo e penas se eriçassem para espelhar isso. Ele renunciou às roupas nos últimos dias para evitar a probabilidade de simplesmente rasgá-las.

— Posso fazer o que quiser em minha casa — afirmou ele com sinceridade. — Se isso é ficar sozinho, então que seja.

Com isso, ele deu um passo à frente.

— Merikh! — Ela gritou, saltando para frente.

Ele só teve tempo de se virar e levantar o braço para impedi-la de agarrá-lo tolamente.

— Quantas vezes mais você deve se machucar antes de aprender a não me tocar? — ele rugiu.

As feições dela se encolheram de medo com o súbito volume dele. Ela recuou quando ele deu um passo à frente e suas costas bateram no banco.

— Quando você vai aprender que o lado de fora de mim é *perigoso*? Toda vez que você sangra, você está apenas cortejando sua própria morte.

Uma vez que seu choque inicial desapareceu, sua própria ira se recuperou.

Ela deu um passo à frente e acidentalmente bateu com o peito no dele. A postura dela o lembrava de um daqueles cachorrinhos

barulhentos que sempre latiam para ele nas cidades humanas, uma coisinha boba irritando um urso monstruoso.

— Seja qual for o seu problema, você precisa superar isso, — ela retrucou para ele. Ela podia ser bastante mal-humorada quando queria, e ele achava isso estranhamente fofo — especialmente com a maneira como suas orelhas se projetavam para trás em agressividade. — Eu não mereço ser tratada dessa maneira.

Demorou um pouco para que essas palavras fossem absorvidas, registradas. Suas mãos se abriam e fechavam em punhos, mas ele podia sentir sua raiva crescendo em sua nuca.

O estrondo que veio dele foi baixo, profundo e sinistro quando ele abaixou a cabeça para ficar mais nivelado com ela.

— Você não? — ele rosnou, suas garras cravando em suas palmas até que elas perfuraram a carne gorda, sangue espremendo pelas dobras. — Porque tenho outra opinião sobre o assunto.

— Com licença? — ela disse incrédula. — Não sou eu que estou sendo uma idiota! Eu pedi para você se deitar comigo e você agiu como um idiota!

— Não. — Ele levantou a mão e arriscou soltar um único dedo para bater em sua bochecha com uma garra de uma forma *muito* ameaçadora. Merikh geralmente matava e destruía o que o irritava ou machucava; a fêmea teve sorte, isso era *tudo* o que ele estava fazendo. — Eu neguei seu pedido, e então você se tornou rancorosa.

Suas sobrancelhas se contraíram.

— Não, eu não fiz.

— Eu disse que não vou me deitar com você e, aparentemente, isso foi o suficiente para você me rejeitar.

Essa rejeição doía desde então.

— Eu não tenho ideia do que você está falando. Você é o único que não poderia nem me dar um pinga de cuidado depois. Eu pedi algo tão simples quanto um abraço e você saiu furioso porque, aparentemente, isso era demais para você. — Então ela murmurou, — Mesmo que você já tenha feito isso na caverna. Significava apenas que você não queria.

Foi isso que ela pensou? Ele quase quis rir.

— E você estava a *milímetros* da morte — acrescentou Merikh sombriamente.

— O que você quer dizer?

— Se você tivesse se movido em uma certa direção, mesmo que ligeiramente naquela noite, você estaria morta. — Ele colocou as mãos no banco de pedra atrás dela, prendendo-a para que ela não pudesse fugir. — Tivemos uma sorte insana naquela noite. Se você tivesse se cortado nas minhas penas enquanto eu dormia, eu não estaria consciente o suficiente para cortar minha própria respiração para salvá-la. Meus reflexos são rápidos e você provavelmente nem teria acordado para perceber que estava prestes a ser comida.

Seus lábios se abriram e depois fecharam, suas sobrancelhas se contraindo como se seus pensamentos estivessem dispersos. Num momento, ela parecia zangada, no seguinte magoada, no seguinte confusa.

— Eu sou um Caminhante do Crepúsculo, Raewyn. É por isso que não pude me deitar com você - pensei que o perigo seria óbvio. Eu apenas pensei que você estava sendo imprudente como sempre, e queria protegê-la, mas então você se tornou rancorosa em relação a mim.

– *Oh* – ela deixou escapar, deixando claro que o motivo de sua negação nunca passou por sua cabeça.

Isso fez pouco para mudar o quanto ela o machucou.

Claro, ele queria abraçá-la depois! Ele queria isso mais do que qualquer outra coisa, e ele se odiava porque *literalmente* não podia. Ele queria arrancar dolorosamente suas penas de seu próprio corpo só para poder.

Seu egoísmo de apenas... segurar algo em seu abraço, para mantê-lo aquecido e seguro, não era suficiente para ele. Ele não queria machucá-la ou ser a causa de sua morte.

– E, já que sou tão *ofensivo* com você, – ele zombou, seus orbes mudando para azul antes de forçá-los a voltar ao vermelho de sempre. – Achei que seria melhor deixar você em paz, especialmente depois que você esfregou isso tão insensivelmente na minha cara com caveira.

Agora que ele esclareceu isso, talvez ela pudesse refletir sobre como suas palavras eram prejudiciais. Ele recuou.

– Espere, eu não entendo – disse ela, estendendo a mão. Então, percebendo o que estava fazendo, ela puxou a mão para trás e colocou as duas no peito. – Por que você acha que eu acho você ofensivo?

A cabeça de Merikh se contorceu ao se inclinar, percebendo a maneira mais submissa com que ela se apresentava. Toda a sua raiva se esvaiu dela e deixou sua suavidade habitual para trás. Havia também uma profunda confusão refletida em cada ruga da testa.

– Você realmente não sabe?

Ela balançou a cabeça com os olhos arregalados.

Ele virou a cabeça enquanto pensava, batendo uma garra na lateral do focinho.

Ela não estava tentando ser rancorosa?

O que ela disse o estava consumindo por dentro, mas se ela realmente não sabia... então ela realmente não merecia a raiva dele. Ainda era perturbador, e ele ainda ficaria de mau humor com isso, mas seu comportamento seria injustificado.

Ele espiou a expressão dela novamente, descobrindo que havia se aprofundado, e Merikh liberou a tensão que estava rolando dele.

— Sinto muito, então, — ele ofereceu, sentindo-se triste. A vergonha arrepiou sua espinha, e sua visão ficou rosa avermelhada.
— Farei melhor. — Ele havia aprendido algo e queria aceitar que isso era sua própria culpa. — Estarei lá fora. Se precisar de mim, me chame.

Já que ele se desculpou e consertaria seu comportamento, ele pensou que ela o deixaria em paz. Em vez disso, ela o perseguiu enquanto ele se movia em direção à entrada da caverna.

— Quantas vezes preciso dizer para você parar e esperar hoje?
— ela bufou. — Eu quero saber como eu te chatee.

Ele soltou um suspiro.

— Não se preocupe com isso. Se você não sabe, então não é algo com que você precise se preocupar.

— Pare de ser tão difícil e apenas me diga.

Ele fez uma pausa e então rapidamente se esquivou para o lado para que ela não batesse nos espinhos em suas costas. Ela se virou para ele com as mãos nos quadris. Ela era uma elfa mal-humorada quando queria ser.

— Eu posso ver que este é um problema que tem a ver comigo, e como uma elfa, você não tem o mesmo desejo. Mesmo uma humana não entenderia.

Ele se sentiu um covarde, já que a única razão pela qual ele não queria explicar a ela era porque estava envergonhado.

Ela bateu o pé no chão novamente.

— Não me faça seguir você por toda essa área. Não me teste, Merikh. Vou até segui-lo até o Véu, se for preciso.

Por que ele tinha uma sensação estranha de que ela não iria deixá-lo ir? Ele resmungou para si mesmo enquanto esfregava o esterno, tentando remover a dor fria por trás dele.

— Caminhantes do Crepúsculo são instintivamente territoriais, — ele admitiu calmamente. — Somos possessivos de tudo: nossos territórios, nossas casas, nossas coisas. — Ela franziu os lábios e balançou a cabeça para mostrar que não entendia. — Eu marquei você.

Seus olhos se iluminaram de uma forma estranha, e ela ergueu os braços para esfregar cada um deles. Ela até esfregou o pescoço. Era como se ela estivesse procurando por algo.

— Você fez?

— Você imediatamente desejou removê-lo, afirmando que era grosseiro e ofensivo.

Ela fez uma pausa, seus olhos estrelados movendo-se de um lado para o outro em pensamento. Isso foi registrado por ela, e suas orelhas lentamente recuaram enquanto suas feições caíam.

— Você rejeitou meu cheiro sexual. É algo que os Caminhantes do Crepúsculo anseiam internamente fazer para deter os outros. É a nossa maneira de fazer valer a nossa reivindicação.

Ele descobriu isso sobre si mesmo no passado e teve essa sensação de conclusão ao fazê-lo - uma que tocou seus sentidos. Os demônios tinham uma inclinação semelhante, o que o tornava ainda mais feroz para fazê-lo.

Afirmava o *meu*, sem ter que oficializá-lo.

— Por exemplo, se os gêmeos tivessem voltado aqui, eles não teriam tentado puxá-la para dentro do Véu como da última vez.

Por muitas razões, ele não gostou que eles tivessem tentado roubar Raewyn dele. Ele estava colocando toda a sua fé nela, mas também apenas... não queria que eles a tivessem. Ele não queria que nenhum de sua espécie a possuísse se ele não pudesse.

— Merikh, — ela sussurrou, dando um passo à frente.

— É também a nossa forma de mostrar que a pessoa está sob nossa proteção. Que são *nossos*, pelo menos no corpo. Você também pediu que eu removesse o seu, o que significa que você não queria ter seu próprio cheiro em mim.

Ele lavou porque ela obviamente queria que ele o fizesse, e ele também queria que desaparecesse depois de sua rejeição. Isso havia mostrado uma linha clara entre eles. Que, apesar do desejo, não havia mais nada entre eles, e nunca haveria.

Tinha sido o mesmo entre ele e sua companheira Demônio, mas por alguma razão, isso doía.

Ele sabia desde o início que sua companheira só o procurava por curiosidade e gostava de sua cabeça de caveira - já que ela gostava de colecioná-las. Ele, por outro lado, não se importava com ela e estava apenas curioso sobre o desejo. Ele também gostava da companhia dela, mesmo que eles não tivessem falado muito.

Muitas vezes isso o fazia rir, pensando na rapidez com que os dois poderiam ter se voltado um para o outro, mas nenhum dos dois havia tentado.

Com Raewyn, ela iniciou cada vez que eles se tocaram e nunca colocou um limite. Isso permitiu que ele tivesse pensamentos e sentimentos tolamente estranhos.

Ele não os teria novamente.

— Eu sinto muito. — Ela balançou a cabeça, sua expressão suplicante. — Eu não sabia. Eu não queria fazer você se sentir assim.

— Posso ver que não passa de um mal-entendido — disse ele calmamente, recuando. — Nós somos diferentes.

Ele deveria ter percebido antes que era um choque de duas criaturas diferentes. Ela era uma Elfa; por que ela entenderia algo sobre Mavka e seus comportamentos?

Merikh se orgulhava de ser mais esperto do que o resto de sua espécie, mas sem dúvida tinha sido um idiota nos últimos dias. Ele tinha sido duro com uma mulher que não merecia, tudo porque ele estava se sentindo vulnerável e sensível.

— Eu originalmente esperava fazer isso de novo com você, — ela murmurou, virando a cabeça para baixo para se esconder atrás de seu cabelo.

Sua visão se transformou em azul, sem saber como ele se sentia sobre isso agora. Ele não podia mais negar o quanto a queria, mas as consequências foram confusas entre eles. Qual era o sentido se tudo terminasse dolorosamente a cada vez?

Nenhum de seus outros momentos íntimos terminara bem, e ele estava ficando cada vez mais consciente de que era o culpado por isso. Ele era o problema. Ele sempre foi o problema. Ele destruiu

tudo e qualquer coisa que tentasse se aproximar dele, de uma forma ou de outra.

— Se você ainda planeja trabalhar na pedra de mana, faça-o com sabedoria — disse ele enquanto virava a cabeça, desejando escapar da conversa. — Não durmo há alguns dias. Estarei do lado de fora, perto da entrada, caso precise de mim.

Ele voltou para fora de sua casa, mudando para sua forma monstruosa ao longo do caminho para que pudesse ficar confortável. Ela deve ter percebido que ele não queria mais falar sobre o assunto, porque ela o seguiu sem dizer uma palavra. Ela encontrou a parede, deu um tapinha na entrada e abriu a boca...

Mas ela fechou novamente e lentamente recuou para dentro.

CAPÍTULO 29

Distraída, Raewyn pegou um cacho e passou-o para frente e para trás sobre os lábios para fazer cócegas neles. Fazia uma hora, talvez duas, desde que ela falou com Merikh, e ela estava pensando muito nisso desde então.

Ela não podia acreditar que todo o problema deles tinha sido um maldito mal-entendido – de ambos os lados. Isso a incomodava muito porque ela geralmente era perspicaz, captando falhas de comunicação e eliminando-as. As pessoas que brigavam por elas tendiam a fazer seus olhos revirarem, e ela se deu uma por ser tão inconsciente.

Mas ela aprendeu muito com isso.

Lição número um: se um Caminhante do Crepúsculo quisesse cobri-la com seu gozo pegajoso, ela precisava se ajustar rapidamente à ideia se quisesse mantê-lo contente.

Lição número dois: se Merikh estava sendo extraordinariamente insensível com ela, provavelmente havia uma razão, e ela precisava descobrir antes de deixar sua própria raiva tirar o melhor dela.

Lição número três: Suas penas eram um grande problema para ele. Ele não gostava de ser tocado por causa delas.

Lição número quatro: *Merikh se odeia*, ela pensou tristemente.

Ela não achava que ele era inseguro, mas sim, ele tinha centenas de anos de auto-aversão. Raewyn tinha pensado nisso durante semanas, mas o que ela aprendera escutando, e o fato de que ele queria que ela o seduzisse, mais essa luta terrível... Ela não podia mais negar.

Era difícil não sentir simpatia, embora ela nunca dissesse ou mostrasse isso a ele. Ela *não* queria descobrir como ele reagiria.

Ainda assim, era triste. Por dentro e por fora, ele não gostava de quem ele era.

Ela meio que gostou que ele fosse um pouco mau para o mundo, contanto que ele não jogasse isso contra ela. Era como ter um grande guarda-costas, e ela gostou da ideia de ser protegida. Ela queria se sentir segura, não importa onde ela fosse.

Claro, ela gostaria que ele visse o mundo de forma mais positiva, mas isso era só porque ela queria que ele fosse feliz. Quanto mais ele mostrava de si mesmo, seus sentimentos profundos, sua mágoa e passado, mais ela torcia por ele.

Quando ela descobriu o que ele era, ela pensou que ele era mau e merecia que o mundo fosse cruel com ele.

Agora, ela entendia que ele só tinha sido mau porque o mundo o havia feito assim. Inerentemente, ele era muito doce quando alguém não o tratava como se o próprio chão em que ele pisasse ficasse contaminado.

Então, como ela poderia mostrar a ele que não achava que ele era mau?

Eu poderia torná-lo meu assistente? Ela se perguntou como Cykran se sentiria sobre isso.

Cykran era seu amigo antes de ser seu empregado, mas ela o escolheu por causa disso. Ela o conhecia antes mesmo de perder a visão. Ele assumiu o papel assim que ela pediu; não houve mendicância da parte dela.

Então, novamente, nunca me senti atraída por Cykran.

Merikh, por outro lado... Ela não podia negar a maneira como seu corpo reagia a ele, como gostava de seu calor, como seus pulmões avidamente absorviam seu cheiro, como suas orelhas formigavam sempre que ele falava.

Não posso trabalhar com alguém com quem quero brincar.

Ela nunca faria nenhum trabalho.

Ela parou de fazer cócegas nos lábios com o cabelo para avaliar o fato de que não estava fazendo nada, já que estava parada ali, sem fazer nada. No entanto, ela continuou fazendo isso quando decidiu que seus pensamentos atuais eram mais importantes.

Engraçado, considerando que ela queria desesperadamente ir para casa.

Acho que não vou conseguir seduzi-lo novamente. Ela também não queria.

Não era porque ela não o desejava. Desde que eles esclareceram seus problemas, ela mais uma vez não queria nada mais do que agarrar aquele Caminhante do Crepúsculo pelos chifres e moer nele na esperança de ser presenteada com mais orgasmos alucinantes.

O pau dele era dez em dez, um beijo de chef, na opinião dela. Atingiu todos os pontos bons ao mesmo tempo. Até atingiu pontos sensíveis que ela não sabia que existiam. Seu ponto G era como o santo graal que a maioria dos homens não conseguia encontrar, mas sentar em seu pênis fazia parecer que todo o corpo dela era uma zona erógena.

Ela também achou seus tentáculos *fofos*. Eles eram como quatro membros aconchegados que queriam apertá-la com carinho. Como eram tão compridos, eles a seguravam bem e com força, e suas

pontinhas até balançavam para frente e para trás, como se quisessem acariciá-la.

Por todos os meios, Raewyn não se entregava a muita torção. Ela não experimentou ser amarrada ou negação do orgasmo, e ela não queria ser submetida a dor severa, mas ela gostava de coçar, morder, e agora aparentemente... puxar o cabelo? Talvez até um pouco de surra, se viesse dele?

Ela ainda queria que ele descobrisse por que ela achava que ser espancada era tão engraçado.

Agora ela entendia por que ele a fizera ficar por cima. Uma vez que ele assumiu, ela não pensou que nada o teria parado.

Merikh foi áspero, mas não foi doloroso entre suas pernas. Ele obviamente estava se segurando o suficiente para dar a si mesmo qualquer velocidade e profundidade que ele precisava, mas ela sabia, com o quão forte ele era, ele não tinha usado toda a sua força.

Mais importante, ele obviamente se importava com o prazer dela.

Raewyn abafou um gemido e se colocou entre as pernas através de seu vestido longo. Ela estava se excitando com seus pensamentos.

O que há de errado comigo? ela choramingou enquanto colocava o rosto contra o banco de pedra. *Normalmente não sou assim.*

As pessoas começariam a pensar que ela era uma perversa se continuasse assim. Por pessoas, ela quis dizer ele.

Segurando-se na beirada do banco, ela se agachou para se esconder. Ela estava tendo uma crise interna. Alguém precisava vir e salvá-la de si mesma.

Houve um problema, no entanto. Raewyn não queria mais persegui-lo; ela queria ser a perseguida. Ela queria que ele viesse até

ela.

Ela queria que ele parasse de ser um covarde.

Ela deixou seus sentimentos óbvios. O que mais ela poderia fazer além disso? Ela havia superado a constante hesitação da parte dele.

Uma ideia passou pela cabeça dela.

Se os cheiros são uma coisa tão importante para ele... e se eu o deixar louco com os meus? Na floresta, ele disse que gostou do meu cheiro. Isso funcionaria? Ela não era contra jogar sujo, contanto que ele finalmente viesse para ela.

Inferno, ela provavelmente já estava produzindo um leve perfume de excitação. E se ela o alimentasse?

Por enquanto, ela começou a ver esta caverna como sua casa; por que ela não deveria tratá-la como dela? Era privada, além dele. Ninguém mais iria ouvi-la ou vê-la.

Raewyn mordeu o lábio, humor enrugando seus olhos. *Se ele não vai cuidar de mim, eu vou cuidar de mim.* Foi uma vitória, pelo menos para ela.

As risadas que ecoavam dentro de sua caverna eram loucas e desequilibradas, mas ela não podia ajudá-las.

Ela teve sorte porque injetar sua magia na pedra exigiria muito pouca concentração - porque ela estava prestes a se *distrair*.



Merikh estendeu a mão por cima do ombro e arranhou suas costas, quebrando um punhado de penas no processo. Seu tremor começou leve, então o atingiu do crânio aos pés.

Não posso entrar em minha própria casa.

Raewyn assumiu o controle tão totalmente que mal conseguia ficar dentro dela.

Começou sutil. A princípio, apenas a pequena elfa cheirava como o pedaço mais saboroso conhecido por Merikh, algo que não despertava fome em seu estômago, mas em sua virilha e em sua garganta que ficava seca mesmo quando ele estava salivando.

Tinha sido fácil ignorar então. Apenas leve o suficiente para dizer a ele que ela estava animada, uma sugestão suave, mas não exigente.

No entanto, com o passar dos dois dias, cresceu e cresceu, até que toda a sua caverna *exalasse* o cheiro delicioso dela. Entrar em sua própria casa era como atravessar uma parede, e aquela secura na garganta se transformava em um doce estrangulamento.

Estava implorando a ele, tentando conduzi-lo a ela como um colar e uma corrente. Como um animal no calor, Merikh ofegava instantaneamente com suas presas separadas e sua língua caindo para frente.

Era constante, como se ela estivesse *sempre* excitada, mas ele não achava que seria o suficiente para fazer isso. Deveria ser localizado apenas para ela, não para toda a sua caverna.

Desde que ela tomava banho no lago todos os dias, ele tentou entrar enquanto ela estava preocupada para que ela não pudesse atormentá-lo. O cheiro persistente de sua excitação o atingiu como uma pedra; ele pensou que seus pulmões iam ceder.

Nem mesmo o cheiro de sálvia induzido por magia o diluía.

Ele pegou a pele de cervo que queria e fugiu o mais rápido que pôde.

Evitar entrar tinha sido impossível. Raewyn pedia ajuda para fazer até as tarefas mais simples, como ajudá-la a cozinhar ou ajudá-la a encontrar algo. Ela até pediu que ele levasse as tulipas para fora quando ele a viu pegar o vaso com facilidade.

Merikh dormia do lado de fora. Ele passava o tempo fora.

Ele estava ao ar livre. Isso não deveria mais incomodá-lo, mas estava. Agarrou-se ao seu pelo, ao interior do buraco do nariz, como se fosse um parasita que o tivesse agarrado.

Sua visão alternava regularmente entre o tom vermelho normal e o roxo profundo.

Piorava sempre que ela o procurava para falar com ele, mas ela se comportava como se não tivesse ideia de que o estava produzindo. Ela não tentou tocá-lo, não fez nada, mas estava apenas falando normalmente.

Ela era uma mulher que ria e falava sobre alguma bobagem élfica estranha enquanto seus mamilos estavam tão tensos que ele podia vê-los através de suas roupas. Seus lábios estavam sempre úmidos e suas pupilas estouradas.

Ele disse a si mesmo que colocaria distância entre eles e, em vez disso, ficaria sentado ali, babando. Ele ficaria tão extasiado com ela enquanto ela falava que ficaria imóvel como pedra, esperando que ela pudesse alcançá-lo.

Ela não.

Ela me atormenta. Não é justo.

Mesmo agora, ela estava fazendo isso.

Ela estava tomando seu banho diário, mas em vez de nadar com água até a cintura, ela estava sentada na beira do lago. Exibindo seu corpo, como se ele pudesse não estar por perto e não fosse capaz de observá-la, ela descansou nos braços esticados e virou o rosto para o calor do sol.

Ela estava nua, com as costas arqueadas, empurrando o peito para cima de modo que seus seios quase apontassem para o céu enquanto as pontas de seu cabelo molhado roçavam a grama atrás dela. Com a luz banhando-a, ela parecia mais adorável do que nunca.

Era difícil desviar o olhar. Ele pensou que poderia ter se contentado em contemplar a cena até que o tempo acabasse e ele murchasse em pó. Ele nem precisou se envolver para ficar encantado com ela, sentindo prazer em apenas poder olhar.

Ele não queria olhar fixamente e, a princípio, tentou não fazê-lo, mas quanto mais o cheiro dela obstruía seu cérebro, menos controle ele tinha sobre si mesmo.

Enquanto ela estava lá, ele tentou continuar sua tarefa, para puxar sua visão para ela. Então ela fez apenas o menor movimento e chamou toda a sua atenção.

Merikh gritou quando espetou o polegar com uma agulha de costura tão profundamente que pensou ter arranhado o osso. Ele acidentalmente jogou fora a bola de barbante conectada a ela. Como estava encostado em uma das árvores ao lado do lago, ele a observou rolar.

O fato de ter acontecido foi tão estúpido da parte dele, provando o quão terrível era sua sorte, que ele apenas olhou para o local que caiu na água.

Merda. Ele ainda tinha o lado da agulha, mas não adiantava correr atrás de uma bola molhada que provavelmente estava se desfazendo. Isso danificaria o couro que ele finalmente terminou de curar depois de dias.

Ele dividiu a pele, secou-a, esfregou-a com óleos e até a estendeu para esticar. Molhar quando ainda não estava pronto seria tolice. Ele iria arruiná-la.

Ele agarrou a corda para cortá-la e colocou o crânio nas mãos com um suspiro. *Eu tinha acabado de começar a costurar isso.*

Foi uma peça de teste. Ele a cortou em um tamanho específico, mas se preocupou por tê-la deixado pequena demais. Ele também não sabia se seria grossa o suficiente, mesmo que tivesse feito duas camadas.

Talvez eu possa prender a respiração enquanto entro desta vez? Seria melhor fazê-lo enquanto ela tomava banho. Ela não encontraria um motivo para mantê-lo lá até que ele fosse forçado a sugar oxigênio.

Seus orbes ficaram brancos quando ele abaixou as mãos e descobriu que onde ela estava sentada estava vazio. Ele soltou um gemido angustiado, percebendo que ela havia entrado.

Eu deveria ter pegado minha bolsa de ervas enquanto tive a chance. Ele poderia tê-la bloqueado se a enfiasse no buraco do nariz.

Em vez disso, todo o sangue de seu corpo foi drenado de seu cérebro direto para seu pau. Ele tinha acabado de pegar os cintos e os instrumentos de costura de que precisava e saiu correndo com o rabo tão retorcido que pensou que fosse quebrar.

Eu poderia entrar silenciosamente. Se ele não produzisse sua vibração, ela não o notaria ali.

Um fio de vergonha desceu por sua nuca. Ele não queria fazer isso; parecia errado enganá-la e esgueirar-se por ela.

A comida flutuava no ar, e a elfa começou a preparar seu almoço. Viu? Ela era mais do que capaz de fazer isso sozinha. Ele não sabia por que ela regularmente lhe pedia ajuda.

Olhando para o couro entre suas pernas abertas, Merikh finalmente rosnou para si mesmo. Ele estava agindo de forma bastante patética e estava ficando irritado consigo mesmo.

O que era uma mulher contra um Caminhante do Crepúsculo? Ele lutou batalhas mais duras do que esta; na verdade, ele geralmente se deleitava com a luta. Então, por que ele estava tão... fraco?

Com sua determinação renovada, ele se levantou para obter novos instrumentos de costura.

O cheiro dela era tão forte que o alcançou antes mesmo que ele chegasse à entrada de sua caverna. Ele cortou a respiração, esperando manter a sanidade pelo maior tempo possível.

Assim que ele iniciou sua vibração e estava prestes a entrar, os pés de Merikh pararam por conta própria ao vê-lo. Todo o som dele se dissipou.

O banco de pedra estava bem na frente dele, a luz do sol entrando, e Raewyn estava entre ele e a lareira.

Inclinando todo o tronco sobre o banco, o braço sob o rosto para que ela pudesse morder o antebraço para esconder a maioria dos ruídos, a outra mão estava sob a saia. Mesmo com as camadas de material escondendo-o, ele podia ver que seus dedos estavam bombeando dentro e fora de sua boceta. Suas pernas tremiam, seu torso esguio arfava.

Seus orbes brilharam para roxo, assim como seu pênis já endurecido estourou de sua costura tão rápido que nem mesmo seus tentáculos estavam preparados. A cabeça sensível foi instantaneamente raspada por dentro de sua calça, e sua respiração saiu dele.

Congelado, incapaz de fazer qualquer coisa além de ofegar e assistir, ele soube o momento em que ela gozou.

Suas pálpebras piscaram descontroladamente, seu gemido fungando era distinto e seus joelhos viraram para dentro.

Não é de admirar que sua caverna tenha se transformado em uma fossa de seu cheiro. Ela estava se masturbando dentro dela! Ela estava deixando pequenas gotas de líquido para trás - como ela fez agora, enquanto algumas pingavam no chão entre seus pés e escureciam a pedra com sua umidade.

Ele olhou avidamente aquelas gotas enquanto lambia seu focinho. Seu pelo e penas se ergueram, uma chama profunda de luxúria iluminando sob seu pelo. Se isso continuasse, ele com certeza entraria em chamas, ou pelo menos começaria a soltar vapor de sua boca.

Dane-se isso, ele pensou com um grunhido, avançando.

CAPÍTULO 30

Raewyn soltou os dentes do braço com um gemido enquanto retirava os dedos de seu núcleo. Ela demorou a se levantar, tendo que bater com a palma da mão na beirada do banco para firmar as pernas bambas.

Isso é melhor. Ela deu um gemido de contentamento.

Agora que ela tinha saído, ela poderia voltar a cozinhar.

Ou então ela pensou.

Em seu estado de satisfação, demorou mais do que deveria para ouvir Merikh chegando. Seu rosnado foi profundo, atrevido e tão enervantemente quieto que a atingiu direto em seu clitóris ainda latejante.

Ela foi pega em flagrante, ou melhor... com as mãos *molhadas*.

Um 'oops' teria sido pronunciado se não fosse o ponto principal. Sério, ela deveria ter sido descoberta antes, considerando que tinha feito isso várias vezes nos últimos dois dias.

Ela nem mesmo mostrou um pinga de decoro fingindo ser tímida, não quando suas coxas ainda estavam trêmulas e seus mamilos duros. Não houve luta quando ele a virou, levantou sua bunda para o banco e empurrou sua saia para cima.

— Eu não aguento mais, — ele gemeu com uma voz agonizante, seus movimentos dissonantes, fortes, apressados. Não havia paciência quando ele empurrou suas coxas, colocando-as debaixo delas para expor sua boceta para si mesmo. — Você venceu, Raewyn.

Ela apenas ofegou, esperando que ele afundasse seu pênis dentro dela com um sorriso torto de triunfo. *Eu sabia que funcionaria* —

Raewyn guinchou um 'eek' enquanto seus dedos do pé se curvavam e seus joelhos disparavam.

Isso não é um pau!

Empurrando o que estava entre suas coxas, ela tocou o osso, então arqueou quando agarrou seus chifres. Merikh espalhou suas presas ao redor dela e afundou sua língua dentro.

Era maciA e tão profundA que ela jurou que tinha dobrado.

Ajustando-se à súbita intrusão, sua coluna relaxou. Então suas sobrancelhas se juntaram quando ela virou sua expressão para ele.

Ele não estava se movendo.

Na verdade, ele não estava se movendo. Ele nem parecia estar *respirando*.

A única coisa acontecendo era que ela podia ver faíscas roxas piscando constantemente em sua visão, como se ele continuasse fechando e abrindo sua visão. Ele estava tendo um colapso mental?

— M-Merikh? — ela sussurrou, perguntando-se por que ele havia se transformado em pedra.

— *Nnhn*, — ele finalmente gemeu, um estremecimento de corpo inteiro passando por ele.

Isso balançou suas pernas e reverberou diretamente dentro dela, fazendo-a formigar e apertar em torno do membro macio e flexível. Ele a agarrou para levá-la mais fundo dentro de sua mandíbula presa.

Ele puxou sua língua para trás de forma agonizantemente lenta. Ele torceu e rodou, pastando em todos os lugares dentro dela de uma só vez, como um ciclone. Seus olhos se arregalaram a cada movimento, antes de disparar para frente da mesma maneira, mas muito mais rápido. Então, ele se afastou lentamente novamente, e os

quadril dela contraíram para fazê-lo ir mais rápido, apenas para penetrá-la rapidamente e sair.

Suas respirações ficaram mais agudas com cada uma.

Era a sensação mais estranha ter algo se movendo dentro dela assim. Era estranho, desumano, e Raewyn se viu liquefazendo por causa disso.

Ela agarrou seus chifres com mais força, grata por ter algo em que se segurar para poder mover seu corpo em uma onda para cumprimentá-lo. Colocando os pés contra os ombros dele, ela tentou separar ainda mais as coxas.

Seu traseiro estava quase pendurado para fora da borda, e a única coisa que a impedia de cair era o aperto de suas mãos ásperas.

Ela mal podia acreditar que ele estava fazendo isso com ela. Ele uma vez disse a ela que não se ajoelhariam para nenhum homem, e ainda assim aqui estava ele, de joelhos por *ela*, apenas para saboreá-la e provocá-la assim.

— Mais rápido, — ela implorou.

Ele a estava saboreando, mas ela já estava tão perto que precisava de mais.

Sua cabeça caiu para trás, pequenos gritos saindo dos lábios entreabertos, quando ele deu a ela exatamente o que ela queria. O ciclone de sua língua rodopiante ganhou velocidade. O sibilo e o esmagamento eram tão terrivelmente vulgares que se tornavam eróticos, um som feito apenas por isso, por ele e sua língua perversa.

Suas pernas apertaram em torno de seu crânio como se ela quisesse esmagá-lo enquanto o êxtase líquido explodia dela. Ela gozou com força, com as costas arqueadas enquanto se pendurava nos chifres dele, e ficou tão quente que temeu desmaiar. Merikh deu

a ela um grunhido apreciativo que fez cócegas em seu interior quando ele balançou a cabeça como se quisesse incentivá-la a dar-lhe mais.

— É isso, Raewyn, — ele murmurou contra ela, fazendo seus dedos do pé se curvarem até suas panturrilhas doerem. — Me afogue em seu gosto. Me dê isto.

Ele não parou de empurrar, mesmo depois que ela parou.

Ela tentou afastar a cabeça dele, seu corpo se contorcendo em tremores secundários, mas não houve alívio. Ele retirou a língua para que ela pudesse sentir todo o seu comprimento deslizando sobre um lado de suas dobras, fazendo cócegas enquanto ele deslizava sobre seu clitóris inchado antes de ir para o outro lado.

Ele fez isso repetidamente, como se estivesse procurando mais.

— Como algo pode ter um gosto tão bom? É como o paraíso líquido.

— Merikh, por favor, — ela implorou, suas pernas sacudindo cada vez que ele acariciava e esfregava seu clitóris. — Estou muito sensível agora.

Ele não parou de lambe-la, mas pelo menos se afastou para roubar o que podia das dobras de suas coxas antes de seguir um caminho por suas pernas. Ele estava rastreando onde o orgasmo que ela havia dado a si mesma anteriormente havia escoado.

Ele a estava limpando completamente, pressionando profundamente para ter certeza de tirar cada partícula que ela sentia constantemente de suas presas e focinho roçando nela. Ela ficou surpresa com o quanto ela gostou do raspar de osso acariciando-a.

Então, quando ele terminou, ele passou de lado em sua boceta enquanto a golpeava uma última vez. Sua língua áspera a abrasava

com suas papilas gustativas, mas só deixava prazer em seu rastro.

Merikh se levantou e cuidadosamente deixou seus pés tocarem o chão antes de colocar as mãos no banco de pedra de cada lado dela. Suas respirações se espalharam sobre ela como uma onda de laranja, canela e sua essência, cada uma pesada e trêmula com a necessidade.

Sua demanda era silenciosa, suave, como um apelo rouco.

— Fique de joelhos.

O estômago de Raewyn revirou. Se ela fosse para frente agora, seu pênis estaria se projetando entre eles e cumprimentando suas palmas? Raewyn mordiscou o lábio nervosamente, sabendo que seu pau era impressionante, e ela não tinha certeza se seria capaz de controlar seu tamanho.

Quando ela demorou muito para se mover, as garras arranharam a pedra atrás dela e o menor gemido ecoou em seu peito.

— *Por favor*, não me deixe assim.

Parecia que ele estava com muita dor, como se seu pau estivesse insuportavelmente duro e dolorido. Seu estômago revirou novamente. Sua satisfação estava diminuindo, apagada pelo reacender do desejo.

Sem escrúpulos em obedecer, ela se afastou lentamente para poder se ajoelhar para ele. Ela não gostou particularmente quando um tentáculo perdido deu um leve tapa em sua bochecha.

Ela esperava que ele risse como qualquer homem faria, mas ele grunhiu e se mexeu ligeiramente. Preocupando-se mais com o conforto dela, ele disse: — Desculpe, vou segurá-lo.

Uma vez que ela estava de joelhos para ele, havia uma doçura no ar, uma que a deixou com água na boca. A umidade gotejante a cumprimentou enquanto ela envolvia a cabeça com ambas as mãos. No momento em que ela fez contato, ele soltou um suspiro baixo enquanto empurrava quase todo o comprimento em suas mãos.

Com um movimento retorcido de ambas as mãos, ela o explorou.

Ela sentiu a cabeça redonda e bulbosa, a borda que parecia se multiplicar mais quatro vezes com seus cumes. Havia pouco no centro, apenas veias grossas que pulsavam pesadamente contra sua pele sensível. Cerca de três quartos do caminho para baixo, ela passou as mãos sobre o anel torcido, e seu pênis inteiro inchou em espessura. Finalmente, ela acariciou perto da base onde seus tentáculos estavam conectados e acariciou dois ovais embutidos que eram quentes e firmes, e algo pingou em seu joelho quando ele soltou uma expiração profunda. Uma grande gota de pré-sêmen, talvez?

Voltando para cima, ela acariciou tudo de novo, mas também pressionou os polegares no sulco profundo na parte inferior enquanto avançava.

Seu pênis estava saturado de líquido, mas estava tão duro que ela *sabia* que ele devia estar em agonia. Mesmo ela apenas o tocando estava fazendo seus joelhos tremerem.

Sentindo pena dele, ela o segurou no meio do caminho e lançou a cabeça para a frente para que pudesse atingir a ponta com a língua.

Dois gostos diferentes atingiram suas papilas gustativas, um líquido ralo, o outro espesso. Ela absorveu tanto o lubrificante quanto a gota pesada de pré-sêmen transbordante. Ambos eram

doces, ambos tinham o gosto de seu perfume, e ambos a faziam gemer loucamente contra a ponta de seu pau.

Merikh ampliou sua postura enquanto proferiu um baixo – *Foda-se.*

Talvez fosse apenas a sensação de tudo, a dureza, o calor, o líquido e até a forma, mas suas mãos e boca já estavam adorando isso. No entanto, foi o aroma e o sabor afrodisíaco da flor de draflío que a deixaram em branco, como se seu cérebro estivesse sendo envolvido em uma névoa estonteante.

Raewyn começou a lambê-lo enquanto beijava ao mesmo tempo, passando pela cabeça antes de passar pelos lados. Ela tentou varrer sua língua em todos os lugares, para coletar tudo, mas mais de seu lubrificante continuava vazando por sua pele, uma fonte infinita.

Merikh fez gemidos constantes, e seus quadris se contraíram como se ele quisesse empurrar.

Ele estava sendo um menino tão bom, controlando-se. Como recompensa, ela colocou os lábios na ponta e os espalhou sobre ela, como se estivesse tentando afundá-lo em sua boca. Sua respiração engatou antes de sair baixa quando ela foi capaz de levar a cabeça inteira para dentro. Ela foi capaz de levá-lo além dos cumes e quase na metade do caminho.

Era apertado, com muito pouco espaço, e ela mal conseguia mover a língua, mas ficou surpresa que realmente coubesse quando atingiu o fundo de sua garganta.

– Você me colocou em sua boca, – ele murmurou surpreso. Então ele soltou um gemido agudo quando ela chupou, seu corpo inteiro estremecendo. Faíscas roxas tremulavam como antes, como se

ele estivesse abrindo e fechando a visão enquanto olhava para ela. — *Foda-se, Raewyn. Isso é tão bom.*

Ela disparou as mãos para baixo e as pressionou sobre os dedos dele segurando seus tentáculos. Ele os removeu, e ela deixou os apêndices ondulantes enrolarem em torno de seus dedos para que ele pudesse ter mais liberdade para fazer o que precisasse.

Como se quisesse segurá-lo, ele deu uma patada na parte de trás de sua cabeça. Então ele pensou melhor e colocou as mãos contra o banco.

Agora que ela estava no lugar e sabia que poderia chupá-lo adequadamente, grata por não ser uma humana pequena e fraca, ela sorriu.

Raewyn lentamente se afastou enquanto chupava, deixando-o pensar que ela seria lenta. Então ela começou a se mover para frente e para trás rapidamente.

A mão dele disparou para a parte de trás do cabelo dela novamente, sua respiração se espalhando sobre ela desvanecendo como se ele tivesse jogado a cabeça para trás. Seu gemido estava tão perto de ser um rugido silencioso que ressoou em seus ouvidos, e ela ficou tonta.

— Não tão rápido, — ele avisou enquanto agarrava seu cabelo para detê-la. — *Vá mais devagar.*

Ela quase o tirou de sua boca, esfregando a ponta contra as texturas no céu da boca, então girando sua língua ao redor dele. Bem quando a tensão aliviou dele e ele parou de agarrar o cabelo dela, Raewyn o afundou até que ele atingiu o fundo de sua garganta.

Então ela aumentou sua velocidade novamente, bombeando sua cabeça ainda mais forte.

Merikh grunhiu quando seus quadris começaram a se mover, recuando e avançando como ela. Garras perfuraram os lados de seu couro cabeludo.

A respiração dele subia por cima da cabeça dela como se ele tivesse virado o crânio para baixo para observá-la. Seu eixo inchou, e o sabor de seu pré-sêmen se perdeu no movimento entre eles.

Então ele se inclinou mais e empurrou com mais força.

Quando ela parou de se mover para deixá-lo levá-la, ele deve ter pensado que era um sinal de que era demais para ela. Ele parou, mas seus estremecimentos e tremores eram apenas os sintomas físicos de quanto ela podia dizer que ele estava se segurando.

— Seja boa, — ele rugiu, abaixando a mão para envolver sua nuca até que ele a envolveu completamente, as pontas dos dedos e garras terminando sob sua mandíbula e queixo. — Seja gentil. Porque se sua boca pode me levar... — A mão dele apertou o pescoço dela por trás, antes de afrouxar. — Não. Apenas vá devagar. Eu nunca fui sugado assim antes. Não sei o que vou fazer.

Os olhos de Raewyn se arregalaram. *Ele nunca foi chupado?*

Isso só a fez querer ser implacável com ele, levá-lo a uma altura que ele nunca havia alcançado antes. *Isso me faz querer embaralhar seu cérebro.*

Ela se afastou para lambe e provocá-lo para que ela pudesse falar.

— Eu posso ser lenta e gentil, — ela disse timidamente entre beijos. — Se é isso mesmo que você quer.

— Sim — respondeu ele, movendo a mão do banco para que pudesse colocar alguns de seus cachos atrás da orelha para ver

melhor. Fez cócegas na ponta e a fez estremecer. — Você fica bonita com meu pau na boca. Não quero que você o leve.

Suas palavras – ternas, doces e honestas – eram a razão pela qual ela não pararia até que ele viesse, não importa o quê.

Qual foi o pior que poderia acontecer?

Raewyn afundou seus lábios ao redor dele e segurou a base de seu pênis com suas mãos cobertas de tentáculos. Massageando os ovais de onde ela pensou que sua semente poderia vir, ela renovou sua profundidade e velocidade anteriores.

Ela pensou que ele poderia ter rosnado seu nome em advertência, mas era tão distorcido que ela mal conseguia entender. A mão dele apertou a parte de trás do pescoço dela, suas garras cravando na pele macia sob sua mandíbula enquanto a outra batia contra o banco.

Faíscas vermelhas brilharam antes que o roxo voltasse.

— Raewyn, — ele rosnou.

Quando ela não suavizou seus movimentos, em vez disso tentou fazer sua língua ajudar movendo-se em ondas, ela não precisou acrescentar mais nada quando ele começou a estocar. Ele veio com muito mais força, com mais força.

Ela ficou grata quando a sensação fria de sua magia de cura girou em torno dela. Em vez de sentir dor no fundo da garganta, havia apenas pressão. Isso permitiu que ela apenas aceitasse, em vez de reconsiderar suas ações.

Merikh deu um passo para trás, o movimento arqueando seu corpo para frente. Ela teve que apoiar as mãos em sua virilha quando sua retirada a estirou e endireitou seu pescoço. Ela praticamente esmagou seus tentáculos contra ele.

Ela deveria ter tomado seu rosnado como o aviso que era, mas seus impulsos ganhando velocidade a tinham apenas tentando se firmar por ele.

Merikh empurrou sua cabeça para baixo ao mesmo tempo em que ele empurrava para frente.

O guincho de surpresa de Raewyn foi interrompido por seu pênis passando pelo fundo de sua garganta. Suas mãos caíram de sua virilha para que ela pudesse cravar as unhas em suas coxas.

Ele parou no momento em que seus quatro tentáculos envolveram toda a cabeça dela, acariciando-a em seus membros, quando ela engoliu cada centímetro de seu pênis. Com ele alojado profundamente em sua garganta, seus lábios pressionados contra seus sacos de sementes ovais, o anel retorcido estava contra sua língua.

Lágrimas borbulhavam em seus olhos pela pressão de sua circunferência, mas não havia dor. O único desconforto era que ela não conseguia respirar.

Raewyn não se importava.

Não quando Merikh estava absolutamente perdendo a cabeça.

Seu ganido foi alto, mas suas respirações estranguladas foram ainda mais altas. Suas pernas tremiam, como se ele quase tivesse ficado na ponta dos pés enquanto se arqueava, mas seus quadris se contraíram, como se não soubessem o que fazer com o prazer que o assaltou.

Ela poderia prender a respiração. Ela poderia lidar com isso por causa de sua magia de cura. Ela só queria mais disso, mais dele fazendo o que quisesse para se sentir bem.

Raewyn segurou entre as pernas com ambas as mãos, querendo aliviar o latejar profundo, empurrando as palmas das mãos para baixo em seu clitóris. Seu corpo inteiro se apertou com a intrusão, e até mesmo sua vagina se apertou com força. Em seu rastro, isso a deixou mais excitada do que nunca.

Ela se sentia inegavelmente vazia.



Tão fodidamente apertado, Merikh gemeu internamente, quando ele foi suspenso em um momento de completa e absoluta imobilidade pela constrição ao redor de seu pênis. Parecia que seu coração estava prestes a parar.

Merikh não deveria ter deixado os pensamentos intrusivos vencerem, mas ele sabia que se cabia em sua boca, então caberia em sua garganta. Ele estava mais fundo do que poderia alcançar dentro de sua boceta, a menos que alterasse seu corpo, mas não precisava fazer isso. Considerando a dor que latejava suavemente em seu próprio esôfago devido à transferência, provavelmente era desconfortável para ela.

Sob a ponta dos dedos, a garganta dela se expandiu.

Ela ficou tensa abaixo dele, mas ela não podia recuar com seus tentáculos mantendo-a em um amontoado apertado.

Ele deveria recuar. Ele deveria se afastar. Ele deveria se desculpar, mas a felicidade do aperto, a textura dura, o calor da

língua dela em seu nó... Ele começou a empurrar suavemente enquanto seu cérebro se dissolvia e ficava confuso.

Ele mal precisava se mover, já que balançar levemente para frente e para trás o fazia correr de cabeça para a liberação.

Suas unhas cravaram no pelo curto de suas coxas e tentaram cortar sua carne. Sua cabeça disparou para olhar para baixo, mas ele mal podia ver o rosto dela. Seu pênis inteiro havia desaparecido dentro dela, e ela provavelmente não conseguia respirar.

Proferindo uma maldição para si mesmo, para o que ele estava fazendo com ela, ele começou a se retirar. Ele foi devagar, sabendo que se o arrancasse, isso o levaria a enfiar de volta.

Qualquer fio de controle que ele ganhou de volta foi desfeito quando ela começou a balançar a cabeça ao redor do final de seu pênis.

Suas respirações eram curtas e rápidas enquanto ela tentava pegá-las. Em vez de ficar chateada, ela começou a 'beijar' com seu eixo, beijando, lambendo e chupando em todos os lugares que podia. Ela até enfiou um tentáculo na boca e mordeu a lateral dele.

Ela está me deixando louco. Como ele poderia resistir a uma mulher tão sedutora? A visão de Merikh era de um roxo tão escuro que ele mal conseguia enxergar.

Movendo a mão para a parte de trás da cabeça dela e certificando-se de manter contato com ela para que sua magia funcionasse, ele empurrou em sua boca. Com a outra mão no banco, ele se apoiou enquanto deixava seus quadris assumirem o controle.

Os pensamentos estavam confusos enquanto ele produzia gemidos incoerentes, rosnados e estrondos.

Com suas presas abertas para que ele pudesse ofegar para ela, baba vazando para escorrer por sua bochecha, ele observou seu pênis se mover e a cena diante dele. Ele sentiu cada movimento: seus dentes, o céu da boca, sua língua macia tentando brincar.

Merikh na maioria das vezes só deu a ela o que cabia em sua boca, mas ele não pôde evitar tomar sua garganta novamente, não quando parecia tão malditamente incrível. Ele era lento enquanto empurrava, não precisando ser rápido quando o prazer era mais intenso do que qualquer coisa que ele já sentiu.

Fechando os olhos, o gemido que ela produziu vibrou direto no centro de seu pênis, como se ela gostasse. Ele até sentiu o movimento dela tentando engolir.

Ele se afastou para descobrir que uma das mãos dela estava pressionando contra o clitóris através do vestido, enquanto a outra mão se estendia para segurar um seio.

Ela não se importava que os tentáculos dele tivessem se agarrado ao cabelo emoldurando seu rosto, muito contente em se enrolar para dentro enquanto o segurava.

Porra. Estou tão perto. Ele esteve prestes a gozar desde a primeira vez que foi fundo, mas rangeu as presas para se conter. Ele não queria gozar, não queria parar, não queria que isso acabasse.

Seu pênis inchava constantemente enquanto seus sacos de semente doíam. Tudo estava quente enquanto eles pulsavam junto com seu coração batendo de forma irregular.

Ele não queria reclamar de seus próprios pensamentos. Ele estava dividido. *Eu quero tanto gozar em sua boca.* Mas se ela fosse apenas rejeitá-lo depois, cuspi-lo e lavá-lo, isso o deixaria chateado. Ele preferia vir contra o chão.

Ele queria que ela o provasse, sujasse aquele lindo rosto dela. Ele queria seu perfume nela, para manchá-la em uma marca predatória de '*minha*'.

Seus pensamentos estavam por toda parte, sua mente virando uma gosma, enquanto parecia que ele ia derreter na boca dela.

O estrondo borbulhante em seu peito e o formigamento na base de sua espinha diziam que ele estava prestes a gozar, quer ele quisesse ou não.

Seu nó começou a inflar em seu eixo e ele não conseguiu ir fundo por causa disso. Ele não poderia amarrar o rosto dela, não se ele quisesse que ela *sobrevivesse* a isso.

Sua semente começou a crescer, seu pênis em absoluta agonia. Sua mente ficou em branco e ele foi incapaz de se afastar do calor de sua boca.

Merikh a empurrou para baixo sobre ele, abrindo sua garganta e forçando seus lábios em seu nó enquanto soltava um rugido alto e berrante. A semente explodiu dele em cordas grossas e jorrando enquanto ele descia por sua garganta e entrava em seu estômago para que ela pudesse segurá-lo para ele.

O prazer de fazê-lo... Merikh deixou marcas permanentes e profundas em seu banco de pedra. Suas penas levantaram, seu rabo batendo contra o lado da lareira da cozinha atrás dele. Até sua visão se fechou, incapaz de mantê-la aberta sob o ataque desse profundo prazer.

Quando seu orgasmo diminuiu, ele se afastou para que pudesse pelo menos cobrir sua língua com os dois últimos fios de líquido.

Merikh se retirou para olhar para ela, seu pênis ainda quase duro caindo para baixo. Ele segurou o lado de seu rosto e separou mais sua boca ofegante. Com a língua coberta de semente, ela lambeu os lábios e o fez estremecer quando ela engoliu tudo.

Ela teria engolido minha semente se eu tivesse gozado em sua boca?
Se houvesse uma próxima vez, ele gostaria de descobrir.

Ele não sabia que seu lubrificante havia pingado de seu queixo e garganta para molhar a parte superior de seu vestido. Estava até brilhando entre seus seios.

O problema com o qual Merikh se encontrou foi que seu cheiro estava zumbindo com profunda excitação. Ela estava atordoada com isso.

— Merikh...

No momento em que ela sussurrou seu nome, uma necessidade inegável, luxúria e desejo o atingiram. Ele já sentia falta do gosto de sua essência.

Em *segundos*, ele rasgara o vestido dela em duas partes, rasgando-o para expor seu belo corpo nu. Então, ela estava de costas, deitada no chão paralela ao banco de pedra enquanto ele se abaixava e abria as pernas dela.

Ele empurrou sua língua profundamente no poço de sua boceta inundada e bebeu dela. Ele a ergueu ligeiramente pelas coxas, gemendo enquanto tentava tomar cada gota. Ele estremeceu quando ela agarrou seus chifres, finalmente encontrando um lugar seguro para segurá-lo, e simplesmente se soltou, com os pés firmes em seus ombros.

Chupá-lo a tinha excitado, e a profunda satisfação disso o fez querer aliviá-la em troca.

Seu gosto era divino, e desde o primeiro momento em que ele finalmente provou, ele sabia que estava obcecado por isso. Seus doces gemidos foram sua recompensa enquanto ele dava prazer a cada centímetro dela com sua língua.

Ele girou profundamente, então chicoteou seu lindo clitóris para que suas pernas se contraíssem para ele. Ele explorou suas saborosas dobras cor de merlot, seus lábios, apenas para ter certeza de tocar em qualquer lugar e em todos os lugares que pudessem ser bons para ela.

No momento em que ela gozou para ele, seu pênis tinha endurecido de volta e tornou sua mente inútil, a menos que ele gastasse novamente. Ele se apoiou em um cotovelo e nos joelhos para poder se abaixar e agarrar seu eixo. Ele o acariciou, contente em fazê-lo dessa maneira, se pudesse continuar aprofundando sua língua.

Se o paraíso existisse e ele pudesse entrar nele, e não fosse ele nesta posição exata com a boceta espasmódica de Raewyn em volta de sua língua, ele queimaria o lugar até a porra do chão.

Quer fosse seu gemido febril ou o fato de que uma de suas pernas saltou dele agarrando seu pênis, ela finalmente percebeu o que ele estava fazendo.

Ela puxou seus chifres para detê-lo, para puxar seu crânio de entre suas coxas.

O rosnado que ele produziu foi tão selvagem que até deixou seus orbes vermelhos por um momento. Agora, sua boceta era dele, e ele estava provando. Era dele para se deliciar, para se afogar.

— V-vem aqui. Você não tem que fazer isso, — ela implorou, sem medo de seus sons ameaçadores, como se ela soubesse que ele

não iria machucá-la.

Ela estremeceu, suas pálpebras piscando enquanto ele acariciava o cume inchado e texturizado dentro dela. Ela gemeu, então mordeu o lábio enquanto virava o rosto para ele, como se estivesse tentando pensar em pensamentos confusos.

Ela parecia tão aquecida quanto ele, tão desesperada e desfeita.

Ela abriu a boca e então mordeu o lábio novamente. Ela parecia em conflito.

— Foda-me — ela ofegou.

Merikh fez uma pausa, surpreso por ela ter oferecido isso como sua escolha de palavras.

— Está tudo bem, Raewyn, — ele assegurou enquanto dava a seu adorável clitóris um golpe lateral suave. Ela já tinha feito mais do que o suficiente quando o chupou.

Com as bochechas inchadas e os olhos estreitados, ela puxou o mais forte que pôde nos chifres dele.

— Ah, foda-se, seu Caminhante do Crepúsculo grande e bobo.

— Então ela conscientemente fechou os olhos enquanto meio que gritava: — Eu quero que você enfie seu pau na minha boceta e bata em mim até meus olhos se cruzarem e eu não conseguir pensar em mais nada! Não me importa quão forte ou quão rápido. Por favor. Eu preciso disso. Eu preciso de *você*.

Merikh quase mutilou seu pênis em seu punho, especialmente quando inchou de entusiasmo. *Porra*, isso foi quente; ele não podia acreditar que alguém tinha dito isso a ele.

Dane-se. Ela estava tentando ao máximo fazer com que ele se dobrasse à sua vontade, e ele não podia mais negá-la.

Ainda com o braço esticado, ele apalpou uma de suas coxas para agarrá-la. Ele a deslizou pelo chão enquanto inclinava os quadris, e com um grunhido entusiasmado, ele a montou completamente no momento em que ela estava completamente sob ele.

Raewyn arqueou com um gemido surpreso, seus lábios se abrindo.

Antes que ela pudesse fazer qualquer coisa tola, ele agarrou ambas as mãos dela e as prendeu.

Espalhando restos dela em seus lábios e bochechas com a língua até chegar ao ouvido dela, ele grunhiu: — Tudo bem.

Então, com a excitação dela revestindo suas presas e a ponta de seu focinho, ele começou a estocar, entrando e saindo dela com força e rapidez.

Se ela o queria tanto, ele lhe daria o que ela quisesse. Ela tinha sido tão boa com ele antes, tão misericordiosa e travessa enquanto o chupava – mesmo agora, enquanto ele batia nela, apenas a memória o fazia estremecer.

Se ela preferisse gozar em seu pênis empurrando do que em sua língua, ele se submeteria e a deixaria. Ele deixaria esta linda fadinha ter tudo o que ela desejava agora, contanto que ele pudesse continuar a tocá-la.

Merikh estava cansado de se conter.

Embora ele estivesse escondendo dela, ele desejava Raewyn como uma dor nauseante. Ele queria provar, tocar, sentir desde o primeiro momento em que viu o rosto dela, mas foi sua personalidade brilhante, tão completamente oposta a ele, que o deixou preso sob seu feitiço.

Durante semanas, ela o importunou, desgastando-o até que ele se sentisse em carne viva. Os últimos dois dias tinham sido insuportáveis. Ela o estava deixando louco, distorcendo-o até que ele pensou que sua mente e coração trocariam de lugar. Ele ainda estava reprimido e frustrado e, pela primeira vez, só queria parar de se importar.

Ele queria fingir que não tinha nenhum pensamento perturbador e ter uma lembrança boa e agradável em sua vida.

Estar dentro dela era maravilhoso, como êxtase e bela tortura ao mesmo tempo. Ela era tão macia, tão quente e cheirava tão bem que acalmava qualquer agressão dentro dele.

Seus quadris ainda eram rápidos, suas estocadas ainda duras, mas em vez de rosnar, ele apenas gemeu o nome dela como se estivesse pedindo salvação.

– *Raewyn.*

Cada vez que ela gozava, tentando ordenhar seu pênis em pequenos apertos famintos, sua cabeça caía cada vez mais até que ele descansou o lado dela contra uma de suas mãos conectadas. Ele enterrou todo o rosto em seus cachos.

Ele estava à sua mercê e estava agradecido por seu algoz ter sido gentil o suficiente para deixá-lo saciar sua luxúria nela.

Em algum momento, ela conseguiu liberar uma de suas mãos. Desde que ela a envolveu na parte de trás de seu crânio, um lugar onde não poderia ser ferida, ele a deixou ficar livre. Isso deu a ele a liberdade de segurar sua bunda em sua mão e mantê-la parada quando seus tentáculos começaram a se agarrar à força.

Isso deu a ele a liberdade de separá-los de sua direita quando ele estava prestes a gozar para que pudesse puxar seu pênis dela. Ele

fez isso de uma forma que o empurrou para baixo, e ele gemeu quando o topo de seu eixo esfregou através de suas dobras encharcadas.

Ele gemeu e tremeu quando a primeira corda de semente o deixou e se esparramou contra o chão. Ele já havia usado o punho para se aproximar da liberação.

— Espere, não — ela sussurrou.

Ela lançou sua mão livre entre eles e agarrou seu pênis, fazendo-o perder o controle quando ela apertou seu nó sensível e inchado. Merikh não teve chance de lutar. Ela redirecionou a cabeça do pau dele, e ao invés dele vir contra o chão, ela o fez fazer isso por cima dela.

Ele empurrou em sua mão, virando a cabeça para cima enquanto ela o acariciava ao mesmo tempo. Ele foi dominado por cada um de seus sentidos simultaneamente obliterando-o.

Seus pulmões afundaram quando seu coração tentou parar, e ele tremeu quando seu rabo balançou e bateu no chão.

As réplicas que o agrediram foram violentas e intensas. Ele nem percebeu que arqueou as costas até que caiu para frente e tentou não esmagá-la.

Apoiando-se de quatro e levantando-se, ele olhou para baixo para ver que ela estava coberta do umbigo ao pescoço com sua semente. Nem mesmo seu rosto conseguiu evitar ser atingido por uma rajada perdida. Estava em toda parte porque ela o estava balançando enquanto o acariciava.

Com respirações profundas, ele perguntou: — Por que você...?

Ele se perguntou se ela percebeu que a pontada fria do rescaldo da última vez ainda o incomodava.

Seu sorriso era satisfeito e triunfante.

— Porque eu queria. — Então ela se inclinou e deu um beijo na lateral do focinho dele. — Acho que é isso que vou usar pelo resto do dia.

Merikh grunhiu quando seu pênis estremeceu com a ideia de uma roupa feita exclusivamente de sua liberação.

Ele olhou para o corpo dela, as coxas ainda espalhadas ao redor de sua cintura. Se ela não tomasse cuidado, ela estava em perigo de ele afundar sua língua de volta nela.

Ele só gozou duas vezes e sua resistência era sobre-humana.

Ela deveria observar como ela o provocava.

CAPÍTULO 31

Olhando para a bela mulher enrolada de lado em seu colo, Merikh irradiava contentamento.

Ela originalmente perguntou se ele se importaria de levá-la para a cama para que ela pudesse descansar um pouco, cansada de sua intimidade. Enquanto ela tagarelava sobre como achava que não conseguiria andar até lá sozinha, as entranhas de Merikh se contorceram.

Como da última vez, ele percebeu que ela queria ser abraçada.

Ela fizera o possível para tranquilizá-lo sobre as coisas que o incomodavam, e ele queria fazer o mesmo por ela. O que ela desejava era algo que uma pessoa normal poderia lhe dar. Seu pedido não era absurdo - se tivesse sido dado a alguém que não fosse *ele*.

Então, Merikh fez a única coisa que ele poderia pensar.

Ele cuidadosamente a pegou em um berço seguro dentro de seus braços fortes, ergueu-a enquanto ele estava de pé e atravessou sua caverna. Ele se sentou na única cadeira disponível e a colocou em seu colo.

Ele esperou para ver se ela se oporia. Somente quando ela se enrolou nele, deitando a cabeça no interior de seu braço e no descanso da cadeira, ele finalmente relaxou. Então ele tirou o braço de debaixo das pernas dela e cruzou sobre ela para que pudesse segurar seu quadril.

A frente dela ainda estava coberta por seu sêmen, e ele não se importava que estivesse se espalhando por seu torso. Enquanto ainda a manchava com seu perfume, ele estava satisfeito.

Raewyn colocou as mãos em concha perto do peito para aninhá-las entre seus corpos. Ela não fechou os olhos. Ele pensou que ela poderia não estar realmente cansada, apenas fisicamente exausta.

Ele não sabia o que deveria fazer agora. Tudo o que ele queria era olhar para ela, mas não tinha certeza se isso a deixaria desconfortável.

— Obrigada, — ela sussurrou suavemente enquanto esfregava suavemente o nariz e a bochecha contra seu estômago redondo, mas firme.

Uma emoção formigante se espalhou por todo o seu corpo, algo com o qual ele não estava familiarizado. Ele ainda estava cheio de tensão até que ela disse essas palavras.

Sua mão se curvou para que pudesse segurar a parte de trás de sua nuca exposta, e ele se surpreendeu com seu leve arrepio.

— Você é tão quente.

Era verão. Talvez fosse porque ele era um Caminhante do Crepúsculo, mas nenhum elemento o incomodava. A maioria dos humanos não suportava o calor atual que soprava do vento. Sua pele, no entanto, sempre parecia ter gelo, então ele pressionou seu antebraço com mais firmeza sobre ela para lhe dar calor.

Quanto mais eles ficavam sentados lá, porém, mais seus membros o incomodavam. Mesmo que ele estivesse bebendo avidamente dela com sua visão, a imobilidade o incomodava.

— Posso tocar em você? — ele perguntou hesitante.

Raewyn gemeu enquanto enterrava o rosto na lateral de seu estômago e balançou a cabeça. Ela levantou os joelhos para evitar que ele tivesse qualquer chance de tocá-la entre as coxas.

— Acho que não aguento mais agora.

Inferno sangrento, ela o estava pintando como um desviante que não tinha outros pensamentos além de sexo.

— Não assim, — ele bufou com um leve rosnado em seu tom.

— Assim.

Ele demonstrou o que queria deslizando suas garras pelo arco de sua nuca. Quando um pequeno gemido saiu de seus lábios, seu pescoço arqueou e sua cabeça se inclinou de uma forma que lhe deu mais superfície para brincar.

Ela assentiu com a cabeça e, com os lábios fechados, disse: — Mhm.

Encantado, ele passou as garras pela nuca dela novamente, então pelos ombros e costas em um arco. Ela soltou um suspiro satisfeito e se aproximou dele. Enquanto ele continuava fazendo isso, ela finalmente descansou as mãos contra ele e sutilmente fez o mesmo para frente e para trás sobre o pelo de seu estômago.

Seus cachos encaracolados estavam enrolados sobre ele como um cobertor de algodão, e eles pareciam tão macios e fofos, como uma nuvem - embora uma bagunça completa de antes. Ele não pôde deixar de estender a mão acima dela para poder enterrar seus dedos com garras neles.

Seu plano era escová-los para ficarem bem arrumados, mas ela estremeceu quando ele foi forçado a parar um centímetro no comprimento ou arrancaria seu cabelo.

Ela soltou uma risada suave e tocou a parte inferior do pulso dele para afastá-lo.

— Você não pode fazer isso com cachos, — ela repreendeu brincando. — Você só vai ficar preso no meu cabelo e deixá-lo em

desordem.

Sua visão mudou para um rosa avermelhado de vergonha. Ele gostaria de ter sabido disso antes.

Ele ainda queria tocar seus cachos macios e elásticos, então apenas passou a mão por cima deles. Ele até pegou alguns fios para poder esfregar sua sedosidade.

Ficando mais ousado, enquanto desenhava as garras pelas costas dela para poder deslizar pelo pescoço, ele tirou a mão do cabelo dela para poder acariciar a bochecha arredondada com o polegar. Sua pele era lisa, macia, delicada. Ele explorou seus traços hipnotizantes com os dedos, subindo pela linha reta de seu nariz até roçar uma de suas sobrancelhas.

Era estranho que ele estivesse fazendo isso. Ele nunca tinha apenas... tocado outra pessoa, mas o sorriso dela valia a pena. Ela estava gostando, e isso era tudo o que realmente importava.

Uma vez que Merikh terminou de acariciar seu rosto, ele passou a palma da mão por seu braço, sua perna, tocando-a em todos os lugares que podia. Suas garras nas costas dela nunca paravam, e ele estava bastante contente em continuar acariciando-a ali.

Às vezes, ele deslizava as pontas dos dedos ao longo de sua orelha pontuda, e esta se agitava sob seu leve toque.

Eram muito expressivas, o que o fascinava. Ele gostava de vê-la comer por causa delas. Sua orelha esquerda sempre se contorcia sempre que ela estava realmente feliz com o que estava consumindo.

— Merikh, — ela começou, sua voz rouca e grogue. — Você pode me contar uma história?

— Como um conto de fadas? — ele perguntou, sua garganta grossa de seus sons anteriores de prazer e as emoções atuais agitando dentro dele. — Claro. Não vejo por que não, mas teria que colocá-la no chão e procurar se tiver algum.

Suas sobrelanceiras franziram, como se não fosse o que ela estava procurando.

— Você se sentaria aqui e leria um livro para mim?

Ele inclinou a cabeça, sem saber por que ela parecia confusa.

— Se é isso que você quer, sim.

Ela sorriu tão docemente, mas balançou a cabeça.

— Isso seria bom, mas não é isso que eu quis dizer. Eu queria que você me contasse uma história sobre você. Algo bom.

Ele abaixou a cabeça para poder bater com o focinho na bochecha dela.

— Não tenho nada disso para compartilhar.

— Nem mesmo uma?

— Tenho momentos engraçados — admitiu. — Certa vez, disse a um humano que era amigo de um Caminhante do Crepúsculo e que, se ele me encontrasse do lado de fora do portão, eu o apresentaria.

— Você não atraiu ninguém assim. — Seus lábios se apertaram em uma linha desapontada antes que ela virasse aquela expressão para ele. — Diga-me que não.

Humor rodou em seu peito, sem vontade de negá-lo.

— Aqui, deixe-me encontrar uma história. Acho que até descobri uma maneira de não ter que rebaixá-lo.

Ele passou o braço pelas costas dela e agarrou sua coxa com força. Suas penas estavam muito perto dela, mas como estavam

deitadas, ele pensou que poderia estar tudo bem. Então, apertando-a contra o peito, levantou-se e foi até as estantes.

Ele tinha alguns livros de histórias aqui. Quando encontrou um, estava tão coberto de poeira e quebradiço pelo desuso que precisava ter cuidado com ele. Um homem chamado William havia escrito a história e se importava muito pouco com o autor em geral.

Quando ele se sentou, ele o segurou com a mão atrás dela para que pudesse segurar seu quadril com a outra.

Era um dos livros que Jabez lhe dera quando o ensinara a ler. O fantasma do rei recentemente falecido diz a seu filho para vingar seu assassinato matando o novo rei - o tio do herói. Era uma história sangrenta sobre morte, assassinato e decepção, mas ele tinha pouco mais a oferecer a ela.

Enquanto lia, ele se perguntou se Jabez havia aprendido a falar com seus pais, como Raewyn. Ele também tentou ensiná-lo matemática, mas os números muitas vezes o faziam coçar a cabeça – eles ainda o faziam.

Raewyn não parecia se importar com o tom horrível da história, mas ela fez algo que roubou um pedaço de seu coração.

Enquanto ele lia, Raewyn segurou as costas de sua mão antes de acariciar suas penas maliciosamente. Como com os beijos dela em seu crânio, ele nunca teve ninguém tocando suas penas *de bom grado*, muito menos acariciando-as.

Ele fez uma pausa para observá-la, sem saber como se sentia sobre isso. Ela as estava acariciando desde a base até as pontas afiadas, acompanhando o grão. Como ela não estava se machucando, ele a deixou em paz e continuou a ler.

Não foi difícil dizer que ela tinha adormecido por seus roncos suaves, e ele finalmente largou o livro.

Ele retomou seu toque anterior, embora muito mais suave, e apenas admirou a linda mulher em seus braços. Eventualmente, ele agarrou levemente em torno de sua mandíbula para que pudesse direcionar seu rosto até que apontasse para o seu.

Ele atualmente tinha uma fêmea bem-prazerosa em seu colo, coberta por seu sêmen, que dormia pacificamente como se não estivesse sendo segurada por um monstro.

Uma sensação de queimação, agradável e dolorosa, tentou queimá-lo por dentro. *Por que você está fazendo isto comigo?*

Ele manuseou os lábios dela, lembrando-se de como eles se moldaram docemente contra seu crânio, e esperava senti-los novamente.

A sensação de queimação não era bem-vinda, pois só vivia para mostrar que ele estava sendo tolo. A probabilidade de Raewyn se tornar dele era baixa – menor do que qualquer ato lascivo que eles compartilharam juntos. Era duvidoso que seus corações se alinhassem, e isso provavelmente acabaria com ele se sentindo mais solitário do que nunca.

No entanto, ele não podia negar que não queria que isso parasse, fraco demais para o encanto dessa fada etérea para não se submeter.

Não apenas o toque sensual, mas também isso. Segurá-la era estranhamente maravilhoso, e ela enrolada nele em confiança fazia coisas estranhas com ele. Isso acalmou sua mente, acalmando todos os seus pensamentos terrivelmente desanimados e dolorosos.

Ele nem queria acordá-la para se mexer, não quando isso perturbaria esse contentamento. Este poderia ser o momento mais feliz de sua vida, e nem mesmo a percepção de que podia ser sua *única* lembrança feliz o diminui.



Raewyn esfregou o rosto contra os lençóis na esperança de remover qualquer sono ou possível baba - apenas para descobrir que o pelo fazia cócegas em sua bochecha. Ela deu um tapinha nas mãos para a frente e tocou em algo quente, movendo-se com a respiração.

Ela percebeu que era o estômago de Merikh.

— Desculpe, eu não queria adormecer, — ela resmungou, esfregando a ponta do nariz contra ele. — Quanto tempo fiquei fora?

— Duas horas, talvez mais, — ele respondeu, sua voz áspera e preguiçosa, como se estivesse totalmente relaxado.

Duas horas? Ela não podia acreditar que tinha cochilado por tanto tempo!

Sua voz, calor e perfume a embalaram em transe. Ela nem sabia que estava desmaiando até que acordou.

— Por que você não me deitou na cama? — Ela se sentiu mal por ele estar preso onde estava.

— Você parecia em paz, — ele disse enquanto acariciava a bochecha dela com as costas da mão. — Eu não queria movê-la para não acordá-la.

Raewyn mordiscou o interior de sua bochecha. Ela se sentia como um animal de estimação dormindo no colo de seu dono, mantendo-o lá para sempre até que o animal decidisse se mover. Teria ficado sentado ali por toda a eternidade para não acordá-la? Por que apenas o pensamento fazia seu coração dançar?

O sexo era uma ferramenta útil para mostrar a alguém que você gostava dela por dentro e por fora. Ela estava se perguntando se usá-lo para derrubar suas paredes poderia tornar Merikh mais doce, poderia amolecê-lo.

Ele estava provando que ela estava certa.

Ela não fez nenhum comentário, sabendo que se o fizesse, ele iria querer se levantar para fugir. Em vez disso, ela egoisticamente descansou lá um pouco mais e apenas acariciou o pelo do lado dele.

— Eu deveria ter colocado você na cama? — ele perguntou, questionando sua decisão.

— Não. Isso é bom, — ela assegurou.

Como ele parecia bem em deixá-la ficar lá, ela deixou sua mente vagar por um tempo. Raewyn tinha perguntas, muitas delas. Ela queria abordá-las por dias, e ela tentou antes, quando pediu a ele para compartilhar uma lembrança agradável. O fato de ele não ter nenhuma era triste.

Devo perguntar a ele agora? Este parecia um momento vulnerável. Era muito mais provável que seu coração estivesse aberto para ela agora, e isso tornaria tudo mais fácil.

Raewyn, sem hesitar, falou.

— Merikh, posso perguntar sobre a mulher com quem você falou enquanto eu estava doente?

Sua resposta foi afiada. — Não.

Ela se sentiu culpada por insistir, mas queria saber. O que ela soube era apenas a superfície de quem ele era, por que ele era do jeito que era, mas ainda deixava muitos espaços vazios. Descobrir algo sobre ele foi difícil; ele apenas compartilhava coisas que não foram muito profundas.

Assim como seu rosto com caveira, ele trazia cicatrizes, terríveis, nas profundezas de si mesmo. Raewyn queria ajudá-lo a curar algumas delas.

— Ela era sua mãe, não era?

Ela sabia que era, já que Raewyn o ouviu chamá-la assim com um *sorriso de escárnio*. Era como se ele só tivesse dito isso para insultá-la.

— Sim, — ele respondeu friamente. — Ela é provavelmente a razão pela qual os gêmeos acabaram vindo para cá. — Ele estava tentando mudar de assunto.

— Por que você a odeia? — Raewyn pressionou.

— Por que você está me perguntando tudo isso? — ele perguntou, horrorizado.

— Acho que só quero te conhecer melhor. — Ela ofereceu-lhe um pequeno sorriso. — Não posso ser curiosa?

Ele levantou a mão do traseiro dela, já que a estava segurando, e ela pensou que ele poderia ter arranhado a lateral do pescoço.

— É complicado, Raewyn. Eu nunca compartilhei meus sentimentos sobre isso antes.

— Fico feliz em ouvir. — Ela cuidadosamente estendeu a mão para poder segurar a ponta de seu focinho ossudo, mostrando que o aceitava. — Por favor?

Mais uma vez, ele agarrou sua bunda e a arrastou para mais perto.

— Você vai ficar assim se eu fizer isso?

Ela assentiu enquanto enterrava o rosto contra ele, e ele soltou um de seus suspiros habituais.

Ha! Ela ganhou.

— Não é que eu realmente a odeie, — ele admitiu enquanto resmungava. — Ela cuidou de mim a maior parte do tempo. É que... O principal motivo de eu não gostar dela é por causa de Weldir.

Quando ele ficou quieto, ela o cutucou dizendo: — Weldir?

Ele soltou outro suspiro.

— É difícil pensar nele como um pai, mas mais como um criador. Eu só o encontrei algumas vezes, e ele é distante. Não sei se ele se importa conosco, mas por que ele quis que nascêssemos é o que me incomoda.

Ele começou a deslizar suas garras para frente e para trás sobre sua nuca. Ela se perguntou se ele estava fazendo isso como uma forma de se distrair.

— Depois de como reagi ao saber disso, acho que ela escondeu isso de meus irmãos.

— O que você descobriu?

— Que não somos nada além de uma ferramenta para ele. — Azul brilhou em sua visão, e seu coração se apertou de preocupação. — Limpar as almas que ele colhe dos Demônios é desgastante para ele, assim como manter o escudo ao redor do portal de Jabez e seu reino. Ele procurou uma companheira, uma que pudesse procriar, para que pudesse ter filhos. Não contaminamos as almas que acidentalmente carregamos depois de consumirmos a carne. Então,

quando retornarmos ao Véu, ele poderá colhê-las e elas o fortalecerão exponencialmente.

As orelhas de Raewyn dispararam em surpresa. *É por isso que Weldir queria que eles fossem feitos? Por poder?* Seu raciocínio poderia ser malicioso ou justo, dependendo do que fosse.

Já que ele estava tão preso na Terra quanto todos os outros aqui, se sua magia diminuísse muito, ele não seria capaz de manter a barreira no portal de Jabez. Ele poderia estar fazendo isso para proteger os elysios, o que não incomodaria ninguém.

Poderia haver outras razões, mas ela preferiu não pensar nelas quando Merikh continuou falando.

— Descobrir que não sou nada além de um escravo de um mestre, que não sou nada além de um mensageiro de almas para ele, foi doloroso. Achei que fomos criados em desejo, apaixonados e, em vez disso, essa terrível verdade me deixou com uma sensação de vazio. — Suas mãos a apertaram. — Eu sei que ela foi usada como nós. Ela é como as mãos e os pés dele neste mundo, mas ainda assim ela concordou. Como eu disse, ela tentou cuidar de nós, de mim, mas tantas outras coisas terríveis aconteceram entre nós que não consigo perdoá-la, não importa o que ela tenha feito para tentar corrigir isso.

— Como o que? — ela perguntou, apesar de já ter uma suspeita.

— Isso não pode ser suficiente? — ele perguntou em vez disso. — Há algumas coisas que simplesmente não desejo compartilhar com você, Raewyn.

— Por que não? Não vai mudar nada.

— Você não pode fazer promessas quando não sabe a verdade sobre elas.

— Claro, eu posso — disse ela com um sorriso tímido.

Quando ele não disse nada por um longo tempo, acabou caindo. Ela trouxe a mão para a frente e desenhou padrões giratórios em seu estômago para distrair os dois.

— É... é sobre a pessoa que morreu?

Sua próxima respiração soou mais como um chiado angustiado com um gemido baixinho. Isso a atingiu até o âmago de sua essência.

— Você disse que foi um acidente. Eu nunca poderia ficar chateado com você por acidentalmente machucar alguém.

— Raewyn...

— Por favor, Merikh? Eu quero saber. Eu compartilhei coisas com você que não contei aos outros. Apenas os outros conselheiros sabem que Jabez é meu meio-irmão e que perdi a visão. Compartilhei meus segredos com você, mesmo que fossem dolorosos.

Ela o teria ameaçado que se levantaria se ele não contasse, mas não achava que isso funcionaria a seu favor. A paciência dela em seu silêncio foi recompensada de qualquer maneira.

— Eu não sou o primeiro Mavka, — ele admitiu tristemente, mais faíscas azuis. — Não nascemos muito distantes um do outro e agimos de maneira semelhante aos gêmeos — embora não tão próximos.

— Eles parecem duas metades de uma pessoa, — ela riu, esperando acalmá-lo, mesmo que ela realmente não sentisse nenhuma alegria agora.

Ele não foi o primeiro Caminhante do Crepúsculo, e ela já sabia o que isso significava.

— Quando eu era pequeno, se não estava agarrado a Lindiwe, ela me dizia que eu estava agarrado a ele. Ela disse que era difícil se aproximar dele, mas me ter por perto parecia aliviá-lo - como se ele pudesse sentir que eu era jovem e precisava de proteção. Então, um dia, ele me levou embora sem querer e eu voltei totalmente crescido. A partir de então, tudo que eu conhecia era ele. Onde quer que ele fosse, eu ia. Se ele ganhasse mais humanidade, eu também ganhava. Quando brincávamos, brincávamos fortemente. Se eu ganhasse, protegeria o crânio dele até que ele voltasse a crescer, ou vice-versa, e então brincaríamos de novo.

Seus olhos se arregalaram em choque.

— Você brincava de matar um ao outro?

A risada de Merikh foi vazia.

— A morte não significa nada para as criaturas que não morrem. A brincadeira era sobre força, no qual eu era regularmente o vencedor.

— Eu pensei que você disse que quebrar seu crânio mata vocês?

— Isso porque ainda não sabíamos disso. Em vinte e quatro horas, sempre voltávamos para ser provocados por perder. Exceto um dia, ele não o fez. A peça muitas vezes era acompanhada por nossa sede de sangue e, quando foi uma luta particularmente implacável, esmaguei seu crânio em minha mão. Então eu sentei lá, esperando que ele voltasse, e ele nunca voltou. Eu provavelmente teria ficado sentado lá para sempre se Weldir não tivesse vindo para recolher seu crânio e me informar que ele havia morrido. Lindiwe

estava com ele, e acho que me lembro dela chorando e gritando comigo, mas eu estava tão dominado por minhas próprias emoções, negando sua morte, que acabei assustando ela pra caramba. Eu até a machuquei.

Suas mãos a apertaram, e isso permitiu que ela sentisse a força de seu arrependimento.

— Eu tentei atacá-los porque pensei que eles estavam me dizendo que eram a fonte da minha dor. Durante anos, sempre que ela chegava perto de mim, eu atacava instantaneamente. Não dei espaço para ela se aproximar de mim. Eu a odiei por me contar, e ela me odiou por matar um de seus filhos. Nunca houve, e nunca houve mesmo, uma chance de nos relacionarmos. A dor que compartilhamos é muito grande, e eu odeio o jeito que ela olha para mim, cheia de simpatia pela dor que a morte dele me causou. Eu odeio como ela vê isso em mim.

Raewyn não sabia o que dizer. Ela poderia tentar acalmá-lo, mas não queria que ele soubesse que ela também sentia compaixão. Era difícil não.

Ela não conseguia imaginar como era matar acidentalmente seu próprio irmão amado, mas sabia como era perder um.

— É a única vez que me arrependo de ter tirado uma vida — acrescentou. — E agora, estar perto da minha espécie traz de volta memórias que eu não quero. Tenho inveja de que eles saibam sobre nossa fraqueza quando eu não fui presenteado com esse conhecimento, o que provavelmente o teria salvado. Então agora, eu sou o Mavka mais velho, mas não o primeiro, e tudo o que sofri é compartilhado para protegê-los, enquanto eu não fui protegido desse sofrimento.

— Isso não é justo com você, — ela sussurrou.

— Não, não é, mas foi o que aconteceu. Nossa mãe não sabia de nada. Acho que Weldir também não sabia, mas não me importo. Não passamos de coletores de almas para ele, e me pergunto se ele se importa com a morte de um de nós ou se apenas lamenta a perda de um servo.

— Você realmente acha que ele poderia ser tão sem coração? — ela resmungou.

— Ele não tem a porra do coração, — Merikh estalou. — Ele é feito de névoa e nuvem. Duvido que ele tenha um pau para nos fazer.

As bochechas de Raewyn esquentaram de vergonha com suas palavras. Então ela deu um tapinha no peito dele.

— Obrigada por me dizer. Isso explica muito. Posso te abraçar?

— Não — ele rosnou, instantaneamente desmoronando seu coração. — Minhas penas tornam isso impossível.

— Não, elas não. — Ela passou os braços ao redor dele, dobrando os cotovelos para que seus braços subissem pelos lados dele. Ela o apertou. Quando ele não respondeu, ela fez beicinho. — Você deveria me abraçar de volta, você sabe.

Merikh grunhiu antes de deslizar os braços ao redor dela para abraçá-la. Ele estava tenso no começo, mas acabou relaxando. Ele até roçou a lateral do focinho contra ela.

— Acho que é a primeira vez que abraço alguém, — ele admitiu com um murmúrio estranho.

— Eu imaginei isso. Sente-se melhor?

— De jeito nenhum. Não muda nada. — A maioria das pessoas teria mentido, mas ela achava que Merikh não tinha etiqueta social

suficiente para saber disso. — Tem mais alguma pergunta dolorosa que queira me fazer, ou podemos voltar ao antes?

Raewyn mordeu os lábios quando eles tentaram mostrar humor, especialmente porque ela se sentia culpada.

— Na verdade eu tenho.

— Eu disse para você esquecer o que eu disse, — ele resmungou, tão perto de um rosnado. — O que eu disse pouco importa, e não gosto que você tenha ouvido.

Ele estava falando sobre o que ele disse sobre ela.

Ela balançou a cabeça.

— Não se preocupe, não é sobre isso. — Ela não precisava trazê-lo à tona. O que ele disse pintou uma imagem *muito* clara. — É só... você disse algo sobre uma noiva, e Aleron e Ingram também. Não sei o que é isso e esperava que você pudesse me explicar?

Enquanto ainda a abraçava, suas mãos a apertaram a ponto de suas garras cravarem - perigosamente perto de cortá-la.

— Você não precisa saber sobre isso. Não tem nada a ver com você.

Por que isso não parecia a verdade?

Raewyn revirou os olhos. — É como o povo Taihee de quem te falei? Eles costumam morder o parceiro escolhido como uma marca de reivindicação, e isso é considerado sagrado para eles. Violá-lo, sem um bom motivo, pode levar ao banimento.

Não estava solidificando, mas era muito mais complexo desfazer uma reivindicação do que decretar uma. A maioria tendia a ser excessivamente cautelosa com o parceiro de sua escolha.

— Nós nunca poderíamos fazer isso. No momento em que provamos sangue, nossa fome insaciável assumiria o controle. É

apenas um problema de Mavka, com o qual você não precisa se preocupar. — Quando ela abriu a boca, ele deve ter sentido contra o peito, porque rosnou e se afastou do abraço. — Não vou contar mais sobre isso, então nem tente. Se o fizer, vou colocá-la nesta cadeira sozinha e sair.

Viu? Sua ideia anterior de ameaçá-lo com as mesmas palavras não teria funcionado a seu favor.

— Tudo bem — ela fez beicinho, percebendo que ele era mais sensível sobre isso do que qualquer outra coisa.

Quando seu rosnado se transformou em um rosnado suave, provavelmente preocupado que ela tentasse de qualquer maneira, Raewyn rosnou de volta.

Ele se acalmou completamente, como se o vento tivesse sido tirado dele.

Depois de alguns momentos de silêncio pesado e desconfortável, ele fez cócegas em sua nuca, forçando-a a soltar um gemido. Então ele disse calorosamente: — Eu realmente gosto quando você faz isso.

Um sorriso pequeno, mas desapontado curvou seus lábios. *Eu sei*, ela pensou, e é por isso que ela gostava de fazer isso.

CAPÍTULO 32

Raewyn cantarolava contente enquanto se limpava após a refeição, feliz por finalmente ter terminado de injetar sua mana na pedra.

Demorou mais do que deveria porque a fome insaciável de Merikh não era apenas aparente em seu estômago, mas também em sua virilha. Embora ela pudesse dizer que ele estava cauteloso sobre ser autoritário, parecia que ele não estava mais interessado em negar seu desejo.

Raewyn estava grata por isso, pois estava descobrindo que estava ainda mais alegre do que o normal por causa disso. Merikh estava se mostrando encantador agora que se sentia confortável com ela.

Ele não a evitava mais.

Ele pegou uma seção do banco de pedra para trabalhar em qualquer tarefa secreta que ele estava tentando completar para que ele pudesse estar perto dela. Ele ainda não era tão aberto e falador, mas ela tinha a sensação de que era exatamente quem ele era, preferindo preencher o espaço silenciosamente com sua presença prodigiosa em vez de tagarelar. Isso deu a Raewyn a liberdade de falar até que sua língua ficasse seca.

Ele a ajudaria em qualquer tarefa, às vezes fazendo pequenas coisas antes que ela precisasse pedir. Ele assumiu a responsabilidade de descobrir como cozinhar, então ela sempre tinha comida pronta. Ele limpava a caverna quase diariamente – ele não gostava que seus aromas misturados, principalmente os de natureza sexual, o deixassem confuso.

O que ela mais gostou foi que ele foi mais carinhoso: não com as palavras, mas com as ações.

Como agora, ele ficou atrás dela, com as mãos no banco de cada lado dela, e colocou a parte inferior de sua mandíbula em cima de sua cabeça. Então, ele compartilhou sua visão com ela para que ela pudesse ver o que precisava limpar sem ter que sentir.

Ambos sabiam que ela não precisava dele para fazer isso, e era realmente desorientador. A visão dele não combinava com o rosto dela, então ela frequentemente tinha que exagerar em tudo. Quando ela balançou a cabeça, ele moveu a mandíbula para livrá-la dela, então a puxou para trás.

Ele não disse nada, não ofereceu nenhuma explicação. Ele estava apenas procurando atenção silenciosamente, já que ela o ignorou durante a maior parte do dia enquanto estava ocupada.

Em seguida foi a etapa final, a que mais a assustou.

— Seu coração tem batido mais rápido por um tempo, — ele disse em uma voz suave, mas áspera. — Não é como geralmente é quando estou perto, e nem o seu cheiro. Algo está errado?

— Não. Está tudo bem, — ela respondeu enquanto pegava seu prato para colocá-lo em um balde de madeira que mais tarde usaria para limpar tudo.

Merikh moveu a cabeça para olhar para o lado do rosto dela e usou as garras para puxar os cachos para trás da orelha.

— Existem outros indícios, como suas orelhas e sobrancelhas — ele repreendeu, já que as orelhas dela estavam para trás e as sobrancelhas franzidas. — Se você não me disser, vou começar a pensar que A aborreci, e gostaria de saber se o fiz.

Ele foi bastante particular sobre isso.

Se ela não gostasse ou não quisesse fazer alguma coisa, ele rapidamente ajustava seu comportamento. Se ele dissesse algo que a aborrecesse, ele descobriria uma maneira de corrigi-lo.

Sua raiva tornou-se essencialmente inexistente e sua agressão estava presente apenas em suas ações lascivas, e não na animosidade geral.

Merikh não havia mudado. Ele ainda era odioso e rancoroso, mas era apenas em relação a coisas de seu passado ou qualquer coisa além de sua barreira.

Depois que tudo o que não exigia que ela se movesse entre os braços de Merikh foi posto de lado, ela suspirou e virou o rosto para o focinho dele. Ela bateu com o lado do rosto para roubar um beijo ossudo e sem lábios.

— Estou nervosa — ela admitiu. — Estou preocupada em falhar. Não quero aborrecê-lo se eu destruir a pedra e não conseguirmos descobrir uma nova maneira de eu voltar para casa.

— Tenho pensado nisso e, se for o caso... talvez consiga outra.

Raewyn engasgou quando ela se virou.

— Tem outra pedra?

— Eu não sou o único a quem Lindiwe deu uma pedra. Orpheus tem uma, embora tenha um feitiço de proteção contra demônios nela.

A esperança floresceu em seu peito.

— Você acha que ele seria gentil o suficiente para dar para nós?

— Eu não sei, mas também não me importo. Vou roubá-la se ele não quiser, e vou machucá-lo, e qualquer pessoa próxima a ele, se for preciso.

— Merikh! — ela choramingou. Ela diria que estava surpresa com a hostilidade dele, mas não estava.

Enquanto ela estava de frente para ele, ele colocou a cabeça em cima dela novamente para silenciá-la.

— Eu não disse que o mataria, não permanentemente pelo menos. Existe mais alguma coisa sobre sua tarefa que está incomodando você?

Pela maneira como ele perguntou, ela teve a estranha sensação de que ele já sabia o outro motivo. Ele estava apenas sendo atencioso com os sentimentos dela e dando a ela a opção de compartilhar e falar sobre isso.

Ela se inclinou para frente e pressionou a testa contra o peito dele.

— Este feitiço é a razão pela qual perdi minha visão. Não posso perdê-la uma segunda vez, mas se ficar muito volátil, você ou eu podemos nos machucar.

— Não se preocupe comigo. Eu estarei bem. Vou me curar em um dia e, se você se machucar, vou cuidar de suas feridas para que você não precise carregá-las.

Ela desejou que algo tão doce não tivesse que ser nublado com tanta escuridão. Ainda assim, ele conseguiu acalmá-la quando ela não pensou que isso fosse possível.

— Não estou mais com vontade de trabalhar hoje — ela admitiu.

Ela estava cansada e provavelmente dormiria logo. O próximo passo poderia esperar.

Lambendo seus lábios, sobre sua bochecha, e então arrastando sua língua sobre sua orelha, Raewyn estremeceu quando ele

murmurou, — Eu posso te dar outra coisa para pensar.

Apesar da aguda pontada de desejo que agarrou seu abdômen, ela estendeu a mão para o rosto dele para detê-lo. Ela não estava de bom humor, já que suas emoções estavam por toda parte.

— Você poderia me ler mais dessa história?

— Se é isso que você prefere. — Ela gostou de como ele não ficou todo irritado quando ela o negou.

Em vez disso, ele se recostou e a puxou para seu colo, uma vez que estava sentada contra a parede ao lado da lareira. Então, ele estendeu a mão para a mesa e pegou o livro, como se o tivesse colocado por perto. Muitas vezes ela pedia que ele lesse para ela, já que ela não podia, e ele sempre obedecia.

Como sempre fazia quando não estava com sono e ele lia para ela, ela fez um milhão de perguntas sobre o livro. Ela não gostava particularmente de histórias de mistério angustiantes.

Ela também adorava irritá-lo.

Quando ela soube que havia feito muitas perguntas ridículas, como por que as cortinas eram vermelhas ou o carpete azul, ele empurrou o livro para ela.

— Aqui — disse ele com um pequeno grunhido indiferente. — Você lê para mim então.

Suas pálpebras tremeram quando o mundo se abriu em sua visão. Ela olhou ao redor, descobrindo que podia controlar a visão, o que significava que ele tinha dado a ela ao invés de compartilhar a sua.

Era raro que Merikh fizesse isso. Ele só tinha feito isso duas vezes; a primeira vez quando ela fugiu com ele, e a primeira noite

que eles fizeram sexo e ele queria que ela olhasse para ele, pensando que isso a faria querer parar.

Ela piscou para ele em estado de choque.

Ela sempre ficava surpresa com sua aparência de outro mundo. Quando ela imaginava seu rosto, ela sempre via seu crânio de urso e curvado para cima, perto de chifres de touro semelhantes aos do diabo. Ela até imaginou a garra e a espada cicatrizando nele – ela o tocou o suficiente para conhecer cada canto e recanto dele.

– Você me deu sua visão? Eu sei que você não gosta de fazer isso.

– Eu não gostei porque pensei que você iria fugir com ela de novo. – Ele cegamente estendeu a mão e acariciou seu cabelo. – Eu *sempre* retirarei, Raewyn. Sempre. No entanto, não me importo de emprestá-la a você, se você realmente precisar.

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios, e ela deu a ele um beijo surpresa – um que ele não podia ver chegando.

Então ela se acomodou, balançando as costas contra as pernas cruzadas dele até que ela estivesse deitada enquanto lia o livro para ele.

Foi depois de apenas duas páginas que ele declarou *rudemente*:
– Porra, você é tão lenta. Você vai me fazer dormir desse jeito.

– Ei! – ela gritou. – Aprendi a ler e falar as línguas da Terra quando era criança, muito obrigada. Eu era lenta para falar quando cheguei aqui. Eu nem sei que língua estamos falando. Español, eu acho?

– É inglês, Raewyn. Inglês.

Ela revirou os olhos e jogou as mãos para cima.

— Como eu deveria saber disso? Tenho sorte porque meu pai era linguista e aprendeu todas as línguas que pôde para me ensinar; caso contrário, não poderíamos falar um com o outro. Conheço apenas um punhado de idiomas daqui e não fui muito boa em aprendê-los quando criança.

— Você fala tanto que pode ter me beneficiado. Eu poderia ter sintonizado você melhor.

Raewyn o atingiu no peito com o livro.

— Você é um valentão — ela lamentou, sabendo que ele estava apenas brincando.

— Só para você, — ele disse enquanto segurava a parte de trás de sua cabeça e acariciava sua bochecha. — Você é a única criatura com a qual não quero ser duro, mas não me importo de provocá-la.

Seu estômago rodou com ternura.

— Você quer que eu continue lendo ou não? — ela fez beicinho.

— Você poderia ler lentamente para mim até que o mundo acabasse, pequena fada. Sua voz é reconfortante e estou gostando disso.

— Então por que você zombou de mim?

Sua risada era tão quente e leve que seus ouvidos formigaram com sua gentileza. Ele começou a rir com ela mais livremente ultimamente, como se a achasse engraçada. Era estranho, considerando que ele raramente tinha feito isso antes.

— Porque eu pensei que seria engraçado.

— Ha ha — disse ela com um sorriso de escárnio. — Quando você ficou tão alegre?

— Quando uma mulher estranha apareceu e decidiu me irritar com perguntas sobre um livro que eu nem escrevi.

Seus lábios se separaram em descrença. Ele havia se vingado! Para sua consternação, isso a fez derreter por ele.

— É melhor você tomar cuidado, Caminhante do Crepúsculo, ou vou fazer você se arrepender de me conhecer.

Ele riu novamente, desta vez enquanto lambia o lado de seu pescoço.

— Eu já sei que vou.

Ela estava prestes a rir de volta e continuar lendo, mas de repente parou. Ele estava zombando mais dela, ou havia um tom sombrio de honestidade em suas palavras?

Antes que ela pudesse perguntar a ele sobre isso, um trovão alto, estrondoso e quase de parar o coração a fez pular em seus braços. Um *shaa* ondulante se espalhou logo além da entrada, destacando a repentina explosão de chuva quando a nuvem passou sobre a área.

Seus ombros caíram quando ela virou o rosto para ouvir e observar com a visão emprestada de Merikh. O mundo agora parecia menos colorido, em vez de um cinza sombrio na aparência.

O vento soprava do lado do penhasco em que residiam, mas uma temperatura úmida e gelada subia suavemente.

O livro esquecido caiu em seu colo enquanto ela olhava para o miserável mundo exterior.

Ela resmungou: — Eu odeio a chuva.



Como era óbvio que ela havia perdido o interesse no livro, Merikh deslizou suas garras logo atrás de sua orelha enquanto recuperava a visão. Ele virou a cabeça em direção à chuva para encará-la.

Uma sensação de paz tomou conta dele.

Quando ela estremeceu, ele se levantou e a colocou de pé. Ele quase riu de seu rosto cabisbaixo; era evidente que ela estava imersa em seu calor e estava chateada por tê-lo perdido.

No entanto, ela não precisou esperar muito para que ele corrigisse a perturbação. Ele tirou o cobertor da cama, guiou-a para onde ele a queria e sentou-se bem perto da entrada, de frente para ela. Eles estavam a uma distância segura da chuva que caía quando ele a puxou de volta para seu colo como antes, desta vez com o cobertor cobrindo-a.

Ela não sorriu, que era o que ele estava procurando, mas parecia muito mais confortável do que antes. Ela também não estremeceu novamente.

Ele poderia ter perguntado por que ela não gostava desse clima, mas seria apenas algum tipo de reclamação idiota. Ela gostava de reclamar, e era difícil dizer se ela estava falando sério ou apenas tentando irritá-lo de propósito e de brincadeira.

— Eu gosto da chuva. — Como ele estava com as costas apoiadas na lateral do banco, ele podia ver livremente o lado de fora. — Claro, é irritante ficar molhado, especialmente com o meu pelo, mas acho reconfortante. Ela remove o silêncio e o substitui por sua própria música.

Ele disse isso, mas não era toda a verdade. Merikh não queria contar a ela o verdadeiro motivo pelo qual gostava da chuva, por

que frequentemente se jogava em qualquer tempestade para saudá-la.

É como ser abraçado pelo mundo. Era um abraço frio e molhado. Ele baixou os olhos para ela momentaneamente. *Embora este abraço seja muito mais favorável.*

Ele a segurou um pouco mais apertado.

Em toda a sua vida, mesmo com suas primeiras lembranças, ele não conseguia se lembrar de alguma vez ter sido abraçado ou segurar outro assim. Ele nunca segurou ninguém com delicadeza ou calor, nem foi retribuído. Ele nunca teve a respiração calmante de alguém soprando contra seu peito nu ou teve seus batimentos cardíacos vibrando contra ele.

Ele nunca manteve alguém vivo sem terminar em derramamento de sangue.

Isso tudo era novo para ele, e já havia se tornado um vício do qual ele sabia que não iria gostar de se livrar. Ele sofreria calafrios com a perda de seu calor? Ele procuraria alguém para substituir seu cheiro, seu corpo, sua bondade, só porque agora ele estava apaixonado por ser tocado?

Ele viveu sua vida carente de toque repelindo tudo isso – não que tenha sido difícil, já que ninguém estava realmente interessado em se tornar seu companheiro.

Ele virou o rosto para a chuva.

Não quero me tornar como Orpheus.

Ele não queria ficar obcecado com o quão solitário ele estava, apenas para terminar em fracasso toda vez que ele tentasse consertá-lo. Exceto que aparentemente não terminou em fracasso desta vez,

embora Merikh soubesse que provavelmente não seria seu próprio futuro.

Merikh balançou a cabeça com seus pensamentos obscuros, desejando que sua mente não fosse sempre assim. *Não. Eu vou ficar bem.*

Algumas semanas agradáveis com Raewyn não iriam mudar os fundamentos de quem ele era. Ele estava bem antes dela, e ficaria bem sem ela depois que ela se fosse.

Ele estava tão distraído com seus próprios pensamentos que a fungada dela ecoando em sua caverna o assustou.

Ela estava se sentindo um pouco mal hoje, mas quando ele olhou para baixo para ver as lágrimas rolando pelo rosto dela, ele não tinha ideia do que fazer.

Merda, merda, merda. Ela está chorando. Ele inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro. *Eu a fiz chorar?*

Ele não achava que tinha dito nada prejudicial para ela. Por outro lado, ele nem sempre estava ciente de como suas palavras poderiam ser interpretadas - o que geralmente era negativo.

Eu fui insensível a como ela estava se sentindo? Ele estava apenas tentando puxar conversa na esperança de mudar para uma conversa mais positiva. *Devo me desculpar?* Ele estava fazendo muito isso ultimamente.

Sem saber o que mais fazer, ele segurou o lado do rosto dela e enxugou uma lágrima com a ponta do polegar.

— Se eu te chateei...

— O que? — ela engasgou. — N-não. Desculpe. Não estou chorando por sua causa. — Então, com um sorriso falso e quebrado, ela acrescentou: — Estranhamente.

Isso era mentira, considerando que ele não a fazia chorar com frequência. Era por isso que vê-la fazer isso agora era intrigante.

Ela enxugou o rosto para removê-las, mas elss não pararam, não importa o quanto ela tentasse. Ela até chorou na manga que cobria seu pulso.

— Só sinto falta de casa e sinto que a chuva que vem agora é um mau presságio. Estou com medo de estragar esse feitiço como fiz antes, de ficar presa neste reino estúpido onde faz frio quando chove, mesmo no verão. Sinto falta de como é quente não importa onde eu esteja, e que só é inverno quando sinto um friozinho no ar. Sinto falta da minha casa, dos meus amigos e família. Sinto falta do sarcasmo estúpido de Cykran e de como ele sempre me faz rir quando eu deveria estar me concentrando.

Quanto mais ela listava o quanto odiava este mundo, que tinha sido sua casa durante toda a sua vida, mais seu peito afundava. Ela geralmente estava tão feliz e alegre que ouvi-la tão infeliz era desconcertante.

Sua visão mudou para verde quando ele pensou: *Não gosto de ouvir falar desse Demônio, Cykran*. Ele se recusou a admitir que era em parte ciúme que ela era capaz de se aproximar facilmente de outros que eram tão diferentes dela, quando Merikh achava difícil ser próximo até mesmo de sua própria espécie.

Também pode ser porque ele pensou que teria gostado de ocupar o lugar do Demônio. Observar seu trabalho era agradável, até mesmo calmante.

— Sinto falta das minhas joias e do que elas representavam para mim e para minha cultura, como cada pulseira me foi dada pelas minhas conquistas dentro e fora do meu trabalho. Não usá-las

parece que falta um pedaço de mim, mas tive que vendê-las para ter dinheiro aqui, já que os humanos não sustentam os necessitados.

— Eu poderia encontrar uma maneira de conseguir novas joias para você? — ele ofereceu, desejando ser útil. Ele simplesmente roubaria.

Ela soluçou mais forte, fazendo-o estremecer quando percebeu que havia dito a coisa errada.

— Elas não podem ser qualquer coisa. Cada pulseira em cada membro tem um significado e uma gravura. Elas são especiais. Não quero parecer ingrata; Eu só sinto falta de tudo sobre a minha casa. Sinto falta de comer bem e usar roupas que não coçam, de sair para o sol e sentir calor.

— Eu não sabia que você achava isso tão desagradável aqui.

Era tudo o que ele podia dizer, já que não era culpa dele que a Terra fosse do jeito que era. Ele deveria se desculpar por algo que não podia controlar? Era assim que a simpatia funcionava?

— Sinto muito, — ela exclamou. — Eu n-não quero dizer sua casa. Sei que você tentou ser o mais complacente possível. Você tem sido tão útil e não sei o que teria feito sem você. Por favor, dê-me apenas alguns momentos para me recompor. Não sei o que deu em mim.

Ela foi se levantar para ficar sozinha, mas Merikh soltou um rosnado suave quando a puxou de volta para seu colo.

— Não tenho nenhum problema com suas lágrimas, Raewyn. Se você deseja chorar e explicar por que a Terra é terrível, então você está livre para fazê-lo.

— Eu não quero que você pense que eu estou te culpando, ou que estou infeliz por sua causa, — ela disse enquanto virava uma

expressão suplicante para ele.

— Mesmo que fosse esse o caso, tenho certeza que você me contaria, — ele disse, sem saber se isso era verdade. Ele começou a acariciar a cabeça dela, esperando que fosse reconfortante. — Eu não sei como confortar outro, então se eu disser algo que possa ser mal interpretado como algo impensado, entenda que não quero dizer isso, a menos que seja óbvio.

— Tenho certeza que é desconfortável ter alguém chorando no seu colo quando você está tentando aproveitar alguma coisa, — ela respondeu suavemente, esfregando a bochecha molhada na parte de trás do pulso.

Ela acha que eu me importo tanto com a chuva? Ele não era tão superficial.

— Não tanto quanto você pensa. Se você está chorando, com raiva ou feliz, eu gosto da sua companhia. — Seus orbes ameaçaram ficar rosa avermelhados de vergonha com suas próprias palavras, mas ele conseguiu extinguir o desejo. — Não estou acostumado com isso e não sei o que fazer na maioria das vezes, mas se você quiser sentir saudades de casa e chorar em meus braços, eu vou te abraçar, se isso te fizer sentir melhor. Se você quiser sair e chorar sozinha em particular, irei para a chuva. Como já disse, acho agradável, portanto, isso não me aborreceria.

— Não, por favor, fique, — ela fungou enquanto abraçava sua barriga sem colocar os braços ao redor dele. — Eu prometo que vou parar de chorar logo.

Apesar do terrível humor dela e de como isso fazia seu estômago revirar, seu peito estava leve com o desejo dela de ficar exatamente como ela estava - em seu colo.

Ela continuou a chorar enquanto ele acariciava sua cabeça.

— Chove muito em seu reino? — ele perguntou, esperando distraí-la depois de algum tempo.

Ela assentiu.

— Sim, mas é realmente refrescante. Não é miserável como é aqui. Embora eu goste do jeito que soa atingindo o lago.

— Eu gosto disso também. É como se a cachoeira tivesse crescido.

Quando suas lágrimas começaram a baixar, ele sabia que ela estava ouvindo, já que seu rosto estava voltado para fora. Ele compartilhou sua visão com ela mais uma vez e apontou.

— Gosto do cheiro da grama depois da chuva. Tudo cheira fresco e mais vivo, e o lago é muito mais profundo depois, então tem uma cor diferente.

Seus lábios se torceram.

— Eu gostaria de poder nadar nele.

Ele inclinou a cabeça quando seus orbes ficaram amarelos. — Acho que não percebi que você não nadou, só tomou banho. Eu poderia tentar aquecê-lo para você, mas pode levar algumas horas.

Se ele pudesse fazer água morna para banho com seu próprio sangue, ele tinha certeza de que havia uma maneira de aquecer o lago para ela.

Ela balançou a cabeça, fazendo seus cachos balançarem ao redor de sua cabeça.

— Na verdade, é mais quente no lago do que fora dele. — Ela torceu as mãos contra o abdômen. — É só que... a água é realmente desorientadora para mim. Não nado direito desde que perdi a visão. Na cidade de Lezekos, temos uma praia onde podemos nadar, mas a

barreira só impede que as coisas de fora entrem. Como não consigo ver para que lado fica a cidade, sempre tive medo de nadar acidentalmente fora da barreira, embora tenhamos coisas para evitar isso. Mas e se de alguma forma for quebrada um dia? Também não quero me cansar e me afogar, nem ter que pedir ajuda e precisar de socorro. Não me importo quando é um ambiente controlado como uma pequena piscina, mas pelo que me lembro quando você compartilhou sua visão comigo, é realmente grande.

— Você não saberia para onde ir por causa da cachoeira? Você também disse que pode ver a proteção.

— Sim, mas e se eu não sair onde acho que cheguei? O estresse simplesmente não parece valer a pena para mim.

Entendo. Ele não sabia que ela tinha tais reservas sobre sua casa. O que mais ela estava escondendo?

— Eu não sei nadar, — ele admitiu, e o rosto dela disparou para ele em surpresa. Ele rolou a cabeça. — Eu sei como fazer pelo que vi, mas não acho que nenhum Caminhante do Crepúsculo possa flutuar. Eu sou muito denso. Eu simplesmente afundo, como uma pedra jogada na água. — Ele segurou o lado de seu rosto antes de colocar o cabelo atrás da orelha. — Mas eu conheço as partes mais profundas do lago, então posso estar lá com você se quiser nadar nele.

— Realmente? Você faria isso por mim?

Merikh deu de ombros, sem entender por que isso faria um leve sorriso aparecer em seu rosto.

— Claro. Quando estiver ensolarado de novo, podemos nadar se você quiser. — Querendo uma distração porque estava desconfortável com o jeito que ela estava olhando para ele, ele

estendeu a mão para trás para pegar o que estava trabalhando no banco de pedra. — Eu queria te mostrar uma coisa.

Ele entregou a ela dois grandes pedaços de couro grosso com tiras mais finas presas a eles. Ela correu os dedos sobre eles reflexivamente, parecendo confusa sobre o que eram.

— Eles são protetores de braço, — ele afirmou enquanto pegava um dela para que pudesse prendê-lo. — A traseira está sendo difícil de fazer, pois não tenho cintas suficientes para fazer as alças e vou precisar conseguir mais, mas tenho tentado e testado essas. Você não deve se machucar em meus braços novamente se eu as usar.

Ele descansou o braço sobre ela, abraçando-a, enquanto usava o outro braço para mover a mão dela em cima de seu antebraço. A guarda de couro a protegeu de suas penas, e ela curiosamente passou a mão sobre ela.

Não foi perfeito. Se ele estivesse realmente enfurecido, ele os rasgaria em pedaços, mas duvidava que isso acontecesse.

— Você estava fazendo isso para vestir para mim?

Ela virou o rosto para ele com uma emoção que ele não conseguiu decifrar, pois estava um pouco inchada de tanto chorar, mas foi uma que definitivamente machucou seu coração.

— Depois que eu fizer a parte de trás, devo poder me deitar com você. Já que duvido que precise nos defender dentro de minha barreira, posso usar isso por enquanto.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo enquanto tocava o braço dele, sentindo a guarda e como ela era feita. Não era bronzeado, já que ele não se importava com a coloração de couro usual feita por humanos. Ele apenas desejava funcionalidade. Tinha

duas camadas, grossas e robustas, e presas a cintos que ele enfiou entre as duas peças para poder amarrá-la em seu braço em três lugares e impedi-la de se mover.

Quando o rosto dela ficou travesso, ele deveria ter se preparado para as próximas palavras dela.

— Isso significa que você pode usá-las durante o sexo?

Merikh quase engasgou com a saliva. Ele grunhiu em resposta.

Não era essa a sua intenção quando começou a confeccioná-los, mas sim, seriam muito úteis para ela ter mais liberdade durante isso.

Acho que não quero que ela tenha mais liberdade.

Ele já estava apaixonado por tocá-la. Se ela fosse capaz de ser mais ousada sem medo de ser prejudicada por suas penas, como ele sobreviveria a esse lírio tóxico? Especialmente quando ela já o estava envenenando.

Sua cauda de touro se enrolou em apreensão.

Não era mais culpa dela. Ela havia parado de tentar seduzi-lo, já que não fazia sentido. Tudo o que ela tinha que fazer era lançarlhe um certo sorriso doce ou passar a mão sobre os nós dos dedos, e Merikh estava perdido.

Ela abriu um portão, mostrou a ele que estava tudo bem desejá-la como uma dor, e ele finalmente se sentiu confortável o suficiente para ser ele mesmo. Infelizmente para ela, isso significava que ela estava experimentando todos os lados dele, especialmente aqueles de seus desejos há muito negados.

Cada vez que ele a tocava, provava, fodia com ela, Merikh sabia que estava se infectando com ela. Cada vez que ela permitia que ele a segurasse como estava agora, o que ele tentava fazer com frequência, mais ele sucumbia ao seu suave veneno.

E Merikh não dava a mínima se isso o matasse.

CAPÍTULO 33

Merikh lambeu seu focinho enquanto sua mão se estendia para o lado, permitindo a Raewyn liberdade para nadar com uma âncora: ele.

O vestidinho bobo que ela cortara muito curto fazia muito pouco para esconder suas coxas bem torneadas e seu traseiro. Se ela virasse de costas, daria a ele pequenas espiadas fugazes do tufo de pelo em seu monte púbico, seus ossos do quadril, seu umbigo.

Com o sol dourado brilhando sobre sua linda pele marrom-acinzentada, a água a fazia brilhar com brilhos de luz e calor.

Se ele não tivesse lambido quase cada centímetro de suas pernas, quadris, traseiro e torso, ele poderia ter preferido que ela usasse um dos vestidos mais longos e pesados. Agora, em vez disso, ele apenas se maravilhava com a bela sereia nadando em seu próprio lago particular.

Ela não era muito elegante, caso contrário ele poderia pensar que ela era um cisne. Então, novamente, sua pequena fada poderia se tornar o que ela desejasse ser.

Seu cabelo estava preso em uma bola perto do topo de sua cabeça, mantendo-o seguro e seco.

Ele não tinha vontade de espirrar água nela ou mergulhá-la de brincadeira. Eles estavam profundos o suficiente para que a água chegasse quase aos ombros, e ele preferia apenas observá-la pacificamente.

Eles já haviam aprendido que a vibração dele era impossível para ela ouvir assim, então se ela se desorientasse, ele apenas batia

na superfície da água. Ele mal se movia, apenas permitindo o conforto de sua presença enquanto ela nadava.

Ele não precisava se juntar a ela. Ele poderia ter ficado perto da costa, mas ele prometeu fazer isso com ela. Merikh ficou grato por isso, pois estava se divertindo surpreendentemente.

Raewyn não queria fazer isso ontem. A água estava mais fria do que o normal, e ele informou a ela que o sedimento solto do mundo da superfície acima do Véu precisaria de pelo menos um dia para assentar.

Ela trabalhou em uma das etapas finais de sua preparação de feitiço enquanto ele se esgueirava para a cidade mais próxima para roubar alguns cintos para terminar sua guarda de penas nas costas.

Ele voltou sua visão para o vaso de flores atualmente colocado em uma borda da parede do penhasco. A maioria das tulipas havia morrido por causa de suas tentativas de trabalhar a pedra e as flores juntas. Duas permaneceram e, mesmo agora, uma estava brilhando, apesar do sol brilhar sobre ela.

Ela disse que quando o sol começar a desaparecer de verdade, estará feito.

Aparentemente, o problema que ela teve no reino élfico foi que quando ela colocou a pedra na luz do sol por um segundo, ela ficou muito forte. Ela estava impaciente, apesar de ser o final do verão lá, e pensou que seria rápida o suficiente.

Terminou em um acidente que quase matou ela e seus colegas.

No entanto, a Terra não tinha três sóis. Mesmo no verão, a radiação solar, o calor e a luz não eram nem de longe os mesmos. Ela até disse que os invernos em Nyl'theria eram mais quentes do que isso.

Porra, espero que meu pelo me mantenha legal. Ele tinha ouvido falar que raspar certas criaturas poderia tornar mais difícil para eles regularem suas temperaturas, então talvez ele não devesse tentar isso.

Além disso, ele ficaria estranho se cortasse seu pelo.

De qualquer maneira, ela estava tomando seu tempo medindo a quantidade de sol que a pedra, atualmente envolta em pétalas de tulipa, precisava. Não tinha sido suficiente ontem, mas ela pensou que poderia ser até o final de hoje.

Ele se ofereceu para ela nadar nesse meio tempo. Quando ela agarrou o rabo dele para se aproximar, o que pareceu terrivelmente divertido, ele ficou feliz por ter feito isso.

Ela não agarrou o braço dele, já que ele não estava usando suas novas guardas, e em vez disso esperou que ele estendesse a mão para ela novamente. Ele seguiu as dela até que eles se abraçaram.

Ela se arrastou para mais perto até que seus seios bateram contra o peito duro dele.

— Lamento que você não esteja se divertindo, — ela disse, embora sua expressão carecesse de qualquer verdade em seu pedido de desculpas.

Seu pequeno sorriso revelou que ela estava gostando muito disso, e seu rabo balançou sob a água.

— Quem disse que não estou me divertindo? — ele rejeitou, segurando os cotovelos dela, já que ela não parecia querer se separar naquele momento. — Eu estive pensando em te afogar esse tempo todo.

Seu tom estava cheio de humor, e o desejo de rir fez cócegas em seu peito quando ela olhou em sua direção.

— É melhor não. Não quero molhar o cabelo; caso contrário, terei que lavá-lo. — Então ela brincou com um pouco do pelo do peito dele. — É só... você está parado aí enquanto eu nado.

— Eu te disse que eu afundo. — Ele inclinou a cabeça ligeiramente. — Posso fingir, se isso fizer você se sentir melhor.

Seus lábios se curvaram.

— Não. Acho estranho você não poder flutuar. Até os demônios sabem nadar.

— Bem, eu não sou um Demônio, — ele respondeu claramente.

Seu sorriso caloroso morreu, e ela se afastou dele.

— Sobre isso. Eu queria falar com você sobre uma coisa, — ela disse baixinho, sua expressão sombria. — Na verdade, eu queria trazer isso com você por um tempo, mas não tinha certeza de como você reagiria.

Seus pelos se eriçaram e ele teve que forçar seu pelo e penas a relaxar. Ele não queria que ela acidentalmente estendesse a mão e se machucasse.

— Eu deveria estar assustado? — Ele riu calorosamente para esconder sua apreensão.

— Quanto você sabe sobre Weldir?

Sua cabeça se inclinou, enquanto um redemoinho de raiva girava em seu peito, como costumava acontecer ao ouvir o nome de seu 'criador'.

— Eu sei o suficiente.

— E como ele nasceu? — Ela nadou casualmente ao redor dele, sua âncora, e seu rosto ficou solene.

— Não, eu sei muito pouco sobre isso.

Ótimo. Que coisas mais terríveis devo descobrir? Por que ele teve que se tornar o guardião do conhecimento para sua espécie?

— Você sabe alguma coisa sobre as divindades elysias?

— Não. Nem uma única coisa.

Ela fez uma pausa e se virou para ele. Suas pequenas mordidelas nos lábios chamaram sua atenção por vários motivos. Toda vez que ela fazia isso por causa de um pensamento desejoso, ele ansiava por inclinar-se para lambê-los, para acalmá-los.

Nesse contexto, foi o nervosismo. Isso só fez sua apreensão crescer até que seu rabo se enrolou.

— Eu quero saber isso, Raewyn? Como eu disse, às vezes há coisas que eu gostaria de não ter descoberto.

— Não sei? — ela respondeu honestamente. — Eu só gostaria de saber se eu estivesse no seu lugar... bem, patas, eu acho?

Ela estava seriamente tirando sarro de seus dedos com garras agora? Ela quase o deixou sem fôlego quando foi explorar.

O silêncio dele, sem saber como responder, foi a abertura dela.

— Você não é um Demônio, Merikh, mas há uma razão pela qual você e eles parecem compartilhar tantas semelhanças. — Ela se afastou dele, inclinando o rosto para o sol. — Quando os Demônios chegaram a Nyl'theria, a Donzela Dourada tentou ajudá-los a crescer completamente. Ao fazer isso, ela acidentalmente absorveu o vazio deles e acabou apenas os machucando. Ela começou a perder seu poder, como uma infecção corroendo sua essência sagrada, e parou de tentar ajudar quando quase perdeu seu status divino. A infecção foi como um contágio e muitas outras divindades morreram.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

Suas feições se contraíram.

— Ela estava grávida. Ela deu à luz prematuramente, e o que veio dela foi Weldir – um deus meio formado. Ela não pretendia machucá-lo, nunca esperou que ele salvasse sua vida absorvendo o pior do vazio dos Demônios. Como eles, ele não tinha exterior físico. Seu nascimento prematuro significava que ele também não tinha nada interno. Ele nasceu como uma essência.

A frieza que corria por suas veias pulsantes era como uma navalha.

— Ótimo. Portanto, não sou apenas um servo, também sou um maldito mutante.

— Não! — ela exclamou enquanto nadava mais perto. Ela deu um tapinha nele até que ela pressionou contra seu torso mais uma vez. — Nunca consideramos Weldir isso. Ele era filho dela, mas é complicado. Ele é um semideus apenas por causa de sua falta de poder, e a Donzela Dourada deu a ele um dever que ajudaria a fortalecê-lo. Mas...

— Também era um que significava que ele não poderia estar perto dos outros preciosos 'deuses'. — Merikh zombou enquanto virava a cabeça. — Diga o que quiser, mas a intenção era se livrar dele.

— Eu queria te dizer isso para que você soubesse por que você era tão parecido, e que eu me preocupo com o que sua existência significará para ele quando os outros deuses souberem disso. Tenho certeza de que ele também está ciente disso. — Suas orelhas caíram quando ela abaixou a cabeça. — Eu não gosto que você o odeie. Ele era um pária, assim como você, e quero que saiba que provavelmente significa mais para ele do que pensa. Se ele ganhar força suficiente e fizer o que deve fazer aqui, ele receberá uma

posição com o resto de nossas divindades sobreviventes. A Donzela Dourada está fraca há muito tempo, mas sua força está voltando e ela poderá ajudá-lo assim que isso acontecer.

Merikh gentilmente segurou sua garganta para que pudesse levantar seu queixo com toda a mão. Ele gostava de segurá-la ali, e que ela lhe confiasse um lugar tão frágil e delicado.

— Quaisquer que sejam suas razões, nada do que você diga pode apagar como me sinto. Encontrei meu pai três vezes e não passou de informação e dor. Obrigado por me dizer *por que* sou do jeito que sou, mas isso não faz nada além de pesar em minha consciência, assim como tudo o mais que sou forçado a suportar.

— Desculpe. Eu não deveria ter dito nada.

Ele não gostou do jeito que seu peito queimou ao saber de tudo isso, nem como a expressão dela ficou tão solene. Ela tinha sido mística para ele antes. Ele gostaria de voltar a ser como eram apenas alguns minutos atrás.

Ele tirou a mão de debaixo do queixo dela para poder passar as costas de suas garras sobre sua bochecha. Ele as moveu para trás da ponta de sua orelha enquanto a sacudia, fazendo-a estremecer, então levou as pontas de suas garras para baixo em sua garganta.

Ele fez um caminho para baixo no plano de seu esterno.

— Você sempre pode me compensar — ele resmungou, esperando melhorar a situação — de uma forma que o deixasse muito feliz.

Seus olhos semicerrados em suspeita, seus lábios se estreitando. — O que você quer?

— Tire isso enquanto nada. — Ele puxou o decote mal cortado.

— Vou até segurá-lo para você.

Suas feições se iluminaram.

— Oh. Isso é tudo? — Ela foi rápida em deslizá-lo para baixo de seu corpo e entregá-lo a ele. — Embora eu não me importe se você o perder. Eu meio que estraguei tudo.

— Não, eu gosto, — ele respondeu enquanto olhava para os seios empinados flutuando. Seus mamilos marrons estavam rígidos, e ele cutucou um com o lado de sua garra dianteira, fazendo-a cobrir o peito enquanto nadava para trás. — Na próxima vez que você usar, vou arrancar de você.

Ele gostou de como era provocante, já que tudo o mais que ela usava era longo e quase a escondia.

— Se você gosta disso, — ela brincou com um sorriso. — Então você deveria ver que tipo de roupas as mulheres podem usar em meu reino natal.

— Se é mais revelador do que isso, acho que você deveria considerar o quão perigoso é para você.

— Talvez você descubra.

Duvidoso, ele pensou tristemente enquanto ela nadava em círculos ao seu redor - como ela já vinha fazendo metaforicamente há semanas.

Ela mostrou a língua para ele, mas seu sorriso voltou e isso é tudo com o que ele se importava. Ele poderia ignorar todo o resto agora que tinha sua sereia de volta.

Nade, nade, pequena fada, pensou enquanto olhava seu corpo nu através das ondulações da água. *Nade o mais rápido que puder de mim.*



Raewyn cantarolava alegremente enquanto checava sua estação de trabalho. Tudo estava completamente fora do caminho, mas ela só queria checar três vezes.

Seria terrível se algo acontecesse e outros ingredientes estivessem por perto enquanto ela ativava a pedra de mana para sua nova função. Não gostaria de abrir outro portal do caos para uma existência temporária.

Quais são as chances disso acontecer de novo?

Com sua aparente sorte, quem diria? As chances definitivamente não estavam a seu favor.

Ok, então ela estava realmente verificando tudo pela enésima vez porque estava ansiosa.

Ela estava feliz, já que seu longo mergulho no lago havia se transformado em algo muito mais travesso. Ser levada contra a parede do lago não estava no topo de sua lista, mas pelo menos ele não podia reclamar que ela estava limpa de sua semente!

Ela também estava seca, vestida e pronta para trabalhar.

Era provável que ela estivesse se sentindo muito mais relaxada do que estaria por causa de seu momento caloroso de intimidade. Além disso, ele foi gentil o suficiente para apenas... estar lá com ela enquanto ela nadava, e ela apreciou isso mais do que ele jamais saberia.

Ela também desabafou sobre algo que a estava incomodando. Raewyn assumiu que Merikh levaria terrivelmente por saber mais sobre Weldir, mas a estava incomodando que ela soubesse algo sobre ele que ele não sabia. Parecia errado manter isso em segredo, e ela estava pensando em contar a ele desde que eles viajaram para cá.

Merikh era um enigma e, mesmo sabendo sobre essas coisas, parecia suportar o peso de tudo com facilidade. Ela tinha certeza de que era apenas uma fachada, mas mostrava sua força interior.

O dito estóico Caminhante do Crepúsculo entrando na caverna a tirou de seus pensamentos.

— Tudo bem. Aqui está o pote.

O tilintar da cerâmica batendo no banco de pedra fez seus ouvidos tremerem, só porque ele parecia manipular tudo. Estava quebrado, mal preso por uma corda. Ele deveria ser mais cuidadoso.

Ainda assim, ela agradeceu ao aproximá-lo.

No escuro de sua visão, ela podia ver que a tulipa segurando a pedra estava brilhando com a ativação da magia. Ela cuidadosamente afrouxou a fita que mantinha a flor fechada e deixou a pedra cair em sua mão.

Ela não podia ver a pedra, mas podia sentir seu calor, o modo como formigava seus sentidos com poder.

Devo ser rápida agora que o removi de sua ferramenta de absorção. A flor levou algum tempo para descobrir e reconstruir da parte dela, e é por isso que ela ficou tão doente depois de dias tentando mudá-la.

Eles tinham uma ferramenta mecânica feita em seu reino, mas foi projetada de algo semelhante.

— Você vai precisar de alguma ajuda?

— Não, — ela respondeu depois de respirar fundo. — Você não tem que ficar e assistir. Pode demorar um pouco.

— Está bem. Estou interessado no que você está fazendo.

Raewyn segurou a pedra entre as palmas das mãos e derramou magia nela. Começou a flutuar, assim como o cabelo ao redor do rosto, enquanto ela usava um feitiço de flutuação que lhe permitia girá-la e trabalhar em todos os lados.

Uma vez que estava flutuando, e ela finalmente pôde ver a pedra brilhando em preto - uma cor neutra semelhante à sua própria magia de base cinza - seu coração disparou.

Não, está tudo bem. Eu posso fazer isso. Ela se esforçou para tomar outra respiração calmante. *Prometi a Merikh que iríamos para o meu reino, e eu realmente quero ir para casa. Apenas vá devagar. Não seja impaciente como da última vez.*

Raewyn era muito jovem, arrogante e impaciente quando ela fez isso pela última vez. Ela não cometeria esse erro novamente – ela se recusava.

Ao redor da pedra, formou-se uma bola clara de essência. Com sua mente, ela desenhou runas e símbolos circulares por toda parte. Linhas multicoloridas se formaram, branco, preto, azul, verde, vermelho e todas as cores e tons possíveis.

As marcas por todo o corpo começaram a brilhar e ela também conseguiu vê-las.

Depois vinha a parte difícil, que levaria horas.

Ela precisava enredar as minúsculas fibras do feitiço – ela já havia feito isso com sucesso antes, o que terminou em quase uma catástrofe para ela.

Havia milhares de microfios que precisavam ser entrelaçados em padrões. A peça central era um sol, mas parecia incomum – como uma estrela geométrica de vinte e quatro pontas.

Com o suor escorrendo pelas costas e pela testa, ela não sabia quanto tempo ela ficou lá com Merikh olhando para ela. Ele se moveu, já que suas vibrações ficaram mais altas e mais suaves em intervalos diferentes, mas ele não a perturbou.

Não teria importado de qualquer maneira. Ela estava hiperfocada, concentrando-se tão profundamente em sua tarefa que se ele tivesse tentado empurrá-la, tocá-la, qualquer coisa, ela teria ficado rígida e inflexível.

— Raewyn, — ele chamou, mas ela não respondeu. Ela não podia, não quando estava deslizando um fio por baixo de outro antes de sair por cima, apenas para deslizar de volta sob outro diferente. — Faça o que fizer, fique dentro de casa. Não saia da caverna.

Ela queria perguntar por que, mas seus lábios não se moviam. Se ela desviasse muito seus pensamentos de sua tarefa, ela poderia arruinar o feitiço. Ela poderia destruir a pedra.

Apesar disso, ela atenderia ao seu aviso. Se fosse sua mãe novamente, Raewyn não queria se envolver. Ela havia parado de escutar e não queria violar a confiança dele novamente.

Está funcionando, ela pensou enquanto continuava a fabricar o feitiço do sol. *Está funcionando!*

O brilho negro da pedra começou a ficar vermelho no meio.

Está bem, está bem. Vermelho ainda é muito fraco. Mesmo o calor que emitia não era forte. Era o equivalente a um sol de três mil Kelvin, embora apenas uma minúscula gota dele.

No entanto, foi melhor do que ela fez da última vez. Começou branco, e desde que o sol mais quente deles era azul, ela apontou para isso. Não de novo, não depois da última vez.

Começar tão baixo trouxe seus próprios problemas. Ou a baixa qualidade da pedra, mesmo que ela tenha injetado uma grande quantidade de mana nela, estava atrapalhando, ou ela não a deixou no sol por tempo suficiente.

Independentemente disso, ela bombeou com uma pequena quantidade de sua própria magia, e ficou laranja – imitando um sol de quatro mil Kelvin. Ainda não era o suficiente, não para proteger os dois. Pode apenas proteger o usuário se for transformado em um colar.

Ela trabalhou injetando pequenas quantidades de sua própria essência para fortalecer a pedra enquanto também criava o feitiço. Ambos tinham que estar em equilíbrio um com o outro. Caso contrário, seria um fracasso e apenas tão forte, ou a falta de força da pedra faria com que ela se quebrasse se sua energia fosse excessivamente forte.

Não lhe ocorreu que Merikh havia partido há muito tempo, não enquanto ela trabalhava para aperfeiçoar esse equilíbrio.

Então, quando a pedra brilhou com um branco sutil, refletindo uma gota de um sol de dez mil Kelvin, até Raewyn podia sentir o calor na ponta dos dedos.

Ela parou de injetar sua própria essência nela e teceu os fios finais, satisfeita por ambos terem terminado próximos um do outro.

Assim que ela terminou, a pedra parou de brilhar quando caiu em suas mãos. Em vez de apenas disparar, seu coração estava tão

inchado de medo e incerteza que tudo o que ela pôde fazer por um longo tempo foi apenas segurá-la.

Agora, para testar.

Ou daria certo, ou não. Ela temia o resultado.

Faça isso. Tudo o que você precisa fazer é ativá-la.

Ela se forçou, mas apenas mordeu o lábio.

Suas orelhas se contraíram, verificando se Merikh estava lá. Ela não ouviu nada e não sabia se estava agradecida por isso ou não. Ela não queria machucá-lo, mas também tinha medo de fazer isso sozinha.

Ela fechou os olhos, franzindo as sobrancelhas enquanto segurava a pedra com força. Então ela abriu os olhos e a ativou.

Uma explosão de calor e luz a lançou em total brilho.

CAPÍTULO 34

Merikh não conseguiu conter seu rosnado quando saiu de sua caverna.

Não só ele estava sendo perturbado, mas ele estava sendo perturbado por observar Raewyn. Ele estava totalmente fascinado com o que ela estava fazendo, considerando que ele era capaz de ver tudo.

Ele não esperava por isso, e pensou que ela estaria ali parada com pouca indicação do que estava acontecendo.

Em vez disso, ele viu os círculos mágicos se formarem em uma bola de essência. Ele a vira tecendo fios. Ele tinha visto a saborosa gota de suor escorrendo por sua têmpora, sua mandíbula, antes de finalmente mergulhar em seu vestido decotado. Que queda tentadora.

Em vez de observá-la com admiração, ele estava sendo arrastado - por alguém que ele preferia dar um soco na cara do que conversar.

O perigo estava à espreita, e era melhor dar o que ele queria antes que fosse tarde demais. Esperançosamente, se ele o enxotasse, ele não voltaria.

Não havia necessidade de ser cauteloso quando ele se aproximou do homem de orelhas compridas, cabelos brancos e presas de demônio. Merikh estava completamente protegido dentro de sua barreira e não havia absolutamente nada que *ele* pudesse fazer.

Exceto ser intrometido, e é *por isso* que ele imaginou que o filho da puta de olhos vermelhos e chifres estava parado ali.

Seu sorriso, que destacou uma boca de presas estranhamente semelhantes a um tubarão, brilhou. Ele sabia que Merikh viria.

Era porque ele entendia Merikh melhor do que a maioria.

No lado oposto de sua barreira para a entrada da caverna, Merikh cruzou os braços e levantou a ponta do focinho enquanto torcia a cabeça para que ainda pudesse vê-lo.

Ele estava grato por eles estarem em um lugar que tornava difícil espiar dentro de sua casa. Ele não queria que o meio Demônio visse Raewyn.

— Você tem muita coragem de vir aqui, — Merikh advertiu com um rosnado.

— Isso é jeito de cumprimentar um velho amigo? — Jabez riu quando ele acenou com a mão para o lado.

— Deixamos de ser companheiros quando você me trocou por Katerina, e qualquer boa vontade entre nós foi perdida no momento em que você colocou seus demônios em mim.

A bochecha de Jabez se contraiu, provavelmente devido à menção de Katerina.

— Sim, bem, — Jabez disse com indiferença enquanto sobrepunha seus dedos com garras. — Todos nós temos nossas razões.

— Você parece uma merda, — Merikh respondeu, e seu nó na mandíbula cerrou em reação.

Apesar de sua tez castanho-acinzentada, que tinha um tom de cinza élfico semelhante ao de Raewyn, as rugas suaves sob seus olhos pareciam mais profundas e machucadas. Era óbvio que ele não estava dormindo e geralmente parecia... desequilibrado.

Seu longo cabelo branco estava bem penteado. Suas calças marrons estavam limpas, assim como seu corpo. Talvez para qualquer outro ele parecesse bem-feito, bonito até, mas Merikh sabia que não. Não importava que duzentos anos se passaram desde que eles realmente estiveram face a face.

Ele conhecia o homem. Ele também sabia quando estava tramando algo.

— Então, Katerina morreu — afirmou Merikh com muito humor. Jabez mostrou suas presas em um rosnado de advertência, que ele, é claro, ignorou. — Pela nova noiva de Orpheus, nada menos? Você pode apostar que eu me diverti muito com isso.

— Pare de falar dela, — ele rosnou. — Eu vim aqui por uma razão; não me faça mudar de ideia.

— Veio tentar roubar outra fêmea de um de nós?

Talvez insultar o homem enquanto ele tinha sua meia-irmã escondida não fosse sábio, mas não havia outra razão para Jabez se aproximar dele. Por que agora, se não por causa disso? Se um Demônio passou, eles podem tê-la visto.

Esperançosamente, eles eram muito estúpidos para saber *o que* ela era.

— Você está mantendo uma mulher aqui? — Jabez exclamou enquanto inclinava a cabeça, assim como um sorriso curvou seus lábios. — Eu não esperava isso, Orson.

Porra. Ele não deveria ter dito nada.

Os orbes de Merikh brilharam em vermelho.

— Esse não é mais meu nome, e você sabe disso.

Jabez levantou uma garra para bater em seus lábios em pensamento, seus olhos naturalmente vermelhos erguendo-se para o

céu escuro.

— Ah sim. Faz tanto tempo que eu tinha esquecido. Merikh, não é?

— Foi você quem me deu!

— Temperamento, temperamento — ele riu, voltando a olhar para ele. — Eu só estou brincando com você. Tentando quebrar a tensão, por assim dizer.

— O que você quer?

— Sente-se comigo. — Jabez acenou com a mão em direção ao chão. — Há muito sobre o que devemos falar.

Então, como esperava que Merikh fizesse o que lhe foi dito, Jabez se jogou no chão em uma posição de pernas cruzadas. Com as mãos nos joelhos, os pés descalços aparecendo por baixo deles, ele olhou para Merikh com expectativa.

— Sente-se, Merikh. Ficarei aqui até que você o faça, seja um dia, semanas ou meses.

— Por que eu deveria ouvir você? — Merikh zombou.

Seus olhos escureceram, suas pálpebras baixando quando Jabez soltou um estrondo em advertência.

— Você sabe que me desafiar não vai te levar a lugar nenhum. Você sabe que vou ficar aqui até conseguir o que quero. — Ele olhou ao redor das pernas de Merikh antes que seu olhar malicioso o cortasse. — Então, talvez, eu possa ver essa aparente mulher que você tem aqui.

Além de uma batalha de inteligência, que Merikh não sabia que tinha inteligência para vencer, não havia mal em falar com ele. Também era verdade que ele ficaria, e Merikh não queria que ele visse Raewyn.

Foi *essa* ameaça que o fez obedecer.

Ele também se sentou e cruzou as mãos entre as pernas. Ele não disse nada, sabendo que Jabez começaria a tagarelar quando estivesse pronto.

Parecia que era uma característica compartilhada entre irmãos, e era algo que ele aparentemente apreciava em ambos.

No entanto, Jabez levantou uma garra, apontou para ele e cobriu a boca com a outra mão enquanto ria.

— Quando diabos você ficou tão gordo?

Impressionado com a rapidez disso, os orbes de Merikh ficaram rosa avermelhados de vergonha.

— Quando você ficou tão magro? Olhe para você! Você parece que eu poderia partir você em dois soprando em você.

— Magrelo? — Jabez riu, flexionando um braço. — Cresci muito desde a última vez que nos encontramos. Você ficou tão grande que tudo parece pequeno para você agora.

Seu rabo balançou enquanto o vermelho mais uma vez enchia sua visão.

— Vá direto ao ponto, Jabez.

— Já sabe qual é o seu pau? — o homem riu. — Cheira como você. O cheiro daquela fêmea persiste em você, mas estou surpreso que seja tão familiar. Talvez eu a tenha conhecido? Ela é outro Demônio?

Merikh inclinou a cabeça. Ele teria ficado envergonhado se algo não se tornasse aparente. Fazia tanto tempo desde que ele esteve perto de sua irmã que ele não conseguia se lembrar de seu cheiro direito.

Embora ele tivesse tecnicamente se banhado no lago, o cheiro dela permanecia por toda parte dentro de sua casa. Ele pegou restos dela antes de sair, mas não o suficiente para especificar de que espécie ela era.

Em vez de responder, Merikh apenas esperou que Jabez se recuperasse e finalmente contasse por que ele estava aqui. Ele bateu uma garra em seu joelho, chamando a atenção de Jabez.

Seu humor acabou morrendo, vendo que Merikh não era o mesmo Caminhante do Crepúsculo tolo que ele já foi. Ele havia mudado muito nos últimos duzentos anos.

Jabez suspirou enquanto jogava a cabeça de um lado para o outro para empurrar seu longo cabelo para trás. Ele costumava tê-lo amarrado, mas parecia que não queria mais mantê-lo contido.

— Como você mencionou, Katerina foi morta pela nova noiva de Orpheus. — Imitando-o, embora originalmente fosse sua própria característica que Merikh havia adquirido, Jabez também bateu com uma garra em seu joelho. — Em retaliação, ordenei que sua espécie fosse erradicada.

— Isso ficou óbvio pelos Demônios que vieram atrás de mim, mesmo acima da superfície.

Jabez estreitou os olhos, odiando ser interrompido - e é exatamente por isso que Merikh faria disso sua missão durante esta conversa.

— Honestamente, eu estava com raiva e queria vingança por ela.

— Vingança? Você e eu sabemos que foi culpa dela. Não havia razão para ela ser tão odiosa da minha espécie, e ainda assim você a

deixou, a alimentou. A morte dela está mais nas suas mãos do que nas de Orpheus.

Sua bochecha se contorceu, junto com sua mandíbula, e a maneira como suas orelhas pontudas se projetaram para trás revelou que ele estava ficando agitado. Ele não sabia se não fosse por ele observando fascinado os próprios ouvidos de Raewyn.

— Você sabe que eu me importo com ela, que é a única razão pela qual você deseja me culpar.

— Você esteve aqui caçando minha espécie. O que você esperava? Eu estive esperando você acordar. Eu estava esperando que você percebesse que ela era venenosa e a descartasse, para me levar de volta para o seu lado. Em vez disso, você cortou todas as possibilidades disso no primeiro momento em que um Demônio saiu da floresta com sua exigência *real*, sibilando sobre como eles obteriam a glória por me matar e trazer de volta *parte* do meu crânio para você.

— Talvez eu tenha deixado minhas emoções tomarem conta de mim quando eu disse a eles para mirar em você após a morte dela, mas isso não nega o fato de que remover sua espécie enfraqueceria Wieldir. Cada vez que um de vocês traz de volta uma alma por acidente, mais forte ele fica e mais difícil se torna para eu enviar meu exército através do meu portal. Uma vez você me disse que queria que ele fosse embora, mas eu me recusei a ouvir. — Jabez vagou seus olhos pelo corpo de Merikh antes de arremessá-los de volta para seu crânio. — Quero saber se você ainda se sente da mesma maneira.

Ele grunhiu em resposta, não desejando lhe dar uma de verdade.

Jabez, zombando dele, resmungou de volta antes de sorrir. Era um sorriso assustador, que mostrava o quão profundamente ele podia ver em Merikh. Quase parecia que ele estava olhando sob sua própria carne e sua alma distorcida.

— Posso ver que isso não mudou.

— Não tenho mais vontade de atrapalhar. Eu faço o que posso para evitar fortalecê-lo. Comer o coração e a cabeça de um humano me beneficia, mas também me impede de consumir sua alma. Não há mais nada que eu possa fazer para impedi-lo.

— Talvez não. — Ele levantou um braço para encolher os ombros. — Mas o que estou oferecendo irá prejudicá-lo do outro lado. Sua tarefa é impedir que os Demônios cruzem deste mundo para o reino dos Elfos, mas isso não me impede de controlar os presentes do outro lado.

Amarelo encheu sua visão e Merikh inclinou a cabeça.

— O que você está propondo?

— Estou *cansado* de estar aqui, Merikh. Estou cansado deste reino, dos humanos, dos Demônios aqui. Já cansei de caçar sua espécie. Eu mato um, e ele volta à vida e, de repente, há mais dois para eu levar em consideração. Eu matei o Caminhante do Crepúsculo com caveira de gato e, de alguma forma, ele sobreviveu e agora tem seu próprio filho – outro para eu enfrentar.

— Você começou isso, — Merikh respondeu enquanto cruzava os braços, escondendo o fato de que não sabia que tinha mais... família.

Faunus teve um filhote?

— Sim, mas ainda procuro terminar isso. O que os Elfos fizeram comigo — Jabez começou enquanto levantava as mãos para

abrir e fechar os punhos — Não posso ignorar. Eu não posso perdô-lo. Quando fui trancado, comecei a esquecer quem eu era. Tudo o que vi foi a escuridão. Eu estava quase sozinho até que eles colocaram os Demônios dentro de mim, e suas vozes eram tão perturbadas quanto as da minha mente. Você não pode imaginar como foi. Eles me criaram e depois me descartaram quando não conseguiram me controlar.

Essa história parecia familiar.

— Tem certeza que foi isso que aconteceu?

Jabez inclinou a cabeça.

— Você ousa tentar insinuar que eu não conheço minhas próprias memórias? Weldir e os Elfos desejam me manter afastado como se eu fosse algum tipo de vilão, sem levar em consideração o que fizeram comigo, com meus companheiros Demônios. Por que devo ser pintado como o 'bandido'? Em muitas histórias, eu seria um libertador para aqueles que foram banidos. Claro, o verdadeiro mal deseja acabar com aqueles que os desobedecem, mas eu me recuso a permitir isso.

Merikh virou a cabeça. Sim, isso não ia funcionar. Se ele revelasse o que tinha descoberto, Jabez poderia suspeitar da pequena fada que ele tinha sob sua guarda.

No entanto, os elfos foram os culpados por sua mente instável. Pelo que Raewyn disse a ele, eles transformaram um homem em um monstro.

Merikh também sabia que Jabez era normal. Ele ainda buscava a felicidade, o humor, o amor e a bondade – infelizmente, agora isso se limitava apenas a dele.

Já havia incluído Merikh também.

— Eu estou bem ciente de como é estar no escuro, Jabez. Você foi o primeiro a me tirar disso, e aquele que me empurrou de volta para ele.

— Então por que não se junta a mim de novo? — Jabez perguntou enquanto estendia a mão. — Você pode salvar sua espécie fazendo isso.

Os braços de Merikh se soltaram.

— O que você quer dizer?

— Não posso levar nenhum dos Demônios aqui, mas você pode cruzar aquele portal comigo. — O sorriso travesso de Jabez estava cheio de malícia, mas era óbvio que não era para Merikh. Era em direção ao seu objetivo. — Eu preciso de alguém ao meu lado se eu enfrentar os Demônios que permanecem no reino dos Elfos. Uma vez que eles verem o quão forte e rápido você é, eles não tentarão me ferir, não com a magia que uso junto com sua força. Você é muito mais inteligente do que seus irmãos estúpidos, o que o torna *perigoso*. Se trabalharmos juntos, podemos assumir o controle de um exército já presente no reino élfico e finalmente destruí-los. Sua cidade patética se tornará minha para viver, um lugar onde todos nós, Demônios e Mavka, podemos estar em paz. Seus irmãos podem ter um lugar lá onde não serão desprezados pelos humanos da mesma forma que os Demônios foram desprezados por todos. Um lugar onde nenhum de nós precisa se esconder.

Merikh ficou em silêncio.

Jabez estava oferecendo tudo o que ele queria: um lugar longe daqui, onde ele seria aceito, talvez até respeitado. Um lugar fora do controle e do toque de Weldir e Lindiwe.

Jabez tinha sido seu amigo, e ele gostava de estar ao seu lado jovial, embora mimado. O homem era engraçado à sua maneira mórbida.

Ele abaixou o crânio para que sua visão pudesse disparar sobre o chão. *O que eu quero?*

— Pense nisso, Merikh. Perdoe o que aconteceu no passado e podemos voltar a ser como éramos antes. Ao fazer isso, sua espécie será libertada do meu ódio e podemos sair daqui e fazer nosso próprio mundo.

— Não coloque esse fardo sobre mim, — Merikh rosnou enquanto levantava sua visão branca. — Não me dê outra alternativa, ou verei meus irmãos prejudicados se decidir rejeitar sua oferta.

— Eu não faria isso, mas, infelizmente, são as duas únicas opções disponíveis para mim. Ou sou forçado a ficar aqui e descobrir uma maneira de desabilitar a proteção de Weldir, ou vou embora com a única pessoa que pode sair comigo. Já ofereci seus *irmãos* para se juntarem a mim, mas eles escolheram não. Você pode salvá-los de sua estupidez ou morrer junto com eles - mas saiba que não emito isso com animosidade em relação a você. Isso é guerra, e mesmo aqueles que não escolhem um lado podem cair por sua inação.

Merikh teria pensado que isso era algum tipo de estratégia ou truque para prendê-lo, mas sua expressão severa dizia que não era. Jabez estava sendo sincero, e Merikh era o único que poderia, ou mesmo iria, cruzar aquele portal com ele.

Eu cansei de lutar. Estou cansado de sangue, morte e ódio.

O caminho que Jabez estava oferecendo era sangrento, mas era um que ele já havia percorrido. Apenas alguns meses atrás, ele teria agarrado essa chance. Ele estava implorando para que algo assim acontecesse.

Talvez proteger seus irmãos e suas crias fosse parte de seu raciocínio para aceitar, mas ele teria feito isso apenas para escapar. Ele teria feito isso por si mesmo.

Mas agora?

Ele não queria mais sentir o sangue esfriando em suas mãos quando podia sentir os fios quentes de cabelo branco encaracolado. Ele não queria mais cavar suas garras para rasgar a carne quando preferia fazer cócegas ao longo das reentrâncias da espinha de Raewyn, ou coxa, ou a nuca de seu pescoço. Ele preferia que sua língua estivesse coberta por ela, cada parte dela, ao invés do sabor picante e acobreado de sangue e entranhas, ou ácido estomacal.

Ele não percebeu que estava desistindo de seu ódio – até que uma linda elfa tentou sufocá-lo com sua bondade.

Não quero decepcioná-la. Eu não quero... machucá-la.

Se Jabez desejava destruir seu povo, isso significava ela também - a menos que ele escolhesse poupá-la.

Raewyn nunca aceitaria isso. Ela não ficaria ociosa enquanto aqueles ao seu redor fossem prejudicados. Ela tentaria algo, qualquer coisa, para acabar com a luta. Se ele se juntasse a Jabez, ele se tornaria parte de seu sofrimento.

Porra, por que meu peito dói tanto?

Ele arranhou o músculo peitoral sobre o coração até tirar sangue roxo, desejando se livrar dessa dor. Aprofundou-se com a imagem dela coberta com seu próprio sangue, com lábios azuis e um

olhar sem vida que ele tinha visto muito, muito frequentemente em sua vida.

Um olhar que ele tinha sido o motivo.

— Eu posso ver que você precisa de algum tempo para pensar sobre isso, — Jabez disse calmamente, o que tirou Merikh de seus pensamentos. Ele se levantou e limpou a calça marrom antes de esfregar um de seus chifres curvados para trás. — Por enquanto, vou chamar os Demônios para recuar. Você tem uma semana. Se você não vier ao meu castelo até lá, saberei que você tomou sua decisão.

— Minha casa é o ponto mais distante de seu castelo, — Merikh retrucou com um rosnado.

Jabez lançou-lhe um sorriso conhecedor.

— Nós dois sabemos que levará um pouco mais de um dia se você correr muito, muito rápido. A menos que seu novo instinto o atrase, é claro. — Sua risada era calorosa quando ele começou a desaparecer, teletransportando-se como costumava fazer. — Eu sei que você virá, então não me deixe esperando muito tempo.

Merikh, sem saber se suas pernas aguentariam o peso do fardo que acabara de ser lançado sobre ele, permaneceu onde estava sentado.

O que diabos eu faço? Como ele deveria escolher um lado? Por que nunca posso simplesmente escolher meu próprio lado?

Por que ele deve ser colocado no meio de tudo? Por que ele devia saber tudo, lidar com tudo, ser atormentado por tudo? Por que ele não poderia ter apenas um momento de paz em sua vida antes que tudo desse errado?

Se eu escolher Jabez, Raewyn sofrerá danos. Prometi levá-la para casa e não quero mudar isso só por causa disso. Mas qual seria o ponto em

levá-la para casa se ele planejasse ajudar Jabez a destruí-la de qualquer maneira? *Ela é a irmã dele. Ele me deixaria protegê-la se eu a convencesse a se juntar a nós?*

Ele já podia ver o que iria acontecer. Raewyn iria odiá-lo se ele tentasse levá-lo até ela. Sua única opção seria levá-la para casa sem deixar Jabez saber de sua existência aqui, e sem dizer a ela se ele mudasse de lado.

No entanto... ele queria ir para o reino dela com... *ela*.

A vida que ela oferecia, mesmo que isso significasse que ele nunca mais poderia vê-la, era muito mais agradável do que o caminho cheio de sangue que Jabez queria que ele percorresse.

Mas se eu fizer isso, meus irmãos continuarão sendo atacados.

Ele pode não gostar deles, não querer nada com eles, mas a última coisa que ele queria era fazer parte de sua destruição. Ele, à sua maneira, queria protegê-los.

E se eu convencer o povo élfico a deixá-los ir?

Também enfraqueceria Weldir, já que ele precisava de seus 'servos' para lhe trazer almas limpas. Então, novamente, pode não importar no final.

Se eu viajar com Raewyn para o castelo de Jabez e usar seu portal, agora tenho uma semana para fazê-lo com segurança. Ele pode até receber permissão para entrar livremente e, com um bom plano, eles poderiam se atirar no portal antes que Jabez percebesse.

Merikh estendeu a mão enquanto cruzava os braços e agarrou seus chifres para arrancá-los. Um gemido agudo escavou seu peito. A última vez que ele ficou tão angustiado foi quando descobriu que havia matado seu próprio irmão e que não voltaria, não importa quanto tempo ficasse sentado ao lado de seu crânio quebrado.

Era uma agonia pura e absoluta.

Seus orbes quebraram quando gotas começaram a flutuar ao redor de seu crânio, e ele rosnou e estalou suas presas em cada uma. Ele odiava a evidência de suas lágrimas etéreas, que fisicamente representavam as emoções distorcidas que o consumiam por dentro.

Ele deveria voltar para seu velho amigo, ou confiar na mulher que só poderia lhe fazer promessas – sem realmente saber se ela poderia cumpri-las?

Ambos pareciam egoístas e altruístas ao mesmo tempo.

Merikh não sabia por quanto tempo ele lutou internamente, mas ficar sentado ali sob o sol que desaparecia não faria nada. Por alguma razão, tudo o que ele queria era observar Raewyn na esperança de confortá-lo.

Na esperança de que isso o ajudasse a tomar sua decisão. O que era bom ou o que era certo?

Grato por seus orbes terem se tornado sólidos novamente, ele finalmente se levantou. Cada passo mais perto de sua casa apenas aprofundava o buraco oco que se formou em seu peito.

Não sei mais o que fazer...

Assim que ele entrou na entrada, o cheiro de sálvia flutuava de sua casa e uma luz brilhante brilhou. Uma imensa quantidade de calor o fez recuar, seu pelo ameaçando chamuscar.

Estava muito quente, muito claro. A pressão era tão imensa que quando ele ergueu o braço, ele o viu tremendo enquanto tentava proteger não seus orbes, mas seu rosto, pois seus sentidos foram aniquilados de uma só vez. Havia até um *som* vindo dele, como se alguém tivesse batido um poste de metal contra uma superfície dura, e a vibração *dele* irradiava.

Algo vermelho e preto tremeu em sua visão, e ele percebeu que era seu próprio braço. Exceto que algo estranho estava acontecendo com ela, com ele. Seu braço começou a se separar, seu eu físico e seu eu de espectro vermelho se separando, como se seu corpo e alma estivessem vibrando em duas direções diferentes, em comprimentos de onda separados.

Todo o resto ficou branco, seu espectro vermelho o deixando, e ele temia o pior. Ela matou os dois e ele estava prestes a entrar no outro mundo.

Levou apenas alguns segundos para a luz diminuir, para a vibração suavizar e para o calor e a pressão suavizarem.

Seu corpo parou de tentar se separar. O mundo voltou para lhe mostrar o marrom e o cinza das paredes de sua caverna, o banco de pedra que combinava com ele.

Ele não teve a chance de avaliar que coisa estranha havia acabado de acontecer com ele, como ele tinha visto o fantasma vermelho de seu braço, porque ali estava Raewyn.

Acima de suas palmas, uma gota de luz do sol flutuava. Iluminou tudo, ameaçando absorver todas as cores.

O calor era tão intenso que ele não conseguia se aproximar muito, ou começaria a definhar. A radiação que saiu coçou sua carne.

Ele estava dentro de seu raio perigoso, mas apenas à margem dele, onde poderia sobreviver.

Ela, no entanto, tinha um grande sorriso no rosto, aparentemente não afetado por seu poder. As pupilas estelares de seus olhos estavam brilhando, multicoloridas, assim como seus cabelos flutuantes e marcas corporais.

Ela era absolutamente, dolorosamente linda.

Com apenas um feitiço, ela afugentou a escuridão constante que estava presente em sua caverna – assim como nos cantos de seu coração.

Ele percebeu que o que procurava há anos era algo para afugentar tudo o que doía, tudo sombrio e escuro. Ele estava procurando seu oposto polar para que pudesse finalmente se sentir desejado e aceito.

Ele estava procurando sua própria pequena luz, uma estrela para brilhar na mortalha de escuridão e vazio sem fim de sua vida.

Eu quero ela.

Quer fosse aqui na segurança de sua barreira ou em seu reino cheio de todas as coisas magníficas que ela havia contado a ele, quer fosse ao lado de Jabez ou ao lado de seu povo, Merikh queria a única coisa que já lhe permitiu sentir... sem ódio.

Seus orbes se tornaram um flamingo rosa brilhante enquanto ele olhava para seu próprio pedaço de luz pessoal – e não era o que ela estava segurando.

Eu não quero deixá-la ir. Eu quero que ela seja minha.

Ele pensou que poderia lidar com estar em qualquer lugar, em qualquer mundo, desde que ela estivesse lá para iluminá-lo para ele.

CAPÍTULO 35

No momento em que Merikh olhou para Raewyn, ele tomou sua decisão.

Infelizmente para todos os outros, foi a decisão mais egoísta que ele poderia tomar.

Sempre que ela não estava olhando para ele, seus orbes não conseguiam decidir se queriam ser rosa brilhante ou laranja escuro.

Vou mantê-la... aqui... onde é seguro. Onde ninguém poderia tocá-la, nem Jabez, nem os humanos, Demônios, Mavka ou outros Elfos.

Porque ele a havia escolhido. Ele iria convencê-la a se tornar sua noiva. Então, eles poderiam fazer o que quisessem, ir aonde quisessem, e ela seria um Espírito que não poderia fazer mal. Jabez não poderia machucá-la, e uma vez que ela lhe desse sua alma, ninguém poderia tirá-la permanentemente dele.

Eles estariam para sempre entrelaçados.

Assim como seu corpo, sua alma seria dele para guiar.

Através da escuridão e da luz, da dor e do prazer, da felicidade e da raiva, ela seria dele. Ele esperava que ela pudesse guiá-lo em troca, para que ele não caísse na desolação de antes que ela viesse e revirasse sua vida e coração.

Como faço para convencê-la?

Ele envolveu a lateral do focinho com a mão enquanto se sentava na margem e a observava nadar.

Espirrando água enquanto chutava, ela parecia contente. Ela estava muito mais feliz desde que descobriu o feitiço da pedra do sol.

Em sua excitação, pensando que estava sozinha na hora, ela correu no local, gritando de alegria enquanto o segurava.

Ele nunca tinha estado tão dominado pela felicidade a ponto de fazer algo remotamente parecido com isso, mas isso só o engoliu ainda mais. Ele queria isso, com ela. Ele queria que ela compartilhasse isso com ele, que ele fosse a razão de ela ter feito algo tão bobo.

O problema era que ele não achava que poderia convencer Raewyn a se tornar dele. Ele ainda tinha suas dúvidas, mas se a mantivesse em sua casa por tempo suficiente, ele se perguntava se ela aceitaria a ideia.

Ele plantaria a semente primeiro ou esperaria até que ela revelasse seus próprios sentimentos? *Será mesmo possível para ela me amar?*

Merikh fez uma careta. *Porra, eu não me amaria.*

Ainda era possível? Ele esperava sinceramente que sim.

Sem saber, ela havia se tornado uma cativa em sua casa.

Dois dias se passaram desde que ele percebeu que todas as sensações de ternura e dor em seu peito que ele sentia por ela eram muito mais violentas do que ele permitia.

Toda vez que ela tentava falar com ele sobre o plano de passar pelo portal élfico, ele encontrava uma maneira de redirecionar a conversa. Agora que ela havia criado com sucesso a pedra do sol, ela estava pronta para enfrentar os Demônios, ir para casa e compartilhar sua descoberta 'científica' com seu povo.

Seus orbes sempre ameaçavam ficar laranja, mas ele se preocupou no momento em que eles estivessem em sua cidade, ela cairia em si, e ela o deixaria.

Ele espalmou seu rosto ossudo. *Eu sou o pior. Acho que esta é a coisa mais egoísta que já fiz.* Isso não iria detê-lo, porém, não se isso significasse que ele poderia segurar sua alma - tudo por sua disposição de dar a ele.

Ele considerou apenas tomá-la. Não é como se ela pudesse impedi-lo, mas ele preferia não tirar essa escolha dela. Ele não queria o ressentimento dela quando esperava poder ser charmoso.

Não sei ser charmoso. Ele só sabia como destruir as coisas.

Devo comprar uma flor para ela? As mulheres humanas não gostam de presentes? Ele já comprou as tulipas dela, no entanto.

Ela vai começar a me questionar.

Sua evitação sobre eles partirem. Por que ele estava sendo diferente. Até mesmo tocá-la se tornou uma tarefa tensa, já que parecia que seu coração e estômago estavam tentando trocar de lugar... e talvez seu cérebro também.

Seu pênis estremeceu de excitação atrás de sua costura, muito mais necessitado do que o normal. Não ajudou que ele não tivesse soltado por um tempo. Ela também estava nadando naquele vestido vermelho que arruinou, aquele que ele prometeu arrancar dela na próxima vez.

Por alguma razão, era como se seu pau e coração estivessem ligados. Seu desejo de uni-los o estava deixando mais sensível, e ele evitou tocá-la quando pensou que poderia fazer algo estúpido no meio de bombear dentro dela.

Ele não sabia o que era, mas era pegar a alma dela ou revelar seus sentimentos – ambos eram desastrosos. Ele preferia explicar a ela enquanto estava lúcido.

Para se distrair de seus pensamentos, ele terminou de trabalhar em prender a última alça ao protetor de pena para suas costas. Como se ele não pudesse evitar, uma vez que estava preso, e ele só precisava terminar de fechar as duas grandes peças de couro juntas, sua visão vagou para ela.

Ele bateu o rabo contra a superfície da água para que ela soubesse que estava nadando na direção errada, e ela se redirecionou com um sorriso no rosto.

Já era noite, mas o sol não havia desaparecido por muito tempo.

Ele continuou costurando a guarda e suspirou assim que terminou. Ele a jogou nas costas e trabalhou em prendê-la em seu torso para verificar se era adequada. Mesmo que fosse bom o suficiente por enquanto, ele suspirou pesadamente.

Ele pensou que teria trazido a alegria que ele estava procurando.

Em vez disso, tudo o que podia perguntar a si mesmo era: *Como devo pedir a alma dela?*

Ele queria sair e perguntar para que pudesse acabar logo com isso. Seria mais fácil do que viver com a culpa que já estava apodrecendo, e ele não entendia por que seus sentimentos ternos por ela tinham que doer tanto. Era como se seu coração tivesse uma bola de arame farpado dentro dele que ficava esfaqueando o músculo mole em cada bomba.

Como qualquer coisa que tivesse a ver com ela, ele se viu hesitante quando nunca tinha estado assim antes.

Não tenho tempo para hesitar.

Ou sua paciência se esgotaria, ou o relógio para a anistia de Jabez iria - o que tornaria as coisas mais difíceis. Ele tinha uma janela de liberdade para ambos.

Ela é inteligente. Muito mais esperta do que ele, isso era óbvio. Quanto tempo tenho antes que ela perceba o que estou fazendo, que pretendo mantê-la aqui?

Uma hora? Outro dia? Ele quase podia *ouvir* o tique-taque do relógio.

Pela primeira vez em sua vida, ele realmente se sentiu um cara mau, um idiota, um... monstro egoísta.

Ele olhou para suas garras. *O que farei se ela disser não?* Ou pior ainda, um *nunca* definitivo.

Foda-se, ele finalmente encontrou algo que o fazia se sentir bem, o faria feliz, e por acaso era algo tão imprevisível quanto outra pessoa. Ele estava se esforçando o tempo todo para encontrá-lo por conta própria.

Suas mãos se fecharam em punhos, percebendo que era duvidoso que ele o tivesse encontrado sozinho. Ele foi amaldiçoado a experimentar pouco mais do que raiva.

Eu precisava de alguém para me mostrar como sentir algo diferente de ódio.

— O que você está pensando? — Raewyn perguntou a ele em uma voz cantante, mas indiferente.

Ela estava nadando em sua direção, e ele bateu com o rabo para que ela soubesse exatamente onde ele estava.

— Nada, apenas observando, — ele mentiu antes de pensar melhor. — Terminei de fazer minha retaguarda.

Suas pálpebras baixaram.

— Então por que seus orbes ficaram azuis?

Ele levantou a mão para cobrir a órbita de um olho, registrando apenas agora que sua visão havia mudado para uma cor que refletia seus pensamentos melancólicos. Ele se perguntou o que ela viu quando sua visão mudou.

— Na verdade, eu queria te perguntar uma coisa.

Ela veio diretamente entre os joelhos dobrados e saltou sobre os braços esticados para pairar fora da água.

— Você? — ela perguntou com um sorriso malicioso, a apenas um centímetro de seu focinho. Se ele quisesse, poderia ter roubado um beijo de seus doces lábios.

Sua visão disparou para baixo para ver como seu vestido vermelho molhado se moldava perfeitamente a seu corpo: o decote em V de seu monte púbico, os arcos de seus ossos do quadril, seu umbigo e os lados. Seus seios estavam tentando sair da fenda do decote. Seu vestido apenas escondia sua carne. Não fez nada para esconder as curvas de seus seios, ou seus mamilos duros que se projetavam de seus montes. Ele podia até ver as pequenas protuberâncias de suas aréolas.

Sua visão instantaneamente ficou roxa, e seu pênis estremeceu de apenas olhar para os seios dela – como se ele fosse um humano mal-intencionado que não conseguia manter seus pensamentos no lugar. Em seguida, mergulhou mais baixo para olhar para o umbigo e a barriga.

O cheiro dela formigou em seu nariz, limpo e fresco de seu mergulho, mas tão confuso quanto. Já, ele queria bagunçá-la até que ela cheirasse totalmente a ele.

— Quero tanto dar um nó em você — ele disse distraidamente, lambendo sutilmente o focinho.

Ele estava querendo isso há muito tempo.

— Perdão? — Seus braços se dobraram e ela escorregou de volta para a água.

Sua visão instantaneamente ficou rosa avermelhada.

— Não. Espere. — Ele realmente acabou de dizer isso? Não foi isso que ele quis perguntar! — Quero dizer...

Ele virou o crânio para o lado na esperança de esconder a mudança, mas sua visão piscou de volta para o roxo quando ele olhou para ela.

Então, novamente... Se ela rejeitasse ter tudo dele dentro dela, isso poderia mostrar se ele cometeria um erro ao pedir que ela se relacionasse com ele. Se ela aceitasse, desejasse – algo que fosse permanente – isso revelaria se ela tinha sentimentos mais profundos por ele?

Ele não queria prejudicar o que quer que estivesse acontecendo entre eles pedindo sua alma cedo demais. Mas isso? Ele poderia brincar com ela, testá-la, ver se era seguro para ele colocar seu desejo ardente diante dela.

Só há uma maneira de descobrir.

CAPÍTULO 36

Por que Raewyn teve a impressão de que não era isso que ele pretendia perguntar? Também não tinha sido uma pergunta.

Ainda assim, ela estava um pouco confusa com a declaração dele.

Me dar um nó? Como um Taihee? Era uma função sexual que apenas certas espécies podiam desempenhar.

O calor se esvaiu de seu rosto, não por medo, mas por compreensão. *Então é isso que é o anel retorcido na base do pau dele!* Foi o maior momento de palma da mão que ela poderia ter.

Ela o segurou, lambeu, sentiu inchar e nunca somou dois mais dois. Então, novamente, como ela deveria saber? Ela nunca tinha experimentado um antes.

Faíscas roxas brilharam em sua visão. Qualquer estranheza que Merikh acabasse de expressar desapareceu, e ele estendeu a mão para segurar o queixo dela.

Ele a ergueu levemente até que ela estivesse na metade da água e deslizou suas presas dianteiras contra sua bochecha. A respiração dele a invadiu, dançando em seu cabelo ao redor da orelha.

— Sim, minha pequena estrela, eu quero dar um nó nesse seu lindo corpo, — ele retumbou em sua voz áspera, fazendo-a estremecer.

Um guincho baixo a deixou quando ele deslizou o braço ao redor de sua cintura e a ergueu completamente da água. Ele a dobrou em suas pernas cruzadas de modo que os joelhos dela descansassem em suas coxas enquanto as costas de seus pés estavam sobre suas canelas.

Minha pequena estrela? Ele nunca me chamou assim antes.

Ele a chamou de pequena fada, mas nada com 'minha' na frente. Quem era esse Caminhante do Crepúsculo possessivo e o que eles fizeram com Merikh? Ela não achava que ele jamais daria a ela um nome brincalhão de estimação.

— Minha pequena estrela? — ela murmurou quando ele deslizou a língua de sua clavícula até sua mandíbula. — Você não pode me chamar de Rae?

— Eu não quero chamá-la de algo que todo mundo chama, — ele pronunciou enquanto lambia sua orelha. — Quero batizá-la com o nome de algo brilhante e hipnotizante, assim como você.

Tais palavras sentimentais a fizeram virar massa de vidraceiro em suas mãos grandes.

Seus mamilos, que se suavizaram devido ao calor de seu corpo pressionando contra o dela, apertaram novamente. A ternura se acumulou em sua barriga, e só aumentou quando ele começou a lambe gotas de água de seu esterno e ombros, como se cada parte dela fosse saborosa.

— Então, que tal? — Uma mão agarrou seu traseiro para amassar uma bochecha, enquanto a outra espalmou sua coxa antes de cobrir toda sua boceta. — Você vai me levar mais fundo aqui?

— Isso não é possível, — ela sussurrou, esfregando a língua na costura de seus lábios enquanto se apertava contra sua mão áspera em boas-vindas.

Ele respirou mais fundo do que o normal, e ela não tinha certeza se era para sentir seu cheiro ou um suspiro de coragem. Quem sabia com Merikh; ele podia ser quente e frio ao mesmo tempo — difícil de ler.

— Mas é, — ele disse, esfregando suavemente seu clitóris entre dois dedos enquanto se afastava. Suas garras afiadas fizeram cócegas em seu abdômen quando ele o espalmou. — Eu posso mudar você para que meu pau caiba, minha pequena estrela brilhante, e eu adoraria *se* você pudesse segurar tudo de mim.

Merikh mudou muito nas últimas duas semanas desde que eles realmente começaram a se tocar. Ele podia ser cativante quando queria, podia ser direto, mas não como agora. Algo estava diferente.

Raewyn teve a estranha sensação de que ele estava pedindo mais do que apenas um prazer mais profundo.

Ela se recostou e deu a ele mais liberdade para deslizar a mão ainda mais sob o vestido até que ele estivesse segurando um seio. Raewyn se encolheu na primeira vez que seu polegar tocou seu mamilo antes que ela se acomodasse em seu ritmo provocador.

— Por que você não me contou sobre isso antes? — ela ofegou, desejando que sua voz já não fosse tão áspera.

— Porque pode ser permanente, — ele respondeu, lambendo sua garganta. Ela levantou a cabeça quando arrepios surgiram na esteira de sua língua. — Não sei se posso desfazer isso.

Era por isso que ele estava sendo tão coquete? Era como se ele estivesse tentando trazê-la para um estado quente onde ela estaria mais inclinada a fazer o que ele quisesse, desde que se sentisse bem. Seus toques, suas palavras, suas lambidas persistentes, mas provocantes, eram uma distração.

Esta é a primeira vez que ele me pede algo que eu não instiguei. Ela podia entender por que ele não havia perguntado antes; havia uma grande probabilidade de ela ter negado.

Alterar seu corpo de uma forma que pode não ser reversível... claro, isso era um pouco assustador. Era como dar um salto com ele, um grande salto, considerando seu tamanho maciço.

Raewyn poderia ter escolhido ser brincalhona com ele, mas ela não queria destruir sua confiança, nem um pouco. Ele empurrou a mão que segurava seu traseiro entre as coxas para acariciar sua entrada e clitóris ao mesmo tempo, e um pequeno gemido saiu dela.

Então ele embainhou suas garras e enterrou dois dedos dentro de seu núcleo. Ela ficou tensa ao redor deles.

— Já está tão molhada para mim, — ele gemeu enquanto os bombeava. — Eu quero sentir você tomando tudo de mim.

Não foi uma decisão fácil de tomar.

Se fosse outra pessoa pedindo, ela teria fechado as coxas e corrido para as colinas. Mas era Merikh, e a coisa era... ela gostava dele muito mais do que ela provavelmente mostrava a ele.

Quando eles chegassem ao seu reino natal, ela pretendia chutar Cykran para o lado como seu assistente - embora gentilmente, já que ela queria manter a amizade deles - para que Merikh pudesse tomar seu lugar. Ela tinha certeza de que sua casa poderia acomodar o grande Caminhante do Crepúsculo e, como ela morava sozinha e eles já haviam feito um teste aqui, eles poderiam facilmente morar juntos.

Os outros membros do conselho gostariam que alguém 'ficasse de olho' nele, e Raewyn pretendia ser sua observadora. Eles não saberiam que era porque ele era... especial para ela.

Ela nunca desejou tanto a alguém quanto a ele. Ela gostava de todas as partes dele, a boa, a má, a mesquinha, a doce. Ele era cativante, apenas porque muitos dos lados negativos dele vinham do

que ela considerava um passado terrível. E se ela o alimentasse, o curasse?

Basta olhar para ele agora.

O rosnante, silencioso e assustador Caminhante do Crepúsculo que ela conheceu era agora um estrondoso e provocador enquanto ele a tocava cuidadosamente – sendo tão leve com todos os lugares delicados de seu corpo que ele poderia rasgar qualquer coisa em pedaços.

Ela estava certa dele? Não, mas eles tinham *tempo*, e muito. Nada precisava ser decidido agora, e eles poderiam descobrir mais sobre o outro em seu reino natal, onde ela se sentia confortável.

Este passo era obviamente importante para ele, entretanto, e ela não queria extinguir sua chama de esperança. Ele até teve coragem de perguntar a ela; como ela poderia negá-lo?

– Vai doer? – ela sussurrou, esfregando os dedos dele, sentindo o quão molhada ela tinha ficado pela forma como ela os cobria.

– Talvez um pouco, – ele respondeu honestamente. – Mas isso será por causa de minhas garras cortando você. Vou curar você, mas acho que você pode gostar da sensação de engolir mais do meu pau.

Ele já fez isso antes. Ela mordiscou o lábio inferior, um pouco aliviada por ele ao menos saber o que estava fazendo.

– Tudo bem, – ela concedeu, lançando as mãos para frente para desabotoar a calça dele – ela precisava ser rápida antes de mudar de ideia.

Ela não esperava sentir seu pênis inchado contra ele, já extrudado, mas grosso, como se estivesse protegido por seus

tentáculos.

No momento em que a palma da mão dela se agarrou embaixo dele, seus tentáculos se soltaram, dando a ela seu eixo coberto para segurar.

Ele rapidamente retirou a mão de entre as coxas dela, agarrou a parte de trás do vestido e o rasgou dela. O tecido rasgando sua pele queimou um pouco, mas foi mais agradável do que doloroso.

Em segundos, Merikh agarrou sua bunda para empurrar sua boceta contra a parte inferior de seu eixo enquanto lambia seu mamilo. Suas pernas envolveram suas coxas até que os lados de seus pés tocassem a grama, lembrando-a de que estavam do lado de fora.

— N-não deveríamos entrar primeiro?

— Eu não posso esperar tanto tempo — ele gemeu. — Eu não me importo se alguém me vê transando com você.

Ela acariciou seu clitóris com o sulco na parte inferior dele, provocando-se e deixando-a mais molhada. Sua respiração ficou mais ofegante, especialmente quando ele passou a língua sobre a coluna de sua garganta.

Em pouco tempo, foi ela quem sussurrou: — Dentro. Eu preciso de você dentro de mim.

Ele a apertou com força contra ele antes de deslizá-la mais alto. Ele deu a ela um grunhido apreciativo quando ela ajudou a direcionar a cabeça de seu pênis contra sua entrada. Então, ela estava caindo sobre ele. A cabeça entrou, e cada cume fazia com que sua respiração ficasse mais aguda.

Seus tentáculos envolveram suavemente seus quadris.

Como de costume, uma vez que ele estava o mais fundo que ela podia suportá-lo, calafrios a percorreram. Ela tremeu quando

começou a mexer dentro dele, precisando de movimento, incapaz de evitar balançar na dura circunferência dentro dela.

Suas pálpebras piscaram quando seu pênis roçou contra seus lugares mais sensíveis, e ela se inclinou para ele. Com beijos bagunçados, ela soltou pequenos gritos contra seu crânio.

— Espere, — ele rosnou quando agarrou sua bunda para detê-la quando ela tentou ganhar velocidade, esfregando-o profundamente para frente e para trás. — Preciso explicar que, uma vez que você tome tudo de mim, não poderei parar quando meu nó estiver inchando.

— Tudo bem, — ela sussurrou enquanto lutava contra seu aperto para que ela pudesse se mover.

Eu já me sinto tão cheia. Como seria ter mais?

Sentindo-se perto dele, ela enterrou o rosto contra o lado de seu pescoço, roubando seu calor. O cheiro de laranja e canela dele emaranhou em sua mente, e todos os seus medos e preocupações desapareceram. Uma necessidade desesperada começou a crescer, e suas paredes internas se contraíram ao redor dele.

— Raewyn, — ele rosnou em advertência. — Eu serei diferente. Eu preciso que você entenda isso. Não vou *querer* parar.

Seu rosnado e aviso foram ignorados.

— Ok, o que você quiser.

As mãos dela dançaram sobre o peito dele. Ela detectou as alças ali e as empurrou mais para cima até que deslizassem sobre os ombros dele.

Ele acabou a guarda.

Ela timidamente colocou os braços em volta do pescoço dele, e seu coração palpitou timidamente com o fato de que era seguro fazê-

lo. Ela colocou seu peso em seus movimentos de quadril, seus braços ao redor dele como uma âncora. Um gemido agudo escapou dela, e ela se agarrou com mais força, gostando da maneira como o pelo dele fazia cócegas em seu peito.

Ela nunca o tinha abraçado antes, e parecia tão diferente.

Ela parou de se importar com qualquer coisa, exceto a maneira como ele se estava dentro dela, contra ela, preso em seus braços. Sua resistência foi apenas leve; quase não havia movimento, mas ela sabia de duas coisas: Merikh estava dentro dela, e sua cabeça e cumes estavam atingindo seus lugares favoritos absolutos.

Nesse ritmo... — Mmm, — ela gemeu.

Suas respirações eram pesadas, cansadas, sonolentas, como se ele pudesse senti-la pulsando ao seu redor. Ele ralou, — Você não tomou tudo de mim ainda. Não se atreva a vir.

Os olhos de Raewyn reviraram enquanto ele apalpava seu estômago. *Tarde demais*, ela pensou, assim que apertou o rosto contra ele e soltou um grito alto.

Suas pernas se contraíram quando ela veio ao redor dele, e ela se moveu mais rápido quando o calor líquido derramou dela enquanto ela tentava ordenha-lo por conta própria.

Ela agarrou-se com mais força, moveu-se mais rápido e seus quadris estremeceram.

Isso foi até que ela sentiu uma pontada afiada de garras em seu abdômen, e então o súbito solavanco dele empurrando-a até o fundo de seu pênis - o anel torcido era difícil de empurrar, o resto fácil. Raewyn agarrou as bordas de sua guarda traseira enquanto soltava um grito cheio de prazer como se tivesse levado um soco no ponto G.

Ela parou de se mover com os lábios abertos e apenas tremeu e se contorceu contra ele. Seus pés levantaram do chão, arqueando quando ela cravou os calcanhares em suas costas. As paredes de sua boceta o apertaram com força, apertando-o.

Momentos atrás, ela estava molhada do lago, mas agora estava coberta por uma camada de suor.

Seu grunhido sufocado foi tudo o que restou uma vez que seu orgasmo, que tinha explodido em intensidade, finalmente desapareceu. Ele estava segurando sua bunda com as duas mãos e empurrando-a para baixo com força. Tremendo tanto quanto ela, sua guarda havia levantado, como se suas penas estivessem agitadas e tentando se erguer.

Aguentou, felizmente.

— Merikh? — Raewyn sussurrou, seu pulso batendo em torno de seu eixo. Ela estava latejando em todos os lugares, mas ele nunca deixou de ficar tenso.

Com a cabeça apoiada no ombro dela, sua respiração estava ainda mais pesada do que antes, como se ele mal conseguisse respirar. Gritos silenciosos irromperam dele; ela nunca o tinha ouvido fazer aqueles barulhos antes durante o sexo. Ele se parecia impossivelmente duro dentro dela.

— Você não sabe quanto tempo eu queria fazer isso, — ele disse asperamente, sua voz rouca. — Você não sabe como é *incrível*. Tão quente e úmido, vindo ao meu redor enquanto sua boceta apertada suga cada centímetro de mim. — Suas garras cravaram em sua carne um pouco fundo demais para o conforto, e ela saltou para frente para escapar. — Porra. Sinto que meu coração está prestes a parar de bater.

Bom, porque ele estava atualmente com o pau no fundo do coração dela; não fisicamente, mas metaforicamente.

Ela estendeu a mão entre eles para tocar o quão profundo ele estava agora.

A única coisa que não estava dentro dela eram os dois sacos ovais bem na base dele contra os quais ela estava pressionada. Ela deslizou a mão pelo corpo, imaginando onde ele terminava dentro dela – talvez logo depois do umbigo?

A proximidade entre eles agora permitia que ela sentisse a barriga arredondada dele pressionando contra a dela quando ele respirava e, de alguma forma, era mais íntimo do que antes. Seus tentáculos também a envolveram mais, abraçando-a, e ela se mexeu neles.

Ele sibilou em uma respiração, mas sua expiração estava tremendo. Ele se afastou e lambeu os lábios dela, já que eles eram quase da mesma altura com ela em cima dele assim. Quando ela os separou para permitir que sua língua entrasse em sua boca, ele segurou a parte de trás de sua cabeça, suas garras perfurando seu cabelo para raspar contra seu couro cabeludo.

Com a outra mão ainda segurando sua bunda, ela começou a cair para o lado. Merikh a colocou de volta no chão. Enquanto ela envolvia suas pernas livremente ao redor de sua cintura, os saltos de seus pés contra sua guarda, ele se deitou sobre ela endireitando suas pernas.

Apoiando-se nos cotovelos, sua língua girando dentro de sua boca, ele se enterrou profundamente, e Raewyn gemeu contra suas presas.

Era um tipo diferente de plenitude, que a fazia apertar em êxtase debaixo dele. Mantendo o braço em volta do pescoço dele, o outro nas costas, ela cravou as unhas no couro.

Esta é a primeira vez que eu o seguro assim. Ele era enorme em seus braços, mas Raewyn o forçou a dar mais peso a ela.

Quando ele finalmente começou a se mover, ela estremeceu cada vez que ele tentou passar o anel retorcido por ela. Ele soltou gemidos agudos, seu corpo ficando cada vez mais tenso, enquanto ele empurrava surpreendentemente lento e medido.

Ela desejou que não parecesse tão desconfortável, como se aquela parte dele fosse muito grossa para continuar se movendo através de sua entrada, especialmente quando ele enfiou o braço sob os joelhos dela para abrir ainda mais as pernas dela, tentando facilitar o caminho para ela. Ele deve ter notado como era apertado, que nem mesmo seu feitiço a salvou.

Virando a cabeça para o lado para remover a língua de sua boca, ela tragou para respirar.

— E-eu sinto muito, mas dói. Você não pode mover tanto seu nó através de mim?

As estocadas de Merikh não mudaram de velocidade, mas ele recuou. Ela ficou surpresa por ele não se enterrar mais fundo.

Ele ergueu os quadris dela, uma de suas pernas dobrada sobre seu cotovelo direito, e colocou ambas as mãos contra o chão para se firmar, forçando-a a se curvar.

— Melhor? — Quando ela assentiu, relaxando sob ele mais uma vez, ele lambeu seu pescoço exposto. — Ótimo, porque logo será seu.

Por que isso soou ameaçador?

Raewyn não se importou, não quando ela foi forçada a segurar seus antebraços para salvar sua vida quando ele começou a estocar rápido. Com a forma como seus quadris estavam inclinados para ele, a cabeça e os centímetros de saliência atrás dela bombardearam um ponto que a fez gemer.

Ela apreciava que ele cuidasse de seu bem-estar, mesmo quando ele estava gostando. Para mostrar a ele sua gratidão, ela estendeu a mão, encontrou um chifre e o puxou para mais perto.

Raewyn beijou qualquer parte de seu crânio que fez contato com os lábios dela, e então apenas soltou pequenos gritos contra o osso frio. O suor escorria por suas costas e peito, o calor dele e a própria excitação dela sufocando-a.

Por que ele tinha que cheirar tão bem, soar tão bem? Por que cada parte de seu corpo cantava para ele? A barriga grossa dele esfregando contra a dela continuou espalhando calor por ela. Seu pelo sempre fazia sua pele formigar sempre que a tocava. Seus tentáculos estavam agarrados em sua pele, mas ela gostava de como eles eram macios, como eles não a machucavam. Mesmo sua respiração ofegante sobre ela a fez quebrar debaixo dele.

Por que ele tinha um pênis tão estranho que parecia tão maravilhoso?

Não havia uma parte dele, do rabo, ao chifre, à garra, que ela não descongelasse.

Seus gemidos sutis a fizeram querer emaranhar seus próprios ruídos lascivos com eles para que fossem uma canção harmoniosa.

Não era justo. Não deveria ser tão fácil desarmá-la, e ainda assim, aqui estava ela, prestes a perder a cabeça para outro orgasmo perturbador.

— Merikh, — ela choramingou, sua voz rouca e aérea. — *Merikh*.

— Eu gosto quando você chama meu nome assim. — Seu pênis inchou momentaneamente e a enviou para as profundezas do êxtase.

Seu gemido grunhido de seus espasmos em torno de seu pênis foi abafado por seu grito alto e oculto. Sua cabeça se inclinou quando ela se arqueou, o que só fez com que seu eixo fosse mais profundo.

Suas pálpebras piscaram enquanto seus olhos rolavam antes de fechá-los completamente para cerrá-los. Suas unhas cortaram a proteção de seu antebraço, enquanto sua outra mão rasgou seu peito e cravou em seus músculos flexionados.

Merikh soltou sua perna e enrolou os braços em suas costas, segurando-a com força enquanto se deitava em cima dela. Trancada no lugar, assim como seu corpo estava amolecendo, ele começou a empurrar todo o seu pênis dentro dela.

Foi ainda mais apertado para apertar o anel torcido na base de seu pênis através de sua entrada. Antes que ela pudesse pedir-lhe para esperar, ele inclinou os quadris para um lado, depois para o outro, e atravessou.

Raewyn engasgou, assim como um estrangulamento rasgou dele.

Mais uma vez, ele estava profundamente, mas qualquer dor desconfortável foi aniquilada por seus puxões. Havia uma pressão maravilhosa, incomum, mas que fazia suas pernas tremerem loucamente.

Foi crescendo enquanto ele acariciava suas entranhas. Seus olhos se abriram de surpresa e tensão, e ela colocou os braços ao

redor de seu torso para segurá-lo, abraçá-lo, apenas... qualquer coisa para ajudar a se firmar por isso.

Oh, santa donzela. Eu posso sentir isso. Ela podia sentir seu nó engrossando, inflando dentro dela, e estava empurrando em pontos que eram demais.

Ela acabou de gozar, e ainda assim cada golpe a fazia espumar. Era tão maravilhoso que quase beirava a dor; nenhuma pessoa deveria sentir algo tão prazeroso. Sua mente, seu corpo, nenhum deles poderia lidar com isso. Era muito intenso.

E ele foi ficando *maior*.

Lágrimas pontilharam seus cílios quando ela começou a gozar novamente, mas desta vez, não parou.



Merikh estremeceu violentamente no momento em que enterrou todo o comprimento de seu pênis dentro dela. Empurrar seu monte púbico tinha sido um desafio.

Ele tinha a intenção de empurrar seu nó dentro dela antes que começasse a inchar, mas o gozo dela de repente iniciou o processo de sua própria liberação.

Este normalmente seria o ponto quando ele começaria a bater nela, forte, rápido, tentando aliviar a dor em seu pênis e o nó exposto. Normalmente, quando o anel retorcido engrossava, o calor crescente nele contra o ar frio implorava para que ele o enterrasse

dentro dela. Seria uma agonia, um desejo que ele não poderia satisfazer.

Agora, porém... Os estremecimentos febris de Merikh tornaram-se violentos quando ele diminuiu suas estocadas. Ele arremeteu com força, abrindo caminho enquanto se deitava sobre ela, seus corpos fortemente entrelaçados escorregando um sobre o outro.

Seu gemido foi de felicidade absoluta, abalado, baixo e atordoado.

Seu nó era uma das partes mais sensíveis dele, assim como a cabeça de seu pênis que ficava batendo levemente contra o colo do útero dela. Tendo ambos aconchegados dentro dela, duas zonas erógenas intensas, quebrou-o.

Tão quente. Ela é tão quente. Suas respirações estavam estranguladas e sua boca cheia de baba que escorria por suas presas e caía na grama. *Tão molhada e apertada.* Ela estava ficando mais molhada cada vez que ele se movia, ordenhando-o em espasmos pesados e trêmulos que não cessavam.

Ele não conseguia pensar em nada além da maneira como sua virilha irradiava prazer, exceto pelo formigamento que subia e descia por sua espinha.

Se ele queria falar, era incapaz. Respirar estava se tornando opcional, e ele estava certo de que seu coração estava prestes a desistir.

Qualquer controle que ele tinha sobre si mesmo foi obliterado. Perdido. Inexistente.

Sua visão era de uma cor púrpura tão profunda que era como ver através de uma névoa escura, e tudo o que ele conseguia ver

eram cabelos brancos. Tudo o que ele podia cheirar era ela, não a grama, o ar, a sujeira ou o lago. Afogou-o, sufocou-o, *comeu-o*.

Quando sentiu o cheiro de sangue, parou de agarrá-la e virou os braços para poder agarrar a terra. Suas pernas estavam enroladas ao redor de seus lados, chutando e se contorcendo, e ele sentiu cada uma de suas contorções ao redor de seu eixo excitado.

Isso é tão bom. Nada parecia melhor. Sua língua caiu para frente para que ele pudesse sentir o ar e respirar melhor.

— Merikh, — ela gritou, o que só fez seu nó saltar de tamanho e forçá-la a ofegar. — Espere. Por favor. É-É demais.

Suas palavras eram inaudíveis para ele, como se sua mente não pudesse processar nada além do que estava acontecendo dentro dela. A voz dela brincava ao redor dele, embalando-o ainda mais.

Suas estocadas se tornaram mais rasas. Seu nó estava descendo e dando a ele menos centímetros para puxar para trás, para brincar com ele.

Nada naquele momento seria capaz de separá-los.

Mesmo que quisesse parar, estava muito inchado para sair dela. Eles estavam presos juntos.

No entanto, o prazer era tão enorme e consumia que ele não iria, *não poderia*, se afastar. Ele não pararia de se mover até que estivesse dentro dela, mesmo que ela implorasse. Nem mesmo um Demônio, humano ou outro Mavka o impediria - ele apenas estenderia suas penas e a protegeria do perigo enquanto a escravizava sem pensar.

Merikh era impensado, incapaz de se controlar, exatamente como quando sua raiva e fome assumiram o controle. Nada iria tirá-lo disso - e é por isso que ele a avisou em primeiro lugar.

Já que ele não estava ouvindo, ela estendeu a mão atrás dele e agarrou um de seus chifres. Ela puxou a cabeça dele para trás, inclinando-a e dobrando seu pescoço de maneira não natural, e ele apenas tremeu de felicidade com isso. Ele esperava que ela puxasse mais forte, então ele tentou foder mais fundo.

Embora a palavra nunca tenha se formado verdadeiramente em sua mente, seu corpo, sua alma, seu coração, cada um deles irradiava a essência da *minha*.

Não havia violência em suas estocadas. Ele nem tinha forças para rosnar. Não havia um osso agressivo deixado em seu corpo. Em vez disso, ele foi substituído por uma criatura completamente entorpecida pelo prazer.

Ele era apenas uma dor pulsante, um macho pateticamente carente.

Seus orgasmos continuaram a jorrar dela, e eles pingavam ao longo de seus tentáculos. Tudo estava saturado nela, e o esmagamento de seus corpos era alto enquanto ressoava em seus ouvidos. Ela continuou ordenhando-o por sua felicidade líquida iminente.

Merikh estava prestes a inundá-la com isso.

Um soluço de prazer partiu dela, bem quando ele percebeu algo se movendo contra seu estômago com a forma como ele a estava esmagando sob ele. Seu nó havia inchado a ponto de estar inchado por dentro.

Pobre fêmea. O que mais ela achava que ia acontecer? Ela o explorou, tocou, sabia o que era – deveria ter percebido o que faria dentro dela, como estaria pressionando contra suas paredes internas.

Oh Deus. Tão perto. Não posso parar. Não posso parar. Ele perdeu totalmente a visão.

Ela desistiu de puxá-lo e apenas o segurou com todos os seus membros. Ela até mordeu a lateral do pescoço dele, abafando seus gemidos e gritos.

O desejo de morder de volta o atingiu, mas foi ofuscado pelo que seus dentinhos chatos causaram. Sua mão desceu para agarrar sua bunda para mantê-la quieta, enquanto a outra rasgava a terra bem ao lado de sua cabeça.

Suas penas tentaram levantar. Elas puxaram todas as tiras que o cobriam e ameaçaram se romper com a força de seu corpo.

Assim que ele se afastou para conectá-la, seus tentáculos fizeram algo que nunca tinham feito antes. Eles a afastaram, cedendo ao mesmo desejo em vez de tentar puxá-la para baixo como de costume.

Ele respirou fundo, bem quando seus pulmões entraram em colapso. Seu coração parou, assim que seu pênis assumiu o bombeamento. Sua visão escureceu e ela soltou um suspiro na primeira explosão pesada de semente que explodiu dele.

Merikh acidentalmente arranhou o fundo de sua bunda enquanto soltava um rugido estrangulado. Ele a prendeu sob seu corpo, enrolando-se ao redor dela como se quisesse rastejar para dentro dela. Seus quadris estremeceram com tremores enquanto ele a enchia com seu êxtase líquido.

Ele não achava que seu pênis já tinha estado tão duro antes, seu nó tão inchado, ou se ele já gozou tão duro ou tanto quanto ele fez naquele momento. Nada poderia se comparar a encher a boceta macia de Raewyn, dando assim.

A cabeça dele caiu ao lado da dela, descansando como se fosse muito pesada para ele segurar enquanto bombeava dentro dela. Seus cotovelos tremeram, ameaçando dobrar e realmente esmagá-la sob seu peso.

Ela era tão maravilhosa, tão perfeita por lhe dar isso, por deixá-lo experimentar esse tipo de êxtase com ela. Ela era um paraíso para seu coração, tanto quanto para seu corpo. Para alguém que só experimentou a dor da danação, ele sabia, até o âmago de seu ser, que destruiria qualquer um que tentasse afastá-la dele.

Quando seu pênis cessou de se contorcer dentro dela, Merikh não pôde mover um músculo. Raewyn ficou lânguida e seus braços caíram para os lados.

Ambos ofegavam, mas os dele estavam misturados com ganidos quando tremores secundários causavam pequenas gotas extras vindo dele - como se seu corpo estivesse confuso. Foda-se, ainda parecia que ele estava gastando cada vez. Nesse ritmo, ele iria machucar seu próprio pênis.

Deu uma pulsação dolorosa.

Depois de alguns momentos, Raewyn ganhou um pouco de força. Com isso, ela começou a socar seus lados com o fundo de seus punhos.

— E-eu disse para você parar — ela uivou fracamente.

Ela disse? Ele não tinha ouvido isso.

Merikh passou os braços ao redor dela para poder abraçá-la. Ele espalhou um líquido questionável de sua bunda para a parte inferior das costas, um pouco grosso e pegajoso, um pouco aguado. O que ele sabia era que podia sentir o cheiro de sangue.

Felizmente, sua excitação estava dominando, mas ele a curou de todas as feridas e ganhou um corte decente em sua própria bunda.

— Sinto muito, — ele sussurrou, abraçando-a com mais força.
— Eu não posso evitar quando estou tão fundo. É uma das razões pelas quais não fiz isso antes. Não consigo pensar no final. Literalmente.

— Eu gozei tanto que doeu, — ela gemeu. — Achei que minha boceta fosse cair ou explodir.

Apesar do latejar em sua cabeça, como se o sangue estivesse voltando para seu cérebro, Merikh engasgou com uma risada. Ele finalmente levantou a cabeça para poder lambe sua bochecha manchada de lágrimas.

— Isso significa que você não vai me deixar fazer isso de novo? Seus lábios se apertaram enquanto seus olhos se estreitavam em um brilho. — Eu não disse isso.

— Bom, porque eu quero fazer de novo. Agora, até.

Deuses, ele iria querer fazer isso a cada minuto do dia com ela.

Com esse pensamento, Merikh se afastou para poder olhar para baixo. Ele balançou para frente e para trás uma vez para verificar o estado de tudo dentro dela. Sua cabeça disparou para cima quando ela deu um tapa em seu peito.

— Ainda não! Preciso de tempo. Tudo está formigando e sensível agora. — Então ela baixou a mão até o abdômen. — E eu me sinto... muito estranha por dentro.

Olhando para onde eles estavam unidos, Merikh lambeu seu focinho. Ele não tinha dúvidas de que ela se sentia 'estranha'.

Seu nó não estava mais criando uma protuberância, já que estava descendo, mas ela parecia... inchada com sua semente. Nem uma *gota* havia derramado de sua boceta, seu nó a mantinha dentro. Quando ele se movia um pouco, seu pênis mal roçava as paredes dela, já que ela estava inundada e esticada com seu esperma.

— Eu gostaria de te mostrar uma coisa, — ele disse em um tom de provocação cheio de tanto *calor*.

O estremecimento que veio dele foi de feroz luxúria e alegria pelo que estava prestes a ser revelado.

— Oh não, — ela gritou enquanto cobria os olhos — como se isso fosse salvá-la quando ele começasse a compartilhar sua visão com ela. — O que é? O que você fez comigo?

Merikh manuseou seu clitóris e depois esfregou uma linha molhada até o umbigo. Tudo estava mais macio do que o normal, e sua barriga não parecia tão lisa. Ele estava bastante agradecido por ela ter a corrente anticoncepcional em volta da cintura, já que ele se perguntou se ela segurando tanto de sua semente poderia desafiar todas as probabilidades e engravidá-la acidentalmente.

— M-Merikh? — ela perguntou nervosamente quando ele saltou com o polegar contra a carne de seu estômago, empurrando sua semente ao redor.

Ele trabalhou seu nó para amolecer, e o amarelo encheu sua visão quando ele finalmente o arrancou dela. Uma cachoeira de sêmen branco jorrou atrás dele, derramando-se sobre seu pênis e o chão como uma inundação.

Roxo instantaneamente substituiu sua visão, e ele ficou tentado a enterrar seu grosso pênis de volta dentro dela. Parecia um pouco

mais venoso do que o normal, ainda insuportavelmente duro - mas apenas porque parecia estar preso em um estado ereto.

Isso provavelmente *não era* uma coisa boa.

— Oh meu Deus! Isso... isso foi... Você não acabou de me mostrar isso! — Ela fechou as pernas e virou para o lado. — Isso foi tão perverso. Por que *eu*?

— Reclame o quanto quiser, — ele riu calorosamente, arrastando-a para mais perto. Ele parou de compartilhar sua visão com ela, mas estava bastante feliz consigo mesmo por ter mostrado a ela algo tão pervertido. — Mas você veio ao meu redor o tempo todo. Eu não vim tanto por conta própria.

Ela drenou mais dele por sua boceta constantemente tremendo e espasmódica ao redor de seu eixo.

Ela se fingiu de morta, agindo toda mole e sem vida, quando ele a pegou enquanto estava de joelhos. Não era a primeira vez que ela fazia isso.

Ele mesmo foi forçado a envolver as pernas dela ao redor de sua cintura, então trabalhou para colocar os braços dela sobre seus ombros. Merikh a abraçou, grato por poder fazê-lo corretamente agora por causa dos guardas que havia feito. Ele esfregou o lado de seu crânio contra sua orelha, bochecha e cachos macios para acariciá-la.

Ele não conseguia ronronar, mas deu a ela murmúrios e grunhidos leves e apreciativos.

Ela aceitou tudo de mim. Isso significa que ela se tornaria minha noiva se eu a pedisse?

Ele pressionou seu esterno, que era onde sua alma estava escondida, bem sobre seu coração. *Eu nunca quis nada tanto quanto eu*

quero que ela seja minha.

Seu próprio pedaço de luz estelar.

CAPÍTULO 37

Aproveitando tudo o que era o grande Caminhante do Crepúsculo, Raewyn se aproximou um pouco mais. Atualmente, eles estavam deitados na cama de lado, peito contra peito. Seus braços estavam ao redor dela, e seu abraço era tão íntimo que até mesmo seu rabo se enrolou em torno de sua coxa.

Seu braço esquerdo estava em volta dele enquanto o outro estava preso entre eles. Ela tentou jogar a perna sobre ele, mas o cara era muito grande para ela fazer isso. Então, ele colocou o joelho de cima para trás para que ela pudesse apoiá-lo na parte inferior da coxa.

Eu nunca me deitei com ele antes. Não era de admirar que ele já estivesse roncando baixinho, e ela gostava de pensar que era porque ele estava totalmente contente. *Eu nunca fui capaz de tocá-lo enquanto ele dorme.*

Embora ela estivesse deitada com ele desde que *finalmente* pôde, sua mente estava correndo depois de tudo o que aconteceu esta noite. A segunda vez foi tão intensa quanto a primeira. Fisicamente, ela estava mole como poderia estar.

Ter que ser tirada da cama para que ela pudesse ser estourada como uma maldita garrafa era embaraçoso, mas ainda era melhor do que fazer uma bagunça na cama. Ela também meio que gostou da sensação de seu nó se desprendendo e então liberando o que ela estava segurando.

Seus impulsos mais lentos durante o sexo faziam com que parecesse mais íntimo. Ela conseguiu segurá-lo o tempo todo, agarrá-lo e mordê-lo como quisesse. E seus sons... como ele estava

apaixonado durante isso. Bem, ela teria sofrido uma terceira vez, desde que pudesse experimentar isso – mesmo que ele tivesse arrancado tanto dela, ela não achava que tinha uma gota para dar.

Graças aos Deuses ele poderia lubrificar os dois. Ela estava crua, mas não zombeteira, uma mulher totalmente conquistada.

Na realidade, fisicamente, ela irradiava um nível de satisfação que não achava possível. Ela nunca tinha conseguido isso antes.

Infelizmente, foram seus pensamentos, seu *coração*, que estavam correndo. Ela tentou acalmá-los, tentou aliviá-los para que ela pudesse apenas deitar lá com ele, mas não conseguiu.

Ela puxou o braço para trás para poder cobrir o rosto com as mãos e enterrá-las contra ele. Suas orelhas dispararam para trás em ansiedade quando ela mordeu os lábios para impedir qualquer ruído de angústia.

Acho... acho que estou me apaixonando por você, Merikh, pensou ela, sem saber se era um resfriado ou um arrepio que corria por sua espinha. Seu coração pulava em seu peito, tanto a timidez quanto a incerteza o puxavam.

Ela não era avessa a amar Merikh. Mesmo que ele não soubesse, ele era adorável por dentro e por fora. Talvez fosse apenas com ela, mas ele era gentil e atencioso, e depois de hoje, ela sabia que ele poderia ser carinhoso.

Ele acariciou suas costas até adormecer, tentou acalmá-la, removeu qualquer dor que ela pudesse sentir. Ele a checkou, se certificou de que ela estava confortável, perguntou se ela precisava de alguma coisa antes de começar a roncar baixinho.

A questão era... como ela poderia saber se ela se importava com ele de verdade sem ir para casa primeiro?

Ela poderia fazê-lo se encaixar em sua vida. Ela até começou a fazer planos. Mas ela simplesmente não sabia se poderia ter certeza de que se sentia tão fortemente por ele sem ter algum espaço. Atualmente, ele era sua tábua de salvação; ela era totalmente dependente dele para ajudá-la a chegar em casa.

Era algum tipo de apaziguamento? Ela definitivamente não era uma cativa, mas e se seus sentimentos tivessem crescido a partir do conforto?

Não importava que ele fosse diferente, mas a situação atual deles não era normal. Ela estava se apegando a ele porque estava com saudades de casa e só precisava de uma maneira de se acalmar? Seu coração dizia que ele era seu novo lar, e ela não gostou nem um pouco disso.

Ele é mesmo capaz de amar?

Ele tinha que ser. Ele tinha todas essas outras emoções, mas também não era humano ou um elfo. Ela temia que o amor fosse uma emoção compassiva muito forte para ele, especialmente porque era tão oposto ao óbvio ódio que ele mantinha dentro de si.

Ela tinha ouvido o termo 'noiva', mas o que isso significava? Era uma companheira ou algum tipo de parceiro de vínculo? Quando ela perguntou a ele sobre isso, ele encerrou a conversa com tanta força que ela se perguntou se ele buscaria algo assim. Talvez não fosse algo que ele desejasse, e ele estivesse apenas interessado no prazer, e não em algo mais profundo.

Por que a ideia disso doía?

Confiar nele, amá-lo – ela não poderia fazer isso completamente aqui. Ela precisava ver como ele tratava seu povo. Ela precisava ver como ele a tratava quando não estavam presos nos

limites de sua caverna. Ela precisava saber se ele queria mais, ou se ela estava apenas sendo tola.

Atualmente, ela era sua única opção. E se ele fosse para a cidade de Lezekos e encontrasse outra parceira ou parceiro de sua preferência? Raewyn era bonita, mas havia homens e mulheres que eram ainda mais deslumbrantes, que tinham melhores habilidades sociais do que ela, que não eram obcecados pelo trabalho.

Ele pode se ressentir dela quando descobrir que ela preferiria estar em seu laboratório com um experimento em suas mãos. Ela também era uma conselheira synedrus. Haveria momentos em que ela estaria ocupada com longas reuniões e tarefas que exigiam que ela largasse tudo.

O amor nunca esteve em seu radar - era apenas muito incômodo. Ela tinha sido uma mulher voltada para a carreira que não se importava se estava sozinha ou não.

E se o incomodasse que ela não pudesse lhe dar tanta atenção quanto agora? E se ela... não fosse boa o suficiente?

Raewyn tinha qualidades falhas, mas elas seriam mais bem comprovadas quando ela voltasse para Nyl'theria. Só então ela poderia confiar em qualquer coisa que Merikh dissesse - se ele sentisse algo caloroso e terno por ela que não fosse puramente baseado em molhar seu pau.

Puxa, pensar nele assim estava rasgando suas entranhas, mas ela conheceu muitos homens assim. Só porque ele era um Caminhante do Crepúsculo não significava que não pudesse ser o mesmo. Sua humanidade veio dos *humanos*, e eles eram cruéis e egoístas à sua maneira.

E se ele acidentalmente compartilhasse desses ideais?

Ela queria perguntar a ele, mas também queria esperar para ver.

Raewyn se encolheu quando garras arranharam seu couro cabeludo enquanto ele acariciava seu cabelo.

— Qual é o problema? — ele perguntou, sua voz rouca e grogue. Foi tão bom que seu peito tentou desabar sobre si mesmo.

— Huh? Nada. Desculpe, acordei você?

Ela tentou acalmar seu ritmo cardíaco, sua respiração, sua mente girando em seu crânio.

— Difícil não quando seu coração está batendo tão alto. — Ele passou os braços ao redor dela com mais força, apertando-a contra ele. — Você também cheira levemente a medo. Você tem sorte que os outros cheiros em você são perturbadores. — Então ele esfregou a parte de baixo de sua mandíbula ossuda sobre o topo de sua cabeça, sua boca se abrindo enquanto ele bocejava. — Não se preocupe, minha pequena estrela. Eu prometo que não vou machucar você.

Ele suavizou perto dela e imediatamente começou a roncar novamente.

Ele achava que ela estava com medo de que suas proteções não a protegessem? Raewyn desejou que suas palavras não a fizessem querer jogar toda a sua apreensão para o lado e apenas deixar seus sentimentos assumirem o controle.

Ela se recusou e, pela primeira vez, foi ela quem ergueu uma parede entre eles.

Raewyn não sabia quanto tempo eles ficaram assim. As horas que passaram apenas reviraram seu estômago ainda mais, mas nem uma única parte dela queria se afastar dele. Se pudesse, teria adorado ficar ali com ele para sempre. Se ao menos o mundo

pudesse desmoronar e desaparecer, para que ela pudesse mantê-lo para si mesma.

Infelizmente, a realidade não funcionava assim e, eventualmente, Merikh se mexeu. Ela mal tinha pregado o olho, muitas perguntas a atormentavam.

Raewyn feriu seus próprios sentimentos tantas vezes que ela podia sentir isso se inflamando por dentro. Isso beliscou seu centro, sua essência, sua própria *alma* com veneno.

— Bom dia, — ele resmungou, antes que sua cabeça se movesse ligeiramente. — Bem, tarde.

Ele começou a brincar com os cachos dela, levantando-os e colocando-os em seu rosto como se quisesse se cobrir deles.

— Tão macio. — Ele colocou mais em cima de seu crânio. — Eu não acho que tive um despertar tão doce. Isso me faz não querer levantar.

Era muito doce, demais. Ela sempre quis experimentar esse lado dele, mas não conseguiu lidar com isso naquele momento.

Raewyn enfiou as mãos no peito dele enquanto colocava a testa contra ele, as orelhas caídas.

— Quando vamos embora, Merikh?

Ele esfregou as pontas dos dedos para cima e para baixo ao lado de seu pescoço.

— Breve.

Essa não foi uma resposta boa o suficiente.

Escapando de seus braços, ela se sentou em seu quadril.

— Em quanto tempo?

Laranja brilhou em sua visão, e ela franziu as sobrancelhas, já que ela nunca tinha visto essa cor vindo dele. Então, novamente, ele

frequentemente tentava esconder suas mudanças de cor dela.

Quando ele não disse nada, ela quase pôde sentir seu olhar até a essência de seu ser, e sua carranca se aprofundou.

— Eu fiz a pedra do sol. Devemos ser capazes de viajar pelo Véu com segurança agora. Então, como é que ainda não saímos?

— Eu ainda preciso conseguir suprimentos para você, — ele disse enquanto se sentava. — Vai levar alguns dias de viagem.

— Eu já vi você correr de quatro antes. Você é muito rápido assim, — ela ofereceu. — Você fez suas guardas, então devo poder cavalgar em suas costas.

— E se eu não quiser que você me monte como se eu fosse um cavalo, Raewyn? A ideia é totalmente degradante.

A vergonha repousou sobre seus ombros. Ela não tinha considerado que ele poderia achar isso ofensivo. Ela era o tipo de pessoa que encontrava uma solução, muitas vezes disposta a fazer qualquer coisa para resolver um problema com eficiência.

— Você diz que precisa de suprimentos, mas não temos tudo aqui? Há bastante comida e você tem todas as ferramentas de que precisamos aqui.

— Você já pensou no que fará se tivermos que enfrentar seu irmão? — Merikh desviou. — E se a pedra do sol não funcionar contra ele?

Raewyn abaixou a cabeça.

— Não sei se será totalmente eficaz contra ele, mas... — Lágrimas brotaram de seus olhos quando ela disse: — Mas posso jogá-la contra o chão e ele funcionará como uma bomba. Ela vai quebrar, e o calor e a pressão vão derrubar todos — assim como quando quebrou da última vez.

— E eu, então? Eu não pude estar perto de você quando você a ativou pela primeira vez. Estava demasiado quente. Eu pensei que iria me desintegrar se desse um único passo mais perto. — Então, ele segurou o rosto dela enquanto dizia: — E se você se machucar no processo?

Mordendo os lábios, ela pensou que era uma preocupação justa.

— Eu vou nos proteger, — ela ofereceu. — Se pegarmos qualquer planta, posso formar um escudo, mas se jogarmos a pedra longe o suficiente, podemos apenas usá-la como uma distração e atirar para o portal. Não quero machucar Jabez, mas realmente quero ir para casa, Merikh.

Quero saber se meus sentimentos por você são reais. Ela queria saber disso mais do que tudo.

— Nós partiremos logo, Raewyn, — ele disse suavemente enquanto acariciava sua bochecha.

Ela deu um tapa na mão dele, e faíscas brancas saíram.

— Faz três dias. — Ela esfregou os bíceps, sentindo-se nervosa e ansiosa. — Estou começando a sentir que você está me mantendo aqui de propósito.

Ela ficou surpresa por ele não rosar com o que ela estava insinuando.

— Você esquece que eu quero sair daqui tanto quanto você, — ele respondeu em um tom sombrio.

Ela adivinhou que era verdade.

No entanto, o fato de ele *não* ficar com raiva pesou sobre ela. A raiva era sua emoção habitual, e o laranja brilhou em sua visão novamente.

Por que tenho a sensação de que algo está errado?



Merikh sentou-se com as pernas retas, inclinando a cabeça, tentando decifrar qualquer emoção que estivesse atualmente descansando em seu rosto bonito.

Isso não era o que ele esperava ao acordar.

Para ser justo, ele não esperava ainda estar segurando-a se ela estivesse acordada, mas ficou encantado com isso. Ter uma mulher quente, suave e relaxada em seus braços nunca fez parte de suas fantasias, e ele percebeu que deveria ter desejado isso antes.

Então, por que eles estavam discutindo quando ele preferia voltar a alguns segundos atrás, quando estava experimentando alegria?

Ele sabia que essa conversa viria mais cedo ou mais tarde, mas também esperava que nunca.

Ele não gostou que seus orbes, que estavam rosados ao acordar, agora estivessem alaranjados devido ao peso de sua culpa.

Eu não quero mentir para ela.

Na verdade, ele pretendia que hoje fosse o dia em que explicaria o que era uma noiva, para ver se ela seria dele. Ele queria mimá-la quando ambos acordassem, alimentá-la e vê-la fazer sua pequena dança de comida feliz que sempre o agradava com humor.

Uma vez que ela estivesse descansada, alimentada, lavada e contente, ele planejara pedir sua alma. Então, essa conversa não teria

sido necessária – porque, pela primeira vez, ele só queria ter esperança. Esperava que ela dissesse sim. Esperava que ela o escolhesse.

Agora não parecia um bom momento, especialmente quando o rosto dela ficou suspeito, e ela o direcionou para ele.

– O que você está escondendo de mim? – ela rosnou, a pequena elfa perspicaz.

Como ele poderia responder a isso? Porque, do jeito que estava, ele estava escondendo muito dela.

Por que eles não estavam indo embora. Sua explicação de por que ele estava apenas dando a ela uma resposta vaga. O fato de que ele queria sua alma.

Isso nem era o pior.

Mesmo tendo tomado sua decisão sobre o que queria, que era ela, ainda havia a decisão de qual lado escolher: ir com Jabez e mantê-la com ele, ou ir para o reino dela com ela e abandonar a segurança que ele poderia fornecer para seus irmãos.

A escolha era muito difícil para ele fazer sozinho.

Dizimar seu povo e proteger seus companheiros Mavka, ou juntar-se a seu povo e nunca saber se ele foi a razão pela qual outro morreu. Um já havia morrido por suas ações; ele estava com medo de ter mais mortes de seus irmãos em suas mãos - mesmo que não fosse ele o causador do ataque mortal.

O que ele precisava era que ela tirasse essa escolha dele, que assumisse a responsabilidade desse fardo. O que ela queria seria o que ele faria, mas só depois que ela fosse dele.

Se ela o negasse...

Ele já havia tomado sua decisão sobre isso. Merikh a levaria para casa, a deixaria lá e voltaria para cá.

Não estar ao lado de Jabez; ele não achava que iria querer olhar para outro elfo novamente depois que ela arrancou seu coração machucado e sangrando de seu peito. Em vez disso, ele reuniria à força todos os Caminhantes do Crepúsculo e os protegeria até que algo aparecesse e o matasse - provavelmente o próprio Rei Demônio.

Se Raewyn não quisesse estar com ele, ele não ficaria feliz, não importa onde diabos ele fosse.

Ele estava procurando uma luz em seu mundo escuro e sombrio. Agora que o tinha, sabia que nada o iluminaria novamente se ela desaparecesse.

Mas se ela morresse... Se ele tentasse levá-la para casa e não fosse capaz de protegê-la, ele achava que não se perdoaria. Ele não sabia o que tinha se tornado. Ele abandonaria toda a sua humanidade e vagaria pelo mundo como uma bola de espinhos que se odiava?

Ele provavelmente tentaria aniquilar tudo em seu caminho.

Perdido em seus pensamentos, sem saber como responder a ela, ele observou enquanto ela se levantava. Ela tentou pegar o cobertor para cobrir sua nudez, mas ele estava sentado sobre ele. Em vez disso, ela foi para sua seção da prateleira e pegou uma toalha que ele havia adquirido na cidade humana próxima.

— Responda-me, — ela estalou enquanto se cobria e procurava por sua bengala.

Merikh ficou de pé enquanto enrolava o rabo ao redor do comprimento dele descansando contra a parede. Ele gentilmente entregou a ela, e ela pegou para colocar espaço entre eles.

— Eu não sei o que você quer que eu diga, — ele mentiu, desejando não se sentir tão mal. — Eu não sei por que você está chateada. Você estava bem quando nos deitamos.

Eles estavam mais do que bem, para ser preciso: satisfeitos, cobertos de sementes, quentes.

— Porque eu quero que você me diga a verdade! Algo não parece certo e quero saber o que é.

Eu não posso fazer isso, ele pensou enquanto pegava um chifre para esfregá-lo, irritado consigo mesmo. Talvez fosse covardia dele, mas ele não queria dizer nada a ela por frustração só porque ela estava arrancando dele. Se ela tivesse apenas esperado, sido um pouco mais paciente, tudo teria sido revelado.

Ele diria a coisa errada se apenas deixasse escapar. Ele estava sempre colocando o pé com a pata na boca perto dela.

— Talvez devêssemos conversar quando você se acalmar, — afirmou ele, virando a cabeça.

Eu não posso esperar mais. Ela só vai ficar mais chateada e perceber o que estou fazendo. Merikh precisava contar tudo a ela hoje; caso contrário, as coisas não seriam um bom presságio para ele.

Ele precisava da calma dela. Ele precisava de tempo para pensar em como deveria formular a pergunta mais importante que faria em toda a sua vida.

Uma que ele queria ter esperança, mas não podia deixar de estar totalmente apavorado.

— Você... você acabou de me dizer para me acalmar?

Ele não gostou do tom dela, como era agudo e cheio de descrença. Ele atirou a cabeça para ela para descobrir que ela estava

boquiaberta e teve a impressão de que ele tinha dito absolutamente a coisa errada.

— Você sabe o que? Certo. — Ela tateou a prateleira e pegou um vestido. — Eu vou me acalmar para você, *sua alteza*.

— Raewyn, — ele começou enquanto avançava com uma careta. — Isso não foi o que eu quis dizer. Só preciso pensar.

Ela deu um passo para trás quando ele se aproximou dela, e ele só parou porque a expressão dela era uma mistura de mágoa e raiva. Ele nunca tinha visto isso dela antes, pelo menos não se virou para ele.

— Pela primeira vez, Merikh, serei *eu* quem sairá furiosa. — Ela se virou e literalmente bateu os pés enquanto navegava para fora. — Eu vou tomar *banho*, e se você não me der alguma explicação quando eu voltar, eu... eu... — Ela deu uma bufada. — Bem, eu não sei, mas você vai se arrepender. Vou tentar arrancar seu rabo ou algo assim.

No momento em que ela se foi, ele cobriu o rosto ossudo com a palma da mão enquanto cruzava o outro braço sobre o peito.

Eu sou um idiota. Como? O que? Por que? Como devo consertar isso e perguntar a ela agora?

Ele deveria ter contado tudo a ela ontem à noite, mas ele foi um... covarde. Ele comeu um no passado ou algo assim? Ele deveria começar a latir e bater os braços?

CAPÍTULO 38

Limpa, seca, vestida e sentada perto do lago, Raewyn cobriu o rosto de vergonha e embaraço. *Eu não posso acreditar que eu explodi com ele assim.*

Ela não tinha provas se ele estava mentindo ou escondendo alguma coisa, mas ela havia se irritado. Se suas ações passadas já não provavam isso, ela geralmente não fazia isso. Ela gostava de entrar em problemas com pelo menos algum tipo de apoio, mas estava explodindo com uma mistura de emoções e elas simplesmente... *bum.*

Sim, ok, não era seu momento de maior orgulho, mas ela também achava que não era completamente injustificada.

Acabei de gritar com um Caminhante do Crepúsculo. Ele parecia confuso com o comportamento dela. Considerando como eles foram dormir, o que eles fizeram antes disso, ele definitivamente não esperava que ela se comportasse assim.

Para ser honesta, ela também não.

Ele obviamente quer me dizer algo. Ele pediu para ela se acalmar, e então eles conversariam. *Pelo menos, espero que ele queira me dizer alguma coisa.*

Agora, ela aceitaria qualquer explicação.

Tomar um banho a acalmou. Ela pensou que era realmente o espaço que a fazia se sentir melhor. Ela estava com a cabeça mais clara e em melhor controle.

Ela se moveu na água com um beicinho. *Estraguei o que poderia ter sido um bom dia.* Ela se arrependeu disso agora.

Ela não estava acostumada a ter todos esses tipos de emoções a inundando. Ela deveria estar se afogando em livros, não em seus sentimentos conflitantes sobre um grande Caminhante do Crepúsculo que era tão confuso quanto robusto. Ela queria se apoiar nele e queria fugir.

Acima de tudo... ela não queria ficar sozinha nisso. Ela não queria que sua crescente afeição não fosse correspondida, especialmente porque ela nunca se permitiu senti-la por outro.

Como poderia um Elysiano não conseguir conquistar seu coração, mas um Caminhante do Crepúsculo poderia? Não fazia sentido, mas essa era a realidade que ela estava enfrentando.

Um que só poderia estar gostando dela até que eles chegassem ao seu mundo natal. Nem seria culpa dele, já que ela tecnicamente começou tudo. Ele estava hesitante sobre isso no começo.

Eu deveria entrar. Ela estava sentada aqui por um tempo agora, e ela não poderia evitá-lo para sempre. Não falar com ele não iria resolver nada. *Não vou me desculpar, porém, já que ele tem algumas explicações a dar.*

Assim que Raewyn estava prestes a se levantar, um estalo silencioso vindo da esquerda encheu seus ouvidos. Então, uma luz aquática começou a se formar, cortando o ar não muito longe dela.

Com um suspiro, ela se levantou e recuou, tomando cuidado para não cair no lago.

Essa luz, que se transformou em uma costura de relâmpago, então se abriu em um oval. Uma sombra passou sobre ela, e muitas outras a seguiram.

O medo ficou preso em sua garganta, sem saber o que era ou o que estava acontecendo. Junto com o crepitar, um som familiar de

sucção penetrou no ar e puxou suavemente o cabelo e a saia em sua direção.

Duas vozes a chamavam.

Um estava longe, a voz rouca de Merikh, enquanto a outra era mais gentil.

— Raewyn? — O tom era profundo, mas reconfortante. Ela o reconheceria em qualquer lugar.

Ela deu um passo à frente com as sobrancelhas franzidas.

— Cy-Cykran?

— Rae! — ele gritou de alegria, seus passos rapidamente se aproximando dela como se ele estivesse correndo.

Ela gritou e correu para ele, sabendo que o Demônio alto, mas forte, iria pegá-la. Eles colidiram e ele instantaneamente a girou em um círculo enquanto ela o abraçava com força. Ela absorveu sua familiaridade, o cheiro de casa que permanecia em suas roupas, em sua própria pele.

— Você sabe há quanto tempo estamos procurando por você?
— ele disse na língua élfica.

— Como você me achou? — ela respondeu de volta.

Quando ele estava prestes a responder, um rosnado fez com que eles se separassem. Também estava se movendo em direção a eles com passos pesados e rápidos, e quando ela virou a cabeça para o som, faíscas brancas brilharam.

Merikh. Ela deu um passo, pretendendo afastá-lo, mas Cykran a jogou para trás.

— Um monstro! — alguém gritou. — Guardas, formem um escudo. Protejam ela.

Metal e couro moviam-se um contra o outro enquanto um grupo de pessoas se arrastava para atuar como uma barreira, enquanto mais pessoas se moviam atrás dela, em direção ao portal. Ela sabia que eles estariam segurando armas de haste com lâminas que poderiam ser ativadas para cobrir as lâminas com energia mortal.

Cada um deles seria um Delysiano, além de talvez dois ou três. Eles assumiram a responsabilidade de se tornar soldados, já que não tinham problemas com derramamento de sangue e matança, ao contrário do povo elysiano, que era muito mais gentil.

O pavor afundou nela como uma víbora com veneno, e encheu suas veias de gelo.

— Esperem! — Raewyn gritou em élfico. — Esperem, parem. Ele não é um monstro.

Ninguém a ouviu. Por que eles iriam quando Merikh soltou um rugido de gelar o sangue que fez até ela se encolher de sua hostilidade?

Ela esperava que ele não pensasse que ela planejava abandoná-lo agora que seu povo estava aqui para salvá-la. Ela nunca faria isso. Ela havia feito uma promessa e tinha toda a intenção de trazer de volta com ela aquele Caminhante do Crepúsculo enorme e de coração mole.

Cykran arrastou-a na direção oposta, em direção ao crepitar intenso.

— Precisamos sair. O portal não vai durar tanto tempo.

— Solte-me, Cykran, — ela rosnou.

Ela lutou em seus braços, mas estava muito desorientada para perceber que tinha falado inglês e que ele não a entenderia. O

delysiano também era forte demais para ela se livrar, e não importa o quanto ela batesse em seus antebraços ou arrancasse os dedos de sua cintura, ele simplesmente não o largava.

— Merikh! — ela gritou, esperando que ele pudesse chegar até ela para que ela pudesse arrastá-lo pela fenda também.

Raewyn percebeu duas coisas depois que ela gritou o nome dele e ele rugiu em resposta: ela não deveria ter chamado por ele enquanto estava em pânico, e as coisas estavam prestes a dar *terrivelmente* errado se ela não interviesse.

Faíscas vermelhas brilharam. Merikh soltou um ganido quando o cheiro de cobre emaranhado no ar. Ele foi ferido, e sua luta redobrou.

Eu tenho que ir até ele. Eu tenho que acalmá-lo antes que seja tarde demais!

Se ele se transformasse em seu estado estúpido, eles seriam todos mortos - ela junto com eles.

— Solte-me, seu idiota estúpido! — Ela bateu nos braços de Cykran com mais força. Ela até tentou pisar em seus dedos com garras. — Eu quero levar aquele Caminhante do Crepúsculo comigo, e vou jogar você do topo do ponto mais alto da árvore central se não o fizermos! Isso é uma ordem!

O fato de ela ser conselheira tinha que ter *alguma* influência.

Cykran parou e deve ter olhado para ela, já que ela quase podia sentir seu olhar fixo nela. Ele agarrou seus ombros com força no que só poderia ser descrença, quase a esmagando.

Por entre as presas cerradas, ele sibilou: — Você quer levar o monstro conosco?



Eles a estão levando para longe de mim.

Merikh se preocupou enquanto tentava contornar os soldados - sem machucá-los.

Ele também estava preocupado em como eles poderiam machucá-lo também. Suas armas eram longas, com lâminas descendo de um lado. Fitas coloridas foram presas ao metal branco de aparência acetinada.

Oito lanças estavam sendo apontadas diretamente para seu rosto, com mais três nas costas protegendo dois outros elfos, a nitidez delas brilhando ao luar. Alguns dos portadores de armas bateram com a base do cabo contra o chão, e a energia se acendeu ao redor das lâminas.

Os soldados formaram um arco ao redor de um portal aquático brilhante, protegendo Raewyn e seu captor enquanto eles lutavam. Ele a estava arrastando enquanto ela se contorcia, lutando para fugir, lutando para chegar até *ele*.

Merikh andava no final das lâminas, avaliando cada um dos Demônios de cabelos brancos e pele escura que o seguravam. Eles pareciam bastante semelhantes a Raewyn, mas seus olhos vermelhos, chifres, garras e presas apenas o lembravam de Jabez.

Eles tinham armaduras de metal branco acetinado protegendo seus peitos e ombros, mas eram mínimas. O resto de seus corpos tinha roupas de couro verde, azul ou vermelho por baixo.

Eu não posso machucá-los. Era a única razão pela qual ele não estava tentando passar por eles. *Eles são o povo dela.* Ela não iria perdoá-lo se ele os machucasse, e o cheiro do medo deles já estava fazendo coisas engraçadas em sua mente.

Ele precisava ficar calmo.

— Deixe-me passar, — ele exigiu com um rosnado.

Ele recuou quando um de olhos arregalados o esfaqueou e ele errou por pouco. Era óbvio que eles nunca haviam encontrado algo como ele, algo tão grande quanto seu corpo ou tão ameaçador quanto seu crânio. Pareciam soldados inexperientes, tremendo nas calças e prestes a se molhar.

Merikh tinha visto mais coragem e determinação em humanos endurecidos pela batalha, como os caçadores de demônios.

Eles falavam um com o outro, mas ele não conseguia entender uma palavra do que diziam. Tudo o que sabia era que eles estavam discutindo sobre ele, recusando-se a desviar os olhos e ficando mais incertos e assustados a cada segundo.

Eles recuaram quando um deles olhou por cima do ombro para checar Raewyn, o homem que a segurava, e duas outras pessoas que pareciam ser elfos. Um estava congelado com os olhos arregalados, enquanto o outro puxava seu ombro e sinalizava com as mãos.

— Merikh!

Raewyn o chamou, e o vermelho encheu sua visão. Se ele não fizesse algo, eles a levariam para longe dele para sempre. Ele nunca teve a chance de perguntar se ela seria sua mulher, nunca disse a ela como se sentia.

Ele não queria ficar preso aqui, desejando ir até ela, sem saber sua resposta – ou tentando mudar se não fosse o que ele queria.

Ele não aguentou não saber, sabia que isso iria comê-lo vivo pelo resto de sua vida.

Com um pico de medo batendo nele como um raio, Merikh saltou para ela.

Ele conseguiu acertar um dos soldados demônios para o lado, mas outro cortou a espada bem ao seu lado. Ele ou ela cavou mais fundo do que qualquer arma humana já fez, e ele não achava que um Demônio da Terra jamais tivesse cortado tão fundo.

A dor fez com que seus orbes embranquecessem antes de ficarem vermelhos.

Mãos invisíveis tentaram alcançar o osso de seu crânio, massageando seu cérebro para embalá-lo até a raiva. Seu gemido era a demonstração física de quão duro ele lutou para mantê-los afastados.

Sua forma mudou para a monstruosa, dando-lhe força e agilidade, mas pouco fez para salvá-lo quando outro soldado apunhalou a lâmina de sua arma de haste diretamente em sua coxa.

As armas com energia brilhante causaram muito mais danos e cortaram sua pele geralmente dura como manteiga.

Quando outro o esfaqueou direto no estômago, um rugido saiu dele.

Ele girou e prendeu o soldado no chão, acidentalmente enfiando toda a arma em seu meio até que ele se empalou até a seção do mastro que as mãos dela estavam segurando.

Algun tipo de corda ou cipó enroscou em torno de seus chifres e cabeça, e todos trabalharam juntos para afastá-lo da mulher enquanto ela gritava de terror. Era palpável; ele podia provar o

medo dela como se fosse a guloseima mais rica que ele já havia comido.

Merikh enrolou os braços em volta das cordas verdes, enrolou-as nas vinhas e puxou. Ele desarmou todos eles quando caíram de bruços, despreparados para sua força dominante.

Seu pensamento era matar o que estava atualmente em seu caminho, pragas mantendo-o longe de Raewyn, mas ele balançou a cabeça.

Não. Não posso machucá-los.

Ela gritou em uma língua estrangeira, e ele voltou seu foco para sua linda fadinha, seu pedaço pessoal de luz estelar.

Ela estava discutindo com outro Demônio enquanto ele apontava na direção de Merikh. Ele estava explicando o que Merikh estava fazendo, provavelmente como ele tinha acabado de atacar todo mundo.

Se eles não o tivessem afastado da soldado, ele teria arrancado sua cabeça com uma mordida. Ele estava prestes a fazer isso.

Ele estava pintando Merikh como uma fera incontrollável? Isso não era justo, não quando ele estava tentando ao máximo *não* ser. Ele não queria ser um monstro, algo para se temer, odiar e rejeitar.

Azul cintilou em sua visão. Raewyn.

Ele deu um passo na direção deles, na direção dela, mas as cordas verdes ainda presas à sua cabeça foram arrancadas. Merikh se virou, seus orbes queimando em carmesim enquanto ele rugia.

Ele queria que eles fossem embora! Ele queria que eles saíssem de seu caminho e o deixassem em paz. Ele não fez nada de errado. Por que eles tiveram que julgá-lo quando ele nunca os prejudicou? Ou quando eles nunca o tinham visto antes?

De repente, ele foi virado de cabeça para baixo, caindo de cara no chão! Eles enrolaram a corda em volta de suas pernas e o fizeram tropeçar. Seu pescoço torceu e ele agradeceu por ser tão flexível. Caso contrário, ele provavelmente o teria quebrado com seu próprio peso desabando sobre ele.

O Demônio gritou com Raewyn e depois com todos os outros. Ele puxou o braço dela e apontou para o portal guardado por três outros soldados.

Seu sangue gelou. Estava fechando, fechando, encolhendo.

Eles iam deixá-lo aqui.

A discussão deles não havia sido resolvida, e ele estava tentando arrastá-la antes que fosse tarde demais. Até mesmo um dos elfos começou a ajudá-lo.

Raewyn estendeu a mão para Merikh, gritou seu nome novamente, e o branco do medo, da ansiedade, da perda potencial que ele sentiria se ela desaparecesse, encheu sua visão.

Eu quero ela. Ela é minha. Eles a estavam roubando, tentando levá-la para longe dele. Ele não se importava com o que alguém dissesse – nem ela, nem sua mãe, nem o resto de seu povo, ou qualquer um neste planeta estúpido e miserável – Raewyn era dele, seria dele, e ele não iria se separar de dela. *Ela é minha porra!*

Suas penas rasgaram seu couro, incapaz de serem contidas pela intensidade da raiva, medo e adoração absoluta por ela que o alcançou naquele momento.

Ele não iria perdê-la.

Ele encontraria uma maneira de fazê-la perdoá-lo pelo que estava prestes a fazer.

Suas penas destruíram as armadilhas de corda em volta de suas pernas, e ele disparou para Raewyn. Ele pegou uma lança lançada contra ele por trás e cortou mais profundamente seu lado ferido. Ele não se importava; ele mal registrou.

O Demônio que a segurava gritou antes de colocar Raewyn atrás dele. Ela deve ter ouvido Merikh correndo, porque ela se virou para ele.

Ele sabia que agarrá-la ele mesmo resultaria em sua dor, em que ela se machucaria com suas garras em seu pânico. Ele a seguraria errado, ela o agarraria errado e ele provavelmente a empalaria com suas penas.

Eles nem chegariam a tempo antes que ele se virasse contra ela, não com o quão agitado ele já estava. Isso, ou alguém tentaria separá-los, e eles sangrariam e o empurrariam para uma fome irracional.

Seu próprio corpo o estava impedindo de tomá-la, e sua própria auto-aversão redobrou. Por que ele não podia ser simplesmente normal? Ele duvidava que algum de seus irmãos tivesse que combater a letalidade de seus próprios corpos do jeito que ele fazia.

Merikh estava patinando no limite de seu controle, e estava muito perto de quebrar para ele fazer qualquer outra coisa, exceto o que ele planejava.

Ele nem se arrependeu disso.

— Por favor, não é o que parecia, — ela implorou. — Eu prometo que não vou deixar você...

Ele contornou o Demônio, suas mãos, e empurrou suas garras diretamente em seu peito. Ela engasgou, seus lábios se separando.

— Você é minha, minha linda estrela, — ele rosnou, sua visão ficando rosa brilhante. — Não vou deixar *ninguém* tirar você de mim.

Ao mesmo tempo, ela foi afastada depois de apenas alguns segundos dele estar perto dela, e ele arrancou sua alma com uma risada. Ele deu a ela sua visão no processo para que ela pudesse assistir, para que ela pudesse tê-la com ela, mesmo que fosse apenas em espírito. Ele a *pegaria* de volta; ele havia prometido isso a ela.

Ao mesmo tempo em que ele a pegava, soldados abriam caminho entre eles.

Era óbvio que ele não teria a chance de atravessar o portal com ela; ele não queria atravessá-lo e potencialmente fazer com que ela fosse morta por todas as armas que esses tolos estavam segurando.

Se ele não pudesse ir com ela, então não a deixaria partir para sempre. Eles poderiam levá-la por agora. Então, dentro de um dia, ela poderia voltar aqui como sua noiva.

Eles poderiam trabalhar para ir para o reino dela, ou o que quer que planejassem, uma vez que ela estivesse com ele novamente. Eles poderiam jogar este dia uma e outra vez, para sempre se necessário, mas ele não perderia Raewyn.

Nem agora, nem nunca.

Com a visão negra, Merikh ergueu a mão acima da cabeça, abriu as presas e deixou cair a alma dela em sua boca.

CAPÍTULO 39

Raewyn não sabia o que estava acontecendo quando ela olhou para baixo e, com sua visão emprestada, viu que a mão inteira de Merikh havia desaparecido em seu peito. Sua pele ondulava como água ondulante. Não doeu, mas foi estranhamente invasivo, como se ele estivesse segurando sua espinha.

Então, ele puxou algo dela, e uma chama azul cintilou em seu punho fechado.

Ela não sabia o que fazer, ou mesmo dizer, enquanto ele mantinha a mão sobre as presas e a colocava na boca.

Ela soltou um grito de cortar o coração quando ele nem sequer teve a chance de fechar suas presas em torno dela. Um dos soldados delysianos saltou com uma lâmina de energia, girou em um arco rápido e removeu a cabeça de uma só vez!

A chama azul flutuou no ar enquanto seu corpo se desintegrava em uma nuvem de areia preta brilhante. Seu crânio caiu contra o chão como se alguém o tivesse deixado cair, e as lágrimas instantaneamente brotaram em seus olhos.

— Não! — Raewyn gritou.

Ela lutou contra Cykran para ir ao crânio de Merikh. *Ele está morto?*

Ele não podia estar morto. Não havia como. Ele disse que voltaria de algo assim.

— Não há mais tempo! — um dos outros membros do conselho gritou.

— Não consigo segurar por muito mais tempo, — o outro gritou de volta.

— Está morto agora. Basta levá-la através do portal!

Cykran a empurrou para os braços de seu companheiro Elysiano assim que a chama flutuou de volta dentro dela. Com uma expressão dura e despreocupada, o rosto barbudo do chefe da segurança a empurrou pelo portal, apesar de seu protesto. A Terra foi engolida por uma luz brilhante antes de ser cuspidada do outro lado. Pela maneira como foi empurrada, ela caiu de costas antes de rolar de costas.

Ela quase virou com a força com que foi jogada.

O calor acolhedor que a rodeava não fez nada para esquentá-la do pavor que gelava seus ossos. Com as mãos e os joelhos, lutando para ficar de pé, ela disparou para o portal.

Eu tenho que voltar. Eu tenho que pegá-lo.

— Raewyn! — uma mulher gritou enquanto as pessoas agarravam seus braços.

Alguém a puxou para um abraço forçado, e o aroma floral de sua mãe caiu sobre ela. Apesar do quanto ela desejou estar no abrigo dos braços de sua mãe novamente, havia alguém que ela queria mais.

— Por favor, espere, — ela murmurou, empurrando-a com os olhos grudados na fenda.

Raewyn estava desorientada ao passar pelo portal, seu estômago enjoado como da última vez. Ela também não estava acostumada com o brilho absoluto que era Nyl'theria. Os sóis que se derramavam pelo teto de vidro, de forma triangular devido aos galhos acima, eram muito ardentes.

Não importava que obviamente fosse fim de tarde e os três sóis multicoloridos estivessem descendo. Seus olhos doíam, e ter a visão

de Merikh sempre tornava difícil se orientar. Tinha sido mais fácil na Terra, onde tudo era escuro.

Sua mãe, que ela não via há semanas, e ainda mais devido à sua falta de visão, tropeçou quando Raewyn a jogou descuidadamente para o lado. Em pânico, ela se dirigiu para o portal, mas Cykran e todos os outros que vinham por ele bloquearam seu caminho.

Com um estalo, fechou-se atrás deles.

Seu coração se partiu em um milhão de fragmentos.

Como Merikh poderia perdoá-la por deixá-lo para trás? Eles deveriam vir aqui juntos!

— Seu otário! — ela gritou enquanto se jogava em Cykran. Ela socou o peito dele com a base dos punhos. — Por que você não me ouviu? Eu disse que queria trazê-lo conosco!

Mais pessoas a agarraram, e ela chutou para se livrar e punir o Delysiano imundo que ela chamava de amigo.

Ela não se importava que a expressão dele parecesse traída, ou que ela fosse capaz de ver isso. Ela não se importava que houvesse pelo menos três dúzias de pessoas na sala olhando para ela.

Suas lágrimas ardiam, seu peito ardia e seu estômago estava tão embrulhado que ela pensou que fosse vomitar ali mesmo no chão de obsidiana negra. Ela queria purgar a tristeza rastejante que se enterrava dentro dela como um parasita.

— Como você pode fazer isto comigo? — ela gritou. — Você nem deu a ele uma chance e apenas o atacou.

Agora ele estava preso na Terra enquanto ela estava aqui.

Merikh tinha a pedra do sol, mas a menos que pudesse descobrir o feitiço-chave, não seria capaz de ativá-la.

Eu nunca poderei voltar para ele. Ela não poderia fazer outro portal, e entrar no de Jabez por este lado era suicídio.

— Alguém a tire daqui, — Cykran exigiu, virando a cabeça para longe dela. — Ela precisa descansar. Acho que aquele reino ou criatura fez algo com a mente dela.

— Vou te dar descanso, — ela sibilou enquanto se lançava para ele novamente, apenas para ser puxada para trás.

Ela apenas chutou as pernas e gritou, lutando desesperadamente por uma saída. Ela nunca tinha sido violenta antes, nunca tinha realmente tentado bater ou atacar alguém, mas ela queria bater nele agora mesmo.

Ela também queria se voltar para Mericato, o chefe da divisão de segurança, e mostrar a ele do que eram feitos seus pequenos punhos. Ele a empurrou pelo portal e não fez nada para deter seus soldados, não importa o quanto ela implorou.

Todos eles poderiam ir para o inferno agora. Ela ficaria feliz em enviá-los para lá.

Lágrimas escorriam de seu rosto e seu cabelo ondulava em volta dela como uma bagunça. Ela provavelmente parecia uma banshee gritando enquanto lutava contra as pessoas que a seguravam.

— Soltem-me! — Quantas vezes ela teria que dizer isso hoje?

— Raewyn Daefaren, acalme-se neste instante, — uma voz estrondosa gritou, ecoando na câmara do palácio em que eles estavam.

Sua espinha ficou rígida, e todo o calor saiu dela pela severidade da voz de seu pai. Ela se virou para ele com a cabeça baixa, simultaneamente cerrando os punhos ao lado do corpo.

— Eu criei você melhor do que isso — disse ele enquanto estava lá com os braços cruzados, os lábios em uma linha de desaprovação. — Cykran passou dias ajudando as pessoas que conseguiram salvá-la, e é assim que você o retribui? Eles?

Ele soltou um braço para que pudesse acenar para aqueles à direita dela.

Suas lágrimas borbulharam mais rápido quando ela olhou para seu pai. Ele parecia tão cansado desde a última vez que ela o tinha visto, e ela odiou a carranca decepcionada que ele deu a ela. Ela sempre sentiu uma certa coisa sobre seu rosto barbudo e bem cortado, especialmente quando olhava dessa forma para ela.

Muitas vezes ela se esforçou para nunca recebê-lo.

Ele geralmente era tão alegre, carinhoso e protetor. O tipo de homem que era fácil de fazer rir e que achava ainda mais fácil fazer os outros rirem. Sua raiva era excepcionalmente rara, o que a tornava ainda mais assustadora.

— Você não entende, — ela disse com os dentes cerrados, seus punhos cerrados. — Nenhum de vocês entende.

— Venha, pétala. Vamos dar uma olhada em você, — sua mãe arrulhou enquanto colocava o braço sobre os ombros e a conduzia.

— Você parece tão magra. Você está me preocupando.

— Eu sempre pareci magra! — O grito indignado de Raewyn foi alto, mas ela mordeu os lábios quando finalmente olhou para cima para ver os olhos olhando para ela.

Os outros dezessete membros do conselho a observavam agir de forma imatura, e ela sempre se manteve com tanta compostura antes disso. Ela tinha que fazer isso, pois muitas vezes eles podiam

ser críticos. O embaraço aumentou, e só a fez se sentir mais lamentável.

Ela teve uma explosão na frente deles, na frente de seus pais e dos soldados que trabalharam tanto para ajudar. Eles pensaram que a tinham salvado de um monstro, quando na verdade, eles apenas a separaram de alguém que ela amava muito.

Raewyn apenas chorou em suas mãos e deixou seus pais a guiarem. Passos os seguiram, mas ela não se virou para verificar quem era.

Ela não se importava naquele momento. Ela só queria chorar e ficar com o coração partido.

Nem mesmo o conforto de estar em casa trouxe alegria pela perda que sofreu. Com vermelho contornando sua visão como um brilho de chamas, ela não se preocupou em olhar para as paredes brancas do palácio da árvore, ou o bronze, prata, ouro derretido nas lacunas. Ela não olhou para cima para examinar as folhas roxas e rosa através das janelas, ou para baixo para se maravilhar com o chão de obsidiana negra.

— Você deveria estar feliz, — seu pai suspirou. — Você sabe como foi difícil para Thorill te encontrar?

Thoril era um especialista em portais. Ele era velho, mas isso lhe deu a experiência de trabalhar com eles. Ele havia sido um construtor e navegador de pedra de portal no passado e abriu muitos portais para encontrar pessoas com quem se conectar.

Ele era sábio, e Raewyn sempre o respeitou e seu campo - apesar do fato de que ele não tinha mais permissão para experimentá-lo.

— Ele e sua equipe escolhida levaram semanas para descobrir onde você tinha ido, — seu pai continuou, suas costas retas e orgulhosas enquanto caminhava ao lado dela envolta nos braços de sua mãe. — De todos os lugares que você poderia ter ido, não sei se você teve sorte ou azar de parar na Terra. Temíamos que você fosse comida antes de encontrá-la.

— Estávamos tão preocupados, pétala — sua mãe entrou na conversa.

Ela era a mais dura de seus pais, a mais rigorosa, mas também era amorosa. Ouvir a preocupação deles nos tremores de suas palavras fez os ombros de Raewyn virarem para dentro.

Ela provavelmente parecia ingrata com o cuidado de todos.

— Ainda é melhor do que ir a qualquer lugar inabitável.

— Sabíamos que havia uma chance. Mantivemos a esperança nisso.

— C-como vocês descobriram onde eu estava na Terra? — Raewyn perguntou, sua garganta áspera.

Ela lambeu os lábios para parar a sensação de cócegas de suas lágrimas e só acabou saboreando sua tristeza.

— Thorill e sua equipe conseguiram rastreá-la até a Terra, mas eles estavam tentando identificar sua localização quando sentiram um grande influxo de magia. Você é inteligente, Raewyn, sempre foi. Sabíamos que você estava tentando nos sinalizar para que pudéssemos ir buscá-la.

Sinalizá-los? O que eles estavam falando? Ela quase tropeçou nos próprios pés quando percebeu, seus olhos se arregalando. *A pedra do sol.*

Eles a sentiram quando ela a ativou, já que era um feitiço tão poderoso. Se eles estivessem vendo através da magia, eles teriam notado.

Por que não pensei nisso antes? Ela poderia ter economizado semanas de trabalho!

Seu coração encolheu. *Mas eu não teria conhecido Merikh.*

Se eles tivessem chegado cedo demais, ela não teria percebido o quão maravilhoso ele era, o quanto ela poderia... agradá-lo. Suas lágrimas redobram, e ela se sentiu como uma criança com o quão incontrolável ela estava se comportando.

Eu o quero de volta, ela pensou enquanto sua mãe a conduzia para um quarto e a sentava em uma cama de cura. *O que eu vou fazer?*

— Deite-se, — seu pai exigiu suavemente, e Raewyn obedeceu.

Seu pai era um cientista valioso, um médico e um linguista - embora o último fosse mais um hobby, que ele tentou empurrar para ela e Jabez.

Ele conectou Raewyn a dispositivos para verificar seu bem-estar físico, enquanto sua mãe escovava sua testa suavemente.

— Existe uma maneira de voltarmos? — Raewyn perguntou, olhando para as máquinas.

— Em teoria, sim, — seu pai respondeu, olhando para uma bola mágica brilhante informando-o de seus níveis nutricionais. — Mas também não podemos. A pedra do portal que usamos era a última que tínhamos, já que todas as outras foram convertidas para fornecer energia à cidade. Era fraca e cedeu no momento em que abriram para você — por isso fechou tão rápido. Felizmente, foi capaz

de levar os soldados até você. Cykran exigiu que o levassem com eles, e ele não aceitou um não como resposta.

— Ele ama você, Raewyn, — sua mãe acrescentou.

Todos sabiam que ela queria dizer platonicamente.

— Você deveria tê-lo visto ameaçar os outros membros do conselho — seu pai riu calorosamente. — Disse que morreria só para trazer você para casa. Como alguém poderia negar tal proclamação?

Raewyn parou de ouvir; tudo o que ela ouviu foi que ela não poderia voltar. Sua respiração entrava e saía dela como uma lâmina que queria cortá-la em duas.

Sua mãe colocou a mão sobre a testa, como se estivesse verificando a febre. Qual era o sentido quando seu pai já estava fazendo um exame de saúde?

Sem encontrar seus olhos, ela examinou o rosto de sua filha.

Ele clicou com Raewyn que eles não perceberam que ela podia *ver*. Estranhamente, ela não queria contar a eles.

Era particular, um presente de Merikh, e ela temia que, se falasse sobre isso, desapareceria. Era tudo o que ela tinha dele agora, e isso lhe dava esperança de que ele pelo menos estivesse vivo.

Que ele descobriria uma maneira de vir até ela.

Eu sempre vou retirar, ele proclamou uma vez. Isso significava que ele tinha dado a ela como uma promessa?

Por que ele faria algo tão tolo? Como ele foi capaz de vir até ela se não podia ver os perigos que enfrentava? Ele teria que viajar pelo Véu e ao castelo de Jabez sem ele.

— O que está errado? — sua mãe perguntou, e Raewyn olhou para ela.

Sua mãe tinha cabelos ondulados, enquanto ela herdara os cachos apertados de seu pai. Ela tinha o nariz e os lábios da mãe, mas a cor dos olhos castanhos do pai, mandíbula e bochechas redondas. Ambos eram altos, ambos relativamente magros.

— Eu deixei alguém para trás, — Raewyn soluçou. — Alguém que deveria vir aqui comigo. Eu prometi a ele, e ele é a única razão de eu estar aqui agora, mas Cykran simplesmente o deixou para trás. Quando eu discuti com ele, ele não conseguia ver além de seu... seu...

Crânio. Cykran, o terrível hipócrita, não foi capaz de ver além do crânio e dos chifres do urso de Merikh.

Querida donzela dourada sagrada, como ela deveria contar a seus pais que se apaixonou por um monstro? Um Caminhante do Crepúsculo, algo completamente desconhecido para eles.

— Eu prometi a ele que nosso povo não iria se voltar contra ele, e ainda assim eles cortaram a porra da cabeça dele!

Seus pais engasgaram, mas ela não se importou com o fato de ter xingado — embora a palavra fosse um pouco diferente aqui, um pouco *pior*. Ela fez o possível para traduzir a maldição mais próxima disso.

— Raewyn, — sua mãe sussurrou.

— Não há nada de errado com ela! — seu pai gritou enquanto batia as mãos para acabar com o feitiço. — Ela está perfeitamente bem. Todos os seus sinais vitais estão saudáveis como sempre; ela está apenas agindo de forma imatura sem motivo. Ela herdou isso do seu lado da família.

— Com licença, — sua mãe zombou, enquanto estreitava os olhos para ele. — Você é quem a deixou ser rebelde quando ela era

adolescente, levando-a para as periferias da cidade para olhar além da barreira.

— Você é a única que sempre praticou experimentos insanos,
— seu pai rebateu. — Pelo menos eu sigo em frente com meu trabalho *com cuidado*, em vez de ignorar as preocupações de todos.

Quando eles estavam prestes a brigar *amorosamente*, Raewyn sentou-se entre eles.

— Apenas me levem para casa. — Ela estava querendo deitar em sua própria cama por muitos meses terrestres, e agora, ela queria chorar sobre isso. — Quero ficar sozinha.

Apesar do que qualquer um deles pensava, ela estava realmente controlando o pior de seu desespero. Ela queria se deixar explodir, se desgastar e, assim que terminasse o processamento, descobrir uma solução.

Porque *tinha* que haver uma solução.

CAPÍTULO 40

Não havia solução, como Raewyn veio a descobrir.

Ela nem precisava perder muito tempo sabendo isso.

Depois de chorar por horas e depois enfiar no rosto a comida que havia perdido como um mecanismo de autoconsolo, ela não conseguia dormir. Cansada, irritada e apenas fisicamente incapaz de produzir outra lágrima, como se estivesse toda seca, ela chutou a bunda para a marcha.

Era duvidoso que sua mente obsessiva permitisse que ela dormisse, mesmo que tentasse. Uma vez que ela se decidia por algo, ela tinha hábitos terrivelmente prejudiciais de não cuidar de si mesma até completar sua tarefa.

Cykran a carregou para casa muitas vezes depois que ela desmaiou.

Então, com essa determinação em mente, ela se moveu.

Ela marchou pela árvore central e bateu na porta do escritório de Thorill. Quando ela não obteve resposta, ela marchou pelo corredor principal em espiral da árvore central e bateu na porta da frente!

Os sóis se foram, mas ela não se importava que fosse tarde da noite.

Quando um estranho abriu a porta, a mulher pareceu assustada. Raewyn estava atacando a casa errada e precisava descer duas casas. Honestamente, isso só a deixou mais agressiva.

Talvez o comportamento de Merikh a tenha influenciado. Ela estava meio que satisfeita com isso no momento; ela queria ser

grande como ele, enorme e imponente, assustando as pessoas para que lhe dessem o que ela queria.

Quando Thorill abriu a porta, um dos rostos que esteve na Terra para resgatá-la a cumprimentou. No entanto, não foi ele quem a empurrou. Ela semicerrou os olhos para ele, bastante zangada por ele ser parte do motivo pelo qual ela não conseguiu pegar Merikh.

— Raewyn, querida criança, — ele murmurou com uma voz trêmula e envelhecida. Ele tinha quase setenta e cinco anos, com as rugas combinando com todos os seus anos sábios. Embora não tivesse barba, gostava de enrolar o longo bigode. — É o meio da noite. O que você está...

— Como abrimos um portal de volta à Terra? — Ela gostaria de dizer que pediu, mas na verdade foi uma exigência. Ela também passou por ele e entrou em sua casa.

Ele franziu as sobrancelhas excessivamente espessas.

— Outro portal? Impossível. O resto das minhas pedras estão esgotadas.

Ela parou no meio da casa dele, virou-se para encará-lo e cruzou os braços sobre o peito.

— Então eu vou injetar nelas minha mana.

Ela mal notou sua casa, apesar de observar seus detalhes.

Parecia como a maioria de suas casas. Era oval, como uma cúpula com raízes de árvores como paredes e teto, com minério de metal preenchendo as lacunas. Ele tinha uma ou duas peças de arte, e elas consistiam em pinturas históricas dele apertando a mão de um Bansu, Anzúli ou Taihee de quando os portões do portal estavam abertos.

Thorill balançou a cabeça em descrença por ela ter entrado rudemente, mas ele não pediu para ela sair.

— Não é tão fácil, Raewyn, — ele suspirou.

Ele caminhou até um sofá para descansar seus ossos cansados - provavelmente desgastados por ter vindo para 'resgatá-la'. Ele massageou um dos joelhos.

— Uma vez que uma pedra de mana foi completamente esgotada, você e eu sabemos que ela não pode ser restaurada. A que usei para salvar você era uma lembrança pessoal que roubei. — Então, ele deu a ela um olhar terrível, um fedorento, enquanto dizia: — Eu tive muitos problemas revelando que eu tinha, e você não me agradeceu nem uma vez. Eu diria que os jovens adultos da minha época não eram tão desrespeitosos, mas já sei que você vai revirar os olhos para mim.

Os braços de Raewyn se apertaram em seu peito enquanto ela olhava para ele com suspeita. — Você tem outra, não tem?

— Não, eu não. Já se passaram décadas, — ele respondeu muito secamente. — As outras que tomei não funcionam mais, e só consegui manter aquela saudável o suficiente na minha velhice para mantê-la brilhante. Ulair foi quem mais ajudou a restaurá-la verdadeiramente.

— Ulair? — ela perguntou surpresa. Ela e Ulair nunca realmente concordaram, então ela mal acreditava que ele teve uma mão tão grande para ajudá-la. — Por favor, Thoril. Tem de haver outro jeito.

Ele balançou a cabeça novamente, e seu tufo de cabelo careca balançou de um lado para o outro.

— A menos que você descubra como controlar um portal do caos para abrir diretamente onde quiser, o que nem eu consegui fazer, não há nada que possa ser feito.

— Nada?

— Nada criança. Nada. — Ele acenou com a mão para o lado.

— Tentar só vai te machucar ou mandar para outro mundo aleatório, e não seremos capazes de salvá-la uma segunda vez.

Raewyn mordeu os lábios ansiosamente. — Mas...

— Seja o que for ou quem quer que você tenha deixado para trás, se foi. Aceite isso.

Ela odiava a maneira como as palavras dele eram ditas de forma tão definitiva, como se fossem verdadeiras e não houvesse nada que ela pudesse fazer a respeito. Ela odiava ainda mais que ele provavelmente estivesse certo, especialmente porque ele era a única pessoa nesta cidade que poderia atacar com uma determinação tão experiente.

Ele era a única pessoa a quem ela poderia perguntar, e ele era o único que poderia ter dito a ela se houvesse outra maneira. Ele não tinha.

Os ombros de Raewyn viraram para dentro de vergonha por ele ter testemunhado sua explosão no palácio central, mas ela virou as costas para ele para esconder a dor em sua expressão.

— Obrigada por falar comigo, — ela sussurrou, desejando que não soasse tão engasgada.

— Essa pessoa deve ter significado muito para você, — ele disse suavemente, sua voz irradiando cuidado. — Eu conheço você toda a sua vida. Você não fica tão perturbado desde...

Desde que Jabez foi trancado. Desde criança.

Raewyn apertou a mão esquerda em um punho quando a dor irradiou de seu coração.

— Sinto muito se o incomodei e por entrar em sua casa sem permissão.

— Você está bem, conselheira. Todos nós temos nossos dias, e tenho certeza que sua aventura pesou em você. Ainda não se passou um dia desde o seu retorno, então acho que é justo da minha parte dizer que todos podemos perdoar qualquer transgressão, considerando o estresse que você deve estar sofrendo. — Ela virou a cabeça para o lado para espiá-lo, e sua expressão era de simpatia. — Todos nós sabemos como é perder alguém.

Thorill estava lá quando os Demônios chegaram pela primeira vez. Ele havia perdido muitos entes queridos e assistiu pessoalmente ao derramamento de sangue.

Ela assentiu enquanto caminhava calmamente até a porta dele.

— Obrigada. Eu me verei lá fora.

Honestamente, ela só queria escapar. Ela esperava que o homem geralmente travesso aceitasse a ideia de criar outro portal, e sua negação significava que ele não podia. Ele tinha a aprovação de um conselheiro, então a responsabilidade teria caído sobre os ombros dela.

Assim que ela colocou a mão na maçaneta, ele riu e disse: — Quando você vai contar a todos que restaurou sua visão?

Velho perspicaz. Então, novamente, era Thorill – observador como sempre.

— Não é minha, — ela admitiu antes de sair.

Toda a força nela ameaçava se esgotar. Seus joelhos vacilaram de cansaço, de decepção, enquanto ela voltava a subir a árvore

central. O corredor principal era uma longa espiral para cima, e ela olhou para o chão para esconder o rosto sob o cabelo.

Não era apenas para proteger todos de suas lágrimas, que aparentemente *não haviam* secado. Era para que ninguém pudesse reconhecê-la. Ela queria ficar sozinha.

Se Thorill, um especialista, disse a ela que não havia nada que ela pudesse fazer, então essa era a verdade. Perseguir Merikh sozinha provavelmente a enviaria para um terreno baldio congelado ou um inferno cheio de lava, conhecendo sua sorte.

Isso não ajudaria ninguém.

Uma vez que ela estava segura de volta para casa, ela deixou suas pernas cederem e caiu de costas contra a porta. Ela envolveu as pernas com os braços enquanto enterrava o rosto nos joelhos. Suas orelhas estavam tão caídas que ela não sabia se iriam endireitar novamente.

Sinto muito, Merikh. Ela se abraçou com força, desejando poder desaparecer da miséria que a afogava. *Não sei como chegar até você.*

Seu campo de especialização não faria nada para ajudá-la. Ela se sentiria como uma criança tentando empurrar um bloco quadrado em um buraco redondo. Ela poderia eventualmente acertar, mas havia muitas consequências perigosas para ela jogar tolamente.

Provavelmente já se passou um dia inteiro na Terra, ela pensou, lembrando-se de que ele disse que se curaria dentro desse tempo. *Você está com raiva de mim? Não quero que pense que te abandonei de propósito.*

Se ela pudesse adquirir uma nova pedra. Infelizmente, para fazer isso, ela precisaria sair da segurança da barreira da cidade.

Todas as minas estavam dentro dos territórios dos Demônios, e é por isso que nenhum de seu povo conseguiu obter novas.

Fortalecer a cidade, a proteção, tudo, exigia toda a força combinada. Um dia, em muitos anos, as pedras simplesmente não conseguiriam continuar funcionando e queimariam.

Então eles enfrentariam o fardo de proteger a cidade sozinhos, com apenas sua magia individual para salvá-los – e ela já havia provado o quão fraco isso era na Terra. Sua barreira de videira de grama só a protegeria por pouco tempo antes que uma enxurrada de garras e presas a rasgasse.

Seu povo, aqueles muito mais fortes e rápidos do que ela, nunca voltaram de tentar pegar mais pedras. Como ela seria capaz de fazer isso sozinha?

Eu prometi trazer você aqui. Eu prometi lutar por você. Ela havia prometido a si mesma que ganharia coragem para estar com ele adequadamente quando estivesse em casa, mas agora estava sozinha.

Por que tinha que parecer tão frio e vazio? Faltava seu calor, seu cheiro, sua presença imponente ocupando cada canto.

Eu quero voltar para você...

Batidas suaves na porta a acordaram e ela se encolheu. Eventualmente desmaiando enquanto chorava, ela caiu para o lado para deitar no chão como uma bola.

Galhos de árvores brotavam do chão e a envolviam protetoramente. Ela imaginou que subconscientemente, durante o sono, buscou conforto sendo abraçada e os chamou para ela.

A árvore central de starfir estava naturalmente imbuída de magia, devido ao aglomerado de pedras de mana que outrora

estiveram sob suas raízes. Os Elysianos as usaram para forçá-la a crescer. Como resultado, era altamente receptiva aos seus desejos internos.

Algumas flores vermelhas e roxas também brotaram, protegendo-a do chão.

Quando ela se sentou, as raízes e flores se retraíram, desaparecendo completamente como se nunca tivessem sido conjuradas, exceto uma. Uma flor vermelha singular permaneceu, e ela a arrancou do chão para brincar com suas pétalas, a tristeza irradiando em seu âmago.

Por que tinha que combinar com os fogos dançando nas bordas de sua visão emprestada? Por que isso tinha que lembrá-la dele?

Ela sentiu frio, como se sua própria alma tivesse congelado.

Batidas, mais incessantes e mais altas, forçaram sua atenção para a porta. Havia um padrão nisso, um tap, tap, taptaptap, então tap. Ela ignorou para olhar ao redor de sua casa bem iluminada com os olhos inchados.

Meu rosto dói. Com o quanto ela chorou ontem, ela imaginou que teria começado a chorar sangue. Ela esfregou as marcas secas de sal de suas bochechas. *Não acredito que adormeci no chão.*

— Oh, vamos lá, Rae, — Cykran gritou através da espessura da porta. — Eu sei que você está acordada. Você geralmente é a primeira esquisita antes de todos os outros.

— Vá embora, — ela resmungou de volta.

Ele abriu a porta e quase a fez voar. Com uma expressão chocada fazendo seu queixo cair, ela se virou para olhar para ele. Ele estremeceu desculpando-se.

Ele não disse nada sobre ela estar no chão.

— Vamos. Trouxe o seu favorito: sopa de abóbora e nozes. Você não consegue sentir o cheiro? — Ele agitou a tigela rasa ao redor.

Raewyn se virou e chutou a porta com a sola do pé. O prato estava quase perdido no chão quando seu corpo, que estava meio dentro e meio fora, ficou preso entre a porta e o batente.

— O que no *Servo Sempreverde* aconteceu com você? — ele resmungou, referindo-se a uma das divindades masculinas de seu povo - a única que restava. — Primeiro você me dá um soco, depois tenta me esmagar até a morte com uma porta. Só estou tentando fazer meu trabalho aqui.

— Você está demitido — ela declarou sem entusiasmo, virando a cabeça.

Sua expressão se transformou em mágoa.

— Você não quis dizer isso.

Então, com um suspiro, abriu caminho e entrou na casa dela. Ele colocou a comida no chão ao lado dela, então evitou habilmente cada raio de sol para não se queimar enquanto ia para a pequena cozinha dela para ferver uma panela. Todos na cidade comiam juntos em grandes salas onde compartilhavam as mesmas refeições, todos alimentados de graça por voluntários.

Ele estava preparando um chá de flores para ela.

— Eu não vi você no restaurante do palácio, — ele disse enquanto abria uma jarra de prata e colocava folhas de chá dentro dela. — É diferente de você. Você geralmente é a primeiro a chegar, lutando para conseguir as melhores porções.

— Você tem muita coragem, abrindo caminho para a casa de uma conselheira, — ela disse com os dentes cerrados, seu nariz

enrugado em sua direção enquanto também tentava pegar o prato para comer sua oferenda.

Ela estava com fome e sentia falta desta deliciosa sopa matinal.

Cykran esfregou um de seus chifres negros.

— Você não pode estar com raiva de mim por algo que você me pediu para fazer.

— O que você quer, Cykran? — ela perguntou, cruzando as pernas para poder comer livremente.

Ela segurou a parte de baixo quente com uma mão e enfiou colheradas na boca com a outra.

— Quero falar sobre o que aconteceu. Você... você nunca agiu assim comigo antes. — Suas orelhas pontudas se contraíram, como se quisessem abaixar. — Eu não queria deixar aquele... *monstro* para trás, mas o que mais eu poderia ter feito?

— Ele não é um monstro! — Ela quase gritou.

Ok, ele meio que era, mas ele era o monstro *dela*, e só ela poderia chamá-lo assim de brincadeira. O dela era um termo carinhoso, enquanto o de Cykran era obviamente um insulto.

— O que você quer dizer com isso não é um monstro? — Ele colocou as mãos no balcão e mostrou suas presas de tubarão. — Você não o viu atacando todo mundo! Ia matar um dos soldados delysianos antes que todos conseguissem detê-lo.

— Porque você estava tentando me levar embora — ela gritou de volta. — Ele foi a única razão pela qual consegui sobreviver na Terra e estava me ajudando a voltar para casa com a promessa de que poderia fazer um lar aqui. Ele fez muito por mim e, como você não me ouviu, sua inação fez com que ele fosse deixado para trás.

— Ele estava com a mão no seu peito! Eu pensei que meu coração fosse explodir, — ele disse enquanto batia a palma da mão contra o balcão de bronze. — Eu não sei o que ele tirou de você, mas você tem sorte de termos parado ele antes que fosse tarde demais. Achei que ele tivesse *matado* você, bem quando estávamos resgatando você!

Raewyn abaixou a cabeça pensativa. *Também não sei o que ele levou.* Ela nunca tinha visto nada parecido.

Tinha sido uma chama azul.

Ela não se sentiu diferente de ter sido removida, mas eventualmente flutuou de volta para ela antes de ser empurrada através do portal. Fosse o que fosse, ele tentou *comê-lo*.

— Ele estava apenas apavorado, — ela silenciosamente rejeitou. — Pessoas aleatórias com armas vieram à sua casa. Ele não teria entendido uma palavra do que alguém estava dizendo, e tudo que ele viu foram pessoas tentando me 'roubar'. Fiz uma promessa a ele e agora quebrei porque você não me ouviu, uma conselheira, sua *amiga*.

Cykran esfregou seu chifre novamente em aborrecimento antes de derramar água fervente em uma xícara. Ele a trouxe e se agachou para colocá-la no chão na frente dela. Então, ele colocou a mão no topo da cabeça dela enquanto se agachava diante dela.

— Meu trabalho é ajudá-la. Isso também significa protegê-la, mas é nossa amizade que me fará jogar minha vida fora por você. Eu nem me importava se sobrevivesse, contanto que pudesse ajudar a trazer você de volta.

— Eu nunca pedi sua proteção. — Ela nunca realmente precisou disso antes.

— Não, mas você precisa. Caso contrário, você ficará roxa novamente.

Raewyn revirou os olhos.

— Isso foi uma vez.

Ele deu um sorriso torto quando ela pegou a xícara de chá, feliz por ela ter aceitado sua oferta. Ele caiu, seus olhos vermelhos enrugando em angústia.

— O fato de eu não ter conseguido impedir que você desaparecesse significava que eu tinha falhado com você para começar. Eu estava lá. Eu quase tive você. Então o portal se fechou antes que eu pudesse pular por ele. — Ele balançou a cabeça, as pontas de seu longo cabelo amarrado para trás esvoaçando atrás dele. — Eu não teria aguentado uma segunda vez. Nós só tivemos pouco tempo para salvar você, Rae. Meu pessoal ficou apavorado com o que viu.

— *Nosso povo*, — Raewyn corrigiu, seus olhos se estreitando.

Ele rolou o seu desta vez.

— Eles usam armaduras, mas nenhum de nós realmente precisou lutar contra nada desde que chegamos aqui. Você sabe tanto quanto nós que os soldados Delysianos e Elysianos são apenas para exibição, para dar a todos na cidade uma falsa sensação de conforto. Aqueles oito Delysianos e três soldados Elysianos eram as únicas pessoas corajosas o suficiente para se aventurar em outro mundo, despreparados para o que iríamos enfrentar. Eles esperavam Demônios, uns pouco inteligentes como costumávamos ser, e viemos para Lezekos para fugir deles. Você não consegue entender o quanto todos nós nos preocupamos com você apenas por nossas ações ontem?

— Sim — ela respondeu com confiança. — Não os culpo pelo que fizeram, mas você é meu amigo. Quando lhe pedi para me deixar falar com ele, você se recusou a ouvir. É com você que estou zangada, não com eles.

— Sinto muito — disse ele enquanto se sentava no chão com ela. — Pensei que você tivesse enlouquecido na Terra. Você queria argumentar com uma besta irracional, uma fera jogando nossos soldados por aí. A fenda estava se fechando e Thorill mal conseguia mantê-la aberta.

Raewyn manuseou os lados da xícara. Ela não precisava que ele explicasse tudo para ela; ela estava lá, ela tinha visto tudo.

— Eu fiz uma pedra do sol, — ela sussurrou.

Em sua periferia, os olhos vermelhos de Cykran se iluminaram de alegria.

— Sem chance! Isso significa que você pode replicá-la e podemos começar a recuperar partes da floresta, o reino. As pessoas podem começar a minerar com segurança e trazer de volta pedras para abastecer a cidade...

Raewyn semicerrou os olhos.

— Você me fez deixar isso para trás.

Sua expressão alegre caiu antes de se transformar em um estremecimento. Cykran soltou um monte de maldições em Demonish enquanto puxava seu rabo de cavalo branco.

— Por que você não me contou? — ele retrucou, olhando na direção dela. — Eu teria permitido que você a pegasse.

— Porque você não estava me ouvindo! Eu precisaria passar pelo 'monstro' para pegá-la e, se ele soubesse que estava tudo bem, ele a teria agarrado para mim.

— Bem, como eu deveria saber? — Seu lábio inferior franziu para a frente. — Você deveria ter afirmado que era isso que você queria.

— Porque não era. Só pensei na pedra quando cheguei aqui.

Líquido encheu seus olhos.

Ela colocou o chá no chão quando percebeu que não aguentava mais nada. Até a comida que comera antes parecia chumbo.

— O que você está tentando dizer?

— Ele era mais que meu amigo, Cykran, — ela soluçou, cobrindo o rosto para esconder a vergonha de suas lágrimas. Elas eram como navalhas saindo de seus canais lacrimais inchados. — Eu nem consegui dizer a ele como me sinto.

Meus Deuses! A última coisa que eu disse a ele foi com raiva.

Se ela não tivesse ficado chateada com ele porque estava preocupada com seus próprios sentimentos, ela não teria saído sozinha. Ela poderia estar ao lado de Merikh e poderia ter segurado sua mão enquanto eles atravessavam o portal juntos.

Tudo teria sido diferente se não houvesse uma parede de lâminas entre eles.

Eu estraguei tudo. É tudo culpa minha.

— Rae? — Cykran disse enquanto empurrava o cabelo dela para trás e tentava tirar uma de suas mãos do rosto. — Eu não entendo por que você está tão chateada com isso. Provavelmente é melhor que ele fique lá.

— Porque eu estou apaixonada por ele, seu estúpido, idiota e cabeça de chifre!

Ela bateu em seus ombros com socos propositalmente fracos. Ela só queria retaliar por toda a dor em seu peito, machucando-o em

troca. Ele estava muito ocupado tentando lutar contra ela para dar qualquer expressão chocada.

— Aquele Caminhante do Crepúsculo significava mais para mim do que você pode imaginar, e eu dispensar você para poder torná-lo meu assistente! — Ela agarrou uma de suas orelhas pontudas e começou a puxá-la. — E agora ele se foi, porque você não pode me dar um momento de respeito.

— Ai, pare com isso!

Quando ela não o fez, ele agarrou seus pulsos e sibilou para ela com suas presas à mostra.

Cykran não ficava zangado com frequência, então testemunhar isso foi chocante para Raewyn. Ela não podia lutar contra sua dor para ficar calma. A raiva dele se suavizou com a expressão dela enquanto ela tentava se encolher, então seus olhos se arregalaram quando ele finalmente entendeu o que ela disse.

— Você está brincando, — ele cuspiu enquanto jogava as mãos dela para trás e se levantava. A repugnância estragou suas feições bonitas e afiadas. — Você se apaixonou por aquela... aquela coisa? Tinha uma caveira no lugar do rosto, Raewyn! Uma caveira!

— Eu sei que! Eu sei como ele era. — Ela fechou e abriu os punhos. — Eu segurei seu rosto em minhas mãos o tempo todo.

Ela gostou de como era.

Como era suave, exceto onde ele tinha cicatrizes. Como era frio, mas eventualmente esquentava sob seu toque. Ela gostou de explorar suas presas, sua mandíbula, seus chifres ásperos. Seu pelo curto fazia cócegas em suas palmas, e ela frequentemente desenhava padrões nele.

— Não sou tão ingênua a ponto de não saber com quem estou fazendo amizade, Cykran. Você, de todas as pessoas, deveria saber disso.

Ele colocou a mão sobre o peito.

— Isso não é justo. Nós delysianos somos diferentes. Viemos aqui porque mudamos, e você pode ver isso em nossas aparências. Se não fosse por nossos chifres, garras e olhos, você não poderia dizer a diferença entre nós.

— E os Taihee não são diferentes, mas eles tinham pelos, caudas e asas — argumentou Raewyn. — Como ele é diferente? Existem até alguns híbridos Bansu e Taihee que vivem aqui.

— Sim mas...

— Não existe 'mas'. Era o coração dele, Cykran. — Ela estendeu as mãos para a frente como se estivesse segurando. — Foi por isso que me apaixonei. Não importava que viéssemos de dois quebra-cabeças diferentes; nossas peças se encaixam perfeitamente.

— Seu coração? — Cykran a olhou com cautela. — Para você dizer isso... Ele era realmente tão bom assim? — Então seus lábios se curvaram para baixo. — Você tem certeza de que ele se sentia da mesma maneira? E se ele estivesse usando você só para chegar aqui?

— Eu não sei, — ela respondeu tristemente, mexendo com os dedos. — Eu nunca disse a ele porque só queria voltar para casa primeiro. Acho que sim. Pelo menos, eu esperava que sim.

— Tem certeza? Não quero dizer isso ofensivamente, mas você já o conheceu? Você é uma viciada em trabalho obcecada que nunca esconde o que sente, o que meio que te deixa irritante.

Ela jogou o prato vazio nele, e ele rapidamente se abaixou com uma risada. Ele só estava tentando animá-la, já que ela estava tão

angustiada.

O prato de madeira estalou contra o chão antes de assentar.

— Nada disso importa agora — disse ela enquanto olhava para o chão. — Já pedi a Thorill e não posso voltar para buscá-lo.

— Raewyn... eu não sei como te dizer isso se você realmente se sente assim por ele, — Cykran disse em um tom sério, mas solene. Ele se virou para o lado enquanto coçava o rabo de cavalo. — Ele se foi. Um dos soldados... Eles, uh, eles removeram a cabeça dele. Você não pode voltar para buscá-la.

Raewyn virou o rosto para olhar para fora de uma das seções de galhos de árvores que agiam como uma janela. Ela sempre preferiu sua casa iluminada, e é por isso que qualquer lugar que pudesse permitir que ela visse o lado de fora, mas fosse privada, estava cheio de vidro em vez de minério.

Isso foi antes de tudo ficar escuro, é claro. Ela mal olhou para sua casa agora que estava de volta e realmente capaz de vê-la.

Devo dizer a ele que pode haver uma possibilidade de que ele não esteja morto? O que isso importa? Não é como se Raewyn pudesse ir até ele.

A menos que Merikh descobrisse uma maneira de vir aqui, ela nunca o veria novamente. Quanto menos alguém soubesse dele, o que ele era ou como veio a ser, melhor seria para ele e para os outros Caminhantes do Crepúsculo.

Era melhor que ela não revelasse que ele ainda estava vivo.

— Cykran, você pode, por favor, sair? Quero ficar sozinha.

Seus cílios brancos baixaram brevemente enquanto os cantos de seus olhos enrugavam com pesar.

— Desculpe.

— Eu sei, — ela murmurou. — Quero tomar um banho e lidar com o que estou sentindo.

— Gostaria de poder lhe dar isso, mas na verdade vim aqui para dizer que os outros membros do conselho querem ter uma reunião com você. Eles querem saber sobre sua jornada e o estado da Terra.

Seus lábios se apertaram em uma linha dura.

— Diga a eles que ainda estou descansando. Vou lidar com eles quando estiver pronta para isso.

— Tudo bem. — Ele foi até o prato que ela havia jogado e o pegou para levá-lo embora. — O chá está na sua frente. Beba antes que esfrie.

Ele saiu, dando a Raewyn o silêncio doce e feliz que ela preferia.

Ela dobrou os joelhos para poder abraçar as pernas e tentou beber o chá. Seu coração simplesmente não estava nisso. Ela se perguntou como ela deveria voltar ao trabalho ou enfrentar alguém quando ela perdeu completamente toda a vontade.

Ela desistiu e acabou se levantando.

Era... estranho estar em casa. Parecia muito mais vazia do que antes.

O espaço teria se encaixado perfeitamente em Merikh. Era alto o suficiente para que nem mesmo seus chifres tivessem raspado na iluminação. De forma oval, tinha o dobro do tamanho de sua caverna.

Era uma casa de tamanho médio para seu povo e continha tudo o que ela poderia precisar. Havia apenas um quarto adicional, que continha um banheiro para privacidade, mas, além disso, era aberto.

Sua cama era grande o suficiente para caber dois de Merikh. Ela optou por mais espaço para dormir, já que costumava usá-lo para várias funções, como cadeira e mesa em um só lugar.

Ela tinha duas cadeiras, mas as costas delas ficavam apoiadas na bancada da cozinha, que tinha um fogão no meio para que ela pudesse preparar lanches e bebidas. Sua mesa de estar era redonda para caber no quarto, feita de obsidiana preta, e era mais um espaço de armazenamento para toda a papelada que ela sempre trazia para casa.

A maioria dos itens era feita de minério derretido ou obsidiana, considerando que havia veias de ambos sob a cidade.

Muitas folhas roxas e rosas brotaram no teto, que precisavam ser cortadas. Elas não deveriam estar lá, mas construir suas casas dentro de uma estrutura viva tinha suas desvantagens.

Bijutérias e ornamentos oferecidos a ela pelo povo da cidade de Lezekos estavam nas prateleiras. Ela nunca teve coragem de se desfazer de uma única peça, cada uma preciosa para ela.

Estava em casa. Tinha um cheiro familiar, parecia familiar, e ainda assim ela estava deslocada dentro dela. Algo estava faltando, e era seu cheiro de laranja e canela. Estava muito quieto e seus ouvidos estavam atentos a pequenas vibrações que só ela podia ouvir.

Sim, estava quente, mas o calor de Merikh era diferente. Infiltrou-se em seus poros e envolveu-se em torno de seu coração.

Não faz nem um dia, e eu já sinto falta dele.

Ela se virou para o lado e foi até a banheira, com as bordas niveladas com o chão. Na parede havia um círculo rúnico e, quando

ela colocou a mão sobre ele, ele brilhou em roxo antes que a água enchesse do fundo.

O vapor pairava sobre a superfície e ela desceu as escadas para cumprimentá-lo assim que tirou o vestido.

Depois de um breve banho, ela lavou o corpo usando uma bucha para remover toda a sujeira, suor e estresse que se agarraram ao seu corpo nas últimas horas. Ela lavou o rosto com produtos adequados ao seu tipo de pele, hidratando-a.

Então ela esfregou uma mecha de cachos entre os dedos, fazendo uma careta com a aspereza. Seu cabelo precisava de um amor duro e sério. Agora que ela tinha os produtos de cuidado adequados, ela pôde dar a atenção que merecia.

Raewyn foi lenta, permitindo-se perder-se em pensamentos enquanto finalmente tomava seu primeiro banho de verdade em anos.

Meses na Terra foram apenas algumas semanas aqui, mas de alguma forma, foi como se fosse uma eternidade que ela partiu.

Penteando cuidadosamente o cabelo enquanto ele estava ensaboado em um xampu desembaraçador, ela começou pelas pontas e trabalhou. Em seguida, ela enxaguou e condicionou duas vezes, a primeira vez com um condicionador profundo para nutrir e fortalecer o cabelo, e a segunda vez com um condicionador para reter a umidade e manter o cabelo macio e sedoso. Ela deu uma última penteada antes de simplesmente se reclinar na água a um metro de profundidade até os ombros, permitindo-se ser confortada por seu calor.

Ela fechou os olhos para poder descansar de verdade.

Refletir sobre seu tempo na Terra era doloroso, mas ela tinha muito em que pensar.

Assim que terminou, ela saiu do banho e se enrolou em uma toalha felpuda. Ela pressionou outra runa que realocaria a água para ser limpa através do solo natural antes de voltar para os sistemas de água potável que corriam sob o solo.

Tudo era emprestado e nada era realmente desperdiçado.

Raewyn passou levemente os óleos em seu cabelo molhado e o cobriu com um gorro de cetim fino que ajudaria a proteger seus cachos. Ela se deitou no chão, onde ainda brilhava um pouco de luz, já que o último sol estava se pondo no horizonte.

Ela esteve em casa por quase um ciclo completo de sol.

Justamente quando ela pensou que estava melhorando em lidar com suas emoções, sua rotina de autocuidado ajudando, algo fez seus olhos se encherem de lágrimas mais do que antes.

— Não, — ela murmurou, sua visão piscando, desaparecendo de repente. — Não não não!

Ela cobriu o rosto, quase arranhou-o com as unhas, desejando que parasse, para mantê-lo. Quando ela puxou as mãos, tudo se *foi*.

De alguma forma, Merikh havia recuperado a visão e ela se sentia ainda mais sozinha do que antes. Ela temia o pior.

Ele nunca foi capaz de retirá-la sem tocá-la, sem puxá-la fisicamente de volta.

Não, por favor. Rolando para o lado, ela abraçou a barriga enquanto chorava. *Por favor, não me diga que ele morreu. Por favor, não deixe que essa seja a razão pela qual ele se foi.*

Ela nunca saberia. Ela teria que viver com a pergunta dolorosa e sem resposta pelo resto de sua vida.

Não é justo. Eu o quero de volta.

O calor parou de aquecê-la quando o último sol terminou de cair. Ela se enrolou em uma bola.

Sinto muito por não ter conseguido salvá-lo.

CAPÍTULO 41

O problema de regenerar o corpo em segundos era que acordar poderia ser bastante surpreendente. Juntamente com o fato de que seu ambiente era completamente estranho, o primeiro olhar de Merikh ao redor foi desorientado.

Ele nunca foi capaz de recuperar a visão sem tocar em Raewyn antes. Foi porque ele recuperou todo o corpo ou porque um dia se passou? Ele nunca tinha voluntariamente dado a Raewyn sua visão por mais de alguns minutos.

Algo quebrou sob seu peso, e tudo virou de cabeça para baixo quando ele caiu para o lado. A luz fraca era muito brilhante, a sala completamente feita de vidro de um lado.

Ele agarrou sua garganta. *Eu não posso respirar.* Ele arranhou seu peito. *O ar, é muito rarefeito.*

Ele tomou respirações rápidas para combatê-lo. Adaptar-se a isso levaria tempo, mas ainda parecia agulhas em seus pulmões nesse meio tempo.

Quase desmaiando enquanto ele estava nos escombros da mesa que ele havia esmagado, sua cabeça disparou para um lado e depois para o outro.

No lado oposto das janelas de vidro, livros e mais livros estavam cuidadosamente arrumados em uma prateleira que ia até o teto. Havia pelo menos duas dúzias de crânios aleatórios – a maioria consistindo de Demônios e criaturas com presas – em cúpulas de cristal em bancos contra as paredes de vidro.

Onde estou? Nada era familiar.

Ele não esperava ter sua cabeça removida, mas também raramente voltava, *não* no lugar que se lembrava de estar por último.

O que aconteceu? ele pensou entre respirações sufocadas, tropeçando para o lado para que pudesse descansar a mão contra uma ripa de estante de madeira. Quebrou sob sua força.

Algo estava errado. Algo estava faltando. *Raewyn*. Ele esfaqueou entre os chifres, tentando agarrar algo que *sabia* que não estava lá.

Eu não levei a alma dela! Um rugido angustiado saiu dele enquanto disparava para o que parecia ser uma saída. *Porra. Eu preciso encontrá-la.*

Ele não se importava onde ele estava. Ele não se importava com o mundo em que estava se deparando, não quando seus pensamentos estavam em sua pequena fada, seu pedaço de luz.

Tropeçando, ele arrombou a porta com o ombro quando descobriu que estava trancada.

A madeira lascou antes de quebrar, e uma mulher gritou quando ele irrompeu em um corredor cheio de pessoas. Ele derrapou até parar. Suspiros soaram de todos os lados quando um homem à sua esquerda agarrou os ombros de uma mulher para arrastá-la de volta, já que ela era a mais próxima. À sua direita, um homem gritou de medo ao cair de bunda.

Através de sua visão turva, incapaz de lidar com a luz, a falta de ar, o *calor* ao seu redor, ele notou duas características distintas: pele escura e cabelos brancos.

Elfos? Se eles eram elfos, então ele foi levado para o reino dela.

Eles pegaram seu crânio para examiná-lo como os outros que ele tinha visto na sala em que estava? Felizmente, eles não o

destruíram no processo, ou talvez ainda não tivessem tido tempo para isso.

Ele deu um passo para um lado, querendo passar por eles. *Onde está Raewyn? Ela está aqui?* Se ela pediu para trazê-lo aqui, por que ela não estava por perto? Por que ela não esperou que ele voltasse à vida?

No momento em que ele deu um passo em direção às pessoas, o fedor do medo perfurou o ar como uma lança, e Merikh disparou um estrangulamento. Ele recuou quando seus orbes brilharam em um carmesim mais profundo e virou para o outro lado para fugir disso.

Um fedor de medo mais profundo o atingiu, e ele cobriu o focinho com um gemido. Mesmo com falta de oxigênio, ele cortou a respiração.

Não. Merda, não. Branco brilhou em sua visão. *Não posso deixar a fome tomar conta. Eu vou matar todo mundo.*

Mais pessoas estavam se reunindo no corredor de ambos os lados, vindo tolamente para ver o que era a comoção. Eles engrossaram o ar a ponto de ele sentir *o gosto* do medo deles. Nunca tinha sido tão esmagadoramente tangível antes, e sua boca começou a pingar de baba.

Ele provavelmente parecia uma besta incontrolável, correndo para um lado e depois para o outro, suas garras, presas e crânio assustadores para a maioria. Não ajudou que seus espinhos estivessem totalmente erguidos em agressão, fazendo-o parecer um animal assustador e cheio de espinhos.

Nesse ritmo, sua consciência desapareceria.

Ele precisava respirar, mas a próxima o agarraria.

Fora. Eu preciso sair!

Ele não podia se mover entre as pessoas, não se não quisesse matar alguém acidentalmente com suas penas. O corredor era alto, mas não era largo o suficiente para caber seu corpo maciço com eles no caminho.

Não havia lacuna. Sem saída.

O vidro situado entre pedaços de galhos brancos chamou sua atenção. Lá.

Com um grunhido, ele bateu com o ombro contra ela. Não quebrou e a falta de oxigênio comprimiu seus pulmões. Ele bateu de novo, mas ainda não quebrou.

Merda, merda, merda! Ele precisava de algo duro. Ele colocou as mãos em cada lado dela e usou toda a sua força para bater sua testa ossuda contra ela. Rachou, e ele fez de novo.

No momento em que o vidro quebrou, ele enfiou a cabeça e respirou ar fresco, sem se importar que fosse fino. Mais gritos explodiram, mas ele os ignorou enquanto avançava pela janela.

Cacos de vidro cortaram sua barriga e as laterais enquanto ele rastejava para passar. Ele precisava ficar longe deles.

Pelo que ele podia dizer, toda a seção do corredor em que ele esteve era parte de uma árvore enorme, maior do que qualquer coisa que ele jamais imaginou ser possível. Ele se virou para poder subir em um gigantesco galho branco, já percebendo que estava a quilômetros de altura.

Não é de admirar que o ar estivesse tão rarefeito. Ele nunca tinha estado tão acima do nível do mar antes em sua vida.

Usando as garras dos pés, ele chutou e subiu mais alto.

No topo do galho, ele tentou se levantar, mas uma forte rajada de vento quase o empurrou. Ele teve que se firmar com as mãos ou escorregaria. Assaltado pelo vento empurrando seu corpo para o lado, seus espinhos agindo como uma barbatana de vela, ele se arrastou até o tronco da árvore.

Dava a ele algo melhor para se segurar, assim como o protegia do pior dos ventos.

Ele se levantou e, com o vento empurrando seus espinhos e cauda para a esquerda, ele finalmente conquistou o mundo.

Santo... espírito do vazio, uau.

Ele absorveu o trabalho misterioso da natureza, feito por um mundo extraterrestre.

Até onde a vista alcançava, a terra estava coberta de árvores que atingiam pelo menos metade da magnífica altura em que ele estava, o que significava que eram mais altas do que qualquer outra na Terra. Algumas tinham casca branca com folhas rosa e roxas, que eram as cores proeminentes, mas outras tinham salpicos de azul e verde com troncos pretos.

À distância, onde a luz do sol já não os tocava mais, suas folhas *brilhavam*.

Havia um campo aberto entre o meio de dois conjuntos de floresta, um grande rio correndo no meio que seguia direto abaixo dele. A grama era de um azul celeste, ondulando como o mar com o vento empurrando seus longos caules.

Ainda assim, era o que estava abaixo que era verdadeiramente inspirador.

Era uma cidade branca, com centenas de quilômetros de largura, com paredes de calcário creme circundando-a até o oceano

atrás dele. As casas ao redor da base da árvore em que ele estava eram feitas principalmente de suas raízes brancas, mas parecia que estavam *conectadas*, como se a própria árvore tivesse feito suas casas.

Mais adiante havia mais casas feitas de calcário creme, muitas com teto de vidro. Os feitos da árvore eram circulares, mas os de pedra tinham formas variadas, cores rodopiantes pintadas nelas.

Colinas tocavam por toda a cidade, com bandeiras coloridas e panos esvoaçantes dando vida a ela.

Um pequeno penhasco separava as pessoas da praia atrás dele, mas havia três escadas de pedra que conduziam livremente a ela.

Ele estava tão alto que mal conseguia distinguir milhares de pessoas, todas vestidas com cores diferentes, movendo-se pela cidade. Os caminhos eram de grama azul-celeste como ele podia ver ao redor do rio – como se eles preferissem ter algo vivo para suavizar seus passos.

O céu era difícil de distinguir através de uma barreira de cúpula multicolorida que protegia toda a cidade. Foi só quando ele parou de olhar através do arco-íris da bolha que notou que o céu estava verde para combinar com o único sol que ele podia ver.

Tudo foi pintado na penumbra do crepúsculo caindo sobre a água. Pelo menos o oceano parecia familiar, embora um pouco mais verde do que ele estava acostumado.

A visão diante dele era linda – exuberante, vívida e de tirar o fôlego. Como um mundo poderia brilhar assim?

Outra rajada de vento tentou empurrá-lo para a frente e o acordou de seu olhar boquiaberto.

Seus orbes ficaram azuis. *Como devo encontrá-la aqui?*

Ele tinha certeza que ela o encontraria primeiro, mas o que ele realmente queria saber... Como diabos eles deveriam se encontrar sem que ele matasse alguém?

Merikh precisava encontrá-la antes que os soldados que ele enfrentou na Terra o encontrassem, ou antes que o medo o forçasse a uma raiva cheia de fome. Ele não tinha guardas de penas, nem pano de camuflagem de cheiro.

Inferno, ele estava nu.

Ele não poderia ficar assim por muito mais tempo. Ele poderia se acostumar com o oxigênio rarefeito, mas levaria tempo. Voltar para dentro da árvore para onde as pessoas estavam em um corredor apertado parecia idiota.

Ele pareceria um monstro abrindo caminho. Se ele acidentalmente machucasse alguém, o medo já dominador misturado com sangue era uma maneira infalível de provocá-lo.

Eu preciso descer. De fora.

Merikh começou a descer, ocasionalmente pulando das centenas de galhos. Algumas das folhas eram maiores do que ele – alguns dos gravetos também. Ele era como uma formiga escalando uma árvore.

Ele escorregou após um salto e começou a despencar, apenas para amortecer a queda quando seu torso bateu contra um galho grosso. A saliva espirrou de sua boca, e ele já sabia que suas entranhas seriam machucadas. Quando ele começou a escorregar para fora da borda, ele entrou em pânico e cravou suas garras, então apenas ficou lá por um momento, bufando.

Pelo menos descer o ajudava a respirar, mas uma queda dessa altura com certeza quebraria seu crânio em um instante. Ele não

achava que tinha estado tão perto de sua própria morte possível.

Pareceram horas antes que ele chegasse ao fundo.

Assim que o fez, ele parou em uma casa aleatória para que pudesse olhar ao redor e procurar. Como uma figura iminente levantando o focinho no ar, ele esperava poder pegar apenas um fio do cheiro de lírio do vale de Raewyn.

Nada, e o grito de alguém fez sua visão mudar para branco.

Merikh disparou para outro telhado, depois outro, querendo ficar o mais longe possível do gritador. Ele só precisava fugir de todos até encontrar o cheiro doce e tóxico de lírio dela e, com sorte, escapar de ser notado nesse meio tempo.

Apesar de quão rápido ele estava de quatro, sempre que parava em cima da casa de forma estranha de alguém para farejar Raewyn, ele chamava a atenção de alguém. Sempre que eles apontavam com um grito, ele disparava, mesmo que não tivesse cheirado o ar direito.

Onde você está, pequena estrela?

Agora que estava no coração da cidade, parecia impossível. Era ainda maior do que ele pensava e tão confusa quanto um labirinto. Ele não sabia se tinha dobrado de volta ou não. Ele não sabia para onde estava indo ou como deveria navegar.

Lanternas cheias de algo diferente de chamas acendiam sem a ajuda de ninguém, mesmo antes de o sol terminar de se pôr. Tudo estava ficando mais escuro, tornando difícil até mesmo para ele distinguir as pessoas.

Ele estava seguindo cegamente seu nariz agora, e só perseguia aqueles com cabelos longos, mas crespos - nenhum revelando ser ela.

O tempo passou lentamente, mas seu pulso era rápido.

Então começou.

Um alarme soou como um carrilhão sinistro.

Em pouco tempo, Merikh estava sendo perseguido por soldados blindados de metal branco empunhando aquelas armas de haste mortais. Os ocupantes da cidade os alertaram sobre sua presença.

Bolas de luz de cores diferentes brilhavam em suas armas. Parecia que havia enfeites amarrados às hastes por meio de fitas, e ele notou que combinavam com a cor do couro. Eles apareceram para ajudá-los a seguir um ao outro enquanto perseguiam.

Três se tornaram nove, até que havia dezenas vindo em sua direção de todas as direções.

Mesmo com a escuridão caindo sobre eles, seus orbes vermelhos brilhantes eram como um farol.

Em sua forma monstruosa, Merikh apenas correu de quatro, correndo para escapar. Ele foi mais rápido e tentou sentir o cheiro de Raewyn enquanto saltava de telhado em telhado.

Com o toque do alarme, as pessoas correram para a segurança de suas casas. Isso deu a Merikh a liberdade de se esconder dentro do labirinto da cidade, descendo para as ruas. Suas patas rápidas e pesadas reverberavam nas paredes, e a exaustão fazia com que sua respiração ofegante fosse alta e úmida.

O cheiro de medo ficou mais forte, depois desapareceu quando ele passou por diferentes casas. Cada vez que uma área específica ficava saturada com ela, como se aqueles dentro da área fossem petrificados, ele parava de respirar até passar.

Correndo por um caminho, ele derrapou até parar em uma linha de soldados apontando suas lâminas para ele. Pelo que ele podia dizer, eles eram uma mistura de elfos e demônios, e suas lâminas brilhavam levemente com energia enevoadada.

Ele agora sabia como aquelas armas eram mortais.

Ele disparou para a esquerda, mas dobrou para trás e foi para a direita quando mais se reuniu lá.

A árvore em que ele estava antes não era o centro da cidade, mas estava perto dela. As folhas brilhavam em um roxo rosado no escuro, e ele se dirigiu para elas.

Ele voltaria até perder os soldados.

Se Raewyn estivesse aqui, ela já teria sido alertada de sua presença. *Ela virá me encontrar ou me deixará sozinho aqui?*

Como as marés haviam mudado.

Ele estava sendo *caçado*. Ele não machucou uma única pessoa, e eles já apontaram suas armas para ele.

Não realmente a recepção calorosa que ela havia prometido a ele.

Ele conhecia o problema.

Ele era uma criatura estranha em sua casa. Aos olhos deles, ele era um monstro que havia transgredido, e eles não sabiam se ele era seguro ou não.

Pior ainda, eles não conseguiam se comunicar. Os soldados em sua casa falavam outro idioma. Eles não o tinham entendido então. Ele precisava que Raewyn traduzisse.

Ele estava se movendo muito rápido. Como ela deveria vir até ele quando ele não conseguia parar nem por um momento antes de ser cercado? Encontrá-la parecia impossível.

Haviam muitas pessoas. Muitas casas para verificar. Muitos cheiros um em cima do outro para ele pegar um fio.

Ele manteve sua visão na árvore. *E se ela estiver lá?*

Ele não conseguia passar por isso.

Porra. O que eu deveria fazer?

Havia uma área aberta entre duas raízes de árvores, um caminho claro para a segurança - ou assim ele pensava.

Uma rede explodiu do lado e envolveu três de seus membros. Suas penas foram rápidas para libertá-lo, mas ele ainda caiu contra o chão, com o ombro esquerdo e o crânio primeiro. No momento em que ele estava de quatro, ele estava cercado.

Não vendo outra alternativa, ele saltou por cima deles e de suas longas armas de haste. Uma videira com duas pedras em cada ponta envolvia um de seus braços contra seu tronco, e ele bateu no chão com o peito ao cair.

Um *oomph* explodiu dele.

Lutando para se libertar, ele foi cercado mais uma vez, desta vez pelo dobro de soldados. Enquanto ele se apoiava em duas pernas para poder liberar o braço, elas apontavam para cima para impedi-lo de atacar.

Ele recuou e gritou quando alguém o cutucou na bunda com uma ponta afiada. Merikh rugiu, suas penas ficando em pé, estufando-o e dobrando seu tamanho.

Gritos soaram enquanto eles o mantinham trancado. Eles davam a ele espaço suficiente para se mover para frente e para trás enquanto ele procurava uma fuga, um espaço para pular, qualquer coisa.

Havia muitos agora. Ele seria empalado se voltasse para o chão.

– *Parem de ter medo!* – ele rugiu, desejando que o cheiro de seu medo cessasse. Sua voz estava distorcida em sua forma monstruosa, um agudo para seu baixo usual.

Sua visão se aprofundou em carmesim, e ele foi forçado a enfiar dois dedos no buraco do nariz para se proteger disso.

Alguém deu um passo à frente e apontou sua lâmina para ele quando ele chegou muito perto.

– *Foda-se,* – ele rosnou, ficando mais agitado a cada segundo.

Seu peito estava apertado de raiva, com medo do que poderia acontecer. Ele girou em um círculo, mas não havia saída a menos que ele lutasse contra eles.

Não posso. Ela nunca vai me perdoar.

Eles não o aceitariam. Ele cairia em uma matança. Derramar o sangue de apenas uma pessoa iniciaria algo que ele não seria capaz de controlar em uma população tão densa de pessoas.

Atualmente, eles estavam atacando uma bomba de garras, presas e fome insaciável, e estavam prestes a detoná-lo.

Se ela tentar me impedir, eu a mato. Sua visão momentaneamente mudou para branco com o pensamento, o pânico deslizando por ele.

Não importava como ele se sentia em relação a ela. Nesse estado, ele não veria a diferença entre amigo ou inimigo, comida ou companheiro. Ela não passaria de carne.

Merikh andou ao longo de suas armas de haste em três membros, dois dedos ainda alojados em seu nariz, enquanto tentava imaginar uma maneira de passar, tentava pensar *racionalmente*.

Ele se sentou de cócoras e levantou a mão para acenar, esperando que o sinal para se acalmar fosse universal. A pessoa contra a qual ele fez isso, embora aleatória, só o viu ameaçar com garras.

Um homem se adiantou e usou as mãos para falar. Uma pessoa ao lado dele traduziu em seu nome.

– *Eu não consigo entender você,* – ele respondeu de volta, esperando que fosse o suficiente.

Ele se aproximou da única pessoa que estava realmente tentando se comunicar com ele. Duas armas de haste de cada lado deles apunhalaram enquanto o que assinava recuava. Uma lâmina cortou seu bíceps.

Merikh rugiu e recuou. Ele parou antes que fosse tarde demais. Alguém gritou e uma rede foi lançada sobre ele. Eles puxaram, e seu peso mudou para o lado enquanto tentavam prendê-lo. Merikh foi deslizado através dos invólucros de videira quando suas penas os rasgaram facilmente.

Sua visão vacilou quando mãos invisíveis agarraram sua mente, tentando forçar seu controle a escorregar. Seus braços e pernas tremeram, sua respiração ficando mais irritada a cada segundo, cortando dentro e fora dele como uma lâmina.

As mãos invisíveis que massageavam seu cérebro eram *tão boas* que ele quase queria deixá-las vencer. Seus orbes brilhantes ficaram de um carmesim escuro com o desejo de mutilar.

Merikh parou de se mover, parou de responder a eles.

Raewyn. Eu preciso chegar até Raewyn.

Ele queria que ela o acalmasse, para salvá-lo – deles, dele mesmo.

Sua visão piscava dentro e fora da consciência, e ele tentou segurá-la, para não deixar sua mente mudar. Seus tremores eram violentos.

Ela é minha. Eu quero que ela seja minha. Não posso perder o controle. Não destruir.

Eles estavam cutucando a porra de um urso, um que geralmente deixa a raiva tomar conta. Se continuassem fazendo isso, iriam colher as consequências de sua estupidez.

Eu preciso ficar no controle por ela.



Ainda enrolada no chão, segurando sua barriga, Raewyn se encolheu com a súbita batida frenética em sua porta.

— Raewyn. Raewyn! — Cykran gritou. — Pelo amor do Sempreverde, você está vestida?

Ela se levantou e caminhou cuidadosamente em direção ao som, conhecendo o layout de sua casa por pura memória. Ela escancarou a porta, seu constante golpe ajudando a direcioná-la.

— Claro, estou vestida. Faz horas, — ela respondeu enquanto dava uma fungada. — Meu banho acabou há séculos...

Ele agarrou seus ombros com tanta força que suas garras ameaçaram cortar sua pele.

— Temos um problema, um grande problema!

Nesse momento, uma campainha de alarme começou a soar no centro da cidade, informando a todos sobre o perigo.

Suas orelhas caídas endureceram e dispararam para trás quando seus olhos se arregalaram.

— O que aconteceu?

Os Demônios conseguiram descobrir como entrar na cidade? Sua tristeza podia esperar. Ela precisava ajudar seu povo, orientá-los em uma emergência.

— Sua criatura... ele está aqui. — Suas garras cortaram mais fundo, e ela teria estremecido se não fosse por suas palavras. — Ele está na cidade!

Ela o empurrou para longe dela.

— O que você quer dizer com ele está na cidade?

— Ele está sendo perseguido, Rae. — Ela quase podia imaginá-lo puxando um chifre. — Ele não está se rendendo a Mericato e seus soldados.

Por mais aliviada que ela estivesse por Merikh estar vivo, ele estava sozinho em um ambiente desconhecido com hostis perseguindo-o. Ela entendeu o quão mal isso poderia terminar.

— Temos que ir. — Ela agarrou tudo o que pôde da roupa de Cykran e o sacudiu. — Você tem que me levar até ele. Ele não é como vocês delysianos. Ele vai enlouquecer e dizimar a cidade inteira se não tomarmos cuidado.

— Eu pensei que você disse que ele era bom!

— Ele é! Eu juro que ele é. Ele não seria capaz de evitar. Apenas... por favor, Cykran. — Seus olhos se curvaram em uma expressão desesperada e suplicante. — Leve-me até ele, o mais rápido que puder; Eu não me importo como.

Ele deu um rosnado suave e rolante.

— Certo. Suba.

Ele se virou e deu as costas para ela enquanto se agachava. Raewyn tocou seus ombros e então se envolveu em torno dele.

Normalmente, quando ela fazia Cykran carregá-la assim, ela o deixava tonto de uma forma engraçada. Desta vez, ela não disse nada e esperou que ele corresse.

Sua casa ficava no alto da árvore central. Eles tiveram a sorte de os corredores estarem vazios devido ao alarme dizendo a todos para se esconderem em suas casas.

— Como ele chegou aqui? Você sabe? — ela perguntou, agarrando-se ao pescoço dele enquanto os braços dele envolviam seus joelhos.

Ela podia sentir a rapidez com que ele estava correndo pela quantidade de ar que passava sobre eles e quanto seu corpo se movia. Ela sentiu tanto quanto ouviu o quão forte seus passos batiam contra o chão com cada queda de pé. Ela constantemente saltava nas costas dele.

— Mericato mandou trazer o crânio dele para cá. Ouvi o tradutor dele dizer que ia dar para Ulair estudar, já que nunca tínhamos visto nada parecido com ele.

Os lábios de Raewyn se estreitaram em aborrecimento.

— Por que você não me contou?

— Como eu poderia saber que ele voltaria à vida? — Cykran retrucou. — Eu não achei que seria uma boa ideia dizer a você que os vi trazendo de volta a cabeça de seu amante morto, ok? Seu rosto estava todo nojento de tanto chorar, e eu estava preocupado que você fosse começar a me bater de novo.

— Puxa, você me deixa com tanta raiva. — Ela estendeu a mão e puxou seu chifre.

Ele deu um passo para o lado enquanto tropeçava. — Ei! Estou correndo aqui.

— Você pode ir mais rápido?

— Estou indo o mais rápido que posso! — Assim que o ar fresco atingiu seu rosto, Cykran parou. — Eu não sei onde eles estão. Está muito escuro e não vejo nenhuma luz de farol.

Raewyn semicerrou os olhos, como se isso a ajudasse a ver. Curiosamente, aconteceu. Como nenhuma outra luz, como as da cidade, era capaz de distraí-la, ela notou um punhado de brilhos mágicos à esquerda.

Ela apontou.

— Vá por ali.

Cykran girou e se dirigiu para a esquerda. Ao se encontrarem no topo de uma elevação, dezenas de brilhos emergiram e circundaram um ponto preto no meio — um ponto com faíscas vermelhas e brancas.

Merikh.

— Eu preciso que você seja minha voz, — Raewyn disse quando eles se aproximaram. — Se ele me ouvir, estou preocupada que ele tente passar pelos soldados como na Terra. Só poderei falar baixinho.

— Você sabe que Mericato vai liderá-los.

Isso será um problema.

— Eu sei, mas você só precisa fazer com que ele me deixe passar.

Cykran assentiu, a apenas um metro de distância da mistura de cores brilhantes.

— Deixe-nos passar! — Ele demandou. Ele esbarrou nas costas dos soldados, nenhum dos quais saiu de seu caminho. — Trago a conselheira Raewyn Daefaren.

Ela estremeceu ao ouvir seu nome ser gritado, mas não parecia que Merikh tivesse ouvido ou entendido.

A primeira linha de soldados se separou e foi engolida pelas pessoas. O tilintar e ranger de metal em couro rangeu em seus ouvidos, enquanto o cheiro de óleos de armadura penetrava em seu nariz. Com quanto suor estava grudado no ar, ela se preocupou com quanto medo eles estavam produzindo.

— Eu não posso avançar mais — disse ele por cima dos ombros. — Há lâminas Rankae por toda parte.

— Todos os civis foram avisados para recuar para suas casas — alguém gritou quando dois pares de passos se aproximaram. A armadura tilintava e chacoalhava quando eles se aproximavam. — Leve-a de volta para dentro do palácio.

— Ela está aqui para acalmar a situação. Deixe-a passar.

Houve um silêncio compartilhado entre eles enquanto Mericato assinava. Raewyn conhecia a linguagem de sinais, mas, infelizmente, tornou-se difícil para eles se comunicarem, uma vez que ela não conseguia mais ler as mãos dele. Quando eles queriam se comunicar em particular, ele escrevia com tinta elbraille em um pedaço de papel, ou usava o dedo para escrever na palma da mão dela, e então ela respondia a ele.

No entanto, ele frequentemente tinha um tradutor com ele, e Cykran ainda estava aprendendo a pedido dela.

— Eu disse a você que ele lideraria o time, — Cykran sussurrou.

— Esta não é sua jurisdição — disse o tradutor de Mericato, embora não tivesse a raiva em sua voz que certamente estava escrita em seu rosto. — Sou o conselheiro responsável pela segurança da cidade. Não há necessidade de você, uma civil, estar aqui.

Ela não gostou de ouvir isso. Ela também ainda estava irritada, já que foi ele quem a empurrou através do portal.

— Diga a eles que ele não fala nossa língua. Posso acalmá-lo e traduzir.

— Ele é da Terra e um amigo dela. Deixe-a falar com ele.

Ela apenas sabia que Mericato havia estreitado os olhos para ela, especialmente quando seu tradutor disse: — Então você é o motivo de ele estar aqui. Claro. Você desaparece por semanas e traz de volta um animal de estimação hostil.

Um rosnado profundo e estrondoso reverberou na armadura de todos, fazendo-a soar oca e ecoante. Suas orelhas dispararam para trás e ela agarrou o pescoço de Cykran com mais força.

— Apenas deixe-a passar! — Cykran gritou com o barulho aterrorizante que Merikh fez. — Antes que seja tarde. Não temos tempo para discutir.

— A segurança dela é prioridade máxima. Não vou deixá-la passar para falar com alguma fera quando não temos ideia do que é ou do que é capaz.

— Deixe-me descer — ela rosnou baixinho enquanto abaixava as pernas.

Quando ele a soltou, ela se dirigiu para Mericato.

— Um pouco para a direita — afirmou Cykran, assim como Merikh costumava fazer por ela.

Ela desviou um pouco.

Ela deu um tapinha no peito do homem, agarrou-o pelas alças e levantou-o na ponta dos pés – já que ela era um pouco mais alta que ele.

Então, transformando suas feições no olhar mais feroz que conseguiu reunir, ela *rosnou*: – Mova-se.

Sua risada era silenciosa e abafada.

– Tudo bem – disse Mericato, sua voz crua, tensa e tão rouca que era difícil de entender. Era a primeira vez que ela o ouvia falar, e a dor por ele fazer isso era óbvia. – Você quer morrer, vá em frente.

Ela o soltou surpresa e recuou para dar-lhe espaço para usar as mãos.

– Três corridas – começou seu tradutor quando Mericato deve ter sinalizado com as mãos. – Desarmem para deixá-la passar.

Cykran deu um tapinha nas costas dela para guiá-la levemente.

– Um caminho se abriu, Rae. Quer que eu vá com você?

Ela balançou a cabeça, dizendo a ele para ficar enquanto ela estendeu a mão e fez seu caminho pelo ar para se certificar de que estava vazio. Ela sabia que havia passado pelos soldados quando seus sons cessaram ao seu redor e, em vez disso, se arrastaram por trás.

– Merikh, – ela chamou gentilmente, sabendo exatamente onde ele estava pelas faíscas que piscavam rapidamente.

– *Raewyn*, – ele disse com um gemido rosnado. Seu alívio era tão óbvio que era palpável.

Ela se aproximou um pouco mais, grata por ele ser coerente o suficiente para falar. Isso significava que era seguro se aproximar.

Ela desejou ter sido capaz de ver o que viria a seguir; poderia tê-la impedido de gritar. Faíscas verdes saíram dele, assim como os

soldados atrás dela engasgaram.

Merikh agarrou uma de suas mãos estendidas, puxou-a para frente e então a derrubou no chão. Ela não sabia quando tinha começado a gritar, mas foi abafado pelo peito dele no momento em que ele deitou em cima dela.

Seus joelhos foram forçados em uma posição dobrada quando eles pressionaram seu estômago, seus braços presos entre eles. Merikh enrolou seu corpo inteiro ao redor dela. Os antebraços dele cobriam os braços dela com as mãos no topo da cabeça dela, enquanto as pernas dele cobriam os lados dela com os pés apoiando o traseiro dela.

— Raewyn! — O grito de pânico de Cykran ecoou.

— É por isso que não permitimos que civis se envolvam! Fiquem todos para trás. Se vocês atacarem, ele pode se voltar contra ela.

— Estou bem! — ela exclamou.

Ela sabia o que isso parecia, já que ela esteve em uma posição defensiva semelhante abaixo dele antes. Ela sem dúvida imaginou que ele parecia uma grande bola pontiaguda com ela escondida dentro de forma protetora.

Os sons além dele eram mais silenciosos, e permitia que ela ouvisse como seu coração batia freneticamente, como sua respiração era curta e superficial. Gritos agudos explodiram de seu torso, logo antes de sua cabeça disparar para o lado e ele soltar um rugido selvagem e explosivo.

Ele a puxou mais apertado, então ainda mais apertado enquanto sua cabeça chicoteava para o outro lado para rosnar em advertência.

— Eu preciso que você se acalme, ok? — ela cantou suavemente em inglês, esfregando o peito dele na esperança de acalmá-lo. — Você está assustando todo mundo.

— *Diga a eles para recuarem*, — ele rosnou. — *Diga a eles para controlarem o medo*.

Raewyn conseguiu enfiar as mãos pela abertura onde estavam os cantos de sua mandíbula e seus ombros. Ela cobriu a ponta de seu focinho com uma mão para bloquear seus cheiros para ele enquanto acenava com a outra no ar.

— Por favor, nos dê um pouco de espaço — ela gritou para seu povo. — O cheiro do seu medo o está agitando. Ele não vai lhes machucar, então, por favor, relaxem. — Ela esperava não estar fazendo promessas vazias. — Melhor? — ela perguntou a ele quando o barulho a informou que o pequeno exército havia recuado.

Ele grunhiu em resposta.

Eu me sinto tão mal por ele. Ele está correndo desde o momento em que perdi a visão? Isso tinha sido há duas horas, se não mais.

O silêncio irradiava entre eles, mas era denso de tensão. Seus rosnados e grunhidos não haviam desaparecido, nem seu coração ou respiração se acalmaram.

Ela se atreveu a mover a mão de seu rosto e baixou as duas para esfregar suavemente seu pescoço grosso e firme. Quando ela o coçou, ele estremeceu e a pressão que pesava sobre ela diminuiu.

O que era bom, já que ele a estava esmagando.

— Você machucou alguém, Merikh? Será muito mais difícil lutar em seu nome se você o fizer.

— *Não, eu me certifiquei de não machucar ninguém do seu povo. Eu sabia que eles não confiariam em mim se eu confiasse e não achei que você*

me perdoaria.

Um Caminhante do Crepúsculo tão inteligente, em ambas as contas. Ela sorriu levemente quando colocou a testa contra o peito grande dele e sentiu o conforto de seu cheiro de laranja e canela. O pelo dele fez cócegas em sua testa, e ela esfregou nas fibras macias.

Apesar de seu desejo de ficar com ele, seu coração florescendo em seu retorno, ela virou a cabeça para a parte inferior de seu crânio.

— Eu preciso que você me deixe ir, Merikh, — ela pediu gentilmente, apenas para estremecer quando ele a atacou novamente.

— *Não.* — A profundidade de seu baixo incomum e monstruoso dobrou, e foi tão definitivo que ela sentiu arrepios nos braços.

— Não podemos ficar assim para sempre.

— *Eu não vou permitir que eles levem você embora de novo.*

Ela queria prometer a ele que não iriam, mas ela sabia onde era o próximo destino dele – e não era a casa dela. Pelo menos, ainda não.

Isso se ele quisesse ficar com ela.

— Você está aqui. Você chegou a Nyl'theria — disse ela, esperando tranquilizá-lo. — Se você me deixar sair, podemos resolver tudo e trabalhar para obter sua permissão para permanecer na cidade.

— *Eu não dou a mínima para onde estou, Raewyn.*

Suas sobrancelhas se juntaram com tanta força que formaram um nó em sua testa.

— Eu não entendo. Não é isso que você queria? Vir aqui, fugir da Terra?

– *O que eu quero mudou. Não me importa onde estou, desde que a tenha.*

– O que voce quer então?

Suas respirações gemiam, ansiosas e temerosas. Foi estranho. Sua resposta demorou a vir, mas foi suave, pronunciada tão baixinho que foi um sussurro.

– *Você.*

Seu coração gaguejou em seu peito, correndo para o que isso poderia significar. *Isso significa que ele sente o mesmo que eu?*

– É... É por isso que você tentou tirar algo de mim? – ela perguntou, sem saber se sua voz estava tremendo de nervosismo ou empolgação.

O silêncio que se seguiu pesou muito em seu peito. Ele não quis responder.

– Merikh? – ela empurrou, sua voz embargada.

– *Sim.*

– O que foi isso? Nunca vi nada igual.

Sob suas mãos, sua frequência cardíaca disparou, batendo descontroladamente, como se estivesse prestes a desistir. Puxa, era óbvio que ele estava profundamente angustiado.

– *Sua alma.*

– Minha alma? – ela resmungou confusa antes de arregalar os olhos. – Você é um devorador de almas, assim como Weldir. Isso é o que significa ser sua noiva.

– *Sim,* – ele respondeu calmamente. – *No entanto, ao contrário dele, Mavka só podem consumir uma alma. Nós nos tornamos sua âncora e você se torna a nossa. Estaríamos amarrados um ao outro por toda a eternidade. Neste mundo e no outro mundo.*

Uma labareda de raiva atravessou-a.

— Você tentou me ligar a você sem minha permissão! Como você pôde?

Ela teria batido em seu peito se não soubesse que tinha uma besta violentamente trêmula acima dela. Ela também não queria alarmar os soldados, mas o beliscou na lateral do pescoço.

Um gemido agudo ecoou dele, e ele se apertou ao redor dela para diminuir o espaço compartilhado. Raewyn tinha a sensação de que não tinha nada a ver com sua retaliação física e tudo a ver com sua indignação.

— *Desculpe. Por favor me perdoe.* — Sua respiração soava como se ele estivesse tremendo de agonia, tanto que ele estava ofegante. — *Eu vi eles tentando pegar você, e eu sabia que não seria capaz de passar pelos soldados sem ferir você ou eles. Se eu levasse sua alma, você teria voltado para mim.*

— Por que você não me disse que queria isso? — ela perguntou, cravando os dedos em seu pelo. — Poderíamos ter falado sobre isso em vez de você apenas... tentar roubá-la.

O que ele fez foi errado. Ele não deveria ter tentado fazer isso.

— *Eu queria, mas estava com medo de que você dissesse não.*

Claro. Não era como se ela tivesse dado a ele uma razão para pensar que ela teria uma resposta diferente.

Raewyn abaixou a cabeça para que pudesse pressionar a testa contra o esterno dele e envolveu os braços ao lado do corpo dele, com cuidado para evitar os espinhos afiados como navalhas.

— Seu grande idiota, — ela murmurou, absorvendo seu calor, seu cheiro, apenas... tudo dele. Ela soltou um suspiro satisfeito. — Eu senti sua falta, você sabe.

Ele não respondeu, mas ela notou que seu coração desacelerou – tão grande e pesado, tão poderoso e cheio de vida.

– Eu estava tão preocupada quando eles me empurraram através do portal. Eu pensei que tinha perdido você, – ela disse, sua voz quebrando em um soluço. Lágrimas brotaram em seus olhos, fazendo-a querer rolar para si mesma, mas ela não podia evitar. Em vez disso, ela as deixou fluir livremente por suas têmporas. – Achei que nunca mais veria você ou teria a chance de dizer que estava me apaixonando por você.

Ela não sabia que já estava, e estar longe dele só a fez perceber o quanto ela o queria em sua vida.

Todos os ruídos de Merikh cessaram de repente: seu coração, sua respiração, seus rosnados e ganidos de advertência. A próxima rajada de vento suave foi insuportavelmente alta, assim como o movimento dos soldados e uma tosse aleatória.

Ele ficou tão rígido e imóvel que ela quase temeu que ele tivesse se transformado em pedra. Ela desejou que seu crânio não estivesse bloqueando sua visão para que ela pudesse ver se seus orbes haviam mudado de cor.

– *Dê-me sua alma,* – ele impacientemente ofegou quando tudo saiu dele.

– Você não pode me pedir com educação? – ela meio soluçou e meio riu.

– *Por favor? Quero segurá-la, guiá-la, acariciá-la e protegê-la, assim como quero fazer pelo seu corpo.*

Raewyn estendeu a mão para que ela pudesse segurar os lados de seu focinho ossudo.

— Há tantas outras pessoas incríveis aqui que você não conheceu, Merikh. E se você mudar de ideia?

Ela tinha seus próprios medos e reservas. Cykran estava certo; ela pode ser, em sua própria opinião, inteligentemente bem-humorada, mas Raewyn tinha falhas. Nem todo mundo gostava de seu humor, e o trabalho sempre foi e sempre será sua prioridade.

Ele jogou a cabeça para trás para poder olhá-la, dando-lhe mais espaço e liberdade.

— *Eu não vou. Achei que ficaria contente enquanto deixasse a Terra, mas percebi que o que estava procurando era algo que me trouxesse paz e felicidade iluminando meu mundo. Passei a maior parte da minha vida sentado no breu, meu brilho estelar, e você o expulsou com sua estranha brincadeira, seu riso, suas lágrimas, sua bondade para com uma criatura que todos desprezavam.*

— Mas outra pessoa pode ser isso para você.

Ele segurou o lado de seu rosto.

— *Você conquistou meu coração, Raewyn. Nunca sonhei em ter uma noiva porque não achava que fosse possível, mas na tua luz, na tua aceitação incondicional, fizeste-me acreditar.*

Raewyn se inclinou em sua grande palma enquanto acariciava seu polegar em forma de garra sobre sua bochecha.

— Merikh — ela engasgou, segurando as costas de sua mão.

— *Quero que você seja meu farol nos dias em que a escuridão quiser tomar conta de mim novamente.*

Raewyn desejou que um momento tão especial não estivesse sendo testemunhado, mas ela estava grata por nenhum deles poder entender o que eles estavam dizendo ou as palavras ternas vindas dele.

– *Eu estive esperando por mais de trezentos anos por você.* – Merikh lambeu sua bochecha para apagar a mancha de suas lágrimas. – *Se você realmente quis dizer o que disse, se realmente encontrou dentro do seu coração para me amar, não permitirei que ninguém a tire de mim.*

Um estranho soluço, como uma risadinha e um soluço ao mesmo tempo, saiu dela.

Mesmo que este não fosse o momento nem o lugar, ele não iria deixá-la até que ela cedesse. Não que fosse uma decisão particularmente difícil – ela já havia se decidido antes de vir para cá. Ela só não sabia o que realmente era ou quão permanente seria.

– Como eu faço isso? Como posso te dar minha alma?

– *Eu não sei,* – ele respondeu com sinceridade. – *Só vai ou... deixa pra lá.*

Uma mordida de presas cortou logo acima dela antes que ele engolissem em seco.

Espera, é isso? Eu nem vi! Então, novamente, por que ela veria sua alma quando tecnicamente não era mágica? Era essência, algo além do reconhecimento.

– Devo sentir algo diferente? – ela perguntou, batendo no peito.

– *Não tenho certeza, mas minha fome se foi. O cheiro do medo não está mais me incomodando.* – Seus músculos ficaram tensos, como se ele tivesse estremecido. – *No entanto, está tão quente que parece que vai me queimar de dentro para fora. Era para ser azul?*

Como ela deveria saber? As chamas azuis tendiam a ser mais quentes do que a maioria das outras, no entanto.

Raewyn esperou, mas mesmo com o passar do tempo, ele não a libertou.

— Merikh, você pode me deixar ir agora?

Ele grunhiu.

— *Eu não quero. Quero ficar aqui, onde posso abraçá-la e protegê-la.*

Ela quis rir, percebendo que ele podia ser possessivo quando queria. Ela não o fez, no entanto. — Não podemos fazer isso.

Ele finalmente se afastou para remover seu peso dela.

— *Eu sei. Eu posso ver a preocupação em seus rostos. O barbudo acenando com as mãos não vai esperar muito mais tempo.*

Uma vez que ela estava livre, Raewyn sentou-se. Ela também pegou a mão dele, subconscientemente sabendo que estaria lá esperando por ela.

Suas bochechas esquentaram quando ela se levantou, como se tivesse sido pega fazendo algo que não deveria agora que sua atenção estava separada de Merikh. Ela se virou para ele.

— Vou traduzir para você, ok? Você precisará seguir quaisquer ordens que o guarda líder lhe disser. Terei muito pouca influência nesta discussão.

— *Eu pensei que você fosse uma pessoa importante neste reino.*

Raewyn mordiscou o lábio inferior, sentindo-se um pouco tímida.

— Eu sou, mas há dezessete outros conselheiros. Mericato é o chefe do departamento de segurança. Ele nasceu sem a habilidade de falar, então ele terá um tradutor falando em seu nome. Nem mesmo o comandante da guarda pode anulá-lo.

Ele mudou sua forma de volta para a versão mais humanoide com a qual ela estava acostumada, e sua voz era normal quando ele

afirmou: — Contanto que eu não me separe de você, farei o que eles pedirem.

Ainda segurando a mão dele, ela deu um passo em uma direção aleatória. Ela redirecionou quando ouviu um movimento vindo da esquerda.

— Raewyn, — Cykran gritou em alívio.

Ele deve ter avançado muito rápido, porque Merikh envolveu seu braço ao redor de sua barriga, puxou suas costas contra seu torso e soltou um grunhido malicioso. Raewyn atirou as mãos para o ar apenas no caso de suas penas terem levantado.

— Eu disse para você ficar para trás — disse o tradutor de Mericato.

— Está tudo bem. Ele só está um pouco agitado. Eu também estaria se tivesse armas apontadas para mim. — Raewyn suspirou, e precisou apenas de um pequeno empurrão para se libertar quando o braço dele se soltou. — Merikh está buscando refúgio em Lezekos, Mericato. Ele fará o que lhe for pedido e prometo que não fará mal a ninguém.

— Como podemos confiar em sua palavra depois do que aconteceu hoje? Passamos horas perseguindo-o.

As feições de Raewyn se transformaram em uma carranca.

— Ele machucou alguém? Ele sabia que atacar só iria refletir terrivelmente a seu favor, então ele fugiu por medo.

Ela duvidava que fosse medo, mas imaginou que era a aposta mais segura para conquistar o coração de pedra de Mericato. Ele ficou em silêncio enquanto pensava em suas opções.

— Por favor, não o julgue por sua aparência externa, — acrescentou Raewyn. — Fizemos contato com muitas pessoas que

são diferentes de nós. Não permita que reflitamos mal sobre este dia no futuro. Ele pode parecer um pouco assustador, mas seu coração pode ser gentil se tiver a chance.

Após uma pequena espera enquanto ele assinava, seu tradutor disse: — Tudo bem. Como os delysianos, ele terá de ser detido, interrogado e avaliado. Não permitimos que riscos se infiltrem na segurança de nossos muros.

Raewyn estremeceu.

— Ele pediu para não se separar de mim.

— Até que ele seja um membro aceito pela sociedade, o que ele quer pouco importa. O processo é o mesmo para todos os forasteiros dessa natureza. Ele nem eu temos qualquer escolha no assunto.

Virando-se para Merikh, ela explicou isso a ele. Faíscas vermelhas brilharam em sua visão e, claro, ele rejeitou.

— Por favor? Seria apenas temporário. O processo leva apenas cerca de um dia, já que não gostamos de manter as pessoas detidas por muito tempo.

— E se eu não for aceito, Raewyn?

Ela deu a ele um sorriso quebrado.

— Você será. Você me tem, lembra? — Ela ergueu o braço e flexionou o bíceps enquanto batia nele. — Sou a conselheira Raewyn Daefaren, a representante do povo Caminhante do Crepúsculo.

Além disso, ela meio que acabou de dar a ele sua alma. Rejeitá-lo seria considerado cruel, já que eles eram tecnicamente ligados, mesmo que não fosse por seus costumes.

Isso pode realmente funcionar a meu favor. Ela quase quis esfregar as mãos e gargalhar maliciosamente.

O azul brilhou, e a ponta do focinho dele bateu suavemente contra a têmpora dela.

— Certo. Irei aonde me pedirem. Vou avisá-la que se você ficar longe de mim por muito tempo, você virá para o meu lado. Se não for um lugar seguro, você não estará segura.

Com um aceno de cabeça, ela traduziu o que precisava para Mericato.

Depois de um pouco mais de idas e vindas entre os quatro, o coração de Raewyn afundou quando Merikh se virou para dar-lhes as costas e ser algemado. Seu pulso esquerdo estava amarrado ao bíceps direito e vice-versa - embora eles lutassem um pouco com seus espinhos, mesmo estando deitados.

A decepção tomou conta dela, desejando que não tivesse que ser assim.

Quando eles caminharam em direção à árvore central, Merikh envolveu seu rabo em torno de sua barriga e a puxou para perto.

Enrolando a mão em torno do tufo de pelo no final, ela se confortou nisso, especialmente porque sua mente se rebelou contra onde Mericato e seus soldados os estavam levando.

CAPÍTULO 42

O silêncio que cercava Merikh era ensurdecedor.

Não havia nada lá. Nem um guincho de um animal, nem um rastejar de um inseto, nem o movimento distante da vida logo além do quarto em que ele estava trancado.

Lá dentro estava escuro. As únicas luzes eram esferas brilhantes colocadas dentro da pedra de uma coluna central. A luz verde delas iluminava apenas o teto e o chão onde elas circulavam.

Não havia janelas; Merikh se perguntou se isso era para proteger seus ocupantes habituais do sol que os queimaria ou para afogá-los no abismo.

As paredes eram inteiramente feitas de obsidiana negra e pareciam ter sido esculpidas por dentro, em vez de terem sido colocadas ali. Embora ele estivesse sozinho, as barras de ouro, prata e bronze da prisão foram feitas para encaixotar seus ocupantes por todos os lados, as luzes verdes refletindo contra seu brilho espelhado.

Pelo que ele sabia, nessa câmara redonda havia oito celas.

O chão era duro e desconfortável. Ele teria se mexido para se permitir deitar corretamente, mas seus braços ainda estavam presos atrás das costas.

Ele tentou se livrar da amarra, só para poder descansar nessa longa e excruciante espera, mas não conseguiu. Quaisquer que fossem esses fios simples e flexíveis que eles teceram em torno de seus pulsos e bíceps, eles tinham que ser encantados.

Isso foi sábio, considerando que ele pode ter conseguido escapar de sua cela. Com força suficiente, qualquer metal pode

dobrar.

Raewyn explicou a ele por que ele não tinha permissão para se livrar de suas armadilhas. Eles não sabiam do que ele era capaz, se ele podia usar magia ou não. Mericato exigiu que Merikh permanecesse o mais contido possível até seu julgamento ou algo assim.

Sentado no chão com as pernas retas, ele descansou as costas contra a parede atrás dele. Era o melhor que podia fazer para se sentir confortável.

Embora o ar estivesse viciado, pelo menos era fresco. Também não era fino, já que estava metros abaixo do solo.

A espera foi excruciante.

Ele estava sozinho, estivera sozinho por horas, possivelmente dias. Ele dormiu três vezes por tédio, para escapar de sua contenção.

Onde ela está? O pequeno gemido que partiu dele ecoou de volta.

Raewyn não o visitou, o que deixou um buraco enorme atrás de seu esterno. Ela também não voltou para ele através do vínculo, o que significava que ela deveria estar perto o suficiente para não incitá-lo.

Com sua visão sangrando azul, ele olhou ao redor de sua casa atual novamente. Era impecável. Não havia um grão de poeira à vista, nada para distraí-lo enquanto esperava.

Era alto o suficiente para que, quando ele entrasse, as pontas de seus chifres ressoassem contra as barras de metal salientes. A largura de sua cela dava a ele espaço suficiente para andar sem pensar, se quisesse, se estivesse livre.

Era espaçosa. No entanto, cada minuto que passava ali, sozinho, preso com os braços atrás das costas, mais claustrofóbico ele se tornava. O ar frio estava ficando espesso, estrangulando-o em um estrangulamento induzido pela ansiedade. Parecia que o granito havia enchido seu peito e o estava pesando.

Ele estava acostumado à liberdade, a vagar por um mundo vasto e aberto.

Sua visão disparou em todos os lugares. *É aqui que Jabez foi mantido?*

Seus braços foram amarrados como os de Merikh enquanto ele se sentava neste maldito buraco do inferno? Já estava deixando-o louco, e ele estava aqui há pouco tempo.

Quanto tempo Raewyn disse que Jabez esteve dentro dela? Seis anos élficos, o equivalente a noventa anos terrestres? *Não é à toa que ele ficou louco pra caralho.*

A cada momento que ele era forçado a esperar, a raiva crescia como um tornado no centro de seu ser. Estava ficando tão selvagem que começava a se transformar em algo físico dentro de seu peito. Bateu contra a frieza que a ausência de Raewyn havia deixado nele.

Ela não poderia visitá-lo, mesmo uma vez? Dar a ele algo além das paredes escuras, teto e nada para olhar? Ouvir algo além de suas próprias respirações e batimentos cardíacos ansiosos? Cheirar algo diferente de metal, pedra e fluidos questionáveis?

Ele podia até sentir o cheiro de seu próprio corpo, a sujeira que ele rastreou do lado de fora - era tão carente o mundo ao seu redor.

Apenas uma vez ele foi visitado por uma pessoa, e eles tentaram trazer água e comida para ele, os quais ele rejeitou por não precisar delas.

Isso foi no começo.

Provavelmente foi uma coisa boa ninguém ter voltado, já que a próxima pessoa que entrasse teria sido alvo de um rosnado.

Assim como sua mente estava começando a enrolar e torcer ainda mais, mãos invisíveis trabalhando com sua agitação para deixá-lo enfurecido, o branco vacilou em sua periferia.

Um corpo se formou na cela ao lado dele, oco, completamente sem cor – um Espírito. Enrolado ao seu lado, ele poderia dizer que era Raewyn pelos cachos distintos agrupados em torno de sua cabeça.

Ela se tornou sólida, e seu cheiro o envolveu como uma onda calmante, ainda mais quando sua respiração lenta e batimentos cardíacos embalararam sua mente com sua frágil suavidade.

Como ele poderia estar com raiva de sua fêmea quando ela estava descansando?

Mas por que ela veio até mim agora? Ele olhou em volta, desejando ter alguma forma de luz exterior para informá-lo do que diabos estava acontecendo, que horas eram.

Por um tempo, ele apenas a observou.

Toda a sua raiva, ansiedade, seu pânico borbulhante contra a claustrofobia se esvaiu dele.

Tão linda...

Como o calor de um fósforo, ele sentiu que ela era sua noiva até a essência de seu ser. A alma dela estava entre os chifres dele, e ele mal podia esperar pelo momento em que teria a liberdade de finalmente olhar para ela de verdade.

Ele estava tão impaciente antes, querendo comê-la caso ela a pegasse de volta, que a comeu sem olhar de verdade. Um erro.

Eu gostaria que ela estivesse mais perto.

Se ela não estivesse em outra cela, e seus braços estivessem livres, ele a teria pegado em seus braços e a segurado. Ele teria acariciado sua bochecha, brincado com seu cabelo enquanto a sentia esparramada em seu torso.

— Raewyn, — ele chamou gentilmente.

Seu sono leve se mexeu, mas foi a frieza e a dureza da pedra contra sua face escorregadia que realmente a acordou.

Ela rapidamente se sentou e deu um tapinha no chão, sua aparência cansada e em pânico. Uma onda de medo explodiu de seu cheiro, e não fez nada para incitar sua fome. Isso só o fez inchar de simpatia - ela foi repentinamente teletransportada para um novo ambiente sem aviso, não é de admirar que ela estivesse chateada.

— *Vvereh eam ey? Haou diid ey geht ereh?*

Merikh estremeceu. Ele não entendia o idioma, mas não era difícil adivinhar o que ela havia perguntado.

— Você está comigo, pequena estrela.

— Merikh? — ela perguntou grogue, esfregando um dos olhos, como se tivesse areia do sono presa nele. — Estamos nas celas? Como cheguei aqui?

— Eu disse que você voltaria para mim depois que muito tempo tivesse passado. — Ela se arrastou até ele, e seus músculos ficaram tensos. — Espere! Pare. Você está na cela ao meu lado.

Ela parou logo antes que sua testa pudesse bater nas barras e levantou as mãos para tocá-las. O silêncio dentro da câmara destacava quanto aprendizado isso a afligia, seu pulso disparando.

— Merikh. — Seus olhos se enrugaram enquanto seu lábio inferior tremia. — Eu não gosto disso. Como faço para sair?

— Você é um Espírito agora. — Considerando sua aparência fantasmagórica antes de se formar, não importava se era uma humana ou uma elfa com quem ele se relacionava. Ele a havia mudado. — Você é capaz de se tornar incorpórea e flutuar pelas grades.

— Eu posso? Como?

Ele grunhiu.

— Na verdade, não tenho certeza. Isso é tão novo para mim quanto para você.

Apesar de sua mãe também ser um Espírito, ele sabia pouco sobre eles. Talvez ele pudesse ter perguntado a ela sobre isso, mas ele nunca esperava ter sua própria noiva.

Ela puxou os lábios para um lado e estreitou as sobrancelhas no que ele pensou ser uma expressão fofa de determinação ou concentração.

— Talvez eu possa apenas querer?

Só assim, as pontas de seus dedos se tornaram fantasmagóricas, e ela mergulhou para frente através das barras. Como se viesse de um lugar distante, seu grito era baixo e distante.

— Não! Não! — Seus braços giravam enquanto ela flutuava para cima em direção ao teto dentro de sua cela. — Eu não gosto disso! Não consigo ver nem sentir nada!

De repente ela se tornou física, e Merikh empurrou as paredes com os cotovelos para pegá-la com as coxas. Ela caiu sobre a espessa almofada delas com um *oomph*.

Um soluço tímido saiu de seus lábios trêmulos.

— Nunca mais. Eu não quero fazer isso nunca mais. Eu me senti como uma consciência flutuante.

Ele nunca havia considerado como um Espírito cego navegaria, mas agora ele estava percebendo que não seria fácil para ela. Ela não seria capaz de ver, sentir, cheirar ou saborear – apenas ouvir.

Ainda assim, sua fêmea era resiliente, determinada e maravilhosa; ele confiava que ela encontraria um jeito.

Quando ela se afastou dele e se ajoelhou entre suas coxas, Merikh recuou. Ele sentou-se ereto contra a parede mais uma vez e cruzou as pernas.

Ele a encarou em silêncio, absorvendo a visão hipnotizante dela, o cheiro dela.

A tira de roupa que ela usava mal podia ser considerada um vestido com o quão curto era, lembrando-o de um vermelho arruinado que ele havia arrancado dela. Tinha renda verde-escura onde ela havia cortado, enquanto o resto parecia feito de seda verde-clara. Ele abraçou suas curvas leves antes de queimar em torno de seus quadris. A linha do decote era baixa, mas não o suficiente para deixar seus seios saírem dela.

Era óbvio que ela não estava usando nada por baixo.

Seu peito corou sob seu silêncio, provavelmente sentindo seu olhar sobre ela. Suas orelhas dispararam para trás e ela abaixou a cabeça enquanto mordiscava os lábios. Ela parecia terrivelmente nervosa e tímida diante dele.

– E-eu deveria voltar para minha casa – ela murmurou baixinho. – Está tarde. Eu poderia ter problemas por estar aqui.

O pânico agarrou seu peito e um gemido escapou dele.

– Por favor, fique.

Como se isso fosse tudo o que ela precisava para ser convencida, ela assentiu e se aproximou. Quando ela estendeu a

mão, ele colocou o crânio em suas palmas acolhedoras e, mais uma vez, todas as suas ansiedades desapareceram.

— Você está bem? — Ela acariciou a parte inferior antes de uma mão esfregar a parte superior. Sua visão escureceu de êxtase com o toque dela, e ele se inclinou livremente para ela. — Eu estive preocupada com você.

— Estou bem, — ele mentiu. — Estou acostumado a ficar no escuro.

Ela se aproximou ainda mais para poder se levantar e esfregar a bochecha contra as presas dianteiras dele.

— Sinto muito por não ter visitado você. Você provavelmente se sente abandonado, mas estive em uma reunião do conselho desde o momento em que acordei hoje. Eles estavam perguntando sobre meu tempo na Terra e tinham muitas perguntas *irritantes*.

— Está tudo bem, — ele mentiu mais uma vez. — Faz apenas alguns dias. Impaciente.

Ele sempre foi paciente. Olhando para sua noiva, ele nunca tinha estado mais agradecido por isso.

— Poucos dias? — ela engasgou quando se afastou. — Faz apenas um *dia* aqui, Merikh.

Apenas um dia? Porra. Parece que foi para sempre. Sua visão vagou enquanto ele pensava. Ela só veio até mim agora. O ciclo mudou para corresponder a este reino.

Sua rotação de vinte e quatro horas agora estava alinhada com qualquer ciclo solar presente aqui. Ele se encolheu internamente. Isso significava que seu tempo de separação dela pareceria mais longo para ele, assim como seu ciclo de cura.

Isso também significava que seu tempo alocado de Jabez havia terminado, então não havia como voltar atrás. Ele agora estava do lado do povo élfico.

Ao trazer a visão de volta para sua noiva, ele deveria saber que isso aconteceria.

— Raewyn... — ele começou, lambendo seu focinho com interesse. — Você deitaria em mim? Eu preciso sentir você.

Um pequeno sorriso incomodou seus lábios.

— Eu pensei que você já estaria me puxando para você.

Ela se arrastou de quatro até o colo dele para descansar no espaço de suas pernas dobradas, como já havia feito tantas vezes antes. Com os joelhos pressionados de um lado e os cotovelos do outro, ela estava de frente para o torso dele enquanto colocava a mão em seu estômago.

— Não posso — disse ele, usando a ponta do focinho para afastar o cabelo do rosto dela e vê-la. — Meus braços estão atrás de mim.

— Esqueci que eles mantinham suas amarras. — Ela apertou os lábios antes de se sentar. — Você quer que eu as tire?

Ele a forçou a se abaixar com toda a cabeça.

— Não toque nas minhas costas. Eu não quero que você se machuque com minhas penas de braço e costas. Estou contente com você aqui.

— Você não pode querer dizer isso, — ela resmungou, mais uma vez colocando a mão na barriga dele e acariciando o pelo e a pele cinza que encontrou lá.

— Eu quero. — Ele mergulhou a língua no canto de sua mandíbula, totalmente agradecido por ser flexível e seu focinho ser

comprido. — Você é tudo que eu preciso, não importa onde eu esteja. Eu ficaria feliz em permanecer aqui nesta cela com os braços amarrados nas costas para sempre, desde que você estivesse descansando contra mim.

Seu lábio inferior fez beicinho quando a água encheu seus olhos, mas ela rapidamente piscou para afastar as lágrimas. Ele continuou a lambe sua mandíbula, às vezes descendo por seu pescoço e, ocasionalmente, sua pele formigava com arrepios.

— Isso faz cócegas — ela sussurrou, se contorcendo um pouco.

O sutil emaranhado de calor em seu perfume disse a ele que ela estava gostando.

— Senti sua falta, minha *noiva*. — Foda-se, apenas chamá-la que instantaneamente fez sua visão virar para um rosa brilhante. — Minha linda, inteligente, corajosa noiva fada.

Ela deu um pequeno gemido enquanto arqueava o pescoço.

— Eu não sou uma fada, — ela murmurou.

— Com certeza você é. Com suas orelhas compridas e pontudas, cabelo branco brilhante e pele morena sedutora, você é a coisa mais encantadora que já vi, especialmente porque tem estrelas nos olhos. Tudo o que está faltando são asas.

— Paaare, — ela choramingou enquanto cobria o rosto para esconder seu constrangimento. — Você não pode se tornar encantador de repente agora que eu te dei minha alma.

Merikh lambeu seu ombro e usou a língua para afastar a alça verde escura de seu vestido. Ela tinha gosto de limpa, como lírios tóxicos, e sua costura apertada, seu pênis estremecendo com o desejo de sujá-la com seus próprios aromas.

Espírito do vazio o ajude, ele queria foder sua nova noiva – uma que ele nunca pensou que teria – mais do que qualquer coisa. Ele foi trancado nesta maldita cela logo depois que ela lhe deu sua alma. Ele teria preferido passar esse tempo tocando-a, saboreando-a, sentindo-a enquanto seu vínculo era fresco.

Assim que ele empurrou a borda de seu vestido para baixo o suficiente para revelar um lindo seio com um mamilo marrom escuro na ponta, que ele lambeu, sentindo-o endurecer, Raewyn o deteve.

– Não aqui, Merikh. Por favor, não aqui. Está frio e tem um cheiro estranho.

Frio? Porque atualmente, ele se sentia quente, e tudo o que podia cheirar era sua excitação cada vez mais profunda.

– Tudo bem – ele concedeu, não querendo assustá-la. – Apenas... deixe-me lambe-la.

Havia pouco mais que ele pudesse fazer, e ele estava obcecado com a ideia agora, quase como se estivesse se acalmando com ela.

Ela não cobriu o seio exposto, mas ele permitiu que ela quisesse, para que pudesse apenas provar a carne que cobria seu esterno, pescoço, orelha e rosto. Ele até passou a língua pelos lábios dela, e foi estranho quando ela o beijou de volta.

Ela até... lambeu de volta.

Havia uma última coisa que ele queria dizer a ela, algo que o deixava realmente nervoso. Não importava que ela já tivesse dito isso a ele. As emoções que vinham com isso eram tão estranhas que doíam em seu peito.

Ele precisava dizer isso, pronunciá-lo, antes que queimasse um buraco nele.

Seus olhos estavam caindo e adormecendo, como se ela estivesse contente de estar com ele assim como ele estava com ela, então ele precisava dizer isso agora.

— Eu te amo, Raewyn, — ele disse, o rosa de seus orbes brilhando enquanto ele levantava a cabeça para trás para que pudesse ver a reação dela.

Ela era sua igual, seu oposto polar, suas forças onde ele era mais fraco, sua vulnerabilidade onde ele era mais forte. Ela era tudo o que importava, tudo o que importaria.

Suas pálpebras se abriram ligeiramente. Ela abriu os lábios para dizer algo, mas considerando que ela os fechou novamente, ele teve a estranha sensação de que era para provocá-lo.

Ela estendeu a mão e enfiou os dedos no espaço vazio de uma de suas órbitas ossudas.

— É isso que essa cor significa?

— Sim — ele ralhou.

— Vi pouco antes de deixarmos a Terra.

Os ombros de Merikh viraram para dentro sob o peso de suas emoções.

— É porque eu te amava então.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios, e ela usou o buraco do olho para puxá-lo para baixo para que ela pudesse beijar o lado de suas presas afiadas.

— Eu também te amo, e se você ainda não sabe isso sobre mim, quero que saiba que, uma vez que coloco meu coração em algo, isso nunca desaparece.

— Seria lamentável para você se isso acontecesse, porque eu nunca vou deixar você ir, meu pedaço pessoal de luz das estrelas.

Com seus orbes rosados, Merikh acariciou Raewyn com seu focinho e língua até que ela desmaiasse em seu colo. Com os braços presos e ambos no escuro fresco, ele nunca esteve tão feliz.

CAPÍTULO 43

Raewyn conhecia esta sala de conferências como se tivesse sido, irritantemente, gravada na parte de trás de suas pálpebras. Ela passou horas, dias, semanas, *anos* nela, a tal ponto que a assombrava com os pesadelos mais entediante.

Era em forma de pirâmide, as paredes atingindo um ponto central no teto, onde galhos de árvores brancas permitiam que o sol filtrasse o vidro. No entanto, folhas de metal dourado podiam ser movidas para a esquerda como pás de abanar para esconder o sol, se assim o desejarem. No meio do ponto de encontro das lâminas pendia uma bandeira de tapeçaria com o emblema do conselho synedrú, o símbolo universal do povo Elysio abaixo dela, e a marcação da cidade abaixo disso.

Havia pontos vagos nas paredes onde outras bandeiras poderiam ser colocadas, se o mundo não tivesse sido invadido por demônios e os forçado a se tornar um povo em vez de muitos.

Como em toda a árvore central, as paredes eram brancas por causa da casca. Nesta sala, o ouro preenchia totalmente os espaços, já que era um material comum para eles. A obsidiana negra também era comum e eles preferiam colocá-la no chão.

Ao contrário da maioria das salas dentro da árvore central, que era preenchida com milhares delas, esta ficava bem no topo de seu tronco. Também estava no coração dele, o único desta forma.

Eles tiveram sorte de que esse tipo de árvore geralmente crescia em padrões incomuns com muitos bolsos, voltas e voltas - embora eles ajudassem esta em particular. Ela se ramificava até a metade do

tronco e cobria toda a cidade com sombra quando o sol estava no auge.

As paredes de pedra da cidade, que não eram apenas para proteção dos Demônios, protegiam o povo Elysiano e Delysiano igualmente do calor e da radiação do sol.

Rica em solo hiperfértil, a floresta deste mundo cresceu densa e sempre os protegeu. Infelizmente, esse crescimento magnífico deu aos Demônios o lar perfeito para prosperar em um ambiente tão ensolarado.

Pelo calor que ela podia sentir em seu ombro esquerdo, as lâminas de ouro deviam ter sido abertas de um lado.

Isso seria para os membros do conselho de Delysiano e sua segurança, já que eles ainda queimavam na luz do sol. Como se tornar conselheiro era um processo difícil e eles ainda eram relativamente novos na cidade, eram apenas quatro. Era preciso muita força e conquistas para conquistar uma posição, principalmente na especialidade que escolheram.

Havia três seções curvas de mesas de ouro maciço, ramificações prateadas em seus designs elegantes. Se empurradas juntas, elas formariam um círculo perfeito, mas geralmente eram separadas para permitir que as pessoas entrassem e saíssem livremente do meio. Cada mesa comportava apenas seis pessoas.

Dezessete das dezoito cadeiras estavam ocupadas, já que a de Raewyn estava vazia.

Ela ficou no meio com Merikh ao seu lado. Ele estava ajoelhado para parecer menor e menos imponente – ideia dele – enquanto ela defendia seu caso e traduzia em seu nome.

A única outra pessoa que falava a língua dele era o pai dela, e apesar do quanto os outros membros do conselho exigiam que ele fosse seu tradutor, ele os rejeitou. Seu pai riu quando ela implorou para ele não aceitar antes mesmo de pedirem. Claro, ele ficou do lado da filha, não importa o motivo.

Eles não queriam que Raewyn, que obviamente era tendenciosa em relação a Merikh, traduzisse em seu nome, onde ela poderia distorcer suas palavras para se certificar de que o beneficiariam.

Ela *pode* ter feito isso. Ok, ela absolutamente estava fazendo isso, mas era porque Merikh podia ser um pouco ousado em sua escolha de palavras.

Tudo estava indo bem, exceto por um problema: Ulair e sua grosseira falta de coração.

Ele sempre foi uma ameaça durante as reuniões do conselho. Ele gostava de fatos e desconsiderava completamente os sentimentos e opiniões de uma pessoa, a menos que fossem seus.

Merikh era um desconhecido, um mistério, um enigma, o que significava que não confiava nele. Ele também tinha uma coisa contra Raewyn, talvez porque eles eram opostos em personalidade e *sempre* batiam de frente.

Para ser honesto, cada membro tinha suas falhas e era muito protetor de sua posição e especialidade. Eles sempre brigaram. Somente quando pelo menos 75% concordavam em um tópico, uma grande maioria, eles podiam resolver uma questão.

Havia uma razão para haver tantas pessoas no comando da cidade, e era para garantir que todas as decisões fossem tomadas com justiça. Eles queriam ter a opinião de muitos e garantir que

tivessem um conselho diversificado para garantir que suas escolhas fossem o que as pessoas desejavam. Para ouvir cada voz.

Se o conselho não chegasse a um acordo de setenta e cinco por cento, eles recorreriam ao povo para votação.

Eles não eram perfeitos, nenhum lugar era. Se os Demônios não vagassem além de suas paredes, as coisas seriam diferentes e muito melhores; eles já foram.

No entanto, era Ulair quem estava sendo o maior espinho em seu lado agora. Não ajudou que ele tivesse o apoio de Mericato, que estava sendo traduzido por um dos outros membros pelo bem de Raewyn.

Ela gostaria de poder ir até eles e bater no nariz deles.

— Você deseja que permitamos que este... este *Caminhante do Crepúsculo* entre em nossa cidade, mas não temos ideia de quem ele é, o que ele é ou por que ele está realmente aqui, — Ulair anunciou em voz alta, com um tom de aço.

Raewyn abriu a boca, mas ele rapidamente falou sobre ela.

— Ele é um dos descendentes de Weldir. O fato de ele ter sido feito é uma abominação, e não temos ideia do que esse semideus está tramando. Como você pode esperar que o aprovemos quando ele pode ser um espião?

— Sabe-se que Weldir estava infeliz quando foi enviado para a Terra — disse Sliveria, uma conselheira, com uma voz suave e angelical. — Sabemos que ele ainda impede que os Demônios retornem da Terra, mas ele pode ter motivos ocultos para criar seus filhos, além do que nos foi dito.

— Se ele começar a levar almas elysianas através deste receptáculo, não há como dizer o quão forte ele ficará, — Cleth, um

membro do conselho não-binário, suspirou. — Se é informação que ele procura, nada o impede de entrar no portal de Jabez e divulgá-la.

Houve uma pequena pausa.

Assim que Raewyn abriu a boca para falar, Cleth disse a ela para esperar, que na maioria das vezes traduzia em nome de Mericato. Cleth estava encarregado da manutenção do escudo da cidade, bem como das pedras de conduíte que alimentavam a cidade.

— Mericato disse que fugiu e atacou vários soldados em ambos os reinos. Enquanto ele não fazia nada além de rosnar e rugir, pensei que ele era uma besta irracional. Não permitimos que as feras circulem livremente, pois é provável que ataquem quando provocadas — traduziu Cleth.

Teyen, uma mulher delysiana, disse: — Concordo com Mericato. Se ele queria um santuário dentro da cidade, deveria ter acreditado que não iríamos machucá-lo e fazer a coisa certa. Em vez disso, ele fugiu, assustando nosso povo e causando alarme no processo. E se ele acidentalmente machucar alguém?

— Quando dada a oportunidade de apresentar todas as suas verdades, você nos negou esse pedido, — Ulair rosnou, e o som dele esfregando a barba curta em seu rosto era alto o suficiente para irritar seus ouvidos.

— Porque é invasivo, — Raewyn rejeitou. — Você não submeteria ninguém a uma leitura de mente, e ainda quer violar sua privacidade só porque você não sabe o que ele é. O feitiço da verdade não é suficiente? Geralmente é tudo o que fazemos para os delysianos que desejam entrar. Ele já respondeu às suas perguntas.

Ele já explicou que não tem intenção de fazer mal e que não é marionete de Weldir.

— Temos muitas preocupações — afirmou Ulair. — Como vamos saber que esta criatura não pode manipular o feitiço como os Anzúli são capazes? Ele já explicou que pode usar a magia que roubou dos Anzúli na Terra.

Sua mão apertou em um punho ao seu lado.

Isso nunca havia sido perguntado a um Demônio antes. Merikh era um desconhecido e assustou a todos quando o portal apareceu na Terra. Ele rugiu e correu para ela, com soldados entre eles, e os 'atacou'.

Os conselheiros ficaram com medo. Para si mesmos, para as milhares de pessoas que tentavam proteger e para aqueles que esperavam vir atrás deles.

As regras que eles tinham em vigor davam muita liberdade, mas também foram projetadas para proteger. O fato de que todos os membros do conselho concordaram com essa leitura de mente apenas mostrou o quão profundamente eles estavam preocupados, o quão assustados eles estavam.

Eles não conheciam Merikh como ela, e doía saber que se outra pessoa estivesse em sua posição atual, ela também teria concordado com todos eles. Mas ela não estava, e ela desejou que sua voz sobre o assunto pudesse convencê-los.

— Raewyn? — Merikh perguntou ao lado dela, já que ela havia parado de traduzir.

Ela se virou para ele e explicou o que estava acontecendo.

— Não me sinto confortável com isso. — Faíscas rosa-avermelhadas brilharam em sua visão, e ela pensou que podiam ser

de vergonha. — Há coisas terríveis que eu fiz, Raewyn. Se eles souberem tudo, não confiarão em mim.

— Os delysianos que aprovamos feriram pessoas também, Merikh. Eles, como você, querem uma vida melhor, sem derramamento de sangue e sem dor.

O rosa avermelhado brilhou novamente, desta vez com uma cor mais profunda.

— Não é a mesma coisa, e você sabe disso. Fiz coisas que sei que eram erradas apenas para poder escapar da Terra. Mentiras que contei, maneiras que prejudiquei, pessoas que excitei.

— Eles vão ver que você não quer mais fazer isso. Quando você entra na cidade, você renasce e suas transgressões passadas são perdoadas...

Eles geralmente só rejeitavam aqueles que eram perigosos, que não eram confiáveis. Mais de dois terços de seu povo foram perdidos quando os Demônios chegaram, e eles temiam a extinção.

Ela entendia por que eles desconfiavam de Weldir. Ela também desconfiava.

Embora houvesse pouco que a Donzela Dourada pudesse fazer para ajudá-lo agora, já que ela ainda estava se recuperando, e se ele se sentisse abandonado? E se ele se voltasse contra os Elysianos e sua mãe, a Donzela Dourada, sem saber que um dia ela viria para ajudá-lo?

Mas eu sei que Merikh nunca se voltaria contra nós por Weldir.

— Viu? — Ulair interrompeu. — Ele não confia em nós, então como podemos confiar nele?

Raewyn nem havia traduzido a conversa, e Ulair estava apenas fazendo uma suposição porque isso o beneficiava. Ele era um

hipócrita terrível às vezes.

— Se ele não tem permissão para entrar na cidade, então devo ir com ele, — Raewyn os informou, esperando que seu plano B pudesse funcionar. — Por razões que são nossas, estamos ligados. Não posso romper esse vínculo, mesmo que quisesse.

— Mericato diz que é a chama que ele segura entre os chifres. Eu o observei comê-la. Não estou convencida de que ele não a coagiu a dar a ele, no entanto. Ela estava presa sob o corpo dele enquanto ele mantinha seus espinhos nos mantendo afastados.

Raewyn imaginou que isso pareceria suspeito para pessoas que não entendiam o relacionamento deles.

— Tolo, — Zerik, um conselheiro mais velho, proclamou, sua voz profunda. — Ela fez sua escolha independentemente, sabendo que havia uma chance de ser forçada a partir com ele.

— A segurança da cidade é prioridade — afirmou Ulair em nome de Mericato, talvez dando mais força do que deveria. — Sua vida não importa contra milhares, mesmo que você seja uma conselheira valiosa.

Ele falou sobre Cleth para que pudesse colocar mais emoção nisso, enquanto eles provavelmente falaria de forma neutra.

— Eu não fui coagida, — Raewyn retrucou, o calor da raiva formigando em seu pescoço. — Eu lhe dou permissão para usar o feitiço em mim para provar isso.

— Não é a sua verdade que estamos procurando. É dele, — Ulair argumentou.

Raewyn virou-se para Merikh.

— Acho que você não tem escolha.

Não foi a primeira vez que um rosnado saiu dele, mas ele terminou com um bufo de derrota.

— Certo. — Então ele riu friamente. — Eu disse a você na Terra que seu povo não era tão misericordioso quanto você fazia parecer.

— É apenas por causa de sua conexão com Weldir, — ela respondeu com uma careta antes de encarar a mesa de conselheiros diretamente na frente deles. — Ele concordou.

Como ele era o chefe da segurança, Mericato trocou de lugar com um dos membros sentado ao lado de Ulair para que ele pudesse passar pela mente de Merikh com ele. Perguntas foram feitas para incitar memórias, que Ulair só anotou em voz alta se fossem importantes.

Ao contrário do feitiço da verdade, este exigia o uso de uma pedra de mana por causa de sua complexidade. Ela brilhou em vermelho antes que uma bola de energia se formasse, e ela podia ver as sombras de suas mãos sobre ela.

Ele detalhou a antipatia de Merikh por Weldir, sua falta de conexão com ele, sua mãe e seus irmãos Caminhantes do Crepúsculo. Eles detalharam alguns dos atos horríveis que ele fez aos humanos, como ele os atraiu de suas cidades para que pudesse matá-los e comê-los, como ele caçou Anzúli para aumentar suas capacidades mágicas e quais feitiços ele conhecia - nenhum sendo um desvio para seu feitiço de verdade anterior.

Eles mencionaram como ele matou seu próprio irmão - embora tenham ficado aliviados em saber que ele tinha uma fraqueza se precisassem utilizá-la. Seu povo não era violento, a menos que fosse para se defender contra os Demônios, então ela não acreditava que

os outros membros do conselho que soubessem disso fossem motivo de alarme.

— Ele é um assassino! Arrancar os corações e as cabeças dos humanos apenas para desenvolver sua própria inteligência. — Então Ulair perguntou: — Você sabia que ele planejava *comê-la*?

— Sim, — Raewyn respondeu rapidamente. — Eu já tinha imaginado pelo que ele me contou sobre seu passado qual era sua intenção original. Eu já sabia que ele fazia mal às pessoas para aumentar sua humanidade. Ele nunca escondeu isso de mim.

— E o fato de ele ter quatro humanos perseguindo você em uma cidade humana para obter sua confiança?

— O-o quê? — ela murmurou, segurando seu pulso quando ambas as mãos arremessaram para o peito.

— Você não sabia, não é? — Ulair disse com uma ponta de humor em seu tom. — Ele pagou a quatro humanos para fingir roubar você.

Ela sabia de quem eles estavam falando. Ela se lembrou de como ficou assustada quando a agarraram, como a encurralaram na rua. Ela até se lembrava de como a mulher cheirava a comida queimada e feno mofado.

Não acredito que ele fez isso comigo.

Essa era uma das razões pelas quais Merikh se sentia desconfortável em compartilhar seus pensamentos, sua mente, suas memórias?

— Ele te seguiu por uma semana depois de perceber que você era diferente pelo seu cheiro. Ele foi capaz de sentir sua magia, mas sabia que se ele se aproximasse de você repentinamente, você ficaria desconfiada dele. Ele enganou você para garantir que você partiria

com ele, tudo para que ele pudesse descobrir o que você era e como encontrar mais de você, com a intenção de comê-la para que sua magia crescesse.

Parte dela queria fugir dele, enquanto outra colava os pés ao lado dele.

Ela abaixou a cabeça e torceu o pulso para se acalmar. — I-isso pode ser verdade...

— É — Ulair disse severamente.

— Não muda nada, — ela respondeu. — Ele fez o que achou que precisava para escapar da Terra, e nenhuma vez no tempo que viajamos juntos ele me machucou. O que quer que ele tenha feito, quaisquer que fossem suas intenções comigo no começo, elas mudaram. — Quanto mais ela falava, mais sua confiança crescia. — Ele me protegeu, cuidou de mim, foi gentil comigo. Havia tantas coisas que ele não precisava fazer por mim, mas ele o fazia por puro desejo e altruísmo para que eu me sentisse confortável, para me fazer feliz. Ele me mostrou mais gentileza em suas ações e palavras do que muitos dos humanos que conheci lá. Como eu poderia não perdoá-lo depois de tudo que passamos juntos?

— O que você disse? O que está acontecendo? — Merikh perguntou, mas pelo laranja que brilhou, ela teve a sensação de que ele já sabia.

Já que Ulair não a estava cutucando mais, permitindo que sua resposta permanecesse como a posição final sobre o assunto, ela explicou a ele o que foi compartilhado.

— Raewyn, eu...

Ela virou um sorriso suave para ele.

— Está tudo bem, Merikh. Eu entendo, e isso não importa mais.
— Ela ficou surpresa com o menor gemido que escapou de seus pulmões. — Podemos conversar sobre isso mais tarde, se você quiser, mas é passado. Podemos apenas olhar para o futuro, ok?

Ele deu um grunhido agudo em resposta enquanto Ulair e Mericato continuavam procurando.

Ela odiava a ideia de eles verem ou saberem de seus momentos íntimos que aconteceram muito depois. Mericato tossiu algumas vezes, talvez por constrangimento, mas nenhum dos dois expressou seus pensamentos em voz alta.

A maior parte do que descobriram, embora cruel e sangrento, aliviou suas preocupações. Isso foi, até que descobriram seu relacionamento com Jabez - não de seu passado, mas o que aconteceu mais recentemente.

Também era algo que Raewyn desconhecia.

Quando Merikh bateu a ponta de seu focinho contra o braço dela, provavelmente preocupado com sua expressão, ela não pôde evitar arrancá-lo dela.

Com as mãos cerradas, sua voz tremeu enquanto ela traduzia para Merikh o que eles estavam dizendo. Ela tentou ao máximo manter a compostura em vez de revelar qualquer confusão ou mágoa.

Seu meio-irmão estava um pouco além da barreira enquanto ela estava lá, a apenas alguns metros de distância, e Merikh não havia contado a ela. Um sentimento diferente de traição cortou seu peito.

Ela já tinha sentimentos por ele então, já tinha confiado e se importado com ele. Por que aquela ardência era muito pior do que

qualquer coisa que ela descobrira antes?

— Ele estava pensando em se juntar ao lado de Jabez, nem mesmo dias antes de vir para cá, — Ulair praticamente rosnou, se ele pudesse rosnar. — A única razão pela qual ele não fez essa escolha foi porque Mericato trouxe seu crânio para cá. Ele teria ficado do lado do homem que se voltou contra nós e o ajudado a destruir nossa cidade, o ajudado a comandar os demônios que ainda vagam por Nyl'theria.

— Isso não é verdade — Cleth traduziu para Mericato. — Você está deixando de fora que ele estava planejando contar a Raewyn primeiro se ela se relacionasse com ele. Ele pretendia deixar essa escolha para ela.

Como chefe de segurança, agora que Mericato podia ver que Merikh não era uma ameaça, ele parecia apoiá-lo em sua defesa. Ele sempre foi assim; difícil quando precisava ser, mas sempre pronto para ficar do lado de quem precisava de ajuda.

Faíscas alaranjadas brilharam em sua periferia.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, fazer uma única pergunta que martelou em sua consciência, a voz de Merikh penetrou em seus pensamentos.

— Era seu povo ou meus irmãos — afirmou Merikh. — Já vi um morrer, já fui o motivo disso. Como eu poderia escolher entre eles e a noiva que eu queria?

Ela traduziu isso para os outros membros do conselho antes de responder a ele.

— Como você pode não me dizer que ele estava lá, Merikh? Eu poderia ter falado com ele, visto se poderia ter mudado tudo e trazido ele para cá.

— Porque ele é meio louco, Raewyn. Não quis colocar você em perigo quando soube o quanto esta guerra significa para ele. Se eu tivesse deixado você falar com ele, e as coisas tivessem corrido mal, passar você pelo portal dele teria sido impossível se ele soubesse de sua existência. Você ainda não tinha feito a pedra do sol, então a única outra alternativa seria entrar no castelo dele sem ela – o que poderia ter terminado com qualquer um de nós, ou ambos, mortos.

— Ainda assim, — ela resmungou, achando difícil argumentar contra o que ele estava dizendo.

— Eu não poderia fazer a escolha sozinho. Eu pretendia pedir sua alma no dia em que você foi levada, e então eu iria apresentar os dois caminhos disponíveis se você tivesse dito sim.

— E se eu dissesse não? — ela perguntou cautelosamente, preocupada com o quão... insensível ou egoísta a resposta dele poderia ser.

— Levar você para casa e depois voltar para a Terra, onde eu poderia ajudar a proteger meus irmãos.

Suas sobrancelhas franziram, e ela balançou a cabeça.

— Você não teria ficado aqui depois de tudo?

— Se eu não pudesse ter você, então eu sabia que não importava onde eu estivesse – eu não seria feliz. Eu teria preferido tentar proteger minha família de Jabez, não ficar do lado de ninguém além deles. Você me mostrou como é não ser cheio de ódio, e eu teria preferido usar esse dom como um escudo para aqueles que eram capazes de ter o amor que eu não podia.

Raewyn traduziu apenas a primeira metade do que ele disse, já que a segunda parte a fez se entupir de seus próprios sentimentos.

— O que ele diz é verdade — traduziu Cleth.

— Agora você está esquecendo de mencionar que ele estava tecnicamente mantendo-a cativa até que ele colocou tudo isso para ela.

— Isso não importa. Eles estão aqui agora.

Embora fosse óbvio que o coração de Merikh não era puro, sua razão de estar aqui era: ela.

Quando Mericato e Ulair concordaram que ele não seria uma ameaça para a cidade, especialmente sabendo que seu vínculo havia apagado sua fome completamente, o peso da reunião mudou.

Tornou-se uma discussão sobre onde ele iria morar, que era com ela. O que ele gostaria de fazer na cidade, que era estar com ela. Como ele preferia se vestir para que pudessem costurar roupas para ele, do que ele disse para perguntar a ela o que ela gostaria que ele vestisse - desde que fizessem guardas que protegeriam todos de suas penas.

Tornou-se um pouco cômico no final, quando ele respondeu a cada pergunta com 'qualquer coisa que faça Raewyn feliz'.

Quando ela se ofereceu para ele fazer suas próprias escolhas, ele simplesmente declarou: — Como vou saber o que gostaria aqui? Eu ainda estou apenas tentando me ajustar ao quão rarefeito o ar é tão alto. Por que eu tenho que responder a todas as perguntas deles agora?

Raewyn quase riu, mas ela apenas tossiu atrás do punho para esconder. Ela tinha certeza que, com o tempo, ele viria a saber o que realmente desejava dentro da cidade.

Assim que eles estavam encerrando a reunião, Merikh a cutucou.

— Quero perguntar uma coisa a eles.

Com um aceno de cabeça, ela pediu que esperassem antes de deixarem seus assentos.

— Quando descobri pela primeira vez a verdade sobre minha conexão com Weldir, que eu era um servo e uma alma para ele, me senti traído pelos pais que me criaram. Eu já havia perdido meu irmão e sido companheiro de Jabez por muitos anos antes de ser abordado pela Coruja Bruxa e saber disso. Na época, eu não sabia que contar isso a Jabez seria a razão pela qual ele se voltaria contra mim, ou que os Caminhantes do Crepúsculo mais tarde se tornariam alvos. Achei que ele era meu amigo e estava desabafando minha frustração porque estava com raiva e não sabia como lidar com isso. Não ajudou em nada o fato de eu não ter humanidade para entender o que realmente estava acontecendo no mundo.

— Você está perguntando se vamos permitir que eles venham aqui? — Sliveria perguntou surpresa.

— Sim — respondeu Merikh.

— Não, — Cleth respondeu por Mericato. — Pelo menos não aqueles que não se uniram a um humano e apagaram sua fome. Em suas memórias, vi como você foi formado. Eles não serão capazes de conter os cheiros de sangue e medo dentro da cidade.

— Vocês agem como criaturas a princípio, — Ulair interrompeu. — Como já mencionado, não permitimos animais selvagens em nossa cidade.

— Você também deve levar em consideração que, se trouxermos sua espécie aqui, isso enfraquecerá Weldir e representará um risco para nosso povo também — acrescentou Teyen. — Gostaríamos de ajudar, realmente gostaríamos, assim como sempre quisemos ajudar os humanos, mas não podemos.

— Também não podemos fazer um portal para pegá-los, — Raewyn disse a ele, seus olhos se curvando em simpatia.

O que ele pedia era justo e nobre, mas ela não podia deixar de concordar com os outros membros — pelo menos em relação aos que não tinham noiva.

— A solução seria encontrar uma maneira de ajudar os Demônios ou fazer feitiços de proteção que nos permitissem retomar nosso mundo e a Terra sem medo — ofereceu Zerik. — É o que estamos tentando fazer desde a infeliz chegada deles.

Merikh grunhiu, mas faíscas azuis brilharam. Seu silêncio era assombroso e doloroso, destacando o quão chateado ele estava.

— Sinto muito, Merikh, — Raewyn disse. — Eu quero ajudá-los, especialmente porque Ingram e Aleron eram tão fofos, mas há pouco que podemos fazer por eles, ou pelos humanos, agora.

Seu xingamento foi a única resposta que ela recebeu sobre o assunto. Era tudo o que ele podia dar sem revelar a profundidade de sua raiva e decepção.

Merikh finalmente se levantou.

— Você pode fazê-los tirar essas amarras agora?

Raewyn deu um sorriso triste, desejando que esta reunião não tivesse terminado com uma nota tão terrível.

— Absolutamente. Estou animada para mostrar a você sua nova casa.

Particularmente seu laboratório, onde passariam a maior parte do tempo. Ela esperava que ele estivesse pronto para se tornar seu assistente, porque era quase todas as horas do dia, com o quanto ela se enterrava em sua papelada e experimentos.

Agora, com a determinação de salvar seus irmãos antes que fosse tarde demais, ela sabia que seria ainda mais determinada.

— Minha casa está bem na minha frente — Merikh respondeu calorosamente enquanto faíscas rosa brilhavam.

Estendendo a mão, ela esperou que ele colocasse seu crânio pesado em suas mãos para que ela pudesse acariciar a ponta de seu focinho de crânio de urso.

A minha também, ela pensou.

CAPÍTULO 44

Com um zumbido baixo, Raewyn trabalhou na limpeza da bancada principal de seu laboratório. No momento, era uma bagunça de papelada, resultado de ela colocar em dia todas as diferentes tarefas e solicitações que se acumularam durante seu desaparecimento. Havia também anotações de reuniões que ela havia perdido e eventos importantes que aconteceram na cidade.

Embora fosse em elbraille, ela conseguiu ler a caligrafia com a visão emprestada de Merikh.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios. *Ele é um bom assistente.* Seus olhos caíram sobre ele, enrolado em sua forma monstruosa bem ao lado de suas pernas. *Para alguém que cochila três vezes ao dia.* Não é culpa dele; ele nasceu em um reino diferente com um ciclo de sono diferente.

Isso não iria mudar de repente na única semana em que ele esteve em Nyl'theria.

Ela também não precisava de ajuda quando estava apenas lendo horas e horas de papelada, o que, honestamente, era metade de seu trabalho.

Embora esta fosse a primeira vez que ele fazia isso, ele deu a ela sua visão quando ela disse que queria limpar seu laboratório para abrir espaço. Ela disse que era para novos experimentos, mas na verdade era para ela arrumar um espaço para ele fazer o próprio trabalho.

Merikh iria aprender a ler e falar élfico. Além de seu pai, ninguém mais poderia traduzir e ensiná-lo, então era uma tarefa adicional em seu prato – não que ela se importasse.

Ela delegou parte de seu trabalho a outro cientista, impingindo quase tudo por enquanto, exceto experimentos como o cultivo de abóbora-lufa ou qualquer coisa relacionada à proteção de demônios. Esperançosamente, ela não acidentalmente faria outro portal.

Pelo menos se eu for para um novo reino por acidente, Merikh me chamaria de volta para cá, contanto que ele não tente me salvar. Eles já haviam falado sobre isso, e ele não fez nenhuma promessa sobre como reagiria se ela estivesse em perigo.

Apesar de odiar, mesmo tendo feito isso apenas uma vez, ela explicou que se transformaria em um Espírito e flutuaria sem sentido pelo mundo até retornar.

Pelo menos isso acalmou as preocupações dele, embora aumentasse muitas das dela. Ela provavelmente seria mais imprudente agora, já que não poderia morrer permanentemente. Bônus para ela.

Fazia apenas uma semana, e Raewyn já tinha certeza de que havia feito a escolha certa ao se apaixonar por Merikh.

Ele era doce, carinhoso, travesso, mas também atencioso.

Ele entendia que muitos estavam incertos sobre ele e era tão paciente com estranhos quanto com ela. Ele estava disposto a tentar qualquer coisa, e ela o apreciava por isso.

Sua mão grande, quente e áspera engoliu a dela enquanto caminhavam juntos pela cidade. Ela passou dois dias mostrando a ele o lugar, suas mãos destacando a unidade entre ele e seu povo. Ninguém precisava saber que era porque eles estavam em um relacionamento, embora ela não tivesse intenção de esconder.

Muitos os abordaram por curiosidade, muitos não.

Ele parecia desajeitado e deslocado, não acostumado a conversar com quem podia ver seu rosto real. Sempre o assustava quando alguém perguntava se seu crânio era real, já que sua mandíbula não se movia quando ele falava.

A primeira vez que alguém perguntou se poderia tocá-lo, ele ficou nervoso. Foi um pouco rude perguntar a ele em primeiro lugar, mas ele permitiu que um pequeno punhado o tocasse curiosamente - especialmente crianças que tinham medo dele no início.

Os ovários dela quase explodiram quando ele ficou abaixado para que uma criança pequena pudesse segurar sua mandíbula, especialmente quando as faíscas de seu orbe passaram de um rosa avermelhado de vergonha para amarelo de alegria.

Raewyn mostrou a ele a praia, os mercados e todo o palácio da árvore central, já que nenhum lugar estava fora dos limites.

Isso consumiu muito do tempo deles, então ela só voltou ao laboratório no dia anterior para começar a trabalhar. Antes disso, os dois apenas trabalhavam para descansar em *casa*, tomar banho e passar um tempo juntos em paz.

Houve muitos toques, já que Merikh estava interessado em 'redescobrir' Raewyn agora que ela era sua noiva.

Como ela já havia movido tudo e limpou uma bancada para ele em seu laboratório, ela estava confiante de que poderia navegar novamente sem a visão. Ele dormiu durante isso, já que ela estava relativamente quieta por causa dele.

Estou feliz que Cykran não se importou que eu o demiti.

Na verdade, o sarcástico Delysiano ficou muito feliz com isso. Ele gostava do trabalho porque era amigo dela, mas quando descobriu que seu substituto seria Merikh, ficou feliz em renunciar.

Havia também uma Elysiana que ele estava perseguindo, e ela fez beicinho quando ele se recusou a dizer qualquer coisa sobre quem ele estava interessado. Ele disse que não queria contar às pessoas, no caso de suas esperanças serem frustradas agora que ele tinha tempo para persegui-la.

Ela estava grata por ser fácil.

Depois de embaralhar a última papelada, ela se virou para olhar para Merikh, que estava completamente no caminho. Ele se enrolou em sua forma monstruosa e adormeceu ao lado do banquinho em que ela estava sentada antes.

Ele está feliz aqui. Isso trouxe um sorriso ainda maior ao rosto dela.

Ela se agachou perto de sua cabeça apoiada em seu braço dobrado. Envolvendo um dos braços em volta dos joelhos fechados, equilibrando-se na ponta dos pés, ela olhou para a chama de sua alma.

Curiosamente, estava posicionada de forma semelhante a como ela estava agora, exceto que tinha os dois braços em volta dos joelhos. Sua cabeça também estava descansando no canto de seus joelhos.

O centro dela era azul claro, com chamas azuis escuras envolvendo e passando por ele.

— Olá — ela sussurrou, imaginando se poderia fazê-la acordar de seu sono aparente.

Virou a cabeça e abriu os olhos. Eles eram marrons, com rajadas brancas no meio. Era incrível pensar que era exatamente como ela; seu peso, suas orelhas pontudas, seu cabelo encaracolado flutuando para cima, até mesmo seus olhos.

Raewyn foi tocá-la, acariciar sua cabeça, e sua mão se moveu por ela. Ela fez beicinho. Merikh podia tocá-la, então por que ela não poderia?

Talvez porque não me pertença mais?

Ela finalmente abaixou a cabeça para descansar nos joelhos.

Seu olhar então percorreu a coroa de flores que ela colocou em torno de seus chifres. Foi tecida com folhas douradas e arame, as flores principais rosa e roxas com as menores azuis.

Ele ficou feliz em permitir que ela fizesse isso para ele. Ela pensou que isso suavizaria o aspecto de morte de seu rosto e tornaria mais fácil para seu povo amá-lo. Ela esperava que estivesse ajudando, mas também gostou do momento em que o fez.

Eles estavam sentados no chão, ela em seu colo e envolta em seus braços. Com a cabeça apoiada na dela, ele compartilhou sua visão para que ela pudesse ver o que ela estava fazendo, já que ela não queria bagunçar tudo.

Ela nunca foi boa em artes e ofícios.

Era uma lembrança que ela já apreciava. Sua disposição de se conformar com seu povo e sua necessidade de segurança em relação a ele apenas mostrava que pessoa maravilhosa ele era. Como alguém poderia não cair nessa?

Ela tocou uma pétala de flor. *Todo mundo vai te amar assim como eu, mas sei que você está disposto a ser paciente até então.*

Seus olhos captaram o sol azul que atualmente brilhava mais forte de todos os três, criando um halo em sua luz. Ela se levantou, colocando as mãos nos quadris enquanto olhava para Merikh.

Está ficando tarde. Está na hora de você acordar.

Havia também uma última coisa que ela queria mover, e ele estava bloqueando seu caminho. *Eu avisei...* Ela também só queria irritá-lo; tornou-se seu passatempo favorito.

Ele geralmente usava roupas pretas ou vermelhas, mas teve sorte que as guardas que ele usava eram muito grossas e densas para seu corpo absorver durante o turno. Isso significava que ela poderia tocá-lo de qualquer maneira que quisesse, sem que seus espinhos a prejudicassem, independentemente de sua forma.

Elas eram feitas do mesmo material que os soldados usavam. Embora parecesse metal branco, na verdade era feito de um dos materiais mais fortes e flexíveis que eles poderiam ter em suas mãos. As flores da starfir, a árvore em que estavam atualmente, produziam uma seda que era preciosa para eles.

Esta árvore forneceu-lhes materiais, uma casa, sombra e proteção. É por isso que era um farol para o povo dela.

Sabendo que o grande e assustador Caminhante do Crepúsculo nunca a machucaria, um sorriso bem-humorado marcou seu rosto. Ela ficou de pé na cabeça dele, depois no ombro, depois nas costas, antes de descer até a bunda dele.

O grunhido surpreso de Merikh e a sacudida a informaram que ela o acordou. Assim que ela quicou nele depois de pegar o que queria da prateleira acima dele, seu rosnado foi o único aviso que ela recebeu.

A parte de trás de seu longo vestido branco estava puxada.

Ele gostava desse vestido, pois tanto escondia quanto revelava muito. Foi desenhado como um lenço branco fino e contínuo, enrolado em um seio e depois em volta do pescoço para cobrir o outro, antes de cruzar as costas para envolver os quadris e esconder

a bunda e o monte púbico. Ele fluía entre suas pernas para roçar o chão.

Suas coxas estavam completamente à mostra, assim como sua barriga e braços.

Era leve, perfeito para o clima de verão atual, e ela gostou de como exibia as marcas de seu corpo e as pulseiras de reposição. Ela recebeu novas pulseiras de prata, bronze e ouro para substituir as que precisou vender na Terra, cada uma com as conquistas que vinham com elas inscritas no interior.

Seus toques e chocalhos eram reconfortantes.

Merikh atirou-a em seus braços, colocando-a em seu colo enquanto recuperava a visão. O recipiente de metal contendo aparelhos de escrita sobressalentes voou de suas mãos em uma confusão barulhenta.

– *Você realmente acabou de pisar em mim?* – ele perguntou grogue em descrença, sua voz mais profunda em sua forma monstruosa.

– Você estava no caminho! – ela exclamou, tentando ao máximo não rir. – Eu disse a você ontem que preferiria que você não deitasse aí.

– *Você poderia ter me contornado.*

– Não é como se eu tivesse machucado você. Você mentiu quando disse que eu não peso nada para você?

Faíscas vermelhas brilharam em sua visão.

– *Essa não é a questão. Você não pode simplesmente andar em cima de mim como se eu fosse um tapete. Acorde-me da próxima vez que quiser que eu me mova.*

Incapaz de se conter por mais tempo, ela caiu na gargalhada. Ela cobriu a boca para escondê-la quando ele rosnou.

– *Você fez isso por despeito para retaliar, mesmo quando eu só queria dormir contente com você.*

– Eu te avisei...

Raewyn guinchou quando ele a rolou e a esparramou em seu colo. Ela tentou empurrar para cima com os braços esticados pressionando as coxas dele, especialmente quando ele puxou a saia de seu vestido para o lado.

– O que você está fazendo? – ela perguntou enquanto uma corrente de ar farfalhava sobre seu traseiro exposto.

– *Se minha noiva deseja ser travessa, terei que me certificar de que ela não seja de novo.*

Seus olhos se arregalaram, percebendo o que ele pretendia.

– Espere, não! Desculpe. Por favor, não.

– *Eu nunca realmente machucaria você, Raewyn,* – ele pronunciou com mágoa em seu tom.

Ele estava chateado por ela pensar que ele iria realmente machucá-la, já que ela estava se contorcendo para se livrar. No entanto, essa não era a razão pela qual ela estava tentando desesperadamente rastejar para longe.

– *Eu estou mais esperando que seja o constrangimento que machuca você.*

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, sua grande palma desceu sobre seu traseiro. Definitivamente não foi forte, apenas o suficiente para formigar e fazer um som de tapa. Ele não colocou absolutamente nenhuma força nisso, mas ela engasgou do mesmo jeito.

Seu rosto esquentou. *Eu não posso acreditar que ele realmente me espancou!*

Não preparada para um segundo, pensando que o primeiro seria suficiente, ela ficou surpresa que doeu um pouco. Ela desejou que um gemido não tivesse saído dela, e ela rapidamente cobriu a boca com as duas mãos.

Ela o provocou sobre isso no passado, mas ela nunca tinha realmente sido espancada antes. Não era algo que seu povo fazia exceto como um ato sexual, e ela não teve coragem de dizer o contrário.

Ela sempre se perguntou se era algo que ela gostaria, já que ela não gostava muito de dor. Não foi a picada leve do terceiro que a fez se contorcer; era apenas o fato de que estava sendo feito com ela.

– *O que...?* – ele grunhiu. – *Você está gostando disso?*

Como se para pontuar suas perguntas, ele correu a junta de seu dedo indicador por suas dobras molhadas para coletar sua excitação crescente.

Ela moveu as mãos e ofegou: – Talvez? Na verdade, não tenho certeza.

– *Eu não entendo. Você não deveria gostar disso.*

O grito que explodiu dela foi emparelhado com suas pernas tremendo quando ele deslizou suas garras sobre seu agora sensível traseiro. As cócegas delas foram direto para sua boceta, como uma faísca elétrica.

Sua mão disparou no que só poderia ser surpresa.

Sua cabeça inteira ficou quente de vergonha com o som estranho, estrangulado e perverso que saiu dela. Em pânico, ela tentou se afastar.

— O-ok — ela sussurrou, sem saber por que ela estava se sentindo tímida. Talvez porque fosse novo para ela, e era ele quem estava fazendo isso? — Você fez o seu ponto.

A risada que caiu de Merikh foi positivamente maligna.

Sua mão desceu em seu traseiro, apenas um toque mais forte do que antes. Seu suspiro foi agudo, mas foram suas garras imediatamente depois que a fizeram gemer e apertar suas coxas.

— *Eu gosto disso*, — ele rugiu, fazendo cócegas em sua picada antes de amassar uma de suas bochechas e separá-las para olhar sua boceta. — *Eu gosto muito disso*.

Ele fez as duas coisas uma última vez. Um tapa fez com que suas costas se curvassem antes que as pontas de suas garras calmantes a tivessem arqueado. Então ela guinchou, seu corpo inteiro ficando tenso, quando ele a espetou com dois dedos grossos.

Ela desejou que o barulho deles entrando não fosse tão alto, mas seu cuidado foi perdido quando ela tentou moer de volta neles.

— *Você ficou muito molhada, muito rápido*.

Ele os removeu instantaneamente, e a perda deles a deixou preocupada. Ela se virou ligeiramente para repreendê-lo por parar, mas o som dele lambendo o que ele coletou de seu núcleo fez seu estômago apertar. O gemido rouco que se seguiu fez com que mais líquido se acumulasse entre as pernas dela.

— *Levante-se*, — ele ofegou, dando-lhe liberdade.

— O que? Por que? — Ela estava perfeitamente contente em seu colo.

— *Levante-se, Raewyn. Agora*.

Confusa, ela se levantou. Sua punição não estava dando prazer agora que ela estava terrivelmente excitada?

Não, não era isso.

Ela soube quando ele a girou, empurrou seu estômago contra a bancada do laboratório, empurrou a parte de trás de seu vestido para o lado e abriu suas coxas. Não havia chance de se perguntar o que iria acontecer, não quando um segundo depois, sua língua deslizou de seu clitóris e subiu pela fenda de sua boceta antes de mergulhar dentro dela por trás.

Seu suspiro foi acompanhado por suas mãos em punho entre ela e o banco. Envolvendo as mãos em torno de suas panturrilhas, ele a abriu um pouco mais e a manteve imóvel enquanto trabalhava sua língua dentro e fora dela.

Raewyn virou os joelhos para os lados para ajudar a abrir as pernas enquanto ela se equilibrava em seus pés.

– *Eu nunca me canso de você,* – ele gemeu debaixo dela.

Ela não deveria ter ficado surpresa que isso estivesse acontecendo. Quase *todos os* seus momentos íntimos juntos envolviam a língua dele dentro dela. Merikh, em tom rouco, já havia afirmado que era como se sua fome insaciável estivesse presente apenas quando ele tinha a excitação dela em sua língua.

Ele tinha vontade de lamber e provar cada gota dela - mesmo que muito disso estivesse misturado com sua própria semente remanescente.

Mesmo que ela não estivesse completamente confortável com a posição, ela não se importava o suficiente para detê-lo. Ele até a fez se mover, forçando-a a ficar de pé em suas pernas cruzadas para que ela ficasse mais alta para facilitar o acesso.

Sua língua era firme, quente e coberta de baba, e sua flexibilidade sempre deixava seus joelhos dobrados. Raewyn ficou

na ponta dos pés enquanto gemia, deixando o prazer tomar conta.

Por que um único tentáculo envolvendo seu tornozelo, revelando que seu pênis estava livre e se projetando entre suas pernas, fez com que a luxúria a apunhalasse? Ela queria tocá-lo, senti-lo, segurá-lo e beijá-lo. Ela queria adorá-lo, e ele junto com ele.

– *Você sabe o que eu quero, minha pequena estrela,* – ele exigiu em um tom baixo enquanto mergulhava sua língua para provocar a dura protuberância de seu clitóris antes de empurrá-lo profundamente novamente. – *E você vai me dar.*

Sua língua ficou mais invasiva, girando e torcendo mais rápido. Quando ela começou a gozar, ela não sabia de quem era o gemido mais alto enquanto ele engolia o que fluía em sua boca com presas.

As pálpebras dela piscaram enquanto os dedos dos pés se curvavam e cravavam nas coxas peludas dele. Ele teve que segurá-la enquanto suas entranhas tremiam e convulsionavam, mas ele não cedeu até que ela implorou por um adiamento.

– *Minha,* – ele rosnou enquanto deslizava sua língua dela para que pudesse lambê-la e limpá-la.

Seu corpo ainda formigava com tremores secundários, ela mal se encolheu quando ele beliscou o interior de uma de suas coxas com força suficiente para tirar sangue. Ela mordeu o lábio com a picada.

– *Minha.* – Ele mordeu a nádega oposta, lambendo o sangue que havia tirado. – *Cada pedacinho de você é meu.*

Ela estava com medo que ele começasse a morder seu estômago quando a virasse, mas felizmente não o fez. Ele já a tinha curado de suas mordidas quando facilmente puxou o material que cobria seus seios para o lado para que pudesse libertá-los.

As respirações dela ecoaram entre eles enquanto ele lambia um seio antes de circular o mamilo do outro. O papel caiu no chão quando ele a pegou pela parte de trás dos joelhos e a deitou no banco. Ele não parou de passar a língua sobre o mamilo apertado, em vez disso, tornou-se mais persistente.

– *Dentro de você,* – ele gemeu, esfregando o sulco na parte inferior de seu pênis bem sobre sua entrada e clitóris. – *Eu preciso estar dentro de você.*

Ela ficou surpresa por ele já não estar se enterrando dentro dela.

Ele ainda estava se movendo contra ela enquanto lambia seu peito, sua respiração mais quente que o normal. Raewyn agarrou um chifre para levantar a cabeça do crânio. Ela nem teve a chance de beijá-lo antes que ele passasse a língua por seus lábios, saboreando-os incessantemente.

– Então fique dentro de mim, – ela sussurrou, agarrando a cabeça de seu pênis para ajudar a posicioná-lo. Ela se sentia vazia, e era um novo tipo de tortura que só se tornou conhecido desde que o conheceu. – Eu preciso de você também.

Sem perder um único segundo, Merikh se afastou para colocar a cabeça de seu grande pênis roxo contra sua entrada. Soltando uma de suas coxas para se firmar em sua forma monstruosa, ele segurou a outra com força para que pudesse *abrir* caminho até que estivesse enterrado até o fim.

Suas costas se curvaram em um arco quando sua cabeça caiu para trás, seus cachos se arrastando contra o banco.

Raewyn tomou cada cume e seu anel retorcido com facilidade, seu corpo já moldado para ele nos últimos dias. Ainda era meio

desconfortável, ela não achava que isso iria mudar, mas deu a ela a chance de apenas desfrutar dele a penetrando.

Seu grunhido apreciativo foi silencioso enquanto ele se enterrava mais fundo, e ela lhe deu um pequeno gemido em troca.

Então, ele se afastou, então ela o levou apenas três quartos do caminho, antes que ele começasse a empurrar sem mover seu nó através dela. Segurando sua perna com firmeza enquanto ela segurava seu chifre oposto, Merikh a espetou repetidamente com velocidade crescente.

Como se não pudesse evitar ser rude e agressivo, ele a tomou com paixão impiedosa e necessidade. Raewyn abriu ainda mais as coxas em boas-vindas, deixando-se saltar sem cuidado.

Desde que ela descobriu que ele gostava quando ela se tocava, ela agarrou seu peito, e as respirações dele se aprofundaram. Muita coisa estava acontecendo entre suas coxas para ela sentir muito mais, mas ela apertou o mamilo, e os quadris dele aceleraram o ritmo.

– *Abaixe* – ele murmurou.

Ela moveu a mão para baixo, deslizando os dedos sobre os tentáculos dele em volta de sua cintura e quadris. Ela acariciou seu clitóris, fazendo-se gritou mais alto do que antes, e seu pênis inchou de excitação.

Roxo profundo brilhou.

– *Eu gosto de ver você se tocar com meu pau dentro de você. Quero ver você gozar enquanto posso.*

Mesmo quando ela pressionou com força em seu clitóris, Raewyn tentou segurar seu orgasmo iminente. Ela sabia o que estava prestes a ser enterrado dentro dela, e ela se tornaria nada além de uma confusão de orgasmos.

Ela o queria louco por isso, frenético.

Seu orgasmo foi arrancado dela no momento em que ele empurrou sua coxa para frente e mudou o ângulo de seus quadris. Ele cutucou um único ponto uma e outra vez com a cabeça de seu pênis e seus cumes, e Raewyn gozou em um instante. Ela tirou a mão de suas dobras latejantes enquanto tinha espasmos e apertava.

Sua respiração tornou-se difícil quando ela agarrou o lado de sua placa traseira para se segurar em êxtase.

– Merikh, – ela gemeu com os lábios trêmulos.

Ela encharcou a parte de trás do vestido em que estava sentada, e a única coisa que a impedia de cair da beirada de seu banco de metal dourado era ele e seu pênis.

– *É isso,* – ele rosnou, suas garras cavando mais fundo em sua pele. – *Você fica tão bonita quando goza em mim.*

Então, quando ela estava amolecendo, ela jogou a cabeça para trás e caiu contra o banco quando ele empurrou profundamente e uniu seus quadris. Merikh gemeu uma vez que seu nó foi enterrado, agarrando a ponta perto de sua cabeça enquanto se deitava sobre ela.

Em vez de velocidade e estocadas longas, ele desacelerou e deu batidas rasas. Quando ele se afastou um pouco demais, ela percebeu que seu nó já havia passado do ponto sem volta e sem quebrá-la.

Ele também.

– *É tão bom dentro de você,* – ele murmurou, perdido no prazer. – *Você é tão quente e macia ao redor do meu nó. Porra, eu nunca quero parar.*

Preso embaixo dele enquanto seus empurrões a forçavam a pular, ela sabia que ele tinha ido embora no momento em que deitou

a cabeça ao lado dela. Ele apenas estocou sem pensar, entrando nela como uma besta, e não havia nada que ela pudesse fazer. Raewyn colocou os braços em volta das costas dele e o segurou enquanto tentava não se desintegrar debaixo dele de felicidade.

Seus gemidos eram altos, agudos, e ela enterrou a cabeça no lado de seu pescoço para absorver seu pelo macio e seu cheiro.

— É bom saber que você está transando com sua noiva, Merikh? — Seu gemido de resposta foi assombrosamente belo, e ela sorriu sonolenta contra ele. — Ele sabe, não é? Eu sou todo sua.

Ela gostou de lembrá-lo. Ela gostava de ser tão especial para ele. Ela ficou confortável xingando durante o sexo porque obviamente aumentava o prazer dele.

Tão consumida por Merikh e sua paixão feroz, quando alguém bateu na porta de seu laboratório, ela não conseguiu juntar seus pensamentos corretamente.

— Ocupado! — ela gritou.

A mortificação a atingiu como uma tonelada de tijolos quando as portas duplas se abriram e dois pares de bocas ofegaram.

Com a tensão que passou por ela, Merikh empurrou sua coxa ainda mais contra o banco, dividindo-a ainda mais. Ele gemeu, — *Foda-se. Tão apertada.*

Seus quadris estremeceram e estremeceram em euforia, como se ele não tivesse notado que duas pessoas haviam entrado na sala!

— Pela sagrada Donzela Dourada, Merikh, pare!

Ele não fez, não faria.

Ela gemeu de vergonha, apesar do orgasmo que ameaçava dominá-la.

Ela levantou a cabeça para poder gritar: — Quem está aí?

— Você parece *muito ocupada*, Raewyn, — Cleth riu, suas roupas bagunçadas.

— Sinto muito, conselheira — desculpou-se Aurea, assistente do conselho geral. Por seus passos rangentes, ela se virou para parar de assistir. — Por favor, perdoe-nos.

— Você, talvez, — Cleth dispensou, provavelmente acenando com a mão com desdém. — Eu, por outro lado, tenho todos os motivos para interromper.

Ela desejou que um gemido não tivesse escapado dela. O nó de Merikh estava começando a inchar e colocar pressão em um ponto sensível que geralmente deixava sua mente entorpecida.

— Por favor, — Raewyn implorou, seus olhos enrugados de uma mistura de angústia e prazer. — Agora não.

— Preciso falar com você. É um assunto importante que desejo discutir.

Eles não podiam falar com ela quando ela não tinha um pau gigante de Caminhante do Crepúsculo reorganizando suas entranhas? Ele estava indo tão fundo e duro que ela quase podia *prová-lo*.

— Na verdade, diz respeito ao seu companheiro de cio aí. — Cleth riu. — Não é à toa que ele se comporta tão bem na cidade. Eu não sabia que esse era o nível de vínculo de que você falou.

Eles se aproximaram um pouco mais, o que só fez Merikh rosnar e se deitar sobre ela de forma mais protetora. Felizmente, seus guardas impediram que suas penas se levantassem enquanto ela o segurava.

Cleth parou ante seu aviso.

— Não parece que ele planeje parar tão cedo. Que intrigante.

— Caíam. Fora! — Raewyn gritou, apenas para seus olhos rolarem e sua respiração ofegante cortar quando ela começou a gozar.

Ela não conseguia segurá-lo, não importa o quanto ela tentasse.

Merikh deu um gemido quando ela o apertou, e suas estocadas se tornaram mais rasas conforme seu nó crescia. Ele soltou sua coxa para que pudesse empurrar o braço por baixo dela e agarrar seu traseiro, empurrando-a para mais perto. Houve um raspar de garras e ranger de metal logo acima de sua cabeça de sua outra mão.

— Por favor, serei rápido, — Cleth disse por trás de uma tosse para esconder o riso. — Eu não queria esperar pelo nosso próximo encontro, mas queria perguntar se Merikh estaria disposto a ir para as Minas Codez para adquirir mais pedras. Pelo que Mericato me disse, ele é rápido e forte. Se ele pudesse trazer de volta apenas uma grande pedra de mana, ele aliviaria o medo de muitos dentro da cidade.

Raewyn desistiu de tentar enxotar o irritante Elysiano.

Cleth teve sorte de Raewyn considerá-los um amigo querido; provavelmente era por isso que eles estavam forçando o limite.

Cleth e Raewyn eram como um espelho quando se tratava de suas carreiras. Ambos obcecados e muitas vezes enterrados tão profundamente no trabalho que era difícil ter tempo livre para falar em particular um com o outro.

Ajudou que seu orgasmo contínuo a entorpecesse em tudo, exceto a maravilha que era Merikh e seu pênis. Seu cheiro de laranja e canela também era enevoadado, e seu calor, tanto por dentro quanto por fora, já havia aliviado e massageado qualquer tensão que não fosse relacionada ao prazer.

Mesmo seus mamilos raspando contra ele a estavam distraíndo.

— Ele não quer mais lutar, — Raewyn respondeu através de seus gemidos.

— Ele não precisa lutar se for tão rápido quanto Mericato disse que é.

— E se ele disser não?

— Você sabe que nunca forçaríamos alguém a fazer algo contra. Esse não é o nosso jeito — afirmou Cleth. — Tudo o que imploro é que você peça a ele para o benefício de nosso povo. Ninguém mais pode fazer isso. Eu imploraria que você perguntasse a ele agora, mas posso ver que ele não está em condições de responder.

— Ok, eu vou perguntar mais tarde. Agora saia!

Eles deram um zumbido cheio de alegria.

— Como quiser. Vou deixar você com seu coito rigoroso por enquanto.

Eles não apenas disseram isso!

Antes que ela pudesse fazer uma observação, eles saíram rapidamente.

Ela teria que alcançá-los mais tarde e garantir que eles não contassem a uma única pessoa que ela foi pega fazendo sexo no meio de sua área de trabalho. Os outros membros do conselho iriam provocá-la sobre isso por anos.

— Oh, Merikh, — ela gemeu, agarrando-o novamente. — O que eu vou fazer com você?

— Conselheira — Aurea se encolheu.

— Santa donzela, o quê? — Raewyn não podia acreditar que ela ainda estava lá!

— Vim te lembrar do compromisso que você tem em meia hora. — Isso pode piorar? Ela tinha esquecido completamente sobre isso. — Isso é tudo. Vou me despedir também.

Assim que as portas se fecharam e Aurea saiu, os lamentos cheios de felicidade de Merikh cessaram. Tudo o que Raewyn pôde fazer foi finalmente ceder. Seu pênis afundou nela, e mesmo que mal estivesse se movendo, era tão grosso que ela não precisava. Seu corpo continuou a ordenha-lo, tendo espasmos em torno de suas ondas e circunferência.

Eu sinto que vou me separar. Sempre seria assim quando ele crescia tanto.

Ela mordeu seu ombro para abafar seu grito alto, assim como o primeiro jorro de sêmen quente jorrou contra seu colo do útero. Com um rugido uivante que nunca cessava, ele disparou de volta e cravou suas presas contra o lado de seu pescoço.

Ele mordeu com força, devolvendo a mordida.

Normalmente, ele se afastava para impedir que qualquer líquido saísse dela, mas desta vez, ele bombeou seu pênis dentro dela enquanto se apertava sobre ela. Uma pequena quantidade de sementes pingou e fez cócegas em seu traseiro. Qualquer que seja o êxtase que ele experimentou ao preenchê-la e mordê-la ao mesmo tempo, ficou evidente na forma como seus quadris se contraíram.

Seus tremores eram mais violentos do que o normal.

A dor disso foi anulada por sua boceta ordenhando-o em espasmos pesados e duros, seu nó se movendo dentro dela. A

pressão, o calor, seu cheiro e gemido final, tudo a fez envolver seus braços e pernas ao redor dele para se ancorar.

Eu amo isso, eu amo muito isso. Usando todos os seus membros, ela tentou puxá-lo mais fundo enquanto ele soltava.

No momento em que ele parou de se mover, toda a tensão fugiu dela, e Raewyn caiu languidamente contra o banco. Merikh estava pesado e imóvel em cima dela; era reconfortante, apesar de sua luta para respirar.

Seu estômago peludo e seu peito se moviam rapidamente contra ela enquanto ele bufava, e ela ouvia seu batimento cardíaco acelerado tanto quanto o sentia.

Raewyn finalmente cobriu o rosto.

— Havia pessoas, Merikh — ela lamentou.

Ele aninhou a ponta de seu focinho ossudo em seu cabelo.

— *Desculpe.*

Não foi culpa dele. Se tivessem interrompido apenas alguns minutos antes, ele não teria enlouquecido de prazer e continuaria empurrando. Ele enterrou seu nó, e uma vez que ele fazia isso, não havia como voltar atrás.

Ela explicaria o que Cleth queria mais tarde, mas já sabia a resposta de Merikh. Ele estava cansado de lutar, cansado de dor e derramamento de sangue. Ele não iria para as minas a menos que Raewyn implorasse, e ela não queria forçá-lo a fazer algo apenas para mantê-la feliz.

Ninguém tinha permissão para usar pedras de portal. Criar uma ligação entre o mundo dele e o dela seria muito perigoso com todos os Demônios vagando livremente pela Terra, então ela não queria dar a ele falsas esperanças de salvar seus irmãos. Tal portal

teria que ser votado por todos na cidade, não apenas pelos conselheiros, e ela já sabia que o povo iria rejeitá-lo por medo sem garantia de segurança.

Ela não podia prometer que seria possível apenas obter sua ajuda.

Ela não queria usar o poder de seu vínculo de forma tão suja. Seu povo poderia durar mais alguns anos sem mais pedras, e talvez Merikh fosse mais caloroso com a ideia depois de passar algum tempo... descansando.

Também era excepcionalmente perigoso. Ela não sabia se teria forças para convencê-lo quando não queria que ele fosse. Havia milhares de Demônios, e ela sabia que ele poderia morrer se algum esmagasse seu crânio.

Não sabia o que seria dela se isso acontecesse, mas não queria descobrir.

No entanto, o assunto de Aurea era totalmente diferente.

— Eu disse a você que meu laboratório é uma zona sem sexo!
— ela gritou. — Se estou no meio de um experimento, não posso permitir que você o contamine.

O sêmen pode ser um ingrediente bastante potente. Merikh gozou tanto que não havia chance de que ele não conseguisse em todos os lugares quando finalmente desalojasse o nó dela.

— *Foi você quem começou a empurrar meu pau para sua linda boceta,*
— ele retumbou, sua voz profunda em sua forma monstruosa enquanto lambia a ferida em seu pescoço. — *Eu ia te perguntar se poderíamos ir embora já que eu estava duro e queria enterrar isso em você.*

Ele estava mentindo ou não? Difícil dizer quando ele era um Caminhante do Crepúsculo tão traiçoeiro.

Ela finalmente tirou as mãos do rosto e apontou para o corpo.

— Eu não posso acreditar que temos que ver meus pais enquanto estou recém-cheia com seu esperma. — Ela quase quis arrancar o rosto de mortificação. — Espero que eles não saibam.

Merikh ficou tenso acima dela e jogou a cabeça para trás, faíscas brancas brilhando.

— *Nós? Eu não sabia que estava indo com você.*

Com suas feridas cicatrizando, as sobrancelhas de Raewyn franziram quando ela inclinou a cabeça.

— Bem, o ponto principal era que você iria conhecê-los. Eu não disse a eles que você é meu parceiro de vida e queria apresentá-lo adequadamente a eles antes que a notícia se espalhasse. — Ela pressionou o ouvido contra o peito dele quando seu coração se acalmou novamente. — O que está errado?

— *Eu não quero conhecê-los,* — ele resmungou, seu tom tão cheio de apreensão, que ele poderia ter engasgado. Ele usou suas garras para mover um cacho preso em seus lábios, e ele foi gentil ao colocá-lo atrás de sua orelha. — *E se eles não me aprovarem, Raewyn?*

Ela bufou uma risada.

— Então esse é o problema deles, e eles terão que superar isso. — Ainda assim, ela entendeu sua preocupação e deslizou os braços ao redor de seu grande peito. — Eu não me importo com o que as pessoas pensam. Eu te amo, te escolhi e sou feliz.

Ela não daria promessas a Merikh de que eles iriam adorá-lo como ela. Seus pais poderiam ter qualquer reação ao descobrir que ela estava ligada a uma pessoa que tinha orbes vermelhos brilhantes como olhos e um crânio de urso e chifres de touro como cabeça.

— Mesmo que eles estejam preocupados ou não gostem de você no começo, tenho certeza de que eles vão gostar de você, assim como eu fiz. — Ela estendeu a mão para o crânio dele para poder segurar suas bochechas. — Eles são muito tranquilos e tenho certeza de que vão recebê-lo quando virem o quanto você me ama e o quanto se preocupa com o meu bem-estar.

— *Como você pode ter tanta certeza?*

— Porque eu os conheço. — Ela abaixou as mãos e arranhou os lados do pescoço dele para desarmá-lo – muito feliz por descobrir que podia fazer isso.

Merikh esticou o pescoço para lhe dar melhor acesso enquanto estremecia.

— No entanto, há uma pergunta que minha mãe *fará*. — Ela tirou as unhas e ele se virou para olhá-la. — Você realmente não quer ter filhos?

Ela o ouviu dizer isso para sua mãe, e ela queria saber se a resposta dele era a mesma.

— *Não. Eles provavelmente serão Mavka, e não quero trazer mais nenhum de minha espécie ao mundo. Eles também não seriam capazes de ficar dentro da cidade, e não os abandonarei neste reino infestado de Demônios, assim como não queria na Terra.*

Ela ficou um pouco desapontada com isso. Ela sempre quis ter o seu próprio, e ela não teria se importado se eles fossem Caminhantes do Crepúsculo, uma mistura de seu amor formando outra coisa. Talvez Merikh mudasse de ideia no futuro?

— Que tal adotar então?

— *Adoção?*

— Claro, — ela disse com um encolher de ombros. — Eu ainda quero ter uma família com você, e há um orfanato dentro da cidade. Você seria contra ter um Elysiano quando criança?

Merikh ergueu-se com os braços esticados.

— *Eu sinto que esta é uma conversa que deveríamos ter quando meu pau não está enterrado dentro de você.*

Raewyn sorriu, segurando a tira sobre seu peito enquanto esfregava suas panturrilhas nas laterais de seu traseiro rechonchudo.

— É o momento perfeito para ter a conversa. Você não pode fugir ou me evitar agora, e será uma preocupação que minha mãe terá quando a encontrarmos.

Ela sabia que ele coçou o pescoço em pensamento quando seu peso mudou para uma mão.

— *Eu sou Mavka. Não sei se serei um bom pai para uma criança élfica.*

— Você vai ser incrível nisso, assim como você é incrível comigo. Você é muito paciente e atencioso, Merikh. Você foi assim comigo desde o primeiro momento em que te conheci, mesmo quando você estava fingindo ser humano, e eu já vi você mostrar a mesma consideração pelo meu povo na semana em que você está aqui. — Ela ergueu a mão para poder agarrar de brincadeira a órbita ocular dele. — No entanto, você tem um temperamento que precisa aprender a controlar.

Merikh bufou com isso e, após uma pausa, disse: — *Isso vai te deixar feliz?*

Sua expressão suavizou. — Sim, seria. —

— *Tem que acontecer agora?*

— Talvez em breve? — ela perguntou com um estremecimento incerto. — Estou meio que pronta para começar a ter uma família. Estou envelhecendo.

— *Ok* — ele suspirou. — *Contanto que eu consiga manter minha noiva para mim por um tempo primeiro.* — Ele se deitou em cima dela e cruzou os antebraços acima da cabeça dela. — *Há muito que eu quero fazer com ela primeiro.*

Ele moveu seu pênis amolecido para frente e para trás, o que deu espaço para que sua semente começasse a pingar dela. Ela estava grata por ainda usar sua corrente anticoncepcional em volta da cintura, especialmente agora que ela conhecia a posição de Merikh sobre ter seu próprio filho Caminhante do Crepúsculo.

— Não mais! Temos que encontrar meus pais, e primeiro vou precisar me trocar.

Ele jogou a cabeça para trás e gemeu. — *Eu não quero!*

Raewyn explodiu em um ataque de riso.

— Eu pensei que você deveria ser corajoso. Eu dei minha alma para o Caminhante do Crepúsculo errado?

Ela conseguiu o que queria: um rosnado profundo e faíscas vermelhas. Ela só não esperava que ele arrancasse seu pênis dela ao mesmo tempo. Ela engasgou, tentando ignorar a confusão que a inundou enquanto se sentava.

Com o nariz torcido, inclinando os braços para trás, Raewyn rosnou de volta. Batendo as palmas das mãos contra o banco e elevando-se sobre ela, ele acrescentou uma explosão de ferocidade, seu rosnado ficando mais alto e crepitante. Ela tentou corresponder.

Ele se acalmou imediatamente.

Então ele riu, faíscas rosa piscando quando ele carinhosamente segurou o lado de seu rosto.

– *Foda-se, eu adoro quando você faz isso.*

Ela adorava fazer isso por ele, tanto quanto adorava seu Caminhante do Crepúsculo grande, pontiagudo, mas secretamente de coração mole.